UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Doutorado em Educação

Tese de Doutorado

Sou Surdo(a), Sou LGBTI+ e agora?
relações de poder e as interseccionalidades na Comunidade Surda

JOSÉ FRANCISCO DURAN VIEIRA

Pelotas, 2023

José Francisco Duran Vieira

Sou Surdo(a), Sou LGBTI+ e agora?
relações de poder e as interseccionalidades na Comunidade Surda

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação. Linha de Pesquisa: Saberes Insurgentes e Pedagogias Transgressoras.

Orientadora: Profª. Drª. Madalena Klein

Coorientadora: Profª. Drª. Rosângela Fachel de Medeiros

Pelotas, 2023

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

V657s Vieira, José Francisco Duran

Sou surdo(a), sou LGBTI+ e agora? relações de poder e as interseccionalidades na comunidade surda / José Francisco Duran Vieira ; Madalena Klein, orientadora ; Rosângela Fachel de Medeiros, coorientadora. — Pelotas, 2023.

397 f. : il.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

1. Comunidade surda. 2. LGBTI+. 3. Sexualidade. 4. Educação. 5. Decolonialidade. I. Klein, Madalena, orient. II. Medeiros, Rosângela Fachel de, coorient. III. Título.

CDD : 371.9

Elaborada por Leda Cristina Peres Lopes CRB: 10/2064

JOSÉ FRANCISCO DURAN VIEIRA

Sou Surdo(a), Sou LGBTI+ e agora?
relações de poder e as interseccionalidades na Comunidade Surda

Tese APROVADA, como requisito parcial, para obtenção do grau de Doutor em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 01/09/2023.

Banca examinadora:

Madalena Klein
Prof.ª Dr.ª da Universidade Federal de Pelotas (Orientadora)
Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Rosângela Fachel de Medeiros (Coorientadora)
Prof.ª Dr.ª da Universidade Federal de Pelotas
Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Marcio Rodrigo Vale Caetano
Prof. Dr. da Universidade Federal de Pelotas
Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense

Márcia Lise Lunardi Lazzarin
Prof.ª Dr.ª da Universidade Federal de Santa Maria
Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Leonardo Peluso Crespi
Prof. Dr. Universidad de La República Uruguay/Salto.
Doutor em Letras pela Facultad de Filosofia y Letras – Universidad Nacional de Córdoba/Argentina.

Héctor Dominguez-Ruvalcaba
Prof. Dr. The University of Texas at Austin
Doutor em Literatura – Programa Latin American Literature – University of Colorado at Boulder

À Comunidade Surda LGBTI+.

AGRADECIMENTOS

Em uma proposta de pesquisa decolonial, agradecer é emanar sentimentos de gratidão em uma rede conectada por infinitos *nudos hechos a mano* que disseminam por direções dispersas as vibrações do reconhecimento por todo o apoio recebido neste percurso. Entre alguns desses *nudos hechos a mano con mucho cariño*, em especial, gostaria de agradecer...

Ao meu amado marido, CLÁUDIO DURAN. Pelo teu amor e apoio incondicional em todos os momentos.

A minha falecida mãe, Amélia Duran Acosta. Tuas irradicações espirituais me concedem forças para continuar a acreditar que toda a minha trajetória de vida até aqui, valeu a pena.

À Comunidade Surda, principalmente, à Comunidade Surda LGBTI+ coautoras da Tese: Daniel Gonçalves Oreques; Daniel Lopes Farias; Guilherme de Souza Domingues; Jéssica Barbosa; Lauren Silveira Farias; Nícolas Brahm; Rodrigo Pereira Lima; Simone Costa de Moura.

A minha orientadora, Madalena Klein, pelos ensinamentos e pela amizade.

A minha coorientadora, Rosângela Fachel, pelo apoio e ensinamentos.

Às professoras e aos professores que compõem a banca avaliadora: Márcia Lunardi, Marcio Caetano, Leonardo Peluso e Hector Dominguez-Ruvalcaba.

Aos colegas do grupo de orientação pelo carinho e pelas inúmeras trocas de experiências-com!

A minha querida Néia pela amizade e por acreditar que eu deveria seguir adiante.

À Tradutora e Intérprete de Libras Joseane Viana, pelas transcrições, amizade e paciência.

À direção da Escola Bilíngue Prof. Alfredo Dub, pela cedência do espaço para realizar as conversas com as pessoas coautoras da Tese.

À Daniele Formozo, pela amizade, orientações e correções ortográficas.

À vida, por ter me oportunizado nascer em Abya Yala/América Latina, principalmente, no *Uruguay*.

CANCIÓN CON TODOS

Salgo a caminar
Por la cintura cósmica del Sur
Piso en la región
Más vegetal del viento y de la luz
Siento al caminar
Toda la piel de América en mi piel
Y anda en mi sangre un río
Que libera en mi voz
Su caudal.

Sol de Alto Perú
Rostro Bolivia, estaño y soledad
Un verde Brasil besa mi Chile
Cobre y mineral
Subo desde el Sur
Hacia la entraña América y total
Pura raíz de un grito
Destinado a crecer
Y a estallar.
Todas las voces, todas
Todas las manos, todas
Toda la sangre puede
Ser canción en el viento.

Canta conmigo, canta
Hermano americano
Libera tu esperanza
¡Con un grito en la voz!

Armando Tejada Gómez
César Isella

Resumo

VIEIRA, José Francisco Duran. Sou Surdo(a), Sou LGBTI+ e agora? relações de poder e as interseccionalidades na Comunidade Surda. 2023. 397f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

Esta Tese apresenta uma pesquisa de doutorado, produzida na Linha de pesquisa Saberes Insurgentes e Pedagogias Transgressoras, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas/RS. Foca-se na questão de como a Comunidade Surda da cidade de Pelotas/RS e as pessoas Surdas LGBTI+ se interseccionam enquanto diferenças diante do colonialismo cisheteronormativo em que estão inseridas e atravessadas, historicamente, por lutas e reivindicações no reconhecimento de suas alteridades oprimidas e normatizadas pelo cistema-heterossexista/capacitista. O objetivo principal foi analisar como as pessoas surdas LGBTI+ e suas representações transitam na Comunidade Surda e como se articula a interseccionalidade no âmbito do cistema-heterossexista/capacitista nessa relação. Com base nesta questão, alinhavou-se os seguintes objetivos específicos: entender que estratégias e representações são estabelecidas através do fluxo de corpos surdos divergentes ao cistema-heterossexista/capacitista no interior da própria diferença que a Comunidade Surda representa; compreender de que forma a interseccionalidade se manifesta através do cistema-heterossexista/capacitista entre pessoas surdas LGBTI+ e a Comunidade Surda e problematizar os conflitos gerados entre colonizado e colonizador em uma mesma comunidade subalterna. Esta pesquisa está embasada em uma proposta metodológica decolonial fomentada pela perspectiva da Epistemologia do Sul, na qual realizei um transcurso como pesquisador artesão, de forma a realizar uma investigação pautada no compartilhamento de “experiências-com” e de produção de “conhecimentos-na-luta” que se entrecruzam por minha trajetória e pelas trajetórias das oito pessoas surdas LGBTI+ que compõem esta Tese. Para viabilizar e partilhar essa rede mútua de produção de saberes científicos utilizei a Conversa como Metodologia de Pesquisa, em que suas narrativas sinalizadas são respeitadas em sua diferença numa relação ética e de horizontalidade. Dessa forma, as pessoas surdas LGBTI+ relatam suas experiências e as implicações na construção de suas identidades sexuais no interior de uma comunidade já subversiva. Para a materialidade analítica busquei estabelecer um aporte teórico pela perspectiva epistêmica que se volta ao giro decolonial que concentra e relaciona criticamente os Estudos Surdos com a guinada dos estudos *queer*, das teorias transfeministas e, principalmente, pelas interseccionalidades implícitas entre deficiência, corpo, gênero, homo/transexualidade, questões raciais, capacitismo compulsório e pessoas surdas diante do abismo abissal desse sistema opressor que enclausura e rouba a vida dessas pessoas. A pesquisa demonstra, junto com as narrativas do coletivo de pessoas surdas LGBTI+ a necessidade de discutir os reflexos das opressões históricas sofridas pela Comunidade Surda para além do colonialismo ouvintista, as quais reverberou, inclusive, na dificuldade de perceber outras múltiplas marcas identitárias que a interseccionam. Em decorrência disso, outros corpos surdos imprimem tensão e estranhamento, não somente, na comunidade, mas nas famílias, na escola e na associação que frequentam. Dentro dessa perspectiva, a pesquisa também convida a refletir sobre a rigidez epistêmica que aprofunda o abismo colonial que os circundam.

Palavras-chave: Comunidade Surda. LGBTI+. Sexualidade. Educação. Decolonialidade.

Resumen

VIEIRA, José Francisco Duran. Soy Sordo(a), Soy LGBTI+ ¿y ahora? Relaciones de poder y las interseccionalidades en la Comunidad Sorda. 2023. 397f. Tesis (Doctorado en Educación) - Programa de Posgrado en Educación. Universidad Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

Esta tesis presenta una investigación de doctorado, producida en la Línea de Investigación Saberes Insurgentes y Pedagogías Transgresoras, del Programa de Posgrado en Educación de la Universidad Federal de Pelotas/RS. Se centra en la cuestión de cómo la Comunidad Sorda de la ciudad de Pelotas/RS y las personas Sordas LGBTI+ se entrecruzan como diferencias ante el colonialismo cis-heteronormativo en el que están insertas y atravesadas históricamente por luchas y reivindicaciones en el reconocimiento de sus alteridades oprimidas y normatizadas por el cistema-heterosexista/capacitista. El objetivo principal fue analizar cómo las personas sordas LGBTI+ y sus representaciones transitan en la Comunidad Sorda y cómo se articula la interseccionalidad en el ámbito del cistema-heterosexista/capacitista en esta relación. Con base en esta cuestión, se plantearon los siguientes objetivos específicos: entender qué estrategias y representaciones se establecen a través del flujo de cuerpos sordos divergentes al cistema-heterosexista/capacitista dentro de la propia diferencia que representa la Comunidad Sorda; comprender de qué manera se manifiesta la interseccionalidad a través del cistema-heterosexista/capacitista entre personas sordas LGBTI+ y la Comunidad Sorda, y problematizar los conflictos generados entre colonizado y colonizador en una misma comunidad subalterna. Esta investigación se basa en una propuesta metodológica decolonial fomentada por la perspectiva de la Epistemología del Sur, en la cual realicé un recorrido como investigador artesano, de manera de realizar una investigación basada en el compartir "experiencias-con" y la producción de "conocimientos-en-lucha" que se entrecruzan con mi trayectoria y las trayectorias de las ocho personas sordas LGBTI+ que componen esta tesis. Para viabilizar y compartir esta red mutua de producción de saberes científicos, utilicé la Conversación como Metodología de Investigación, en la que sus narrativas señaladas son respetadas en su diferencia en una relación ética y de horizontalidad. De esta manera, las personas sordas LGBTI+ relatan sus experiencias y las implicaciones en la construcción de sus identidades sexuales dentro de una comunidad ya subversiva. Para la materialidad analítica, busqué establecer un aporte teórico desde la perspectiva epistémica que se dirige al giro decolonial, que concentra y relaciona críticamente los Estudios Sordos con el giro de los estudios queer, las teorías transfeministas y, principalmente, las interseccionalidades implícitas entre discapacidad, cuerpo, género, homo/transexualidad, cuestiones raciales, capacitismo compulsorio y personas sordas frente al abismo abisal de este sistema opresor que encierra y roba la vida de estas personas. La investigación demuestra, junto con las narrativas del colectivo de personas sordas LGBTI+, la necesidad de discutir los reflejos de las opresiones históricas sufridas por la Comunidad Sorda más allá del colonialismo oyentista, que ha reverberado incluso en la dificultad de percibir otras múltiples marcas identitarias que las interseccionan. Como resultado, otros cuerpos sordos generan tensión y extrañeza, no solo en la comunidad, sino también en las familias, la escuela y la asociación a las que asisten. Desde esta perspectiva, la investigación también invita

a reflexionar sobre la rigidez epistémica que profundiza el abismo colonial que los rodea.

Palabras clave: Comunidad Sorda. LGBTI+. Sexualidad. Educación. Decolonialidad.

Abstract

VIEIRA, Jose Francisco Duran. I'm Deaf, I'm LGBTI+ and now what? power relations and intersectionalities in the Deaf Community. 2023. 397f. Thesis (Doctorate in Education) – Graduate Program in Education. Federal University of Pelotas, Pelotas, 2023.

This Thesis presents a doctoral research, produced in the Insurgent Knowledge and Transgressive Pedagogies, of the Graduate Program in Education at the Federal University of Pelotas/RS line of research. It focuses on the question of how the Deaf Community of the city of Pelotas/RS and LGBTI+ Deaf people intersect as differences in the face of cisheteronormative colonialism in which they are inserted and crossed, historically, by struggles and claims in the recognition of their oppressed and normalized alterities by heterosexist/capacitist-cistem. The main objective was to analyze how LGBTI+ deaf people and their representations transit in the Deaf Community and how intersectionality is articulated within the scope of heterosexist/capacitist-cistem in this relationship. Based on this question, the following specific objectives were aligned: to understand which strategies and representations are established through the flow of deaf bodies divergent from the heterosexist/capacitist-cistem within the very difference that the Deaf Community represents; understand how intersectionality manifests itself through the heterosexist/capacitist-cistem between LGBTI+ deaf people and the Deaf Community and problematize the conflicts generated between colonized and colonizer in the same subordinate community. This research is based on a decolonial methodological proposal fostered by the perspective of Epistemology of the South, in which I carried out a course as an artisan researcher, in order to carry out an investigation guided by the sharing of “experiences-with” and the production of “knowledge-in-the-world”. struggle” that intersect through my trajectory and the trajectories of the eight LGBTI+ deaf people that make up this Thesis. To enable and share this mutual network of production of scientific knowledge, I used the Conversation as a Research Methodology, in which their signaled narratives are respected in their difference in an ethical and horizontal relationship. In this way, LGBTI+ deaf people report their experiences and the implications in the construction of their sexual identities within an already subversive community. For the analytical materiality, I sought to establish a theoretical contribution from the epistemic perspective that returns to the decolonial turn that concentrates and critically relates Deaf Studies with the turn of queer studies, transfeminist theories and, mainly, the implicit intersectionalities between disability, body, gender, homo/transsexuality, racial issues, compulsory capacitism and deaf people facing the abyssal abyss of an oppressive system that encloses and robs these people of their lives. The research demonstrates, together with the narratives of the LGBTI+ collective of deaf people, the need to discuss the reflections of the historical oppressions suffered by the Deaf Community beyond listener colonialism, which reverberated, including, in the difficulty of perceiving other multiple identity marks that intersect it. As a result, other deaf bodies imprint tension and estrangement, not only in the community, but in families, at school and in the association they attend. Within this perspective, the research also invites us to reflect on the epistemic rigidity that deepens the colonial abyss that surround them.

Keywords: Deaf Community. LGBTI+. Sexuality. Education. Decoloniality

Lista de Figuras

Figura1	*Layout* do ambiente remoto e presencial das conversas com as pessoas surdas LGBTI+ coautoras da Tese.....	59
Figura 2	Capturas de tela do filme O Homem Elefante.....	84
Figura 3	Escultura em mármore de Marc Quinn intitulada “Alison Lapper Pregnant” – Trafalgar Square.....	96
Figura 4	Imagem do cartaz de propaganda do Seminário.....	138
Figura 5	“Mulher-Avó” e “Mulheres-Mães” de pessoas surdas LGBTI+ na organização e auxiliando na cozinha no *1º Seminário: Sou Surdx, Sou LGBTI+ e agora?*.....	142
Figura 6	Porta Interativa do Lesma - Chapéu da Diversidade.....	167
Figura 7	Porta Interativa do Lesma – “RExistência”	168
Figura 8	Gabrielle Maciel Buss com o chapéu diversidade do Lesma.....	168
Figura 9	Fiorella Souto Rosa Cantarelli Martins com o chapéu da diversidade do Lesma.....	169
Figura 10	Comemoração referente ao dia do Gaúcho na Associação.....	186
Figura 11	*Print Screen* do vídeo postado pela Associação.....	193
Figura 12	Anúncio da *live* sobre a temática Diversidade Surda.....	194

Lista de Quadros

Quadro 1 Codificações utilizadas para suprimir narrativas do texto dos coautores e sinais convencionados pela TILS. 60

Quadro 2 Codificações utilizadas para suprimir narrativas do texto dos coautores e sinais convencionados pela TILS..... 62

Lista de abreviaturas e siglas

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ADO	Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão
ASP	Associação de Surdos de Pelotas
CBPVE	Congresso Brasileiro de Produção de Vídeos Estudantis
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CM	Configuração da Mão
CMP	Colégio Municipal Pelotense
CRE	Quinta Coordenadoria Regional de Educação
E.V.A.	Etileno Acetato de Vinila
EaD	Educação a Distância
EBEF	Escola Bilíngue de Ensino Fundamental
EEM	Escola de Ensino Médio
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EMEFEM	Escola Municipal de Ensino Fundamental e Ensino Médio
ENM	Expressões não-manuais
FA	Football Association
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
GLS	Gays, Lésbicas e simpatizantes
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
IEEB	Instituto Estadual de Educação Assis Brasil
ISTs	Infecções Sexualmente Transmissíveis
LESMA	Laboratório de Estudos Surdos em Matemática
LGBTI+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Intersexo
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, *Queer*, Intersexo, Assexuais
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
M	Movimento
OMS	Organização Mundial de Saúde
Or	Orientação da Mão
PCDs	Pessoas com deficiências
QOC	*Queer of Colour*

RS	Rio Grande do Sul
SEDH	Secretaria de Direitos Humanos
SIDA	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
SMED	Secretaria Municipal de Educação e Desporto
STE	Setor Técnico Especializado
STF	Supremo Tribunal Federal
SUS	Serviço único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TILS	Tradutor Intérprete de Libras
TV	Televisão
UFPel	Universidade Federal de Pelotas
UPIAS	*The Union of the Physically Impaired Against Segregation*

Sumário

1 Introdução: As intenções do pesquisador chamado *Negrito* 19

2 Um trejeito transviado de descolonizar a pesquisa 44

2.1 “Salgo a caminar por la cintura cósmica del sur [...] Siento al caminar toda la piel de América en mi piel (Canción con Todos)” 44

2.2 “Todas las voces todas, todas las manos todas (Canción con Todos)” 51

3 A construção social compartilhada do corpo com deficiência 64

3.1 O trânsito do corpo extraordinário numa sociedade *discapacitada* 64

3.2 De cerca todos somos *discapacitados* 73

3.3 O corpo aleijado objetificado: *nosotros también cogemos*! 87

3.4 Por uma (des)cartografia do corpo: o desatar das *moñas* 90

4 As fronteiras de um *queer* “surdo-mudo” 99

4.1 A fuga teimosa do corpo equivocado 99

4.2 Por um *ku-queer* não identificado 101

4.3 O invólucro nem sempre quebradiço da teoria *queer* 107

5 Para início de conversa: Interseccionalidades Surdes 115

5.1 Famílias e Surdes: os tropeços e as estratégias de *dialogizar* 130

5.2 A Escola: um espaço possível de transgressão? 137

5.3 Tudo é “feio”: a escola como lugar de permitir-se 169

5.4 Ambientes que acolhem: guetos protagonistas de subversão 173

5.5 Associação: lugar de “RExistência”! 177

5.6 Que ativismo é esse? Por uma “sopa de letrinhas” inclusiva 192

Considerações interseccionadas: vidas surdas importam, para além da Língua de Sinais 206

Referências 211

Apêndices 224

1 Introdução: As intenções do pesquisador chamado *Negrito*[1]

Esta Tese aborda as representações das pessoas surdas LGBTI+[2] e as implicações que as múltiplas interseccionalidades de marcas identitárias divergentes, produzem na inter-relação entre elas e o convívio com a colonialidade cisheteronormativa em torno da sexualidade na Comunidade Surda[3]. Porém, por se tratar de uma pesquisa que transita pela perspectiva decolonial, a qual implica diretamente com a minha coexistência, tanto na temática quanto no meu envolvimento com a comunidade e, por entender e validar o compromisso que tenho com elas, trago um pouco das minhas experiências neste capítulo introdutório.

Precisei de algum tempo para discernir que, em alguns momentos e para certas pessoas, durante minha infância e adolescência, meu corpo[4] chamaria mais a atenção do que as coisas que eu pensava ou fazia: um corpo lido pelos outros como organicamente deficitário, doente, um corpo descrito basicamente pela sua *discapacidad*[5] genética e física, um corpo que foge da norma e da dinâmica social, um corpo falhado, rachado ou, especificamente, uma pessoa *mellada*/fissura labiopalatal[6]. Posteriormente, percebi que essa estranheza de ser, seria imposta,

---

[1] Apelido colocado por minha mãe Amélia Duran ao nascer. Será mais especificado a seguir.

[2] Atualmente, existem diversas formas de representar e de referir-se à comunidade. Contudo, fiz a escolha de representá-la utilizando-me da sigla LGBTI+, por entender que contempla as orientações sexuais das pessoas que participam desta Tese. No entanto, no momento da transcrição da Libras para a Língua Portuguesa das conversas realizadas com as pessoas coautoras da Tese, respeitou-se a sigla (LGBTQIA+) escolhida pela profissional tradutora contratada.

[3] "É assim que defino uma comunidade surda: ela é feita de um grupo de pessoas em que suas vidas estão constantemente, cada dia, envolvidas na interação de pessoas surdas. A comunidade surda é feita de pessoas surdas, mas também de pessoas que se movem dentro e fora da vida das pessoas surdas de forma importante – intérpretes, pessoas que trabalham em agências de Serviço Social, professores, outros profissionais, amigos ouvintes que trabalham muito próximos de pessoas surdas" (Carol PADDEN, 1993, p. 5, livre tradução de Sérgio Lulkin).

[4] Utilizo o termo corpo desassociado da perspectiva binária corpo-mente, corpo-alma, entre outros, por acreditar que não são entidades separadas ou distintas, mas entidades integradas e inseparáveis.

[5] Devido eu ser uma pessoa bilíngue optei por utilizar no decorrer da Tese alguns termos significativos para mim, na Língua Espanhola, minha língua materna. Mais adiante serão justificados os motivos de tal uso.

[6] Um dos significados da palavra *mellado* na Língua Espanhola, refere-se a pessoa que falta um ou mais dentes. Pode referir-se, por exemplo, a uma criança que está na fase de troca de dentição. Mas, na época, era muito utilizado como um termo ofensivo para quem tinha fissura labiopalatal. É importante salientar que os termos advindo da linguagem popular "lábio leporino" ou "goela de lobo" utilizados no Brasil para referir-se a pessoas com essa deficiência física, traduz um olhar pejorativo e capacitista,

teimosamente, em todos os meus momentos sociais. Um corpo que incomodava. Uma pessoa que, constantemente, precisaria ser definida.

Nesse transcurso, fui nomeado e categorizado com inúmeros adjetivos, de diversas maneiras em todos os círculos de convivência, na família, na escola, no trabalho, na universidade etc., tanto no período em que vivi no Uruguai (nasci na capital Montevidéu em 1963 e permaneci até 1974, quando meus pais resolveram mudar para Pelotas/RS – Brasil), quanto os anos vividos aqui no Brasil. Os atributos agraciados eram variados e nada discretos, muitas vezes, ditos "na cara", sem delongas, como: defeituoso, feio, aleijado, "nariz de negro"[7], boca falhada, beiçudo, *mellado* etc.

Mais tarde, por eu ser homossexual, outras peculiaridades e vocabulários fortemente construídos pelos padrões cisheteronormativos de masculinidades, socialmente hegemônicos, se agregariam à regulação e controle do meu corpo e da minha sexualidade, tais como: barro, boiola, aidético, bicha, marica, *maricón*, fresco, puto, afeminado, florzinha, veado, fora outras ofensas, aqui não citadas, em virtude de eu ser estrangeiro. E no auge da epidemia da aids[8], no início da década de 1980, fui sentenciado por um colega de trabalho que, brevemente, eu morreria de aids. Lembro de chegar em casa chorando e apavorado com a fala do meu colega. Desesperada, minha mãe, ou melhor, "mulher-mãe[9]", ainda sem saber de minha

pois remeteria ao lábio partido da Lebre (mamífero da família Leporidae, pertencente entre outros ao gênero "lepus" em latim).

[7] Naquele período, esse tipo de ofensa não me afetava ou me incomodava, pois como meu apelido era *Negro*, no Uruguai, ainda não relacionava essa expressão como conotação ofensiva e racista, visto que eu havia crescido em um ambiente em que não circulava esse tipo de sentimento – nas próximas linhas isso estará mais bem explorado.

[8] HIV refere-se à nomenclatura em inglês do Vírus da Imunodeficiência Humana, causador da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – SIDA, cuja sigla em inglês é Aids. Ser portador do vírus (HIV) é diferente de ter desenvolvido a doença (aids), sendo que sua sigla acabou por tornar-se o nome da doença. Naquela época não era muito comum utilizar as duas siglas juntas HIV/Aids, pois ainda não havia a separação entre os estágios de ser portador do vírus e do ato de adoecer em decorrência ao enfraquecimento do sistema imunológico do corpo. Era, praticamente, tudo focado na abreviatura aids (doença). Falas como: "Vais pegar aids se não transares com camisinha"; "Se compartilhares seringas e agulhas com outras pessoas existe o risco de transmissão da aids", eram muito comuns.

[9] Me permito destacar as palavras mulher, mulher-mãe e mulher-mãe-irmã no decorrer da Tese entre aspas, por entender que neste contexto existe a necessidade de, não apenas salientar o colonialismo de raça/gênero, impetrado por um amplo sistema de gênero opressor diversificado que abarca também o capacitismo no ambiente familiar num processo que intensifica ainda mais o papel de colonizada da mulher. Porém, existem fartas rupturas e resistências das mulheres-mães, mulheres-irmãs, mulheres-estrangeiras, mulheres de pessoas com deficiência, entre outras, que produzem e multiplicam através de um lócus fraturado na diferença colonial e que sobrelevam subjetividades ativas (María LUGONES, 2020).

orientação sexual, tentava consolar-me de todas as maneiras, sem conhecer o motivo pelo qual tanto eu me martirizava.

As mais significativas opressões a que fui submetido aqui no Brasil por ser estrangeiro, desde meus doze anos de idade (1975), foram a diferença cultural e linguística. Sim, além do meu corpo-cru ser um estorvo – visto pelo viés da norma, minha fala e minha escrita incomodavam muito. Ao ponto de reprovar – naquela época – na 5ª, na 6ª e na 7ª série[10], sempre na disciplina de Língua Portuguesa. Em uma dessas séries, cheguei a reprovar por meio (0,5) ponto – na qual se deveria atingir no mínimo na soma dos quatro bimestres, um total de vinte e quatro pontos para obter aprovação.

As redações que a professora de português costumava solicitar com temáticas diversas, retornavam corrigidas com o foco, especificamente, na ortografia. Em nenhum momento ela referia-se à ideia desenvolvida no texto. Na primeira redação a que tive retorno cheguei a ficar em estado de choque, pois quase todas as palavras escritas estavam sublinhadas com caneta vermelha. A correção ortográfica era apontada pela professora, acima ou ao lado da palavra sublinhada. Geralmente, eram vocábulos os quais utilizavam as letras: nh, lh, ç, ss, entre outras e, acentos como o circunflexo e o til. Acrescido a isso, uma grande dificuldade em pronunciar palavras, principalmente, terminadas em ditongo nasal, por exemplo, em “ão”, devido a minha deficiência palatal e por não ser de uso na Língua Espanhola.

A escola nunca chamou minha “mulher-mãe” ou a mim para conversar sobre esse assunto, muito menos, a professora. Minha “mulher-mãe” teve que me amparar e incentivar para continuar a escrever e a ler.

Ficava explícito que essa forma de me expressar na escrita e oralmente era um problema social. Assim como, o espanhol era uma língua, praticamente, desconhecida e estranha naquela época, alguns colegas de classe me consideravam um “extraterrestre”. É importante salientar que em algumas escolas públicas estaduais do Ensino Fundamental se ensinava o Inglês ou o Francês como línguas estrangeiras, em turno inverso – nunca as professoras de Língua Estrangeira exploraram em sala de aula a capacidade de eu falar o Espanhol. Não existia o ensino da Língua Espanhola, pelo menos, nas escolas públicas, nesse período, na cidade de

[10] O Ensino Fundamental nesse período era dividido por série: 1ª a 4ª série – anos iniciais – e de 5ª a 8ª série – anos finais. O ano letivo era dividido em quatro bimestres. Para ser aprovado os discentes deveriam atingir no ano o mínimo de vinte e quatro pontos num total de trinta pontos em cada disciplina.

Pelotas/RS. Somente no ano de 1993, a Universidade Federal de Pelotas - UFPel, criou como habilitação simples dentro do Curso de Letras, a graduação em Língua Espanhola e Literaturas de Língua Espanhola[11].

Por ser uma pessoa bilíngue, no momento de desenvolver o texto da Tese, optei por utilizar alguns termos na Língua Espanhola. No entanto, essa escolha não se materializa em palavras que remetem, unicamente, a essa condição. Pelo contrário, ela é impregnada por anos de súplica para ser percebido como pertencente ao Sul Global, falante da Língua Espanhola, pois vivo cercado por países latinos e, mesmo assim, passei vários anos sofrendo e sendo achincalhado e ridicularizado, principalmente, por inúmeros *bullying* na escola. Isso foi acrescido por reprovações na disciplina de Língua Portuguesa, com humilhações decorrentes de intermináveis correções ortográficas, inclusive, sendo menosprezado nas aulas da disciplina de Inglês (ministradas em turno inverso), pois meu espanhol era, muitas vezes, motivo de preconceito recreativo[12], piada, satirização, na qual incluía junto minha homossexualidade, deficiência, por "falar mal[13]" e pronunciar errado as palavras em inglês devido à fissura labiopalatal. Demorei muito tempo para lidar e superar tudo isso. Sendo assim, este registo e atitude em acrescentar algumas palavras na Língua Espanhola na Tese, de forma nenhuma objetiva e remete a rebuscar um sentimento de revolta oprimido na minha pessoa, mas tem a intenção de buscar e contribuir com a descolinização, ou melhor, ampliar as reflexões e mobilizações sobre o pensamento e os estudos pela perspectiva do giro ao sul proposto pelas pesquisas decoloniais.

Também tive que enfrentar um choque cultural que foi bastante expressivo. Não tanto devido à diferença, por exemplo, da culinária, mas advinda das expressões artísticas culturais e esportistas mais populares. Apesar de ter vindo de um país que reconhecia artistas famosos do Brasil, como o cantor Roberto Carlos e o jogador de futebol Pelé, muitos dos meus vizinhos, professores e amigos de escola aqui no país

---

[11] A Licenciatura em Língua Espanhola e Literaturas de Língua Espanhola foram criadas por ato do Magnífico Reitor Cesar BORGES em 31 de agosto de 1993. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/clc/sobre/. Acesso em: 10 de fev. 2021.

[12] Fazendo uma analogia ao conceito criado pelo pesquisador Adilson MOREIRA em seu livro *Racismo Recreativo* de 2019, o autor explica que esse conceito expressa uma reação no intuito de combater práticas e discursos sociais discriminatórias e racistas como humor a partir de características físicas da pessoa preta.

[13] Constantemente, era com essas palavras que se referiam a minha pessoa, devido a forma como eu me expressava verbalmente, tanto colegas como professores. Mais tarde, após término da minha graduação, a Coordenadora da 5ª Coordenadoria Regional de Educação do Estado da época, iria frisar essa atitude discriminatória e capacitista, quando me dirigi à secretaria à procura de uma vaga na rede estadual, dirigindo-se a mim, dizendo que eu nunca iria ser professor devido a minha dicção.

não conheciam o compositor e cantor Carlos Gardel[14], os cantores argentinos muito famosos por toda a América Latina/*Abya Yala*[15], Palito Ortega[16] e Sandro[17] (este considerado o Elvis Presley sul-americano nas décadas de 1960 e 1970), o programa argentino *Titanes en el Ring*[18] e o jogador de futebol Fernando Morena do *Club Atlético Peñarol* – inclusive, nunca tinham ouvido falar do time *Peñarol* (meu time favorito).

O propósito desses relatos é demonstrar a adversidade, a precariedade e o apagamento fronteiriço do Brasil com os países latinos que o circundam, seja através da culinária, das representações culturais, linguísticas, raciais, econômicas etc. No entanto, algo pior estava por acontecer. A forma como as pessoas se dirigiam a mim, principalmente, minha "mulher-mãe" – a qual foi assim que me chamou desde que eu nasci – foi simplesmente sequestrada de mim ao chegar no Brasil: *el nombre cariñoso de* ***Negrito*** *o* ***Negro***[19]. A forma como todos os meus familiares, amigos, *maestras*, amigos de *escuela* se dirigiam à minha pessoa, de uma hora para outra, deixou de existir e de me nomear. Inclusive, *el almacén* de que minha mãe era proprietária em Montevidéu/Uruguai, localizado no bairro *La Teja*, do qual ela teve que se desfazer para vir para o Brasil, recebia justamente meu nome: ***El Almacén del Negrito***[20].

O nome que me representava e ainda me ligava emocionalmente ao meu país, de repente, sem entender o real motivo, deixou de ser *Negrito* para tornar-se José Francisco. Ou, muitas vezes, José, Francisco e os apelidos de Zé ou Chico. Nesse momento, eu perco o apelido que tinha recebido da minha "mulher-mãe" ao nascer, em virtude de "meus olhos serem grandes e pretos" – justificava ela.

Em virtude disso, em várias ocasiões, quando chamavam pelo meu nome, não demonstrava a devida atenção por entender que não era comigo. Diante disso, minha "mulher-mãe", me explicou, muito resumidamente, que essa forma carinhosa de se

---

[14] Disponível em: https://turismo.buenosaires.gob.ar/br/article/carlos-gardel. Acesso em: 28 de fev. 2021.

[15] Termo vem sendo usado como uma autodesignação dos povos originários do continente como contraponto a América. Na língua do povo Kuna – originários da Serra Nevada, no norte da Colômbia –, significa Terra madura, Terra Viva ou Terra em florescimento e é sinônimo de América. Disponível em: https://www.ufrgs.br/estudoslatinoamericanos/wp-content/uploads/2019/04/ELA8%C2%BA-Texto9-1.pdf. Acesso em: 20 dez. 2022.

[16] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XsRZX46JJoE. Acesso em 28 de fev. 2021.

[17] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3qe8yBHkPpQ. Acesso em 28 de fev. 2021.

[18] Programa de televisão argentino dedicado ao espetáculo de luta livre, criado e dirigido por Martín Karadagián – exibido entre 1962 e 1988. Foi uns dois primeiros programas diários a ser transmitido em cores para a televisão. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5QERTSl5gNc. Acesso em: 28 de fev. 2021.

[19] Grifo nosso.

[20] Grifo nosso.

direcionarem a mim não poderia ser usada aqui, porque acabariam por relacionar às pessoas negras, podendo provocar outro entendimento.

Só mais tarde compreendi que, na verdade, estava sendo "convidado" ao forte racismo estrutural o qual permeia a vida da população brasileira. Não estou dizendo, com isso, que as pessoas do Uruguai sejam isentas desse sentimento odioso e repulsivo. De forma alguma. Porém, o número de pessoas negras no país é muito menor em relação ao do Brasil. No entanto, isso não significa que seja inexpressiva a presença da cultura negra-uruguaia, à qual, com certeza, não tive acesso, consequentemente, em decorrência da estrutura "sistêmica-racista" que também assola meu país de origem. Esse sistema racista opressor, durante minha infância, não era percebido nitidamente por mim – através de gestos, palavras ofensivas ou quaisquer outras formas pejorativas. Eu só ouvia e relacionava a palavra *negro* a minha pessoa, ou melhor, ao meu nome.

O intuito não é justificar uma atitude de origem racista[21] ou negar que não exista, no entanto, essa mesma discussão da utilização da palavra *negro* como apelido no Uruguai, voltaria a ser tema de discussão no final do ano de 2020, quando o jogador uruguaio, na época (2020-2021) atuava no *Manchester United* (Inglaterra), Edinson Cavani foi multado por tê-la utilizado. Ao agradecer o carinho de um admirador uruguaio nas redes sociais, dirigindo-se a ele com a frase: "*gracias, negrito*".

A *Football Association – FA*, entidade máxima do futebol inglês, acabou punindo o jogador, com uma multa de 100 mil libras e a suspensão por três partidas. Segundo a reportagem, a Academia de Letras do Uruguai, classificou como 'grave injustiça' tal punição a Cavani. Em resposta, a academia emitiu um comunicado em que esclarece que "em alguns contextos, têm um teor negativo, e muitas vezes os mesmos termos podem ser considerados afetuosos ou amigáveis" e que na variação linguística do espanhol uruguaio, esse termo é utilizado "entre casais e amigos, entre pais e filhos, você pode ouvir e ler formas como 'gordi, gordito, negri, negrito/a'. Na verdade, a pessoa a quem se trata com esses vocativos não precisa ser obesa ou morena[/preta] para recebê-los" (Yahoo! Notícias, 2021). No entanto, representantes afrouruguaios destacam que apesar da atitude não se concretizar em um insulto por parte do jogador, o termo "negrito" demonstra como o racismo está arraigado na

[21] Desde 5 de janeiro de 1989, a Lei de nº 7.716, tornou racismo crime hediondo inafiançável e imprescritível.

cultura e na língua do país. “E por se tratar de um tema complexo, o episódio poderia ter sido usado como porta de entrada para o debate” (OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL, 2021). Isso demonstra como o racismo é um tema que não pode circunscrever-se apenas ao comportamento das pessoas. Nesse sentido, tomando-se como uma das portas de entrada para esse debate a própria reportagem concebida pela Academia de Letras do Uruguai, a discussão do uso pela Academia, do termo “morena” para referir as pessoas negras/pretas.

Porém, historicamente, esse termo pode estar associado a uma canção popular folclórica do povo negro da região do caribe entre a fronteira da Venezuela e Colômbia que se tornou símbolo da América do Sul (Jota BOTELHO[22], 2015), denominada *Duerme Negrito*[23]. Canção resgatada e copilada[24] pelo músico, compositor, cantor e violonista argentino Atahualpa Yupanqui (1908-1992) – na qual o músico declara:

> Estos acordes pertenecen a una vieja canción tradicional que haya hace muchos años encontré en la zona caribe en la frontera de Venezuela y Colombia la cantaba una mujer de color la aprendí me encanto y la camine por el mundo mucha gente me la adjudica. Honor hubiera sido para mi que fuera mía, pero no lo es, es mía en cuanto a la a lo que tenga de sensibilidad mi corazón de cosa receptiva, es un tema anonimo, polurar, folklorico, es de ellos, de la gente morena de esa zona, frontera Venezuela colombia. Es la madre, el tema es la madre que deja a su niño por que se va al cajetal a trabajar y deja a su niño en manos de una... de una mujer... de una vecina... hermana de ella en el color en el destino... en la vida... Y entonces le dice que se duerma, le pide que se duerma al niño la vecina y le ofrece, le promete que la madre al traerle cosas que todo niño negro quisiera gustar, comer,

[22] Também me desafio a transgredir como pesquisador nessa Tese, no instante que estendo minha desobediência pessoal e política à rigidez acadêmica e científica e amplio a visibilidade e a identidade de gênero das pessoas autoras que trago para dialogar com a pesquisa. De modo que, toda vez que essas pessoas forem citadas pela primeira vez, aparecerá seu nome e sobrenome em caixa alta e, se porventura, forem citadas mais de uma vez, seguirei as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT. Esse procedimento é igualmente utilizado para citar as pessoas surdas LGBTI+ coautoras que constituem a pesquisa.

[23] *Duerme Negrito: “Duerme, duerme negrito,/ que tu mama está en el campo, negrito.../ Duerme, duerme negrito,/ que tu mama está en el campo, negrito.../ Te va a traer codornices para ti,/ te va a traer rica fruta para ti,/ te va a traer carne de cerdo para ti,/ te va a traer muchas cosas para ti./ Y si negro no se duerme,/ viene diablo blanco/ y ¡zas! Le come la patita,/ ¡chacapumba, chacapún...!/ apumba, chacapumba, chacapumba,/ chacapún!/ Duerme, duerme negrito,/ que tu mama está en el campo, negrito.../ Trabajando,/ trabajando duramente, trabajando sí,/ trabajando y no le pagan, trabajando sí,/ trabajando y va tosiendo, trabajando sí/ trabajando y va de luto, trabajando sí,/ pa’l negrito chiquitito, trabajando sí,/ pa’l negrito chiquitito, trabajando sí,/ va de luto sí, va tosiendo sí, duramente sí./ Duerme, duerme negrito, que tu mama está en el campo, negrito. Duerme, duerme negrito,/ que tu mama está en el campo, negrito... negrito... negrito.../.* Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ROJzhe-zw98. Acesso em: 03 jan. 2022.

[24] Outra versão/gravação da música pode ser encontrada e apreciada na interpretação do cantor e compositor Caetano Veloso, intitulada *Drume Negrinha*: Drume negrinha/ Que eu te transo uma nova caminha/ Que venha ter muito axé/ Que tenha gosto d’ocê/ Drume pretinha/ Que eu te trago de toda Bahia/ Tudo que der pra trazer/ Com quase todo prazer/ Se tu drume eu te descolo um araçá/ Cor do céu de lá/ Se não drume esse mandu de carnaval/ Não vai pegar/. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8T3EufLXDLo. Acesso em: 03 jan. 2022.

> probar, pero de a donde a veces no se puede la vida tiene otras letras, otra condición, le ofrece codornices, dos dolares, la yunta no puede ser... carne de cerdo tampoco puede ser... en fin como toda canción de cuna pisa la tierra y es un poco metafisica, duerme negrito se llama (Brianda VERONNA, 2012).

Somente me dei por conta do racismo estrutural social na qual estava inserido, quando chegamos no Brasil, principalmente, ao começar a frequentar a escola de Ensino Fundamental aos 13 anos de idade – eu fiquei quase dois anos em casa sem estudar para me adaptar ao novo país. Aliás, foi na escola que presenciei com mais frequência o racismo e a sofrer *bullying* por ser estrangeiro e por ser uma pessoa com deficiência[25]. Não somente dos(as) meus colegas e demais estudantes da escola, mas, também, dos(as) professores(as).

Em Montevidéu, não tínhamos contato com pessoas negras no bairro e nem na escola onde eu estudava[26]. Nenhum dos nossos vizinhos ou amigos da família eram pessoas pretas. Lembro que a maioria das pessoas falavam que eram espanhóis e italianos e que tinham migrado da Europa para a América do Sul devido às dificuldades econômicas e políticas que a Europa enfrentava após a Segunda Guerra Mundial. No entanto, escutava-se, algumas vezes, a expressão de xingamento: *negro(a) de mierda!* – mesmo sendo de uma pessoa branca para outra da mesma cor. Eu não compreendia e não sabia da origem dessas microagressões.

Naquela época, a temática da escravidão não era um assunto muito abordado ou explorado nas escolas. Mesmo que hoje, estime-se que a população de pessoas afrodescendentes se encontre sub-representada nas estatísticas, entre 8% e 14%, "segundo a diretora do Departamento de Afrodescendência do Ministério de Desenvolvimento Social, Amanda Díaz, o Uruguai é 'extremamente racista' e usou a ideia de que 'somos todos iguais' para ocultar seu racismo" (Estado de Minas/*Lavalleja*, 2020) pois, nas palavras de Díaz, no momento de se autodeclarar, "se alguém puder 'fugir' o faz [...]". No entanto, temos a certeza de que não foi e não é inexpressiva a presença da cultura negra-uruguaia.

A escravidão no Uruguai foi abolida no ano de 1842, tornando-se o primeiro país da América Latina a fazê-lo. Os registros históricos demonstram que sua

---

[25] Cabe ressaltar que a expressão "pessoas com deficiência" utilizada no decorrer da Tese, não se refere unicamente às pessoas com deficiência física, mas a todas as pessoas que têm algum tipo de deficiência, seja ela: física, sensorial, intelectual e múltipla.

[26] *Escuela Pública 148*, localizada no bairro *La T*eja – Montevidéu/Uruguai.

participação foi bem expressiva na utilização de mão de obra escrava e, principalmente, como rota de tráfico negreiro.

> Hacia el año 1791, la corona española declara a Montevideo único puerto para la introducción de esclavos para el Río de la Plata, Chile y Perú. Se autorizaba el comercio de cueros con Brasil. A su retorno las embarcaciones podían traer: esclavos, café, algodón, aguardiente. Brasil se transforma, para ese entonces, en el principal proveedor de esclavos del Río de la Plata a través del puerto de Montevideo. El comercio de esclavos se transformó en uno de los principales rubros de la economía montevideana. La burguesía montevideana, acaparó el tráfico de esclavos y desarrolló el emporio esclavista más grande que jamás conoció el Río de la Plata. Los más destacados comerciantes de Montevideo, integrantes de una sociedad fina y culta se habían convertido en los más importantes comerciantes de esclavos de la América del Sur (UNESCO, 2012, p. 19-20).

No Uruguai, eu não dispunha dessa informação, tanto na escola quanto na família, sequer tinha a noção do que tudo isso implicava a minha vida e a minha formação como pessoa – de certo, devido a minha idade. Apesar, de vivenciar, principalmente, no período de carnaval – o mais longo do mundo (40 dias) –, uma das heranças de origem da cultura africana – o candombe[27], porém, pouco explorada nos currículos escolares na minha infância. Entretanto, hoje percebo como o colonialismo euro ibérico e o racismo estrutural impacta na vida social de todas as pessoas e o preço que se paga por permanecermos numa civilização colonizada por uma concepção racista e arbitrária. “É uma catástrofe social de grandes proporções” (Jessé SOUZA, 2017, p. 23). Que, segundo Rita SEGATO (2021), não é uma questão de classe social, mas sim, de raça, porque,

> a raça remete ao horizonte que habitamos, marcado pelo evento fundacional da Conquista, e permite reconstruir o fio das memórias afetadas pelas múltiplas censuras da colonialidade, enquanto a classe oblitera esse horizonte, mascara-o e até o forclui, induzindo ao esquecimento de quem somos e à ignorância dos rios de sangue que mancham o solo que pisamos até hoje, conduzindo-nos ao equívoco de que é possível pensar da mesma forma desde o Norte global e desde o Sul. Vale destacar também a precedência do racismo sobre a raça, pois é aquele que cria esta: a raça é um produto da estratégia racista do expropriador (SEGATO, 2021, p. 21).

Entendo que o uso do diminutivo em meu apelido – *Negrito* – pode expressar uma forma de demonstração de carinho e amor, todavia pode ser um modo de

[27] “Candombe é um ritmo proveniente da África, e tem sido parte importante da cultura uruguaia por mais de 200 anos. [...] O ritmo candombe chegou ao Uruguai graças aos escravos – levados da África –, e continua sendo ouvido nas ruas, nos becos e nos carnais deste país encantador”. Disponível em: http://www.candombe.com/index.html. Acesso em: 20 set. 2022.

subjugar as pessoas ou colocá-las como incapazes de governo da vida. Além disso, ratifica o quanto o racismo estrutural é crônico na América Latina/*Abya Yala*, bem como, o quanto negar essa informação é uma forma de racismo.

Não é distinto quando a Comunidade Surda, especialmente, alguns dos coautores da Tese, impregnados pela ideia identitária de pertencimento a um universo de experiência surda, também, não reconheçam o racismo estrutural que os circundavam e, que até hoje, circunda no ambiente escolar e em todos os lugares do mundo, seja de ouvintes ou de pessoas surdas. Todavia, como pessoa branca/mestiça/latina, com deficiência e atuante como professor/intérprete na Comunidade Surda é imprescindível reconhecer que

> Os preconceitos são todos sociais e não existe nada de individual neles. Mesmo quem critica os preconceitos os tem dentro de si como qualquer outra pessoa criada no mesmo ambiente social. O que nos diferencia é a vigilância em relação a eles e a tentativa de criticá-los de modo refletido em alguns e não em outros. Mas todos nós somos suas vítimas. Afinal, eles nos são passados desde terna idade quando não temos defesas conscientes contra eles. E nos são transmitidos normalmente não como discurso articulado, o que facilitaria sua crítica, mas por coisas como olhares, inflexão de voz, lapsos, expressões faciais, etc. Tudo isso por parte de pessoas que amamos e que tendemos a imitar (SOUZA, 2017, p. 171-172).

Ou mesmo, através de alguns sinais na Libras, que expressam e demonstram a forma pejorativa e discriminatória e o quanto a construção desses sinais embasados nos seus cinco principais parâmetros – Configuração da Mão (CM); Movimento (M); Expressões não-manuais (ENM); Orientação da Mão (Or); Locação (L) (QUADROS; KARNOPP, 2004); –, também estão atravessados pelo racismo estrutural. Por exemplo, um dos sinais do termo “negro(a) /preto(a)” utilizado por algumas pessoas da Comunidade Surda na região: configuração da mão em “A” com a palma da mão voltada para o corpo do sinalizante, articulado na área da bochecha raspando duas vezes de forma circular (conforme Imagem 1, no Glossário Visual, Apêndice F), que, segundo a Comunidade Surda negra, demonstraria o significado pejorativo de pessoa suja. Este, assim como os sinais dos termos de orientação sexual como, gay, lésbica, travesti, entre outros, sofreram e sofrem modificações em decorrência da mobilização e das lutas da Comunidade Surda subalterna: pessoas surdas pretas, mulheres, LGBTI+ etc.

Por isso, precisamos lutar e combater qualquer tipo de ódio, violência, discriminação e preconceito racial. Dessa forma, tem sido durante minha trajetória

como educador e atuante na participação de diversos projetos pedagógicos que tinham e têm como um dos objetivos refutar qualquer falta de respeito e empatia com a diversidade humana. Precisamos, independentemente, do lugar que ocuparmos, nos posicionar como pessoas antirracistas e anticapacitistas.

Posteriormente, tomei consciência de que me encontrava submergido, como refere-se Achille MBEMBE (2018), numa sociedade cuja soberania vertical enquadra e predestina o diferente, o deficiente, a aberração, o indivíduo selvagem, como um suposto risco social, um provável e pretenso inimigo, o qual de uma forma ou outra, – o efeito de eliminá-lo –, torna a existência, possível e aceitável de perda. E que, independentemente, essa soberania perpendicular já era vivenciada por mim no Uruguai – em maior ou menor medida – em decorrência da matriz de colonialidade ser a mesma do Brasil (Europa ibérica).

Desta forma, percebi que em inúmeras ocasiões da minha vida – até hoje – subsistiu e subsistirá um poder que permanentemente controla a viabilidade da vida ser vivível ou não. Conforme Mbembe (2018), devemos nos indagar quem tem esse poder e jurisdição sobre a nossa existência:

> Mas sob quais condições práticas se exerce o poder de matar, deixar viver ou expor à morte? Quem é o sujeito dessa lei? O que a implementação de tal direito nos diz sobre a pessoa que é, portanto, condenada à morte e sobre a relação que opõe essa pessoa a seu ou sua assassino/a? (MBEMBE, 2018, p. 6).

Sempre me sinto ameaçado em todos os lugares nos quais transito. Vivo uma insegurança constante. Uma sensação de estar a todo momento sendo observado e de que, a qualquer instante, posso sofrer uma violência física ou verbal. Uma entrega iníqua a um governamento social, a um domínio da vida do Outro[28]. Um controle opressor, um disciplinamento que dita e estabelece a forma como as pessoas se inscrevem nesse ciclo e mecanismo vicioso do biopoder (Michel FOUCAULT, 2012, p. 159). Um corpo confinado, apartado, excluído. Descobri e vivencio isso desde que a sociedade me demonstrou a forma pela qual se organiza e se pensa sobre o Outro.

[28] Utilizo a palavra Outro com a inicial maiúscula para dar visibilidade a esse Outro, a esse diferente que sofre tanto preconceito e muitas vezes necessita se esconder para sobreviver. Os Outros são a pessoa homossexual, a travesti, a transexual, a surda, a deficiente, a negra, etc. Não como uma identidade que se esgota em si mesma ou como resultado de um processo, “mas como o processo mesmo pelo qual tanto a identidade quanto a diferença (compreendida, aqui, como resultado) são produzidas (Tomaz da SILVA, 2014, p. 76).

Meu corpo está constantemente em isolamento, num estado permanente de solidão, de falta de contato com o outro e de permitir-se pertencer.

Mas, não é somente a esse tipo de violência a que estamos submetidos. Outras materializações de sentimentos também contribuem para intimidar e fragilizar nossos corpos e nossa psique as quais incidirão diretamente na forma de ser e de lidar com este mundo complexo em que vivemos. Como por exemplo, o altruísmo que cinge a vida das pessoas com deficiência. O diagnóstico da patologia, além de, geralmente, impactar e desestruturar a família ao perceber a deficiência, poderá criar uma redoma de cuidados que afetará diretamente a vida da pessoa com deficiência, tanto positiva quanto negativamente. Segundo Tobin SIEBERS,

> As pessoas com deficiência há muito lutam para assumir o controle de seus corpos das autoridades médicas e para obter acesso a ambientes construídos e instituições públicas. Como as minorias sexuais [...], as pessoas com deficiência experimentam repressão sexual, possuem pouca ou nenhuma autonomia sexual e toleram restrições institucionais e legais em sua conduta íntima (SIEBERS, 2012, p. 38, tradução nossa)[29].

Assim, esse corpo que sabota o cistema-heterossexista/capacitista[30] social da fisicalidade hegemônica, ou melhor, do modelo padrão colonialista de corpo-hábil, enfrentará opressões como barreiras comportamentais, educativas, arquitetônicas, de falta de implementação de políticas de inclusão, inclusive, “feridas coloniais” (Walter MIGNOLO, 2008, p. 304), as quais marcam o corpo racializado do colonizado etc. Esse corpo é acrescido, além disso, de uma exacerbada proteção, muitas vezes, de base familiar, resguardada por um invólucro de sentimento de perda, de falta, de culpa, de compaixão que, consequentemente, reconfiguram e estigmatizam seu universo, seu espaço e sua temporalidade. Além do estigma e do rótulo, depara-se com uma total negação de sua cidadania íntima, que o transfere e o reafirma no

[29] Disabled people have long struggled to take control of their bodies from medical authorities and to gain access to built environments and public institutions. Like the sexual minorities […], disabled people experience sexual repression, possess little or no sexual autonomy, and tolerate institutional and legal restrictions on their intimate conduct.

[30] À necropolítica Mbembe (2018) configura uma tecnologia ininterrupta de violência sistêmica, estrutural e institucional contra dispositivos que transgridam, não somente, a norma que permeia a vida social, mas as diversas variáveis familiares, escolares, culturais e, principalmente, a vida política, no seu jogo de opressão cisheterossexista, que abarca a intersecção entre sexos, corpos, gêneros, sexualidades, violência, necro-bio-poder, invisibilização, discriminação, precariedade etc. Sobretudo, em um momento de regimes contemporâneos de cisheteropatriarcal, transfobia, racismo, neo(pos)colonialismo, guerras, terrorismos, imigrações, recolonizações, capitalismos, capacitismo compulsório e neoliberalismos econômicos, entre outros.

espaço social vicioso, maligno e extremamente excludente, em que o rotulador assume o papel da norma e o rotulado, de um sujeito digressivo dentro de um sistema econômico e cultural neoliberal dominante, na qual o capacitismo é percebido como uma rede de convicções, métodos e práticas que produz um determinado tipo de corporificação que é projetado como perfeito, típico da espécie humana, essencial e totalmente humano. E, por sua vez, o “familismo”, entendido como um tipo de estrutura disponibilizado a serviço de uma conjuntura patriarcal capitalista. Desse modo,

> A presença do Estado como agente responsável pelo cuidado da população é bastante reduzida, visto as famílias serem as principais promotoras de cuidados e proteção social, assumindo funções que deveriam ser prestadas pelo Estado por meio de políticas públicas. O capacitismo e o familismo favorecem as políticas neoliberais, pois corroboram a prática deste sistema em sujeitar as demandas dos sujeitos ao mercado e à família (Marivete GESSER, 2022, p. 3).

Comumente, mas não em todos os casos, dependerá da intensidade e dos impedimentos físicos e mentais incidentes na deficiência, inscrever-se nesse estigma um contexto que, inevitavelmente, o classificará e o enquadrará, sustentado basicamente pela perspectiva da lesão, a uma pessoa deficiente, frágil, debilitada, impossibilitada, incapaz e subalterna. Uma corporeidade normalmente nula, eunuca, que reterá para toda sua vida, uma sexualidade estéril, silenciada, proibida, sem desejos e prazeres. Praticamente, um ser incorpóreo, sem espacialidades e temporalidades e, muito menos, sem privacidades/intimidades – ofuscado por uma sexualidade patológica. Logo, é crucial e importante perceber que além “de um outro tempo e de um tempo outro, talvez agora precisemos também de um outro espaço e de um espaço outro” (Carlos SKLIAR, 2003, p. 98).

Por conseguinte, essas ranhuras e marcas, traçam e delimitam as condições de subsistência dessas corporaturas. Em outras palavras, denuncia-se que “Os corpos são os inimigos do sujeito” (Marcus DOEL, 2001, p. 87). Atribuem-se valores e significados diferentes a sua própria vida e concebe-se, dessa forma, um certo distanciamento entre o real – a corporificação palpável dessa pessoa –, e o imaginário, o que se desejou que ela fosse. Redesenha-se um paralelismo de vidas possíveis ou impossíveis, espaços de ser e de não ser.

E, traçam-se, como se refere Boaventura SANTOS (2019, p. 42), linhas abissais, porém, bastante concretas entre corpos inimigos, entre vidas normais e

anormais, ou melhor, entre um conglomerado cistema-hetero-branco-racista-capacitista de dominação, que separa humanos daqueles cunhados por Doel (2001, p. 81), de “in-umano”, ou até mesmo, de terem sua existência “declaradas dispensáveis” (MIGNOLO, 2008, p. 296) dentro de uma estrutura a qual insere esses corpos numa dita e única racionalidade moderna, perversa e capitalista. Entretanto, “É da exterioridade, das exterioridades pluriversais que circundam a modernidade imperial ocidental [...], que as opções descoloniais se reposicionaram e emergiram com força” (MIGNOLO, 2008, p. 291).

Apesar de temas ainda não superados em nossa contemporaneidade como: respeito às diferenças, questões de gênero, raça, sexualidade, feminismo, deficiência, racismo, homofobia, xenofobia etc., principalmente, quando esses assuntos transitam por discussões que fomentam sentimentos de ódio e violência ao Outro, é vital e imprescindível desacomodar e estranhar constantemente essa ordem enrijecida e hegemônica. É necessário questionar por que ainda há certo distanciamento em abordar a deficiência em suas interseccionalidades com questões de raça, gênero, sexo, classe, fisicalidade corporal etc. E, quando há estudos, por exemplo, sobre deficiência e sexualidade, os estudos têm como linha de argumentação a possibilidade de “apesar da deficiência”, a pessoa poder vivenciar uma sexualidade “normal”. Ou, de comprovar que são pessoas de desejo.

Desde o ano de 2000 atuo como professor na área da Educação Especial, especificamente, na Educação de Surdos – meu sinal na Comunidade Surda é a configuração de mão em “C” encostada na base da orelha direita com a palma da mão voltada para frente do corpo – (conforme Imagem 4, no Glossário Visual, Apêndice F). Esse primeiro contato profissional sucedeu-se quando a Secretaria Municipal de Educação e Desporto – SMED aceitou o projeto de inclusão proposto pela Associação de Surdos de Pelotas – ASP para o ingresso ao Curso Normal – Anos Iniciais, no turno diurno do Colégio Municipal Pelotense, de um grupo de pessoas surdas interessadas em realizar o curso. Posteriormente, tornou-se a primeira turma a formar-se como docentes dos anos iniciais. Nesse educandário eu lecionava a disciplina de Didática de Matemática e também era um dos supervisores de estágio profissional dentro do curso.

Em 2003, com o apoio da 5ª Coordenadoria Regional de Educação – 5ª CRE, possibilitou-se o acesso ao Ensino Médio noturno na Escola Técnica Estadual João XXIII, no intuito de atender a demanda de pessoas surdas trabalhadoras. No entanto,

em 2009, devido à falta de interesse do diretor da instituição em permanecer com o projeto os discentes foram transferidos para o Instituto Estadual de Educação Assis Brasil – IEEAB. Entretanto, por lecionar Matemática nos três adiantamentos do Ensino Médio na Escola João XXIII e, por ter formação na área[31] e um vínculo afetivo com a Comunidade Surda, eu e alguns colegas optamos por dar continuidade com a Educação de Surdos neste outro estabelecimento de ensino.

Desde o momento em que comecei a trabalhar com a disciplina de Didática de Matemática no Curso Normal e como supervisor de estágio, uma angústia permanente me acompanhava ao observar a dificuldade e a falta de integração dos conteúdos de Matemática, por parte dos(as) discentes no momento de seus estágios profissionalizantes, ao desenvolverem seus planejamentos diários com outras áreas do conhecimento. Percebia a forte herança recebida pelo ensino tradicional e por uma aprendizagem de disciplinas separadas, por blocos, ou melhor, um ensino caracterizado e organizado por um planejamento curricular por "gavetas", prática muito comum nessa época.

Diante desse desafio foi levantada a proposta de trabalhar com a Literatura Infantil dentro da disciplina de Didática de Matemática, com o objetivo de tornar a produção mútua de conhecimento matemático e do raciocínio lógico mais dinâmico e interdisciplinar. Dessa forma, a Literatura Infantil corroborou, significativamente, para elaborar conteúdos e atividades mais inter-relacionadas. Porém, despertou em sala de aula outras possibilidades de trabalhos: Um deles, relacionado com os estereótipos hegemônicos geralmente trazidos pelos personagens dos contos infantis. Poucas histórias traziam personagens ou temáticas que abordavam as questões raciais, sexuais, corporais (altos, gordos etc.), inclusive, sobre a deficiência.

Foi então que comecei a buscar literaturas que pautassem a temática da diversidade através de suas histórias e personagens. Nesse momento, iniciei a aquisição de literaturas que abordavam o tema, principalmente, as questões lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, intersexo e outras identidades político-sexuais dissidentes – LGBTI+. No entanto, com o ingresso de discentes surdos(as) ao Curso Normal tive contato com publicações de obras infantis que abordavam personagens

[31] Em 2004 fui o único professor do grupo que lecionava para as turmas de discentes surdos a tornar-me Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS.

com pessoas surdas[32] e, algumas dessas histórias, também, narradas na escrita de sinais (*Signwriting)*[33].

Toda essa dinâmica e trajetória pedagógica impulsionou-me a desenvolver trabalhos extraclasses ou projetos – alguns em turno inverso, tanto para discentes surdos(as) quanto para ouvintes, sobre temáticas envolvendo as diferenças. Esses projetos passaram a fazer parte do planejamento anual dentro do meu trabalho pedagógico, independente da disciplina (Didática ou Matemática) e das escolas em que lecionava.

Posteriormente, para dar andamento e justificar a realização desses projetos desenvolvidos nas turmas em que eu lecionava, busquei como base teórica e amparo para suas execuções – pois a realização desses projetos no ambiente escolar não era somente tensa entre os(as) discentes, mas, principalmente, com as direções e coordenações dessas instituições escolares – o Programa Brasil Sem Homofobia/ BSH, promovido pelo Ministério da Educação do Governo Federal[34]. Esse programa foi implementado durante a primeira gestão (2003-2006) do atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Isso me proporcionou desenvolver atividades, seminários e palestras que abordavam, não somente as diferenças, mas questões sobre dissidências sexuais e de gênero.

Dentre esses trabalhos, destaco alguns produzidos no Colégio Municipal Pelotense – CMP, Escola Técnica Estadual João XXIII, Instituto Estadual de Educação Assis Brasil – IEEAB, Escola Municipal de Ensino Fundamental Ministro Arthur de Souza Costa (Zona Rural) e Escola Especial Alfredo Dub:

- Escola sem Homofobia: Cinema LGBT em debate. Ano: 2009;

---

[32] Relação de algumas das obras que tivemos contato na época: Tibi e Joca (Bisol, 2001), A cigarra e as formigas (Oliveira; Boldo, 2003), Cinderela Surda (Hessel; Rosa; Karnopp, 2003), Rapunzel Surda (Silveira; Rosa; Karnopp, 2003), Adão e Eva (Rosa; Karnopp, 2005), Patinho Surdo (Rosa; Karnopp, (KARNOPP, 2008, p. 10-14).

[33] Para maiores informações sobre a escrita de sinais disponível em: www.libras.com.br ou http://www.signbank.org/signpuddle/. Acesso em: 16 de mar. 2021.

[34] Programa lançado em 2004 através da Secretaria de Direitos Humanos - SEDH e o Programa Nacional DST/Aids da Presidência da República. Para maiores informações acesse: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf. Minha aproximação e conhecimento da existência do programa BSH sucedeu-se através de materiais impressos com informações sobre as temáticas e dicas de como abordar os diversos assuntos em sala de aula, objetivos, ações e diversas orientações sobre o programa. Esses materiais eram disponibilizados na sala dos professores para acesso. Em nenhuma das escolas em que eu lecionava naquela época, ocorreu algum tipo de formação ou ação promovida por gestões municipal, estadual, federal ou pelas universidades da região que vinculassem temáticas e discussões no ambiente escolar, fomentadas pela distribuição desses materiais do programa.

- Projeto Escola Sem Homofobia: Curso Normal – Educação Infantil – Noturno. Anos: 2009 a 2018 (ininterruptos);
- Escola sem Homofobia: reflexões na formação do (a) aluno (a) no Curso Normal. Ano: 2012;
- Escola sem Homofobia: Vivência em Arco-Íris: lutas e histórias nos 200 anos da Princesa do Sul. Ano: 2012;
- Escola sem Homofobia: reflexões na formação do (a) aluno (a) no Curso Normal: subdividido em dois eixos de debate: SAIA DO ARMÁRIO: uma reflexão sobre a homofobia na Escola e a HOMOSSEXUALIDADE EM ÁFRICA: uma análise da homossexualidade no Continente. Ano: 2013;
- Escola sem Homofobia: "Olha o *Selfie*": imagens contra a homofobia[35]. Ano: 2016;
- Projeto Doce Leitura: Releitura, discussão, adaptação e Teatro de Sombras sobre o texto "Um caso de amor ou uma tragédia Matemática"[36]. Premiado com o 1º Lugar como melhor vídeo na categoria Prática Pedagógica no 2º Congresso Brasileiro de Produção de Vídeos Estudantis – CBPVE[37]. Ano: 2016;
- A Literatura Infantil Homoerótica (0 a 5 anos de idade): A Hora do Conto LGBT. Projeto oriundo da minha pesquisa de Mestrado denominada: O Homoerotismo na Literatura Infantil: análises e reflexões sobre as histórias não contadas na hora do Conto[38]. Ano: 2017;
- Um novo amigo na Escola: a história das bonecas e dos bonecos pelo mundo, suas diversidades e dissidências sexuais e de gênero. Ano: 2014;

---

[35] Projeto disponível em: https://www.facebook.com/groups/1771590876422451. Acesso em: 24 de abr. 2021.

[36] Vídeo disponível no meu Canal do *YouTube* – Práticas Pedagógicas: https://youtu.be/1xitu52NaVM. Também se encontra disponibilizado em meu site pessoal/profissional: www.praticaspedagogicas.com.br. O conto relata, utilizando-se de termos matemáticos, um triângulo amoroso em que o marido ao descobrir a traição da esposa com o amante, assassina-os. A proposta do projeto, objetivava encontrar uma forma amistosa de mudar a versão violenta e opressiva descrita no final da história. Versão original do conto disponível em: http://praticaspedagogicas.com.br/blog/?p=119. Acesso em: 16 de abr. de 2021.

[37] Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil – Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/cbpve/. Acesso em: 24 de nov. 2020.

[38] Mestrado Profissional realizado na Universidade Federal de Pelotas – Faculdade de Educação/FaE, no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática. Orientado pela Profª. Drª. Maria de Fátima Duarte Martins. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B-acF_5K4uDVM2hqM0xVekRaMGs/view. Acesso em: 24 de nov. 2020.

- Escola sem Homofobia: *1º Seminário: Sou Surdx, Sou LGBTI+ e agora?* Ano: 2018.

Quando a cidade de Pelotas completou duzentos anos de sua fundação em 2012 e sendo, historicamente, conhecida como a cidade dos *gays*[39], realizou-se em parceria com a rede pública municipal e estadual o *Seminário Escola sem Homofobia: Vivência em Arco-Íris: lutas e histórias nos 200 anos da Princesa do Sul*. O seminário ocorreu após oficinas e debates realizados anteriormente na sala de aula com discentes do CMP e IEEAB (pessoas surdas e ouvintes) e docentes de ambas as escolas, que envolviam temáticas de dissidências sexuais e de gênero. O encerramento do evento foi realizado com diversas pessoas palestrantes no auditório externo do CMP, aberto ao público.

A maioria dos projetos desenvolvidos era proposto na semana em que se comemora o Dia Internacional Contra a Homofobia – 17 de maio. Na verdade, essa data tinha como pretexto abordar a temática de gênero e sexualidade e amenizar possíveis resistências perante a instituição escolar, pois eu já havia tentado realizar trabalhos em outros momentos, como na Semana da Diversidade, denominada antigamente como Parada LGBT[40], mas não obtive muita aceitação pela comunidade escolar, pois acreditavam que estava realizando algum tipo de apologia à homossexualidade.

---

[39] Para saber mais a respeito da fama atribuída à cidade, indico o artigo: Gláucia CAVALHEIRO. "Pelotas, 'Cidade dos Gays': um estudo sobre os usos políticos de uma representação". Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/view/814. Acesso em: 29 de mar. 2020.

[40] Na cidade de São Paulo, habitualmente, a "Parada" ocorre todos os anos no mês de junho aos domingos, referente à revolta histórica e ao surgimento de um novo tipo de movimento LGBT sucedido no bar *Stonewall Inn*, em 28 de junho de 1969, em Nova York – EUA, com o propósito de dar um basta ao assédio e, principalmente, às violências praticadas pelos policiais contra a população LGBT que, frequentemente, era submetida, devido às constantes invasões da polícia ao bar, muitas vezes, no intuito de apenas oprimir, agredir e prender, especialmente, as travestis. Mesmo em diferentes períodos de tempo, esse acontecimento, ressignificou o Movimento LGBT no mundo. Um dos mais significativos registrados após a ditadura no Brasil, foi a manifestação de mulheres lésbicas no Ferros's Bar, em 19 de agosto de 1983, devido à proibição pelo dono do bar da venda do periódico "ChanacomChana", cuja publicação era, segundo ele, um afronte à moral. Essa data, posteriormente, se tornaria o Dia do Orgulho Lésbico no Brasil. A "Parada", é denominada, atualmente, de "Parada da Diversidade". Durante a semana que antecede a "Parada", são oferecidas, palestras e debates – promovidos pela comissão organizadora do evento. Isso também acontece na cidade de Pelotas/RS e região. Porém, naquela época, em que participávamos dos seminários, era mais difundida como sendo a Parada LGBT ou a Parada do Orgulho LGBT.

Em outubro de 2017, fui cedido para a Escola Especial Alfredo Dub[41], por meio de um convênio existente entre a rede pública e a escola filantrópica. Anteriormente, já havia realizado, a convite da direção, uma palestra sobre gênero e sexualidade para professores/as, coordenadoras e funcionários/as da escola. Antes mesmo do término do ano letivo solicitei uma reunião com a direção da escola e a diretoria da Associação do Surdos de Pelotas – ASP[42] com o propósito de organizar um evento que abordasse as questões de gênero e sexualidade, com a participação de toda a Comunidade Surda.

O evento denominado *1º Seminário: Sou Surdx, Sou LGBTI+ e agora?*[43], que teve um formato regional, ocorreu nos dias 8 e 9 de junho de 2018, com as seguintes mesas de debate:

- Políticas Públicas LGBTI+;
- Relato de Projetos em escolas públicas;
- Debate sobre o filme: "*Orações para Bobby*"[44];
- Implementações de políticas LGBTI+ na ASP;
- Sou intérprete e LGBTI+: relações entre a profissão e a Comunidade Surda;
- A escola e a família nas relações LGBTI+;
- Sou Surdx, Sou LGBTI+ e agora?

Esse evento, considerado como único, por envolver duas instituições que além de serem as organizadoras e de trabalharem diretamente com a Comunidade Surda, potencializou-se quando a direção da escola expressou seu desejo de sediar o seminário. Observar no evento, essas pessoas surdas materializando-se através de corpos munidos de uma língua própria, impregnados de expressão e cultura,

[41] Escola fundada em 27 de setembro de 1949. É uma instituição filantrópica que atua na educação de alunos surdos. A escola oferece Estimulação Precoce, Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA) além de outros projetos. Disponível em: https://www.alfredodub.com.br/Home.

[42] Associação dos Surdos de Pelotas. Disponível em: https://www.facebook.com/asp99.oficial. Acesso em: 25 de nov. 2020.

[43] Este evento foi considerado o primeiro a envolver uma escola de Educação de Surdos e uma Associação de Surdos para discutir a temática de gênero e sexualidade com a Comunidade Surda de Pelotas e região. A programação do evento, fotografias e vídeos, encontra-se disponível em: https://www.facebook.com/sousurdxlgbtieagora/. Acesso em: 25 de nov. 2020.

[44] Filme "*Orações para Bobby*". Direção de Russell MALCAHY. 2009. 89 min. Estados Unidos da América – EUA.

desejosos de serem percebidos entre seus pares, familiares, intérpretes e ouvintes, não apenas como pessoas iguais ou diferentes linguisticamente – detentores de possíveis corporalidades que fogem da norma cisheteronormativa imposta por uma sociedade ouvinte hegemônica, na qual a Comunidade Surda também a tem como padrão –, possibilitou-me avizinhar a diferença na diferença. De certa forma, proporcionou aproximar-me de uma comunidade que se encontra num duplo processo de colonização, pressuposto mecanismo de poder que se exerce na Comunidade Surda, principalmente, na Educação de Surdos, através do "oralismo" ou "ouvintismo" (SKLIAR, 1998, p. 15).

E, simultaneamente, num intrínseco processo de produção de identidades e diferenças entre o "nós" e o "eles" (pessoas cishéteras Surdas e LGBTI+ Surdes[45]), ainda que no mesmo território de alteridade, demarcando um novo conflito dentro da diferença. Conforme Tomaz da Silva (2014, p. 82), "Os pronomes "nós" e "eles" não são aqui, simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posições-de-sujeitos fortemente marcadas por relações de poder".

As pessoas surdas LGBTI+ trazem outras "posições-de-sujeitos" (SILVA, 2014) que escapam dessas fronteiras demarcadas pela própria Comunidade Surda e impõem outros indicadores de posições de pessoas, questionando as marcas incutidas por uma cultura ouvintista e um cistema-heteroxessista/capacitista, desestabilizando a ordem e as relações de poder. Desta forma, os estranhos cristalizam-se como corpos inimigos entre as diferenças. Segundo Zygmunt BAUMAN (1999, p. 62), "os inimigos são amigos falhados; eles são a *selvageria* que viola a *domesticidade* dos amigos". As pessoas surdas LGBTI+ passam a ser inimigos dos inimigos, corpos estranhos que se remetem e reinscrevem-se na família dos "indefiníveis" (BAUMAN, 1999, p. 64).

A participação na formatação e organização do *1º Seminário: Sou Surdx, Sou LGBTI+ e agora?* permitiu momentos de observação, os quais oportunizaram a reflexão e a indagação de como esses corpos Outros, surdos(as)/surdes, amigos e inimigos entre si, se interseccionam e coexistem em uma mesma espacialidade e

[45] No decorrer do texto da Tese se tenta ter o cuidado de não utilizar uma escrita binária e a desconstrução das noções tradicionais de gênero na linguagem escrita no reconhecimento e respeito pela diversidade de identidades de gênero além do binarismo homem/mulher. Esse binarismo pode ocorrer mais explícito nas citações. Porém, para alguns termos, escolhi procurar tirar o binarismo automático da língua e prover espaço de maior visibilidade, representação e respeito à identidade de cada pessoa.

temporalidade social – que envolvem pessoas cis-surdas e surdes em questões: raciais, étnicas, deficiência física (pessoas surdas deficientes auditivos e/ou outros comprometimentos), heterossexuais, LGBTI+, entre outras. São corpos *queer* que foram pensados por outras epistemes, por outros trânsitos de saberes científicos, e sua corrosividade rompe os alambrados da própria Teoria *Queer*, e desestabiliza o seu possível enrijecimento, permitindo ser mais audaz, mais aleijada, ou seja, *crip*. É o que propõe a Teoria *Queer/Crip*, ser uma teoria aleijada, a qual resgata do termo em inglês *clipper* (aleijado) uma ressignificação para outras representações inquietas, "ir más allá de las rampas" (Robert McRUER, 2021, p. 105), que estranham ainda mais os estranhos, que com sua acidez impossibilita cercar, afastar, dividir, mas, juntar, unir, transformar coletivamente.

> [...] primero, que las comunidades queer podrían reconocer que el inconsciente político de los debates sobre la normalización (incluidos los debates sobre el matrimonio) está conformado, en gran parte, por ideas sobre la discapacidad; en segundo lugar, que las comunidades con discapacidad preparadas para entrar (o que ya están entrando) en parte del territorio recientemente trazado por los movimentos queer, podrían recurrir al pensamiento queer radical para seguir promoviendo la conciencia crítica de la discapacidad que ha surgido en las últimas décadas, lo que yo llamo [...] teoría crip o cultura crip (McRUER, 2021, p. 115).

Nessa relação entre opressor e oprimido, assim como está implícita na sociedade hegemônica uma heterossexualidade compulsória, também existe um corpo-capacitado-imposto. No caso da Comunidade Surda as resistências, "são constituídas para mudar as práticas, os saberes e as relações de poder dos ouvintes representados pelos e pelas especialistas de diversas áreas que buscam o controle do corpo surdo" (Francielle MARTINS; Madalena KLEIN, 2013, p. 492). Nesse sentido, o "ouvintismo" seria um dispositivo ouvinte instituída numa racionalidade que estabelece relações de dominação das pessoas surdas, o qual, "baseia-se na ideia de colonialismo, uma relação de poder desigual entre dois ou mais grupos (MARTINS; KLEIN, 2013, p. 487). Por mais que essas relações de opressão e dominação fossem relatadas pelas pessoas surdas, não existia um termo específico para denominar esse estado em que a Comunidade Surda era submetida. Surgiu, então, o termo em inglês *audism* (audismo), cunhado pelo professor americano Tom L. HUMPHRIES, na

Universidade *Gallaudet*/*Washington, DC*[46]. Segundo as autoras, a expressão audismo "apresentava ligação com outros conceitos como racism e sexism, que também designavam grupos minoritários que sofriam preconceito na sociedade, da mesma forma que os sujeitos surdos" (MARTINS; KLEIN, 2013, p. 488).

Diante dessas provocações, trago a seguinte problematização como questionamento que incentivou e alavancou a realização desta Tese:

Como a Comunidade Surda da cidade de Pelotas/RS e as pessoas Surdas LGBTI+ se interseccionam enquanto diferenças diante do colonialismo cisheteronormativo em que estão inseridas e atravessadas historicamente por lutas e reivindicações no reconhecimento de suas alteridades oprimidas e normatizadas pelo "cistema-heterossexista/capacitista"?

Para isso, elenco as seguintes questões que me mobilizaram:

- A Comunidade Surda, por se distinguir como minoria cultural, reconhece outras possibilidades subjetivas de ser Surdo/Surda – de gênero e sexualidade fora da cisheteronormatividade?
- Como a Comunidade Surda compreende e discute outras formas de intervenção colonialista para além da sua língua?
- Diante da colonialidade cisheteronormativa em torno da sexualidade, quais as verdades mobilizadas por pessoas surdas LGBTI+ para a construção de suas identidades sexuais e como essas pessoas encaram essas verdades no interior da comunidade?

Assim sendo, demarquei os seguintes objetivos que fundamentam a pesquisa:

[46] Universidade Gallaudet, localizada na capital do Estado Unidos – Washington, D.C. É considera a única universidade do mundo com programas e serviços desenvolvidos especificamente para pessoas surdas, sendo a Língua de Sinais Americana – ASL, a primeira língua oficial utilizada por todas as pessoas da comunidade universitária (empregados do campus, estudantes, professores etc.). São aceitos uma pequena porcentagem de ingressos de ouvintes (alunos, alunas, professores e funcionários) na instituição, porém é obrigatório o domínio da ASL. Disponível em: https://www.gallaudet.edu/. Acesso em: 28 de fev. 2021.

Geral:

- Analisar como as pessoas surdas LGBTI+ e suas representações, transitam na Comunidade Surda e como se articula a interseccionalidade no âmbito do cistema-heterossexista/capacitista nessa relação.

Específicos:

a) Entender que estratégias e representações são estabelecidas através do fluxo de corpos surdos divergentes ao cistema-heterossexista/capacitista no interior da própria diferença que a Comunidade Surda representa;

b) Compreender de que forma a interseccionalidade se manifesta através do cistema-heterossexista/capacitista entre pessoas surdas LGBTI+ e a Comunidade Surda;

c) Problematizar os conflitos gerados entre colonizado e colonizador em uma mesma comunidade subalterna.

O governamento socialitário em que vivemos não apenas naturaliza como também generifica os corpos num comodato binário imposto e de trânsito unilateral heterossexual. No entanto, essa concessão se intensifica no momento em que esse fluxo é outorgado somente aos corpos-capacitados. Pensar em corpos, deficiência, gênero e sexo, configura-se em um obstáculo, do mesmo modo, naturalizado dentro do sistema hegemônico, o qual eleva-se potencialmente quando escapa a esse regimento. A presente pesquisa propõe fomentar essa discussão e estabelecer contraponto, estritamente, voltada aos Estudos Surdos, visto a importante guinada que os estudos *queer*, juntamente, com as teorias transfeministas agregadas aos movimentos de lutas das intelectuais negras, têm contribuído à crítica ao sistema opressor capitalista, colonialista, patriarcal e às questões de gênero, sexo e capacitismo estrutural.

Para concluir este bloco introdutório e conduzir a leitura dos próximos segmentos da Tese, a escrita encontra-se organizada e dividida em quatro capítulos, sendo, o segundo: *Um trejeito transviado de descolonizar a pesquisa*, subdividida em duas seções, onde descrevo com detalhes a metodologia utilizada para desenvolver a pesquisa; o terceiro: *A construção social compartilhada do corpo com deficiência*, que aborda, sucintamente, sobre as marcas e linhas abissais dos circuitos cartográficos sociais dos corpos entendidos como equivocados, das estratégias de controle, disciplinamento e os parâmetros de biossociabilidade orquestrada a determinadas categorias de pessoas, especificamente, corroborados pelo início dos estudos da Estatística em meados do século XIX. Porém, não somente pelo aparato normatizador hegemônico social atribuído a esses corpos idealizados, mas por quatro outros conceitos fortemente interligados que retroalimentaram e retroalimentam esse mecanismo colonial/moderno (SEGATO, 2021) biopolítico de poder: capitalista/machista/racista/capacitista. Dessa forma, os corpos com deficiência são meramente percebidos como objetos ou objetificados para o provento do outro e a legitimação da norma. São corpos ditos como extraordinários, nos quais a lesão, implica a anulabilidade social desses corpos e de suas libidos. Diante disso, movimentos sociais contrários a essa perspectiva edificada no campo orgânico, têm operado e buscado uma outra ótica epistêmica da deficiência, desta vez empoderando esses corpos e problematizando o social. Este segmento está subdividido em quatro seções.

No quarto capítulo: *As fronteiras de um queer "surdo-mudo"*, que está subdividido em três seções, discorro sobre o grande desafio que o tema deficiência e sexualidade implica e que ainda permanece compreendido como tabu, o qual traça uma linha abissal mais profunda e bastante delicada de ser transpassada e enfrentada no contexto colonialista/capitalista/capacitista. Esse desafio, no entanto, soma-se a outras "experiências-com", advindas, também, de pessoas minorizadas, de corpos divergentes/subalternos, que fogem do rito da norma hegemônica, de corpos *queer*. Dessa forma, pensamentos e ações interseccionadas por teorias decoloniais que perpassam por concepções teóricas que vão além do campo orgânico e da perspectiva ontológica euro-nortecêntrica de ser e de viver. Para isso, trago um diálogo crítico e paralelo com a Teoria *Queer*, com a Teoria *Crip*, com as teorias transfeministas e a Comunidade Surda LGBTI+, estabelecendo uma conexão com as produções propostas pelo giro decolonial ao Sul.

No último capítulo, intitulado: *Para início de conversa: interseccionalidades Surdes*, que se encontra subdividido em seis seções, apresento as pessoas surdas LGBTI+ coautoras da Tese. Porém, lado a lado, horizontalmente. Corpos subversivos que *cogen*, que se reconhecem para além da marca identitária do ser Surdo(a), corpos de pessoas surdas LGBTI+ interseccionais. Nós, conversamos! Uma conversa que transita pelas “experiências-com”, em uma constante produção de “conhecimentos-na-luta”, no entanto, uma produção singular, que transvia, rompe e provoca a rigidez dos Estudos Surdos muito focados nos estudos linguísticos da Língua de Sinais. “Escrevivências” que não se detêm nos pormenores linguísticos, mas no quanto a falta de comunicação e informação, literalmente, “ataram” suas mãos, corpos e desejos. Conversamos: da Família, da Escola – de sua segunda “casa” –, da Associação, de militância e, por que não, de sexo!

2 Um trejeito transviado de descolonizar a pesquisa

Neste capítulo, apresento os caminhos investigativos traçados para desenvolver esta pesquisa e a metodologia que conduziu todo o processo a partir de uma perspectiva decolonial e uma relação pautada na ética e na horizontalidade com as pessoas surdas LGBTI+ que constituem e me acompanharam durante todo o percurso desta Tese.

2.1 “Salgo a caminar por la cintura cósmica del sur [...] Siento al caminar toda la piel de América en mi piel (Canción con Todos)[47]”

O tema desta Tese é *Sou Surdo(a), Sou LGBTI+ e agora? relações de poder e as interseccionalidades na Comunidade Surda*. Por muitas vezes, o foco dos Estudos Surdos foi e ainda é focado pela marcação da identidade surda, fortemente, vinculada pela perspectiva linguística que constitui a comunidade. Isso no decorrer das pesquisas, produziu, talvez, modos de narrar a comunidade como detentora de uma marcação identitária única de ser. Entende-se a importância desses estudos linguísticos para o aprofundamento e aprimoramento da língua que, por muitos anos, foi silenciada e negada pelas instituições escolares e pelas pesquisas científicas. No entanto, essa única narrativa identitária atrelada à questão linguística para a Comunidade Surda culminou acompanhada de certo ônus. Ou seja, outras interseccionalidades identitárias oprimidas foram segregadas às margens da própria comunidade já subalterna. Dessa forma, a hegemonia da representação identitária nas relações e na “circularidade do poder” (Stuart HALL, 2016, 197), dentro da Comunidade Surda, no caso da Língua Brasileira de Sinais – Libras, colonizou, de tal forma, a apagar qualquer pessoa que se divergisse, ainda que, estando no mesmo campo de luta.

---

[47] Trecho da música *Canción Con Todos* (Armando Tejada Gómez e César Isella), interpretada pela cantora argentina Mercedes Sosa (1935-2009). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yDOlMPzp4a8. Acesso em: 13 jun. 2023. Neste capítulo, inspiro-me em excertos desta canção para nomear as diferentes seções em que apresento os caminhos investigativos percorridos.

Diante dessas inquietações e provocações, pergunto: **Como a Comunidade Surda da cidade de Pelotas/RS e as pessoas Surdas LGBTI+ se interseccionam enquanto diferenças diante do colonialismo cisheteronormativo em que estão inseridas e atravessadas historicamente por lutas e reivindicações no reconhecimento de suas alteridades oprimidas e normatizadas pelo "cistema-heterossexista/capacitista"?** Esta indagação tornou-se o tema central desta pesquisa, amparada pelo objetivo geral que se constitui em *analisar como as pessoas surdas LGBTI+ e suas representações, transitam na Comunidade Surda e como se articula a interseccionalidade no âmbito do cistema-heterossexista/capacitista nessa relação*. Para isso, elenquei as seguintes questões que me mobilizaram para a pesquisa: a) *a Comunidade Surda, por se distinguir como minoria cultural, reconhece outras possibilidades subjetivas de ser Surdo/Surda – de gênero e sexualidade fora da cisheteronormatividade?*; b) *como a Comunidade Surda compreende e discute outras formas de intervenção colonialista para além da sua língua?*; e c) *diante da colonialidade cisheteronormativa em torno da sexualidade, quais as verdades mobilizadas por pessoas surdas LGBTI+ para a construção de suas identidades sexuais e como essas pessoas encaram essas verdades no interior da comunidade?* Para responder a essas perguntas, elenquei os seguintes objetivos específicos: *1º) Entender que estratégias e representações são estabelecidas através do fluxo de corpos surdos divergentes ao cistema-heterossexista/capacitista no interior da própria diferença que a Comunidade Surda representa; 2º) Compreender de que forma a interseccionalidade se manifesta através do cistema-heterossexista/capacitista entre pessoas surdas LGBTI+ e a Comunidade Surda; e 3º) Problematizar os conflitos gerados entre colonizado e colonizador em uma mesma comunidade subalterna*.

A pesquisa está pautada por um exercício metodológico decolonial, que realiza tentativas de se afastar da relação centrada no sujeito-pesquisador/sujeito-objeto, mas exercitar uma relação predominantemente horizontal, a qual oito pessoas surdas LGBTI+ participam como protagonistas/coautoras da Tese. A escolha dessas pessoas levou em conta que em algum determinado momento de suas vidas, elas moraram ou ainda moram na cidade de Pelotas/RS. Para estabelecer a relação e compartilhar coletivamente a produção desta Tese com a Comunidade Surda LGBTI+, utilizei-me da conversa (Tiago RIBEIRO; Rafael de SOUZA; Carmen SAMPAIO, 2018) como metodologia de pesquisa. Durante o decorrer do texto, a Tese desenvolve a intenção de uma lógica de escrita mais decolonial e comunitária. As transcrições das conversas

realizadas em Língua de Sinais – língua das pessoas surdas coautoras – para a Língua Portuguesa, estão incorporadas como elementos textuais de produção da Tese, para não transpassar ao longo da leitura a ideia e o entendimento de que são meramente excertos, fragmentos, citações ou trechos que, aparentemente, podem se apresentar extensos ao leitor.

Para alicerçar esta pesquisa, me fundamentei nos métodos científicos e conceituais apresentados por Boaventura SANTOS (2019), mais precisamente, em suas pesquisas focadas nas Epistemologias do Sul, pois uma das suas finalidades "é a centralidade das lutas contra a dominação capitalista, colonial e patriarcal, onde quer que ocorram" (SANTOS, 2019, p. 177). No entanto, para além disso, as Epistemologias do Sul me forneceram meios e condições metodológicas para me aproximar das vivências de grupos de pessoas, que, muitas vezes, são

> [...] vítimas das exclusões e do sofrimento injusto causado pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado; privilegiam conhecimentos produzidos e utilizados por esses grupos e pelos seus aliados na resistência e nas lutas contra práticas concretas de dominação e opressão (SANTOS, 2019, p. 233).

Todavia, não tive nenhuma intenção como pesquisador de realizar qualquer tipo de afastamento e, principalmente, de negação das produções científicas validadas por pesquisadores reconhecidos. Pelo contrário, a ciência pós-abissal proposta pela Epistemologia do Sul, implica uma metodologia que "visa construir conhecimento científico em cooperação com outros tipos de conhecimento, para que tanto o conhecimento científico como o conhecimento artesanal possam vir a se beneficiar dessa cooperação" (SANTOS, 2019, p. 214). Pois, são através dessas distintas visões prismáticas que se permite, não somente, a desafiar-se por outros meios de "Bem Viver" (Alberto ACOSTA, 2016) e de produzir conhecimento, como também, incitar uma constante desobediência epistêmica e subjetiva no intuito de nutrir transformações capazes de promover outras corporificações sociais. Dessa forma, possibilita mais fluidez para suscitar a "desontologização do sujeito da política das identidades" (Paul PRECIADO, 2019, p. 428) e, evidentemente, às políticas ecológicas – do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana (Félix GUATTARI, 1990).

Portanto, o desafio maior desta pesquisa foi promover, não somente outras expectativas de bem viver, mas contribuir para viabilizá-las na realidade. Entretanto,

estes posicionamentos epistêmicos e ontológicos distintos, instigaram para compreender – novos e antigos – conceitos e normas durante o transcorrer desta pesquisa, que acredito, amiúde, serem elementos de herança importantes e imprescindíveis para o desprendimento da cisheteronormatividade em que o nosso sistema social se encontra condicionado, ou melhor, preso. Nesse sentido, no intuito de iniciar uma provocação reflexiva sobre os domínios do colonialismo e do "pensamento hétero" (Monique WITTIG, 2016) na Comunidade Surda, propus situar minha discussão pautada em uma relação de forças que permeiam por diferenças culturais, linguísticas, identitárias, raciais e binárias, entre outras, que se interseccionam em uma relação estrutural/social, as quais caracterizei nesta pesquisa, como cistema-heterossexista/capacitista.

No entanto, esse outro trejeito transviado em que me propus pesquisar, foi de extrema importância para tensionar e desafiar as complexas reflexões e atitudes comportamentais "descolonizadora/despatriarcalizadora" (ACOSTA, 2016, p. 80), as quais eu assumi para deslocar e descentralizar outras possíveis formas de pensar e produzir conhecimento. Mas, na prática, me exigiu uma ação interna dicotômica de "decolonizar tanto o conhecimento do colonizado como o conhecimento do colonizador" (SANTOS, 2019, p. 161), um exercício exaustivo e contínuo de superar meus obstáculos para descolonizar-me.

Para isso, dialogo no transcorrer da pesquisa pelo viés decolonizador em que essas pessoas são constantemente narradas pelas práxis e pelas teorias científicas como corpos da falta, para entender como a interseccionalidade se manifesta na formação e na sociabilidade entre essas pessoas Surdas LGBTI+ dentro da sua comunidade. Portanto, busquei material no campo teórico do *Disability Culture*, especialmente, no ramo dos referenciais teóricos e discussões sobre *Disability Studies*[48] (David MITCHELL; Sharon SNYDER, 1997; Patrícia LACERDA, 2004), cujas bases investigativas "se alinham com a lógica pós-disciplinar dos Estudos Culturais, construindo uma pauta de pesquisas articuladas com as lutas por significação que

[48] "A primeira [...] [teoria], deu origem ao *Disability Studies* (DS) que tem como foco o desenvolvimento de estudos que revelem os mecanismos através dos quais a invalidez é convertida em deficiência visando a desconstrução da sua posição subalterna como fatalidade. A segunda [...] [arte], implica na *Disability Arts* que congrega artistas com deficiência para multiplicar e dar visibilidade às possibilidades expressivas advindas da experiência da deficiência. [...] *Disability Arts* é arte e não terapia. Ela é uma atividade que envolve trabalho elaborado, criatividade e propósito estéticos e não tem nada a ver com retratos ou documentários feitos para mostrar *o lado trágico* ou *mágico* da vida das pessoas com dificiência" (LACERDA, 2004).

subjuga e desqualifica as pessoas com deficiência” (LACERDA, 2004). Além disso, com o propósito de entender as implicações do convívio e do trânsito dessas corporificações e de suas sexualidades, aprofundei meus estudos nas teorias transfeministas, com a intenção de entender as relações de interseccionalidade implícitas entre deficiência, corpo, gênero, homo/transexualidade, questões raciais, capacitismo e pessoas surdas. Desse modo, alinhavei um diálogo crítico e paralelo com a Teoria *Queer* e a Teoria *Crip* de modo a discutir práticas e conceitos indagados por pessoas ativistas com deficiência, de maneira a “romper com definições estanques e objetivas que categorizam e especificam, perante uma norma pré-estabelecida, corpos, deficiências e comportamentos” (Marco GAVÉRIO, 2015, p. 111).

No entanto, pertencer às categorias sociais que, constantemente, transitam entre limites de alto risco, as quais a norma social majoritária regula quando e onde esses grupos podem e devem ser incluídos ou excluídos, remeteu-me a repensar sobre minhas próprias subjetividades e as representações que, simultaneamente, assumem-se, no momento da escolha em ser um educador, principalmente, um docente que por 30 anos lecionou na rede pública municipal e estadual, na qual muito dos meus discentes, provavelmente, pertenceram também às minorias sociais oprimidas. Ao subsistir e conviver nesse movimento ondular e apropriar-me, compulsivamente, de identidades de opressor e de oprimido, corri e ainda corro o perigo, como salienta o educador e filósofo Paulo FREIRE, de ser um preceptor “inautêntico”, ou melhor, de agir como “seres duplos” (FREIRE, 2019, p. 43), inclusive, em todos os momentos da pesquisa.

Em vista disso, escolher e saber o lugar que se ocupa, como pessoa – educador/pesquisador –, além de assumir uma ética e uma conduta profissional, bem como um posicionamento político, fez com que durante toda minha trajetória particular e profissional, compartilhasse/multiplicasse minhas experiências através de projetos e ações/mobilizações que promovessem o respeito às diferenças e combatessem todos os tipos de discriminação social. Logo, faz-se necessário, do mesmo modo que me expresso como professor, sublinhar algumas entrelinhas sobre as ações e os procedimentos que realizei, inclusive, durante o processo da produção da pesquisa de caráter qualitativa e que, efetivamente, complementam-se aos movimentos de lutas e experiências profissionais vivenciados nas escolas da rede pública. Saliento isto, pois, colocando-me como um pesquisador artesão (SANTOS, 2019) minha

aproximação à Comunidade Surda e às discussões que aqui tensiono acompanham-me para além do tempo desta pesquisa.

Primeiramente, é importante ressaltar que esta pesquisa está pautada por uma postura horizontal na produção de saberes, juntamente, com a Comunidade Surda LGBTI+. No entanto, pela óptica das Epistemologias do Sul, uma imparcialidade rigorosa "não faz sentido porque o critério de que depende a confiança se encontra nas vicissitudes da luta contra a opressão, impossibilitando assim qualquer indiferença contextual" (SANTOS, 2019, p. 74). Entretanto, alguns desafios entrecruzam-se no caminho de pesquisar com o cotidiano, os quais precisamos exercitar a negação da

> [...] "coisificação" que transforma os sujeitos em objetos e a arrogância que transforma o pesquisador em soberano defensor do estatuto da verdade produzida por uma realidade única e inexorável nos obriga a enfrentar que mergulhamos em um rio de águas profundas, sem saber exatamente o que esperar do que vamos encontrar. As águas são turvas, as correntezas imprevisíveis e as certezas que usamos como salva-vidas, muitas vezes, não nos salvam; ao contrário, algumas vezes até nos arrastam para o fundo (Andréa SERPA, 2018, p. 93).

Por isso, no decorrer da pesquisa, realizei inúmeras iniciativas com o intuito de estreitar ainda mais minhas conexões com a comunidade, principalmente, com a Comunidade Surda LGBTI+ e, desta forma, estabelecer um diálogo com as teorias decoloniais. Portanto, parto do complexo fluido performativo e identitário que me constitui como: homossexual/*maricón*, branco/mestiço/latino-americano de Uruguai/Montevidéu, pessoa com deficiência/*mellado*/surdo unilateral[49], professor aposentado e que, durante os últimos 23 anos atuou como docente militante da Educação de Surdos e das causas LGBTI+ mesmo que, muitas vezes, tenha surpreendido algumas pessoas por abordar essas temáticas dentro do ambiente escolar por ser "da área das exatas".

Este pesquisador artesão se constitui por diversos caminhos que me fizeram chegar até aqui. Apesar de já atuar como professor de pessoas surdas desde o ano de 2000 e possuir desde o ano de 2004 a formação de Tradutor Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – Libras, pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS, com o intuito de aprofundar a fluência e o conhecimento linguístico da Libras, no sentido de qualificar a realização das conversas realizadas em Língua

[49] Sucede-se quando a audição de uma pessoa é limitada, ou não escuta em um dos ouvidos. No meu caso, sou surdo do ouvido esquerdo decorrente de um incidente aos 17 anos de idade.

de Sinais e suas transcrições para a Língua Portuguesa, realizei durante este estudo, várias formações. Dentre elas, cito uma Especialização em Libras/Português – Tradução/Interpretação de 420 horas, no período de 2019/2020, pela Faculdade de Ensino Superior Dom Bosco/PR[50]. Paralelamente, ingressei no ano de 2020 no Curso de Graduação em Letras/Libras – EaD, pela Universidade Estácio de Sá, ainda não concluído. No mesmo período, aprofundei meus estudos como profissional Tradutor Intérprete em um curso remoto de formação continuada de 300 horas, intitulado *Traduz Aí: descomplicando a tradução de/entre/para Libras-Português* pela Empresa Signa[51], de Santa Catarina/SC.

Até o ano de 2021 encontrava-me na ativa como professor da Rede Municipal cedido para a Escola Bilíngue Prof. Alfredo Dub. A partir de setembro do mesmo ano, mesmo aposentado, resolvi continuar trabalhando como professor pelo regime da CLT[52], para não perder minha vinculação com a comunidade, sendo demitido pela escola em maio de 2023. Participei como bolsista na função de Equipe Multidisciplinar – Tradutor e Intérprete de Libras nos Cursos de formação Inicial e Continuada – EaD, no período de 2020-2021, com 300 horas e como Tradutor Intérprete no Projeto Emprega Mais, com 390 horas em 2022, ambos, pelo Instituto Federal Sul-rio-grandense, Campus-Pelotas/RS. Em 2022, eu ingresso no Conselho Municipal de Direitos da Cidadania LGBTI+, gestão 2022-2023. Atualmente, sou Tradutor Intérprete de Libras contratado para atuar no Instituto Federal Sul-rio-grandense/Campus Pelotas.

Todas essas atividades tiveram e têm o intuito de eu prosseguir conectado, à Comunidade Surda, também acimentadas por uma trajetória de estudos e pesquisas na área de Educação de Surdos desde o ingresso de pessoas surdas no Curso Normal no Colégio Municipal Pelotense no ano de 2000 e na Escola Técnica Estadual João XXIII em 2003. Tudo isso contribuiu para fomentar a luta e o afinco pela inclusão e pelo respeito às diferenças, além de buscar, juntamente, com a Comunidade Surda LGBTI+, alternativas e estratégias de ocupar espaços políticos, constituídos, em sua maioria, por pessoas ouvintes.

---

[50] Para maiores informações acesse: http://facdombosco.edu.br/courses/?s&ref=course.
[51] Para maiores informações acesse: https://www.signaedu.com.
[52] Consolidação das Leis do Trabalho – CLT.

No entanto, o *1º Seminário: Sou Surdx, Sou LGBTI+[53], e agora?*, me leva a acreditar que tenha sido o ápice, tanto na minha trajetória como professor da rede pública trabalhando as temática sobre sexualidade e dissidências sexuais, quanto para a Comunidade Surda LGBTI+. Isso se deve à grande repercussão e à importância das temáticas desenvolvidas no evento, que envolveu pela primeira vez, uma escola e uma associação de surdos como instituições celebradoras e promotoras do seminário.

Outros espaços de luta em que eu participo e que têm como objetivo incitar a inclusão de pessoas surdas LGBTI+ são a comissão responsável pela organização da Parada LGBTI+ e no Conselho Municipal de Direitos da Cidadania LGBTI+, sendo que desde o ano de 2022 tenho participado com o objetivo de fazer uma Parada mais inclusiva e que a Comunidade Surda LGBTI+ esteja mais presente, não somente no dia do evento, mas inclusive na sua organização. Entretanto, um dos maiores obstáculos para tornar realidade a presença das pessoas surdas LGBTI+, seja na organização da Parada quanto no Conselho Municipal, é a ausência de Tradutor Intérprete de Libras – TILS, que ainda não está assegurada no município de Pelotas/RS[54].

2.2 “Todas las voces todas, todas las manos todas (Canción con Todos)”

As pessoas surdas LGBTI+ que participaram do *1º Seminário: Sou Surdx, Sou LGBTI+, e agora?*, foram as primeiras a serem convidadas para participarem como coautoras da Tese, já que elas, voluntariamente, demonstraram desejo de se expor num evento público. Inclusive, algumas delas utilizaram o seminário como um mecanismo disparador para tensionar o diálogo com a própria comunidade e com seus familiares sobre suas intimidades, sentimentos e, principalmente, sobre suas sexualidades durante e após o encerramento do evento.

---

[53] Mais detalhes sobre o evento e de sua programação, no decorrer da Tese.

[54] A implementação do Projeto de Lei Ordinária aprovada pela Câmara de Vereadores em 2020, a qual autoriza a Prefeitura de Pelotas para a implementação da Central de Interpretação da Língua Brasileira de Sinais – Libras, até hoje, não foi concretizado e, com certeza, iria ajudar muito para as pessoas surdas ocuparem esses espaços e viabilizarem a acessibilidade. Projeto de Lei Ordinária, datado de 01/09/2020, proposto pela Vereadora Fernanda Miranda do Partido Socialismo e Liberdade – PSOL. Disponível em: https://sapl.pelotas.rs.leg.br/media/sapl/public/materialegislativa/2020/38357/pl_5524_20.pdf. Acesso em: 11 de jun. 2023.

Posteriormente, outras pessoas surdas foram indicadas mediante as conversas mantidas com o grupo. A princípio, foi pensado entre 5 e 8 pessoas para se envolverem na investigação, sendo que, no final, foi atingido o limite máximo da estimativa prevista: participam, efetivamente, 8 pessoas surdas LGBTI+ nessa Tese. No entanto, tive a preocupação e o critério de observar se o coletivo contemplava os objetivos propostos na pesquisa e o cuidado para que não ocorressem repetições de singularidades, mas, uma pluralidade de experiências.

Todas essas pessoas tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, disponível no Apêndice A e a Autorização de uso de Imagem, voz e respectiva cessão de direitos (Lei nº 9.610/98), disponível no Apêndice B, o qual foram submetidos ao Comitê de Ética[55]. Por ser intérprete e fluente na Língua Brasileira de Sinais, todas as conversas foram realizadas pelo pesquisador e as pessoas coautoras da Tese, portanto, não me utilizei de uma terceira pessoa profissional tradutora/intérprete externa à pesquisa.

Além de todas as pessoas receberem uma cópia impressa dos documentos – para as que não residem na cidade de Pelotas/RS, foi enviado uma cópia do TCLE via correio para suas residências –, também, uma cópia do arquivo em formato *pdf* foi enviada pelo aplicativo do *WhatsApp*. Como o TCLE é "um instrumento que formaliza o processo pelo qual o sujeito é informado amplamente sobre a investigação" (Lodenir KARNOPP, 2017, p. 214), além do consentimento impresso em Língua Portuguesa, foi enviado um *link* da gravação de um vídeo no qual as pessoas surdas coautoras da Tese tiveram acesso ao TCLE[56] e a Autorização de uso de Imagem[57] para assisti-lo também em Libras, pois como frisa Karnopp,

> [...] a pessoa convidada a participar da pesquisa precisa ter a compreensão clara acerca da mesma e a oportunidade de decidir livremente sobre a sua participação. Nesse sentido, o processo para a obtenção do consentimento deve envolver tradução linguística e cultural, confiança, respeito, diálogo, paciência e persistência na relação pesquisador-sujeito (KARNOPP, 2017, p. 214).

---

[55] O projeto desta pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, sob o número 5.703.864, com parecer de aprovação datado de 17 de outubro de 2022.

[56] Vídeo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, em Libras: https://www.youtube.com/watch?v=4sS1NnzKI-Y.

[57] Vídeo da Autorização de uso de Imagem, voz e respectiva cessão de direitos (Lei nº 9.610/98) em livras: https://youtu.be/gokZBsDoBW8.

Para facilitar a localização e o acompanhamento das pessoas surdas coautoras da Tese, no momento da leitura e da interpretação da gravação do documento, foi acrescido no canto do vídeo, em formato de caixa de texto, a numeração e o título do item que estava sendo traduzido no documento. Posteriormente, foi solicitado que cada uma das pessoas surdas não residentes na cidade, me retornassem com a documentação devidamente assinada, fotografando todo documento e que suas imagens fossem enviadas pelo aplicativo do *WhatsApp*.

Como as línguas de sinais são designadas línguas de modalidade gestual-visual (Ronice QUADROS; KARNOPP, 2004), foi imprescindível ter um lugar para armazenamento de todos os vídeos produzido durante a Tese. Por esse motivo, adquiri uma assinatura mensal do provedor *Google*, não somente, para ampliar meu espaço de armazenamento no *Drive* e na plataforma do *YouTube* para guardar os vídeos das conversas gravadas, um glossário contendo o sinal do pesquisador, sinais dos entrevistados, resumo da Tese, sinais específicos da Comunidade LGBTI+ e os arquivos de textos – TCLE, tabelas com as temáticas para as entrevistas e as transcrições das conversas da Língua Brasileira de Sinais para a Língua Portuguesa –, mas para possibilitar pela plataforma *Google Meet* uma comunicação de vídeo chamada ilimitada, pois, a maiorias dessas plataformas de comunicação possui limite de tempo para ficar conectado de forma síncrona.

As conversas foram realizadas tanto de forma remota, quanto de forma presencial, de acordo com as possibilidades de encontros. Para gravar nossos encontros remotos, optei por utilizar o programa *OBS Studio* no modo gravação de tela cheia, por ser um programa gratuito e de fácil manuseio para, posteriormente, realizar a edição dos vídeos. É importante sublinhar, que todas as pessoas do coletivo de coautores da Tese assinalaram no TCLE que aceitavam o uso do nome verdadeiro e que os vídeos referentes às nossas conversas fossem postados para aprovação e futuras consultas na elaboração da pesquisa, no canal do *YouTube*, no modo “Não Listado”[58]. Todas as conversas realizadas, tanto de forma remota quanto as presenciais, totalizaram quase 13h de gravação.

As pessoas surdas LGBTI+, coautoras que se propuseram a compor a construção dessa Tese, são: **Daniel Gonçalves OREQUES**; **Daniel Lopes FARIAS**; **Guilherme de Souza DOMINGUES**; **Jéssica BARBOSA**; **Lauren Silveira FARIAS**;

[58] Segundo informações do canal do *YouTube*, os vídeos disponibilizados nessa condição só poderão ser acessados por pessoas que tiverem o *link*.

Nícolas BRAHM; **Rodrigo Pereira LIMA**; **Simone Costa de MOURA**[59]. Sendo que Nícolas Brahm é homem-trans, Jéssica Barbosa e Lauren Farias são lésbicas. Simone Moura é bissexual. Rodrigo Lima, Daniel Oreques, Daniel Farias e Guilherme Domingues, são gays[60]. Por questões de ética e privacidade, devido a uma única pessoa surda LGBTI+ que não fazia parte do coletivo dos coautores da Tese, ter sido mencionada por uma das coautoras, utilizei o nome fictício de "Girassol" em substituição ao seu nome verdadeiro.

Inicialmente, eu pretendia realizar uma entrevista utilizando-me da modalidade "entrevista com pauta", seguindo um roteiro, disponível no Apêndice C, elaborado com base nos objetivos da Tese e que me daria mais flexibilidade no momento da entrevista. Como se refere Antonio GIL (2021, p. 129), "esta modalidade de entrevista também, pode, de certa forma ser considerada semiestruturada. [...] O entrevistador dispõe apenas de uma pauta, ou seja, uma enumeração de assunto a serem abordados". A intenção metodológica era proporcionar um momento em que as entrevistas possibilitassem a visibilidade das lutas como cocriações (SANTOS, 2019, p. 75). Para isso, foi elaborado um roteiro/tabela, denominada *Tabela roteiro para as conversas* – Apêndice C*,* contendo quatro eixos temáticos como aporte: Introdução/Apresentação; Sobre ser surdo e LGBTI+; O Saber ser surdo e o reconhecimento de uma outra identidade e Trânsito: Família/Escola/Associação.

Na primeira entrevista realizada, tomei a liberdade de enviar pelo aplicativo do *WhatsApp* um resumo da tabela em arquivo *pdf,* denominada *Resumo das Temáticas para as Conversas*, disponível no Apêndice D, para que a pessoa surda se inteirasse, antecipadamente, sobre as temáticas que eu iria abordar durante a nossa entrevista. Porém, isso não surtiu resultados favoráveis ao que eu esperava, pois a pessoa acabou trazendo para o dia de nosso encontro, toda sua fala já estruturada e transcrita para o Português em folhas de ofício. Isso acabou enrijecendo nossa conversa. A entrevista ficou parecendo um momento pré-ensaiado: a pessoa surda já sabia de

[59] Grifo nosso.

[60] Nícolas Brahm faz o Curso de Graduação em Letras/Libras – EAD pela UNIASSELVI; Jéssica Barbosa trabalha numa farmácia na cidade; Lauren Farias faz o Curso de Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel; Simone de Moura, recentemente mãe de uma menina, no momento não tem trabalho fixo e nem estuda; Rodrigo Lima faz o Curso de Graduação em Letras Libras – EAD na Universidade Federal de Santa Catariana – UFSC e trabalha como professor de Libras na Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS de Porto Alegre; Daniel Oreques faz o Curso de Química no Instituto Federal Sul-rio-grandense – IFSul – Campus/Pelotas; Daniel Farias faz Especialização em Letras/Libras no Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC; Guilherme Domingues faz o Curso de Graduação em Letras/Libras – EAD pela Estácio de Sá.

antemão o que eu ia perguntar e também o que ia responder. Por esse motivo, a estratégia metodológica “entrevista com pauta” escolhida, não foi satisfatória, ou melhor, não foi apropriada pois, impossibilitou dialogar a partir do próprio encontro, “pensar a impossibilidade possível constitutiva do próprio acontecimento” (Tiago RIBEIRO; Rafael de SOUZA, 2018, p. 33).

Foi nesse momento que compreendi que a metodologia utilizada não era pertinente para construir uma pesquisa coletiva com a Comunidade Surda LGBTI+. Percebi que tanto eu como as pessoas surdas, nos encontrávamos fortemente impregnados por resquícios acadêmicos que se pautam em uma relação sujeito-pesquisador/sujeito-objeto, talvez advinda da participação histórica da Comunidade Surda em pesquisas que, anteriormente, utilizavam-se dessa modalidade na área de Educação de Surdos. Porém, a intenção do uso da estratégia de envio da pauta tinha como objetivo tranquilizar e informar os coautores sobre o que seria tratado nos encontros. Mas durante a tentativa da realização da conversa, ambos ficamos preso à pauta, que não suscitou a abertura do diálogo.

Em vista disso, nos próximos encontros resolvi não enviar o resumo das temáticas para as outras pessoas coautoras da pesquisa e manter a pauta apenas como um sinalizador de possíveis questões interessantes para a pesquisa. Nesse contratempo, busquei mais referências como aporte para viabilizar uma entrevista mais fluida. A Conversa como Metodologia de Pesquisa se apresentou mais pertinente à perspectiva decolonial, principalmente, porque ela “tem a ver com a disponibilidade e a escuta” (RIBEIRO; SOUZA; Carmen SAMPAIO, 2018, p. 165), com movimentos circulares viáveis, rizomáticos e bastante imprevisíveis para ambos, levando-me a acreditar que

> [...] nunca se sabe aonde uma conversa pode levar... uma conversa não é algo que se faça, mas algo no que se entra... e, ao entrar nela, pode-se ir aonde não havia sido previsto... e essa é a maravilha da conversa... que, nela, pode-se chegar a dizer o que não queria dizer, o que não sabia dizer, o que não podia dizer... (Jorge LARROSA, 2003, p. 212).

Como todas as conversas se realizaram na Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, a qual se estabelece dentro de um espaço-visual para sua execução e desenvolvimento da comunicação, pois “as sentenças ocorrem dentro de um espaço definido, na frente do corpo, em uma área limitada pelo topo da cabeça e que se estende até os quadris” (QUADROS, 1997, p. 49), existiu toda uma preocupação e

organização na estrutura do ambiente nas conversas realizadas remotamente e presenciais. Diante disso, é essencial salientar que, para a realização de qualquer pesquisa que foque o campo dos Estudos Surdos, o pesquisador

> [...] não podem ignorar documentos internacionais, tais como da Federação Mundial de Surdos, que tratam, entre outras coisas, dos direitos linguísticos e educacionais de surdos, do direito ao uso da língua de sinais, de intérpretes de língua de sinais, de educação bilíngue e recursos de acessibilidade. [...] que desconsiderem as especificidades linguísticas e culturais de populações surdas podem certamente se tornar eticamente ultrajantes na ausência de vigilância adequada e de reconhecimento contínuo da necessidade de mediação linguística e cultural nos processos de desenvolvimento de pesquisas (KARNOPP, 2017, p. 212).

Dos oito coautores da Tese, para somente três pessoas surdas LGBTI+, a realização da nossa conversa sucedeu-se de forma remota, em decorrência de não mais residirem na cidade de Pelotas/RS. O horário escolhido por essas pessoas surdas para os três encontros síncronos foi o turno da noite, pois algumas delas trabalhavam durante o dia. Mesmo o encontro tendo ocorrido remotamente, saliento alguns cuidados que tive no ambiente onde me encontrava no momento das nossas conversas síncronas, a fim de evitar que o espaço-visual na execução e desenvolvimento da nossa comunicação ficasse com um visual saturado e que provocasse, de alguma forma, a desconcentração ou dispersão do olhar no momento da sinalização, tendo o cuidado de não ultrapassar a área limite máxima do campo visual de sinalização para a captura e gravação de todos os sinais – "área que contém todos os pontos dentro do raio de alcance das mãos em que os sinais são articulados" – (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 57). Para isso, utilizei: 1º) roupa preta; 2º) pano verde ao fundo como *chroma key*; 3º) boa iluminação: três luminárias – uma no centro da sala e duas voltadas para mim.

Cabe aqui salientar que a Comunidade Surda, no período da pandemia da Covid-19[61], proporcionou e participou de muitos encontros e discussões remotas

[61] O site do Ministério da Saúde do Governo Federal, informa que: "A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. O SARS-CoV-2 é um betacoronavírus descoberto em amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019. Pertence ao subgênero Sarbecovírus da família Coronaviridae e é o sétimo coronavírus conhecido a infectar seres humanos. Os coronavírus são uma grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo o homem, camelos, gado, gatos e morcegos. Raramente os coronavírus de animais podem

públicas. Algumas dessas *lives* públicas foram com as pessoas surdas LGBTI+ coautoras dessa Tese falando de temáticas como sexualidade, gênero, transfeminismo, LGBTIfobia e racismo, entre outros. Esses encontros remotos foram aproveitados como disparadores de conversa no intuito de explorar as temáticas mencionadas nessas *lives*. Porém, não foram utilizadas com todas as pessoas, pois dependia muito do fluxo, do caminho que a conversa percorria, não era um material cuja utilização era imposta, foi apenas um complemento, principalmente para aquelas pessoas do coletivo da Tese que participaram dessas *lives*. Esses vídeos, produzidos por algumas redes sociais, foram acessados por meio do meu *notebook*, que levei a todos nossos encontros.

A partir do segundo encontro, como mencionado anteriormente, utilizei a Conversa como Metodologia de Pesquisa e pude perceber que, tanto eu como a pessoa surda LGBTI+, nos encontrávamos mais à vontade para conversar, sem estarmos presos a um roteiro. Os cinco encontros presenciais aconteceram na escola de surdos da cidade. A princípio, esperava conseguir um local mais acolhedor, porém foi inviável naquele momento pós pandêmico. Mas, ao mesmo tempo, a escola de surdo é referência para a Comunidade Surda – é praticamente considerada a segunda casa para ela.

Os encontros aconteceram no final do ano letivo, durante o período de férias, entre dezembro/2022 e fevereiro de 2023. No entanto, tentei fazer da sala de reuniões da escola um ambiente acolhedor. Para isso, uma semana antes do primeiro encontro presencial, fui até a escola para organizar e deixar o local mais aconchegante. Inclusive, organizei um espaço para um *coffee break* entre uma conversa e outra. A princípio, cheguei a pensar em fazer os encontros nas casas das pessoas surdas ou em outros locais públicos, porém, provavelmente poderia ter interferência visual por parte dos familiares, por “ruídos” visuais em locais públicos e também gerar algum tipo de constrangimento nas falas das pessoas surdas LGBTI+.

Por esse motivo, escolhi um lugar mais calmo, bem iluminado e que possibilitasse a ambientalização técnica para as filmagens das conversas. A parte técnica responsável pela gravação ficou a cargo de uma terceira pessoa ouvinte com a função de auxiliar de filmagem de minha confiança e conhecida pela Comunidade

---

infectar pessoas e depois se espalhar entre seres humanos como já ocorreu com o MERS-CoV e o SARS-CoV-2. Disponível em: https://covid.saude.gov.br/. Acesso em: 11 jul. 2023.

Surda, a qual aprovou sua permanência no ambiente. Nesse momento, é importante a presença do apoio técnico, em virtude da modalidade linguística em que se estabelece a conversa, visto que ficamos impossibilitados em nos ocuparmos com essas questões no momento em que o foco deve estar na conversa propriamente dita. Torna-se imprescindível, não somente reparar se todos os equipamentos estão funcionando corretamente, mas também preocupar-se no enquadramento da pessoa LGBTI+ que está sendo filmada, devido a uma conduta ética e respeitosa à sua cultura, à sua língua e às suas narrativas que, posteriormente, foram necessárias para a transcrição da Língua de Sinais para o português escrito.

Assim como nas conversas remotas, como para as presenciais, tive o cuidado de estar utilizando roupa escura, sem nenhum detalhe que chamasse a atenção no momento da sinalização. Isso também foi solicitado para a pessoa que auxiliou nas filmagens. Usei dois celulares com suas memórias zeradas fixados em tripés. Como equipamento de reserva tinha um outro celular e uma máquina fotográfica digital. Foi aconselhado ao responsável técnico que se mantivesse sentado entre os dois tripés para acompanhar a execução e o andamento técnico das gravações e, caso precisasse se deslocar o fizesse de maneira a não realizar movimentos bruscos. Apesar de ter se tomado todo o cuidado para evitar interrupções durante o transcorrer das conversas, ocorreu apenas um único fato alheio a nossa vontade quando fomos interrompidos por outra pessoa surda cishétero que, no momento da realização da conversa, solicitou a presença do coautor surdo LGBTI+ da Tese para que o acompanhasse até a Associação para resolver um problema. Essa interrupção demorou por volta de 1h30min. Logo após esse imprevisto, iniciamos a retomada da conversa.

Com base no *layout* demonstrado por Carolina FORMAGIO e Cristina LACERDA (2016, p. 200), utilizado pelas autoras para as filmagens durante suas pesquisas com a Comunidade Surda, uma vez que, consideram que as gravações desses encontros são necessárias “como procedimento porque se configura como ideal para registro de uma língua de modalidade visuogestual, além de permitir a observação dos acontecimentos de interesse em seu processo” (FORMAGIO; LACERDA, 2016, p. 199), apresento abaixo (Figura 1) a distribuição e a organização do ambiente realizado no momento dos encontros para as conversas remotas e presenciais com a Comunidade Surda LGBTI+ em que sistematizo os espaços

ocupados pelo pesquisador, pelos coautores, pelas câmeras e pelo auxiliar de filmagem para a construção coletiva da Tese.

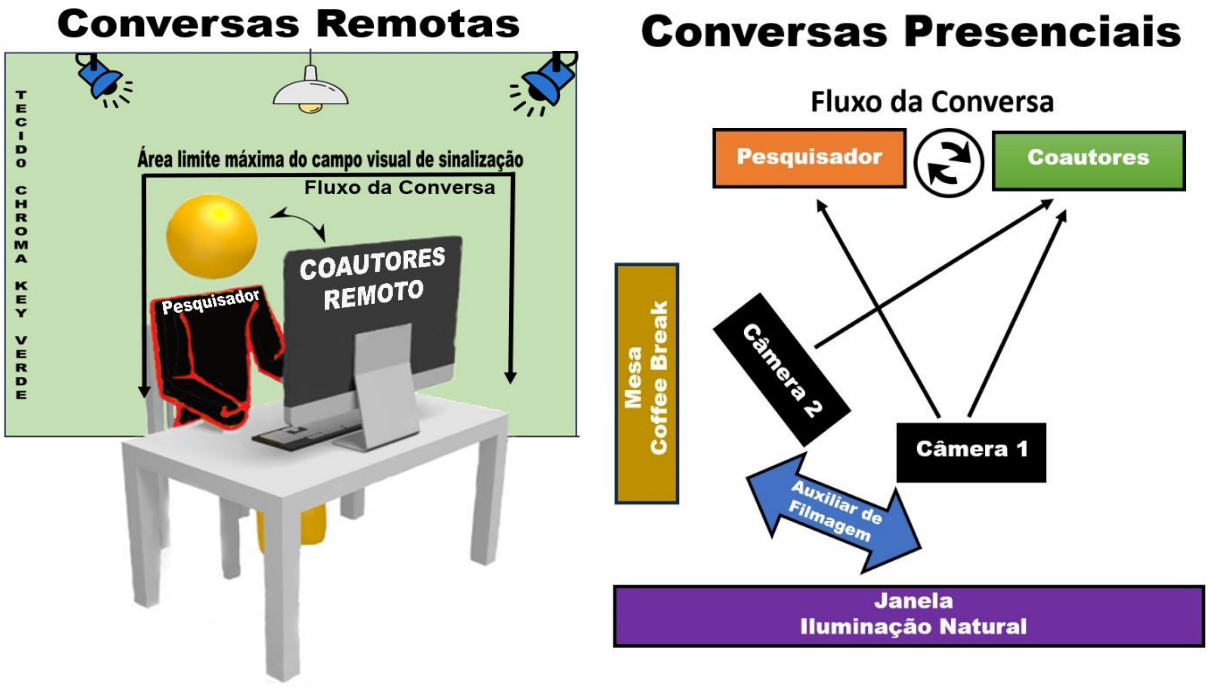


Figura 1: *Layout* do ambiente remoto e presencial das conversas com as pessoas surdas LGBTI+ coautoras da Tese.
Fonte: Elaborado pelo autor.

Os textos referentes às transcrições dos vídeos das conversas com os coautores da Tese são apresentados com pequenas alterações de formatação que os diferenciam do restante da escrita, dada a relevância dos coautores como protagonistas. Essas transcrições estão, muitas vezes, apresentadas e formatadas como parágrafos e em itálico. E em todas as transcrições evidenciadas há a existência de uma marcação de tempo/localizador em relação ao vídeo gravado, representada entre parênteses, respectivamente, em horas, minutos, segundos. No entanto, a marcação temporal no decorrer da Tese pode, em alguns momentos, não ser sequencial, uma vez que, as conversas foram fluídas, imprevisíveis, tecidas e motivadas pelos acontecimentos, os quais, para apresentação e análise, foram aproximados e agrupados.

Inicialmente, as transcrições da Língua Brasileira de Sinais para a Língua Portuguesa seriam realizadas pelo pesquisador. Mas, devido ao atraso na realização dos encontros com as pessoas surdas LGBTI+, principalmente, em virtude da

pandemia, e por considerar que realizar quase 13 horas de transcrição demandaria um tempo bem maior e inviável no momento, ponderei que seria melhor contratar uma profissional Tradutora Intérprete da Língua de Sinais[62] para realizar a transcrição das oito conversas que se realizaram nessa Tese. Com todas as transcrições em mãos, reorganizei, pautado nessas conversas, uma tabela denominada de *Tabela de conversas parciais agrupadas por temáticas*, disponível no Apêndice E, onde selecionei apenas narrativas dos coautores que contemplavam os quatro eixos temáticos, anteriormente citados, que alavancaram e incitaram todo o trânsito das conversas realizadas.

Na sequência, tanto eu – no momento da seleção das narrativas a serem trazidas para o texto da Tese –, quanto a profissional TILS – quando da realização das transcrições –, convencionamos codificações que auxiliam na sua localização do conjunto das imagens registradas em vídeo e das páginas transcritas para o português. No Quadro 1, estas codificações e legendas estão explicitadas:

CODIFICAÇÃO	LEGENDA
[...]	Sinal utilizado para suprimir trechos das narrativas.
(...)	Sinal convencionado para intercalações de tempo pela TILS.
(horas, minutos, segundos)	Convenção de fração temporal do vídeo utilizado pela TILS com marcação de minuto em minuto para realizar a transcrição da Língua de Sinais para a Língua Portuguesa escrita.

Quadro 1: Codificações utilizadas para suprimir narrativas do texto dos coautores e sinais convencionados pela TILS.
Fonte: Elaborado pelo autor.

Retomando a descrição dos encontros com os coautores desta Tese, iniciei a caminhada sem ter um roteiro fixo para seguir, tendo a Conversa como Metodologia

[62] A transcrição foi realizada pela Joseane Maciel VIANA, Mestre em Letras, Tradutora Intérprete de Libras e Português da Universidade Federal de Pelotas/RS. A escrita da Libras para a Língua Portuguesa, não passou por revisão ortográfica e sintática, pois foi respeitada a particularidade da transcrição realizada pela profissional.

de Pesquisa, a qual possibilitou-me a mergulhar em um “desafio instigante e provocativo que, no encontro *com* o outro, provoca-nos a viver a experiência da alteridade: pensar(se) *com* o outro” (SAMPAIO; RIBEIRO; SOUZA, 2018, p. 35). Por isso, permiti jogar-me ao mar, munido de redes de “experiências-com” (SANTOS, 2019) tanto minhas, como professor e militante LGBTI+, quanto do coletivo de pessoas surdas LGBTI+ que aceitaram construir essa Tese comigo. Tive medo de me afogar! Criei coragem e me desprendi de qualquer tipo de roteiro. Pois, o pressentimento de estar totalmente imerso na luta contra a hegemonia, a LGBTIfobia, o antirracismo, o anticapacitismo, mesmo em uma comunidade que se difere cultural, identitária e linguisticamente às experiências ouvintes, ainda temos traços, fendas e marcas que nos aproximam nas relações, nas traduções interculturais (Homi BHABHA, 2013) e nas reflexões advindas dos conhecimentos produzidos na luta.

> Os conhecimentos nascidos na luta são o reflexo da ação e, ao mesmo tempo, constituem uma reflexão sobre a própria ação. Entre muitas outras facetas, esse reflexo-com-reflexão torna possível uma visão complexa do presente histórico da qual surge uma compreensão mais profunda do estado presente de uma dada luta. Um presente reflexivo é um triplo presente: o passado-enquanto-presente, o presente-enquanto-tarefa e o futuro-enquanto-presente (SANTOS, 2019, p. 195).

Dessa forma, nos narramos, um ao outro. Nos entrecruzamos no decorrer da Tese. Mesmo que por diferentes experiências – de ouvintes, de surdes – nossas memórias, mobilizações e afetos conversam entre si. Somos cúmplices, ou melhor, somos íntimos, nos despimos. Talvez para mim, calejado, tenha sido mais fácil. Ninguém chorou. Só rimos, ainda bem! Porque somos vitoriosos, “RExistência”!

Não ouve negociação. Simplesmente conversamos. Às vezes, enrijecidos cientificamente. Mas, escapávamos. Porque são frutos de “experiências-com”, ou melhor, de compartilhamentos nos quais o “conhecimento científico pós-abissal é sempre coconhecimento que surge de processos de *conhecer-com* em vez de *conhecer-sobre*” (SANTOS, 2019, p. 216), desobedientes, e nada nos assombrava. Não foi preciso me preocupar em tentar conduzir a conversa, porque ela não tem dono e não é um acessório individual de ninguém. A conversa é coletiva, compartilhada e, especialmente a nossa, transgressora. Entretanto, uma “conversa-com” que se permita não “chegar a um consenso, a uma verdade, a uma solução, mas, antes, ao necessário movimento do pensamento, à inquietude do pensar, ao deslimite da pergunta” (RIBEIRO; SOUZA; SAMPAIO, 2018, p. 175). Cada corpo-surdo-LGBTI+

que construiu a escrita da Tese, mesmo que em tempos diferentes, transitou por espaços comuns de luta. Suas narrativas, reproduzem e demonstram os percursos históricos interseccionados por diversas marcas que compõem e potencializam suas lutas.

Nesse sentido, trago na Tese, nós! Lado a lado, em "escrevivências[63]" de experiências marginalizadas em diferentes espaços sociais. Todavia, é importante ressaltar que as discussões e análises apresentadas na Tese são extremamente focadas no cistema-heterossexista/capacitista opressor, que metodicamente, vulnerabiliza e minoriza as pessoas de forma cruel e discriminatória. A Tese não se abstém a analisar comportamentos das pessoas surdas LGBTI+, mas o quanto essas formas de opressão e dominação sistemática podem afetar negativamente a vida das pessoas e restringir suas oportunidades de "Bem Viver".

Portanto, as discussões e análises se desenvolveram durante todo o processo da pesquisa, não somente nos momentos pós-conversas, mas com a participação ativa das pessoas surdas coautoras, com o cuidado e vigilância constante como pesquisador artesão (SANTOS, 2019), em todo o desencadear da Tese. Esse processo está sistematizado no Quadro 2 a seguir:

Percursos de "conhecimentos-na-luta"	
Percurso 1	Acompanhamento de *Lives* das pessoas surdas LGBTI+: período: 2020/2021.
Percurso 2	Criação do Coletivo Surdes LGBTI+ Região Sul no *WhatsApp*. Data: 01/06/2022.
Percurso 3	Ingresso no Conselho Municipal dos Direitos e Cidadania LGBTI+. Gestão: 2022/2023.
Percurso 4	Ingresso na organização da Parada da Diversidade de 2022 e 2023.
Percurso 5	Ofício de apoio a implementação da Central de Intérprete pelo Conselho Municipal dos Direitos e cidadania LGBTI+.
Percurso 6	Elaboração do Edital em Libras para ingresso a vagas remanescentes no Conselho Municipal dos Direitos e Cidadania LGBTI+.
Percurso 7	Parada da Diversidade 2022 com Tradutores Intérpretes de Libras.
Percurso 8	Convite para as conversas.
Percurso 9	Elaboração de temáticas para as conversas.

[63] Recorro e peço licença para utilizar este conceito criado em 1987 pela escritora Conceição EVARISTO no intuito de traduzir a escrita feminina negra em relação à sua vivência subalterna e marginalizada, por entender que essas marcas identitárias se interseccionam e se expressam através das narrativas transcritas das experiencias trazidas para a Tese pelas pessoas surdas subalternas/ coautoras.

Percurso 10	Realização das conversas.
Percurso 11	Transcrição da Libras para Língua Portuguesa pela TILS.
Percurso 12	Sistematização por temas comentados nas conversas.
Percurso 13	Cruzamento dos temas abordados nas conversas com as pessoas surdas LGBTI+ com o referencial teórico – sistematização da escrita.
Percurso 14	Tentativas da participação de Tradutores e Intérpretes de Libras na organização da Parada da Diversidade 2023 e do Coletivo Surdes LGBTI+ Região Sul.

Quadro 2: Percursos de “conhecimentos-na-luta”.
Fonte: Elaborado pelo autor.

Em todo o percurso decorrido durante a construção da pesquisa, realizei o exercício de amalgamar minha própria história e minhas experiências sobre os impactos do racismo e do sexismo estrutural que me acompanham desde minha infância. Acrescento a história sobre minha sexualidade com as “escrevivências” interseccionadas trazidas, não somente pelas 13 horas de conversas que mantive com as pessoas surdas LGBTI+ e ao longo de 23 anos de convivência com a Comunidade Surda, mas também pela produção de “conhecer-com” embasado pela perspectiva das Epistemologias do Sul (SANTOS, 2019), de pesquisas na área da Educação de Surdos e das teorias transfeministas. Desse modo, pretendo reconhecer e demonstrar a necessidade de realizarmos um giro decolonial ao sul, com o intuito de desconstruir, discutir e partilhar outras produções de conhecimentos e exercitar uma atitude de desprendimento à forma opressora que o cistema-heterossexista/capacitista nos aprisiona.

A seguir, busco, resumidamente, trilhar pelas implicações e heranças impetradas pelo cistema-heterossexista/capacitista à sexualidade de corpos divergentes, principalmente, a corpos *discapacitados*. E, por esse motivo, condenados a coabitarem, por décadas, zonas abissais, as quais também se constituíram e se perpetuaram tanto na práxis quanto na teoria.

3 A construção social compartilhada do corpo com deficiência

3.1 O trânsito do corpo extraordinário numa sociedade *discapacitada*

Desde a formação da civilização a vida humana tem perpassado por incontáveis indagações e inquietações, perpetuadas de geração em geração pela sua complexidade ontológica de si mesmo, de sua existência, no resguardo da sua estirpe e organização social. A cartografia do corpo e da mente, são constantemente desenhadas e redesenhadas. *Grietas* e fissuras fluem teimosamente na contramão de discursos tracejados pelas perspectivas hegemônicas e diversas de ideologias advindas da representação, do sentido e da produção do que se deseja designar por natural, fantasioso, religioso, cultural, social, político, científico etc. e, consequentemente, com "sua ligação com o desejo e com o poder" (Michel FOUCAULT, 2014, p. 9-10).

No corpo humano não existe nada de abstrato e nem de imaginário. Tudo é pura materialidade, porém nada é fixo e imutável. O que se abstrai e se imagina sobre a corporificação *discapacitada* está produzida fortemente pelas representações políticas, sociais, culturais e tecnológicas que se fazem dela. E, é nesses pormenores que os seres humanos deveriam se desprender da selvageria e da irracionalidade ao serem comparados à natureza animal. Se recorrermos à perspectiva da Antropologia[64] para diferenciar humanidade de animalidade, além das indagações e estudos científicos paralelos sobre suas maturações biológicas, singularidades e estreitas intersecções possíveis sobre suas origens, seguramente, outras importantes peculiaridades sobressaem e denotam as discrepâncias e o distanciamento entre esses dois universos, tais como: o pertencimento dos seres humanos à linguagem, à razão, ao intelecto e à consciência moral – discursos notadamente ligados à racionalidade moderna ocidental.

Talvez, em algum desses últimos atributos resida uma das maiores fraquezas do indivíduo. Contudo, segundo Donna HARAWAY (2009, p. 40), as demarcações

[64] Demarcada em seu pertencimento como campo científico, Ciência Moderna.

entre o humano e o animal estão plenamente transpassadas “Caíram as últimas fortalezas da defesa do privilégio da singularidade [humana] – a linguagem, o uso de instrumentos, o comportamento social, os eventos mentais; nada disso estabelece, realmente, de forma convincente, a separação entre o humano e o animal”.

A História da Humanidade retrata o corpo através dos séculos atribuindo-lhe inúmeros significados, os quais deixaram e deixam rastros históricos de total incapacidade para lidar com as suas próprias especificidades e, principalmente, com as diferenças do Outro. Um corpo como entidade cultural humano extremamente demarcado no tempo, ora como matéria sacralizada, demoníaca, como de consumo, de mercadoria, ora como potência tecnológica, racializado, politizado etc.

Assumir-se em qualquer que seja a circunstância e condição, perante a perspectiva capitalista, a qual inventa esses corpos úteis e dóceis para atender unicamente uma lógica produtivista, nunca foi algo tão fácil, pois ao mesmo tempo em que pode ser algo incontrolável e desafiador, em outros momentos torna-se atitudes internalizadas e naturais. É nesse sentimento de desprender-se e de libertar-se que se encontra a matriz provocadora de desacordos possíveis e imaginários para justificar e fomentar certas práticas históricas vivenciadas até hoje, as quais são atribuídas, não como especificidades, mas como um mecanismo de poder muito mais intenso e capilar. Michel Foucault aponta em uma de suas obras que “o poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo [...] a impressão de que o poder vacila é falsa, porque ele pode recuar, se deslocar, investir em outros lugares... e a batalha continua (FOUCAULT, 2018, p. 235).

Desta forma, nos desdobramentos da história humana, também o espectro corpo deixou de ser, muitas vezes, o que ele realmente queria ser, sendo taticamente manobrado pelas próprias “tecnologias políticas do corpo” e, consequentemente, pelas práticas de governamentalidade[65]. Diante do pensamento simbólico que se faz desse corpo, da sua representação e subjetividade, desprende-se uma constante fuga perante as marcas que essas práticas de biopoder atribuem a ele, de modo que o

[65] “O conceito de governamentalidade denominado por Michel Foucault, numa perspectiva mais ampla, caracteriza as artes de governar. Essa arte, abarcaria o estudo do governo de si (ética), o governo dos outros (as formas políticas da governamentalidade) e as relações entre o governo de si e o governo dos outros. Nesse cenário, estariam incluídos: o cuidado de si, as diferentes formas de ascese, o poder pastoral, as disciplinas, a biopolítica, a polícia, a razão de Estado, o liberalismo. Em suma, seria um conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer essa forma de exercício do poder que tem, por objetivo principal, a população; por forma central, a economia política; e, por instrumento técnico essencial, os dispositivos de segurança” (Edgardo CASTRO, 2016, p. 190-191).

“signo corporal artificial só impõe um sentido quando há transformação da relação do corpo com a do grupo (‘o corpo comunitário’)” (José GIL, 1997, p. 54).

No entanto, as contínuas tentativas milenares que se perpetuaram para o controle do escape desses corpos materializados individualmente, em que seus sentidos são puramente sociais, denunciando o domínio, a rejeição e a negação destes como uma imposição social e, por conseguinte, suas visibilidades e estranhamentos que imprimiram e imprimem na sociedade, práticas de “assujeitamentos” e de “disciplinamentos” (FOUCAULT, 2008, p. 150) são, estrategicamente, construídos, perante a inépcia dos seres humanos conceberem e conviverem com suas diferenças, tanto as físicas, quanto os discernimentos sobre elas.

Para tanto, a norma e, subjacentemente, a ideia do corpo normal, é consolidada nas vivências e nos processos sociais dos seres humanos, de forma a prescindir e reger sua subsistência, e desta maneira, estabelecer critérios e modelos representativos para se relacionar e viver. Como analisa Lennard DAVIS (2006, p. 3), os indivíduos carecem, amparados por uma ânsia constante, de se autocomparar com os outros. E que a concepção de norma não é tanto uma circunstância do universo humano, mas de uma particularidade de um tipo de sociedade.

A norma e a forma como são concebidas e criadas – para diferenciar, discriminar, categorizar etc. –, tornam-se parâmetros que passam a constituir, reger e, principalmente, a problematizar constantemente a vida do Outro, enquadrando a maioria da população, de alguma forma, num movimento de normatização de corpos e pessoas.

Geridas e referenciadas pela Estatística, em meados do séc. XIX, as curvas suspendidas por retas perpendiculares ostentavam gráficos que oficializavam a definição do conceito de média. Posteriormente, esses esquemas foram denominados pelo primo de Charles DARWIN, o biólogo, geógrafo e estatístico britânico Francis GALTON, de curvas de “distribuição normal”[66] (Lennard Davis, 2006, p. 7).

A aplicabilidade do pensamento estatístico teve uma aproximação significativa na área da saúde pública, principalmente, na França desse período, em que umas das

[66] “Galton projetou um curioso aparelho experimental conhecido como ‘quincunx’ ou também ‘Galton’s board’ (placa ou jogo de Galton). Essa máquina era um engenhoso modelo físico da teoria dos erros, a qual ele acreditava ser aplicável a muitos fenômenos no campo da Biologia e da Física”. (Ricardo R. P. TEIXEIRA; Riama G. PEREIRA; Margareth Y. TAKEUCHI, 2008, p. 343). Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/issue/view/1159. Acesso em: 17 de fev. 2021.

grandes motivações para sua utilização foi a conexão entre corpo e indústria. Esses pensadores estatísticos ou eram industriários ou mantinham um elo estreito com a indústria.

A curva de “distribuição normal” propunha-se demostrar, validar e legitimar – utilizando-se da materialização dessas linhas – um conceito de perfeição humana, mais tarde alcunhada de eugenia pelo mesmo autor. Que não só cunhou a ideia e as premissas de seu primo Darwin, a qual baseava-se na noção da vantagem evolutiva que estabelecia as bases para a eugenia, como também contribuiu na aproximação da normalidade à fronteira do discurso político e cultural, mas que preconizava a qualquer pessoa que não se enquadrasse nesse padrão a coabitar uma zona de desvio, dessa forma contrariando expressivamente a construção da perspectiva dominante e hegemônica entre o corpo e a pessoa humana idealizada.

Lilia LOBO (2015), em seu estudo sobre os infames na história no Brasil, corrobora com esta discussão ao argumentar que:

> A tese principal de Galton era a determinação hereditária não só dos traços físicos como das capacidades mentais, mediante estudos estatísticos e genealógicos, com isso podendo intervir na evolução humana a fim de aperfeiçoar a espécie pela seleção dos cruzamentos. [...] Preocupado com a determinação das diferenças individuais, inaugurou a detecção dos anormais, adotando como norma os padrões estatísticos de distribuição. A partir de 1880, a eugenia se transformou em movimento social e científico, com a fundação de muitas sociedades em países como a Alemanha, a Inglaterra e os Estados Unidos e com a realização de vários congressos internacionais (LOBO, 2015, p. 105).

Perseguia-se em vista disso, a ideia de um tipo de ser, não somente de uma padronização calcada por uma corporalidade em série (pautadas por características físicas, genéticas e de saúde das pessoas, entre outras), mas por todo um comportamento moral impregnado de formalismos ideológicos normativos. Por conseguinte, a pessoa subalterna reenquadrava-se a uma categoria de desviante e por toda uma perspectiva biológica e de “degenerescência da espécie”. Deste modo, novos critérios e marcadores surgiram com o interesse no processo de disciplinamento físico, ou seja, uma biopolítica dos cidadãos e cidadãs compreendidos, agora, como fenômenos bizarros e repulsivos, os quais necessitavam de práticas restritivas de bioascese (Francisco ORTEGA, 2008). Porém, mesmo sendo considerados anormalidades da natureza ou advindos de castigos divinos, entende-se que “são defeitos de fabricação, já que, por causa de sua origem

embrionária congênita, não se tornam monstros – já nascem assim" (LOBO, 2015, p. 41).

Esses mecanismos de tensão e de conflitos articulam constantemente à vida e à existência desses corpos anormais que, de tempos em tempos, são instauradas e reenquadradas por outros tantos critérios os quais asseguram e perpetuam convicções e ações universais de quem deve viver ou não. As corporalidades e sua nudez performativa, sempre foram volúveis diante desses preceitos, principalmente, degeneradas perante os olhos da norma. Porém, "O universal, na verdade, nada explica; é o universal que precisa ser explicado" (DOEL, 2001, p. 98).

Nesse embate constante de princípios, o corpóreo dessas pessoas despudoradas – que não respondem à norma, também deixa de ocupar a mesma temporalidade e a mesma espacialidade. Cria-se no mapa da mesmidade, como refere-se Carlos Skliar (2003), apropriando-se do conceito explorado por Bhabha (1998), um outro lugar, um "*entrelugares*". Fronteiras e linhas periféricas que concretizam fisicamente e psicologicamente quem está incluído ou excluído da ideal centralidade cartográfica.

> A perda do mapa da mesmidade é, sobretudo, a perda da cópia de uma espacialidade habitual: a mesmidade ocupando o centro, correndo por suas fronteiras cada vez mais para fora e concentrando tudo e todos na periferia, nas bordas, naquilo que se supõe ser marginal, ser excluído, ser expulso (SKLIAR, 2003, p. 99).

Tornam-se não-lugares ininterruptamente vigiados, inspecionados, necessitados permanentemente de curas ou incuráveis, não são corpos éticos, muito menos ascéticos socialmente, eles não são e nem serão premiados com o direito do bem jurídico e o de gozar plenamente a vida. E assim, criam-se os corpos metamorfoseados, estranhas figuras exóticas nomeadas como monstros, fantásticos, teratológicos etc. que habitam esses não-lugares cujas fronteiras não devem jamais serem atravessadas. Não importa o que façam ou pensem, são corpos inúteis, vidas precárias, indesejadas, não públicas. Seu governamento corpóreo está compreendido e sacramentado por um saber/poder que estabeleceu, diante das circunstâncias e particularidades ontológicas, o momento em que recebeu o passaporte que os conduziu para o atravessamento dos portões e ao acesso à zona indesejada. Aliás, todos nós já nascemos com esse passaporte, contudo, aguardamos no transcorrer dos percalços da vida os mais diversos tipos de carimbos. As exóticas criaturas

passam a exercer um papel crucial representativo e orquestrado como deformidade, ou melhor, “uma folia do corpo, introduzindo, como oposição lógica, a crença na necessidade da existência da ‘normalidade’ humana, do corpo lógico” (Ieda TUCHERMAN, 2012, p. 101).

A estética do padrão reconfigura-se e propicia um suporte que valida um discurso que descreve, julga e produz a verdade sobre o Outro, as regras e os distanciamentos que se devem perseguir. A partir de então, firma-se e legisla-se com base nesses princípios ideológicos e hegemônicos a execução da forma de viver e de conviver entre os humanos. Paralelamente, instauram-se nessa ordem diversas interpelações plausíveis do discurso que irão interagir em várias áreas sociais, na produção do conhecimento, em medidas profiláticas e clínicas.

Um dos momentos mais impactantes que reafirmaram a soberania da imposição da lógica do corpo ideal descrita por Michel Foucault, foi, segundo o autor, a determinação do disciplinamento desses sujeitos que teimavam em desestabilizar a norma. A disciplina torna-se um instrumento perspicaz, útil e competente para o empoderamento da concepção da ideia do que é normal, encadeada pela tríade obediência/corpo/produção. Conforme Foucault,

> O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, como as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina (FOUCAULT, 2008, p. 119).

A hegemonia anatômico-política ainda opera e assina quais corpos deverão ter o consentimento e o poder sobre o domínio do Outro. Seus pilares normativos são constantemente reaproveitados, transmutam-se e adequam-se no intuito de proliferar e potencializar sua continuidade. Não importa o tempo nem o espaço, condiciona-se para serem acionados todos os dias e a qualquer momento. É um souvenir estratégico da norma.

Os corpos negociam e articulam modos de sobreviver e de reobter sua mobilidade política por entremeio desse mecanismo de forças, impondo-se, preponderantemente, mesmo que por detrás de um discurso uniforme que segrega, uma aliança que se opõe e vai na contramão de toda uma soberania que julga o que é norma e o que é ser normal. O corpo se submeterá a uma luta constante para não

ser mais encarado como uma matéria composta de carne e osso, “mas como construção simbólica que significa flutuar na estratosfera da análise do discurso e desconsiderar os materiais disponíveis mais cotidianos e tangíveis” (Suely MESSEDER, 2020, p. 159).

Os espaços da vulnerabilidade são reconfigurados e ressignificados nessa luta. O povo corporificado e suas marcas políticas passam a reivindicar um rompimento desse território fronteiriço. Não com uma ideia de construção de uma nova localidade possível, mas como corpos políticos ativos não estéreis, portanto, não vistos mais de modo abjetos e enunciados de zonas que tangenciam lugares sem lugar, porém “como um instrumento para fazer uma reivindicação política, mas deixar esse corpo, essa pluralidade de corpos, se tornar a precondição de todas as reivindicações políticas subsequentes” (Judith BUTLER, 2018, p. 198). Nesse sentido, é importante frisar que esses momentos reivindicatórios são necessários para operacionalizar tais mudanças, como a própria autora salienta

> Um movimento social é em si uma forma social, e quando um movimento social reivindica um novo modo de vida, uma forma de vida possível de ser vivida, então deve, no mesmo momento, representar os próprios princípios que busca realizar. Isso significa que, quando funciona, há uma representação performativa de democracia radical nesses movimentos que sozinha pode articular o que pode significar levar uma vida boa no sentido de uma vida possível de ser vivida (BUTLER, 2018, p. 238-239).

Mesmo que o mapeamento corporal social contemporâneo permita digerir um possível olhar e assimilamento de corpos monstros, essas representações performativas ainda transgridem o arregimentado consenso humano baseado no natural. Não há como negar que, durante o Século XX até o início do Século XXI, em determinados momentos e por inúmeros e incontestáveis motivos de resistências de lutas, diversos movimentos sociais, sejam locais, regionais, nacionais e internacionais, contribuíram consideravelmente para grandes mudanças. Sendo que essas transformações influenciaram a perceber e a reconhecer a necessidade de novos paradigmas e outras recodificações posturais e plurais diante dessas pessoas, as quais pleiteavam o direito de uma vida plena e reconhecimento social, tanto na medicina quanto na educação, no trabalho e na cultura, entre outros.

Notamos, atualmente, que esses movimentos nunca assumiram uma posição estanque frente aos retrocessos sociais, econômicos e políticos que a sociedade e, especificamente, o Brasil como um todo, ainda vivencia. Agregado a uma herança

colonial eurocêntrica e, por muitas vezes, excessivamente racista, misógina, capacitista e LGBTIfóbica[67], a qual só contribui para inferiorizar o país e arraigá-lo ainda mais aos antigos princípios retrógrados colonialistas do “Novo Mundo”, pois os colonizadores ao sentirem a riqueza da terra por entre os dedos dos pés, já sentenciavam por meio do exercício do poder de seus discursos as pessoas nativas como aberrações não-humanas, porém, as subalternidades dos indígenas não estavam somente contrárias às normas da corporeidade hegemônica europeia, mas também “em sua língua desprovida de sons, [...] à sua organização social, inteiramente faltosa das condições mínimas do humano: sem fé, sem lei e sem rei” (LOBO, 2015, p. 32).

Não apenas impetrou-se, de antemão, um discurso de degenerescência, bem como, nesse momento outorgou-se um agendamento para que surgisse uma geografia espacial e temporal para essas pessoas monstros, que não só seriam escravizadas por um longo período, mas viveriam num estado contínuo de opressão. Essa perspectiva já se anunciava na carta do escrivão Pero Vaz de Caminha ao monarca de Portugal da época D. Manuel I, datada de 1º de maio de 1500, em formato de um diário, que além de retratar a trajetória de navegação desde sua partida, localidade hoje conhecida como a freguesia de Belém em Lisboa – Portugal , descreve algumas ponderações sobre o território encontrado e explicita por meio de uma narrativa pessoal, sobre suas impressões, desde então, numa posição já colonialista, dos habitantes inumanos dessa nova terra.

Pelas entrelinhas do discurso de Caminha, perpassa uma descrição, não muito inocente, quando detalha o nu indígena, visto desde o início com certa surpresa e um dissimulado libido reprimido, principalmente quando se aproxima da excentricidade dos corpos femininos ao perceber a exposição dos órgãos genitais das nativas, enquadrados como sendo uma parte do corpo descoberta a causar vergonha. Além disso, há as narrativas minuciosas dos ornamentos, de ambos os sexos, distribuídas e cravejadas pelo corpo inteiro, que denunciavam uma representação social e cultural que destoava totalmente diante dos trejeitos e das indumentárias hegemônicas arbitrárias trazidas pelos europeus.

[67] Optei por utilizar esse termo em vez de homofobia, por entender que a sigla LGBTI+ envolve um reconhecimento e uma diversidade que integra todos os tipos de sexualidade as quais estão sujeitas à discriminação ou a qualquer violência decorrente de sua orientação sexual ou identidade de gênero.

Mesmo que, à primeira vista, os colonizadores não vislumbrassem algum ganho por não terem visualizado o potencial de metais nobres e de especiarias que o território escondia, a tolerância ao Outro já era negociada através do contrato de interesse. Iniciava-se ali, "uma forma de marcação da diferença não pela diversidade, mas pela exclusão" (Eugénia VILELA, 2001, p. 236). Talvez, esse fenômeno seja o real demonstrativo de que "o *ser humano* é uma expressão ontológica, o *ser-se humano* é uma expressão ética" (VILELA, 2001, p. 235).

Estava fadado, ao mesmo tempo, que esses corpos começassem a ocupar lugares inabitáveis e errantes na sua própria terra. Espaços estes, posteriormente, habitados por outras inventadas e oprimidas anormalidades. E, na terra encantada e "descoberta", num passe de mágica, o que era natural torna-se antinatural. A partir daí, segundo a pesquisadora Rita Segato (2013), emerge a ideia da possibilidade do "novo", pois o pensamento europeu, anteriormente a esse acontecimento, alicerçava-se em valores, até então de um universo feudal, medieval. Dessa forma, surge a "novidade",

> [...] O mundo de hoje, o mundo que conhecemos com todas as suas categorias, a categoria da Europa, da América, do branco, do índio, do negro, do capitalismo, da modernidade, do desenvolvimento, do progresso são todas categorias que surgem, que emergem como palavras para contar a história a partir da emergência da América na realidade, na episteme. Como a grade, a partir de que a América emerge na face do mundo, a grade é (re)originada, a grade do pensamento, como podemos pensar. E tanto é assim, que só se pode contar a história com categorias posteriores a essa história, posteriores ao evento da conquista [...] (SEGATO, 2013, tradução nossa).

Dá-se origem a conflitos de diferenças corpóreas, culturais, religiosas, sociais – que segundo os portugueses os povos indígenas não possuíam, inclusive, alma – etc. e associa-se, estrategicamente, um sentimento de tolerância para usufruir não apenas das riquezas do "Novo Mundo/Modernidade" e saqueá-las o máximo possível para a Europa. Intui-se, assim, um poderoso sistema colonialista, ou melhor, um sistema "colonial-modernidade" (SEGATO, 2021) de grandes proporções que tempos depois se ramificaria na origem do processo escravagista colonial que está na gênese do racismo estrutural brasileiro. E assim, a governamentalidade do território brasileiro veio a configurar-se, também, de maneira que "nossa forma de família, de economia, de política e de justiça foi toda baseada na escravidão" (Jessé SOUZA, 2017, p. 40).

Por entre o caminho histórico da urbanização do país, outros elementos vão desencadear, se internalizar e se naturalizar, não como mero reflexo europeizado.

Entretanto, a história do desenvolvimento brasileiro e a modernização do Estado contará efetivamente com a produção de vários elementos na sua potencialização e composição como território e nação subalterna. No estrado desse perfil, alguns coadjuvantes bem onerosos para a população, mas prolífero como fonte de poder, tais como, a citada catástrofe da escravidão, a crônica desigualdade social e sua estrutura por casta, o patriarcado, o antinatural – físico e mental –, a heteronormatividade e a religiosidade, entre outros, se tornarão temáticas nos tópicos históricos e que pontuarão reflexões, discussões, estudos científicos, acadêmicos, clínicos etc. No entanto, neste mundo caótico consolidado pela junção de todos esses princípios, a ética se tornará um ponto de destaque teórico e de debate, mas com poucos resultados aplicáveis até os dias de hoje.

3.2 De cerca todos somos *discapacitados*

Diante do confronto de toda a humanidade à pandemia da Covid-19 e da grande letalidade[68] ao redor do mundo, em especial a do Brasil – considerado como sendo um dos epicentros de contágio –, tem revelado os bastidores da total desorganização em que vivemos, especialmente, nos setores da política, da economia, do sistema de saúde, da educação, das desigualdades e das questões raciais, entre outras tantas. O país, para precaver-se e combater a propagação do vírus, demonstrou grande falta de comprometimento com a vida da população brasileira, em que, inúmeras vezes, o próprio Governo Federal (gestão 2019-2022) ratificou uma postura contrária às orientações da Organização Mundial de Saúde – OMS. Porém, o Sistema Único de Saúde – SUS, num estado permanentemente heroico e diário de sobrevivência pública demonstrou ser o caminho viável ao atendimento da população mais necessitada e carente e, apesar da total demonstração de desgoverno, ainda é considerado referência internacional em saúde pública. No entanto, todos esses fatores denunciaram, ainda mais, a enorme necessidade de pensarmos outras

[68] A respeito dos índices alarmantes de pessoas falecidas em decorrência da pandemia da Covid-19, é importante diferenciar dois conceitos indicadores que que se diferem nessa área, que dizem respeito a mortalidade e de letalidade: Mortalidade é uma medida muito utilizada como indicador de saúde. É calculada dividindo-se o número de óbitos pela população em risco. Letalidade é uma medida da gravidade da doença, calculada dividindo-se o número de óbitos por determinada doença pelo número de casos da mesma doença. Disponível em: https://unasus2.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/33454/mod_resource/content/1/un1/top5_3.html . Acesso em: 11 jul. 2023.

relações entre o Estado e a sociedade brasileira em que ambos precisam, urgentemente, refinar e sincronizar suas humanidades.

Pelos acontecimentos decorrentes da pandemia, percebe-se nitidamente que, além dos interesses sociais, econômicos e políticos, existe um intrínseco envolvimento entre as relações públicas desses setores e as ferramentas midiáticas não somente por uma autorização e controle da vida social, mas pelo controle da mente da população. Nesse novo cenário de calamidade humana, a era da tecnologia do controle – burlar a mente –, da cibercultura, desconfiguram e descentralizam a comunicação, em que verdades tecnológicas disparadas por robôs através da utilização das redes sociais etc., redefinem e impactam o panorama da vida das pessoas e, muitas vezes, suas *fake-news* juntam-se a argumentos que visam apenas a um único propósito: destruir as pessoas e não contrapor suas ideias.

Aparta-se, porventura, ainda mais, a perspectiva do cuidado de si e do Outro, ao ponto, de pensar que não se avançou. A sensação apocalíptica faz a vida ser sacudida, sentir-se porosa ou até pensar que isso não tenha sucedido anteriormente. “No haberlo vivido antes supone un cierto estado de mudez, de estruendo sin resonancia todavía; creer haberlo vivido sugiere el recuerdo, la embriaguez de la memoria” (SKLIAR, 2020, p. 12). A corporeidade, seu tempo e espaço, desnudam-se diante de um ciclo de reencantamento contínuo, porém escurecidos ao longo do tempo por acintosos vestígios inebriados advindos de uma teimosia social imposta pela norma.

A obstinação extemporânea de governar por acontecimentos que, se julgam serem os mais corretos a seguir, transcendem para algo ainda bem maior de ser compreendido. O que poderia ser um grande motivo para uma retomada de uma prática de resistência contra um comportamento soberano, torna-se pulverescência da mesmice. A inquietude e ansiedade humana de viver insistentemente pela sensação de ter de voltar ao que se tinha antes, é permanente, ou seja, a busca de um estado de normalidade ou de um “novo normal”. Essa aflição pelo estado da norma teve seus primeiros passos com o advento da Modernidade, a qual foi grifada pela aspiração do normal, “o que implicou na necessidade de se criar a categoria da anormalidade para se estabelecer o antagonismo normal versus anormal; ou seja, era necessária a existência do anormal para se tornar o normal como referência” (Carlos MARQUES, 2001).

A ideia da perspectiva de um “novo normal” trazida pelo imaginário pós-pandêmico, embora esteja conectada de forma diferente a outros acontecimentos históricos do passado, não é contemporânea. A vida e os direitos humanos que deveriam ser inalienáveis, estão sob uma corda bamba, como se sobrevivessem permanente num estado de equilíbrio, numa tentativa exaustiva de coexistir. Para Alberto Acosta (2016), há uma necessidade imprescindível de reavaliar esses entendimentos e permitir-se a outras possibilidades de viver, ou melhor, “o bem viver”.

> O Bem Viver é, [...] um processo proveniente da matriz comunitária de povos que vivem em harmonia com a Natureza. [...] Supera o tradicional conceito de desenvolvimento e seus múltiplos sinônimos [...]. Para construir o Bem Viver, a educação intercultural [...] deve ser aplicada a todo o sistema educativo [...] com outros princípios conceituais. [...] Nesse processo, [...] há que se construir uma institucionalidade que materialize o exercício horizontal do poder. Isso implica “cidadanizar” individual e coletivamente o Estado, criando espaços comunitários como formas ativas de organização social. A própria democracia tem de ser repensada e aprofundada (ACOSTA, 2016, p. 32-34).

Porém, o linchamento escancarado do significado da vida, contrapõe-se drasticamente à proposta da ação de “cidadanizar” e ratifica-se um desejo humano incontrolável de voltar sempre para um mesmo lugar, de estrutura fixa e imutável. A saída dessa insistente letargia não cogita um Estado democrático, muito menos uma operacionalização do poder horizontal. O conceito do “novo normal” já nasce concebido por cromossomos inatos do seu antecessor e de uma viciada sociedade conservadora, a qual as relações e os atos entre o opressor e o oprimido comungarão dos mesmos costumes e, por conseguinte, por um domínio nada pacífico e embasado em critérios que estarão muito longe de ser “pensado e organizado comunitariamente a partir dos Direitos Humanos [...] e Direitos da Natureza” (ACOSTA, 2016, p. 34). De antemão, percebemos que existem outras alternativas e não somente a de assumir um papel definitivo de “seres lesados” por escolher uma existência que deve seguir um único caminho.

Mas, pensar a vida na ânsia de querer de volta o que era antes ou a aspiração de um “novo normal”, escancara uma postura desgastada, bastante viciosa e comprovadamente maléfica para a Humanidade. Uma das grandes âncoras de suporte que desencadeia essa categorização da vida está embasada na normativa

cisheterossexual[69], ou melhor, de um lugar comum/padrão, que consolidou uma estrutura hegemônica e organizacional para se viver numa condição colonizadora.

> Las categorías de las que se trata funcionan como conceptos primitivos en un conglomerado de toda suerte de disciplinas, teorías, ideas preconcebidas, que yo llamaría «el pensamiento heterosexual» [...]. Se trata de «mujer», «hombre», «sexo», «diferencia» y de toda la serie de conceptos que están afectados por este mareaje, incluidos algunos tales como «historia», «cultura» y «real» (WITTIG, 2016, p. 53).

Esse pensamento heterossexual colonizador – cisheteronormativo – que aportou juntamente com os colonizadores, no esperançoso e rendoso território brasileiro, trouxe na sua estrutura um modelo ideológico e restrito, o qual daria amparo para toda a base da formação histórica, geográfica e cultural do país. Seus princípios, prontamente interiorizados, corroborariam para uma interpretação totalizante que iria incluir não somente o ponto de vista do que é ser normal e hétero, mas também, a *lenguaje y todos los fenómenos subjetivos* (WITTIG, 2016, p. 53). Isso se concretiza, quando, no entendimento de Segato (2012), no momento que se configura uma desigualdade profunda vista pela perspectiva do universo da modernidade, o que prevalece é o binarismo e não a dualidade.

> Enquanto na dualidade a relação é de complementaridade, a relação binária é suplementar, um termo suplementa o outro, e não o complementa. Quando um desses termos se torna “universal”, quer dizer, de representatividade geral, o que era hierarquia se transforma em abismo, e o segundo termo se converte em resto e resíduo: essa é a estrutura binária, diferente da dual (SEGATO, 2012, p. 122).

Sendo uma das percursoras da Teoria *Queer*, a escritora feminista e lésbica Monique Wittig em seu ensaio *No se nace mujer*, argumenta que esse pensamento heterossexual não está vinculado exclusivamente a uma prática sexual, mas a uma convenção de estrutura política dominadora. Salienta que, para ocorrer um rompimento desse ciclo vicioso, seria necessário que as mulheres se dispusessem

[69] Cisheterossexual é um termo que combina duas palavras: "cis" e "heterossexual". "Cis" refere-se a pessoas cuja identidade de gênero corresponde ao sexo que lhes foi atribuído no nascimento. Por exemplo, uma pessoa designada como do sexo masculino ao nascer e que se identifica como homem é considerada cisgênero. “Heterossexual" refere-se à atração romântica, sexual e/ou emocional que uma pessoa tem em relação ao sexo oposto. Portanto, uma pessoa cisheterossexual é aquela que se identifica com o gênero atribuído no nascimento e sente atração pelo gênero oposto ao seu. É importante notar que o termo "cisheterossexual" é frequentemente usado para contrastar com outras identidades de gênero e orientações sexuais, que não se enquadram nesses padrões tradicionais.

> con todas nuestras fuerzas a destruir esa clase – las mujeres – con la cual los hombres se apropian de las mujeres. Y esto solo puede lograrse por medio de la destrucción de la heterosexualidad como un sistema social basado en la opresión de las mujeres por los hombres, un sistema que produce el cuerpo de doctrinas de la diferencia entre los sexos para justificar esta opresión (WITTIG, 2016, p. 45).

Tem-se daí a força da lógica binária em que a modernidade colonial se articula ao patriarcado. A racionalidade do bem/mal, do branco/não branco, do homem/mulher, em que se negam todas as outras formas de ser e viver que estão nos entre-lugares, para além deste binarismo, que torna o mundo “Um”, onde o binarismo, em si, é a fonte das opressões (SEGATO, 2012). Qualquer elemento, para o padrão colonial da modernidade binária, que desejar uma completude de ‘ser’, acarreta consentir que seus corpos deverão ser equalizados por parâmetros similares e universais.

> O dualismo, como o caso do dualismo de gênero no mundo indígena, é uma das variantes do múltiplo. O número dois resume e representa uma multiplicidade referida ou resultante dos trânsitos entre os dois polos; os cruzamentos, encontros e encruzilhadas das tantas formas de transgeneridade constatadas nos mundos não interferidos ou somente parcialmente interferidos pela estrutura da colonialidade [...] (SEGATO, 2012, p. 123).

Para Wittig (2016), uma das atitudes urgentes que as mulheres devem tomar para si, é a ruptura total do sentido de mulher concebida como mito. Um rompimento interno e externo da ideia e da imagem corporificada desse conceito e sua domesticação. Indagava-se, inclusive, que o movimento feminista ainda sustentava um ranço ideológico do pensamento hétero que permeava e colonizava o movimento de luta. Um sentimento e um discurso compulsivo de ser e de viver no campo hegemônico da heterossexualidade, no qual se permanece nesse sistema rijo até os dias de hoje. “Nessa perspectiva fundadora do estruturalismo, a naturalização tanto da heterossexualidade como da agência sexual masculina são construções discursivas em parte alguma explicadas, mas em toda parte presumidas” (BUTLER, 2016, p. 82). Para isso, Wittig (2016) salienta que a pretensão é dissipar o sujeito homem, não com o objetivo de extingui-lo, mas pelo viés do combate político.

> Porque la «mujer» no existe para nosotras: es solo una formación imaginaria, mientras que las «mujeres» son el producto de una relación social. [...] La «mujer» no es cada una de nosotras, sino una construcción política e

> ideológica que niega a «las mujeres». [...] «La-mujer» existe para confundirnos, para ocultar la realidad de «las mujeres» (WITTIG, 2016, p. 40).

Especificidades de alguns povos demonstram que esses predicamentos sociais, estruturados verticalmente e generificados, decorrentes do pensamento heterossexual, não são categorias entendidas como únicas viáveis na organização de uma sociedade e, consequentemente, em uma formação familiar. Desta forma, evidencia-se que não é simplesmente trocar o foco da relação binária, mas problematizar e romper com os binarismos em que estas relações se estabelecem.

O pensamento hétero sublinha, portanto, uma tentativa de solidificar esses corpos que mesmo condensados teimam em escapar. Desta maneira, tem-se a impressão concreta de assumir um caminho autoritário no qual sua loquacidade leva-nos a pensar numa única escolha dicotômica de que "«tú-serás-heterosexual-o-no-serás»" (WITTIG, 2016, p. 54). Segundo a mesma autora, para que toda essa engrenagem heteronormativa possa funcionar, com todo seu sentido figurativo, econômico, linguístico e político é imprescindível a existência do holograma de um "*otro/diferente*" o qual deve assumir um papel de dominado.

> Porque la sociedad heterosexual no es la sociedad que oprime solamente a las lesbianas y a los gais, oprime a muchos otros/diferentes, oprime a todas las mujeres y a numerosas categorías de hombres, a todos los que están en la situación de dominados. Porque constituir una diferencia y controlarla es «un acto de poder ya que es un acto esencialmente normativo. Cada cual intenta presentar al otro como diferente. Pero no todo el mundo lo consigue. Hay que ser socialmente dominante para lograrlo»" (WITTIG, 2016, p. 55).

Essa estrutura de opressão cisheterossexual culmina na diversidade de pilares que ela própria gera e sustenta, por meio de um grande mecanismo de poder que imprime não apenas lugares de existência que esses "otros/diferentes" devem ocupar, mas por um movimento e uma performatividade de corpos e subjetividades que estão atravessados por formas dominantes de ação biopolítica, que se agregam ao sistema binário coercitivo e regulador do mercantilismo.

Essa ordem disciplinadora ou esse mecanismo de poder (FOUCAULT, 2008), não logra apropriar-se totalmente desses corpos e aprisioná-los no emaranhado aparato normatizador. Fluem como gel por entre as mãos, escapam, evaporam-se em minúsculos corpúsculos que, inevitavelmente, tresloucam a face sinistra e rija da biopolítica. Os corpos dóceis talvez não sejam tão dóceis assim como aparentam ser, decerto, nunca tenham sido.

Nesse intermeio, corpos *discapacitados*, não prolíferos, não sadios ou com algum desvio hereditário, tais como pessoas: deficientes, epiléticas, neuróticas, tuberculosas, surdas, prostitutas, hemofílicas, homossexuais, doentes mentais, idosas, são pessoas corpóreas induzidas e/ou com HIV/Aids, constantemente, à lógica da norma, ou melhor, a uma imposição de práticas de normalização – ou seja, almejam o normal, cobiçam ser próximo ao normal. O aparato de verificação reguladora, não os reconhecia como corpos verdadeiros e saudáveis. Muitos deles foram condenados à morte ou recrutados a ocuparem campos de refugiados estrategicamente imaginados, nos quais sua distância certificaria a segurança social. Além de realocá-los, o êxodo asseguraria a mantê-los como corpos tortuosos não produtivos e reprodutivos, afora o apagamento de suas histórias, subjetividades, de permitirem-se desejar e de serem desejados, de serem testemunhos de suas próprias memórias. “Negamos a verdade àqueles a quem despossuímos da memória. Sem ela, a violência é a única possibilidade. Assim, ao incorporarmos a história do *outro* no presente, o outro deixa de ser uma inconsistência ontológica” (VILELA, 2001, p. 245).

Com os corpos das pessoas deficientes, não foi distinto. Eles também eram considerados uns *discapacitados* biopolíticos. Seu estado de monstruosidade, aparentemente fixa, escapa teimosamente. Nas palavras de Jeffrey Cohen (2000), nenhuma horrorosidade humana era capaz de degustar a morte duas vezes. Porém, sua órbita gelatinosa e viciada, mesmo desdenhada e dominada em algum determinado período ou espacialidade, sua matéria “o regressante – por definição – regressa. E, assim, no corpo do monstro é, ao mesmo tempo, corpóreo e incorpóreo; sua ameaça é sua propensão a mudar” (COHEN, 2000, p. 28). Uma constante ameaça de um possível atravessamento da linha do umbral.

Essa capacidade de se autocamuflar são atos performativos que nas entrelinhas sociais, simultaneamente, imbricam-se com o poder disciplinador, a qual autoriza ou desautoriza a vida corpórea e íntegra daqueles ditos divergentes. “A anormalidade é um julgamento estético e, portanto, um valor moral sobre os estilos de vida” (Débora DINIZ, 2007, p. 4).

E nesse espaço estético, a deficiência, especificamente, a corporal encadeava um dos pilares místicos e de teratismo fantástico que alimentava a fértil imaginação da representação humana do Outro. Esses seres narrados, muitas vezes, como portadores de “defeitos” e de aberrações, eram sempre fotografados com o objetivo de demonstrar e reafirmar através do ângulo da norma hegemônica “biomédica”, o

que seria viver com esses desvios e o quanto isso se tornava uma forte retórica para um risco social e para os parâmetros fundamentais de uma biossociabilidade.

> A alteridade deficiente é uma das alteridades que mais sofreu intervenções e para a qual foram criados espaços de reclusão e investidos esforços de correção/normalização desde vários séculos. Inúmeras vezes confundidos com loucos, os sujeitos deficientes foram narrados e inventados para sustentar a normalidade dos não-deficientes (Adriana THOMA, 2002, p. 61).

O risco de que as excentricidades dos alienados ratificassem suas condições de anormalidade por meio de estilos de vida escusos, heresias, masturbações ou por práticas de produção/reprodução através do pecado da carne era, sobretudo, enfatizada pela condição e pela necessidade de perpetuação e valorização da performance normal do corpo e da mente. O propósito era a continuidade e a restauração da pureza da população ou, caso contrário, ocorreria a destruição do "organismo se praticado em excesso, principalmente na ausência de finalidade reprodutora" (LOBO, 2015, p. 100).

A possibilidade de concretizar a profanação ou violação dessas condutas acompanha e aterroriza os seres humanos em diferentes momentos e circunstâncias. "Gradativamente, desde meados do século XIX, os alienistas desenharam a tríplice figura do chamado "degenerado inferior": a do criminoso estúpido e pederasta, a da prostituta imbecil e pervertida e a do idiota onanista e colérico" (LOBO, 2015, p. 102).

O enorme fosso que aparta o controle das condutas e da assepsia dos corpos incorrigíveis é a omissão de suas sexualidades, por vezes, vista apenas como simples fetiche erótico. Ainda assim, se tem por excêntrico e bizarro relações afetivas entre pessoas com características fenotípicas e étnicas diversas ou com pessoas deficientes – físicas e mentais –, entre outras, não fugiria da mesma regra de enquadramento de desejos pervertidos e de satisfação de fantasias eróticas depravadas ou passíveis de violar. O sentimento aflorado tange, quase sempre, na estranheza.

O espectro paira na fantasiosa sensação de acreditar que somente as pessoas idealizadas como dominantes válidas – que correspondem a um padrão corporal idealizado hegemônico –, são detentoras de direitos de expressarem seus sentimentos, prazeres e desejos sexuais. Os Outros, na posição de dominados, situam-se no papel de objetos de prazer e luxúria do dominador. A esses inaptos ou seres metamórficos, imputa-se corpos desprovidos de genitália ou da total ausência

de libido. A própria monstruosidade neutraliza e cristaliza qualquer possibilidade de que suas corporificações expressem algum tipo de desejo, de prazer ou erotismo. Para eles, o próprio prazer e o orgasmo são perversos. O corpo sexuado, seria uma discrepância humana, uma coisa impensável, uma "*basura corporal*" (PRECIADO, 2013). São corpos nulos de desejo, borrados, sem intimidades, não reais, equivocados. Segundo Jeffrey Cohen (2000), os teratológicos também despertam uma curiosidade afetiva

> O monstro também atrai. As mesmas criaturas que aterrorizam e interditam podem evocar fortes fantasias escapistas; a ligação da monstruosidade com o proibido torna o monstro ainda mais atraente como uma fuga temporária da imposição (COHEN, 2000, p. 48).

Existe uma diversidade de registros que demonstram essa associação da anormalidade com o proibido. Pode-se presenciar em algumas civilizações da Antiguidade, por exemplo, na Mitologia Grega e entre outros. Mas, é através das Artes e suas diversas expressões, que se encontram inúmeras manifestações artísticas sobre a representação e a conexão entre o ser humano e os teratológicos. Porém, é por meio do Cinema e sua intrínseca interligação com a televisão, concebida como um dos maiores veículos de comunicação popular, que a cultura cinematográfica possibilita conhecer e apropriar-se de histórias – verídicas ou fictícias –, de acontecimentos que nos tele transportam a cada quadro da cena, a refletir sobre esse excêntrico vínculo entre humanos e "*in*-umanos" (DOEL, 2001).

Desta forma, utilizo-me da cinematografia para refletir e ilustrar um pouco mais como esse convívio tem sofrido mutações em sua estrutura relacional e representativa dentro do quadro da norma dominante. O filme *O Homem Elefante* (*The Elephant Man*, 1980), de David LYNCH, apresenta, momentos explícitos de como essa relação social com o Outro foi, e ainda é, conflitante. Tendo sido financiado e elaborado através de uma parceria britânico-estadunidense, com um gênero voltado à temática de drama histórico-biográfico, seu roteiro alicerçou-se nos livros *The Elephant Man and Other Reminiscences*, do *Dr. Frederick Treves* e *The Elephant Man: A Study in Human Dignity*, do antropólogo Ashley MONTAGU, no qual descrevem a verídica trajetória da vida de Joseph Merrick, que viveu em Londres no século XIX, e os estudos sobre sua patologia. Após meses de seu nascimento, Joseph Merrick começou a desenvolver uma doença genética que afetaria e deformaria, praticamente, 90% do seu corpo.

Estudiosos da época acreditaram, inicialmente, que ele fosse acometido de elefantíase, porém essa hipótese foi descartada devido a todos os sintomas não serem compatíveis com a doença. Durante a necropsia, constatou-se que a enfermidade de Merrick era a *Síndrome de Proteus*, uma condição rara e incomum que tem como particularidade, o crescimento excessivo de ossos, pele e outros tecidos.

Na película, o ator John Hurt assume o papel de Joseph Carey Merrick (1862-1890) – que no filme lhe é atribuído o nome de *John Merrick* –, falecido aos 28 anos de idade. Dois outros artistas em destaque são, o próprio médico que o acompanharia em seus últimos anos de vida, interpretado por Anthony Hopkins, no papel do *Dr. Frederick Treves* e Freddie Jones como o *Sr. Bytes*, responsável pelas apresentações itinerantes do "*show* de horrores" ambientado no estilo da época.

Na realidade, Merrick chegou a trabalhar numa fábrica de charutos e como vendedor ambulante da loja de seu pai, mas a evolução gradativa de sua enfermidade o impedia de exercer as funções básicas para realizar efetivamente a venda dos produtos. E, aos 11 anos de idade, com o falecimento de sua "mulher-mãe", sua vida mudaria drasticamente. Devido às constantes agressões sofridas pelo pai, o qual encontrava-se agora em outra relação conjugal, as fugas de casa tornaram-se constantes em sua adolescência. As ruas e os asilos – que abrigavam naquele período, em sua maioria, idosos, loucos, cegos, "surdos-mudos", entre outros degenerados – passaram a ser, seus únicos espaços de refúgio.

Uma proposta oferecida por um agente artístico circense durante sua estadia no asilo, o levou a participar desses programas de "shows de horrores humanos", os quais eram muito comuns sucederem em feiras das cidades naquela época e que, mais tarde, se tornariam proibidos pela polícia[70]. Nessas instalações, também se apresentavam "anões, gigantes, mulheres barbadas, mulheres gordas, esqueletos ambulantes e outras atracções menos comuns no clássico *freak-show*, tais como homens e mulheres tatuados, falsas sereias e até mesmo parentes de criminosos famosos" (TUCHERMAN, 2012, p. 129-130). Corpos descartáveis que sobreviviam expondo suas anomalias e diferenças em troca, muitas vezes, por um lugar precário

[70] Para mais informações sabre a trajetória de *Joseph Carey Merrick*, encontra-se disponível em: https://maestrovirtuale.com/o-homem-elefante-joseph-merrick-biografia-doenca/. Acesso em: 28 de ago. 2020.

para dormir e se alimentar. Um fardo político e social para o Estado, ao mesmo tempo, possíveis de entretenimento.

> [...] ligadas ao bizarro que a sua aparência expunha e ao insólito pelas suas particularidades incomuns, eram resgatadas pela própria ideia de show. Assim, o espanto e a surpresa que poderiam produzir eram domesticados, já que era a própria estranheza que o espectador buscava quando ia ao circo. Tornava-se a exibição do desvio num novo espaço de norma, resgatando, em certa medida, a expressão de brincadeiras da Natureza que Aristóteles havia proposto para sua recepção (TUCHERMAN, 2012, p. 130).

Em uma das cenas do filme, a folia heterossexual/erótica/anormal não parece limitar-se somente para fins recreativos (Figura 2). Essa trinca de luxúria, aparenta estar solidificada numa estrutura bem maior do que, simplesmente, por desejos proibidos ou ofuscados por corriqueiras diversões sexuais.

O enredo dessa cena envolve Michael Elphick no papel de *Jim*, o vigia noturno do *Royal London Hospital* onde *Merrick* encontrava-se internado, o próprio *Merrick* e alguns frequentadores do bar em que *Jim* costumava comparecer. Logo após descobrir que tal criatura horrenda estava hospedada na instituição, *Jim* revela tal informação para os clientes do bar, no intuito de barganhar dinheiro em troca do acesso ao quarto no qual *Merrick* estava instalado.

A cena inicial da invasão ao aposento liderada pelo guarda, mostra um dos frequentadores do bar, representado pelo ator David Ryall segurando com força duas prostitutas que, aterrorizadas ao verem a deformidade de *Merrick*, tentam a todo custo se desvencilhar do homem, que manifesta um sadismo visceral e uma expressão de gozo gerada por aquela situação de terror.

Figura 2: Capturas de tela do filme O Homem Elefante.
Fonte: Filme *O Homem Elefante*.

David Ryall: Vamos, deem um beijinho no galã. [...] Vamos lá. [...] Dê um beijo nele. [...] Hora de ir para a caminha. (transcrito do filme).

As imagens e os diálogos acima correspondem às cenas do exato momento da invasão ao recinto no qual *Merrick* se encontrava. Não estão dispostas todas as falas e nem as passagens que envolvem a ação dos intrusos. Porém, estes registros são bastante significativos, principalmente, para dissertar sobre alguns aspectos da folia e de atitudes heteróclitas dos infringentes.

O enredo do episódio incorpora uma representação bem maior do que o ambiente de sadismo sexual e sarcástico demonstrada numa primeira e rápida mirada desatenciosa sobre as cenas. Quando, mentalmente, pausamos e refletimos sobre a base das significações transcritas quadro a quadro, percebemos nitidamente os detalhes conceituais que estão intrínsecos na relação de gênero e na concepção social hegemônica heterossexual como um embrião instituído de forma legítima e que compõe a vida e as relações biopolíticas entre o opressor e o oprimido. Como salienta Wittig (2016), todos os seres humanos participam e encontram-se totalmente imbricados pela mente hétero, na versão contemporânea, da heteronormatividade. Um construto tecnológico rígido de gênero, verdadeiro, patriarcal e, exclusivamente, binário (masculino/feminino-macho/fêmea), de se ser, de se falar e de se constituir como pessoa. Nas palavras de Butler (2016, p. 69), essa edificação e perspectiva pretensiosa de gênero seria “um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser”.

Desta forma, a cartografia econômica, política e social é delineada pela norma soberana heterossexual de corpos válidos, articulada por uma engrenagem de base sólida, onde as subjetividades são nulas, ou melhor, corpos abjetos, ilógicos e vagos que devem perseguir a esteira de uma certa padronização. Segundo Richard MISKOLCI (2016), basicamente, são três conceitos fortemente interligados que alimentam esse dispositivo: o heterossexismo, a heterossexualidade compulsória e a heteronormatividade.

> Heterossexismo é a pressuposição de que todos são, ou deveriam ser, heterossexuais. [...]. A heterossexualidade compulsória é a imposição como modelo dessas relações amorosas ou sexuais entre pessoas do sexo oposto. [...] A heteronormatividade é a ordem sexual do presente, fundada no modelo heterossexual, familiar e reprodutivo. Ela se impõe por meio de violências simbólicas e físicas dirigidas principalmente a quem rompe normas de gênero (MISKOLCI, 2016, p. 46-47).

Esse complexo sistema dominante configura e adestra toda e qualquer prática social em um tipo de exoesqueleto regulador hegemônico de corpos e de condutas num sucessivo governamento de resguardo da ordem, a qual possibilita que corporalidades que transgridem esse esquema de biopoder (FOUCAULT, 2012), tornem-se reféns sistematicamente.

Além do total desprezo a *Merrick* e da negatividade atribuída à projeção representacional de seu corpo, o direito implícito associado a uma espécie de combo multifacetado – heteronormativo, eugenista, capacitista, capitalista etc. – que fundamenta uma impulsão humana autocentrada na extinção permanente de qualquer pessoa é interpretada como despropósito ou bizarrice social. Segundo Bauman (1998, p. 28-29), isso está concatenado a duas ações gregárias complementares e, consequentemente, fulminantes para os impuros: a "antropofágica" e a "antropoêmica", sendo que, a primeira consiste em "aniquilar os estranhos devorando-os e depois, metabolicamente, transformando-os num tecido indistinguível do que já havia", enquanto que a segunda, a de "vomitar os estranhos, bani-los dos limites do mundo ordeiro e impedi-los de toda comunicação com os do lado de dentro". Numa primeira impressão, temos o sentimento que somente a aversão da anomalia física do degenerado transluz essa sensação de regurgitação, porém, as duas prostitutas atormentadas pela aberração de *Merrick*, também pertencem ao mesmo espaço e a mesma casta que ele. Pois, se pensarmos no contexto temporal, também o corpo das prostitutas era considerado um corpo impuro, doente e culpado do adoecimento de outros. No entanto, elas se percebem diferentes de *Merrick*, rejeitando-o (Figura 1). Desse modo, demonstram que há diversas camadas de diferenças que se sobrepõem e que se hierarquizam.

Nessa medição de forças, na verdade, não existem dois extremos contrários puxando cada um para seu lado, numa disputa de poder. O poder é dos homens, ou melhor, dos homens brancos cis, do machismo, das "subestruturas de um 'nó/novelo' formado a partir da conjunção patriarcado-racismo-capitalismo", o qual sua preponderância se constituirá "como o sistema de dominação-exploração mais antigo do mundo" (Leonardo NOGUEIRA, 2018, p. 43-44).

Na perspectiva heteronormativa, esse poder sempre foi desigual, mesmo sendo constantemente tensionado em vários momentos de lutas e manifestações de minorias que, historicamente, têm-se revelado contra essa opressão normativa. Dentro dessa lógica, podemos perceber através do semblante e da exacerbada

excitação no rosto do frequentador do bar, no instante em que adentra o quarto de *John Merrick*, de empunho com as duas prostitutas, que o poder da dominação se situa na subalternização de todos que costeiam o outro lado do alambrado cisheteropatriarcal.

Na continuidade da diversão mostrada posteriormente nas próximas cenas no dormitório, fora os personagens de *Merrick* e das duas prostitutas, todos que participaram do fetiche e da orgia com a criatura, eram somente cis-homens-brancos. No embate entre os corpos humanos e "*in*-umanos", podemos concluir que os verdadeiros monstros eram os intrusos, que se permitem em qualquer momento, tomados de poder, a cruzar o alambrado.

3.3 O corpo aleijado objetificado: *nosotros también cogemos*!

A degeneração física das pessoas tem sido utilizada e circunscrita historicamente, como matriz para definir corpos que são puros e impuros, corpos produtivos e improdutivos, quais deles terão direito à vida ou a tê-la interrompida. No entanto, é imprescindível perceber que para além da cultura norte-eurocêntrica colonial, a discriminação e inclusive o aniquilamento de pessoas corporalmente diferentes (deficientes, albinos, idosos etc.), também ocorrem, por exemplo, entre alguns povos originários da América Latina e África.

Estabeleceu-se também no decorrer do tempo, quais corpos eram considerados válidos ou falhos e, se fossem falhos, teriam a predisposição de serem vazios. Se vazios, eram passíveis de serem insuficientes. Se eram insuficientes, encontravam-se em outra ordem ou espaço e necessitavam serem renomeados. Para preservar e, principalmente, sublinhar a necessidade da existência desse mecanismo de regulação, foram gerados alguns marcadores que os reagruparam e os identificaram, desta vez, como acometidos por algum tipo de disfunção, denominadas pelo campo da biomedicina como: psíquicas, fisiológicas ou anatômicas. Esse novo reenquadramento engessa esses corpos divergentes em um outro intervalo ou *status*, o qual, com certeza, não era a zona-normal. Nessa condição, ocuparam e transitaram por vários ambientes, muitas vezes, com características e intervenções nada integradoras e sociais.

Apesar das diferentes perspectivas, interesses e cuidados em lidar com essas outras alteridades, inúmeros registros históricos demonstram a enorme precariedade

de muitas instituições sociais que acolheram os incapazes. Muitas entidades tornaram-se meros depósitos desses considerados inúteis. No entanto, “a sociedade disciplinar precisou de um imenso cortejo de mediadores na relação de cada um consigo mesmo: médicos, psiquiatras, psicólogos, psicanalistas e interiorizar a vigilância, o olhar do outro” (Paulo VAZ, 1997, p. 5).

Para além disso, a falta de comprometimento do próprio Estado[71], a caridade, a filantropia e o assistencialismo foram inicialmente a “tábua de salvação” no recolhimento e no cuidado desses incapacitados. Práticas caridosas tornaram-se mais frequentes e mais expressivas. “Enquanto o Estado não assumiu a responsabilidade pela assistência, a filantropia, atuando praticamente sozinha, viveu dos corações generosos dispostos a manter suas obras” (LOBO, 2015, p. 324).

Logo, o pulular dos descartáveis como: os deficientes, os desprovidos, os indigentes, os aleijados, os velhos, os cegos, os surdos, entre outros, realocaram-se para o foco de obras e de atenções de práxis benevolentes. Não obstante, as representações e as identidades entre esses corpos pessoas e esses corpos objetos (ORTEGA, 2008) transmutaram constantemente. Vigiados pelo olhar do outro, suas representações eram plasmáticas, amoldadas e nomeadas por aqueles que estão do outro lado do alambrado e por seus correligionários amigos da norma e de todas as técnicas de poder que ela contempla e para evitar, outrossim, o risco – presente e futuro – da fuga da normalidade.

Paralelamente, a ideia de deficiência e sua representação, também será construída e consumida pela perspectiva do cotejo. Segundo Débora Diniz (2007, p. 4), essa comparação se concretiza “quando contrastado com uma representação de o que seria o corpo sem deficiência”. A posteriori, devido ao seu estado defectível, institui-se a população degradada, especificamente, os deficientes, um tipo de acordo contratual de cunho social/capitalista e com real ameaça à primazia da espécie humana, o qual firmou-se um certo sentimento moral interiorizado de compensação e cuja origem permeia a mesma matriz opressora das outras degenerescências: a sensação de compaixão ao Outro. “A política se dissolve em políticas particulares que aspiram compensar as deficiências de um grupo biopolítico determinado, e uma das

[71] Historicamente, o Estado considerava as pessoas com deficiência como uma despesa financeira adicional, devido às necessidades específicas de suporte e serviços que acarretavam. As atitudes em relação às pessoas com deficiência variavam, mas, em geral, a deficiência era vista como uma limitação que impedia a produtividade e a contribuição economia. Essa condição, levava a uma marginalização e exclusão social e a uma situação total de pobreza e de dependência.

consequências disso é o esquecimento de ideias sociais mais abrangentes" (ORTEGA, 2008, p. 37). Esse tipo de empatia teria a função de, muitas vezes, além de minimizar algum sentimento de culpa, principalmente por parte da família, suprir através de um mecanismo estratégico no qual direciona-se uma hipervalorização à lesão acometida ao corpo objeto, na intenção social e compensatória de anular o corpo pessoa.

Esse recurso tecnológico será utilizado, a princípio, para destacar a existência de uma falha, ou melhor, para concretizar a falta. Dessa forma, a intenção do diagnóstico dessa ausência implica a nulificação, preferentemente, da subjetividade do corpóreo com malformação. E, consequentemente, a tríade lesão/subjetividade/libido estariam em pleno controle biomédico, social e governamental. As pessoas passam a viver num estado permanente de sentimento que transita na reversibilidade entre o interiorizar e exteriorizar e o compadecimento físico, mental e sexual.

Na maioria das vezes, esse corpo deficiente é apenas um corpo objeto ou objetificado para a benesse do outro e a ratificação da norma. Um corpo monstro cuja presença se faz necessária como um instrumento de motivação para alertar sobre a possibilidade de que "minha vida não está muito boa, mas poderia estar pior, ou poderia ser aquela pessoa" (Stella YUNG, 2014). Geralmente, são corpos agraciados de constantes homenagens, devido aos seus grandes desprendimentos e sacrifícios, até mesmo, por não praticarem sexo. São corpos perseverantes, iluminados e extraordinários. São corpos produzidos por polietileno, como a maioria das bonecas e bonecos de brinquedo, ou ainda, corpos robôs, teratológicos ou iguais àqueles apresentados na maioria dos filmes que abordam as temáticas interestelares, tipo ciborgues (mecânicos/hidráulicos), cujo gênero é geralmente expressado através da voz, ou pelas características corporais hegemônicas e hábitos machistas e estereotipados no binarismo macho/fêmea, porém, sem genitália. Como salienta (YUNG, 2014), é um tipo de "pornografia motivacional", pois segundo ela, seria uma categoria cujo propósito é a coisificação do teratismo para o beneficiamento do outro. Ela ainda acrescenta:

> Realmente acho que a mentira vendida para nós sobre as deficiências é a maior injustiça. Ela torna nossa vida difícil. [...] Neste modelo social de deficiência, nenhuma quantidade de sorrisos jamais transformou uma escada em rampa. Sorrir para a tela da TV não fará aparecer legenda para surdos. Ficar em pé no meio de uma livraria emitindo uma atitude positiva não fará

> com que os livros passem a ser em braile. Quero muito viver num mundo em que a deficiência não é a exceção, e sim a norma [...]" (YUNG, 2014).

A característica peculiar da deficiência está, principalmente, em focar-se na ideia de enaltecer o corpo aleijado, o qual não foge do mesmo princípio que sustenta o pensamento hétero, bem como, o machismo, o racismo estrutural, a LGBTIfobia, a xenofobia e as diferenças de classe entre outras bestialidades sociais nas quais a centralidade é materializada no corpo e, consequentemente, na sua subjetividade, ou melhor, a "lesão está para 'natureza' como a deficiência estaria para 'cultura' (Marco GAVÉRIO, 2017, p. 108). Portanto, a lesão não deixa de ser uma tecnologia utilizada como ferramenta para exercer o direito de manipular o poder e a soberania e, também, determinar a temporalidade e espacialidade dessas corporificações ou torná-las criaturas extraordinárias. Como evidenciado anteriormente, essa forma soberana de apropriar-se do Outro, "significa relegar o colonizado em uma terceira zona, entre o status de sujeito e objeto" (Sílvio ALMEIDA, 2019, p. 122). Para as pessoas deficientes não foi diferente. Se mirado pela perspectiva implícita da anulabilidade social de sua libido, podemos presumir que tenha sido pior.

Aos poucos, esses corpos nulos, aleijados, começaram a ter movimentos e manifestações políticas e sociais, mesmo que organizados inicialmente em pequenos grupos, de maneira a confrontar e desafiar o clínico, e de certa forma, anunciar a necessidade de sua morte. Isso demonstra que, aparentemente, existem sinais de perda de, no mínimo, de '*las púas del alambre'*.

3.4 Por uma (des)cartografia do corpo: o desatar das *moñas*

Podemos deduzir, diante dos contextos sociais retratados até hoje, que populações pertencentes às minorias tinham suas vidas pautadas, essencialmente, por premissas normativas e padrões pré-estabelecidos para conviver no universo público/político/societário. Não foi diferente do caminho percorrido pelos saberes científicos, cuja produção de conhecimento sobre a deficiência também foi fundamentada nas premissas biomédicas discriminatórias e opressivas do início do séc. XIX.

No entanto, o limite não foi apenas de olhar a deficiência como sendo falta de algo ou que destoa do campo hegemônico da medicina. Mas, essas marcas

descritivas e diagnósticas foram capazes de predestinar, de antemão, o ser capacitado e o *discapacitado*, dando atribuições que essas pessoas poderiam desempenhar ou não dentro do contexto social, puramente, pautado pelo poder capitalista, colonialista, patriarcal, racista e econômico. Estrutura esta, a qual, convenientemente, não compreende que “Una persona en situación de discapacidad es alguien que está en situación de algo, que en este caso, es de falta; y dicha falta se ubica en el contexto, no en la persona” (Leonardo PELOSO, 2020, p. 69).

Além do mais, esse sistema biopolítco, fortemente edificado, prenunciou seus primeiros ensaios “geo-gráficos” (MIGNOLO, 2008) para solidificar as linhas abissais opressoras. Como se refere Walter Mignolo (2008), regimentados não por um mecanismo de “identidade em política”, que reconhece o Outro num governamento embasado em ações que legitimam e respeitam as diferenças e as interculturalidades[72] humanas, mas por um dispositivo divergente e ardiloso, totalmente concatenado por uma “política de identidade”, a qual

> [...] opera na suposição de que identidades essenciais entre as comunidades marginalizadas (por razões raciais, de gênero e sexuais) são as que merecem reconhecimento. Em geral, política de identidades não se compromete em nível de Estado e permanece na esfera da sociedade civil (MIGNOLO, 2008, p. 312).

Diante disso, as pessoas deficientes eram instantaneamente reconhecidas através dessa política identitária e essencialista, na qual os inábeis eram conduzidos a abrigos ou isolados sem qualquer comprometimento do poder público, muito menos, incluídos em políticas de ações afirmativas que eram imagináveis de existirem a algum tempo atrás para as populações em situação de subalternidade, mas que desde o início do século XX já eram aplicadas aos filhos de fazendeiros, inclusive quando não permaneciam num estado ininterrupto de peregrinação em busca de cura, em imensuráveis tratamentos terapêuticos ou reabilitações de todos os tipos de martírios existentes. Além de estarem, a todo momento, recebendo informações e explicações “sobre como seu corpo deveria ser e não é ou como deveria funcionar\reagir de

[72] Utilizo o conceito de interculturalidade pela perspectiva do pesquisador antropólogo argentino Néstor Canclini, o qual explicita a diferença entre multiculturalidade e interculturalidade. Sendo que a primeira, apesar de associar-se à diversidade de culturas, problematizar as diferenças e indicar políticas de ações de respeito ao outro, fortalece, significativamente, a segregação. Já a interculturalidade, remete-nos a reflexões mais solidificadas de confrontamento, cruzamento e vínculos de ideias, próprios de comunidades que objetivam um pensar e um com-viver coletivo melhor (CANCLINI, 2007).

determinadas maneiras que não ocorrem" (GAVÉRIO, 2017, p. 97). Era, de certa forma, a tentativa de validar uma posição de ser humano terminantemente incapaz. Uma reafirmação de que seu estado corpóreo seria sempre dissonante. No entanto,

> Nos permiten descubrir hasta qué punto, todo lo que nos parece evidente en la organización social– y que por eso ni siquiera percibimos– es en realidad, construido, elaborado, y resulta de elecciones sociales que podrían haber sido otras (Bernard MOTTEZ, 2019 p. 63).

Tem-se registros de tentativas de rompimento desse olhar à deficiência articulados e operacionalizados pelas próprias pessoas com deficiência. Um desses movimentos proporcionou, na década de 1970, a fundação da *The Union of the Physically Impaired Against Segregation* – UPIAS[73], no Reino Unido, fomentado pela irresignação do sociólogo deficiente físico Paul HUNT em uma carta enviada ao jornal inglês *The Guardian*, em 20 de setembro de 1972, na qual expressava sua indignação diante da realidade e das condições que pessoas com lesões físicas se encontravam na sociedade.

Diante da repercussão de sua carta, inúmeras pessoas o contataram, entre eles, o sociólogo Michael OLIVER, também deficiente físico que, segundo Diniz (2007, p. 7), foi um dos principais pioneiros e "idealizadores do que ficou conhecido como modelo social da deficiência", contrapondo-se ao Modelo Médico (ou Biomédico) da Deficiência. Juntamente com Paul ABBERLEY e Vic FINKELSTEIN, ambos sociólogos e deficientes, também constituíram a equipe que criou a instituição, a qual se tornaria uma referência ao movimento de luta por buscar uma outra óptica epistêmica da deficiência, que estaria edificada não mais no campo orgânico, mas como um construto e um produto emoldurado numa estrutura social capitalista/machista/racializada/capacitista.

> A originalidade da Upias foi não somente ser uma entidade de e para deficientes, mas também ter articulado uma resistência política e intelectual ao modelo médico de compreensão da deficiência. [...] diferentemente das abordagens biomédicas, deficiência não deveria ser entendida como um problema individual, uma 'tragédia pessoal',[...], mas sim uma questão eminentemente social (DINIZ, 2007, p. 7).

[73] "É importante ressaltar a existência de outras instituições que desenvolveram ou desenvolvem trabalhos junto a pessoas deficientes, tais como: pessoas cegas, surdas, deficientes físicos, cognitivos, entre outras. Contudo, a Upias, foi a primeira entidade política sobre deficiência a ser concebida e administrada por deficientes" (DINIZ, 2007, p. 7).

Assim sendo, a deficiência deixou de ser percebida como desvio para ser concebida com uma produção identitária das pessoas, destoando-se, fortemente, do modelo anterior que investia em “práticas de assujeitamento” bioacépticas (ORTEGA, 2008 p. 20), em que as pessoas deficientes eram entendidas como incapazes fisicamente ou até intelectualmente. Diante disso, esse modelo adentrava com o objetivo de sanar ou minimizar tal deformação. Para isso, uma ou mais intervenções sobre o corpo eram necessárias no intuito de amenizar as desvantagens sociais. Por essa perspectiva, tal condição contribuía para formalizar, ou melhor, autorizar a jurisdição da existência da linha abissal, a qual fixa e condena esses corpos a ocuparem, permanentemente, esses espaços fronteiriços. Além do que, é um forte artifício muito utilizado para reafirmar a norma como padrão – tanto corporal como social.

Por outro lado, o Modelo Social da Deficiência pensa corpos e sociedade com base em outros posicionamentos e parâmetros. Para isso, compreende que a deficiência não é oriunda das limitações funcionais, “mas sim a concebe como o resultado das interações pessoais, ambientais e sociais da pessoa com seu entorno” (Anahi MELLO; Adriano NUEMBERG, 2008, p. 638), portanto, esse modelo, pondera que as experiências opressoras de dominação “não estão na lesão corporal, mas na estrutura social incapaz de responder à diversidade” (MELLO, 2009, p-26-27).

Para tanto, o Modelo Social da Deficiência parte da premissa de tensionar e criticar o conceito que está arraigado nos termos lesão (*impairment*) e deficiência (*disability*). A ideia é desmistificar que deficiência e corpo estão correlacionados e que a lesão é somente uma característica do espectro corpóreo.

> Lesão é o fato\dado orgânico-biológico corporal (não andar, não enxergar, não ouvir, não compreender) enquanto deficiência é o resultado identitário excludente\opressivo da organização social insensível à diversidade do corpo lesionado\lesado (o paralítico, o cego, o surdo, o retardado (GAVÉRIO, 2015, p. 109).

Porém, uma das grandes e significativas contribuições se daria pela perspectiva do *Disability Studies* a partir da década de 1980, envolvendo os Estados Unidos, Reino Unido e Canadá, tendo sua maior visibilidade como movimento político e estudos teóricos por volta de meados dos anos 1990, sendo um dos gomos do *Disability Culture*, o qual marca o intenso esforço das pessoas deficientes em busca de seus direitos, reconhecimentos e acessibilidades em todos os setores sociais.

O embrião da causa do *Disability Studies* era reescrever a pessoa com lesão nomeada como inapta em um ser humano deficiente “visando a desconstrução da sua posição subalterna como fatalidade” (Patrícia LACERDA, 2004, p. 4). Estava posta, desta maneira, uma brusca ruptura não advinda de movimentos gratuitos, caridosos e benevolentes que somente objetivavam tensionar o discurso teórico/prático biomédico, curativo e de visões essencialistas. Mas, principalmente, para pôr fim a essa compulsória subalternização e ideologização capitalista, colonialista e econômica da supremacia dicotômica entre corpos não-deficientes e corpos deficientes. Porém, é imprescindível recordar que é justamente neste ponto onde a deficiência e a *discapacidad* selam e ratificam seu pacto: elas “pueden ser medidas” (MOTTEZ, 2019, p. 59).

Geralmente, tais mensurações são metas estratégicas utilizadas como alvos que miram as organizações sociais. Essa tática geo-gráfica-humana descortina, ou melhor, visibiliza o jogo opressivo em que a deficiência, também, está subordinada. “Assim como outras formas de opressão pelo corpo, como o sexismo ou o racismo, os estudos sobre deficiência descortinaram uma das ideologias mais opressoras de nossa vida social: a que humilha e segrega o corpo deficiente” (DINIZ, 2007, p. 7).

No decorrer dos tempos, outros conhecimentos como os Estudos Culturais e Teorias Feministas contestaram a supremacia da biossociabilidade que, meramente, sustentava “valores com base em regras higiênicas, regimes de ocupação de tempo, criação de modelos ideias de sujeitos baseados no desempenho físico (ORTEGA, 2008, p. 31). Contudo, uma das temáticas abordadas nos debates nesse campo de estudo, a princípio, voltaram-se imediatamente para a forma identitária de como se dirigir a essas pessoas.

> Para os percursores dos estudos sobre deficiência, a linguagem referente ao tema estava carregada de violência e de eufemismos discriminatórios: “aleijado”, “manco”, “retardado”, “pessoa portadora de necessidades especiais” e “pessoa especial”, entre tantas outras expressões ainda vigentes em nosso léxico ativo. Um dos poucos consensos no campo foi o abandono das velhas categorias e a emergência das categorias “pessoa deficiente”, “pessoa com deficiência” e “deficiente” (DINIZ, 2007, p. 5).

Atualmente, em decorrência dos movimentos de lutas e debates históricos envolvendo militantes da causa e entidades que discutem e discorrem sobre a pessoa

e a deficiência, temos entendido que a deficiência é um construto discursivo. Segundo Hall (2016, p. 31), a "representação conecta o sentido e a linguagem à cultura". Por conseguinte, termos que condicionam as pessoas à *discapacidad* biomédica e reforçam a lesão passam a configurar essa incapacidade como identitária e cultural. Por acreditar na necessidade efetiva do rompimento dessa correlação, a categoria assume-se, hoje, como deficiente.

Um registro significativo e histórico como marcação da potencialidade do empoderamento do corpo deficiente foi demonstrado através do *Disability Arts*, especificamente, pelo artista londrino Marc QUINN. No ano de 2004, ao participar de um concurso, foi premiado para expor sua obra na *Trafalgar Square* em Londres – Inglaterra. Identificado pela sua estética radical ao realizar e experimentar a arte, sua primeira exposição denominada "S*elf"*[74]*,* de 1991, era um autorretrato congelado feito de nove litros de seu próprio sangue.

A *Trafalgar Square*, é uma famosa praça localizada no centro de Londres, onde a circulação de pessoas é muito intensa, não somente pelo trânsito de turistas, mas devido ao acesso ao sistema de transporte metroviário da cidade. Na praça existem quatro pedestais posicionados nas suas extremidades laterais para exposição de esculturas. Sendo que em três delas as obras são fixas, em duas, estão expostos dois generais britânicos – General Sir Charles James Napier e Major General Sir Henry Havelock – e, na terceira, o rei George IV. O quarto pedestal, chamado de *Fourth Plinth*[75] permanece vazio desde o ano de 1999. Sua posição estratégica, justamente, ao lado do acesso ao sistema metroviário, permite que as obras apresentadas, sejam bastante admiradas pelo público transeunte.

Em 2005, o artista Marc Quinn, ocupou de 15 de setembro desse ano até 5 de outubro de 2007, a quarta pilastra com a obra em mármore branco de Carrara, denominada "*Alison LAPPER Pregnant*", de 13 toneladas e 3,55 metros de altura (Figura 3). Essa obra expõe a representação real de um corpo feminino, deficiente e grávida de oito meses na época. A modelo inglesa e também artista plástica militante

[74] Disponível em: http://marcquinn.com/artworks/self. Acesso em 20 de fev. 2021.
[75] "Para preencher essa lacuna, em 1999 foi lançado o projeto "The fourth plinth", cuja ideia é escolher uma obra de arte ou instalação de um artista renomado, especialmente feita para o pedestal, para ali permanecer por um período limitado de tempo". Disponível em: https://www.londresparaprincipiantes.com/the-fourth-plinth-o-quarto-pedestal/. Acesso em: 20 de fev. 2021.

e engajada ao movimento do *Disability Arts*, a princípio ficou temerosa com o convite, pois seu receio era que a proposta não tivesse uma perspectiva benevolente.

Figura 3: Escultura em mármore de Marc Quinn intitulada “Alison Lapper Pregnant” – Trafalgar Square.
Fonte: http://marcquinn.com/artworks/alison-lapper.

Segundo o autor, a grandiosidade da obra além de celebrar a diversidade da humanidade, também buscava provocar através da utilização do mármore – material, geralmente utilizado em esculturas de heróis – pessoas com deficiência que passaram a conquistar em vez do mundo exterior, seu próprio universo interior e a viver plenamente suas vidas. Para a modelo, essa obra vai mais além do direito à vida e, sim, de expor um corpo cis-feminino, pleno e ativo sexualmente.

A forma como se nomeia o corpo do Outro, não foi diferente com a Comunidade Surda. Quantas vezes ouviu-se a utilização da expressão “surda-muda” ou “surdo-mudo” para dirigir-se às pessoas surdas?

No entanto, o plano pode não ser apenas virar o jogo com relação ao modo como nomeiam-se as pessoas surdas, mas tudo o que se constrói ao seu redor. Até mesmo para os ouvintes, que se atrevem a frequentar ou habitar essa “zona de não-ser” (Frantz FANON, 2008, p. 26), os quais passam a assumir, pelo simples gesto de compartilhar a mesma luta, um papel de detentor de “milagre”, de pessoa generosa a

qual se empreende em “obra de caridade” ou “gostar do que fazem” (THOMA, 1998, p.132-134).

Agrega-se a isso o grande poder do dispositivo midiático, um elemento importante que fortifica ainda mais a manobra hegemônica, capitalista, racista, cisheteropatriarcal e de “expulsão” de pessoas que não se enquadram no mecanismo biopolítico social. Para as pessoas surdas, termos como “surda-muda”/”surdo-mudo” são pejorativos por estarem vinculados e determinados pelo poder da mídia por uma “perda biológica e não pela estrutura social, despreparada para lidar com a diversidade” (THOMA, 1998, p.135). Todavia, essas corporificações surdas inventadas só contribuem para engazupar, controlar o corpo, a subjetividade, a representação, a cultura, a língua e suas libidos, as quais não os tornam únicos no processo de subalternização. Segundo Adriana Thoma (1998), as apreciações propagadas pelo sistema midiático

> [...] em relação aos surdos, poderia igualmente ser feita em relação aos negros, pobres, índios, mulheres e tantos “outros” pertencentes às margens, revelando que a subalternidade e a suposta inferioridade são fenômenos comuns a diversos grupos minoritários, não correspondendo à categoria paradigmática de surdo e de surdez (THOMA, 1998, p. 137).

Logo, a significação de ser “surda-muda”/”surdo-mudo” estabelece, por meio do discurso da lesão, a relação entre essência (aquilo que a norma pensa que se é) e a subjetividade (aquilo que a pessoa se compreende como é). Nesse caso, se não há audição, não é normal. Se não é normal, é deficiente. Seguindo a lógica dessa sentença: “se a pessoa é ‘portadora’ de uma deficiência, seu discurso deve também ser ‘deficiente’, no sentido de ‘ineficiente’, ‘defeituoso’” (Nídia SÁ, 1998, p. 176). Consequentemente, o corpo-surdo e seu discurso é deficiente, do mesmo modo, sua libido, também o é.

Segundo as palavras de Carlos Skliar (1988, p. 11), “[...] a surdez constitui uma diferença a ser politicamente reconhecida; a surdez é uma experiência visual; a surdez é uma identidade múltipla ou multifacetada e, finalmente, a surdez está localizada dentro do discurso sobre a deficiência”. Tudo é capturado pelo cistema-capacitista-racista-opressor-heterônomo-midiático com a função não apenas de neutralizar esses corpos-crus, mas associá-los sempre a um único caminho possível, nessa situação: corpos negros, pobres, mulheres, entre outros, à violência, corpos com lesão à

deficiência. Não é por nada, que corpos com deficiência sexualizados, nem sequer são possíveis de serem cogitados. Muito menos, se não forem héteros.

Vale ressaltar que, talvez, uma das primeiras intenções de promover a discussão de gênero – principalmente da mulher surda – dentro dos Estudos Surdos e dos Estudos Culturais, que se tem acesso no Brasil, seja da professora/pesquisadora Sandra MOREIRA (1998). Ela elabora seu pensamento alicerçado através do viés pós-estruturalista, o qual propõe tecer uma "rede interconectada" com esses estudos. A autora, já destacava à época que gênero, mesmo tendo essa conotação binária imposta para pessoas sexuadas, "[...] para os(as) surdos(as), representa um corpo-órgão assexuado" (MOREIRA, 1998 p. 102).

No entanto, atualmente, essa interconexão é fruto do expressivo movimento de luta do transfeminismo negro e que busca através do conceito de interseccionalidade captar as implicações estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Especificamente, como o racismo, o patriarcalismo e a opressão de classes, entre outras discriminações sociais, produzem desigualdades que regulam posições relativas de mulheres, raças, etnias e classes, entre outras (Kimberlé CRENSHAW, 2002).

Dessa maneira, também reafirmar-se como um espaço discursivo, não apenas pelo transfeminismo negro, mas que necessita "ser aprendido por lésbicas, gays, bissexuais e transexuais, (LGBT), pessoas deficientes, indígenas, religiosos do candomblé e trabalhadoras" (AKOTIRENE, 2019, p. 23). Temos, desta forma, alternativas de desatar a *moña* do que se entende por corpo, gênero, sexo, raça e deficiência, porém, a diferença significativa estará em suprir coletivamente, qualquer forma de "superinclusão e de subinclusão"[76] (CRENSHAW, 2002, p. 174) que não sejam provenientes de movimentos invisibilizados, marginalizados e oprimidos.

[76] O termo 'superinclusão' pretende dar conta da circunstância em que um problema ou condição imposta de forma específica ou desproporcional a um subgrupo de mulheres é simplesmente definido como um problema de mulheres. A superinclusão ocorre na medida em que os aspectos que o tornam um problema interseccional são absorvidos pela estrutura de gênero, sem qualquer tentativa de reconhecer o papel que o racismo ou alguma outra forma de discriminação possa ter exercido em tal circunstância (CRENSHAW, 2002, p. 174).

4 As fronteiras de um *queer* “surdo-mudo”

O que falta para o *queer* ser insubmisso? Neste capítulo busco através de alguns conceitos e algumas tentativas de mobilizações e de rompimentos epistêmicos, interseccionar e discutir a rigidez permanente e ainda “surda-muda”, estabelecida e enraizada por séculos de regulação de corpos por meio de uma sociedade cisheteronormativa e extremamente capacitista.

4.1 A fuga teimosa do corpo equivocado

Falar sobre sexo, sexualidade e gênero, já é bastante complexo para cisheterossexuais ouvintes, principalmente, no contexto familiar, seja por um adolescente ou pessoa adulta, imaginar essa situação em um contexto que envolve corpos deficientes e usuários de outra língua, – no caso das pessoas surdas filhas de pais ouvintes que, em sua maioria, não têm fluência na Libras –, torna-se um duplo empecilho na promoção preliminar ao diálogo. Porém, devido às circunstâncias, pode representar o começo de uma segunda perda para os membros da família, pois, vem à tona o imaginário daquela filha ou daquele filho cis-hetero-normal da família patriarcal que outrora foi desejado(a) e não se tornou real. A sexualidade converte-se num “projeto colonizador, buscando remodelar tanto a política quanto o comportamento sexual à sua própria imagem” (Jeffrey WEEKS, 2007, p. 55).

Se além de surda ou surdo, a filha ou filho “revela-se”, também, lésbica, trans, travesti, bicha, sapatão, *gay* etc., instaura-se para os pais uma dupla perda em relação à norma hegemônica da prole (ouvinte e cisheterossexual). E, assim, se expande o estado gelatinoso de *persona* aberrante desse filho ou filha, e duplicam-se, também, sua monstruosidade e, circunstancialmente, a culpabilidade dos seus familiares. Além de surda, é lésbica! Além de surdo, é veado! Além de surda, é trans!

O diagnóstico médico-clínico é mais crônico, perverso e devastador. Arraigado à característica de “uma ciência essencialmente subordinada aos imperativos de uma moral, cujas classificações reiterou sob a forma de normas médicas” (FOUCAULT,

2012, p. 61), seus familiares são incitados à busca incessante da cura ou de meios biomédicos/tecnológicos com o intuito de capacitar a audição da criança a seus níveis normais, a qual, permanentemente, será travada desde a descoberta da surdez. Contudo, agora, a família vê-se à frente de outro desafio, marcado pelas esquivas sexuais do corpo. De um corpo deficiente, ou melhor, de um corpo surdo que se expressa em outra língua.

O corpo docilizado escapa novamente. Talvez, nunca tenha sido tão obediente assim. Ele é mais do que um corpo problemático, é pura assombração. “[...] uma espécie de fantasma corporificado, a versão antropomórfica de um conjunto de temores sociais [...]” (MISKOLCI, 2020, p. 248). O estrago material e, principalmente, emocional, já foi feito. Poderia ter algo que piorasse ainda mais a própria condição da deformidade física? Não seria, estrategicamente, a melhor saída ignorá-la, silenciá-la, maquiá-la ou até mesmo, escondê-la por detrás do dispositivo da redoma controladora da *discapacidad*?

Outros tantos mecanismos de poder entram em jogo. Com o intento de aquietar, ainda mais, essa pessoa que não ouve, que gesticula demais e tem muitas dificuldades de assimilação da língua materna falada e escrita. E, agora, entra nesse embate um corpo desqualificado que expressa o direito ao desejo, sem embargo, com um agravante pior, sua libido destoa do padrão.

No entanto, esse corpo borrado toma para si o que nunca deveria ter sido sequestrado, sua sexualidade. Foi exatamente isso que *Merrick*, a partir de uma relação materna e imaginária, atreveu-se a experienciar. E, através dela, aflorar sua libido pelas visitas caridosas que a personagem *Mrs. Kendal*, interpretada pela atriz Anne Bancroft, no filme “*O Homem Elefante*”, fazia ocasionalmente a ele.

Todavia, essa desautorização dos direitos aos prazeres das pessoas degeneradas não aconteceu gratuitamente ou por acaso e, muito menos, urdido isoladamente. Nesses contratempos, outras teorias, conhecimentos, concepções epistêmicas, movimentos sociais e produções acadêmicas vêm contribuindo para tensionar a perspectiva da “biossociabilidade” (ORTEGA, 2008) e também a rígida relação de poder entre corpo, gênero, sexualidade, dissidência sexuais e deficiência.

> [...] a emergência de uma nova política acerca da sexualidade – exemplificada pelo feminismo, pelas políticas gay e lésbica e por outros movimentos sexuais radicais – tem questionado muitas das certezas de nossas tradições sexuais,

> oferecendo novas compreensões sobre as intrincadas formas de poder e dominação que modelam nossas vidas sexuais (WEEKS, 2007 p. 46).

Embora deva-se reconhecer que o tema que aporta à deficiência e à sexualidade permanece compreendida como tabu, é traçada uma linha abissal bastante delicada a ser atravessada e desafiada no contexto colonialista e capitalista.

4.2 Por um *ku-queer* não identificado

Um dos posicionamentos teóricos embrionários dos movimentos de lutas e de pesquisas científicas acadêmicas que questiona as práticas discursivas sobre gênero, sexualidade e dissidências sexuais, que é bastante interpelado pelo Sul global, América Latina e África, devido à sua representação terminológica, sua difícil tradução, seu colonialismo epistêmico e geopolítico nortecêntrico, é a teoria *queer*. Um dos primeiros apontamentos da utilização do termo *queer*, vem através da publicação do livro autobiográfico da pesquisadora norte-americana Gloria ANZALDÚA, com o título original *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*, de 1987. Seus estudos eram voltados às teorias culturais, feministas e *queer* pelo seu posicionamento como ativista mestiça/fronteiriça, *chicana* e lésbica. Portanto, já buscava demonstrar com a empregabilidade do termo a subalternidade que a identificava:

> Como mestiza, no tengo país, mi patria me expulsó, sin embargo, todos los países son míos porque yo soy la hermana o la amante en potencia de toda mujer. (Como lesbiana, no tengo raza, mi propia gente me repudia; pero soy todas las razas porque lo *queer* de mi existe en todas las razas) (ANZALDÚA, 2016, p. 137-138).

Entretanto, antes de tornar-se uma teoria, o termo *queer*/corpos *discapacitados*, nos Estados Unidos, era empregado como sendo um palavrão. Ou melhor, uma forma de insultar todas as pessoas que insistiam em não se concatenar com a soberania socialitária. Apesar disso, como frisa Berenice BENTO (2015, p. 147), “no contexto norte-americano, o objetivo foi dar um truque na injúria, transformando a palavra queer [...] em algo positivo, em um lugar de identificações”.

Ainda assim, o eco de seu insulto cingia uma gama considerável de degenerescências. Os espaços e o tempo desses seres humanos são, amiúde,

voláteis e suscetíveis a todo tipo de violência física, social e pública. O ser *queer*/corpos *discapacitados*

> Trata-se dos e das incontáveis, dos e das descartáveis, dos zeros econômicos, do subalterno, do imigrante, da louca, do louco, do *mojado*, da *chicana*, do refugiado, do ladrão, do bêbado, do indigente, do pedinte, do enfermo, do homossexual, da bicha, da lésbica, da sapatona, da travesti, da transexual, do homem afeminado, da vida nua, do pobre, do estigmatizado, da 'ralé' e dos 'batalhadores' [...], do 'refugo humano' [...], dos de existência 'precária' [...], mas também de nenhum deles [...]. Este é o primeiro espaço da palavra '*quee*', o primeiro lugar do seu jogo de linguagem, o *queer* entendido como o abjeto, mas, acima de tudo, como uma falha representacional (Rafael LEOPOLDO, 2020, p. 25-26).

A categorização como estudo acadêmico, ou melhor, como "Teoria *Queer*", é atribuída à pesquisadora Teresa de LAURETIS, em 1990. Durante uma conferência realizada na Universidade da Califórnia nos EUA, ela utiliza o termo com o propósito de instigar, na época, um projeto crítico com "o objetivo de resistir à homogeneização cultural dos 'estudos de gays e lésbicas'" (LAURETIS, 2019, p. 398). Por meio da utilização e combinação dos dois vocábulos, teoria e *queer*, buscava convocar uma relevância conceitual, que desenhasse "outro horizonte discursivo, outra maneira de pensar o aspecto sexual" (LAURETIS, 2019, p. 399), juntamente, com as discussões sobre gênero fomentadas pelas teorias pós-estruturalistas e pelas teorias pós-feministas. Dado que, posteriormente, a própria autora demonstraria um certo grau de lamentação ao perceber que tal referência acadêmica converteu-se "em um elemento comercial e vazio" (MOGROVEJO, 2020, p. 45).

É indispensável enunciar que, entremeio a esses acontecimentos, de giros e perspectivas teóricas importantes para as mobilizações LGBTI+, das questões de gênero e do movimento feminista, tem-se, paralelamente, a epidemia do HIV/aids que irão impactar, tanto pela própria epidemia, por ser um episódio orgânico como por ser um construto societário. "A aids foi construída culturalmente e houve uma decisão de delimitá-la como DST" (MISKOLCI, 2016, p. 23). Diante disso, segundo Leopoldo (2020), duas ações significativas e biopolíticas irão emergir para estabelecer o controle da desordem e do caos: "1) a culpabilidade das vítimas; 2) e a necessidade das políticas anais para uma prevenção da AIDS" (LEOPOLDO, 2020, p. 166).

> A aids, portanto, foi um catalizador biopolítico que gerou formas de resistência mais astutas e radicais, materializadas no ACT UP, uma coalizão ligada à

> questão da aids pra atacar o poder, e no Queer Nation, de onde vem a palavra queer, a nação anormal, a nação esquisita, a nação bicha. [...] É assim que surge o queer, como reação e resistência a um novo momento biopolítico instaurado pela aids (MISKOLCI, 2016, p. 23-24).

Todavia, os efeitos das vibrações desse vocábulo colérico e hostil, cheio de significados ao Norte global, adentrou em várias regiões pelo mundo, principalmente, nos países da América Latina, causando certo ruído quanto ao seu sentido e representação. Como explicita Hija de Perra (2014) ao embrenhar esse termo no Continente Latino,

> Soy una nueva mestiza latina del cono sur que nunca pretendió ser identificada taxonómicamente como *queer* y que ahora según los nuevos conocimientos, estudios y reflexiones que provienen desde el norte, encajo perfecto, para los teóricos de género en esa clasificación que me propone aquel nombre botánico para mi estrafalaria especie bullada como minoritaria. [...] ¿Por qué esta idea favorece políticamente a América Latina? (HIJA DE PERRA, 2014, p. 11-13).

Contudo, em sua entrevista, a pesquisadora Berenice BENTO (2015, p. 147), indaga sobre a força da significação dessa expressão no território brasileiro: “O que é queer? [...] Qual a potência do queer na sociedade brasileira? Nenhuma. Se eu falo transviado, *viado*, sapatão, traveco, bicha, boiola, eu consigo fazer com que meu discurso tenha algum nível de inteligibilidade local”.

Aqui no Brasil, um dos nomes que bastante se destaca devido aos seus estudos sobre a temática é o da pesquisadora Guacira LOURO. Suas pesquisas, não somente, problematizam as questões envolvendo gênero, sexualidade, dissidências sexuais, corpo e a teoria *queer*, bem como enfatizam em várias de suas obras a necessidade desses debates se estabelecerem no campo da Educação, tanto acadêmicos, como, nos ambientes escolares. Conforme a autora, é necessário admitir que

> [...] a escola não apenas transmite conhecimentos, nem mesmo apenas os produz, mas que ela também *fabrica* sujeitos, produz identidades étnicas, de gênero, de classe; [...] que a escola está intrinsecamente comprometida com a manutenção de uma sociedade dividida e que faz isso cotidianamente, com nossa participação ou omissão; [...] que a prática escolar é historicamente contingente e que é uma prática política, isto é, que se transforma e pode ser subvertida [...] se não nos sentimos conformes com essas divisões sociais, então, certamente, encontramos justificativas não apenas para observar, mas especialmente, para tentar interferir na continuidade dessas desigualdades (LOURO, 2014, p. 89-90).

Em sua obra intitulada *Um corpo estranho*, Louro (2008), apresenta sua concepção ao significado da teoria *queer*, a qual, além de destacar o contexto "irreverente" e "antinormatizador" da teoria, salienta que esse campo teórico recupera a pessoa de sexualidade divergente, ou aquela que não almeja ser "enquadrada", assim como, suportada pela hegemonia da norma. "Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; [...] que assume o desconforto da ambiguidade, do 'entre lugares', do indecidível" (LOURO, 2008, p. 7-8).

Percebida como uma teoria do conhecimento desajustada e amorfa, seus princípios contrapõem-se à ideia de que as coletividades sociais podem apenas organizarem-se e constituírem-se por dentro de perspectivas heterossexualizadas. E, se porventura, essa heteronormatividade for violada, preceitos regulatórios entram em ação como "caráter performativo, isto é, têm poder continuado e repetido de produzir aquilo que nomeiam e, sendo assim, elas repetem e reiteram, constantemente, as normas de gêneros na ótica heterossexual" (LOURO, 2008, p. 44).

Desta forma, reafirma-se, como sugere Judith Butler (2019, p. 372) – dito em outras palavras –, que as práticas performativas entram como forma imperativa de consentimento. Nesta situação, leva-se a estabelecer que a sexualidade transita num certo fecho de "escolha" binária, no qual as pessoas (compulsoriamente cisgêneras) devem pertencer de um lado ou de outro da linha abissal do comportamento sexual, em que a heterossexualidade ocupa o lado disciplinado da norma, ou melhor, do dominante. O outro lado, cabe àquele que não se enquadra nela, isto é, a homossexualidade, ou seja, do dominado. Sendo assim, "as tentativas de empregar qualquer identidade como base sustentarão de forma inevitável, embora inadvertida, as estruturas binárias normativas das atuais relações de sexo, gênero e libidinais" (Tamsin SPARGO, 2017, p. 41).

A performatividade entra como efeito de ordem ou normativa de gênero como sendo algo consolidado e natural. No entanto, deixa ainda mais nebuloso os brotos humanos que teimam, feito rizomas, a enraizar-se por entre os perigosos territórios limitados pelas fronteiras da cisheterossexualidade e da homossexualidade. Portanto, gênero parte da estética viciada da corporificação de "um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser" (BUTLER, 2016, p. 69). Além de reafirmar o biótipo homem-macho/mulher-fêmea como padrão

social, a performance binária contribui, expressivamente, a expor as pessoas que se atrevem a habitar essas zonas de vulnerabilidade e de perigo, a ficar à mercê da violência de qualquer intolerância.

Guacira Louro (2008), indaga sobre a possibilidade de romper com esse estado único de versão bipolar, indicando a teoria *queer* como uma ferramenta na luta pela viabilidade sociocultural de corpos de sexualidades mais plurais, diversificados e mutáveis. Contudo, segundo a autora, esse outro olhar epistêmico "permite pensar a ambiguidade, a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de gênero, mas, além disso, também sugere novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação" (LOURO, 2008, p. 47). Um campo de estudo, estritamente, prolífero à criatividade, o qual fundamenta-se em diferentes posições de pensamentos pós-estruturalistas, "entre elas os modelos psicanalíticos de identidade descentrada e instável de Jacques Lacan, a desconstrução de estruturas conceituais e linguísticas binárias de Jacques Derrida e, claro, o modelo de discurso, saber e poder de Foucault" (SPARGO, 2017, p. 33).

Por conseguinte, percebemos que, desde a inserção e maturação Teórica *Queer*, no Brasil, dentro dos espaços acadêmicos foi "eminentemente uma teoria de combate. [...] um espaço de luta política, uma arena de embate de ideias que procura enfrentar a naturalização de uma série de opressões" (Larissa PELÚCIO, 2014, p. 7). Não obstante, um movimento de luta com produções de saberes colonizados, numa espécie de contrato vertical, uma relação direta com produções euro-norte-cêntricas, não somente, sobre o que é ser *queer*. Mas, a existência de uma extrema e eminente necessidade, contemporânea, de exercitar uma "despatriarcalização" (ACOSTA, 2016), não apenas da tradução do termo, sobretudo, uma independência epistêmica decolonizadora. Mas é importante mantermos em mente, como bem nos alerta o pesquisador mexicano Héctor DOMÍNGUEZ-RUVALCABA (2019), que essa suspeita de colonização epistêmica coloca em discussão a própria natureza do *queer* enquanto instrumento cultural e discursivo de descolonização, que perturba a lógica dos sistemas gênero-cultural nacionais.

Assim, a demanda não deve se restringir a uma discussão quanto à busca por traduzir algo intraduzível, muito menos, *cambiar* o lugar onde foi produzido, mas um reflexão acerca da possibilidade de uma mestiçagem dos saberes, ou melhor, um "*giro des-colonial*", o qual representa uma transição nas perspectivas e ações encontradas nas práticas de produção de pensamento das pessoas colonizadas, "un proyecto de

transformación sistemática y global de las presuposiciones e implicaciones de la modernidad, asumido por una variedad de sujetos en diálogo" (Nelson MALDONADO-TORRES, 2007, p. 160).

Mesmo assim, algumas tentativas de traduzir o termo ou o estudo *queer* e torná-lo, também, subversivo no contexto latino, têm tido visibilidade nos movimentos de militância e, principalmente, nos espaços acadêmicos, mesmo que distintamente, como uma "espistemologia cucaracha" (PELÚCIO, 2014). Mas o ponto, talvez, seja que "latinalizar" o termo, não ajude a decolonizar seu discurso. Em suma,

> "[...] é louvável as tentativas de subverter o próprio termo *queer* à procura de um "estudo transviado", de uma "teoria torcida", de um "estudo cuir/kuir", de um estudo do "querer" dentre outras tentativas de tradução (ou mudança de grafia), outras tentativas de atravessar fronteiras, outras tentativas de recontar histórias (LEOPOLDO, 2020, p. 39).

Em contraponto, Domínguez-Ruvalcaba (2019), que professa a ideia de que devemos seguir utilizando o termo *queer* em inglês, acredita que acionar o *queer* no contexto latino-americano é um processo político que implica reconhecer as margens, as exclusões, as abjeções e as opressões aos corpos desviantes. Ainda, seguindo a reflexão de Domínguez-Ruvalcaba, a teoria *queer* na Amética Latina é

> [...] un método localizado que se dirige a conocer los problemas de los cuerpos en su propio contexto. Su significado se enriquece gracias a una interseccionalidad compleja en la que las expresiones sexuales y de género no pueden separarse de los determinantes económicos, de las restricciones religiosas y legales, de las exclusiones de raza, de clase y de nacionalidad, o de las disputas políticas (DOMÍNGUEZ-RUVALCABA, 2019, p. 21).

Em contrapartida, por mais que a representação de ser *queer* ou ainda, dos estudos *queer* venham ressignificar e reconhecer a existência desses corpos diversos e suas subjetividades, em alguns momentos, dentro do próprio invólucro que ela tanto critica – a cisheteronormatividade – ela se desvaira, se enrijece e quebra.

4.3 O invólucro nem sempre quebradiço da teoria *queer*

Um lugar pútrido, uma categoria *sucia*, de corpos empoeirados, libertinos, rebeldes, um lugar *cagado* de “agentes poluidores” (BAUMAN, 1998) que desorganizam o ambiente, que precisa estar, constantemente, higienizado, porém, volta a *cagarse* novamente. Uma zona desordenada pelo ponto de vista da sociabilidade hegemônica, “na qual insere na natureza a própria distinção entre pureza e imundície, cria a própria possibilidade de uma determinada parte do mundo natural ser “limpa” ou “suja” (BAUMAN, 1998, p. 14). Deveria ser uma região sempre nebulosa e bastante viscosa por natureza. E não reluzente e homogênea. É por esses espaços sinuosos que a teoria *queer* deveria transitar e *hablar*. Pois, foi nestes pilares putrificados que foi pensada.

A própria teoria *queer* anda perturbada, uma vez que são esses Outros que não a deixam descansar. Esses Outros que escapam, até mesmo, dela. O constrangimento se estabelece e, com isso, torna-se inevitável os estranhamentos entre os inimigos. O espaço entre o “eu” e o “Outro” entra em conflito. A “singularidade do Outro como Rosto...” (BAUMAN, 1998, p. 67) pleiteia nitidez, pois ele também quer visibilidade. A racionalidade, instantaneamente, percorre trajetos duvidosos que necessitam ser justificados ou respondidos: que lugar é esse que tende a não feder mais? Poderia a teoria, devido a sua natureza, também se permitir incluir/excluir e desejar expor-se ao sacrifício de sua purificação? A diferença não deveria além de ser irremediavelmente factual, ser “boa, preciosa, e precisando de proteção, de cultivo” (BAUMAN, 1998, p. 44)?

Os desalojados, agitados e inconformados, metamorfoseiam-se num estado bestial, perante a rejeição e a delação do não pertencimento ao lugar. São devassos borrados duas vezes – ou até mais. Uma atitude que intensifica ao máximo o efeito excludente, ou melhor, potencializa a “exclusão como *expulsão*” (SKLIAR, 2003, p. 92).

> O expulso é uma produção, um modo constitutivo do social. É um sujeito absolutamente necessário para a nova ordem. Porém, não enuncia, nem denuncia, nem anuncia nada: está privado de linguagem. Revela sua contradição, sem dizer nada; está sendo produzido para testemunhar seu espaço sem falar sobre sua espacialidade. [...] O expulso não tem voz: é a

> afirmação de sua espacialidade e de sua temporalidade silentes (SKLIAR, 2003, p. 93).

A condição crítica à teoria *queer*, perpassa pelo descompasso da base conceitual de sua formação. Dessa contradição de “querer” expulsar os sórdidos ao enredar-se como presa nas malhas tecidas pela cisheteronormatividade e pelo colonialismo/capacitismo, no momento em que “se cria os guetos, a segregação produzida pelos pequenos grupos, os pequenos fascismos das coligações” (LEOPOLDO, 2020, p. 174). Isso aprofunda, inclusive, as brechas que dividem e produzem esses distanciamentos de efeito corrosivo a esses estratos sociais, que ainda persistem em permanecer “divididos por causa de nossas identidades particulares, não temos como estar junto em ações políticas efetivas” (Audre LORDE, 2019, p. 236).

Concomitantemente a esses movimentos esquivos, outras inevitáveis rupturas desestabilizam sua possível rigidez teórica promovida pela alta compressão nas discussões produzidas dentro da academia, pela militância e, especialmente, pelo trânsito social. Um desse embates, ainda seria pelo sentido concebido ao próprio vocábulo que, em vez de pensá-lo como substantivo, seria “mais produtivo pensar em queer como verbo (conjunto de ações)” (MOGROVEJO, 2020, p. 45), pois desta forma o *queer* rejeitaria qualquer identificação. Apesar disso, outras esferas de debate têm demonstrado preocupação quanto ao pensamento da “desontologização” do *queer*, que desfaz “o maquinário do poder que sustenta as identidades pelo ato de deixar de ser qualquer identidade” (MOGROVEJO, 2020, p. 49). Perante essa intervenção, a própria autora destaca que o artefato que alicerça a teoria *queer* perderia seu lugar “não-identitário” e sua performance cultural, e isso significaria

> [...] deixar para trás as diferenças que geravam discriminação. Entretanto, sem diferenças, o ser volta ao paradoxo da existência única e universal sob a suposição de que assim é possível impedir a discriminação. A serpente que morde o próprio rabo; o ponto inicial da crítica (MOGROVEJO, 2020, p. 50).

Para o *queer* a identidade é um artifício tático no intuito de organizar e pensar estratégias de movimentos mais extremos e intensificar ações e implementações de

políticas públicas. Sempre pelo viés histórico de autotransformação, mudar constantemente, numa construção fluida em suspensão permanente e crítica.

Essas amarras entrelaçam mobilizações de lutas e geram possibilidades de discussões que tangenciam outras pautas que perpassam as redomas de uma centralidade epistêmica usa-eurocêntricas e que vão além da relação cishetero/homonormativa branca. Seria o caso dos debates promovidos pelas denominadas “teorias *queers* não brancas”, as quais questionam “a maneira com que essas ideias e práticas teóricas são recebidas e integradas no contexto latino-americano” (Caterina REA; Izzie AMANCIO, 2018, p. 5).

O intuito é refletir a temática a partir, não apenas do Sul, mas por uma rota interseccional, intercultural e contemporânea, na qual a sexualidade não seja mais percebida e desassociada dos temas que afetam diretamente a todos, “como as relações pós/neocoloniais, as tensões étnico-raciais, os novos imperialismos, o terrorismo e os conflitos do mundo neocapitalista” (REA; AMANCIO, 2018, p. 5). Uma das propostas trazidas pela dominicana Yuderkys MIÑOSO baseia-se em realizar, inicialmente, uma análise “que permita tomar conciencia de cómo hemos llegado a ser las feministas y/o el sujeto sexo/genérico ‘libre, transgresor y adelantado de nuestro tiempo’ que pretendemos ser” (MIÑOSO, [2017?]).

Seu grito soma-se a outros tantos que tentam resgatar através de um olhar crítico às produções do patriarcado branco e das brancas-mestiças no continente latino-americano sobre as agendas *queers*, as quais tem adentrado tanto no contexto acadêmico como nos movimentos de militância.

> De fato, olhando para o campo das produções teóricas queer latino-americanas e, particularmente, brasileiras, constatamos como esse campo permanece, em sua maioria, bastante branco, não tanto e não somente enquanto seus principais porta-vozes sejam brancos, mas porque a temática do cruzamento entre produção de identidades sexuais e de gênero dissidentes, colonialidade e opressão de raça/etnia ou classe apresenta-se como menos desenvolvida (REA; AMANCIO, 2018, p. 6).

Dessa forma, por entre as tortuosas linhas da teoria *queer* outras deliberações decorrentes, talvez das próprias pressões emergentes daqueles e daquelas expulsos e expulsas, desvela o “Outro como Rosto” e desestabiliza a ordem anteriormente

concedida, tendo como consequência, a instalação de um novo caos, visto que, a relação entre ordem e caos é bastante intrínseca; segundo Bauman (1999, p. 12), são praticamente, “gêmeos modernos”. Essas sucessivas *grietas* trepidam nesses espaços teóricos que latejam, como veias novas, advindas de causas históricas de pura dor.

É por essa vertente que a pesquisadora Caterina Rea, traz o pensamento crítico denominado “*Queer of Colour*” – (*QOC*), cuja peculiaridade provém, também, das tensões dos movimentos norte-eurocêntricos do feminismo negro, mestiço, não-branco e, por certo, faltoso, das teorias pós-estruturalistas e do desajustado *queer*. Segundo as autoras, “sob um impulso de militantes e acadêmic@s queer afrodescendentes e oriund@s de contextos pós/neocoloniais” (REA; AMANCIO, 2018, p. 16). Para elas, o QOC, atualmente, instaura “uma voz radical que se opõe ao conformismo de muitos grupos LGBT, na maioria dos países centrais” (REA; AMANCIO, 2018, p. 16).

Dessa forma, o ciclo hiperbólico em que se encontram as referências que fundamentam o *queer* e que abarcam em sua extensão a pluralidade de eivados com rosto – que cobiçam o direito à visibilidade – a teoria *queer*, por outro lado, os negligenciou. A aliança denominada “Internacional Gay” – de discurso basicamente universal e hegemônico –, tem inquietado pela disseminação de um pensamento de expulsão: o homotransnacionalismo, que objetiva “indicar as múltiplas cumplicidades das nações ocidentais e de suas populações LGBT em alimentar a ideologia homonacionalista, islamofóbica, assim como, a racialização e a nacionalização das sexualidades” (REA; AMANCIO, 2018, p. 23).

Essa força centrípeta – do centro para fora – excreta por meio da expulsão a pluralidade e a interculturalidade que sustenta os pilares da teoria. Isso demonstra a necessidade de sinalizar ações urgentes que pontuem, como se refere Marie-Hélène/Sam BOURCIER (2015, p. 14), “em termos políticos interseccionais, da articulação entre raça, gênero, sexualidades e religião”. Contudo, deveríamos acrescentar também a deficiência.

Novamente, as brechas se abrem, porém quebradiças pelo estado original ressequido. As pesquisadoras ainda advertem sobre “a existência de um homonacionalismo à brasileira, no qual os direitos sexuais se tornam moeda de troca

para encobertar outras formas de opressão, socioeconômicas ou raciais" (REA; AMANCIO, 2018, p. 11). Por outro lado, as páginas – ainda que riscadas e/ou rasgadas – da agenda *queer* têm a intenção de buscar outras epistemes que reconsiderem alternativas de discussões horizontais as quais circunscrevam em suas cartografias, não apenas as cisões sexuais, como também as raciais, as deficiências e outras tantas diferenças humanas oriundas de todos os continentes.

Quando pensamos em capacitismo visualizamos a imagem de pessoas totalmente imersas numa furna escura, sem fim, sem saída. Uma região precarizada, indesejada, até mesmo pelos degenerados. Estes, coexistem à volta dessas linhas abissais. Sem embargo, os incapacitados vivem dentro delas. São corpos que não sobressaem na superfície. Por muito tempo, a intensidade dos decibéis emitida pelos seus gritos não foram o suficiente para serem ouvidas pela audição normal dos humanos. Nem mesmo por uma militância que deveria ter uma "audição de perra[77]" – o *queer*. Talvez, por serem corpos não-enunciáveis ou corpos com vida não-orgânica (Antonio AMORIM, 2006), a inferioridade é petrificada nos "in-umanos" através da lesão, tornando-a "universal, absoluta e independente dos arranjos sociais" (DINIZ, 2007, p. 12).

A geopolítica do conhecimento nas fendas se abafa, não ecoa. Ou, pode ser conveniente seu brado docilizado. Pois, talvez para incluir seja necessário evacuar. Alguém precisa sair. Esse, decerto, seja o sentimento voltado às críticas impressas ao *queer*-branco-heterocentrado. Porém, o "*Queer of Colour*" também se posiciona como uma teoria guarda-chuva, quando anuncia a alternativa de uma guinada decolonial mais interseccionalizada. Sua bússola mira em direção à América Latina e à África, sustentada por teorias decoloniais, do trans-feminismo negro, mestiço e latino-americano. No entanto, durante sua trajetória em direção ao Sul, essa interseccionalidade acaba sendo aprisionada por repentinos nevoeiros, por vezes, densos.

[77] Utilizo esse vocábulo da língua espanhola com sentido conotativo/pejorativo, o qual na Língua Portuguesa significa cadela e, também, pela irreverência da artista chilena contracultural, drag, ativista, ensaísta e educadora, "HIJA DE PERRA", falecida em 2014, que por intermédio de suas produções artísticas, denunciava a hipocrisia social e doentia em que vivemos. Para conhecer mais das produções da artista, acesse: https://artishockrevista.com/2019/08/02/hija-de-perra-ektor-garcia-jota-mombaca-en-aguante/. Acesso em: 03 de jan. 2021.

No decorrer desse percurso (des)cartográfico a relação decolonial e interseccional com as temáticas de gênero, sexo, raça, classe e deficiência, ficam embaçadas. A sensação de que a teoria *queer* não consegue dar conta do que, originalmente, se propôs, desacomoda. Devido a esses percalços nebulosos, esse espaço aquoso, precisa, às vezes, ele próprio dar-se um tempo para descalcificar-se. Tempo que, possivelmente, seja adequado para que esses corpos precarizados restabeleçam suas "horizontalidades" (SEGATO, 2019). Inclusive, produzir suas respectivas autocríticas, tanto da inércia dos desalmados quanto da ausência deles nas perspectivas teóricas decoloniais, neste caso, na "*Queer of Colour*".

Na obra da argentina Verónica GAGO, intitulada *A potência feminista, ou o desejo de transformar tudo* a autora traz o conceito de "espoliação", o qual acarretaria a violação intrínseca dos corpos, na sua individualidade e no coletivo. Algo muito maior do que privar apenas uma única pessoa é negar e violentar toda uma comunidade, sua representação simbólica, histórica, material, temporal e espacial. Todavia, ela resgata a possibilidade de "RExistência*"* pela intervenção das mesmas corporificações, porém, pela obliquidade de "corpos-territórios",

> O corpo-território possibilita o desacato, a confrontação e a invenção de outros modos de vida, e isso implica que nessas lutas se viabilizem saberes do corpo em seu devir território e, ao mesmo tempo, o indeterminem, porque não sabemos do que é capaz um corpo enquanto corpo-território. Por essa razão, corpo-território é uma ideia-força que surge de certas lutas, mas que possui a potência de migrar, ressoar e compor outros territórios e outras lutas (GAGO, 2020, p 110).

Essa "ideia-força" cria, inevitavelmente, mosaicos de lutas acoplados, o que, no entanto, acaba por subdividir a potencialização desses "corpos-territórios", os quais têm "desde o início, a marca de sua capacidade de combate: de cuidado, cura, defesa e fortalecimento, simultaneamente" (GAGO, 2020, p. 123). A proposta de cura de Gago (2020), remete à visão de Boaventura Santos (2019, p. 237-262), de transformação/transmutação, um ato de "autorreflexividade", de um "corazonar", de um "sentir-pensar" que se foca numa profunda conversão do mundo, que devido às consequências das feridas decorrentes das ausências do "conhecer-com" nas linhas abissais, enfraquece a cimentação entre os mosaicos, e consequentemente, quebra a mandala humana da diversidade.

Um dos mosaicos de lutas que compõem a mandala humana da diversidade é a "Teoria *Queer Crip*", que diante do giro-decolonial em que a Teoria *Queer* tenta realizar ao viajar para o Sul, são *olvidadas*, ou melhor, ofuscadas na tentativa de horizontalizar essas epistemes, juntamente com debates sobre gênero, raça, classe, sexo etc. Sem embargo, poucas são as discussões e artigos que abordam a temática gênero e sexo de pessoas "aleijadas" – apesar de que a luta do movimento não somente objetiva questões de gênero e sexualidade do deficiente, mas também da deficiência como categoria política e contrária à visão social do capacitismo, que captura o corpo pela lesão e falha orgânica e não a deficiência como algo sociocultural. Talvez, esse giro-decolonial, não tenha conseguido, no momento de sua virada, se desprender do tabu, razão para acreditar, realmente, na importância, como se refere Gago (2000), de retomar esses "corpos-territórios". Temos a impressão de que o *queer*/*crip* já se articulava politicamente com a "ideia-força", hoje sugerida por Gago (2020).

O termo *crip* em inglês é uma contração da palavra *crippler* que para a Língua Portuguesa se traduziria como "tosquiadeira", "cortador", "podadeira". Não é de estranhar, da mesma forma pejorativa atribuída ao termo *queer* – referindo-se às pessoas consideradas estranhas – não sendo diferente o efeito desse termo. *Crippler*, no caso, passaria a denominar uma pessoa aleijada.

Para o pesquisador Robert McRUER, o princípio desse pensamento, estaria embasado em reconhecer "[...] como corpos e deficiências foram concebidos e materializados em vários locais culturais, e como eles podem ser entendidos e imaginados como formas de resistência à homogeneização cultural [...]" (McRUER, 2006, p. 33, tradução nossa)[78]. Em sua publicação *Crip Theory* (2006), o autor faz referência à teórica chicana Gloria Anzaldúa, ressaltando sua importante contribuição, mesmo que indiretamente, para a formulação de seu pensamento:

> Tanto quanto sei, a própria Anzaldúa nunca usou o termo "crip", embora na sequência da sua morte por complicações devido à diabetes, tenha havido tentativas inexperientes de ligar o seu legado a movimentos aleijados. Em última análise, para mim, o uso ou não uso do termo crip por Anzaldúa me leva a posicioná-la postumamente como uma teórica do crip e a considerar, ao longo da sua carreira, termos e conceitos que podem, por mais

[78] "how bodies and disabilities have been conceived and materialized in multiple cultural locations, and how they might be understood and imaged as forms of resistance to cultural homogenization".

> contingentes que sejam, funcionar para reunir, mesmo quando ameaçam rasgar, los atravesados [...] (McRUER, 2006, p. 38-39, tradução nossa)[79].

Os mosaicos se movimentam, descolam-se, tentam se unir. Esse seria o princípio básico da engrenagem do *queer* líquido que se articula num vício constante e oleaginoso. No entanto, o pensamento *crip* não escapa da pressão do sistema cisheteronormativo que também coloniza a homossexualidade. Nesse sentido, os corpos crus são tensionados a ficar, permanentemente, nesse estado, inclusive, "volta-se não só à criação de 'problemas da capacidade' [...], mas também às tentativas coletivas de subverter as normativas de capacidade e funcionalidades corporais coerentes" (GAVÉRIO, 2015, p.113).

As desigualdades, as opressões, as diferenças, o racismo, o patriarcado, o capitalismo e o capacitismo percorrem juntas a retomada da travessia do atlântico negro. Nesse momento, em que se suplica tanto por um "novo normal", em que os ativismos e as produções científicas, possam, nesse ato de passagem, serem fluidos, voláteis e vulneráveis a conglomerações, é um movimento que, inevitavelmente, deve ser latino, *mestizo*, negro, LGBTI$_{+}$, indígena, transfeministas, ou melhor, intercultural e pluriversal. Ainda mais, reforçado por todos esses acontecimentos sociais, políticos, econômicos e humanitários que estremecem a democracia na América Latina, principalmente, o que se projeta, atualmente, como significado e valor da vida do Outro. Há uma extrema necessidade de compartilhar e de produzir outras formas de "Bem-Viver", mas desvinculadas do pensamento que deseja a retomada do "antigo normal" ou de um "novo normal". Pelo contrário, que destoe totalmente desse cistema hegemônico, o qual insiste em definir sobre a vida das pessoas, demarcar o que é gênero, corpos viáveis ou não, sexo, desejo etc.

[79] "As far as I know, Anzaldúa herself never used the term "crip", though following her death from complications due to diabetes, there have montheless been fledgling attempts to link her legacy to crip movements. Ultimately, for me, it is less Anzaldúa's use or nonuse of crip that leads me to position her posthumously as a crip theorist and more her career-long consideration of terms and concepts that might, however contingently, function to bring together, even as they threaten to rip apart, los atravesados" (McRUER, 2006, p. 38-39).

5 Para início de conversa: Interseccionalidades Surdes

Nunca me senti sozinho no transcorrer da pesquisa. Sempre tive, de alguma forma, ao meu lado a Comunidade Surda LGBTI+ me acompanhando em conversas interseccionais, horizontais, éticas, desafiando as barreiras de uma complexa opressão social/capacitista que diariamente enfrentamos em todos os espaços. Este capítulo, esmiuça, narra alguns desses movimentos, em diferentes ambientes, em diferentes trânsitos, em diferentes perspectivas identitárias – "posições-de-sujeitos" (SILVA, 2014) –, porém, agora mais perto, juntos! Nos entrecruzamos com nossas vivências e trajetórias. É uma exteriorização narrativa que revela possíveis falhas do *queer*, do capacitismo *queer* e, principalmente, fendas abissais dos Estudos Surdos – para além dos estudos linguísticos da Língua de Sinais. São "escrevivências" de muito "conhecimentos-na-luta", intimidades que também foram vítimas da mesma opressão, da mesma ação de imposição do ouvintismo – quando as pessoas surdas eram obrigadas a sentarem sobre as mãos para oralizar e evitar que não sinalizassem –, não somente lhes negaram sua língua, mas seu corpo, seus desejos, suas libidos, suas sexualidades.

Transitamos, novamente, pela arte cinematográfica para nos apossarmos de uma ideia muito empregada em filmes de ficção científica que nos levam a pensar na "existência de outros universos, onde eventos ocorrem fora de nossa realidade" (Nadia DRAKE, 2022), na qual essa condição existencial de múltiplos mundos estaria atrelada a uma emaranhada possibilidade de produção efetiva de realidades e de fantasias/alternativas, que se movimentam aleatoriamente no tempo e no espaço. Essa concepção remete ao contexto de como a Comunidade Surda, que estrategicamente denuncia sua subalternidade nesse firmamento, de maneira bipolarizada: o mundo dos ouvintes e o mundo dos surdos.

No primeiro, teríamos a configuração de um mundo binarista/ouvintista ou melhor, um mundo constituído por um cistema-heterossexista/capacitista e no segundo, um que é constituído de um espaço onde as pessoas surdas se identificam com seus "semelhantes no jeito de ser, nos problemas, nas frustrações e nas

angústias [...], partilhando experiências que permeiam a língua de sinais, as identidades e a cultura“ (MARTINS; KLEIN, 2015, p. 486) que diverge do anterior, contudo, nesses dois universos, as fraturas da vida real produzem e movimentam espaços que apontam para um estado diferente de suceder as coisas, as quais muitas vezes, acreditamos que apenas não são percebidas ou são transparentes no cistema-heterossexista/capacitista.

Esses mundos imaginários e possíveis de vida foram narrados e explorados através de publicações como, por exemplo, do livro de Literatura Surda Infantil intitulado *Tibi e Joca – uma história de dois mundos*[80], de 2001. Vista pela perspectiva do cistema-heterossexista/capacitista, a narrativa da história percorre e denuncia os obstáculos de transitar por esses panoramas. Porém, tanto na história contada como na vida real, é demonstrado o quanto os dois meios são frágeis e quebradiços na luta incansável de existir e resistir.

No entanto, inúmeros registros de relatos através de pesquisas acadêmicas, artigos e diversas publicações científicas ao redor do mundo, demonstraram e demonstram as inúmeras dificuldades que essa falta de coesão causou nas pessoas surdas e, consequentemente, na Comunidade Surda no Brasil. Historicamente, era

[80] O livro traz a história de um casal – homem/mulher – cishétero de raça branca ouvintes. As ilustrações são grandes, coloridas, explorando toda a área de cada página do livro desde o início até o fim. É apresentado para o leitor em cada página poucas ou nenhuma palavra na Língua Portuguesa escrita. Um terceiro personagem chamado Joca (papel de intérprete na história) sinaliza em Língua de Sinais as palavras escritas em português no decorrer da história, geralmente, posicionado num dos cantos da página. Inicialmente, a história traz o casal muito feliz pelo nascimento de Tibi. Posteriormente, mostra a festa de aniversário de um ano do menino. A imagem mostra o momento em que os convidados vão cantar parabéns para ele. Na frente de Tibi tem um bolo com uma velinha de um ano acessa. Em volta, mãos aplaudindo, cornetas, balões e notas musicais aludindo que estão cantando os “parabéns a você”. No entanto, a ilustração demostra que ele não reage diante de tanto barulho. Passado algum tempo os pais saem a passear com ele e passam perto de uma igreja, justamente, quando os sinos badalavam fortemente. Os pais chegam a cobrir com as mãos os ouvidos, enquanto Tibi não reage ao barulho. Os pais tentam se comunicar oralmente com o filho: mas Tibi não reage e continua a brincar com seus brinquedos. Os pais ficam com dúvida sobre o que pode estar acontecendo. Resolvem levar Tibi a um hospital para consultar com um médico. O médico dá o diagnóstico: Tibi é surdo. Os pais ficam surpresos. Em casa, os pais começam a discutir e a culpar um ao outro pelo fato de o filho nascer surdo. Tibi fica muito triste com a discussão entre seus pais. Sentindo-se deprimido e muito sozinho por não ter contato com ninguém, principalmente, enquanto observa os ouvintes conversando. O menino entra numa imensa tristeza e solidão. A história mostra a imagem do garoto dentro de um túnel escuro dando a perspectiva de um profundo isolamento. Nesse momento, Joca (papel de Intérprete na história) tem a ideia de socorrê-lo, o que fica evidente no conto quando ele pega um avião e com a ajuda de uma corda resgata Tibi desse poço sombrio e solitário. Os dois fazem amizade e Joca convida Tibi para conhecer pessoas que se comunicam de outra forma: usando as mãos. Tibi conhece a Língua de Sinais e se apaixona. Chama os pais para que vejam ele se comunicar, interagir e aprender com outras pessoas surdas na Língua de Sinais. Os pais ficam muito felizes ao verem seu filho interagindo com outras pessoas. Em casa os pais tentam sinalizar com muita dificuldade. A história, nesse instante, traz dois mundos separados, um em cada página – o mundo dos ouvintes e o mundo dos surdos. No final, mostra que a solução para aproximar esses dois mundos: é o amor e a empatia. (Interpretação e transcrição da obra em Língua Portuguesa escrita realizados por mim).

muito comum acreditar que as pessoas surdas viviam apartadas, isoladas, e que elas requeriam a necessidade de se adaptarem ao mundo e à cultura dos ouvintes para poder viver uma vida “normal” dentro de um cistema-heterossexista/capacitista. E para isso, era imprescindível ouvir e falar. Percebemos que esse tipo de explanação está centralizada no invólucro da dificuldade de comunicação e do colonialismo de um sobre o outro na cristalização desses bifurcados desterros culturais: a prática do ouvintismo e a Língua Brasileira de Sinais – Libras.

Também, a ideia da existência dessas duas dimensões nos remete a pensar sobre a distância necessária para que ouvintes e surdos coexistam harmoniosamente dentro das leis da gravidade: são quilômetros e quilômetros de distância. Apesar disso, são as vivências múltiplas e interseccionadas que derrubam o pensamento de mundos dicotômicos e distantes. Mas, na verdade, habitamos um só. Todavia, multiplural, intercultural (MIGNOLO, 2014).

Portanto, as narrativas traduzidas da Libras para a Língua Portuguesa e transcritas para a análise nesta Tese são oriundas das conversas com as pessoas surdas que apresento como coautoras da escrita desta Tese, marcando seu protagonismo de vivências múltiplas de tempo e espaço interseccionados. Pessoas constituídas de experiências que transitaram e transitam por esses portais diversos e que nunca foram representadas por cosmovisões bipolares. As pessoas surdas coautoras desta pesquisa são pessoas que fizeram questão de não apenas falar de si e de suas trajetórias interseccionadas, mas também, de dar visibilidade à Comunidade Surda LGBTI+ de Pelotas/RS. Isso tornou-se possível quando: **Daniel Gonçalves Oreques**; **Daniel Lopes Farias**; **Guilherme de Souza Domingues**; **Jéssica Barbosa**; **Lauren Silveira Farias**; **Nícolas Brahm**; **Rodrigo Pereira Lima**; **Simone Costa de Moura**[81], no momento do aceite, resolveram utilizar seus próprios nomes para as narrativas desta pesquisa, cientes das preocupações e cuidados relativos à ética na pesquisa.

Nesses cenários multiplurais e interculturais inúmeros fatos convergem entre um mundo de experiências ouvintes e o universo das pessoas surdas. Outros, revelam o quanto a realidade da Modernidade colonial de ser, saber e conhecer (MIGNOLO, 2008) maltrata, simultaneamente, esses dois tablados. Porém, essa intensa convivência e permanente transação cultural colonialista decorrentes da interação

[81] Como as pessoas surdas são coautoras será seguido a mesma ideia de citação dos outros autores e autoras citados na pesquisa. Neste momento, fiz a escolha de colocar seus nomes em negrito.

entre esses dois universos de modalidades diferentes – um mundo ouvintista e um mundo gestual-visual-espacial, implica adentrar em outras particularidades e dimensões importantes que envolvem a colonialidade, imprescindíveis nesse processo de permuta entre esse universo bipolar, que compreenderia incluir, segundo Nelson MALDONADO-TORRES (2020), na colonialidade do ser

> a colonialidade da visão e dos demais sentidos, que são meios em virtude dos quais os sujeitos têm um senso de si e do seu mundo. Uma exploração da colonialidade do ser, portanto, requer uma averiguação da colonialidade do tempo e espaço, bem como da subjetividade, incluindo a colonialidade do ver, do sentir e do experienciar. A colonialidade do saber e a colonialidade do poder envolvem a mesma operação em relação (MALDONADO-TORRES, 2020, p. 44).

É por essa trilha interseccional, de conhecer-com e de sentir-com (SANTOS, 2019) que a nossa Tese percorre. Não com a intenção de recontar o que já se tem dito na Literatura e nas diversas ramificações das pesquisas em Educação de Surdos, mas pela perspectiva do conhecimento-prisma que Santos (2019) nos conduz ao evidenciar a importância da incompletude do que sabemos ou se construiu através do resultado das inúmeras mobilizações e lutas como “sendo altamente variada ou multifacetada, privilegiando assim a novidade, a ruptura e o questionamento” (SANTOS, 2019, p. 208). Dessa forma, reafirma-se a necessidade da pluralidade de dimensões bem longínquas de uma bipolaridade camuflada pela diferença linguística, identitária e cultural. Pois, é importante salientar que, quando focamos em pesquisas relacionadas à Educação de Surdos, é muito comum termos a impressão que esse campo de estudo se detém a realizar investigações centradas nas questões linguísticas. Segundo Violeta MORAES (2021, p. 78), isso pressupõe que “independente da proposta, o foco que se dá à marcação identitária surda, pelo viés linguístico, acaba produzindo jeitos de se narrar o surdo atrelado a uma única marca identitária [...]”.

Nas conversas realizadas com as pessoas coautoras desta Tese é unanime a expressão e a necessidade de registrarem e legitimarem, como pessoas surdas, o quanto tornou-se importante em suas vidas, além da aquisição da língua e de sua cultura, o reconhecimento de suas identidades surdas LGBTI+. Diante disso, observamos os seus empoderamentos ao descreverem novas experiências de liberdade ao longo de suas falas e de suas memórias coletivas, a partir das quais “torna possível aos surdos imaginarem outras representações para narrarem a própria

história do que significa o ser surdo" (SKLIAR, 1998, p. 29) e, consequentemente, serem pessoas surdas LGBTI+.

Assim sendo, as memórias coletivas registradas e transcritas da Língua de Sinais para o português provenientes das conversas com pessoas surdas LGBTI+ da cidade de Pelotas/RS, retratadas no decorrer da Tese, são entendidas por essas pessoas como formas de articulação entre lutas de distintas mobilizações sociais e de diferentes enfrentamentos interseccionados, apontada por Bhabha (2013) como um exercício de "tradução intercultural", o qual contribuiria para transformar as diferenças epistemológicas e culturais numa razão conveniente e instrutiva, viabilizando e fortalecendo as conexões entre lutas contra o cistema-heterossexista/capacitista. Esses percursos de "conhecimentos-na-luta" (SANTOS, 2019, p. 123) compõem e sustentam a base para a construção comum desta investigação, consolidando produções amalgamadas à história de uma coletividade surda LGBTI+. Portanto, as conversas são representações e vivências que não devem ser entendidas como simples fragmentos, trechos, citações de entrevistas, por vezes, curtas ou longas. São escritas que, despretensiosamente, esboçam a intenção da construção de um texto-rede-científico, pela perspectiva de ações artesãs, nas quais, em muitos momentos, apesar de utilizarem-se das mesmas ferramentas, têm "zona libertada" (SANTOS, 2019, p. 63) e arriscam-se a provocar algumas desobediências nas normas científicas e acadêmicas no intuito de desmonopolizar, ou seja, descolonizar a escrita e a pesquisa.

No entanto, não deixa de existir uma inseparabilidade entre pesquisador, coautores e a pesquisa em que se interseccionam trajetórias dos "conhecimentos-na-luta", pois são histórias e transcrições que expressam vivências, ou melhor, são escritas que sobressaem mediante a militância e, consequentemente, o compartilhamento pelo corpo-surdo-LGBTI+ que vivencia e exprime as "escrevivências" no sentido de estabelecer uma ponte interseccional com as experiências e relatos de pessoas surdas LGBTI+ minorizadas, tanto na efetivação de registros de experiências através da escrita (Língua Portuguesa) quanto na fala (Libras/vídeos), promovendo um lugar de enunciação de um eu coletivo para a narrativa de um "nós" compartilhado – pois esse tipo de material escrito e em vídeos sobre temáticas da Comunidade Surda LGBTI+, atualmente, é muito raro.

> Escreviver significa, nesse sentido, contar histórias absolutamente particulares, mas que remetem a outras experiências coletivizadas, uma vez que se compreende existir um comum constituinte entre autor/a e protagonista, quer seja por características compartilhadas através de marcadores sociais, quer seja pela experiência vivenciada, ainda que de posições distintas (Lissandra SOARES; Paula MACHADO, 2017, p. 206).

Apesar de tempos diferentes, é relevante ressaltarmos que o espaço de apropriação da língua de sinais foi o mesmo para todas: a escola de educação de surdos. É nítida essa postura nas conversas trazidas pelas pessoas do coletivo da Tese. Para os surdos Nícolas Brahm e Rodrigo Lima, os únicos que começaram a frequentar por volta de dois anos de idade o ambiente escolar, a aquisição da linguagem e o reconhecimento de suas identidades surdas foram se sucedendo com espontaneidade em um ambiente linguisticamente compartilhado. Nícolas Brahm salienta (00:01:00 – 00:01:59) *[...] eu cresci bilíngue*. (00:04:00 - 00:04:59) *[...] não tive esse marco de perceber "Ah, eu sou surdo [...]*. Enquanto o Rodrigo Lima ratifica: (00:16:00 - 00:16:59) *Com dois anos eu consegui uma vaga na* [EBEF][82] *e comecei a me desenvolver na língua de sinais e até hoje me comunico por ela*. Diferentemente das outras pessoas surdas que constituem a pesquisa, cujas realidades foram totalmente díspares, pois para o restante do grupo, o contato com a Língua de Sinais ocorreu entre 5 e 11 anos de idade e somente em uma das situações, aos 17 anos.

Isso demonstra, de imediato, as distorções e variações na aquisição da língua e o quanto isso irá impactar em suas trajetórias de vida, nos seus empoderamentos e na impossibilidade de "trocas culturais e o fortalecimento do discurso surdo" (Maura LOPES, 1998, p. 116), devido à falta de contato com seus pares desde os primeiros anos de vida. Paralelamente, essa disparidade temporal e a falta de comunicação repercutirá no acesso de informações básicas geradas pelo convívio e pelo relacionamento advindas, inicialmente, do seio familiar[83] e necessárias na sua formação cidadã e nas suas biografias LGBTI+, ou melhor, para a construção de "nossa felicidade de bixas, lésbicas e trans" (Paco VIDARTE, 2019, p. 20). Fica evidente, nas declarações da surda Lauren Farias:

---

[82] Escola Bilíngue de Ensino Fundamental. Para preservar o anonimato das escolas e demais instituições indicadas pelas pessoas surdas coautoras desta Tese, elas serão referenciadas por siglas: EBEF: Escola Bilíngue de Ensino Fundamental; EEM: Escola de Ensino Médio; STE: Setor Técnico Especializado; EMEFEM: Escola Municipal de Ensino Fundamental e Ensino Médio.

[83] Famílias predominantemente ouvintes, não usuárias de Libras, dificultando o compartilhamento linguístico.

(00:04:00 – 00:04:59) *[...] Nessa época em que perdi a audição, eu não sabia quem eu era, não sabia o que significava ser surda*. *[...]* (00:05:00 - 00:05:59) *Eu fiquei angustiada, com medo, porque eu não sabia como iria me comunicar. Uma criança de cinco anos não sabe sobre Libras, sobre outras formas de comunicação*. (00:06:00 - 00:06:59) *[...] Eu demorei para me aceitar, construir a minha identidade surda, me ver como pessoa surda, tenho uma língua que é Libras [...]*.

Lauren Farias continua sua narrativa, contando sua experiência sobre seu primeiro encontro com pessoas surdas em uma escola pública inclusiva e que mesmo assim, não ajudou muito a estabelecer uma identificação com seus/suas colegas surdos(as):

(00:08:00 – 00:08:59) *[...] eu estudei em uma escola inclusiva [...]* (00:09:00 – 00:09:59) *[...] Tinham vários surdos, diferentes entre si. Era uma turma grande. Tinham comunicação em língua de sinais. Eu não entendia nada, eu ainda não sabia a língua [...] Eu não tinha noção, pensava que eles ficavam fazendo mímica. Não entendi que era uma língua, que tinha significado ali. [...]* (00:11:00 – 00:11:59) *Eu estava tentando entender a minha identidade surda [...]*.

Entremeio ao turbilhão de sentimentos e inter-relações com seus(suas) colegas ouvintes e a escola inclusiva, Lauren Farias, ainda complementa sobre sua confusa relação gerada pela falta de conhecimento e pela bifurcação de experiências advindas do seu envolvimento com o universo ouvinte e surdo:

(00:13:00 – 00:13:59) *Eu comecei a reprovar muito nessa escola, sofri bullying por ser surda também. Era mais fácil para os ouvintes jogarem a culpa de tudo em mim. Eles perguntavam se eu era a culpada por algo que tinha acontecido, eu respondia que sim, porque não sabia [...]*.

Porém, esse sentimento de estranhamento daria uma guinada brusca, no momento de sua transferência para uma escola de surdos:

(00:13:00 – 00:13:59) *[...] Em junho de 2005, eu tinha dez, quase 11 anos, eu vim para cá* [escola de surdos] *conhecer e fazer a matrícula*. (00:14:00 – 00:14:59) *Mas eu quase não gostei, sabes por quê? Quando eu cheguei, o corredor estava*

lotado de surdos usando língua de sinais. [...] (00:15:00 – 00:15:59) *Eu aceitei a língua, a cultura surda. Eu tinha encontrado um mundo ao qual eu pertencia. Antes disso, eu não me sentia da mesma forma, era mais complicado [...]*.

Nícolas Brahm é um homem-trans; Jéssica Barbosa e Lauren Farias são lésbicas. Simone de Moura é bissexual. Rodrigo Lima, Daniel Oreques, Daniel Farias e Guilherme Domingues são gays Hoje, militantes e protagonistas empoderados dentro deste estudo coletivo. Contudo, pela perspectiva cisheterossexista/capacitista, nunca foi e ainda não é nada fácil externalizar sua orientação sexual, sejam pessoas surdas ou ouvintes, pois

> O mundo os insulta, fala deles, do que dizem de si. As palavras da vida cotidiana tanto quanto as do discurso psiquiátrico, político, jurídico, atribuem a cada um deles e a todos coletivamente um lugar – inferiorizado – na ordem social. Mas essa linguagem os precedeu: o mundo de injúrias está ali antes deles, e deles se apodera antes mesmo que possam saber o que são (Didier ERIBON, 2008, p. 75).

Mas, como seria assumir-se pessoa surda LGBTI+ nesses divergentes mundos avessos, em outra dimensão, diferentemente, do cistema-heterossexista/capacitista? Existiu ou existiria esse certo não-lugar-sinalizante-decolonial, onde pessoas surdas além de circularem livremente pudessem ser o que elas realmente querem ser em decorrência das conquistas advindas das mobilizações sociais da Comunidade Surda e pelo reconhecimento às diferenças?

Aparentemente, pelas narrativas das pessoas colaboradoras da Tese, percebemos, que muitas coisas do mundo binarista/ouvintista convergem. Primeiramente, vamos observar relatos de alguns momentos em que estas pessoas surdas LGBTI+ identificam a existência interior de algo a mais para além da surdez. Vamos, a seguir, descrevê-las em língua de sinais transcrita, seguindo ordem cronologia em que se sucederam as nossas conversas:

Daniel Farias nos conta:

(00:10:00 - 00:10:59) *[...] Então, nesse período entre dez e 15 anos, não lembro com certeza, eu comecei a ficar muito emocionado ao me perceber diferente dos outros surdos, perceber a minha homossexualidade, minha diferença*. (00:11:00 – 00:11:59) *Eu me sentia diferente dos outros surdos e pensava que estava sozinho. [...]* (00:23:00 – 00:23:59) *[...] eu fui à fonoaudióloga com essa idade e peguei uma*

revista com figuras de corpos masculinos. *[...] senti algo diferente, me senti atraído pelo corpo deles. Minha mãe estava sentada ao lado e não percebeu, eu escondi o meu sentimento. Continuei a folhear a revista, vi outros homens e me senti bem. Vi mulheres também, com biquínis e não me senti da mesma forma. Simplesmente as ignorei e voltei meu olhar para os homens das fotos [...]*.

Rodrigo Lima sinaliza:

(00:27:00 – 00:27:59) *[...] sempre fui muito curioso, sobre todos os assuntos, amava saber de tudo. [...] Eu sou muito grato aos ouvintes com quem convivi em Pelotas, porque me ajudaram muito com o jeito deles. [...] Minha mãe era muito rígida, e eu não sabia de algumas coisas. Pensava que as minhas angústias eram causadas pela questão da surdez. Mas, naturalmente eu ia descobrindo as coisas porque eu era muito curioso mesmo. [...]* (00:28:00 – 00:28:59) *[...] Com o passar do tempo e no contato com pessoas ouvintes que me ensinaram muito, sobre autoestima, conhecimento* (00:29:00 – 00:29:59) [...] *dentre outros assuntos que sempre me deixavam muto eufóricos. Eu adorava aprender, eu ia quebrando vários tabus [...]*.

No entanto, Rodrigo Lima percebia que desejava ir mais além, sentia-se diferente diante de uma comunidade – ouvinte e surda – estagnada em vários assuntos:

(00:29:00 – 00:29:59) *Mas mesmo assim, eu tinha um sentimento triste, de incômodo com a Comunidade Surda. Eu sempre era apagado, colocado "pra baixo" quando estava com eles. Eu me sentia ignorado tanto na comunidade ouvinte como na surda. Isso me angustiava. Eu sempre tentei ensinar e/ou chamar a atenção dos surdos para alguns assuntos, mas bem...Eu tinha dez anos quando dei meu primeiro beijo em outro menino, ele era uma criança como eu. [...]* (00:31:00 – 00:31:59) *[...] eu me assumi gay com 11 anos, foi muito cedo. [...]* (00:34:00 – 00:34:59) *[...] Na verdade, quanto à questão da surdez eu me sinto muito triste, porque eu tenho um pensamento bem diferente da comunidade surda sobre vários assunto. Eu não sei por quê. Eu aprendo as coisas muito rápido, sou muito interessado em quebrar tabus, enquanto eu vejo que vários surdos não têm essa militância. É um movimento estagnado e eu não sou assim [...]*.

Simone Moura nos provoca:

(00:08:00 – 00:08:59) *Eu tinha muita dificuldade nos relacionamentos com homens, não havia muito diálogo e compreensão. Já com mulheres eu tinha essa abertura maior, essa comunicação.* (00:09:00 – 00:09:59) *[...] Por isso eu acabava nesse movimento de experimento, tentava com homens e mulheres. E percebi que eu combinava mais com mulheres. [...] Foi horrível falar com a minha mãe. Ela não aceitou, porque ela era muito tradicional.* (00:10:00 – 00:10:59) *[...] Não sabia dizer se eu era lésbica. [...] Eu nunca falei nada com ela sobre esse assunto mais, sempre mantive meus relacionamentos discretos, escondidos. [...] Ela ficava triste, chorava,*

porque pensava que o certo seria eu namorar homens [...] ela insistia que ficar com mulheres, ser lésbica, era feio que não era o certo. [...] (00:11:00 - 00:11:59) *Até quando eu resolvi sair de casa para ficar com a minha esposa da época e ela precisou respeitar essa escolha [...]*.

Jéssica Barbosa demonstra a preocupação ao externalizar sua condição identitária de pessoa surda e lésbica no ambiente de trabalho e no meio social:

(00:06:00 – 00:06:59) *Na verdade, precisa melhorar na sociedade, nas lojas, nos bancos, nas farmácias...em qualquer lugar precisa. Principalmente para quem é surdo, não vejo o mesmo para a minha identidade LGBTQIA+, por ser lésbica não precisa, porque ninguém consegue perceber. Mas por eu ser surda, sim. Às vezes, eu tenho dificuldade de ir em alguns lugares sozinha, as pessoas perdem a paciência para falar comigo, tentar me entender. Já aconteceram momentos de as pessoas serem egoístas, escrotas comigo. Eu não gosto. Eu peço para as pessoas se acalmarem, prestarem atenção, para eu poder fazer a leitura labial [...]*.

Daniel Oreques revela suas aflições, principalmente, no seio familiar sobre sua orientação sexual e o medo que o acometia sobre ser expulso de casa pela família:

(00:05:00 – 00:05:59) *[...] tinha entre oito ou dez anos, e percebi que estava me sentindo atraído por homens e não tinha interesse em mulheres. Eu guardei este segredo, eu não conseguia contar para a minha família. Eu colocava sempre no Facebook que eu estava triste.* (00:06:00 – 00:06:59) *Até que um dia, a minha irmã veio me perguntar por que eu estava muito triste, que ela via o meu Facebook, aqui eu já estava com 15 ou 16 anos. Foi um golpe no meu coração, eu não consegui falar para ela, mas ela disse: "a mana já sabe que tu gostas de meninos". Eu me assustei. [...]* (00:07:00 – 00:07:59) *[...] Eu comecei a chorar, feliz. Ela disse que eu precisava contar para nossos pais. Eu tinha medo de ser expulso de casa, mas fui. Ela aceitou interpretar a nossa conversa, ela não era muito fluente em Libras, mas conseguia usar algumas estratégias. Fomos conversar com eles para eu contar [...]*.

Guilherme Domingues externa suas descobertas pessoais entre meio a suas inter-relações com seus(suas) colegas de escola:

(00:17:00 – 00:17:59) *Na verdade, desde pequeno eu sentia algo diferente em mim. Eu experimentei ficar com meninas, mas não gostei. Vi um menino diferente, achei ele bonito. Quando cheguei em casa, eu estava nervoso, fiquei pensando naquele sentimento. Algumas pessoas já me ofendiam, me colocavam apelidos, me provocavam. Falavam que eu "quebrava a mão", que eu parecia uma menina. [...]* (00:19:00 – 00:19:59*) [...] Então, eu comecei a perceber que, sim, eu achava os meninos mais bonitos, e eu gostava disso. [...]* (00:20:00 – 00:20:59) *[...] Um dia a minha mãe viu um menino surdo me provocando. Ela foi até ele e perguntou sobre o sinal que ele estava usando para me provocar ("quebrando a mão"). [...]* (00:21:00 –

00:21:59) *Ele falava que eu "quebrava a mão", que a minha roupa era feia, que era simples, que ele era mais bonito, essas coisas. [...] Ela perguntou para ele se ele sabia que significava aquele sinal que ele estava usando para me provocar. [...] A diretora disse que uma mãe disse para ela que estaria acontecendo alguma coisa com o filho dela. Na verdade, a diretora foi falar com este grupo de colegas por causa do bullying que eu estaria sofrendo, [...].*

Entretanto, Guilherme sabia de antemão, do "risco" a que estava sendo exposto:

(00:22:00 – 00:22:59) *[...] mas a minha mãe a procurou para perguntar o significado do sinal que eles usaram ("quebrando a mão"). A diretora explicou pra ela que significava ser gay, afeminado. A minha mãe ficou surpresa. [...] Sim, a minha mãe descobriu conversando com a diretora. Ela ficou muito nervosa, agitada, preocupada, amedrontada... Ela pensou, inclusive, que os surdos poderiam querer me matar, que eles matariam o filho dela. [...] Não lembro exatamente. Mais ou menos uns dez, onze anos. [...]* (00:23:00 – 00:23:59) *A minha mãe descobriu sozinha, ela sabia que eu era gay, mas eu ainda mantinha esse assunto em segredo. Eu tinha até medo quando a minha mãe vinha fazer perguntas. [...] Sim, senti medo, porque quando ela enfrentou ele, ela iria descobrir. Ela me perguntou se eu já tinha certeza sobre gostar de homens. [...] ela me perguntou, quando estávamos com a diretora, em reunião. [...] Eu disse: eu gosto de meninos. Ela ficou muito assustada. [...] Eu me assumi naquele momento. [...]* (00:24:00 – 00:24:54) *[...] Minha mãe pediu ajuda da diretora para conversar comigo. A diretora ainda perguntou para ela se ela aceitava o filho gay. A minha mãe estava muito nervosa pensando no marido dela, meu pai, que ele ficaria muito bravo. Ela pensou um pouco e disse que seria melhor manter isso em segredo por um tempo. Ela sabia que eu era gay, mas ficaria quieta [...]*.

Nícolas Brahm relata suas angústias desde a infância que perpassa pela imposição do uso de certos tipos de peças de roupas generificadas e de comportamentos que não condiziam com o sexo biológico de nascença:

(00:26:00 – 00:26:59) *Primeiro começou dentro de casa. Aos dois ou três anos eu já usava roupas masculinas.* (00:27:00 – 00:27:59) *Eu não gostava das roupas femininas que eu ganhava, recusava-me a usá-las. [...] Eu era pequeno e minha mãe pensava que era apenas uma fase, achava estranho, mas se eu estivesse me sentindo confortável, estava bom. Eu fui crescendo e não mudei de pensamento, mas o meu pai quis obrigar-me a vestir roupas femininas. Eu não aceitava, chorava, meu pai me forçava dizendo que eu era menina e tinha que usar aquelas roupas. Eu não sabia (...)* (00:28:00 – 00:28:59) *(...) porque todos diziam que eu era menina, eu já não me via assim. Parecia que todos estavam me forçando a virar mulher, sabes? Mas, para mim, eu não era. Eu não entendia essa imposição. Eu era menina? Mas eu não me via como menina, eu não percebia o que isso significava, só sentia. Não entendia por que as pessoas não deixavam ser quem eu tinha escolhido ser. Não me respeitavam. Era assim que eu me sentia e aquilo me angustiava, eu percebia essa imposição. A minha sorte era que o meu avô sempre me defendia. Quando meu pai tentava me obrigar na*

questão das roupas, ele dizia para me deixar livre, que eu era feliz do meu jeito. Poxa, o meu avô, um homem mais velho! Ele podia ser mais fechado, mas não, era o contrário. Ele já sabia, ele dizia para me deixarem ser feliz, que aquilo estava me deixando triste [...].

Todavia, Nícolas Brahm enfrentava ainda em sua infância as dificuldades em compreender a binária e enrijecida sociedade em que vivemos:

(00:29:00 - 00:29:59) *[...] Com o tempo, meu pai percebeu que não adiantava tentar "me consertar" e aceitou. [...]* (00:34:00 – 00:34:59) *Na verdade eu não "me" achava estranho. Eu estranhava essa obrigatoriedade que vinha das outras pessoas. Quando me diziam: "Tu és uma menina". Eu não entendi por que eu era obrigado a ser uma menina como eles queriam. Eu sentia que não era aquela menina, mas não sabia nada sobre LGBTQIA+. Só ficava observando [...]*.

Lauren Farias revela as estratégias que utilizava para tentar compreender seus sentimentos:

(00:28:00 – 00:28:59) *Comecei a perceber questões da minha sexualidade quando já era grande, falando a verdade. Em casa, eu usava roupas que não seguiam um padrão feminino para a sociedade; bermuda e camiseta. Eu uso até hoje, mas agora é diferente. [...] Nós tínhamos vizinhos e uma delas vestia-se como eu, usava boné e passava na frente da minha casa de moto com a namorada. Beijavam-se em público. Eu jogava futebol e via.* (00:30:00 – 00:30:59) *Eu jogava sempre com os meninos, não gostava de brincar com as meninas. Enquanto eu jogava futebol, eu via essa vizinha e relacionava com o que aparecia nas novelas. [...] Não sabia nada sobre identidade LGBTQIA+. Desconhecia. Desde pequena, fui crescendo e desenvolvendo uma atração por mulheres, isso eu já tinha [...]*.

Talvez, esse instante da pesquisa tenha sido uma das primeiras ocasiões ímpares na Comunidade Surda LGBTI+ de Pelotas/RS, a coletivizar seus semblantes, intimidades e expressões sinalizadas ao narrarem suas histórias e momentos nos quais as pessoas surdas se perceberam ou se assumiram LGBTI+ num prisma social hegemônico que é atravessado por mundos habitados por surdos(as)/ouvintes, quiçá coisas nunca ditas, ou melhor, nunca sinalizadas e interpretadas. Provavelmente, alguns dos registros expostos acima, não nos remetem a grandes revelações e surpresas ou até mesmo nos reverberem por temáticas sobre a sexualidade que não coincidam, principalmente, por vivências e trajetórias LGBTI+ anteriormente retratadas ou mencionadas de alguma forma na Literatura. No entanto, como salienta Hall (2016), é de extrema importância que as pessoas permitam-se contestar as imagens e os

discursos que há muito tempo são produzidas sobre nós e aqui pensando, especialmente, na Comunidade Surda, pois a "representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura" (HALL, 2016, p.31). E isso vale também para as imagens e representações do "Outro" proveniente do interior do próprio grupo, ou melhor, do corazonar (SANTOS, 2019) – das mobilizações de luta – de uma comunidade que defende o reconhecimento de sua diferença. Isso nos remete a pensar nas possíveis bifurcações que a diferença pode assumir. Ainda segundo Hall (2016),

> [...] a "diferença" é *ambivalente*. Ela pode ser tanto positiva quanto negativa. Por um lado, é necessária para a produção de significados, para a formação da língua e da cultura, para as identidades sociais e para a percepção subjetiva de si mesmo como um sujeito sexuado. Por outro, é, ao mesmo tempo, ameaçadora, um local de perigo, de sentimentos negativos, de divisões, de hostilidade e agressão dirigidas ao "Outro" (HALL, 2016, p. 160).

Nessas cosmovisões, algumas representações e discursos que transitam sobre a outra pessoa são cruéis, contudo, são verídicas e se assemelham muito às práticas vivenciadas pelas pessoas LGBTI+ ouvintes/surdas como, por exemplo: o pânico do momento da revelação e da possibilidade da não aceitação e expulsão pelas famílias, da solidão, da indiferença, da inferioridade/negação, do racismo, da morte, da violência, do apagamento, da LGBTIfobia, entre outros. Isso nos leva a pensarmos o quanto o colonialismo do cistema-heteropatriarcal se insere na trama que envolve as diferenças e o quanto esses mundos *vecinos* necessitam se descolonizar.

Isso fica notório nos relatos de algumas das pessoas surdas coautoras desta Tese. Mesmo a família demonstrando apoio, a desconfiança e o medo era uma constante. Jéssica Barbosa expressa essa preocupação e também o receio de ainda apanhar:

(00:25:00 – 00:25:59) *Com nove anos eu comecei a sentir atração por meninas. [...] eu escondia* ***porque eu tinha medo que meus pais me batessem, ou expulsasse de casa, eu me fechei***[84]*. [...]* (00:26:00 – 00:26:59) *Às vezes eu pensava em fugir de casa. [...] Eu ficava sozinha pensando, porque antes eu não tinha com quem falar, com quem conversar. Eu ficava refletindo sozinha [...]*.

[84] Grifo nosso.

Daniel Oreques percebe que mesmo a família frisando que não o expulsaria de casa, a aceitação por parte dos pais sobre sua orientação sexual, ainda tinha outra questão atrelada:

(00:08:00 – 00:08:59) *[...]* ***Eu disse ainda que eles poderiam me expulsar de casa, que eu iria morar em outro lugar****. Minha mãe disse que não precisava fazer isso, que era para eu ficar em casa, mas* ***eu percebi que ela não tinha aceitado 100%*** *ainda. [...]* (00:10:00 – 00:10:59) *[...]* ***tinha a questão da religião também***[85] *[...].*

Todavia, seguir o raciocínio de que somente bastaria pertencer a Comunidade Surda e sinalizar para, intuitivamente, estar incluído nela, também cai por terra. É o caso de Rodrigo Lima, ao acreditar que todas as pessoas surdas na escola demonstrarem fluência na Língua de Sinais, asseguraria a elas, serem "iguais" e, também, a ele ser aceito por elas, invisibilizando as outras diferenças. No caso de pessoas LGBTI+,

> A bicha também evoca um não lugar, mesmo que ela seja nomeada por alguém com muitas semelhanças – idade, raça, classe, cheiro, modo de falar, religião –, mas que se apoia nas normas cis heterossexuais para se impor, demarcar o centro e promover a margem como único espaço possível (Megg OLIVEIRA, 2020, p.103).

Percebe-se isso, principalmente, quando Rodrigo, sendo uma pessoa negra, surda, bicha, afeminada, periférica, pobre e sinalizante, expressa sua ambiguidade. Ele nos relata:

(00:28:00 – 00:28:59) *Mas quando eu comecei a estudar na escola de surdos, eu estava muito feliz, mesmo assim sempre me sentia diferente dos demais, pensava que era porque eu chorava muito, isso acontecia porque os surdos de Pelotas eram muito fechados. Toda vez que eu tentava mostrar algo diferente eles diziam que estava errado.* ***Eu me sentia muito mal, mas não compreendia bem o motivo, visto que éramos "iguais", somos todos surdos***[86]*. Eu tinha a mesma inteligência que eles. Eu não entendia que era algo além da surdez [...]*.

No entanto, corpos negros são concebidos como corpos incorretos, inadequados, "'fora do lugar' e, por essa razão, corpos que não podem pertencer. Corpos brancos, ao contrário, são construídos como próprios, são corpos que estão

[85] Grifo nosso.
[86] Grifo nosso.

‘no lugar’, ‘em casa’, corpos que sempre pertencem” (Grada KILOMBA, 2019, p. 56). Esse pensamento naturalizado de pertencimento – de se sentir “no lugar” – pode estar fundamentado na perspectiva limítrofe focada, historicamente, pela forte marcação decorrente das mobilizações de lutas da própria Comunidade Surda no decorrer de sua trajetória, pelo reconhecimento de suas diferenças linguísticas, identitárias e culturais. Desta forma, bastaria para uma pessoa negra, surda, bicha, afeminada e periférica, compartilhar da mesma língua, dos mesmos lugares, dos mesmos costumes, das mesmas histórias, das mesmas tradições e crenças que esta língua evoca, para se considerar “em casa”. Porém, o empoderamento torna-se uma das ferramentas mais importantes ao combate as quaisquer formas de discriminação e opressão: (00:35:00 – 00:35:59) *[...] Eu me percebi surdo, gay, negro, são três questões que me diferenciam* (Rodrigo Lima).

Todavia, as narrativas alinhavadas pelo coletivo que construiu esta Tese, expõem como a comunicação e a informação, em muitos momentos, foram restritas, falhas, truncadas, inexistentes, e por vezes, silenciadas devido à falta de diálogo decorrente da diferença linguística. Os conhecimentos necessários e, amiúde, pertinentes à faixa etária das pessoas surdas LGBTI+ envolvidas, acabam por ser omitidos em todos os sentidos. “Em famílias ouvintes, as crianças surdas observam as conversas e discussões que não são direcionadas a elas” (STROBEL, 2015, p. 61). Sem ter acesso a qualquer via de informação ou espaço de conversação, os conhecimentos sobre qualquer tipo de assunto, são negligenciados dentro do próprio ambiente familiar. Consequentemente, muitas dessas pessoas estigmatizam um sentimento duplo de reclusão – por ser surda/surdo e LGBTI+. Com certeza, a desinformação impõe um mecanismo de controle[87] (FOUCAULT, 2008) capacitista, intencionalmente, elaborado por políticas sociais advindas do cistema-heterossexistas para ratificar a manipulação de qualquer corpo.

Para Nícolas Brahm e suas irmãs, desde a infância, por exemplo, não recebiam nenhuma informação sobre o universo LGBTI+:

(00:35:00 – 00:35:59) *As minhas irmãs, assim como eu, não tinham informações sobre isso também. Não sei quanto aos meus pais, mas nós, acho que*

[87] A chamada sociedade de controle está um passo à frente da sociedade disciplinar. Não é que ela tenha deixado de subsistir, mas sim que ela se disseminou para o campo social da produção. Segundo o autor, a disciplina é internalizada. Isso é feito por três instrumentos gerais: medo, julgamento e destruição.

nunca tínhamos visto uma pessoa LGBTQIA+. Nós éramos pobres, não tínhamos internet e não tinha legenda na televisão. Nunca tocamos no assunto LGBTQIA+ em casa. [...] (00:40:00 – 00:40:59) *[...] mais tarde que eu comecei a perceber mulheres que namoram mulheres, homens que namoravam homens. Eu ainda não conhecia os termos, só tinha visto essas pessoas. O significado das palavras, da bandeira LGBTQIA+ e que ela representa uma diversidade de pessoas eu não sabia [...]*.

Porém, os escapes são inevitáveis. Como frisa Vidarte (2019, p. 57) "À força de nos repetirmos, vamos mudando, querendo ou não. A única origem é repetir, repetir, bixas repetidas até o cansaço e que se transformam à força de repetir a si mesmas", independentemente de qual espaço ou mundo ocupamos e que nos identifica. As falas em alguns momentos demonstram como a falta de informação fomentou, estrategicamente, aproximações ao mundo ouvinte na tentativa, também, de sobreviver, buscar e construir conhecimentos para o empoderamento e a formação de suas próprias identidades surdas LGBTI+.

5.1 Famílias e Surdes: os tropeços e as estratégias de *dialogizar*

Idealizada e reafirmada na modernidade como sendo o berço inicial para a construção dos seres humanos, a família é, geralmente, considerada como a primeira e mais importante fonte de formação e educação. Ela deveria nos proporcionar um ambiente acolhedor e afetuoso, assim como o cuidado para crescermos e desenvolvermos habilidades importantes, como a linguagem, a comunicação, a socialização, a moralidade e a ética, entre outros. É dentro da família que aprendemos os valores e as normas que regem a nossa cultura e sociedade, além de desenvolvermos a nossa identidade pessoal e a nossa individualidade. "A criança, por meio dela, vai se constituir e ser constituída nas relações afetivas, social e cognitiva, recebendo significados e práticas históricas e culturais que vão refletir na sua cognição" (Norma VASCONCELOS; Cristina LACERDA, 2020, p. 129). Contudo, nem sempre é aquela família que a sociedade patriarcal, tradicionalmente, deseja e desenha para cada um de nós – composta por "mulher-mãe", pai e filhos. Famílias plurais e, às vezes, inexistentes, podem assumir diversas formas e configurações, dependendo das culturas, crenças, valores e circunstâncias que a conformam. Hoje em dia, é importante reconhecer a existência de uma diversidade de possibilidades de arranjos familiares como: famílias compostas por casais LGBTI+, famílias constituídas por adoções, famílias encabeçadas por "mulher-mãe"/pai solo, famílias recompostas

com madrastas/padrastos, tia/tio, avó/avô e pelos irmãos, entre outras. Famílias que se comunicam entre si utilizando-se da mesma língua e outras que falam línguas diferentes – no caso, específico, que tratamos aqui, as pessoas surdas LGBTI+ que fazem parte do construto desta tese – filhos(as) de pais ouvintes e, geralmente, não usuárias da língua de sinais.

Gestos não é língua. Pode até ser uma forma de comunicação momentânea, uma linguagem de uso de senso comum empregada ou combinada muito superficialmente e de breve emprego. Mas, não é uma língua natural.

> [...] as crianças surdas criam um sistema gestual para se comunicarem com seus pais. Esse sistema é chamado de "sinais caseiros". [...] Esses sistemas possibilitam a comunicação entre a criança e as pessoas que convivem com ela, entretanto, são limitados, pois atendem apenas às necessidades primárias das crianças e a tópicos do dia-a-dia relacionados com a realidade da criança (Tatiana LEBEDEFF; Fabiano ROSA, 2013, p. 101).

Era, na maioria das vezes, através de gestos e pela aprendizagem aos tropeços da Língua de Sinais adquirida por cursos de curta duração realizados por alguns familiares ou sinais ensinados pelos(as) próprios(as) filhos/as em casa que a comunicação entre eles transitava. Fora a oralização que era concomitante:

(00:16:00 – 00:16:59) *[...] Mas com minha mãe, era o jeito dela, eu já estava acostumado, usávamos de bimodalismo*[88] *na nossa interação. [...]* (00:18:00 – 00:18:59) *[...] Ela precisava de maior contato para memorizar, mas eu resolvi entender que seria o bimodalismo com ela e me acostumei. Às vezes ela entendia, dependia muito [...]* (Rodrigo Lima).

Geralmente, o bimodalismo citado por Rodrigo era muito pontual. Na maioria das vezes, a comunicação era realizada pela perspectiva do ouvintismo – prática exercida com o propósito de sujeitar a pessoa surda "a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte" (SKLIAR, 1998, p. 15). Sendo que, muitos desses gestos/sinais, simplesmente, funcionam como apoio à prática da oralidade. Ainda mais, reconhece-se, historicamente, que essa posição bilingual condiciona "o surdo pelo meio" (Gladis PERLIN, 1998, p.56).

Então, muitos(as) deles/delas, além de usuários(as) de aparelhos auditivos, tinham atendimentos com profissionais de fonoaudiologia, os(as) quais, a maioria,

[88] Uso dos sinais e da fala de forma simultânea, porém, em modalidade distintas, na qual uma delas – o português – se sobressai na comunicação.

naquela época, não trabalhava pela perspectiva do bilinguismo, a partir do reconhecimento da língua de sinais como primeira língua dos(as) surdos(as). Os(as) profissionais almejavam que as pessoas surdas se adequassem às normas da língua oral num trabalho clínico intensivo. Em geral, tais orientações eram seguidas pelos pais, tanto no âmbito familiar como no social:

> O exercício desse poder no contexto da família de crianças surdas foi possível porque se configuraram, com a produção de uma discursividade científica – prescritos por médicos, fonoaudiólogos, psicológicos (sic) e educadores –, padrões de desenvolvimento do funcionamento de uma criança normal/ouvinte, os quais foram tomados como “verdadeiros” e “naturais” (Márcia LUNARDI, 2006, p. 92).

Diante desses tropeços na aprendizagem da Língua de Sinais e a perspectiva clínica ouvintista, até mesmo os assuntos triviais do dia a dia se esgotam, é imprimida uma certa fadiga nos assuntos devido à dificuldade de comunicação.

Se para um(a) adolescente ouvinte já é um obstáculo falar sobre sexualidade dentro do ambiente familiar, com as pessoas surdas e, principalmente, surdas LGBTI+, as barreiras são bem maiores perante esses entraves. Além disso, são atravessadas por um cistema-heternormativo que torna essa convivência bem mais controversa.

> [...] seu eu lugar nesse sistema de referência torna-se problemático. Isso pode ajudar a explicar por que e como eventualmente o surdo, em algumas famílias, torna-se aquele que não se ajusta, o estrangeiro, aquele que fica sem entender, sem comunicação e cresceu com aquelas coisas que não se desenvolvem, ou que ficam carecendo (Cleusa ZIESMANN, 2018, p. 11-12).

Em consequência dos entraves linguísticos encontrados, alguns registros tornam-se relevantes de mencionar para compreender que a perda da Comunidade Surda LGBTI+ vai além de uma antiga visão geral clínica colonizadora e cisheterossexista que enfatizava “os vários graus de falta de audição” (Markku JOKINEN, 1999, p.198). Na verdade, essa ausência de diálogo e de informação impediu o desenvolvimento de experiências visuais, bem como, a carência extrema de aquisição de conhecimento universal e de, não somente, suas identidades surdas, mas também, LGBTI+.

Daniel Farias aponta o que experienciava nesses momentos, muitas vezes, de total solidão:

(00:19:00 – 00:19:59) *[...] Faltava a língua de sinais e precisava ter para eu me comunicar em família. [...] sentia-me sozinho. [...] Eu só assistia televisão. [...] Eu só sentia que precisava fazer com que minha família entendesse que se comunicar comigo em língua de sinais era importante. Porque somente minha mãe fazia isso. Eu me sentia triste por isso [...]*.

Guilherme Domingues enfatiza os ensaios e os percalços para a aquisição da segunda língua pela família:

(00:06:00 – 00:06:59) *[...] A minha família não sabia Libras. Precisava que a minha mãe aprendesse aqui na escola e levasse os ensinamentos para casa. [...] ela começou a aprender Libras. [...] Primeiro foi a minha mãe, depois a minha irmã apendeu um pouco também [...]*.

Jéssica Barbosa explicita a dificuldade de comunicação devido à negação da sua surdez e da sua própria orientação sexual:

(00:22:00 – 00:22:59) *A minha mãe não sabia Libras*. (00:23:00 – 00:23:59) *Eu oralizava e sinalizava junto. Depois que a minha mãe percebeu que precisava se esforçar para se comunicar melhor comigo, ela fez aulas de libras com a professora Aline*[89]*.* (00:24:00 – 00:24:59) *Ele aceitou a surdez, mas depois piorou a situação quando ele descobriu que eu era lésbica. Aí ficou difícil de ele se adaptar [...]*.

Para Daniel Oreques a dificuldade de comunicação era ocasionada, principalmente, pelo grande desgaste familiar para dar conta de seus compromissos:

(00:02:00 – 00:02:59) *Era bastante difícil, eu tinha essas barreiras, não conseguia conversar com ninguém. Eu não tive uma família fluente em Libras, não interagia. [...] A minha mãe não conseguia vir fazer os cursos de libras, (...)* (00:03:00 – 00:03:59) *(...) porque eu tinha um irmão PCD (Pessoa com Deficiência. Ela não tinha tempo para conversar com o filho surdo. Ela pediu para a minha irmã vir fazer o curso de Libras. Então eu pude começar a interagir com a minha família [...]*.

Ao contrário, a mãe do Nícolas Brahm, desde cedo, procurou aprender a Língua de Sinais:

(00:07:00 – 00:07:59) *[...] a minha mãe vinha aprender Libras junto comigo. [...] Em casa, ela ensinava a minha irmã, um ano mais velha que eu*. (00:11:00 – 00:11:59) *Eu não quero saber por outras pessoas ou com interpretação. [...] A minha mãe e*

[89] Professora Surda que foi aluna e docente da escola de surdos. Atua como professora de Libras em instituição de ensino superior. É referência na Comunidade Surda.

minhas duas irmãs aprenderam, a minha terceira irmã está aprendendo. (00:14:00 – 00:14:59) *[...] Às vezes eu ia em festas da família e precisava ficar perguntando o que estavam falando. Minha mãe e irmãs estavam sempre interpretando para mim. [...]* (00:16:00 – 00:16:59) *[...] Às vezes eu chegava nos lugares e já me perguntavam se eu queria ver alguma coisa na televisão. Eu pensava: "Se eu quisesse ver TV, eu tinha ficado em casa!"* (00:19:00 – 00:19:59) *[...] O que mais nos prejudica é se os pais querem falar sobre isso, ainda tem a barreira linguística. Se eles não forem fluentes, sentarem para conversar, os surdos não vão entender de forma clara o assunto [...]*.

À exceção de alguns casos, quando transcorre o diálogo ou se estabelece um bom elo familiar entre ambos, conforme são demonstradas nas narrativas produzidas pelas pessoas LGBTI+ protagonistas desta Tese, são provenientes de ações ou de atitudes de "um ou outro membro ouvinte da família [...] resolveu se informar e aprofundar a respeito da cultura surda, procurando se comunicar e passar todas as informações [...] saberes e a aceitação da identidade surda (STROBEL, 2015, p. 62). Apesar de a relação perpassar por um entrave linguístico, não é o único esboço a ser *mirado* e que aparenta circundar entre eles. Por outro lado, existe o reverso em relação ao ambiente oralista em que essas pessoas surdas convivem, quando, panoramicamente, acreditam não se acharem "diferentes do resto do mundo; elas creem que os sujeitos ouvintes é que são "estranhos", "esquisitos" ou "diferentes" delas (STROBEL, 2015, p. 64).

Porém, a maquinaria e a engrenagem que operam nesse "bi-mundos" talvez não sejam tão estranhas e diferentes assim. Possivelmente, elas apontem mais liames em comuns do que se acredita existir. Um deles, perpassa por papeis concebidos e muito bem definidos pelo cistema-heterossexista do nosso construto social e que respinga com maior intensidade num ambiente familiar nuclear-generificado – ancorado no binômio do papel da mãe versus o papel do pai –, pois, segundo OYĚWÙMÍ (2020, p. 88) "não existem categorias transversais desprovidas de gênero nessa família" e que de súbito, experiencia o capacitismo e a corponormatividade – que nesse caso, específico, de pais ouvintes com filhos(as) surdos(as) projeta socialmente, padrões hegemônicos de corpos funcionais possíveis de vida.

E, ainda que esse seja um momento perturbador, ele também contribui na desordenação hegemônica familiar. No entanto, será a família o mais próximo círculo sociável com o qual a pessoa surda, inicialmente, manterá suas relações. A responsabilidade do cuidar, do educar e de favorecer seu desenvolvimento recai, geralmente, a quem atua no papel feminino que, marcadamente, é gerenciado,

sobretudo, pelo poder da colonialidade de raça/gênero (LUGONES, 2020, p. 60). É a mãe, ou melhor, é a "mulher**"** que, geralmente, inicia a comunicação com seu/sua filho(a) surdo(a). É a "mulher-mãe" que leva seu/sua filho(a) à escola de surdos e realiza os primeiros contatos com a Comunidade Surda. É a "mulher-mãe" que devido à sua participação ativa no ambiente escolar, desperta interesse para a realização de cursos básicos da Língua de Sinais, e assim, inicia com mais confiança e facilidade, a comunicação com seu/sua filho(a). Nas narrativas do coletivo, nota-se, indiscutivelmente, que a comunicação com as pessoas surdas LGBTI+, está centrada e focada na "mulher-resiliente", geralmente, na "mulher-mãe" ou na "mulher-irmã".

Dentro do ambiente familiar se encenam novas estratégias de comunicação geradas pelo empenho na aquisição de uma segunda língua, calcada, algumas vezes, pela tríade de aprendizagens entre filho(a) surdo(a)/"mulher-mãe/mulher-irmã" na Língua de Sinais. Dessa forma, outros papeis se concretizam dentro da família: o de mediadoras de comunicação, ou melhor, de intérpretes da Língua de Sinais. Além disso, o grupo se reconfigura, gerando novos vínculos, acertos, pactos e cumplicidades sobre temas íntimos confidenciais e velados. Porém, apesar da angústia e do medo sobre as atitudes externalizadas pela família, algumas pessoas surdas denunciam, através das conversas, a ausência da figura paterna na aprendizagem da Língua de Sinais e, consequentemente, o distanciamento que essa falta de comunicação gera.

Daniel Farias, mesmo aos 40 anos de idade, ainda se comunica com seu pai através de bilhetes. Seu irmão mais velho também não sabe Libras. A única que se comunica com ele em Língua de Sinais é sua "mulher-mãe":

(00:16:00 – 00:16:59) *[...] Aos poucos ela foi aprendendo e conseguindo estabelecer uma comunicação por sinais. Somente minha mãe usa sinais comigo, o meu pai ainda usa o português escrito. [...] escreve tudo para podermos conversar. Eu já estou acostumado com isso, que o nosso contato é assim só [...]*.

Apesar de utilizar aparelho auditivo para se comunicar em casa e no trabalho, Jéssica Barbosa se comunica em Libras com sua "mulher-mãe" e com sua esposa (ouvinte). O pai não sinaliza, somente se comunica através da oralidade.

(00:22:00 – 00:22:59) *[...] Meu pai nunca acreditou na minha surdez ele pensa que é mentira minha [...]* (Jéssica Barbosa).

São relevantes as declarações aflitas de um filho que somente estabelece contato com seu pai no dia a dia por meio de frase triviais e totalmente viciadas, repetitivas. Nícolas Brahm aponta:

(00:09:00 – 00:09:59) *[...] Apenas o meu pai não aprendeu. [...]* (00:11:00 – 00:11:59*) [...] Quero ter esse contato direto com ele, sentar para conversar com ele. Nunca tivemos esse momento, apenas informações simples do dia a dia. Nunca conversamos sobre a vida, eu não sei exatamente quem é o meu pai [...] E pergunto novamente quando ele vai fazer isso, ele alega que precisa trabalhar, que não tem tempo, eu argumento que a mãe também trabalha. [...]* (00:12:00 – 00:12:59) *Eu não sei se ele é mas "durão" ou não tem interesse mesmo. Eu espero que um dia meu pai comece a perceber a falta que a Libras faz e se esforce para aprender e poder conversar comigo. Às vezes eu fico triste quando percebo ele conversando com todos, menos comigo. Eu queria saber como é ter essa relação com ele. Mas assim como eu não o conheço, ele não me conhece internamente, apenas o meu exterior. Sabe que sou um homem trans, que sou surdo, o que estou estudando, isso ele sabe, mas ele não sabe as minhas opiniões sobre as coisas, como eu sou, o que eu penso [...]* (00:13:00 – 00:13:59) *[...] Quantas vezes tu viste um pai querer participar do Curso de Libras? [...]*.

Hoje, as pessoas surdas são "outros-sem-monstros" (Asun BALAGUER, 2014, p. 37), corpos sem nada a "reparar", sem rasuras, sem rarezas. Suas *grietas* não são tão profundas assim. Porém, ainda existam. Quem sabe, não *viertan* mais agudas na própria comunidade.

Sospechar do patriarcado – que por si só se escora "articulando bases materiais e simbólicas, como forma típica de 'apropriação' das mulheres" (Leonardo NOGUEIRA, 2018, p. 35) –, não basta! *Sospechar d*o patriarcado-capacitista é imprescindível! É nele que a sociedade moderna se edificou, logo, a família nuclear-generificada nutre-se dele. Nesse sistema,

> [...] as mulheres, em decorrência de suas capacidades maternas, seriam mais altruístas, mais amáveis e menos ambiciosas que os homens; elas mostrariam maior sensibilidade e seriam muito mais atenciosas para com os outros. Por sua vez, os homens de natureza mais agressiva, estariam mais bem dotados para a vida fora de casa, o comércio e a política (Daniel BORRILLO, 2010, p. 91).

Entendemos o desespero do capacitismo, após notícia-bomba do diagnóstico da surdez, pois não se nega de imediato que o nascimento de um(a) filho(a) é bastante aguardo pelos pais. Contudo, o diagnóstico demonstrando “que esse filho ou filha apresenta alguma deficiência pode ser um momento impactante para os pais, principalmente, àqueles que nunca tiveram contato com algum tipo de deficiência na família” (VASCONCELOS; LACERDA, 2020, p. 129), sendo muito comum os sentimentos de culpa, de impotência e de medo por parte deles. Mesmo assim, essas crianças surdas quando adultas, no instante de serem questionadas sobre suas opiniões de como suas famílias reagiram frente à descoberta da sua surdez, “a maioria defende sua família, justificando suas ações, de forma a não manifestar ressentimentos. Para eles, tais ações se justificavam pela ótica peculiar de uma família que estava diante de uma nova condição” (VASCONCELOS; LACERDA, 2020, p. 132-133).

Porém, o patriarcado-capacitista atribui mais essa responsabilidade de dar conta dessa diferença à “mulher-mãe/mulher-irmã”, inclusive, a responsabilidade da aprendizagem da Língua de Sinais. São unânimes e muito significativas as sinalizações e expressões do coletivo desta Tese no momento das argumentações sobre a ausência da figura paterna. Talvez, esse problema de relacionamento não se diferencie de uma mesma situação em uma família de ouvintes. Contudo, as fendas abissais se rasgam, se aprofundam, no instante em que o patriarcado-capacitista naturaliza, ainda mais, o distanciamento entre eles.

5.2 A Escola: um espaço possível de transgressão?

A Escola Bilíngue Prof. Alfredo Dub, provavelmente, tenha sido a primeira, juntamente, com a Associação dos Surdos de Pelotas – ASP, a sediar o *1º Seminário: Sou Surdx, Sou LGBTI+ e agora?*, que trouxe discussões sobre diversas temáticas LGBTI+ pertinentes à Comunidade Surda de Pelotas/RS. Foi um momento muito importante e significativo, no qual membros pertencentes ao educandário, à associação, professores(as) da Universidade Federal de Pelotas – UFPel e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS se envolveram na organização e execução do evento. Inclusive, o seminário contou com o apoio e a participação de várias instituições públicas da cidade, tais como: o Instituto Estadual de Educação Assis Brasil, Colégio Municipal Pelotense, Instituto Federal Sul-rio-grandense-

IFSul/Campus-Pelotas, através do Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidade Específicas/NAPNE e do Núcleo de Gênero e Diversidade/NUGED (Figura 4). Este evento é mencionado nas conversas com o coletivo de participantes da pesquisa, o que justifica abrirmos esta seção nos referindo diretamente a ele e suas repercussões.

Figura 4: Imagem do cartaz de propaganda do Seminário.
Fonte: Comissão organizadora do *1º Seminário: Sou Surdx, Sou LGBTI+ e agora?*

O evento foi um marco para a Comunidade Surda de Pelotas, porque a organização se preocupou bastante em diversificar as discussões por meio da elaboração de uma programação que envolvesse familiares “mulheres-mães/mulheres-irmãs” e intérpretes de Libras LGBTI+. Ao final do evento, a associação de surdos comprometeu-se a discutir, no momento da elaboração do estatuto da entidade – que naquela época encontrava-se em andamento –, um novo cargo para compor a chapa diretiva para as futuras gestões, responsável por questões de gênero e dissidências sexuais. Alguns dos momentos mais impactantes que ocorreram no evento foram as participações e as falas das “mulheres-mães/mulheres-irmãs” de muitos surdos e surdas que fazem parte do coletivo de coautores desta Tese que, juntamente, com seus filhos(as) tiveram a oportunidade de verbalizar publicamente todos os percalços e circunstâncias que vivenciaram juntos (Figura 5).

Outro ponto importante que devemos destacar foi o local onde as pessoas organizadoras do evento decidiram que ele deveria acontecer. Quando a pauta sobre o assunto entrou em discussão, todas as pessoas da comissão organizadora, independentemente, de serem surdos(as) ou ouvintes, novamente, foram unânimes: a escola. Cabe salientar que algumas pessoas coautoras desta Tese foram alunos do educandário e tiveram participação ativa nesse seminário, ocorrido no ano de 2018.

Porém, Nícolas Brahm foi o único desse coletivo de estudo, que participou da organização. Ele assume, com convicção, o quanto a realização desse seminário foi importante para a Comunidade Surda e para a ASP.

(01:12:00 - 01:12:59) *Foi uma marca! Foi o primeiro Seminário sobre LGBTQIA+ realizado aqui na escola! E teve a parceria da ASP (Associação de Surdos de Pelotas), foi muito importante! Nunca tinham tocado nesse assunto aqui na escola! [...]* (01:13:00 - 01:13:59*) [...] A maioria das pessoas acham que não existem surdos que tenham mais uma diferença: a questão LGTBQIA+. Acham estranho, mas nós somos como as outras pessoas, apenas não ouvimos, o resto é igual. Mas tá, vamos falar sobre o seminário. Quando tu me convidaste para participar, foi marcante para mim, um desafio também. Eu achava esse seminário um momento tão importante, a temática era “surdos LGBTQIA+", nós tínhamos que mostrar que existíamos, sim! Que a comunidade surda não era tradicional, temos diferenças. Eu fiquei admirado quando vi que até a Fernanda Miranda*[90] *participou! (...)* (01:14:00 - 01:14:59*) [...] A Libras, muitas pessoas ouvintes e surdas participando, pessoas da câmara de vereadores, algumas mães vieram também para ter mais informações [...]*.

[90] Fernanda Pinto Miranda é, atualmente, vereadora pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), exerce o seu segundo mandato na Câmara Municipal de Pelotas/RS. A parlamentar é muito atuante e participativa nas mobilizações das causas surdas.

Simone Moura, Jéssica Barbosa e Guilherme Domingues estiveram presentes no seminário. Lembro que semanas antes da realização do evento, Simone Moura solicitou minha presença em seu local de trabalho para ajudá-la a interpretar e conversar com sua gerente sobre a possiblidade de ser liberada de suas funções, pois o evento coincidia com seu horário de trabalho. Ficou muito contente em saber da dispensa, mesmo a gerente comunicando-a que ela deveria compensar suas faltas em outro momento.

Jéssica demonstra ter mais hábitos de frequentar ambientes LGBTI+, como boates e bares e, costuma convidar outras pessoas surdas e ouvintes LGBTI+ ou héteros para irem a esses locais. É uma pessoa muito fluida e comunicativa, e estabelece, facilmente, relações de amizade. Ela fez questão de subir ao palco e falar da sua orientação sexual, da importância proporcionada pelo momento e, principalmente, por estar transcorrendo em um estabelecimento escolar no qual se identifica e onde havia completado o Ensino Fundamental.

Uma das pessoas mais eufóricas em participar do seminário foi Guilherme Domingues que, junto com sua mãe, deslocou-se da cidade de onde moram – Piratini/RS – para participar dos dois dias do evento. Ele também subiu ao palco. Tímido, cheio de receios, mas empoderado. Agora, não se encontrava numa sala fechada acuado tendo que revelar de súbito sua orientação sexual, externada, sob *bullying*, para sua “mulher-mãe” e para a equipe diretiva. Pelo contrário, estava no palco, de frente para a Comunidade Surda, onde sua “mulher-mãe”, da plateia, o assistia a sinalizar e expressar de forma libertadora, o regozijo de seu filho ao assumir-se “bicha”, em público, num momento bem diferente do anterior.

Simone Moura em sua fala, evidencia com euforia e satisfação ao lembrar do dia em que soube da realização do seminário e frisa a importância que esse evento propiciou, não somente para a Comunidade Surda, mas também, a oportunidade de ter acesso à informação em Libras sobre as temáticas abordadas e sobre o Movimento LGBTI+:

(00:13:00 - 00:13:59) *[...] Depois quando eu fiquei sabendo do seminário e que teriam palestras e histórias de vida relacionadas ao tema LGBTQIA+ eu resolvi participar. Eu gosto muito do tema e de participar destes eventos. O Seminário foi muito prazeroso. [...]* (00:14:00 - 00:14:59*) [...] Seria ótimo que isso fosse trabalhado nas escolas, através de palestras com pessoas específicas do Movimentos LGBTQIA+ convidadas para apresentar e conversar com os alunos sobre isso. É importante, sim.* (00:15:00 - 00:15:59) *Porque no Movimento LGBTQIA+ estão inclusos diversos tipos*

de pessoas: mulheres e homens bissexuais, transexuais, lésbicas, entre outras que é muito importante apresentar para os alunos. Antigamente não se falava disso, porque essas pessoas não eram "mostradas". Agora, com a tecnologia, essas informações ficaram mais próximas e este tipo de seminário LGBTQIA+ é interessante para este contato. É importante participar, eu amei. Foi bom ver essas pessoas e participar [...].

Jéssica Barbosa destaca sobre a importância de dar continuidade a esse tipo de seminário e de ter uma periocidade sobre esses temas no espaço escolar devido à falta de comunicação com a família:

(01:03:00 - 01:03:59*) [...] Achei maravilhoso. Era importante continuar anualmente. [...] Porque, como eu expliquei, tem surdos que começam a se descobrir bem cedo, mas não tem com quem conversar, se abrir. Com a família, muitas vezes não consegue, mas poderia contar com um professor ou um colega. Eu podia contar com o Guilherme antes mesmo de falar com a minha família [...]*.

Guilherme Domingues revela, através de sua fala, a satisfação e a oportunidade que o evento proporcionou dando-lhe coragem de subir ao palco para declarar sua orientação sexual frente à Comunidade Surda e à sua "mulher-mãe" que estavam participando do encontro:

(00:58:00 - 00:58:59) *Eu penso que foi muito importante para aprendermos sobre LGBTQIA+ na comunidade surda e na sociedade. [...] as mães puderam participar pela primeira vez e observar o que estava acontecendo. As que tinham interesse no assunto LGBTQIA+ puderam conhecer melhor. Foram passadas informações importantes para os amigos e os familiares de LGBTQIA+. Puderam entender que há diferenças entre ser gay, ser lésbica e ser transexual. Este remetendo ao futuro, sobre poder trocar de gênero e que é diferente de ser drag queen. Muitas coisas importantes.* (01:00:00 - 01:00:59) *[...] Eu estava com medo de a minha mãe ficar brava comigo porque eu subi para uma entrevista lá né?* (01:01:00 - 01:01:59) *Eu subi lá e falei como a minha mãe me ajudou, como foi a aceitação por ela. Eu lembro que minha mãe se emocionou muito e não ficou brava por eu ter ido. Eu vi que ela estava feliz em me ver naquela posição. Eu queria ir, eu queria ter coragem, lutar junto, militar junto com eles. Eu falei um resumo, fui breve, mas gostei muito de poder estar lá. [...] Foi bonito, né? Foi a primeira vez que falava em público assim. Depois disso, minha mãe me deu de presente uma mão que dizia em Libras: Eu Te Amo (ILY). Foi muito legal, eu me emocionei muito, fiquei muito feliz. Minha mãe disse que ficou muito feliz também por ver o filho surdo assumir a sua identidade de gênero assim, no palco.* (01:02:00 - 01:02:59) *Eu percebi que ela não estava brava como eu imaginei que ficaria. Ela pensava que tu poderias estar bravo por eu ter ido para o palco, mas foi explicado que esse momento era para isso mesmo, que era livre. Eu lembro que ela aprendeu um pouco mais sobre o mundo LGBTQIA+ contigo também, te fez perguntas, tu aconselhaste a gente. Ela estava apreensiva no início, mas ela*

conversou contigo depois, viu que tinhas experiência no movimento LGBTQIA+, que estavas inserido no movimento e que conhecias outras pessoas. Ela entendeu, ficou feliz e não teve mais as mesmas preocupações [...].

Figura 5: “Mulher-Avó” e Mulheres-Mães” de pessoas surdas LGBTI+ na organização e auxiliando na cozinha no *1º Seminário: Sou Surdx, Sou LGBTI+ e agora?*
Fonte: Arquivo particular do pesquisador.

Rodrigo Lima, na época em que ocorreu o seminário, não morava mais em Pelotas/RS. Também, através das redes sociais, não demonstrou interesse em se deslocar de Porto Alegre/RS para participar, até mesmo, porque se encontrava num momento instável, procurando dar prosseguimento aos seus estudos e estabelecer-se na nova cidade. Apesar de ter sido bastante divulgado em várias mídias digitais, Lauren Farias e Daniel Oreques não se fizeram presentes no seminário. No entanto, eles/elas nas conversas que realizamos fizeram comentários relevantes sobre o acontecimento.

Lauren Farias, apesar de não justificar ou expressar arrependimento pela sua ausência no seminário, no decorrer da nossa conversa declara:

(00:40:00 - 00:40:59) *Muito importante. Foi uma oportunidade… [...]*.

Rodrigo Lima, expressa sua preocupação para que esses seminários ocorram mais frequentemente, no entanto, com maior representação e diversidade surda no Brasil e de outros países:

(01:07:00 - 01:07:59) *[...] Eu sou a favor de serem realizados Seminários, Congressos, e penso que não pode ser apenas um, mas ter mais edições, ter eventos nacionais para surdos LGBTQIA+. Isso é importante, por exemplo, trazer representações de surdos com doutorado, surdas, surdos negros, surdos queer, reunir todo esse público para dar visibilidade e ser um ambiente de trocas entre eles. Fazer eventos localizados, no Rio Grande do Sul, ok, mas trazer pessoas de todo o Brasil ou de fora, por exemplo, da Argentina [...]*.

Daniel Oreques acredita da importância de ocorrerem eventos desse tipo, mas não justificou e demonstrou nenhum arrependimento por não ter participado:

(00:15:00 - 00:15:59) *[...] Ah, eu não vim. [...] É bom, importante. Acredito que seja importante os familiares participarem, os pais, para que no futuro saibam sobre LGBTQIA+ se precisarem lidar com os filhos [...]*.

A escola de surdos é um lugar, historicamente, de maior referência para a Comunidade Surda. É incontestável a força que esse vínculo exerce na comunidade, sentimento expresso nas mobilizações de luta e de resistência na Educação de Surdos, quando por diversas vezes, através de implementação de políticas públicas contrárias à sua permanência entre as instituições, foram incisivas as ações na direção ao fechamento de suas portas. É uma escola permanentemente tensionada, não somente pelas políticas públicas, mas pelo próprio movimento da comunidade que, apesar de tempos e espaços profundamente requeridos por lutas políticas advindas de um grupo minorizado, ainda pleiteia por pautas que atentem o “ensinar e o aprender” (Maura LOPES, 2006, p. 45).

Talvez, o seminário tenha ajudado despretensiosamente, a pluralizar essa discussão na Comunidade Surda de Pelotas. Muito tem se discutido e estranhado esse espaço escolar que, tradicionalmente, demonstra ser apenas um lugar que

possibilita o acesso para a aquisição da língua e a formação identitária surda. Entretanto, não é de hoje que essas discussões têm provocado rupturas na comunidade e, consequentemente, no ambiente escolar. Acreditamos que o evento contribuiu e se somou a essa desconstrução. Pois, vai ao encontro do que Lopes (2006), afirma sobre outras possibilidades de trilhar o fazer/conhecer do pedagógico na escola, afora a ideia centrada nas questões linguísticas, identitárias e culturais.

> Se “antes” os surdos lutavam pelo direito à escola de surdos, hoje lutam por condições de permanência, por qualidade de ensino, por aprendizagens que gostariam de fazer para poder estar neste mundo cada vez mais competitivo e excludente (LOPES, 2006, p 33).

Sobretudo, a sobrecarga atribuída a essa centralidade fica atrelada, conforme ressalta Moraes (2021), à lógica de tomar para si o aprender a aprender em toda parte e no decorrer de suas vidas, impondo barreiras de inter-relação na produção de saberes entre eles/elas – discentes –, com o mundo e vice-versa. Dessa forma, outras possibilidades de debates ficam ausentes ou não são contemplados, inclusive, no próprio currículo de algumas escolas. Ou, por determinadas temáticas serem consideradas ainda “delicadas” ou polêmicas, são camufladas como temas transversais, com o pretexto, de sustentar à falta de domínio pedagógico sobre essas questões, transferindo/terceirizando a responsabilidade do debate pedagógico desses assuntos a profissionais externos à escola, geralmente, da área clínica como por exemplo: profissionais da área da Psicologia para falar sobre sexualidade, profissionais da área da Medicina para tratar de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), entre outros.

Lauren Farias sintetiza muito bem esses momentos de palestras com profissionais externos a escola:

(00:37:00 - 00:37:59) *[...] A escola deu oportunidade de uma pessoa falar sobre sexualidade em uma palestra aqui na escola. Nícolas e eu fomos nessa atividade.* (00:38:00 - 00:38:59) *[...] Falaram sobre preservativos, masculinos e femininos, explicaram sobre esse assunto. Mas em nenhum momento citaram relações homoafetivas, esses poderiam infectar-se com AIDS, por exemplo? Eles falaram sobre relações entre héteros, enfatizaram na sociedade cisgênero, apenas. Eu comentei com o Nícolas, na época, que não tinham falado nada sobre relações entre mulheres ou entre homens. [...] Era importante saber sobre os procedimentos corretos para o uso da camisinha, mas, para mim, faltaram algumas coisas dentro do discurso do palestrante. Embora não tenha perguntado nada, eu fiquei intrigada. No ano seguinte, tivemos a mesma palestra, eu tive a oportunidade de perguntar isso em*

particular. [...] (00:39:00 - 00:39:59) [...] *Não, fiquei constrangida, eu acho. mas eu questionei sobre o motivo de terem falado muito em termos gerais e nada sobre relações homoafetivas. [...] Não, eu fui sozinha. O palestrante não sabia explicar, foi o que pareceu. [...], acho que ele percebeu que eu era uma pessoa LGBTQIA+, mas não falou nada. Eu expliquei que a minha pergunta foi porque ele tinha falado somente de mulheres com homens, mas fiquei pensando que o Nícolas gosta de mulheres, e se eu também gosto de mulheres, como faremos para usar o preservativo, fazer sexo? Não temos pênis, como seria? A minha imaginação foi longe enquanto eu refletia. Eu acredito que tenha faltado muito conteúdo sobre sexualidade [...]*.

As responsabilidades de conversar e trazer certas temáticas e debates ficam nebulosas nessa intensa relação que a Comunidade Surda tem com a escola e com o mundo. Como Moraes (2021) aponta, isso se dá quando traz a discussão sobre a intrincada relação existente entre as atribuições de ordem de domínio privado (a família) e de ordem de domínio público (o mundo).

> A escola de surdos acaba por desempenhar uma dupla função: tomar a responsabilidade do que é da família (do privado) e lançar os estudantes ao mundo (do público). Dessa maneira é produzido um alongamento daquilo que é da família e se adentra naquilo que é da escola, ou, o espaço do privado, associado à comunidade, é constantemente chamado para fazer parte do espaço da escola (MORAES, 2021, p. 83).

Talvez, a origem desses atravessamentos fronteiriços ou aparentes incumbências, possam estar atrelados, novamente, às consequências da falta de comunicação e de inter-relações dentro do ambiente familiar ouvintista. Essa parceria entre o privado/público, fantasia a materialização de um exercício horizontal de poder e de “cidadanizar” a pessoa surda. No entanto, essa atitude é apenas uma das armadilhas da colonialidade. Para ambos os mundos assumirem uma tarefa descolonizadora seria necessário exercer, através de uma ação efetiva e contrária ao cistema-heterossexista uma atitude também despatriarcalizadora (ACOSTA, 2016), ou melhor, para exercitar a descolonização “será particularmente necessário um processo de descolonização intelectual nos âmbitos político, social, econômico e, claro, cultural” (ACOSTA, 2016, p.80), capacitista e reforçando, nesse cenário, a familiar.

O seminário foi o ápice do debate sobre gênero e dissidências sexuais tanto para a Comunidade Surda quanto para a escola de surdos. Porém, essas temáticas e discussões nem sempre foram tão explícitas assim.

Em tempos distintos, esses corpos-surdos-LGBTI+ que compõem a escrita desta Tese, transitaram pelo mesmo ambiente escolar. As transcrições das conversas explicitam partes desses percursos temporais. Entretanto, os registros realizados potencializam e marcam, historicamente, cada uma das pessoas surdas que produzem esta pesquisa. Nestes relatos, a escola não gira somente em torno do eixo imaginário constituído pela aprendizagem da Língua de Sinais, da construção identitária e cultural das pessoas surdas. Pelo contrário, transcorre e circunda por histórias que rompem e ameaçam a ordem e desassossegam a colonialidade do currículo escolar comum[91]. Como mencionado anteriormente, estas narrativas são escritas, ou melhor, são transcrições da Língua de Sinais para o português e compõem a pesquisa do coletivo de coautores desta Tese. Portanto, apesar de trespassar o entendimento de trechos aparentemente longos, cada um está em um contexto e num lugar de produção de conhecimento e lutas de REexistência, neste caso, no ambiente escolar, nos quais, as autorias "vão para além do paradigma do individualismo autoral privilegiado [...] que é caracterizado por distinções como as de sujeito/objeto, conhecedor/conhecido, mente/corpo e teoria/prática" (SANTOS, 2019, p. 87-88). A pesquisa exercita para si, a intenção da lógica de uma escrita descolonial e coletiva.

Jéssica Barbosa, durante a nossa conversa, nos contempla com algumas narrativas de episódios de *bullying* que aconteceram na escola de surdos e outros fatos marcantes, mas ao mesmo tempo, relata brechas, ou melhor, espaços de fala, de compartilhamento de segredos íntimos, de confissões entre colegas e, também, de um possível professor "estagiário" que demonstrava ser mais acessível e "aberto" para abordar e discutir certos assuntos que, na época, atuava na instituição:

(00:29:00 - 00:29:59) *[...] Falavam que eu era bissexual. [...] Bullying?[...]* (00:30:00 - 00:30:59) *Eu não lembro de isso acontecer. [...] Eu sofri muito bullying aqui na escola por ser gordinha. Mas eu acabei sendo muito amiga do Guilherme porque ele me falava que gostava de mim do jeito que eu era. Não se mostrou preconceituoso, sempre ficava comigo, era um homem muito mente aberta. Inclusive, teve uma conversa em que eu disse que estava muito confusa, [...] ele me disse que em algum momento eu iria me descobrir. [...]* (00:31:00 - 00:31:59) *[...] Eu fiquei com uma menina em um baile. [...] No baile foi com 18, 19, por aí… [...] mas antes eu já comecei a ter contato com meninas lésbicas, bissexuais… [...]* (00:32:00 - 00:32:59) *[...] Às vezes o*

[91] Denomino currículo comum aos componentes curriculares obrigatório encontrados nas escolas em suas grades curriculares, como: Língua Portuguesa, Matemática, Física, Artes, Educação Física, Geografia, História, Ciências e Línguas Estrangeiras.

Guilherme chorava, mas a mãe dele sempre estava ali para defender ele. [...] sofria bullying. [...] Com o passar do tempo, quando eu me assumi lésbica, muitas pessoas se afastaram de mim. [...] (00:33:00 - 00:33:59) *[...] se a gente pensar que eu estava aqui na escola com nove, dez anos e já estava me sentindo atraída por gurias, mas não tinha com quem conversar. [...]* (00:34:00 - 00:34:59) *[...] quando eu estava na 7ª ou 8ª série explicavam sobre proteção. [...] Tinha um professor que veio aqui uma vez e ele era bissexual. Mas ele foi retirado da escola porque pensavam que ele estaria influenciando as crianças. [...] Eu ia até ele conversar e ele me tratava normalmente, conversava comigo. [...] Tinha uma mente aberta. Eu perguntei várias coisas e ele me respondeu. Ele não é gay nem bissexual, ele era casado com uma mulher. [...]* (00:35:00 - 00:35:59) *[...] Mas a escola retirou ele, diziam que ele influenciava as crianças. [...] ele foi o primeiro professor que falou sobre isso [...]*.

Para Guilherme Domingues, a escola foi o lugar onde tudo aconteceu: onde conheceu a Língua de Sinais, onde conheceu e aprendeu a usar uma camisinha, onde se assumiu e conheceu sobre o "mundo *gay"*, onde "transou" pela primeira vez...

(00:39:00 - 00:39:59) *[...] Na verdade, eu comecei a aprender sobre isso aqui na escola. [...] Ciências [...] Eu prestava atenção nas aulas sobre cuidados com o corpo, as doenças que poderiam aparecer na vagina, entre outros. Em seguida, foram iniciados alguns conteúdos sobre sexo, sobre o uso de preservativos - neste assunto eu prestei muita atenção. Depois foi explicado como colocar a camisinha. [...] eram cuidados com a saúde.* (00:40:00 - 00:40:59) *[...] A professora de ciências, [...] nos ensinava, mas tinha outros [...] professores que falavam sobre isso. Eu não conhecia preservativos, então eu perguntava bastante sobre isso. Os professores me explicaram para que servia, como usava, que se colocava no pênis. [...] só tinham imagens e fotos. [...]* (00:41:00 - 00:41:59) *achei que as imagens não eram suficientes [...] Eu queria saber como faria. Quando eu cheguei em casa, fiquei pensando naquilo, como seria quando eu estivesse com um homem. Depois de um tempo eu encontrei um homem aqui na escola que me interessou. [...] um aluno novo [...] eu percebi que ele se aproximou de mim. [...] Nós nos cumprimentamos, começamos a conversar (...)* (00:42:00 - 00:42:59) *[...] eu perguntei se ele era gay, o* [Girassol][92] *disse que sim. [...] mas não tive coragem de chegar… [...] eu estava muito envergonhado. Fui educado, fiquei quieto. O* [Girassol] *me perguntou se eu gostaria de saber mais sobre o mundo gay, sobre sexo, essas coisas. [...]* [Girassol] *me ensinou muito.* (00:43:00 - 00:43:59) *Ele me mostrou como colocar o preservativo, tudo… Eu agradeço muito a ele por me ensinar tanto. Noutro dia, encontrei outro homem, conversamos e ele me perguntou se eu queria fazer sexo com ele. Eu fiquei em dúvida, mas lembrava do que o* [Girassol] *tinha me ensinado e eu fui e fiz sexo. [...]* (00:44:00 - 00:44:59) *[...] Eu treinei no banheiro da minha casa, sozinho. [...] Eu coloquei, prestei atenção para a ponta do preservativo, em como deveria ficar. [...] Eu ficava preocupado, ansioso porque eu queria saber essas coisas para o meu futuro. [...] Não tinha Libras… [...]*.

[92] Por questões de privacidade foi substituído o nome verdadeiro de uma pessoa surda LGBTI+ citada, não coautora da Tese, por um nome fictício.

Mas, em casa era diferente. A dificuldade de comunicação impedia que o Guilherme Domingues pudesse procurar apoio e aprofundar-se mais sobre esses assuntos. No entanto, mais uma vez, a “mulher-mãe” entra para amparar e, principalmente, viabilizar informações básicas sobre questões envolvendo cuidados e prevenção para evitar ISTs. A “mulher-mãe”, inclusive, aconselha o filho a procurar “um homem” para que ele possa aprender. Guilherme Domingues, não cita o pai quando abordamos este assunto nas conversas:

(00:45:00 - 00:45:59) *[...] É chato, é difícil. É uma luta achar alguém que fale sobre preservativos, sobre sexo. Eu queria aprender mais, mas … [...]* (00:46:00 - 00:46:59) *[...] É difícil, eu não sei ler em português. [...]* (00:47:00 - 00:47:59) *[...] Mas a minha mãe não explicou nada para mim, nem a minha irmã. [...] Quando eu tinha uns 16 ou 17 anos ela me levou em uma palestra sobre sexualidade. Ela me passou os conhecimentos adquiridos lá sobre preservativos. Eu perguntei como ela sabia aquelas coisas e ela me disse que aprendeu e me ensinou os detalhes sobre enrolar a ponta e sobre o lado certo de colocar. Ela ainda disse que eu deveria aprender junto com algum homem que eu conhecesse e quisesse. Também alertava-me sobre as doenças no pênis, disse que eu precisava ir ao médico.* (00:48:00 - 00:48:59) *No médico, eu perguntei sobre os cuidados que eu deveria ter e sobre as DSTs [...]*.

Nesse mesmo espaço escolar, Guilherme Domingues necessitava, além de dar conta de aprender a língua de sinais, lidar com outras descobertas, talvez incontroláveis, que perpassava pela sua libido e sua intimidade:

(00:49:00 - 00:49:59) *[...] A primeira vez foi aqui na escola. Eu fiquei com um homem… [...] no banheiro, escondido. [...], eu perguntei para o colega se ele tinha camisinha e ele disse que tinha. [...] porque eu queria aprender como era e ele me ensinou lá. Fizemos sexo, sexo oral [...] eu aprendi como era.* (00:50:00 - 00:50:59*) E gostei. Ele me ensinou como beijar, abraçar e tudo mais. [...] Essa foi minha primeira vez e eu senti prazer em estar junto de um homem. [...] Eu queria aprender o que era ser um homem gay, como seria fazer sexo com outro homem. [...] Eu cresci sem informações deste tipo, fui descobrindo-me, mas aos 13 ou 14 anos eu comecei a buscar estas informações. Este colega ensinou-me estes assuntos sobre sexo, (...)* (00:51:00 - 00:51:59*) [...] Deste momento em diante, eu fiquei bem mais tranquilo sobre este assunto [...]*.

Nícolas Brahm, inicialmente, teve contato com temáticas envolvendo sexo, gravidez, cuidado e prevenção para evitar ISTs etc. entrando na adolescência sem despertar, no primeiro momento, muita atenção para com o assunto:

(00:21:00 - 00:21:59) *[...] Na minha época, nenhum professor ensinou sobre sexo. O primeiro contato com o assunto foi em uma palestra que a direção organizou. [...] Sobre tudo, sexo, importância do preservativo, como evitar as DSTs, como evitar gravidez, anticoncepcionais, explicavam várias coisas. [...] Na primeira vez, eu achei estranho. Eu tinha 11 ou 12 anos e nunca tinha pensado sobre aquelas coisas. [...]* (00:22:00 - 00:22:59) *[...] Acho que as palestras começaram na sexta série. Tinha um ponto de corte para estas palestras, quem estivesse antes, não assistia. Eu tinha 11 quase 12 anos. No começo ou ria das explicações, como colocar o preservativo, achava engraçado e achava estranho. [...] agora eu olho para isso e penso assim, mas em seguida eu comecei a prestar mais atenção. Eu não iria tocar naquele assunto com a minha mãe, parecia muito pesado, não era algo natural para mim. Eu pensava que minha mãe poderia não gostar de falar sobre aquilo ou ter vergonha. Eu fui aprendendo aqui na escola, nas palestras, depois conversava com os colegas sobre o que tinha sido dito lá. Mostravam as figuras nos livros, dessa forma que íamos aprendendo antes. [...]* (00:23:00 - 00:23:59) *[...] Mas temas como sexo a gente nem falava porque nós ainda não estávamos pensando sobre fazer sexo, sabes? Éramos namoradinhos, tinham alguns beijos, mas só. Já no* [EEM][93] *começamos a falar mais sobre sexo [...].*

Para Nícolas Brahm, o Rodrigo Lima era uma referência de representação da diversidade surda que transitava na escola e que transcendia para além das diferenças linguísticas e culturais acostumado a perceber e relacionar-se com o universo ouvinte. Rodrigo Lima se formou em 2007 no Ensino Fundamental, um ano antes do Nícolas Brahm. Seus trejeitos corporais e postura diante dos colegas, inclusive, nas suas reações quando sofriam algum tipo de *bullying*, eram diferentes. Nícolas Brahm nos traz alguns detalhes:

(00:40:00 - 00:40:59) *[...] Eu cresci aqui na* [EBEF][94]*, eu percebia que o Rodrigo era diferente, que ele era gay por causa do jeito de andar afeminado. Eu olhava para ele e comparava com os outros homens. Ele era delicado como as meninas, reagia a sustos como as meninas, eu via que ele era diferente - era homem, porém com comportamento de mulher. Percebia, também, que os outros colegas faziam bullying contra ele. Uma diferença que eu constatei era a nossa reação ao bullying: (...)* (00:41:00 - 00:41:59) *(...) enquanto ele tentava negar quando os colegas o chamavam de gay, veado, já quando me falavam que eu gostava de mulheres eu respondia "sim, qual o problema?" e eles ficavam quietos. [...] Eu não lembro bem, mas acho que ele tinha medo de se assumir na época, talvez de apanhar dos colegas, sabes? Mas, no meu caso, eu sempre usei roupas masculinas, de modo que algumas pessoas pensam que sou homem cis, outros sabem que sou trans, que me conhecem. De qualquer forma, nunca me provocaram. [...] Na minha frente, nunca. Talvez falassem de mim pelas costas, não sei. [...]* (00:42:00 - 00:42:59) *Eu respondia: "Qual o teu problema? Não gostou? vai cuidar da tua vida!". Eu não me colocava como*

[93] Escola de Ensino Médio: escola inclusiva com turmas compostas somente de pessoas surdas.
[94] Escola Bilíngue de Ensino Fundamental.

frágil, eu os enfrentava. [...] Havia outros surdos que não tinham se assumido ainda, que sofriam bullying até terem a coragem de se assumir, depois disso parece que os surdos paravam de provocar [...].

Contudo, apesar do empoderamento frente aos *bullying* que sofria dos colegas, Nícolas Brahm nos narra um dos maiores obstáculos e desafios que enfrentou na escola de surdos:

(00:43:00 - 00:43:59) *O pior problema aqui da escola é o banheiro. Lidar com as pessoas era tranquilo, mas o banheiro… [...] Eu não queria entrar no banheiro feminino. Eu não me sentia confortável, mas se eu fosse no banheiro masculino, os meninos poderiam entrar no banheiro feminino e abusar das meninas. [...] Hoje eu penso como a direção não percebeu na época, não me chamou para conversar? Porque não me perguntaram nada, não investigou a situação, apenas me disse que eu não poderia ir ao banheiro dos funcionários. Mas por que eu fazia isso? Ninguém buscou saber. Antigamente, tinha psicóloga aqui na escola e ninguém me levou para tentar entender.* (00:44:00 - 00:44:59) *A direção me dizia que eu não poderia usar aquele banheiro porque era específico para os funcionários e me mostrava onde era o banheiro dos alunos. Mas eu não queria aquela separação entre meninos e meninas. Eu poderia usar o masculino, mas preferiria ir em outro. Foi então que eu comecei a usar o banheiro da sala das mães. Eu pulava o portãozinho que tinha no bar e ia. [...] As mães perguntaram para a mulher que ficava no bar porque eu fazia aquilo, ela falou com a direção, as mães disseram que eu era o único que ia lá. A direção veio conversar comigo novamente, enfatizou que eu teria de usar o banheiro disponível dentro da escola.* (00:45:00 - 00:45:59) *[...] Tentei usar o banheiro do* [STE][95]*, porque era dentro da escola e era individual. Fui proibido, também, porque era destinado ao pessoal que vinha para as aulas de apoio. Mas eu ignorei e continuei indo. Nessa época, começaram a trancar a porta que dava acesso ao* [STE]*. A partir daí eu não usava mais o banheiro da escola, segurava até chegar em casa, ou, [...] Só mandavam: "tu vais usar este e não aqueles!" [...]* (00:46:00 - 00:46:59) *[...] Às vezes me perguntavam e eu dizia que não queria, que não gostava. [...] Mas também não me perguntavam detalhes, apenas definiam que eu tinha que usar um determinado banheiro [...].*

Nícolas Brahm continua sua narrativa. Agora, muito enfático e indignado com alguns encaminhamentos e conclusões realizados quando, na época, foi aconselhado e conduzido para conversar sobre suas atitudes com o(a) psicólogo(a) do [STE] da escola:

[95] Setor Técnico Especializado.

(00:47:00 - 00:47:59) *Somente após isso tudo que eu entendi que eu era um homem trans. Quando aconteceu, a minha mãe veio me pedir desculpas por não ter percebido antes, eu deixei ela tranquila quanto a isso porque nem eu sabia. Mas eu a questionei: "quando tu percebeste que eu era diferente, por que tu nunca me levaste em um psicólogo para conversar?" Ela disse que tinha feito isso, no* [EBEF]*, mas a verdade é que a psicologia lá era uma porcaria. [...]* (00:48:00 - 00:48:59) *[...] eu acho que o profissional da psicologia não é a pessoa correta para conversar sobre sexo, sexualidade. Não sou só eu que penso isso, meus amigos que iam na psicóloga também pensam isso. Eles iam para resolver problemas na família ou quando brigavam na escola. Sempre que estávamos no consultório, ela não dizia: "olha, tu precisas mudar o teu comportamento", essas coisas. Conversávamos entre nós e todos iam lá apenas para brincar. Não tinha uma conversa sobre o que havia acontecido, ou como deveríamos nos comportar. Ou ainda, no meu caso, uma conversa sobre o tipo de roupa que eu gostava de usar. Ela não conversava conosco, não apenas sobre LGBTQIA+, mas qualquer assunto sobre respeito ou algum aconselhamento. A gente ia apenas para ficar brincando. [...] (00:46:00 – 00:46:59) Na verdade, eu nem sabia por que estava indo, mas ia. Nunca conversamos lá, eram só brincadeiras. Depois eu cresci, me formei, fui embora daqui da escola, estudei no* [EEM] *e concluí meus estudos [...].*

Confuso, perdido, sem compreender por que agia daquela maneira, nem mesmo por qual motivo encontrava-se em atendimento com o(a) profissional psicólogo(a), Nícolas Brahm, desabafa:

(00:49:00 - 00:49:59) *Não era apenas sexualidade, não tínhamos como tocar em outros assuntos, como por exemplo as brigas, se estivessem acontecendo com frequência, ninguém nos ajudava a entender que não podia, que era feio. Sobre comportamento, sabes? Nada. Só diziam para nós irmos brincar. Por isso, quando a minha mãe me disse que, sim, tinha me levado na psicóloga, eu respondi que não adiantava aquela profissional, porque ela só "me colocava para brincar". Foi um susto para a minha mãe. Ela disse que aquilo era estranho porque a psicóloga falava outra coisa para ela, quando a chamava para dar um retorno sobre mim. Ela dizia para a minha mãe que eu usava roupas masculinas porque meu pai queria ter um filho homem e por isso eu queria usar. Mas eu nunca toquei nesse assunto com ela, ela nunca me perguntou nada. Mas minha mãe repetia que eu usava roupas masculinas porque (...)* (00:50:00 - 00:50:59) *(...) tu querias ter uma ligação com o teu pai e tu sentias que ele queria ter um filho homem. [...] Mas isso foi uma invenção da psicóloga, porque eu nunca conversei sobre nada disso com ela. Eu disse isso para a minha mãe e ela ficou bem impressionada. [...] A minha mãe tinha conversado com a direção e ela que pediu que eu fosse na psicóloga para me entender melhor (o que o Nícolas tem). Mas, na verdade, a psicóloga nunca perguntou nada sobre a minha vida. Quando eu contei tudo isso para a minha mãe, ela ficou impressionada. Ela disse que se soubesse disso ela tinha procurado outra psicóloga. Ela pensou que estava agindo corretamente, acreditou na profissional da escola e atribuiu o meu jeito à influência do meu pai. Mas não tinha nada a ver, era pessoal [...]*.

Nícolas Brahm nos contempla, em nossa conversa, neste momento, sua perspectiva sobre o que acontecia no banheiro masculino da escola:

(00:52:00 - 00:52:59) *[...] Parece que quando eu me descobri começou a surgir muita informação sobre esse assunto. [...] Eu descobri muitas mulheres trans surdas, mas não vi nenhum homem surdo trans. Eu queria ter alguém para conversar. [...]* (00:53:00 - 00:53:59) *[...] tinha muito bullying. Eu via muito contra pessoas obesas e outros. [...] Sexo como? Ah, no banheiro? Sim. [...] na verdade acontecia no banheiro masculino.* (00:54:00 - 00:54:59) *É triste porque muitas vezes os meninos obrigavam… [...]* (00:59:00 - 00:59:59) *[...] Em vários locais, mas principalmente no banheiro, na hora do intervalo. No banheiro masculino, alguns caras obrigavam outros caras. Eles diziam: "tu vais dar para mim". [...] Eram grandes, eles diziam que só "comiam", os outros que davam o "cu". [...] Muitos eram héteros, sim. [...] Abusavam dos gays e dos héteros e se estes não aceitassem, eles ameaçavam que iriam bater neles. Por medo, eles se obrigavam a tirar a roupa e deixar. [...] Eles tinham medo de contar, eram ameaçados de violência e até de morte se contassem. [...]* (01:00:00 - 01:00:59) *[...] Depois que eu fui entender por que os meninos iam tanto ao banheiro no intervalo. [...] Mas eu só soube disso porque a direção desconfiou e colocou um monitor em cada banheiro, uma mulher no feminino e um homem no masculino.* (01:01:00 - 01:01:59) *E só podiam ir um de cada vez no banheiro [...]*.

No entanto, Nícolas Brahm acredita que as escolas de surdos e de ouvintes devem fomentar e investir mais debates que abordem assuntos sobre ISTs, o uso de preservativos, mas não somente isso...

(01:07:00 - 01:07:59) *[...] os professores daqui eram mais fracos, não se atentavam às coisas que aconteciam. [...]* (01:08:00 - 01:08:59) *[...] Nas escolas em geral, eu acredito que todas precisam ensinar sobre sexo, preservativos, remédios, DSTs, … [...] Também acho importante falar sobre LGBTQIA+, até para a pessoa que está se descobrindo LGBTQIA+ ter certeza e as heterossexuais também aprenderem para respeitar os demais e não haver discriminação. [...] Como eu falei antes, é complicado falar sobre sexo com os pais, porque alguns têm vergonha, outros não sabem como falar, ou ainda delegam para a escola essa função mesmo, entendes? [...]* (01:10:00 - 01:10:59) *[...] Têm algumas mães que são contra, também. [...] Os professores precisam buscar mais informações. [...] mas sinto que alguns têm medo dos pais dos alunos não aceitarem falar sobre isso na escola e preferem não tocar no assunto. Mas os professores precisam iniciar estes debates pensando o quanto estão apoiando o desenvolvimento dos alunos, porque a gente não sabe o que acontece dentro das casas deles [...]*.

Para finalizar, Nícolas Brahm faz uma observação ao retomar sobre o tema do *bullying*, especificamente, direcionado à colegas surdos(as) LGBTI+:

(01:30:00 - 01:30:59) *[...] Apenas complementando, naquela época, alunos gays sofriam bullying e nenhum professor tocava nesse assunto sobre respeito à vida desta pessoa LGBTQIA+. Eu fico refletindo agora… [...]* (01:31:00 - 01:31:59) *[...] Aqui, eu falo daqui. [...], na época em que eu estudei, a maioria dos professores eram tradicionais. [...]* (01:34:00 - 01:34:59) *[...] Eu imagino se a escola fosse mais aberta, se os professores se expusessem, se tu tivesses conseguido entrar para a equipe da escola, já teríamos outra perspectiva das coisas, teríamos informações, talvez menos preconceito [...]*.

Lauren Farias, também tinha o Rodrigo Lima como um surdo de referência, mesmo que ainda não tivesse se assumido como lésbica, Lauren Farias e Rodrigo Lima fizeram amizade em que um apoiava o outro em várias circunstâncias, inclusive, nas ofensas, que em virtude de andarem sempre juntos, Lauren Farias também era ofendida e sofria *bullying*. Ela nos detalha as consequências dos dois andarem sempre muito próximos:

(00:31:00 - 00:31:59) *[...] Eu ainda estava me descobrindo, estava confusa. Quando eu vim para a escola* [EBEF]*… (suspiro) [...] Tinha o Rodrigo. Nessa época, ele já era bem afeminado. Eu achava o jeito dele bonito. [...]* (00:32:00 - 00:32:59) *Eu sou mais nova que ele, então ficava observando. Tinha outro surdo gay que visitava a escola, também, era um baixinho. Não morava aqui, só visitava. Eles eram diferentes. Com eles, quando eu via o Rodrigo sinalizando, eu descobri o significado da palavra "gay". Eu olhava a conversa dele com outras pessoas. [...] Sempre que ofendiam o Rodrigo, chamando de "veado", ofendiam a mim, porque andávamos juntos. [...] Principalmente os homens surdos, alunos da sétima e oitava série, sempre provocavam o Rodrigo. E quando eu estava junto, apoiando ele, eles diziam que eu também era "veada". [...]* (00:33:00 - 00:33:59) *Eu sempre defendia o Rodrigo. Eu percebia que aquelas provocações não eram legais. [...] Bullying contra pessoas obesas, pessoas altas, isso existia. [...] eu sou alta, não muito alta, mas o meu corpo era diferente do deles. Eu usava blusas mais curtas e apertadas. Chamavam-me de "puta", por causa das minhas roupas e meu peito era maior que o das outras surdas. Quando eu passava, os surdos falavam "gostosa" para mim. Diziam: "ela é puta porque ela anda com essa roupa". Eu ficava constrangida e aceitava aquilo, eu não sabia o que era machismo e o que isso significava. Não conhecia o feminismo, não sabia defender-me. Eu não sabia de nada [...]*.

Com receios, medos das reações dos colegas e, principalmente, da família, Lauren Farias nos relata como sua aproximação, também, com Nícolas Brahm – seu colega de turma –, a ajudaram, embora muitas vezes em silêncio, a refletir sobre sua própria sexualidade e seu jeito surda de ser.

(00:34:00 - 00:34:59) *Toda essa violência, a questão da sexualidade… [...] Até hoje eu penso que eu tive oportunidade de aprender, mas não percebia. Tinha um surdo que também estava tentando descobrir-se, nós fomos colegas, o Nícolas, né. Eu vi que ele estava começando a perceber a identidade de gênero dele, eu também estava. Acho que ali que comecei… [...]* (00:35:00 - 00:35:59*) [...] Mesmo não usando roupas larga, eu tinha um "jeito de lésbica". [...]* (00:36:00 - 00:36:59) *[...] Ele dizia que gostava de mulheres, mas eu não dizia que também gostava, mesmo que eu já sentisse isso dentro de mim. Eu não conseguia falar, externalizar isso, por medo da reação da minha família, não sabia o que era se assumir. [...] Eu só consegui descobrir-me no Ensino Médio [...]*.

Diante de tantas dúvidas e à falta de informação em Língua de Sinais, Lauren Farias ressalta a necessidade de a escola propiciar mais abertura para discutir temas que envolvem a sexualidade, pois como ela se refere, essa temática nos educandários fica muito atrelada a informações da área da saúde, no entanto, ela salienta que outros tópicos podem e devem ser trazidos para o debate nos ambientes escolares, especificamente, nas instituições de ensino de surdos. Contudo, ela frisa a importância de sempre ter pessoas surdas como referência nesses encontros:

(00:40:00 - 00:40:59*) [...] Acredito que poderiam complementar os conteúdos, explicando o Movimento LGBTQIA+ como representante de uma diversidade, os conceitos… Porque a sexualidade não é só doenças, tem outros tantos tópicos… [...] Mas tem muito mais.. Hoje eu tenho consciência, eu entendo que a educação, na escola de surdos, pode conter momentos de palestras, mas é importante ter um surdo de referência. [...]* (00:41:00 - 00:41:59] *[...] Ficamos pensando que, antes, não tinha. Mas e agora? [...] A gente fica pensando em um tempo passado, porém se refletirmos sobre o presente e o futuro, ainda não tem. [...] Precisamos ter mais abertura para falar sobre sexo, não é feio falar sobre isso [...]*.

Para o Rodrigo Lima, o *bullying* na escola de surdos se concentrava mais nas ofensas por ele ser uma pessoa gay, e não por ser negro, ao contrário da sua experiência na "sociedade ouvinte". Até mesmo, ele enfatiza, acreditar ser muito estranho:

(00:38:00 - 00:38:59) *[...] Todos sabiam que eu era gay. Alguns me chamavam de "Bicha", "viado". Entre os surdos, a maior questão era essa e não por eu ser negro, (...)* (00:39:00 - 00:39:59) *(...) porque tinham outros surdos negros na escola. Já fora da escola, na sociedade ouvinte, o preconceito era por eu ser negro. Estranho isso, né? [...] Eu percebo também que não ensinavam nada sobre o movimento LGBTQIA+*

na [EBEF]*. [...] Nada! Agora fiquei sabendo que têm mais surdos LGBTQIA+ no* [EBEF]*. [...] Agora aumentou bastante, antigamente não tinha nada sobre isso, a escola era muito fechada! Parece que estavam sempre prontos para julgar os outros, prontos para rotular e ficavam apavorados quando percebiam que alguém seria gay ou bissexual [...]*.

Inclusive, Rodrigo, salienta, que talvez certos assuntos não fossem abordados na escola de surdos em decorrência de serem inadequados por partes dos familiares ou malvistos e "perigosos" para seus filhos(as):

(00:40:00 - 00:40:59) *[...] Na minha opinião, pelo o que podia perceber, tinha preconceito. [...] Esse tema poderia desagradar os pais dos alunos. Eles teriam que ser questionados para a realização de uma palestra sobre sexualidade, por exemplo. Talvez vissem isso como um perigo [...]* (00:41:00 - 00:41:59) *Porque antigamente não tínhamos tanta informação e movimentação sobre esses assuntos. Hoje já se tem uma maior visibilidade. [...]* (00:47:00 - 00:47:59) *[...] Eu tenho uma preocupação com a comunidade surda LGBTQIA+ porque não se tem muita informação sobre sexualidade acessível [...]*.

Daniel Farias formou-se no Ensino Fundamental na escola de surdos em 1999. Naquela época, mesmo tendo estudantes surdos(as) LGBTI+ na escola, era tudo muito velado. Nem ele mesmo conhecia direito as pessoas surdas que o cercavam. Sentindo-se solitário quanto aos seus sentimentos, resolveu calar-se. Porém, o corpo, os gestos, as atitudes denunciavam seus trejeitos e o *bullying* foi inevitável:

(00:30:00 - 00:30:59) *[...] aos oito ou nove anos, quando comecei a conhecer mais pessoas surdas, não tinha ninguém que se assumisse gay ou lésbica. Eu me sentia sozinho, por isso, calei-me. Eu pensava que eles poderiam ter preconceito comigo. Uma menina surda tornou-se minha melhor amiga, nós estávamos sempre juntos. Eu me sentia à vontade de falar com ela, sobre meninos, que eu os achava bonitos e tudo mais. Ela sempre me respeitou e aceitou. Falava sobre a minha liberdade para achar isso, que continuaríamos amigos. Outros surdos faziam piada comigo, me provocavam, chamavam de "viado", de gay. Eu sofri muito bullying na escola.* (00:31:00 - 00:31:59) *Eu me sentia muito mal sobre isso. [...] os colegas surdos me ofendiam muito. [...], dentro da escola, as crianças me ofendiam, eu sofria bastante. Eu falava para minha mãe das ofensas, ela me perguntava o que estava acontecendo, qual era o problema. Mas eu não dizia para a minha mãe "eu sou gay". Não, isso era segredo. Eu falava das ofensas, de usarem os sinais de "viado" e outros sinais negativos que usavam. Minha mãe dizia para eu me acalmar, conversava, me dava carinho, me abraçava, beijava. Era para eu me esforçar e focar nos estudos, ignorando os outros surdos, eu nem conhecia eles direito [...]*.

Para Daniel Farias, a escola de surdos deve ter um profissional responsável por abordar temáticas sobre sexualidade, ISTs etc., pois salienta que a Comunidade Surda não tem informações sobre esses assuntos.

(00:35:00 - 00:35:59) *Falta falar sobre isso na escola, com os surdos. Essas informações não chegam em nós. Os ouvintes recebem essas informações de várias formas, enquanto nós surdos não temos esse acesso. Isso falta. Precisamos saber sobre tudo isso e com detalhes, para entendermos com clareza sobre sexo, o uso de preservativos, o perigo do HIV, remédios, tratamentos para a saúde e cuidados com a saúde para evitarmos problemas.* (00:36:00 - 00:36:59) *Na minha opinião, a escola* [EBEF] *precisa ter uma pessoa encarregada para ensinar sobre sexo, principalmente sobre o uso de preservativos, objetivando o cuidado por parte dos alunos surdos, para que eles, vendo as explicações, aprendam e evitem problemas. [...]* (00:38:00 - 00:38:59) *Eu acho que as escolas de surdos em geral precisam promover visitas associações LGBTQIA+ a fim de ter contato com esses assuntos e os alunos terem acesso a informações sobre sexo, cuidado de si, uso de preservativos, entre outros [...]*.

Simone Moura ingressou na escola de surdos aos 17 anos de idade, formando-se em 2004 no Ensino Fundamental. Antes disso, frequentou escolas inclusivas – de ouvintes. Talvez, pela narrativa trazida em nossa conversa, o contato que ela teve com as temáticas ligadas à sexualidade tenham sido abordadas, naquela época, conforme os livros didáticos que ao "tratar o corpo humano, remetem ao 'aparelho ou sistema reprodutor'" (Jimena FURLANI, 2013, p. 75), e não como "aparelho ou sistema sexual". Desta forma, possibilita aos professores e professoras "explicar, discutir, relativizar, ampliar o sentido (e as implicações) do 'sexual' (FURLANI, 2013).

(00:12:00 - 00:12:59) *[...] Sempre convivi com todas as pessoas da minha turma, interagia com outros colegas da escola. Fiz muitas amizades, era muito bom. [...] tinha contato com todos, por ser negra nunca sofri preconceito na escola. Era ótimo. [...]* (00:15:00 - 00:15:59*) [...] falava-se sobre sexualidade, sexo e suas características.* (00:16:00 - 00:16:59*) [...] Sobre LGBTQIA+ não era trabalhado, só no seminário. Sobre sexualidade nesse sentido, não. [...] A* [EBEF] *tinha professores muito tradicionais, qualquer instrução sobre LGBTQIA+ não era feita. Isso antes, né. Agora, já tem mais pessoas falando sobre isso [...]*.

Simone Moura destaca que o primeiro contato com temáticas que envolviam questões de gênero e dissidências sexuais, sucedeu-se no instante em que ingressou

no Curso Normal – Educação Infantil [EMEFEM][96]/Pelotas-RS que ocorria no turno da noite, onde eu ainda era professor e lecionava a disciplina de Linguagem-Lógico Matemática, mas desenvolvia projetos indisciplinares que exploravam essas temática com os(as) alunos(as) do curso e, também, posteriormente, foi expandido para outras turmas e adiantamentos da escola.

(00:19:00 - 00:19:59) *[...] Antigamente, não tinha muita informação sobre LGBTQIA+, eu não tinha como ler em revistas, informar-me, nem pela televisão. [...] A primeira vez em que vi falarem sobre isso foi no Magistério - Educação Infantil. Foi a primeira vez lá no* [EMEFEM] *e tinha interpretação para Libras. Era um curso de formação pedagógica e tinha um grupo focado na questão LGBTQIA+. Depois disso, eu busquei por mais informações. [...]* (00:20:00 - 00:20:59) *O outro evento que fui foi o seminário na escola* [EBEF]*. [...]* (00:21:00 - 00:21:59*) [...] Antigamente havia muito preconceito contra LGBTQIA+ por falta de informação na escola. Com o passar dos tempos, a escola pôde dar informações sobre a língua dos surdos, sobre ser surdo, ensinar a língua portuguesa, a* [Associação] *pôde organizar o seu movimento também, com as lutas surdas, por respeito a sua identidade e LGBTQIA+ está começando, é o primeiro contato [...]*.

Daniel Oreques se formou no Ensino Fundamental na escola de surdos em 2013. Toda a turma dele matriculou-se no [EEM] – onde tinha turmas exclusivas de Educação de Surdos na modalidade de inclusão. Somente aí, que Daniel Oreques conseguiu contar para seus colegas sobre sua orientação sexual. Para ele, o *bullying* na escola de surdo foi bastante problemático. Acentuado por momentos de distanciamento da família, principalmente, da "mulher-mãe", que necessitava dispensar mais tempo para cuidar do irmão com deficiência – hidrocefalia[97].

Acima do peso, para os padrões estéticos sociais, ataques e ofensas gordofóbicas eram diários no ambiente escolar sobrecarregados ainda mais pela própria angústia e descobertas sobre sua orientação sexual. Mesmo que construísse algumas amizades no ambiente escolar, somente, por ele ser uma pessoa obesa, já alcançava "níveis de crueldade e desumanização muito maiores do que a pressão estética, fazendo pessoas gordas não terem acesso à diversas áreas da vida que garantem minimamente a dignidade aos seres humanos" (Giuliana MESQUITA,

[96] Escola Municipal de Ensino Fundamental e Ensino Médio com turmas: de inclusão e de turmas exclusivas de pessoas surdas, naquela época.
[97] A hidrocefalia é um acúmulo anormal de líquor nos ventrículos, que são as cavidades do cérebro. Esse excesso de líquido faz com que os ventrículos se dilatem, pressionando e provocando disfunção das estruturas encefálicas.

2019). Com o Daniel Oreques, não era diferente, ainda que compartilhassem do vínculo da Língua de Sinais e, consequentemente, também alimentassem o "sentimento" de estar em "casa" (KILOMBA, 2019). Para o Daniel, o *bullying* era "horrível"!:

(00:12:00 - 00:12:59) *[...] Aqui na escola, antigamente, eu tinha alguns amigos, colegas. Mas quando eu perguntava alguma coisa para alguns deles, a resposta era que não gostavam de gays, LGTBQIA+, odeio, que nojo! Eu me sentia mal porque já sentia em mim que era gay. Diante destas respostas, eu não consegui falar com ninguém nem com meus melhores amigos. [...], muito bullying. Horrível! [...] Porque eu sou obeso, várias características. Quando eu concluí o ensino fundamental aqui eu fui para o* [EEM] *com a mesma turma.* (00:13:00 - 00:13:59) *Lá eu contei que eu sou gay, que eles precisavam respeitar os LGBTQIA+. Eles compreenderam e continuamos amigos. [...] Aqui no* [EBEF]*, muito pouco, pelo o que eu lembro. Eu via essa discussão mais frequentemente lá no* [EEM]*.* (00:14:00 - 00:14:59) *[...] Aqui eu não lembro de nenhum. [...] eu gostaria que algum professor fizesse com que o* [EBEF] *fosse mais aberto a essas discussões. É importante recebermos informações sobre o mundo LGBTQIA+ nessa idade para podermos saber sobre isso no futuro. Por isso eu acredito que precisaria ser trabalhado aqui na* [EBEF] *[...].*

Vários(as) autores(as) que pesquisam a questão da sexualidade e da escola (Louro, 2014; Reis, 2015; Caetano, 2016; Megg, 2020) problematizam como o convívio LGBTI+ nos espaços educacionais são pautados pelo sofrimento, o que fica evidenciado nas situações narradas pela coletividade LGBTI+ desta Tese. O *bullying* e outros tipos de violências, estão presentes em todas as escolas – públicas ou privadas, não seria diferente numa escola de surdos, também, de ambas as redes.

Ana Beatriz SILVA (2015) ressalta que se traduzirmos o vocábulo *bully* da Língua Inglesa para a Língua Portuguesa poderia se assemelhar as expressões como: "valentão, tirano, mandão, brigão" (SILVA, 2015, p. 19). No entanto, a palavra em inglês *bullying* relaciona-se a um agrupamento de ações e atitudes que são atribuídos a "violência física e/ou psicológica, de caráter intencional e repetitivo, praticado por um *bully* (agressor) contra uma ou mais vítimas que se encontram impossibilitadas de se defender" (SILVA, 2015, p. 19-20).

Independentemente dos motivos circunstanciais ou desigualdades subjetivas de poder que ocasionaram tais atitudes, não é nada fácil para alunos(as) ouvintes ou surdos(as) conviverem sob a pressão do *bullying* no ambiente escolar. Aliás, é um problema preocupante nas escolas. Todavia, é oportuno reforçar que vivemos em uma

sociedade assentada num cistema-heterossexista/capacitista, o qual produz zonas de normas hegemônicas de convicções de gênero. Portanto,

> Tratar a injúria [...] sexista ou homofóbica como bullying, como uma manifestação arbitrária de uma psique violenta per si, não nos permite perceber que ela só pode emergir em um campo de normas e ordenações sociais do sistema de gênero. Ou seja, a retórica do *bullying* faz as manifestações homofóbicas e sexistas serem tratadas como uma violência de indivíduos, apolítica, desligada das normas sociais que estabelecem quais vidas são verdadeiramente dignas de respeito e de existência (Rosana OLIVERIA; Debora DINIZ, 2014, p. 249).

Dificilmente, as escolas – públicas ou privadas – escapam das armadilhas, taticamente posicionadas e que podem ser acionadas pela cisheteronormatividade, a qualquer momento e em qualquer espaço escolar. Por isso, a importância de percebermos e diferenciarmos quando estamos à frente de situações que envolvem o *bullying* LGBTIfóbico. Precisamos ter a compreensão que estamos lidando com atitudes agressivas/cruéis fortemente estruturadas e regimentadas por uma sociedade cisheteronormativa. Entender a engrenagem desse regimento social, certamente, auxiliará e fará diferença, não somente, ao enfrentamento dos insultos/violências por parte da vítima – como também dos colegas do(a) agredido(a), dos(as) professores(ras), dos(as) orientadores(ras) educacionais, dos pais dos(as) alunos(as) envolvidos e da própria direção da escola – na resolução e encaminhamentos a serem adotados, bem como pedagogizar – problematizar e discutir – o ocorrido, por toda a instituição educacional. No entanto, devido ao Congresso Nacional ainda não legislar sobre os “atos atentatórios a direitos fundamentais dos integrantes da comunidade LGBT”, o Supremo Tribunal Federal – (STF), desde junho de 2019, votou pelo “enquadramento da homofobia e da transfobia como tipo penal definido na Lei do Racismo (Lei 7.716/1989) até que o Congresso Nacional edite lei sobre a matéria” (BRASIL, 2019). Porém, sabemos que isso não é uma realidade, atualmente, no Brasil. Em razão disso, existe toda uma mobilização para que a Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão (ADO)/26 – criminalização da LGBTIfobia – sejam, efetivamente, cumpridas.

Todavia, para Vidarte (2019), a LGBTIfobia, não se resume apenas a atitudes e microagressões verbais, isso seria o de menos. Segundo o autor,

> [...] homofobia não é te chamarem de bixona e você ter que dar no pé ou fazer uma denúncia, mas que a homofobia é uma bixa não ter onde morar, não ter

> trabalho, nem poder ocupar cargos de responsabilidade, o fato de a adoção não ser tão fácil, de continuem perguntando se ela “ouve vozes” quando vai fazer uma operação de mudança de sexo, de continuarem considerando-a uma doente de disforia e de ser prescrito um acompanhamento psiquiátrico porque, para a lei, sua saúde mental continua sob suspeita (VIDARTE, 2019, p. 74).

Pelas narrativas do coletivo de pessoas surdas que compõem esta Tese, percebe-se que os *bullying* ofensivos como, por exemplo, ser magro demais, de gordofobia, estéticos, entre outros, e os crimes de LGBTIfobia e de racismo estão presentes nas escolas. Todavia, podemos estranhar ainda mais, por se tratar, não apenas de uma escola de surdos, mas de uma Comunidade Surda que tem a seu favor uma vasta trajetória de lutas em prol do reconhecimento de sua língua, identidade, cultura e respeito à diferença, historicamente, oprimidas e minorizadas pelo colonialismo ouvintista/capacitista.

Jéssica Barbosa descreve sobre os ataques que sofriam diariamente:

(00:42:00 - 00:42:59) *[...] Ele não se escondia. [...] O Guilherme sofria preconceito, bullying, porque ele era magro. [...] era muito magro e gay. Eu sofri bullying na escola por ser gordinha. [...] o Rodrigo [...] sabia se defender mais, o Guilherme, não. Ele se fechava, chegava em casa e chorava, não queria ir para a escola [...]*.

Guilherme Domingues frisa os momentos angustiantes do *bullying*, do racismo e das microagressões que sofriam dos(as) colegas e como tudo isso lhe fazia mal:

(00:51:00 - 00:51:59*) [...] Tinha bullying, sim. [...] Eu percebia que os surdos provocavam… [...] Chamavam de gay. [...] Falavam que não gostavam de negros, que não queria ser amigos nem ficar juntos de pessoas negras. [...]* (00:52:00 - 00:52:59) *Diziam que pessoas gordas eram feias, [...] que as pessoas magras também eram horríveis. [...] Eles ficavam rindo, provocando, falando do corpo magro, fofocando entre os surdos. [...] Existia um preconceito, tinham grupos que não queriam ficar próximos uns dos outros. Eu percebi que, a partir do momento que estava evidente que eu era gay, alguns colegas pareciam não gostar mais de mim, não ficavam perto. Senti-me mal com aquilo [...]*.

No entanto, Guilherme Domingues nos mostra que sempre existe alguém, principalmente, na escola, que nos acolhe, nos estende, literalmente, neste caso, as mãos/Libras:

(00:53:00 - 00:53:59) *[...] Depois de um tempo, alguns colegas perceberam, uma colega descobriu que outro colega era gay e nos chamou para fazer parte do grupo deles. Perguntaram-me se eu estava me sentindo sozinho por causa do preconceito dos outros surdos, eu concordei, disse como estava me sentindo. Nesse grupo a gente se ajudava, trocava conselhos, eles diziam para eu ignorar as provocações, que era inveja e tudo mais. [...] Nesse grupo, se falava como os "papos" dos outros surdos não eram legais, que era melhor ignorar, porque na cabeça deles eu só era gay [...]*.

Porém, Guilherme Domingues, apesar de todo o sofrimento e exposição que sofreu enquanto estudante gay numa escola de surdos, empoderado, nos mostra que o exercício recíproco da empatia é o caminho...

(00:54:00 - 00:54:59) *Isso me deixava muito mal. Um dia eu perguntei a um colega por que os outros faziam isso comigo. Ele explicou que eles não teriam conhecimento sobre o mundo LGBTQIA+ e preferem tratar dessa forma. Um tempo depois eu reencontrei essas pessoas e alguns entenderam que o que eles faziam era errado, que aquilo era bullying e se arrependiam. Mas por que eles nunca me pediram desculpas? Nunca vieram até mim se desculpar por me ofender, me chamar de "veado", por falarem do meu corpo, por eu ser magro, por criticarem as minhas roupas dizendo que eram velhas e simples, por falarem dos meus bonés e do meu cabelo.* (00:55:00 - 00:55:59) *[...] Eu chegava triste em casa, não me sentia bem, mas depois de um tempo eu consegui começar a ignorar e ficar feliz e em paz. Encontrei amigos legais, que aconselharam-me, com os quais pude compartilhar momentos bons. Dos outros eu me afastei.* (00:56:00 - 00:56:59) *[...] Na verdade, tinham pessoas que não sabiam nem o que era bullying. Tinham professores que explicavam e complementavam que não era permitido fazer bullying, que era feio [...]*.

No mínimo, poderemos nos surpreender, ou mostrar-nos contraditórios, ao adentrarmos em contato com os registros das narrativas das pessoas surdas LGBTI+ que nas conversas detalham seus trânsitos pela escola de surdos durante o Ensino Fundamental. Com certeza, o *bullying* e os crimes de LGBTIfobia e o de racismo são graves nas escolas – públicas ou privadas – e, são imprescindíveis combatê-los veementemente. No entanto, esse cenário não se difere do mundo ouvinte. As demarcações fronteiriças se resumem, pontualmente, às questões de diferença linguística, identitária e cultural. Desse modo, toda a carga do cistema-heterossexista/capacitista que pulsa na "pele" dessa sociedade ouvintista, do mesmo

modo, pulsa com a mesma intensidade, no povo surdo[98], ou melhor, pulsa pelas mãos através da Língua de Sinais.

Indiferentemente, não é de hoje que pessoas LGBTI+ compartilham do mesmo cistema-heterossexista/capacitista vivenciado pelo povo surdo. Como frisa Peluso (2014),

> Los gay comparten, con los sordos, la triste experiencia de que su condición del cuerpo haya sido catalogada por la medicina como una enfermedad, con las obvias consecuencias que esto trae aparejado: en el caso de la sordera esta patología construida por la medicina ha colocado a los sordos en los territorios de la discapacidad, de la incapacidad y del exterminio identitario; y en el caso de la disidencia del sistema sexo-género heterocentrado esta patología construida por la medicina ha asociado a estos disidentes con la perversión, con la enfermedad mental, e inclusive, con una especie de enfermedad moral (PELUSO, 2014, p. 10).

Dessa maneira, também, os(as) estudantes ouvintes e surdos(as) LGBTI+, comungam da mesma configuração discriminatória em ambas as escolas. Porém, para as pessoas surdas LGBTI+, imprime-se uma dupla marca: a *discapacidad* e a perversão. Esses sentimentos perpassam por toda a estrutura do ambiente escolar: direção, professores(as), estudantes, orientadores(as) educacionais e pela equipe de atendimento multidisciplinar.

Contudo, minimiza-se na escola de surdos, principalmente, pelos(as) estudantes – por considerarem-se em “casa” em decorrência do uso da mesma língua (Libras) – a falsa ilusão da não existência estigmatizada da visão patologizante concebida pela sociedade/capacitista, para exaltar e preconizar a perversão fomentada pelo desvio sexual visualizada pelos trejeitos dos corpos LGBTI+ dos(as) colegas. Os monstros são eles/elas: as bichas, as sapatas, as(os) trans, mas, também, os(as) negros(as), os(as) gordos(as), os(as) muito magros(as), os(as) pessoas com outras deficiências etc. Tudo isso, demonstra como “as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade” (Patrícia COLLINS, 2021, p. 15).

Concomitantemente, percebe-se através das narrativas das pessoas coautoras da Tese, que a Comunidade Surda se vê mergulhada e intrinsicamente emoldurada pela interseccionalidade das “categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual,

[98] Povo surdo são grupos de pessoas surdas que se utilizam da mesma Língua de Sinais, possuem os mesmos costumes, história, tradições e interesses similares.

nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária" (COLLINS, 2021, p. 15). Mesmo que alguns/algumas deles(as) não demonstrem em suas falas que tais influências foram responsáveis por moldurar sua identidade individual. Porém, para outras pessoas surdas LGBTI+, a "construção social de identidades interseccionais que podem se realizar diferentemente de um cenário para outro tem servido como um espaço de empoderamento individual" (COLLINS, 2021, p. 188).

Segundo Simone Moura, a Comunidade Surda encontra-se nesse processo de empoderamento, tanto individual como coletivo, fruto da conscientização, da emancipação e superação da dependência social e, principalmente, do confronto ao machismo:

(00:27:00 - 00:27:59) *[...] Porque antigamente tudo era muito escondido, não havia informação sobre LGBTQIA+. Não se falava em opressão. E agora temos a tecnologia levando essas informações, sobre o bullying, a violência, o preconceito. Agora está bem divulgado, em multa e processos sobre isso, o que não tinha antes. [...]* (00:28:00 - 00:28:59) *Tem uma opressão masculina com as mulheres, né, muitos homens fazem isso. [...] Isso, eu tento ficar longe de gente assim. Tem muito machismo… Existe, também, um preconceito dos homens com mulheres lésbicas. Eles não gostam, não nos respeitam. Então, quando se relacionam com mulheres bissexuais, ficam questionando e falando algumas coisas. Temos que nos posicionar, exigir respeito, nos empoderarmos para que isso não aconteça. Eles precisam aceitar e respeitar. É a nossa vida. Precisam compreender isso. Mas isso é muito chato. Esse machismo é opressor, principalmente com mulheres casadas que se submetem ao marido por depender deles. E muitos deles traem essas mulheres, mantêm mais de uma casa, ameaçam essas mulheres. E elas se submetem. É necessário empoderá-las [...]*.

A Língua de Sinais é uma referência para a Comunidade Surda. Ela é o alicerce do povo surdo. No entanto, no ambiente escolar, a interseccionalidade pode ser uma alternativa de suporte crítico à projetos políticos pedagógicos hegemônicos, possibilitando a desconstrução do ato único do "aprender a aprender", especificamente, ao excessivo foco atribuído aos estudos linguísticos da língua. Collins (2022) nos contempla sobre a articulação da interseccionalidade como ferramenta de sustentação para teoria social crítica que, neste caso, também, poderia ser utilizada para intervir no currículo escolar e contribuir "para uma mudança de paradigma fundamental no pensamento sobre a intersecção de sistemas de poder e suas conexões com a intersecção de desigualdades sociais" (COLLINS, 2022, p. 67). Contudo, isso somente se torna eixo de crítica/reflexiva quando todo o corpo da escola se desprende do caráter de "tentativas de domar" e favorece espaço para o ensino e

aprendizagem. “Porém, quando os estudantes pedem por uma escola que os ensine, penso que outras bandeiras de luta é erguida por uma outra geração, que ocupa um contexto em que algumas batalhas já foram vencidas” (MORAES, 2021, p. 39). Essas ações e vigílias a favor de outras “bandeiras de luta”, perpassa, atualmente, pelo reconhecimento e empoderamento da Comunidade Surda, ao perceberem que são constituídos por múltiplas identidades fluidas para além do único discurso identitário da surdez.

Por esse motivo, não foi à toa que iniciamos a seção deste texto dando ênfase a realização em 2018, do *1º Seminário: Sou Surdx, Sou LGBTI+ e agora?* promovido pela Escola Bilíngue Prof. Alfredo Dub e Associação dos Surdos de Pelotas – ASP. Existem formas e estratégias para o enfrentamento desse cistema-heteronormativo, inclusive, o de problematizar e discutir sobre a horizontalidade dada as temáticas que envolvem os vários tipos de *bullying* e, principalmente, o *bullying* LGBTIfóbico e o de racismo. Todavia, agravado pela estagnação e retrocesso em todos os setores políticos e sociais dos quatro anos de gestão do governo anterior (2019-2022), as temáticas que envolvem a sexualidade e, principalmente, a educação sexual nas escolas sofreram um forte engajamento e uma cruzada contra qualquer possibilidade de debates. Segundo a fala do presidente daquele período, problematizada por Sakamoto[99]: “Quem ensina sexo para a criança é o papai e a mamãe. Escola é lugar de aprender física, matemática, química. Fazer com que o futuro tenhamos um bom empregado, um bom patrão e um bom liberal. Esse é o objetivo da educação” (Leonardo SAKAMOTO, 2020). Isso contribuiu para atualizar e agravar uma preocupação até então argumentada por Deborah BRITZMAN (2007), na qual consistia

> [...] em saber como imaginar qual conhecimento possibilitará novas práticas do eu quando o conhecimento dominante da sexualidade está tão preso e constituído pelos discursos do pânico moral, pela suposta proteção de crianças inocentes, pelo eugenismo da normalização e pelos perigos das representações explícitas da sexualidade (BRITZMAN, 2007, p. 102).

Na verdade, a escola é o melhor lugar para se discutir essas temáticas. E, mais ainda, não como temas transversais, pelo contrário, devem fazer parte do programa

[99] SAKAMOTO, Leonardo. Após xingar educação sexual, governo quer propor que jovens não façam sexo. Site UOL. 2020. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/01/04/governo-quer-politica-publica-para-convencer-jovens-a-nao-fazerem-sexo.htm. Acesso em: 22 abr. 2023.

da escola, porém, deve ser um currículo em constante movimento de (des)fetichização" (SILVA, 2001), ou até mesmo, num processo permanente de "estranhamento[100] do currículo", de "colocar em situação embaraçosa o que há de estável naquele 'corpo de conhecimentos'; enfim fazer uma espécie de enfrentamento das condições em que se dá o conhecimento" (LOURO, 2008, p. 64). Ou ainda, que não seja a idealização de um currículo que se torne mais um malabarismo ou um amuleto para contemplar e justificar a proposta, neste caso, de uma educação bilíngue. Mas, que abarque o dia a dia da Comunidade Surda escolar, principalmente, dos(as) estudantes, de suas vivências, de suas representações e de suas relações e sobreposições pluriversais na diferença. Para tanto, como salienta Aires (2017),

> [...] a experiencia visual é crucial na educação de surdos, é uma marca da cultura surda, que está relacionada a diferentes artefatos da cultura em que a visualidade é referência. Na educação bilíngue de surdos, ela é um elemento essencial para a aprendizagem das crianças surdas. Não é só a língua de sinais que constitui um elemento importante na aprendizagem dos surdos, mas também os materiais visuais ali compartilhados" (AIRES, 2017, p. 74).

É a partir dessa experiência visual e provocado pelas discussões geradas no seminário que, em 27 de setembro de 2018 – mais ou menos 3 meses após a realização do evento – fundou-se o Laboratório de Estudos Surdos em Matemática – LESMA[101], na escola. O laboratório busca para além do desenvolvimento de conteúdos programáticos do Ensino de Matemática, elencar estratégias de explorar questões de gênero, dissidências sexuais, racismo, entre outros tópicos, possibilitando um espaço para debater assuntos que, durante o evento foram apontados como poucos ou nada explorados pelos(as) professores(as) na escola. Por esse motivo, como ressalta Moraes (2021), a importância das atitudes e ações pedagógicas por parte dos(as) professores(as), que quando se desvinculam do ensino acabam por fortalecer "a lógica de aprender a aprender e passa a responder a

[100] Estranhamento é o procedimento de indagar e desafiar o sentido inerente da representação.

[101] O LESMA tinha como objetivo estabelecer um ambiente de estudo, pesquisa e tecnologia para o desenvolvimento de ações que contribuam para o ensino e aprendizagem de Matemática em uma perspectiva de Educação de Surdos Bilíngue, a fim de proporcionar a compreensão e a abstração de conceitos matemáticos básicos e necessários ao Ensino Fundamental, bem como as práticas dos(as) discentes surdos(as), viabilizando um ambiente de respeito e de trocas de ideias e, principalmente, de informações que não se limitam as fronteiras da Educação Matemática, mas que explorem a pluralidade humana e o pensamento crítico diante da sociedade e do mundo em que vivemos. Para maiores informações o LESMA possui uma página no Facebook para divulgar e compartilhar os trabalhos e ações pedagógicas desenvolvidas pelo projeto: https://www.facebook.com/lesmaeead. Infelizmente, o Projeto Lesma foi encerrado em virtude da minha demissão da escola no dia 09/05/2023.

demandas do mercado, da família, da comunidade ele [professor] nega aos estudantes a possibilidade de virem ao mundo, como também nega ao mundo a possibilidade de renovação" (MORAES, 2021, p. 67).

Acreditamos que, não somente é necessário abordar a Educação Sexual bem como ações pedagógicas afirmativas que contemplem, desde cedo, as discussões com os(as) estudantes no intuito de combater discriminações étnicas, raciais, religiosas, de gênero, de orientação sexual, de classe, de capacitismo, LGBTIfóficas, xenofóbicas, estéticas etc. Inclusive, oportunizar debates sobre políticas públicas sociais e relações de resistências intrínsecas que estão pautadas nesse jogo de poder, e que podem e devem ser problematizadas por procedimentos críticos/reflexivos embasados por uma pedagogia *queer* escolar (FURLANI, 2011) com o propósito de fomentar ações de "superação dos mecanismos objetivos e subjetivos que constroem as mais diversas formas de preconceitos, discriminação e exclusão sociais" (FURLANI, 2011, p. 71). Entretanto, como adverte a autora,

> Esse entendimento educacional é limitado e parece se amparar na ideia de que a "iniciação sexual" só é possível a partir da capacidade reprodutiva (puberdade). Com isso, a escola está sempre atrasada: primeiro, em relação às expectativas e às práticas sociais das crianças e jovens, e, segundo, em relação à capacidade de o ensino escolar mudar comportamentos a partir da relevância da informação e da discussão que oferece (a informação chega tarde demais) (FURLANI, 2011, p. 67).

Entre tantas atividades elaboradas com essa finalidade e alicerçado pela experiência visual (AIRES, 2017) como referência para suscitar essas discussões, foram pensados alguns planejamentos e procedimentos na execução de materiais pedagógicos que permitissem, não somente, acessar e manipular o material, mas propiciar a liberdade, se assim desejar, pontuar temáticas sobre o assunto. Para isso, uma das estratégicas utilizadas foi a criação da *Porta Interativa do LESMA*, na qual são expostos materiais que são fixados nela pelo lado externo com acesso ao corredor onde todos os(as) alunos(as) da escola circulam, tendo um contato premeditado com a *Porta Interativa*. Nela são afixadas atividades de matemática, desafios, brincadeiras, mas, também, o boneco(a) agênero – o(a) qual possui duas genitálias, masculina/feminina, que podem ser trocadas e fixadas por velcro – vestindo um *pañuelo* em torno do pescoço com as cores do arco-íris (Figura 7). Assim como,

encontram-se fixadas na porta, configurações de mãos em “ILY”[102] (conforme Imagem 3, no Glossário Visual, Apêndice F) confeccionados em E.V.A com as cores do arco-íris. Num dos cantos da sala do LESMA existe um painel do tipo cabideiro com vários chapéus – os quais, eventualmente, os utilizo para ministras minhas aulas – e que, um deles, chamado de “chapéu da diversidade” (Figura 6), pois, foi propositalmente, construído, do mesmo modo, explorando a ideia das cores do arco-íris e que, esporadicamente, fica a disposição na *Porta Interativa* para qualquer aluno(a) usar livremente (Figura 8), inclusive, utilizá-lo em suas aulas ou levá-lo para casa, se assim desejar (Figura 9).

Figura 6: Porta Interativa do Lesma - Chapéu da Diversidade.
Fonte: https://www.instagram.com/p/Cqdr3dBJh_n/?igshid=YmMyMTA2M2Y=

[102] Configuração de Eu Amo Você em Libras.

Figura 7: Porta Interativa do Lesma – "REXistência".
Fonte: https://www.instagram.com/p/Cln5OFmAVY6/?igshid=YmMyMTA2M2Y=

Figura 8: Gabrielle Maciel Buss[103] com o chapéu diversidade do Lesma.
Fonte: https://www.instagram.com/p/CqaSIdigzEG/?igshid=YmMyMTA2M2Y=

[103] Imagem autorizada para divulgação na Tese pela "mulher-mãe" da aluna.

Figura 9: Fiorella Souto Rosa Cantarelli Martins[104] com o chapéu da diversidade do Lesma.
Fonte: https://www.instagram.com/p/CqqebxkJ-vV/?igshid=YmMyMTA2M2Y=

Assim como a realização do *1º Seminário: Sou Surdx, Sou LGBTI+ e agora?* e do *Laboratório de Estudos Surdos em Matemática - LESMA*, reafirmam que a escola, principalmente, a escola pública, é um lugar possível de produção, de um espaço de ruptura, de um currículo que "atenda" a diversidade, que fale, não sobre ela, mas "*com*-ela". Que crianças e adolescentes possam ter a oportunidade de produzir saberes, de reconhecerem que são pessoas de múltiplas marcas identitárias, interseccionadas, plurais e dignas de um "Bem Viver" pleno. As imagens acima falam por si só: projetos podem até ter começo, meio e fim, mas "a causa", não!

5.3 Tudo é "feio": a escola como lugar de permitir-se

Ao focarmos nas narrativas dos(as) estudantes surdos(as) LGBTI+ durante seus percursos no Ensino Fundamental na escola de surdos, percebemos que também houve inúmeros momentos de batalhas fruto de muita superação que, por vezes, mereceu muito desprendimento e coragem por parte deles(as), por se situar num espaço considerado essencial pela comunidade para a formação identitária do povo surdo. Lutar por identidades que produzem outras formas de empoderamento advindas de relações de poder interseccionais, que instiga ou rompe com a concepção

[104] Imagem autorizada para divulgação na Tese pela "mulher-mãe" da aluna.

atrelada a uma única marca identitária, demandou desse coletivo, galgar obstáculos ainda mais intransponíveis mediante a trajetória de um(a) estudante ouvinte LGBTI+.

Não é a intenção de confrontar ou comparar as barreiras e os impasses que vidas LGBTI+ enfrentaram e enfrentam, sejam elas ouvintes ou surdas. “A homossexualidade não é somente uma categoria da delinquência, ela é também uma categoria patológica” Guy HOCQUENGHEM (2020, p. 42), e isso vale para os dois universos. Mas, não podemos nos esquecer dos primeiros embates travados pelas pessoas surdas, principalmente, pelas pessoas surdas LGBTI+ filhos(as) de pais ouvintes – devido à falta de comunicação no seio familiar desde a infância –, pois existe a diferença linguística em jogo. Sobretudo, tendo uma sociedade estruturada com base num padrão hegemônico de corpo ideal, no qual envolveu mecanismos e técnicas de reabilitação e correção para disciplinar esses corpos degenerados que, também, atribuíram essa responsabilidade à família como

> [...] ferramenta de controle social e como mecanismo disciplinar. Organiza-se, por meio de estratégias de medicalização, um conjunto de atividades em que a família passa a ser vista como “cúmplice” e até mesmo “facilitadora” dos processos de correção e reabilitação da criança surda (LUNARDI, 2006, p. 85).

É na escola que tem Libras. Também, tem amigos e inimigos. Mas é a escola que proporciona um lugar de escape, muitas vezes, assume o lugar de um confessionário. A família não sabe Libras, a conversa é truncada, nada ajuda, nada favorece ou facilita para uma conversa mais fluida, talvez, alguns sinais costumeiros, soltos, sem sentidos, que só o contexto habitual traduz. O medo de uma segunda decepção é presente. O papel do pai não. A mãe salva a comunicação através dos ensaios e tropeços na aprendizagem da segunda língua. Às vezes, a irmã também. A desinformação é quase total. A vigília também. O corpo cresce. Provavelmente, goza no banheiro de casa pela primeira vez. Um corpo com desejo, um corpo sem informação. A confissão mútua em Língua de Sinais na escola alivia, fortalece, informa e empodera. A escola é o único lugar onde a pessoa surda possa se atrever, a se degenerar, a se permitir. É na escola que se aprende que tudo que foge da normalidade é “feio(a)” – configuração da mão em “L” com a palma da mão voltada para o corpo do sinalizante, articulado na altura do tórax batendo levemente duas vezes no peito – (conforme Imagem 2, no Glossário Visual, Apêndice F), sinal muito utilizado pelas crianças e adolescentes para generalizar quaisquer assuntos

inconvenientes ou desrespeitosos. Ajudava a não se aprofundar no assunto e nem refletir sobre o fato ocorrido. Apenas sinalizar “feio” já resolvia. Aí, tudo era feio: sexo, transar, pênis, vagina, “viado”, travesti, sapata, puto(a), negro(a), gordo(a), muito magro(a) etc. A estrutura pedagógica da escola de surdos, não somente contava ou conta com os processos hegemônicos cisheternormativo, bem como, com a ajuda de uma importante aliada: a família.

> Portanto, uma das formas de controle e prevenção do risco foi estudar com refinamento o contexto social e o clima familiar que podem fazer com que uma criança se transforme em uma criança de “risco”; foi constituir a família como objeto de intervenção médica, ou seja, organizou-se uma sistemática forma de condução de medidas, de cuidados e de prescrições que viessem a manter o corpo infantil saudável. Por essa regulação, os indivíduos foram adaptados à ordem do poder que, muito mais que abolir condutas inaceitáveis, age na produção de novas características corporais, sentimentais e sociais (LUNARDI, 2006, p. 89).

Com todo esse controle e aparato, burlar o risco, os constantes cuidados e a regulação de seus corpos e condutas inaceitáveis não era nada fácil: nem no espaço familiar e nem no espaço escolar. Com toda essa tecnologia de controle, a solução era sinalizar “feio” para tudo que a sociedade ouvinte determinou que é imoral. Sinalizar “feio” era suficiente para neutralizar e interromper o assunto. Não se ensaiava nenhuma possibilidade de diálogo ou se dava condições para ir além. Se a novela mostrava alguma cena que a família acreditasse que fosse “imoral” – como cenas homoeróticas entre os personagens – a solução era desligar a televisão – TV, pois, para quê sinalizar?

Conforme nos narra Lauren Farias, a qual revela que seu canal de informação, era, justamente, a TV, especificamente, as novelas quando mostravam atores e atrizes seminus ou em cenas mais íntimas.

(00:29:00 – 00:29:59) *[...] A televisão teve certa influência, sim, porque era onde eu via relacionamentos homoafetivos, mesmo que a minha mãe tivesse o cuidado de desligar a televisão para eu não ver. Porque, às vezes, as novelas mostravam pessoas nuas, sensualizando. As novelas de antigamente não mostravam tanto quanto as de hoje, mas eu era uma criança esperta, se a minha mãe desligava, eu já tinha entendido [...].*

Se ocorressem entre os alunos e alunas alguma questão relacionada a gênero, sexualidade, LGBTIfobia, gordofobia ou questões de relações raciais e ao racismo, talvez sinalizar “feio” resolveria o impasse. Decerto, talvez fosse mais fácil do que

incluir atividades ou tematizar sobre o assunto a partir da situação e dos discursos dos(as) alunos(as) surdos(as) naquele momento. Muitas vezes, a falta de fluência na Língua de Sinais não ajudasse – nem todos(as) os(as) professores(as) da escola são surdos(as) e nem todos (as) os(as) ouvintes são fluentes na língua – inclusive os profissionais de atendimento multidisciplinar. Isso pode contribuir, como frisa Amana MATTOS (2017), na supressão e emudecimento “das questões raciais e nos debates de gênero e sexualidade [...] que precisam ser esmiuçadas para pensarmos lógicas de privilégio e de construções narrativas e normativas que estão presentes nas escolas” (MATTOS, 2017, p. 203).

Principalmente, no caso do racismo, em que a “’diferença’ está marcada” Hall (2016) na pele. “La piel no es sólo individual, sino que es tambíen social; separa y cristaliza aquello que aparece de aquello que no aparece (Valentina BULO, 2015, p. 3). Para além de estar no corpo, ela é uma questão social, segundo Almeida (2019) acimentada como “racismo estrutural”. Se a escola de surdos deixa de debater esse assunto ou se resume, simplesmente, a realizar o sinal de “feio”

> Em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as instituições que não tratarem de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racista já tidas como “normais” em toda a sociedade. É o que geralmente acontece nos governos, empresas e escolas em que não há espaços ou mecanismos institucionais para tratar de conflitos raciais e sexuais. Nesse caso, as relações do cotidiano no interior das instituições vão reproduzir as práticas sociais corriqueiras, dentre as quais o racismo, na forma de violência explícita ou de microagressões – piadas, silenciamento, isolamento etc. Enfim, sem nada fazer, toda instituição irá se tornar uma correia de transmissão de privilégios e violências racistas e sexistas. De tal modo que, se o racismo é inerente à ordem social, a única forma de uma instituição combatê-lo é por meio da implementação de práticas antirracistas efetivas (ALMEIDA, 2019, p. 48).

Acrescido a uma comunidade onde a informação é muito precária e, justamente, na escola, um dos principais locais onde ela se faz mais presente. Esse silenciamento ou até mesmo falhas na comunicação podem produzir a sensação ou ilusão que nunca sofreu ou presenciou algum tipo de agressão ou de microagressões de racismo na escola, como alguns coautores da pesquisa relatam em nossas conversas.

Como nos traz Rodrigo Lima que atribuiu não ter sido vítima de racismo na Comunidade Surda de Pelotas/RS ou na escola, em virtude de considerá-la uma comunidade pequena.

(00:51:00 - 00:51:59) *[...] Com os surdos só sofri preconceito por ser gay, por ser negro, nunca.* (00:52:00 - 00:52:59) *[...] Eu fiquei feliz em ter mais pessoas LGBTQIA+. Mas eu ainda via pessoas julgando quem era LGBTQIA+, não via fazendo nada em relação aos negros, [...], por ser negro, eu sofria preconceito na sociedade ouvinte, fora da comunidade surda. [...] Eu acho que é porque a comunidade surda é pequena [...]*.

Ademais, eles não elencam, em nenhum momento, que questões de racismo ou qualquer preconceito contra raça e etnia, porventura ocorridas na escola, eram resgatadas e trabalhadas, ao menos, pelos(as) professores(as), quando abordavam ou se é que abordavam o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana[105] na escola. Porém, outras pessoas surdas, relatam o contrário e descrevem que essas agressões eram muito frequentes.

5.4 Ambientes que acolhem: guetos protagonistas de subversão

Lembro, até hoje, da minha tarefa quando minha irmã sete anos mais velha que eu, começou a namorar aqui no Brasil: sentar-me na sala a vigiar o namoro dos "pombinhos". Só podia sair da sala para ir rapidinho ao banheiro. Com dia e horário marcado, minha irmã namorava dentro de casa, mesmo com a supervisão constante do seu irmão. Eu imaginava como seria quando chegasse a minha vez.

Não demorou muito. No entanto, percebi que meu lugar de namorar na adolescência não seria na sala de casa com a supervisão de alguém da família como a maioria dos héteros – até porque ocupo um corpo que, nas normas hegemônicas de relações de gênero, detêm certos privilégios (branco, não afeminado). Apesar que na época, nunca tive a oportunidade de ser "apresentado" ao amor. Mas, sim, amedrontado ou até mesmo, reprimido socialmente. Tudo platônico e interrompido. Uma adolescência com lacunas, mas inúmeras fugas.

Eu teria lugares socialmente bem definidos e também passaria a ganhar alguns adjetivos específicos: a rua ou em guetos *gays* e ser chamado de "puto" ou "fresco"[106],

[105] No Brasil, existe a Lei nº 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas de Ensino Fundamental e Médio. Além disso, em 2008, foi promulgada a Lei nº 11.645/2008, que ampliou o escopo da Lei nº 10.639/2003 para incluir também o ensino da História e Cultura Indígena nas escolas brasileiras.

[106] Utilizo esses termos, porque, naquela época – período da ditadura militar –, era desse modo que a Polícia Militar se dirigia a nós quando realizava *blitz* no local que frequentávamos – em becos ou em praças públicas da cidade à noite. Além de solicitarem os documentos pessoais, exigiam que todos ficassem encostados em uma parede lado a lado com os braços e pernas abertas. Fora, as palavras de ofensas, microagressões e constantes ameaças que sofríamos no momento da revista, como

frequentador de praças públicas e becos nas noites de Pelotas. Ou em banheiros de bares ou boates de entendidos ou locais de Gays, Lésbicas e Simpatizantes – GLS[107] da cidade (com shows de travestis e transformistas – não existiam as *drag queens*). “Tanto os espaços públicos quanto as variadas opções de diversão ofereciam amplas oportunidades para que homens pudessem se agregar a outros homens com afinidades sexuais e sociais” (James GREEN, 2000, p.61), inclusive, mulheres (lésbicas, sapatonas, entendidas, machorras,...), especificamente, em espaços como bares e boates de entendidos/simpatizantes. Entretanto, os banheiros em particular, se entrecruzam nas vivências LGBTI+ de ouvintes e de pessoas surdas. Um lugar marcado pelas transgressões das experiências sexuais de ambos, porém, para as pessoas surdas – heterossexuais ou LGBTI+, também era um lugar de desobediência linguística, uma vez que, por muitos anos, as pessoas surdas eram proibidas de sinalizar e obrigadas a aprender a oralizar e se adaptar à sociedade ouvinte, em diversas instituições, inclusive, nos estabelecimentos escolares – em sala de aula, nos corredores, entre os intervalos etc. Para as pessoas surdas era veemente negado a sinalização nessas áreas comuns. O banheiro, entra também como um espaço de desobediência linguística para além das sexuais. Era nesse local que as pessoas surdas aproveitavam para compartilhar e conversar na Língua de Sinais.

Contudo, essas áreas públicas, como banheiros, praças e becos, entre outros, começaram a receber um policiamento mais ostensivo além do que já sofríamos com o regime militar, devido ao surgimento da aids e sobretudo por ser uma “ideia de punição ligada ao sexo [...] diretamente associada à “doença moral” da homossexualidade, no entender de tantos conservadores contemporâneos (João TREVISAN, 2007, p. 437). O pânico moral não só tomou conta dos homossexuais como colaborou para a normalização e a regulação dos corpos por vias sanitárias através de políticas de combate à aids, com objetivos de modificar condutas e introduzir práticas disciplinares.

---

registrar nossos nomes na delegacia e, posteriormente, serem publicados no jornal local. Segundo GREEN (2000) o vocábulo “fresco”, “com o duplo sentido de “puto” e também conotando frescor, jovialidade ou amenidade no clima, tornou-se termo ambíguo comum usado para zombar dos homens efeminados ou daqueles que supostamente mantinham relações anais “passivas” com outros homens” (GRENN, 2000, p. 64).

[107] Termo muito empregado naquela época o qual ajudou a flexibilizar as fronteiras e a expansão do gueto homossexual, até mesmo, em espaços mais amplos dentro da sociedade (João TREVISAN, 2007).

> Dessa forma, é possível afirmar que, com o surgimento da aids, a moral da boa conduta homossexual relacionada ao sexo ganha força por meio da propagação maciça da prevenção entre estes, por outro lado, reforçou a moralidade do próprio desejo, impondo-lhe limites publicamente aceitáveis (Edgard FELBERG, 2015, p. 46).

Nesse cenário, minhas relações sexuais ficaram ainda mais restritas. Agora, nem becos, nem banheiros e nem praças públicas eu podia frequentar. Marcado pelo dispositivo de controle do medo e do pânico – principalmente, da morte –, aumentou minha preocupação em buscar parceiros fixos ou "formas de driblar o contágio" (Marcio CAETANO, 2018, p. 283), estimulado pelas grandes companhas públicas que também chegavam nas escolas onde eu lecionava. Dessa forma, tinha minha vida íntima e pública controlada e vigiada constantemente. Era muito comum no ambiente escolar, associar minha identidade LGBTI+ à doença, por meio de palavras ou frases indiretas de efeito moral que relacionavam a ela.

> Nesse sentido, o governo autoritário da ditadura militar tinha também um ideal de povo e de corpo são, cabendo destacar que essa mencionada ideia de degenerescência incluía homossexuais e travestis junto a outros indivíduos considerados subversivos, desviados e anormais, como "transviados, cabeludos, mulheres da vida", "bêbados", usuários de drogas, intelectuais, artistas, entre outros, o que nos explica em muito as bases da homofobia centradas na ideias da patologia e de desordem social e, consequentemente, a importância dada à regulação do espaço público como elemento de controle social. Assim, amparados também por uma ideologia cristã de família e moral, os governos municipais e estaduais realizavam verdadeira caça a homossexuais e travestis no Brasil (Helena VIEIRA, 2018, p. 363-364).

De certa forma, consigo entender o policiamento dos corpos surdos, acrescido ao monitoramento capacitista da família ouvinte: por ser surdo(a) e ser LGBTI+. Um corpo doente sem direito a libido e sem intimidade. Muito menos, em sua casa. Sem contar os raros momentos para ficar sozinho(a) no quarto ou no banheiro, porém, com o sentimento de estar permanentemente sendo vigiado(a).

O próprio espaço escolar demonstra que, historicamente, a família controlava de perto toda a movimentação do(a) filho(a) surdo(a) não apenas no ambiente familiar. O prédio da escola ainda guarda a "sala das mães" – assim conhecida por toda a comunidade que frequenta a escola –, onde grande parte ficava aguardando o término das aulas – algumas "mulheres-mães" vendiam cosméticos por catálogos, faziam tricô, artesanatos, entre outras atividades. O momento do sentimento de liberdade é, justamente, o período em que as pessoas surdas estão juntos aos seus/suas colegas

e, ao mesmo tempo, tem contato com a Língua de Sinais. Hoje, inclusive, existem alguns casos, em que mãe é também a professora da escola.

Como nos descreve Jéssica Barbosa, quando nos relata sobre o que presenciava na escola em consequência de tanta pressão e constante vigília por parte dos familiares em relação a seus/suas filhos(as).

(00:38:00 - 00:38:59) *[...] Desculpa, mas, aqui dentro desta escola, muitos surdos já fizeram sexo escondido no banheiro e a diretora não sabia de nada. [...] Tinham surdos cúmplices, cuidavam da câmera, os movimentos para esperar o momento certo. [...] Não somos inocentes! Faziam, era normal. Eram adolescentes. O Guilherme também fazia as privacidades no banheiro daqui porque em casa ele não tinha essa privacidade. A mãe dele fazia muita pressão cuidando dele. [...] muitos, no banheiro, no auditório… [...] atrás das cortinas [...]* (00:39:00 - 00:39:59) *Muitas vezes. Quando começaram a falar sobre proteção, os surdos ficaram mais interessados. Mas o engraçado é que os surdos que ficaram mais interessados era porque queriam experimentar. [...] Guilherme e eu [...] perguntamos muitas coisas mais profundas que tínhamos curiosidade para este professor que foi demitido [...] Havia relações entre homens e mulheres e entre homens. [...] Um é gay outro é hétero. [...]* (00:40:00 - 00:40:59) *[...] Na rua tinha preconceito, sim. [...] o Rodrigo respeitava muito as regras. Ele nunca fez nada aqui dentro.* (00:41:00 - 00:41:59) *[...] sofria mais preconceito porque ele era negro além de gay. [...] Tinham outros que sofriam por causa do racismo, mas o Rodrigo sofria mais [...].*

É compreensível que em algum lugar o desejo sexual iria aflorar na prática, ainda, acrescido, com o “convite” da sensação e o conforto dobrado de sentir-se também em “casa”, isto é, na escola. De algum tempo para cá, muitas famílias têm optado que seus/suas filhos(as) “transem” em casa, alegando, em sua maioria, o motivo de segurança dos(das) filhos(os), ou seja, “diante de uma sociedade tão violenta e cheia de riscos, é melhor transar em casa do que ‘sabe-se lá onde’” (Diário Gaúcho, 2015), ou em vista de ter a preocupação de que os(as) filhos(as) estejam bem instruídos(as) e preparados(as) para fazer sexo seguro.

Se, antigamente, a pessoa LGBTI+, não tinha o privilégio nem de “curtir” ou namorar na sala de casa com seu/sua companheiro(a), imaginar transar em espaços geográficos comuns/familiares, seria algo inimaginável. Muito menos, por pessoas que produzem interioridades complexas e contestadas no universo ouvintista do cistema-heterossexista/capacitista. Pessoas com deficiência tem prazer e gozam também!

5.5 Associação: lugar de “RExistência”!

Assim como, as escolas de surdos, as associações tiveram e tem um papel importantíssimo para a Comunidade Surda. Historicamente, essas instituições aliadas a outros espaços como, escolas especiais e instituições religiosas, entre outros, que buscavam oportunizar momentos de convivência, “passaram a funcionar como estruturas primordiais de latência do movimento social surdo” (Fábio BRITO, 2021, p.145). Também se fortalecem, quando, junto às mobilizações de pessoas com deficiência – cegos, deficientes físicos, mentais etc. –, focaram-se em fortes campanhas com o intuito de “propagar os direitos dos cidadãos com deficiência: direitos a atendimentos qualificados, à educação, ao lazer, à profissionalização, ao emprego” (KLEIN, 1998, p. 86). No entanto, a trajetória de lutas advindas da interseccionalidade no contexto sociopolítico e pelo empoderamento das pessoas surdas em busca de conquistas em prol do respeito às suas diferenças passaram a fomentar “redes de troca entre indivíduos, grupos e organizações de pessoas surdas, fornecendo assim os fios utilizados para costurar as relações de solidariedade entre os atores sociais cuja interação constituiu o movimento surdo” (BRITO, 2021, p. 148).

Entretanto, com o passar do tempo um dos temas e discussões dentro das associações que tem preocupado as mobilizações de luta e a Comunidade Surda são questões de ordem política. “Nessas organizações juntam-se sujeitos surdos em reuniões e assembleias para compartilhar dos interesses comuns, lutando pelos seus direitos judiciais e de cidadania [...]” (STROBEL, 2015, p. 89). E por vezes, promovendo debates com o propósito de tencionar articulações e mobilizações com o objetivo de buscar por mais implementações de políticas a nível municipal, estadual e federal em todas as áreas sociais.

Esses movimentos de pessoas surdas por meio de associações e outras entidades têm sido fundamentais até os dias de hoje e são responsáveis por despontar lideranças surdas que tiveram e têm papeis importantes na trajetória de conquistas da Comunidade Surda, tanto dentro do país como fora dele, em diversas áreas sociais, educacionais, científicas, midiáticas/digitais, entre outras. Muito dessas “latências” contribuíram e contribuem para dar continuidade na “produção e experimentação direta de códigos e valores culturais alternativos aos disseminados pelos sistemas dominantes.” (BRITO, 2021, p. 144-145).

Todavia, as lideranças e ações de militância de algumas pessoas surdas têm encontrado certas dificuldades em desterritorializar-se do modelo e das experiências ouvintistas do cistema-heterossexista/capacitista. As associações, juntamente, com a Comunidade Surda, têm realizado discussões e debates no sentido de reconhecer que suas lutas estão interseccionadas por um universo identitário multicultural. Porém, através do coletivo de autores que contribuem para esta Tese, percebemos diferentes pontos de vista e experiências vivenciadas na comunidade surda, que localmente se organizou em uma associação de surdos[108].

Para Daniel Farias, que atualmente não reside mais na cidade, seu contato com a Associação não era muito frequente, sendo que aos poucos, foi se afastando devido ao sentimento de falta de confiança e pelo medo de que as pessoas descobrissem que ele era gay e por entender que os héteros da associação demonstravam pouco conhecimento sobre questões que envolviam pessoas LGBTI+.

(00:39:00 - 00:39:59) *[...] Antigamente, quando eu frequentava a associação, eu já sabia que eu era gay (...)* (00:40:00 - 00:40:59) *(...) mas ainda não tinha me assumido para a minha família, eu analisava algumas pessoas surdas heterosexuais e sentia medo de me abrir com elas, principalmente porque eu acreditava que se eu me assumisse para elas, elas poderiam falar para a minha família. [...] Eu cuidava para evitar isso, usava estratégias para analisar bem com quem eu conversava. Isso era normal para mim.* (00:44:00 - 00:44:59) *Na* [Associação]*, antigamente, os héteros não recebiam nenhum tipo de informação. Depois teve aquele encontro sobre LGBTQIA+, com palestras e divulgações que começaram a perceber melhor essas questões. Desde então os héteros têm aceitado e respeitado essa comunidade, sendo amigos, interagindo normalmente. Eu me senti tranquilo (...)* (00:45:00 - 00:45:59) *(...) e muito feliz. Graças a Deus ficou tudo bem. Antes o pessoal não tinha noção, mas depois que conheceu o movimento ficou melhor [...]*.

Para Rodrigo Lima, apesar de a Associação sempre estar de “portas abertas”, percebia sinais de microagressões vinculados a sua orientação sexual e também de conotação racista. Isso fez com que ele também desistisse de ser um surdo mais atuante na associação. No entanto, Rodrigo se surpreendeu com a diferença de comportamento das pessoas surdas frequentadoras da associação quando se mudou

[108] As associações de surdos atravessam a história do povo surdo. Em diferentes países, desde o século XIX, foi nestes encontros das pessoas surdas que se construiu e consolidou a luta pelo reconhecimento da diferença surda (Regina SOUZA, 1998; Madalena KLEIN, 1998). Atualmente, em muitas localidades, as associações de surdos, já possuem entidade própria, registradas no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica – CNPJ. Das pessoas surdas LGBTI+ parceiras na elaboração desta Tese, somente uma declarou que participa da equipe da atual gestão e que também é a única frequentadora assídua da associação.

para Porto Alegre e começou a participar da Sociedade de Surdos do Rio Grande do Sul[109].

(00:48:00 - 00:48:59) *[...], a* [Associação] *é muito importante e ela sempre esteve de portas abertas. Mas, nem todos, nem a maioria, mas sempre que eu ia na* [Associação] *eu sentia… não sei se porque eu sou LGBTQIA+...* (00:49:00 - 00:49:59) *[...] eu percebia muitas ofensas em tom de brincadeira, me chamavam de "viado", "macaco", "puta", aquilo não me fazia bem. Fui uma ou duas vezes e parei. Comecei a participar do movimento LGBTQIA+ em Pelotas e a maioria era ouvinte e eu acabei me acostumando. Depois que eu me mudei para Porto Alegre, fui na Sociedade de Surdos e foi muito diferente, até me assustei porque todos eram bem vindos. Eu tenho vontade de promover palestras sobre sexualidade em Pelotas, mas temo que algumas pessoas surdas não participariam. Acredito que eles pensam que iriam rotulá-los, mas será que é só isso? Eles não pensam que isso é sobre ser humano, sobre como vão ensinar no futuro se tiverem um filho LGBTQIA+? Como essa geração vai aprender sobre esses assuntos? Mas eu tenho uma limitação forte em relação à* [Associação]*. Acredito que ela seja muito importante [...].* (00:50:00 - 00:50:59) *[...] Eu não participava muito porque alguns surdos ficavam me julgando. Eu sou uma pessoa boa, eu queria colaborar com a* [Associação]*, mas não me sentia à vontade. Eu não sei explicar [...]*.

Simone Moura, que atualmente mora em Aracajú/SE, quando frequentava a Associação, sofria bastante preconceito por ser uma "mulher-negra". Empoderada, tentava, muitas vezes, reagir, mesmo sozinha, utilizando-se de estratégias para sinalizar que a Associação também era seu lugar. Apesar de perceber que existia discussões focadas nas temáticas LGBTI+, ela ressalta que os temas que envolviam as questões de gênero, especificamente, sobre as mulheres, não eram muito abordados pela associação.

(00:17:00 - 00:17:59) *Na* [Associação]*, eu não lembro de ter palestras sobre sexualidade. Apenas falas sobre saúde, câncer de mama, essas coisas. O mais próximo da sexualidade foi quando falavam sobre DST/AIDS, sexo… [...] O grupo me afastava às vezes, diziam que não gostavam de mim. Eu respeitava e "ficava na minha". [...] É… por ser negra, algumas vezes. Por ser bissexual não, nada.* (00:18:00 - 00:18:59) *Os surdos tinham preconceito por eu ser negra, sim, por isso. Eu ignorava e me esforçava para tentar interagir porque eu sabia que era importante.* (00:30:00 - 00:30:59) *[...] Eu vejo e não me meto, respeito, mas tem opressão sim. Eu mesma já sentei e conversei sobre isso, precisei me empoderar, me impor algumas vezes. [...] Muitos homens pensam que as mulheres são fracas e tentam se utilizar disso para controlar e serem machistas. Precisamos nos apoiar e mostrar que eles não vão conseguir, nos sentir seguras quanto a isso, para podermos ser felizes. Muitas*

[109] Para maiores informações sobre a Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul, acesse a página da associação em: https://www.facebook.com/ssrsoficial/. Acesso em: 06 maio 2023.

mulheres ficam quietas em relação ao comportamento dos maridos. Falta muita informação para as mulheres de Pelotas, muitas são minhas amigas e eu aconselho. Algumas são casadas, mas querem ter outros relacionamentos e ficam quietas. Eu digo para eles conversarem e serem felizes, resolverem, porque depois acontece algo e eles brigam até fisicamente. Talvez seja melhor separar e ela ter o seu relacionamento homoafetivo, cada um para o seu lado. Mas algumas têm vergonha de falar, escondem [...].

Daniel Oreques, é outro coautor que frequentou a associação. Apesar de ter se sentido bem recebido, reconhece que a Associação não conversa sobre temáticas LGBTI+, e que é sempre o mesmo "gueto" de pessoas surdas em bate-papos com assuntos dispersos, que não chamava muito sua atenção. Fora, as microagressões que sofria das pessoas que frequentavam a associação, as quais ele espera que jamais voltem a acontecer.

(00:20:00 - 00:20:59) *[...] Antes eu participava, agora eu parei. [...] Sentia-me bem, mas… [...] A* [Associação] *não tem informações sobre LGBTQIA+, palestras com novidades, não tem nada disso. É só a mesma panela batendo papo. Eu gostaria que criassem atividades novas na* [Associação]*, que falasse sobre LGBTQIA+, (...)* (00:21:00 - 00:21:59) *(...) tivesse mais diversão, interação, informação, palestras, entre outros. Mas troca a presidência e nada muda. [...] Não tem debates importantes, sobre estudos, vida, família, não promovem nada importante. Lá é só papo e chimarrão. Por isso eu desisti de participar da* [Associação]*. [...]* (00:22:00 - 00:22:59) *Eu tinha os meus amigos e quando eu percebia que alguém me ofendia eu só não me aproximava, não queria que fosse meu amigo. [...] gosto de estar em lugares que somos um grande grupo, que podemos interagir com todas as pessoas, como uma família. Isso é o mais importante. [...]* (00:23:00 - 00:23:59) *[...] tirou meu interesse pela* [Associação] *e eu saí. [...] (00:30:00 - 00:30:59) Precisamos lutar por respeito. O meu sonho, o que eu queria fazer era proporcionar um local em que se tenha esse respeito, em que o preconceito fosse proibido, que as pessoas todas interagissem e pudéssemos lutar por melhorias para os LGBTQIA+. [...]* (00:37:00 - 00:37:59) *[...] para dar um basta a esse preconceito. Nós também precisamos ter respeito, nos unir, é isso [...]*.

Nicolas Brahm, é a pessoa surda trans que mais frequenta a associação, inclusive, faz parte da diretoria. Ele é incisivo em afirmar que a Associação é sua segunda família. Faz algumas reflexões em sua fala, sobre a Associação e sua visibilidade como pessoa surda trans, como integrante da entidade e da Comunidade Surda.

(01:43:00 - 01:43:59) *[...] Só poderia tocar nos assuntos quando percebêssemos que é errado, por exemplo o caso de estupro, eu defendo que se deva discutir. Mas parece que ser LGBTQIA+ é pior do que os casos de estupro. Sobre política. Na outra eleição, já existiam as leis que defendiam os LGBTQIA+, mas quando mudou o governo para o outro presidente, quando as pessoas precisavam pensar nas políticas para ajudar os mais pobres, (...)* (01:44:00 - 01:44:59) *(...) se voltaram para tirar os direitos dos LGBTQIA+. Eu fiquei sem entender, aquilo era o mais importante? Por que essas pessoas sentem-se incomodadas com isso? Parece que não existe o respeito com o direito das outras pessoas. Eles precisavam focar na saúde, na educação, nas crianças pobres, isso tinha urgência de ser resolvido, mas esqueceram de tudo isso para se preocupar com a vida dos LGBTQIA+, tirar os direitos destas pessoas. Era importante manter o que já estava encaminhado e resolver o que tinha urgência. os casos de estupro não estavam preocupados em resolver, porque existem as denúncias, porém, na verdade, passaram colocando a culpa na roupa que a mulher estava vestindo. Aí a mulher já se sujeita a ir na delegacia denunciar um estupro e ainda precisa ser acusada de estar provocando por causa da roupa que estava usando. [...]* (01:51:00 - 01:51:59) *[...] Na verdade eu quero preparar uma oficina, um projeto na* [Associação] *que fale sobre LGBTQIA+. Eu quero fazer isso, acho muito importante. O objetivo é que todos os surdos participem, LGBTQIA+ ou não, para que alguns sintam-se mais à vontade para se assumirem e outros que aprendam sobre o preconceito e avaliem suas atitudes e mudem. Esse é o meu objetivo, eu quero fazer isso. [...]* (02:11:00 - 02:11:59) *[...] Eu não vou ficar esperando por eles, eu vou continuar participando da* [Associação]*, eu amo a* [Associação]*, é a minha segunda família, a minha segunda casa. Se os surdos fizerem algum comentário preconceituoso eu vou intervir e vou pedir respeito. Alguns ainda não entenderam que isso é crime [...]*.

Lauren Farias se sente desconfortável ao falar sobre a Associação e revela que não participa dela por motivos pessoais bem sérios. Além disso, considera que a instituição é muito seletiva.

(00:59:00 - 00:59:59) *[...] Eu posso falar, mas é complicado. Teve um momento, quando eu ainda estudava aqui,* [ocorreu um incidente bem grave] [110] *[...], eu não sabia o que era isso. [...] Não foi só comigo, mas também com outros colegas. Então tem momentos em que eu não me sinto bem em estar próxima [...]*.

O acolhimento é um dos pontos cruciais a serem pensados pela Associação. Isso inclui, também – devido as associações terem tido e ainda terem um papel histórico indiscutível nas mobilizações de lutas em prol do reconhecimento e respeito a língua, cultura e identidade do povo surdo – dar o real sentido a uma das questões

[110] Esta Tese está amparada em uma relação respeitosa e ética que envolve uma pesquisa da área das Ciências Humanas e que atravessa o pesquisador, as pessoas surdas LGBTI+ coautoras da Tese e a própria Comunidade Surda. Portanto, para preservar a coautora e as pessoas envolvidas nesse incidente, omitimos os motivos e suas causas relatados por ela durante a conversa.

que marca a luta da comunidade e que os mobiliza até hoje: o respeito às diferenças. Nesse sentido, talvez, a Associação precise se distanciar, em alguns momentos, do foco de discussões de lutas pautadas nas questões linguísticas até hoje realizadas, porém, imprescindíveis para o povo surdo. Segundo Guilherme Domingues,

(01:15:00 - 01:15:59) *[...] A sociedade e a* [Associação] *precisam se voltar mais para o Movimento LGBTQIA+ e conhecê-lo. Precisam entender que um homem pode usar qualquer tipo de roupa, que não existe roupa de mulher, isso também é respeito ao jeito de cada um, com naturalidade. Não podem aceitar a homofobia, a violência, o assassinato destas pessoas. Eu não vou me sentir bem em um ambiente em que estão me provocando, rindo de mim, eu ainda tenho medo de sofrer bullying novamente. Esses são uns dos motivos pelos quais não vou à* [Associação]*, é triste. [...]* (01:18:00 - 01:18:59) *[...] Precisam recepcionar bem os LGBTQIA+, entender o quão legal é ter todas as pessoas lá dentro. Muitos LGBTQIA+ querem participar da comunidade surda, das lutas, mas eles têm medo e acabam travados. Pode ser porque vão rir da sua roupa, por exemplo, visto que a comunidade surda não tem conhecimento sobre LGBTQIA+. Sabemos que outros surdos poderão rir de nós, nos provocar e até agredir por preconceito. Não existe carinho, uma vontade de conversar, de conhecer melhor, ajudar, compartilhar experiências. Eu acredito que os surdos precisam conhecer mais, aprender sobre as questões LGBTQIA+, ter amigos LGBTQIA+, tentar uma união entre todos para construir esse respeito, ter mais carinho, mais amor entre todas as pessoas. [...]* (01:22:00 - 01:22:59) *[...] Onde as pessoas possam ir para ter essas informações sobre silicone, sobre seus sonhos, mas tendo cuidado com a saúde. [...] Os ouvintes têm mais acesso a informações que os surdos [...].*

No entanto, carece perceber que essas mobilizações estão alicerçadas por uma gama de multiplicidade de identidades e narrativas surdas interseccionadas por inúmeros fatores e marcadores sociais que também compõem a Comunidade Surda e que se tornaram obstáculos merecedores de enfrentamento. É imprescindível que o povo surdo busque refletir a necessidade e a importância de incluir e "reivindicar a interconectividade de raça, classe, gênero e sexualidade em suas experiências cotidianas, bem como a importância dessa análise interseccional para suas aspirações políticas" (COLLINS, 2021, p. 97). A domesticação da diferença pautada pelo foco linguístico do movimento faz o mundo surdo rachar, trincar, principalmente, quando as pessoas surdas divergentes se tornam colonizadas. A própria degenerescência surda, por ironia, passa a "pertencer a um mundo cortado em dois" (FANON, 2015, p. 54).

Jéssica Barbosa, quando participava da Associação, notava que a instituição se pautava muito em comportamentos hegemônicos. Divergentes em vários pontos, na época em que ela se assumiu lésbica, ela foi persuadida a não mais frequentar a Associação por ser uma “mulher-lésbica”.

(00:43:00 - 00:43:59) *[...] depois que eu me assumi lésbica eu parei de ir na* [Associação]*, porque teve uma época que eu tentei ir e disseram que eu não poderia entrar por eu ser lésbica. [...] Tinham várias crianças na* [Associação] *e pensavam que eu influenciaria as crianças. Hoje em dia as pessoas estão com a mente mais aberta. [...] Não fiz reclamação nenhuma, só fui embora e não voltei mais. [...] Eu pensei que reclamar não iria mudar nada.* (00:44:00 - 00:44:59) *Para que impor a minha presença? Não iria mudar nada. [...] Eu achei que isso foi muito cruel comigo, imagina o que eles fariam com os outros?* (00:47:00 - 00:47:59) *[...], só percebia que tinham muitas regras tradicionais. [...] Por exemplo, homens casam com mulheres, (...)* (00:48:00 - 00:48:59) *(...) que eles precisavam ser da mesma cor, ou seja, brancos com brancos, negros com negros… [...] antes de eu me assumir, quando eu ainda participava. [...] Isso, branco com branco, negro com negro. E também falavam que o homem é o que manda e a mulher precisa aceitar.* (00:49:00 - 00:49:59) *[...] Às vezes, algumas mulheres se juntavam em grupos e conversavam. Algumas falavam que eram responsáveis por limpar a casa, outras por cuidar dos filhos, e que os homens eram superiores. [...] Também falavam que surdos só poderiam se casar com surdos, que não poderiam casar surdos com ouvintes. [...] Eu já discordava do que eles falavam, enquanto pessoa. [...] Alguns ficavam ao meu lado, mas outros não.* (00:50:00 - 00:50:59) *[...] Tinha o grupo de mulheres sentadas nas cadeiras, conversando e tomando mate, tinha um outro grupo de homens falando besteira e jogando, separados [...]*.

Mesmo sendo uma das pessoas coautoras desta Tese, ela tenta buscar, “inconscientemente”, uma sobrevida no cistema-heterossexista/capacitista do universo do povo surdo, burlando a pressão e a angústia de não ser mais uma pessoa excluída, pelo menos, do “colonialismo de ser” que assedia a comunidade, mesmo que para isso tenha que estabelecer um tipo de contrato ou usufruto com os moldes e padrões do cistema-heteronormativo social. Dessa forma, utiliza-se de estratégias de comportamentos de uma pessoa cis, ou melhor, da passabilidade[111]. Isso pode

[111] Sobre a utilização do termo passabilidade às pessoas trans-homem ou trans-mulher: “Por exemplo, um homem trans parecer tanto com um homem cis, que ninguém saberia dizer que ele é trans. Só que esse conceito tem duas vias: 1ª) Reforça estereótipo de gênero, em como ‘um homem deve ser’, ou ‘uma mulher deve ser’ para serem aceitos na sociedade, e deixa de fora pessoas que não estão dentro desses padrões de gênero. Isso faz com que pessoas trans não binárias, ou pessoas trans que não estão nesse padrão de passabilidade, sejam excluídas da sociedade. Além disso, reforça que existe um normal com relação a identidade de gênero, e que esse normal é a cisgeneridade, e que ela deve ser buscada pelas pessoas transgênero para que exista uma aceitação e uma oportunidade de fazer

parecer uma saída para sua permanência e invisibilidade na comunidade – diminuição da discriminação, ataques LGBTIfóbicos, entre outros –, mas também pode demandar um certo custo. Segundo Morena MARIAH (2021),

> O termo passabilidade (em inglês, “passing”) significa a possibilidade de uma pessoa ser lida socialmente como membro de um grupo identitário diferente do seu pertencimento originário. Ou seja, é a capacidade de uma pessoa negra se passar por branca, ou de uma pessoa trans se passar por cisgênera, por exemplo. Os objetivos de “se passar” por outra categoria de identidade vão desde a sobrevivência, em casos em que há perigo de morte, até a obtenção de recompensas ou aumento de aceitação social por um grupo dominante (MARIAH, 2021).

Instintivamente, suplicar um prolongamento da vida além de um determinado limite dentro de um universo de experiências surdas historicamente, oprimidas é, no mínimo, demonstrar como a comunidade é também subdivida em zonas que se diferenciam por: zonas habitadas pelos colonizados e zonas habitadas pelos colonos (FANON, 2015). “Regidas por uma lógica puramente aristotélica, elas obedecem ao princípio de exclusão recíproca: não há conciliação possível, um dos termos é demais" (FANON, 2015, p. 55). O cistema-heterossexista/capacitista divide os espaços de lutas de tal modo que, aparentemente, configuram-se sendo os mesmos.

Nícolas Brahm, reafirma que se “beneficia” dessa passabilidade, no entanto, frisa que também se posiciona quando, de certa forma, é afrontado.

---

parte da sociedade. 2º) Por outro lado, como temos uma sociedade cis centrada, que tem a cisgeneridade como normal, quando uma pessoa trans é ‘passável’, e sua transgeneridade passa despercebida, o nível de preconceito, violência e agressões caem, pois não incide mais a transfobia sobre a sua existência, e os acessos que deveriam ser de direitos de todas as pessoas, são mais facilmente conquistados: empregabilidade, educação, saúde. Esse conceito é extremamente perigoso para que os direitos das pessoas trans avancem na sociedade. Ambas as vias, mesmo a que proporciona uma proteção maior à vida, são problemáticas pois invisibilizam toda a particularidade de uma população que precisa estar visível e participante da sociedade sendo quem se é. Precisar parecer com algo que não se é, além de violento, reforça que pessoas trans não são normais e nem serão respeitadas, e essa possibilidade de inclusão na sociedade só virá caso elas se pareçam com o que é tido como normal: uma pessoa cis. Além de tudo, muitas pessoas trans tentem atingir a passabilidade justamente para terem alguma chance na vida, e se submetem a situações e procedimentos não por livre escolha, e sim por essa pressão da sociedade de que sem isso, a marginalização, a violência e a transfobia serão atos constantes e diários em suas vidas”. SCHEFFEL, Noah. Você já ouviu falar sobre passabilidade? Site. ECOA UOL: por um mundo melhor. 2021. Disponível em: https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/noah-scheffel/2021/09/13/voce-ja-ouviu-falar-sobre-passabilidade.htm. Acesso em: 20 maio 2023.

(01:52:00 - 01:52:59) *[...] Eu tenho muita passabilidade, isso é certo. Mas também tenho uma opinião forte. Eu não aceito que me oprimam. Eu consigo resistir. Se eu perceber que vão falar algo, eu já… [...] chamo ele e digo que não pode falar daquele jeito e explico os motivos.* (01:53:00 - 01:53:59) *[...] Eu não fico quieto, eu falo que ele está errado. Se ele quiser me dizer para ir para outro grupo, eu já digo que não vou, que sou homem. [...] Ele pede desculpa e conserta a fala. Eu sempre estou corrigindo a forma que eles falam. Os surdos me respeitam porque tenho uma opinião forte. [...] Acredito que seja empoderamento, apenas. [...] Acredito que um militante da questão de ser um homem trans, sim. Nas redes sociais, sim. [...]* (02:06:00 - 02:06:59) *[...] Eu acho importante, preciso dar mais visibilidade, percebi que me falta isso. Por isso, também, eu tenho o projeto LGBTQIA₊ como meu objetivo na* [Associação] *e agora percebi que precisamos mostrar mais sobre isso nas redes sociais. Eu estou neutro, as pessoas me veem como outro homem qualquer, porque eu tenho passabilidade. [...]* (02:09:00 - 02:09:59) *[...] Verdade, eu preciso dar mais visibilidade para isso. [...]* (02:10:00 - 02:10:59) *[...] Eu sei de alguns surdos que são hipócritas nesse sentido. Mas eu nem me preocupo com eles, porque a* [Associação] *não é só deles, a* [Associação] *também é minha. Eu vou participar, se algum surdo se incomodar, pode ir embora [...]*.

Lauren Farias, além de não participar da Associação em decorrência do incidente ocorrido, ratifica que somente o Nícolas participa da Associação e que percebe certo proveito dele da passabilidade frente ao povo surdo:

(01:00:00 - 01:00:59) *[...] Apenas o Nícolas. Eu não participo. [...] Eu venho muito pouco. [...] O Daniel Orestes está bastante excluído da comunidade porque ele é obeso e gay. [...] No passado, a comunidade surda era muito diferente de agora. Atualmente, parece que está muito seletiva, reduziu muito o número de participantes. [...] Eu não tenho essa passabilidade.* (01:01:00 - 01:01:59) *[...] Porque o Nícolas é um homem trans.* (01:02:00 - 01:02:59) *[...] A passabilidade dele se dá em razão de ser homem, mesmo que trans. Eles não provocam ele.* (01:03:00 - 01:03:59) *[...] Se fosse eu, seria diferente…* (01:04:00 - 01:04:59*) [...] Sapatão (soletrou algo incompreensível). [...] Não teríamos passabilidade, então…* (01:05:00 - 01:05:59) *[...] É verdade, eu vi uma foto deles alinhados, lado a lado. Como saber que ele é diferente? [...] Mas ele é trans e na foto ele está posando como homem cis [...]*.

Figura 10: Comemoração referente ao dia do Gaúcho na Associação.
Fonte: https://www.facebook.com/photo/?fbid=5768969096489267&set=pcb.5768969146489262

Chamar para a luta, desprende, também, se expor. Utilizar-se de instrumentos políticos que subvertam a lógica de higienizar um espaço que já é ocupado por "in-umanos" (DOEL, 2001). A visibilidade é um dos instrumentos que pode e deve ser utilizada como estratégia para aproximar esses mundos trincados e desfazer a ideia de uma "existência restrita às beiradas" (OLIVEIRA, 2020, p. 155) dentro do próprio submundo coabitado. Dessa forma, as pessoas surdas LGBTI+, podem não ser o cerne crucial dos debates da Associação, "mas pode estar nele e traz consigo os elementos que a constituem" (OLIVEIRA, 2020, p. 155). Se aproveitar da passabilidade e, de certa forma, é "ludibriar" tanto a si mesmo como a outras pessoas surdas, no caso da Figura 10 – onde o único surdo trans-homem coautor desta Tese, Nícolas Brahm, encontra-se pilchado[112] de gaúcho. Posicionado na imagem bem à esquerda do leitor –, reforça, ainda mais, a coexistência da trinca, porém, desta vez, não pelas "mãos/sinais", mas pela visibilidade durante o evento ocorrido na

[112] Pilcha é o nome que recebe a indumentária tradicional que representa a cultura gauchesca, utilizada na região sul do Brasil (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná).

associação – alusivo ao Dia do Gaúcho/Revolução Farroupilha no dia vinte de setembro – e, posteriormente, publicada nas redes sociais, juntamente, com outras tantas fotografias de eventos que ocorrem anualmente na Associação.

Jéssica Barbosa, lésbica, descreve momentos que tenta interagir com grupos de homens cis surdos, juntamente, com o Nícolas, mas demonstra que não era bem acolhida e que o próprio Nícolas também sofria migroacressões e era motivo de chacota:

(00:51:00 - 00:51:59) *[...] O Nicolas andava mais com os homens do que com as mulheres. Eu não tinha muito contato com ele. [...] Eu tentava participar das conversas, mas eles me expulsam porque era um grupo só de homens. Eu disse que se o Nicolas estava eu também poderia… [...] Ele podia, eu não. Mas eles deixavam o Nicolas lá para ser alvo das provocações deles. [...]* (00:52:00 - 00:52:59) *[...] eu acredito que não era brincadeira. Às vezes eu pensava que era verdade, porque eu percebia medo do Nicolas. (00:55:00 - 00:55:59) [...] De homens machistas, sim, [...]* (00:57:00 - 00:57:59) *[...] Esse tipo de sociedade influencia tanto ouvintes quanto surdos, isso não faz diferença. [...]* (01:02:00 - 01:02:59) *[...] O Nicolas tinha mais liberdade. Já eu não. [...] Hoje em dia a* [Associação] *já tem pessoas com a "mente mais aberta" [...]*.

As associações além de serem lugares que promovem o lazer aos seus associados e a Comunidade Surda, são espaços intensamente políticos. Foram graças a essas organizações em todo o Brasil que o mundo dos ouvintes testemunhou, por diversas vezes, a Comunidade Surda manifestar-se e romper com algumas das perspectivas de normas de modelos hegemônicos, de padrões corporais, linguísticos, culturais, identitários, de intolerâncias e de capacitismos sociais, os quais alardeavam crenças sobre as pessoas surdas como "deprimido, nervoso, incomunicável, isolado socialmente, digno de pena, sofrendo com os efeitos de sua deficiência, dos quais precisava ser curado para poder se tornar um ser humano completo" (BRITO, 2021, p. 153-154). Isso nos remete, talvez, a pensar que esse fato ainda perdure, porém, de forma reversa, frente a falta de visibilidade ou medo dela, pelas pessoas surdas duplamente não "bem-nascidas" (VIDARTE, 2019), sobretudo, num espaço "pútrido" por origem.

Nícolas Brahm se questiona sobre essas atitudes tanto na Comunidade Surda, como no convívio na Associação:

(01:40:00 - 01:40:59) *[...] Aí eu fico pensando como essa mesma comunidade surda que luta pelos seus direitos tem atitudes iguais as da sociedade ouvinte? [...] isso é um problema porque temos a influência social e familiar. Isso vem, muitas vezes de casa, eu vejo muito, na minha família, essa prática de os homens ficarem na churrasqueira e as mulheres nas panelas. Muitos aprenderam assim e agora só reproduzem. A maioria acha que mulheres não têm capacidade de fazer um churrasco. [...]* (01:41:00 - 01:41:59) *[...] Como se isso já fosse uma regra social, mulheres na cozinha, homens na churrasqueira. [...], mas o problema é que os próprios surdos não têm empatia. [...] Falta empatia e também tem mais. Surdos vêm com uma influência familiar, (...)* (01:42:00 - 01:42:59) *(...) cometem bullying, são machistas, têm preconceitos, uma série de coisas. Além disso, faltam informações, já aconteceu de surdos mudarem o seu comportamento ao receberem as informações e avaliarem as suas atitudes. Alguns melhoraram, ótimo. Mas são alguns. Ainda tem uma parcela da comunidade que é intransigente e não quer aprender. Eles dizem que eles estão corretos na forma de pensar, não querem olhar para si. [...] Eles entendem que é a opinião deles e eles tem direito de mantê-la. Por exemplo, eu já expliquei e teve surdo que ficou só me olhando… sobre o seminário, muitos surdos nem vieram, por exemplo... [...] Eu penso que não é uma questão de direito de ter uma opinião, (...)* (01:43:00 - 01:43:59) *(...) mas é ter respeito pela opinião do outro. Se tu não concordas, guarda para ti. Não precisa ficar falando o que tu pensas deste ou daquele, guarda para ti [...]*.

A Associação, como nos provoca Vidarte (2019), deveria refletir e agir baseada por uma “política cadela”, perspectiva explorada pelo autor, diante de sua trajetória subversiva e catastrófica de décadas de opressão, dando um basta a sua própria política interna de regras reproduzidas do cistema-heteronormativo das experiências ouvintistas, permitindo-se transgredir e possibilitar uma gestão “cachorra” ao extremo, rompendo definitivamente com seu cordão umbilical nutrido pelo cistemaheterossexista/capacitista. Para isso, deveria investir posicionando-se sempre num estado permanente

> de orelha em pé pelo que possa acontecer de bom ou de ruim. Política cadela, nada de política cínica. A política cínica é a do poder. Cínicos são os poderosos, os homofóbicos que te espancam com um sorriso, os que sempre derrubam no parlamento tudo o que pode nos beneficiar. Cínico é o receio, a reticência, a desconfiança, a falsa igualdade, o asco dissimulado, a repugnância encoberta, o ódio camuflado, a homofobia com pele de cordeiro (VIDARTE, 2019, p. 77).

Devemos ser terrivelmente pessoas corajosas, principalmente, por ser pessoas surdas LGBTI+ neste cistema-heterossexista/capacitista. Pois, de política cínica (inclusiva) as pessoas com deficiência sabem na prática muito bem como realmente

ela é. Tampouco, é diferente para as pessoas surdas heterossexuais ou LGBTI+. Portanto, configura-se uma situação contraditória e incoerente não ser aceito num espaço que *a priori* é fruto da crítica a um sistema sociopolítico pautado por normas e padrões de vidas hegemônicas.

Lauren Farias, expressa muito esse sentimento de esgotamento, quando sinaliza através de sua narrativa o esforço de aproximar a Comunidade Surda para outras temáticas que interseccionam interculturalidade identitária da comunidade.

(01:36:00 - 01:36:59*) [...] Eu já cansei da* [Associação] [sobre apropriação da Comunidade Surda com temas LGBTI+] *[...] Eu me sinto militante, mas não só para a comunidade surda. Sei da importância de disponibilizar informações, mas eu me limito a convidá-los, apenas. Eu não posso forçar ninguém a aprender. [...] Eu convido, acho que é um papel importante que eu exerço. Eu sempre reforço que não participem por minha causa ou por causa do Nicolas, mas para eles aprenderem. Faço como o pessoal da linguística que me convida para os eventos, eu vou. Convido eles também para os eventos LGBTQIA+, tento essa interação, essas trocas. Porém, sempre têm surdos que não aceitam essas trocas. [...]* (01:38:00 - 01:38:59) *Eu acho que a comunidade surda está parando de lutar em alguns espaços [...]*.

Guilherme Domingues, nunca frequentou a Associação. Aliás, ele ressalta que jamais foi convidado a participar da Associação. Também não se sentiria bem num lugar no qual percebesse que estariam, constantemente, o provocando. Ele acredita que é necessário construir um local que respeitasse toda a diversidade humana.

(01:10:00 - 01:10:59) *[...] Nunca fui. [...] Eu nunca participei da* [Associação] *porque eu não conheço o pessoal, os surdos que frequentam a associação. Eu até queria ir, queria conhecer, mas nunca fui. [...] Meus amigos não vão, eu não quis ir. [...]* (01:11:00 - 01:11:59) *[...] Nenhum amigo meu me convida para ir na* [Associação]*. Se eu for sozinho, eu quero conhecer o pessoal, mas eu não tenho amizade com ninguém de lá… [...] Eu quero aprender mais com a comunidade surda, quero conhecer as pessoas, mas não consigo ir. [...], algo está me impedindo… [...], que alguém pode rir de mim ou me ofender.* (01:12:00 - 01:12:59) *[...] Porque eu gosto de usar umas roupas mais femininas, cropped, shorts, e penso que posso ser motivo de risadas quando eu entrar na* [Associação]*. [...] Podem falar que estou feio, fazerem bullying comigo e depois eu me sentir mal.* (01:13:00 - 01:13:59*) [...] Uma família? A* [Associação]*? Eu não sei, teria que ver como é… [...]* (01:14:00 - 01:14:59) *[....], eu me sinto limitado… [...] Eu sinto que não consigo transpor essas barreiras, tenho medo que riam de mim, que me ignorem, que não conversem comigo, não consigo me sentir bem em relação à* [Associação] *[...].*

Principalmente, para a Comunidade Surda, a experiência visual é um dos elementos que compõem a linguagem e que é um dos artefatos culturais do povo surdo, a qual evidencia o uso da “[...] visão, (em substituição total a audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo [...]“ (PERLIN, 2003, p. 218). Nela, também está impressa o exercício/mecânica do poder (FOUCAULT, 2008), não somente, pelas normas disciplinares heteronormativas, mas pelo discurso visual, na qual as evidências da opressão e “naturalização” das pessoas amorfas dentro de um espaço marcado pelas diferenças, são incontestáveis. Para Hall (2016), a naturalização entraria como “uma estratégia representacional que visa fixar a ‘diferença’ e, assim, ancorá-la para sempre. É uma tentativa de deter o inevitável ‘deslizar’ do significado para assegurar o ‘fechamento’ discursivo ou ideológico” (HALL, 2016, p. 171).

Sem a experiência visual a naturalização do proibido pela passabilidade é evidente através das imagens e das publicações nas redes sociais. Sublinha e reafirma, neste caso, a relação que se estabelece dentro de um mesmo espaço minorizado e oprimido:

> Se o pequeno colonizador defende o sistema colonial com tanta firmeza, é porque é mais ou menos beneficiário dele. A mistificação reside no fato de que, para defender seus limitadíssimos interesses, ele defende outros infinitamente mais significativos, dos quais, por outro lado, é a vítima. Entretanto, ludibriado e vítima, também tira suas vantagens (Albert MEMMI, 2007, p. 45).

As relações de poder entre as pessoas surdas “colonas” e os(as) pequenos(as) colonizadores(as) (MEMMI, 2007) surdos(as), demonstra funcionar como um sub-governo da vida, uma estrutura de sub-biopolítica, similarmente ao mundo dos ouvintes, todavia, ínfima e não individualizada, mas que, de certa forma, se propaga entre eles e contamina toda Comunidade Surda (FOUCAULT, 2008). Reconfigurado e compartilhado na Associação, o poder regula, adestra e autoriza a manipulação de oportunos comportamentos, inclusive, abusivos, preconceituosos e racistas.

> Se todo colonial está de imediato na condição de colonizador, nem todo colonizador está fatalmente destinado a tornar-se um colonialista. E os

> melhores se recusam a isso. Mas o fato colonial não é uma pura ideia: é um conjunto de situações vividas, e recusá-lo significa ou subtrair-se fisicamente a tais situações ou permanecer ali e lutar para transformá-las (MEMMI, 2007, p. 55).

Foucault argumenta que, “a visibilidade é uma armadilha” (FOUCAULT, 2008, 166) que funcionaria como uma espécie de aparato individual autônomo de autocontrole comportamental e social. No entanto, para a população LGBTI+, se mostra como um dispositivo ou uma estratégia para subverter a ordem do cistema-heternormativo e, ainda, formas de enfrentamento a vários tipos de discriminação, opressão, micro e macro agressões, entre outros.

Com suas múltiplas marcas identitárias de mulher negra, lésbica e da periferia, Simone Moura descreve como, estrategicamente, articulava-se para dar empoderamento a sua visibilidade e estabelecer uma aproximação ou diálogo com outras mulheres da Associação que demonstravam alguma divergência ou algum tipo de opressão dentro de seus relacionamentos cishétero.

(00:34:00 - 00:34:59) *[...] Tinham gays… [...] Tinha uma mulher que depois virou trans, o Nícolas. Eu mantinha contato com ele na* [Associação]*. Interagia com todos. Mas em Pelotas essa questão era mais encoberta, ficávamos escondidos… Os surdos não se assumiam, mantinham casamentos… [...]* (00:36:00 - 00:36:59) *[...] Na verdade falam bastante sobre ser gay dentro da* [Associação]*, homens gays. Mas as temáticas para as mulheres são poucas. Alguns assuntos que propusemos não foram acolhidos, então ficamos quietas. Poucas mulheres lésbicas são chamadas para falar na* [Associação] *e quando temos esses momentos, os maridos não aceitam que suas esposas participem. Elas acabam sem essas informações. Eu convidei várias vezes, mas não tinha resposta. Mostrei também que mulheres lésbicas podem ser felizes, mas muitas não têm opinião dentro de seus casamentos héteros. Falo para elas se assumirem, mas elas não querem. Eu me assumi publicamente e exigi que me respeitassem, eu estou no meu direito de ser feliz do meu jeito. Mas eu sei que tem algumas mulheres ainda escondidas em casamentos infelizes. Sei de mulheres que já tiveram relacionamentos lésbicos e pararam, agora são casadas com homens. Não sei se gostam ou vivem um casamento de mentira por não querer se assumirem. Eu não sei, fico quieta, respeito as escolhas delas. [...]* (00:40:00 - 00:40:59) *[...] Eu sinto falta de falar sobre a identidade LGBTQIA+. Eu amei uma palestra que assisti e fiquei pensando nela. Espero que, no futuro, crianças surdas possam ter esse contato, para que possam desenvolver um entendimento melhor sobre LGBTQIA+ [...]*.

Possivelmente, teria maior eficácia se a militância LGBTI+ surda da Associação, fosse mais efetiva/coletiva e não estivesse entregue, literalmente, às mãos-

sinalizantes de um único e solitário sócio no enfrentamento das causas LGBTI+. Porém, anteriormente a isso, parafraseando Collins (2021, p. 129), a Associação, deve-se indagar de que forma a interseccionalidade pode ajudar a conceituar a discriminação, sinalizar modos de interpelar os males causados pelas opressões interseccionais e, desta maneira, conduzir e recompor as violações dos direitos humanos e, consequentemente, se reposicionar diante da luta legítima em prol das diferenças.

5.6 Que ativismo é esse? Por uma “sopa de letrinhas” inclusiva

É instigante saber que a maioria das pessoas surdas LGBTI+ coautoras desta Tese, desconhecem, no mínimo, termos muito utilizados pela Comunidade LGBTI+, sendo que alguns desses termos ou ainda não possuem sinais ou estão em processo de construção[113]. Por outro lado, é compreensível reconhecer a existência dessa realidade, inicialmente, dada pelos relatos do coletivo das pessoas surdas que constituem esta pesquisa. A começar pelo próprio termo *queer*: Daniel Farias confunde o termo “*queer*” com “*drag queen*”, sem compreender o significado de um nem do outro. Daniel Oreques, declara, também, que (00:37:00 – 00:37:59) *Não conheço [...]*. Nícolas Brahm, considera a teoria *queer* (02:21:00 – 02:21:59) *Na verdade, [...] um pouco complicado de compreender. [...]*. Guilherme Domingues, afirma (01:31:00 – 01:31:59) *[...] Não vi [...]*.

Alguns desconhecem e outros chegam a ter dificuldades de diferenciar, por exemplo, sobre a origem do termo *queer* e sobre o que trataria a teoria *queer*. Com certeza, muitas pessoas ouvintes também tem a mesma dificuldade. Todavia, é evidente, que a falta de acesso as informações em Língua de Sinais é uma das causas desse desconhecimento, sejam eles simples – do senso comum – ou conceituais. Alguns não compreendem o que significa cada letra que integra a sigla LGBTI+ e quais são os sinais correspondentes em Libras. Do coletivo das pessoas surdas que compõe a Tese, nenhuma delas transita ou frequenta algum tipo de Organização não governamental – ONG ou coletivos no intuito de atuar na militância das causas LGBTI+ em Pelotas.

[113] Dentro do processo histórico recente dos estudos linguísticos da Língua de Sinais, alguns termos sofrem mudanças na configuração do sinal, em decorrência da discussão fluida e da apropriação do conceito pela Comunidade Surda LGBTI+.

Somente o Nícolas Brahm, tem ações esporádicas visibilizadas através das redes sociais da Associação, principalmente, na gestão 2020/2021 –, período mais crítico da pandemia da Covid-19, na função de “Diretor de Esportes”. São algumas conversas/*lives* promovidas pela entidade e um vídeo referente ao dia 17 de maio de 2021 – Dia Internacional Contra a LGBTIfobia. Nesse vídeo, (Figura 11), não existe nenhuma referência visual de representação LGBTI+ e/ou que reafirme sua identidade como um homem-trans surdo. Ele aparenta ser uma pessoa surda que apoia a causa, ou melhor, uma pessoa anti-LGBTIfóbica, falando em nome da Associação como “Diretor de Esportes”[114].

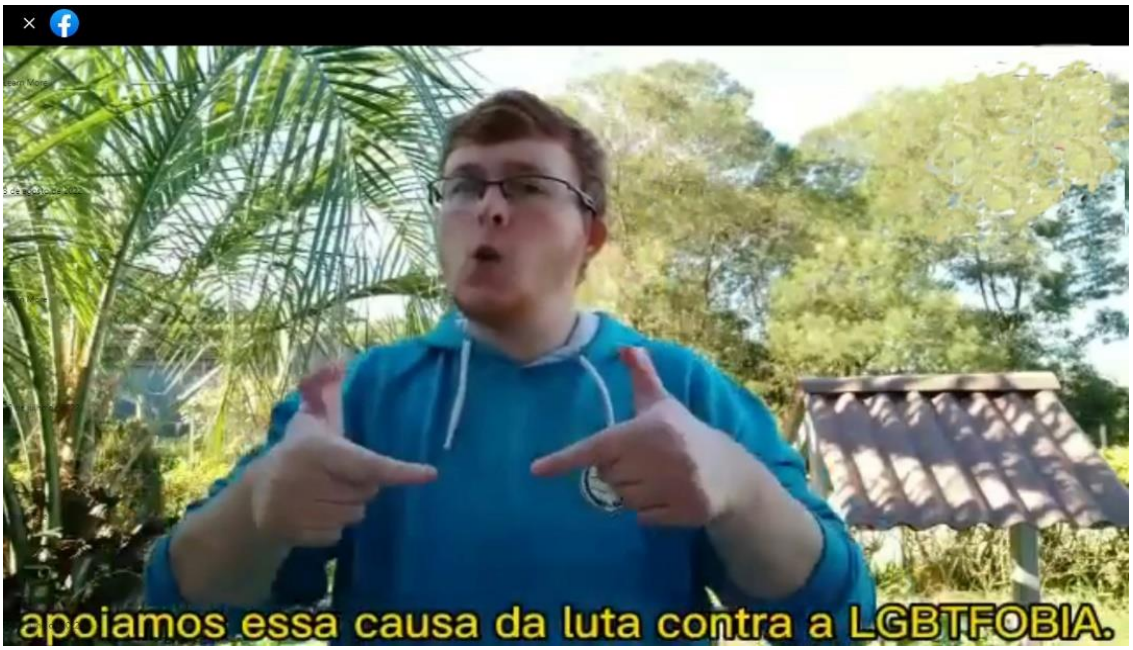


Figura 11: *Print Screen* do vídeo postado pela Associação.
Fonte: https://www.facebook.com/asp99.oficial/videos/140181824804863.

Em outra publicação, a Associação divulga que no mês de agosto de 2021, iria realizar uma *live* com a temática *Diversidade Surda*[115] (Figura 12). No entanto, o anúncio deixa suspenso, de certa forma, a representação distinta do lugar de fala de cada participante visto que, se levar em consideração o artefato da experiência visual,

[114] O vídeo é referente ao Dia Internacional Contra LGBTIfobia, publicado no Facebook da Associação na gestão 2020/2021 no dia 17/05/2021. Disponível em: https://www.facebook.com/asp99.oficial/videos/140181824804863. Acesso em: 29 maio 2023.

[115] A publicação refere-se a uma *live* sobre *Diversidade Surda* postada nas redes sociais da Associação que aconteceu no Instagram no dia 14/08/2021. Como mediadora da *live* estava a presidenta da Associação na época. As pessoas surdas convidadas para a *live* são: uma mulher-trans surda da cidade de Bagé/RS e o um homem-trans surdo de Pelotas/RS. Essa informação não consta no anúncio publicado.

a formatação escolhida para o anúncio, acaba por ofuscar a proposta da *live*. O formato utilizado na publicação – principalmente, no que tange à identidade de gênero –, não favorece à visibilidade e nem exterioriza uma representação LGBTI+ Surda vivenciada por cada uma das pessoas convidadas.

Figura 12: Anúncio da *live* sobre a temática Diversidade Surda.
Fonte: https://www.facebook.com/asp99.oficial/photos/a.1017580454961512/4496216897097833/.

Nícolas Brahm aponta que é muito difícil "criar" uma Comunidade LGBTI+ Surda, pois são poucas as pessoas surdas LGBTI+ na cidade. Outra questão que ele traz é em respeito à acessibilidade. Segundo Nícolas Brahm, fica inviável participar, por exemplo, de uma Comunidade LGBTI+ ouvinte, pois essas pessoas não vão saber a Língua de Sinais ou ele não vai ter a sua disposição uma pessoa profissional intérprete para que estabeleça a comunicação.

(01:47:00 - 01:47:59) *[...] Por exemplo, aqui em Pelotas existe uma comunidade LGBTQIA+, mas não tem surdos participando porque não tem TILS*[116]*, nem as pessoas sabem Libras, eu não participo por isso. [...] Se os ouvintes sinalizassem, mas não. Por isso eu não participo, porque não tem Libras. Se eu fosse, eu iria só perder… [...] E não existe uma comunidade LGBTQIA+ surda porque somos poucos.*

[116] Tradutor Intérprete de Língua Brasileira de Sinais.

Eu vou criar algo? Que surdos vão participar? Apenas eu? Quem mais? (01:48:00 - 01:48:59) *Eu gostaria de participar da comunidade ouvinte LGBTQIA+, quero muito, mas como eu vou me comunicar? [...]*.

Nícolas Brahm, alerta para que as mobilizações atentem para as questões de inclusão e de solidariedade. Dessa forma, invertendo, em alguns momentos dos eventos, o protagonismo para que pessoas surdas e com deficiência tenham visibilidade. Mas, que esse apoio não suscite o "beneplácito dos poderosos, do heterossexismo, da homofobia" (VIDARTE, 2019, p. 155), do capacitismo e do "privilégio ouvinte". Pelo contrário, que essa solidariedade ressignifique que "não é dar a mão, é dar socos. [...] é ser sujo, imprevisível e viver tipo cachorro louco. [...] porque a solidariedade não é mais do que a sinergia dos oprimidos" (VIDARTE, 2019, p. 157). Portanto, essas pessoas, reivindicam uma participação mais ativa em todos os instantes das mobilizações.

(01:48:00 - 01:48:59) *[...] Todos os anos em outubro, tem a Parada LGBTQIA+, certo? Nunca vi um surdo em destaque. Por quê? [...] Precisa também convidar uma pessoa surda para o palco, para fazer sua fala também.* (01:49:00 - 01:49:59) *São só ouvintes lá. Os transexuais que sobem ao palco, na sua maioria são mulheres trans. Quantos homens trans tu já visses nessa posição? [...] Eu acho que deveria ser tudo dividido: convidar homens e mulheres trans e travestis. [...] Mas seria interessante ter espaço para todos: Drag Queens, mulheres trans, homens trans, PCDs…Precisa ter uma diversidade. [...] Eu fiquei admirado que na Parada de SP um surdo conseguiu subir no palco, sinalizou, isso foi muito importante. [...]* (02:27:00 - 02:27:59) *[...] Privilégio ouvinte.* [sobre existir poucas publicações com temáticas LGBTQIA+ e a Comunidade Surda]. *[...] Precisam ser publicados mais livros sobre surdos LGBTQIA+. [...] Falta maior diversidade de assuntos.* [sobre o excesso de publicações a respeito dos estudos linguísticos da Língua de Sinais] (02:28:00 - 02:28:59*) [...] Eu percebo que não há uma variedade de livros escritos por pessoas surdas. A maioria fala sobre língua, linguística, linguagem… Tem alguns livros que falam como o surdo se sente em relação à família, que acho importantes se falar em comunicação. Mas, realmente, faltam livros sobre outras temáticas: surdos LGBTQIA+, negritude surda, vários assuntos relacionados. Esses tópicos eu só vejo nas redes sociais, em livros, não.* (02:29:00 - 02:29:59) *Muitas coisas ainda faltam ser melhoradas. [...] Com a conversa de hoje, eu também vou ficar mais reflexivo. A partir da tua provocação eu comecei a ter ideias, já, de como movimentar mais a comunidade surda, ser mais militante [...]*.

Pode-se perceber, que o acesso às informações, principalmente, às questões que envolvem a Comunidade LGBTI+, "carece" de atenção às diferenças. Sobretudo, para uma população específica que se comunica em outra língua. Isso reforça,

inclusive, a necessidade de publicações que contemplem, não somente, as interseções entre gênero e raça, mas que sejam anticapacitistas.

Nícolas Brahm, salienta a escassez de informação no momento em que ele mais necessitava. Chegou a acreditar que era a única pessoa que estava passando por isso.

(00:51:00 - 00:51:59) Eu não me sentia bem, eu não tinha informação sobre o que estava acontecendo. Eu pensava que eu era uma pessoa estranha, sentia-me o único a sentir aquelas coisas. Só no futuro que eu fui conhecer outro como eu, com o tempo eu percebi que eu não tinha um problema, eu nasci assim. O problema está na influência da sociedade. Percebi que existem homens e mulheres trans, já na adolescência, mais ou menos, eu tinha visto em uma revista - acho, não lembro - uma mulher trans e me espantei. Naquela época, eu pensei que tinha sido uma questão de escolha daquela pessoa. Somente com o tempo eu entendi que não era uma questão de escolha, é algo natural. [...] Eu não escolhi ser homem, eu sou assim. Comecei a perceber outras pessoas trans, mais mulheres trans do que homens, é verdade, mas eu via. Agora eu já vi muitos homens trans [...].

Rodrigo Lima acrescenta que é importante ter representações diversas no Movimento LGBTI+, mesmo acreditando que essa realidade esteja distante de suceder na inter-relação entre o mundo de experiências ouvintes e o universo de pessoas surdas. No entanto, existem algumas tentativas dentro do movimento LGBTI+ e do ativismo *queer* de aproximar a interseccionalidade, mesmo que essas ações se mostrem ainda um pouco tímidas.

(00:37:00 - 00:37:59) *Por isso eu me posiciono como um líder negro e gay dentro da Comunidade Surda. Eu represento os surdos, ao mesmo tempo que sou negro e gay. Eu sou modelo. Aqui no Rio Grande do Sul a comunidade é muito fechada para isso ainda. Muitas pessoas desistem de trabalhar, de estudar. [...]* (00:53:00 - 00:53:59) *Para mim, é natural termos surdos DA assim como surdos oralizados na comunidade surda. Para mim, não vejo problemas, (...)* (00:54:00 - 00:54:59) *(...) mas via alguns surdos julgando os outros, por exemplo, dizendo que os DAs escreviam bem em português, enquanto os surdos eram "ruins". Para mim, isso não tem nada a ver, têm surdos sinalizantes que escrevem bem assim como têm surdos oralizados que desconhecem a estrutura da língua. Nada disso é uma regra, tudo depende. E sobre a comunidade LGBTQIA+ surda, tu sabes como é difícil. Muito difícil! Movimento surdo LGBTQIA+? Não tem! Agora eu fiquei feliz em saber do Nícolas, militando pela causa. Até que enfim! Ele quebrou um tabu! Mas foi bem difícil! mas é típico da comunidade surda ter esses conflitos! [...]*.

Rodrigo Lima, ainda reforça a importância da diversidade e da apropriação da Comunidade Surda LGBTI+ sobre a história do movimento:

(01:04:00 - 01:04:59) *[...] É importante ter essa diversidade. Existem pessoas assumidamente heterossexuais que têm Síndrome de Down, Autismo, entre outros… E assumidamente LGBTQIA+ não podemos ter essa diversidade? Podemos sim! Porque somos todos humanos.* (01:05:00 - 01:05:59) *No futuro pode acontecer de termos mais pessoas com Síndrome de Down, ou surdas, ou mulheres, ou negros no movimento LGBTQIA+, tomara! Mas acredito que isso ainda esteja longe de acontecer.* (01:06:00 - 01:06:59) *(...) sou a favor da educação sexual, é muito importante para todos os públicos. Mas eu me preocupo com a comunidade surda por ser uma minoria em relação aos ouvintes. Nessa situação é muito importante ter explicação, por exemplo, sobre identidade de gênero [...] Também sobre orientação sexual,* (01:07:00 - 01:07:59) *sobre o ato sexual, que pode ser de três tipos, tu sabes né? [...] Também sobre a história do movimento [...]*.

Entretanto, Rodrigo Lima acredita que a Comunidade Surda ainda se encontra muito presa em discussões que enfatizam apenas a questão sobre ser surdo:

(01:26:00 - 01:26:59) *[...] Parece que a comunidade está fechada para o novo, não aceita outras diferenças. Precisamos incorporar essas outras características das pessoas surdas. Entendes? Eu vejo como um egoísmo. Não é assim. [...] É uma questão de movimento social, precisamos agregar todas as bandeiras. Percebo que a luta só é válida ser for uma questão sobre ser surdo. Não há um empoderamento feminista, indígena, LGBTQIA+ ou negro surdo.* (01:27:00 - 01:27:59) *Esse é um problema, não estipulamos uma relação entre as lutas. "Ah mas eu luto pela identidade surda…" [...]*.

Daniel Oreques, não conhecia o vocábulo *queer*, muito menos, seu significado. Declara que tem pouco conhecimento sobre o movimento e que "nunca" foi convidado para participar de nenhum evento.

(00:37:00 – 00:37:59) [...] Não conheço. [sobre o significado do termo Queer] [...] (00:38:00 – 00:38:59) Nunca vi nada… [referindo-se a pessoas PCDs em Movimentos LGBTQIA+] *[...] (00:39:00 – 00:39:59) Nunca fui convidado para as paradas LGBTQIA+, é muito difícil. Nem para seminários, essas coisas, é muito difícil. Eu tenho pouco conhecimento sobre o movimento [...]*.

Daniel Farias, da mesma forma, não conhece o termo *queer* e nem o que essa terminologia representa. Inclusive, desconhece o significado de algumas das letras da

sigla LGBTI+. Entende que o capacitismo dentro do movimento não chega a ser muito expressivo, pois, segundo ele, todos somos iguais. Por morar, atualmente, em Florianópolis/SC, teve a oportunidade de assistir pela televisão, pessoas com deficiência participarem em mobilizações que envolvem a Comunidade LGBTI+, porém, ressalta que nunca se interessou em participar pessoalmente, por ainda não estar familiarizado com a cidade onde mora.

(00:55:00 – 00:55:59) [...] Na minha opinião, eu penso que tanto faz, isso não é importante, somos todos iguais. (00:57:00 – 00:57:59) [...] cegos também [...] Das, implantados, é uma diversidade grande. [...] tempos de compartilhar esses momentos, porque o mais importante é o amor, conhecer pessoas, informar-se, é isso. (00:58:00 – 00:58:59) [...] Já vi cadeirantes, cegos, pessoas sem um braço, muitas pessoas que querem participar, lutam e conseguem participar como qualquer outro ser humano, igual a nós. [...] (01:03:00 – 01:03:59) [...] Sobre estar juntos? Nos movimentos? Com intérpretes? Têm encontros que têm intérpretes bem na frente [...] em Florianópolis. Mas, eu assisti pela internet, eu não fui presencialmente. [...] Eu não sabia onde era e não conheço bem aqui e como ir para certos lugares. [...] (01:07:00 – 01:07:59) Eu acho que precisamos separar os surdos do restante das pessoas (ouvintes e outros tipos de PCDs) para podermos dar atenção especial aos surdos. Na inclusão é mais complicado. [...] Porque, quando separamos os surdos, podemos ter um foco nos surdos, com intérpretes. (01:08:00 – 01:08:59) No futuro sim, juntar todos para interação e troca de conhecimentos e informações [...].

Simone Moura ratifica que são poucas as informações que chegam na Comunidade Surda sobre o Movimento LGBTI+ e sobre o ativismo queer. E reconhece, que muitas pessoas surdas da comunidade reproduzem comportamentos hegemônicos:

(00:23:00 - 00:23:59) *[...] Não, eu não tenho uma militância. Não… nada. [...] Porque eu percebo que alguns surdos têm postura preconceituosa e isso é inconsciente. Eles não têm informação e só reproduzem comportamentos. Eu apoio a militância, o movimento LGBTQIA+, mas as informações não chegam na gente. Se tivesse um grupo de surdos LGBTQIA+ com objetivo de instruir melhor as pessoas, eu poderia apoiar sim, mas ele não existe. Eu fico esperando. Respeito cada um, como cada um pensa, vejo como normal. Mas não sou militante ainda, não.* (00:24:00 - 00:24:59) *Eu vejo na televisão muitas informações sobre movimentos LGBTQIA+, mobilizações no centro de Pelotas. Presenciei alguns momentos informativos também, já. Mas contato com algum grupo, para apoiar, não. Somente divulgação de questões na televisão. Só isso [...]*.

Simone Moura enfatiza sobre a questão de gênero, principalmente a opressão, o machismo e a violência que algumas mulheres surdas estão expostas em uma

relação hétero. Apesar de ela tentar ajudar e dar apoio às colegas, salienta que existe muita falta de informação e que essas mulheres surdas acabam ficando “quietas” diante das microagressões e das violências acometidas pelos seus companheiros.

(00:29:00 - 00:29:59) *Muitas mulheres surdas não se impõem, elas precisam sentir-se empoderadas, não aceitar algumas coisas. [...]* (00:30:00 - 00:30:59) *Mas, infelizmente, isso acontece. Eu vejo e não me meto, respeito, mas tem opressão sim. Eu mesma já sentei e conversei sobre isso, precisei me empoderar, me impor algumas vezes. [...] Muitos homens pensam que as mulheres são fracas e tentam se utilizar disso para controlar e serem machistas. Precisamos nos apoiar e mostrar que eles não vão conseguir, nos sentir seguras quanto a isso, para podermos ser felizes. Muitas mulheres ficam quietas em relação ao comportamento dos maridos. Falta muita informação para as mulheres de Pelotas, muitas são minhas amigas e eu aconselho. Algumas são casadas, mas querem ter outros relacionamentos e ficam quietas. Eu digo para eles conversarem e serem felizes, resolverem, porque depois acontece algo e eles brigam até fisicamente. Talvez seja melhor separar e ela ter o seu relacionamento homoafetivo, cada um para o seu lado. Mas algumas têm vergonha de falar, escondem.* (00:31:00 - 00:31:59) *Eu já me assumi e sempre repito: sou bissexual! Eu mostro isso para quem quiser saber. Mas eu me preocupo com isso em relação ao meu grupo de amigas. [...]* (00:32:00 - 00:32:59) *Se os ouvintes estão presentes nesses movimentos, acredito que os surdos e os PCDs também podem participar, com a devida acessibilidade. Seria ótimo poder estar nessas posições. Mas não tem TILS (Tradutores Intérpretes de Libras) nesses eventos [...]*.

Jéssica Barbosa enfatiza que é muito difícil ele ver alguma pessoa com deficiência no Movimento LGBTI+ e no ativismo *queer*.

(01:15:00 - 01:15:59) *Alguns cadeirantes. Mas surdos? [...] Só mostram a comunidade LGBTQIA+ ouvinte, a dos surdos, eu não vejo.* (01:16:00 - 01:16:59) *Eu, falando a verdade, não percebi a participação de PCDs nessa área. Já vi alguns filmes e informativos sobre LGBTQIA+, mas nunca percebi a presença de PCDs nessa área. Te dizendo a verdade. [...]* (01:17:00 - 01:17:59) *Quando eu participei pela primeira vez da Parada LGBTQIA+ aqui de Pelotas, vi apenas pessoas normais. [...] Eu não prestava atenção a isso…* (01:18:00 - 01:18:59) *Eu assistia, mas esse tipo de pessoas, não tinha, não. [...] Eu fui essa primeira vez, mas depois não fui mais [...]*.

Guilherme Domingues, não conhece o que significa o termo *queer* e nunca participou de uma parada LGBTI+. Indaga que é contraditório ver a Comunidade Surda reclamar que, muitas vezes, ela não tem acessibilidade e comunicação em Libras nas inter-relações sociais, porém, ela usa-se das mesmas ferramentas opressoras para “controlar” corpos de pessoas surdas que divergem da heternormatividade imposta

pela sociedade majoritária ouvinte. Ele expressa não ter visto debates sobre sexualidade envolvendo pessoas com deficiência.

(01:27:00 - 01:27:59*) A comunidade surda quer controlar as roupas das pessoas, mulheres e homens devem vestir-se do jeito "certo", mas não aceitam que a proíbam de usar a Libras. Ela luta pela liberdade de usar a própria língua, a língua de sinais, de não sermos obrigados a oralizar, mas não dá liberdade para mulheres usarem a roupa que quiserem, que gostam. Querem estipular algumas coisas obrigatórias, mas não podem fazer proibições. Isso vem de uma sociedade ouvinte que não aceita. [...] machista, principalmente.* (01:29:00 - 01:29:59) *[...] Eles aprenderam assim, eles veem esse comportamento e copiam*. (01:31:00 - 01:31:59) *[...] Cadeirantes já vi. [...] Na televisão, mas também na internet, em lives, também (...)* (01:32:00 - 01:32:59) *(...) em alguns vídeos. Eu vejo cadeirantes. [...] Vários tipos, bem diverso, jeitos diferentes de pessoas, PCDs, vários.* (01:33:00 - 01:33:59) *[...] Nunca vi. [questões sobre a sexualidade envolvendo pessoas PCDs] [...] Os cadeirantes não sabem como fazer sexo. [...] Falta informações sobre sexo, não tem nada… [...] Só vejo entre pessoas normais, naturais. De cadeirante, por exemplo, não tem.* (01:34:00 - 01:34:59) *É estranho que não tenha nada sobre sexo destinado a pessoas cadeirantes, PCDs físicos. Tudo o que eu vejo é para pessoas normais [...]*.

A Comunidade Surda não só reivindica o direito de acessibilidade em Libras através de Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais, mas, também, o protagonismo. Querem ocupar esses espaços como personagens ativos e históricos desse processo, especialmente, no ativismo *queer* e dentro do Movimento LGBTI+, pois não existem muitos relatos e registros de pessoas com deficiência e visibilidade dentro do movimento. No entanto, sabemos do processo histórico a que todos esses corpos degenerados – pessoas homossexuais, deficientes, pervertidas e de todos os tipos de desvios – foram profundamente submetidas: a eugenia, a higienização e o isolamento social. Mas, o capacitismo proliferou-se fortemente em todos as áreas sociais, inclusive, nos espaços considerados mefíticos.

Nícolas Brahm, corrobora com a ideia de que a Comunidade Surda é extremamente manipulada pela heteronormatividade e que ela mesmo reproduz costumes e atitudes machistas e opressoras que contradiz a trajetória de lutas pelo respeito à diferença.

(01:11:00 - 01:11:59) *Acham que PCDs não fazem sexo.* (01:12:00 - 01:12:59) *Até hoje, existem pessoas que pensam que os surdos não têm capacidade para fazer sexo. Em 2023, ainda há algumas pessoas que pensam assim. [...]* (01:39:00 - 01:39:59) *[...] Falo da H-E-T-E-R-O-N-O-R-M-A-T-I-V-I-D-A-D-E social influenciando a*

comunidade surda. [...] Eu tenho participado da comunidade também como um observador para levar questões para trabalhar nos projetos da escola. Eu ia na [Associação]*, ainda quando era lá no centro, perto da Catedral. Eu sentava e ficava só observando: tinham os homens que faziam o churrasco e um outro grupo de mulheres que ficava na cozinha, era tudo muito separado. Eu percebo que aqui também é assim: tem o grupo de homens que fica na churrasqueira e o de mulheres que faz outra coisa, seja na cozinha ou onde for [...]*.

Hoje, a Teoria *Queer* vinculada ao pensamento crítico *Queer of Colour*, teóricas decoloniais, do trans-feminismo negro, da Teoria *Queer Crip*, entre outras, tem buscado horizontalizar e refletir por outras epistemes. Entretanto, as "escrevivências" das pessoas surdas que fazem parte desta Tese demonstram o quanto esse giro-decolonial ao Sul Global precisa transgredir as fronteiras do simples pensamento de acreditar, por exemplo, que a acessibilidade dada em Libras às pessoas surdas e colocá-las, ainda, em uma posição de coadjuvantes nesse processo seria suficientemente digno. Como ressalta Leandro COLLING (2015) sobre as questões de produções de ações pelo Movimento LGBTI+ em prol do respeito às diferenças através do campo da cultura ao investigar determinadas realizações provenientes de políticas culturais no intuito de rechaçar qualquer tipo de preconceito, tem se encontrado, no máximo, a "produção de alguns documentários, peças de teatro, corais e festivais de cinema LGBT" (COLLING, 2015, p. 240), e não, ações e pautas que efetivamente promovam políticas que produzam "novas formas de subjetivação" (idem). Talvez, o *queer*, salvo algumas exceções, tenha perdido seu valor subversivo e se distanciado de grupos bem mais oprimidos e minorizados.

Lauren Farias, acredita que a sociedade não está pronta para acolher, não somente as pessoas surdas, mas as pessoas com deficiência em geral.

(00:42:00 - 00:42:59) *É fato que a sociedade não está pronta para isto: acolher as PCDs, não só os surdos, todos. Eles querem evitar que a população de PCDs aumente. Pode ser que exista uma influência familiar, uma preocupação, muitas vezes, porque eles não têm as informações corretas, são regidas pelo senso comum. Ou ainda, a escola também não está preparada porque há uma relação íntima entre escola, sociedade e família. Eles não acreditam na capacidade da PCD, que esta pode ter filhos, sim…* (00:43:00 - 00:43:59) *Porque acreditam que por ter uma deficiência já não são capazes. [...] Porque não são capazes, não têm conhecimento, não estão preparados. Parece que, para a sociedade, os PCDs são anormais, é o que eu acho. [...] Até hoje, há muita discussão sobre isso. Eu entendo que é preciso mudar essa visão dentro da educação, parar de superproteger os PCDs.* (00:44:00 - 00:44:59) *Autistas, cegos e pessoas com síndrome de Down são privadas de muitas coisas. Precisamos mudar de perspectiva, mulheres cegas podem engravidar, pode*

acontecer de o filho nascer cego, ok. [...] Penso que todas as PCDs são capazes de ter seus filhos e sentir prazer assim como qualquer outra pessoa [...].

Lauren Farias, destaca a importância de a Comunidade Surda perceber outras marcas que a interseccionam.

(00:44:00 - 00:44:59) *[...] Até nas frases que falam quando digo que sou surda: "Ah, você não parece surda". Essas frases falam não só para surdos.* [sobre capacitismo] *[...]* (00:47:00 - 00:47:59) *Meus olhos já estão cansados, e não é por mal, de ver os surdos apenas pela perspectiva linguística. Sei que é a nossa língua… [...] Mas essa temática já tem programas de mestrado e doutorado. Outras pesquisas precisam desenvolver-se, nas áreas da saúde, LGBTQIA+, feminismo, educação, política na educação, enfim, outras áreas também.* (00:48:00 - 00:48:59) *Parece que não é o objetivo ampliar a visão dos pesquisadores. [...] Na comunidade surda, é importante o protagonismo surdo e pesquisar sobre a Libras seria valorizar a pessoa surda. Mas eu acho que poder-se-ia abrir as portas das pesquisas para a política, educação, inclusão, sexualidade, enfim… Porque eu, Lauren, não vou pesquisar sobre a Libras, infelizmente.* (00:49:00 - 00:49:59) *O meu foco vai ser a sexualidade, porque eu tenho conhecimento sobre isso. Eu fiz um curso virtual da FURG. Eu já aprendi muito, eu conheço as teorias. Quando eu fizer Mestrado e Doutorado, minha pesquisa vai ser nesta área da sexualidade aliada ao feminismo. Precisamos apresentar isso para a comunidade surda. Além da linguística seria bom discutir outros assuntos [...]*.

Lauren Farias, fala de sua angústia ao perceber a trajetória da Comunidade Surda em relação as lutas travadas em favor às diferenças, mas que na prática isso não acontece assim:

(00:51:00 - 00:51:59) *[...] A comunidade surda luta por tudo isso, sim, mas, para mim, é só um discurso bonito sobre inclusão. A prática é diferente. [sobre discriminação e microagressões que ocorrem na Comunidade Surda] [...] Não posso mentir, é bonito lutar por tudo isso.* (00:52:00 - 00:52:59) *Na teoria. Não na prática. Às vezes eu tenho vontade de questionar sobre isso, dizer que em um dia tem surdos defendendo tudo isso, mas no outro está rindo, apontando, provocando. "Você falou isso, mas você não está fazendo". [...] São privilégios sociais que influenciam a comunidade surda, existe isso.* (00:53:00 - 00:53:59*) A comunidade surda mostra para a sociedade as suas lutas, mas na prática, não luta pelo respeito à diferença. [...] Sim há uma influência social, pode ter familiar também. Não é por maldade, mas pode acontecer. [...] Até hoje eu não entendo. [...]* (00:56:00 - 00:56:59) *Acho que discutir, conversar é importante, mas precisa também pensar antes de falar que na comunidade surda não acontecem essas coisas. Passar por um autoconhecimento da sua prática é essencial, ter esse momento pessoal, particular. Falar é bonito para*

mostrar para os outros. As pessoas pensam que a comunidade é bonita porque o que mostram é isso, mas, na verdade, não é assim. Eles precisam saber o que significa respeitar, isso não é brincadeira [...].

Lauren Farias, reforça que a Comunidade Surda é levada a acreditar que, ao beber da mesma fonte ouvintista, irão angariar algum tipo de privilégio ou uma certa equidade. Apenas, ilusão!

(00:57:00 - 00:57:59) *Homofobia. [...] Eu queria, na verdade todas as pessoas querem, mas principalmente quem está no movimento LGBTQIA+, é ser reconhecida, que me respeitassem. Infelizmente não acontece isso, nos afastam em alguns momentos.* (00:58:00 - 00:58:59) *É. A sociedade é capacitista, é hegemônica e muito machista. Por mais que tenha tido certa evolução, as coisas não mudaram muito. [...] Para mim é uma forma de ter o privilégio ouvinte que eles, surdos héteros, não têm. Se existe algum privilégio que pode ser alcançado, mesmo não sendo ouvintes, eles imitam o comportamento. Mas sabemos que os surdos não são pessoas privilegiadas socialmente. Essa pode ser uma forma de tentar alcançar privilégio ouvinte. Mas, na verdade, é necessário aceitar que somos uma minoria e não temos privilégios.* (00:59:00 - 00:59:59) *É fácil aceitar a identidade surda, mas colocar na prática o respeito às diferenças não é fácil. [...]* (01:32:00 - 01:32:59) *Não há nenhuma referência.* [sobre publicações da Comunidade Surda LGBTQIA+] (01:33:00 - 01:33:59) *O respeito, a empatia, o empoderamento, a militância. [...] Eu consegui receber informações no mundo ouvinte. Eu sempre fui uma pessoa muito aberta para interagir com o mundo ouvinte e com o mundo surdo. [...] Eu tentava explicar as coisas que eu tinha me informado por que eu sabia que eles não saberiam sobre isso. Tinham professores surdos que não sabiam explicar, com mestrado e tudo mais, e não sabiam explicar. Mas sempre que eu começava a falar sobre LGBTQIA+ eles mudaram o assunto, falavam sobre linguística, sobre educação. Falar de sexo e sexualidade é feio? Usar a palavra SEXO parece um tabu e não é! [...]*.

Não adianta um anticapacitismo com asco. Ou, um Movimento LGBTI+ e um ativismo *queer* deteriorados pelo vício compulsivo da heteronormatividade branca. Como ressalta Vidarte (2019) precisamos dar um

> "'clique', uma faísca que interrompesse uma sequência de merda, uma queda de tensão no movimento LGBTQ que deve terminar o quanto antes. E que incendiasse uma outra forma de fazer as coisas e da gente se comportar como bixas, lésbicas e trans frente à sociedade e às próprias tendências involuncionistas que se instalaram entre nós (VIDARTE, 2019, p. 9).

Esses espaços precisam se permitir, se contrariar e se apropriar que sexo é um direito de todas as pessoas, não somente de corpos convencionais. Talvez, para compreender isso, o ativismo *queer* precise pensar em se amalgamar, ainda mais, nas diferenças.

> La heterosexualidad obrigatoria está articulada con la capacidad corporal obligatoria; ambos sistemas trabajan para (re)producir el cuerpo capacitado y la heterosexualidad. Pero precisamente porque estos sistemas dependen de una existência queer/discapacitada que nunca puede ser contenida del todo, la hegemonía de la heterosexulidad capacitista siempre está en un riesgo de colapso (McRUER, 2021, p. 54).

Diante disso, uma das tentativas ao rompimento dessa hegemonia, vem do Projeto que tem percorrido diversos países pelo mundo: *Yes, we fuck!*[117]. Que se originou do documentário espanhol de mesmo nome, dirigido por Antonio Centeno e Raúl de la Morena em 2015, no qual foca a temática da sexualidade de pessoas com deficiência. Apesar de não envolver pessoas surdas no documentário, é possível ter uma aproximação e um estreitamento com o debate sobre sexualidade de corpos divergentes. Esse tipo de projeto, pode contribuir para quebrar concepções sobre a sexualidade humana tão enrijecida pelo cistema-heterossexista e romper com a ideia capacitista de corpos dependentes, infantilizados e assexuados, na qual "A sexopolítica é uma das formas dominantes da ação biopolítica no capitalismo [e no capacitismo][118] contemporâneo" (PRECIADO, 2019, p. 421). Pelo contrário, são corpos ativos, desejantes e desejáveis. Corpos possíveis de provocar e criar outros imaginários políticos, redefinir o conceito de masculinidade, de democracia, de reapropriação do direito ao gozo, de restabelecer, profundamente, a perda da compostura *queer*.

Neste cenário, não deveria existir mais a figura da pessoa com deficiência como alguém impedido de conhecer o corpo, de sentir prazer, explorar sua libido e, principalmente, no caso da Comunidade Surda LGBTI+, de apropriar-se de

---

[117] *Yes, we fuck!* É uma parodia do famoso *slogan* da campanha presidencial de Barack Obama/EUA de 2008: *Yes, we can*. O projeto-documentário de origem espanhola, foi dirigido por Antonio Centeno e Raúl de la Morena em 2015. Um dos objetos do documentário era explorar a sexualidade de pessoas com deficiência, através do relato de seis histórias, as quais abordam diferentes temas como: a sexualidade; a vida entre casais, a assistência sexual, entre outros assuntos. Desmistificando que corpos de pessoas com deficiência não somente são corpos que possuem sua libido, mas que também são corpos desejáveis. Disponível em: https://videos.domainepublic.net/w/o599jJ2cTB4Vj4EcZby6y7?start=1m4s. Acesso em: 18 abr 2022.

[118] Provocação minha.

informações e de espaços para desfrutar plenamente de suas sexualidades e desenvolver suas inter-relações e exercer sua militância. Sendo assim, as reflexões e as variadas provocações que foram realizadas no decorrer das análises – nesta escrita compartilhada e horizontal – são cúmplices, sinais que demonstram que a opressão, ou melhor, colonialidade/modernidade são práticas e teorias que carecem, constantemente, não somente de serem tensionadas, mas enfrentadas.

Considerações interseccionadas: vidas surdas importam, para além da Língua de Sinais

O cistema-heterossexista/capacitista não tem dificuldade de transitar por universos de modalidades sociais diferentes, talvez, o máximo que ele consiga é empreender procedimentos inclusivos – que não deixam de ter seus méritos. Porém, para concretizar outras possibilidades de experiências, esse sistema desprenderia o esforço de exercitar a descolonização teórica e prática enrijecida pela estrutura "colonial/modernidade" (SEGATO, 2021), que além de ser constituída pela colonialidade do ser, saber e poder, também é capacitista.

Uma destas ações em que a pesquisa corrobora é na área dos Estudos Surdos, a qual explicita a demanda por uma multiplicidade, por uma ampliação da abertura do leque teórico, principalmente, pela perspectiva identitária interseccional que constitui corpos diversos e divergentes, ou melhor, que vidas surdas importam, para além da Língua de Sinais, pois assumir-se uma pessoa LGBTI+, tanto nas dimensões de experiências ouvintes quanto de pessoas surdas, esbarra, em ambas as partes, coexistirem em armadilhas e em zonas em que o capitalismo colonial/moderno/capacitista enclausurou, mas que, no entanto, essas discussões podem não ter sido suficientes na trajetória dos debates sobre a Educação de Surdos, os quais ficaram muito atrelados ao estudo da Língua de Sinais e da discussão sobre o lugar das línguas nos processos educativos.

A pesquisa que aqui se apresentou, demonstra o quanto são reais e hediondos os discursos e as representações sobre as pessoas LGBTI+ que circundam nas cosmovisões nas experiências de ouvintes, bem como o universo das pessoas surdas, sem distinção: a LGBTIfobia, o ódio, a violência, a morte, a solidão, a indiferença, a inferioridade/negação, o racismo, entre outros. Todavia, alguns desses sentimentos acabam tendo maior intensidade na Comunidade Surda LGBTI+, em razão da perspectiva dada à surdez pelo campo orgânico/clínico – pela falta de audição. O sobrepeso e a responsabilidade de uma segunda decepção na família são bem maiores: a pessoa é surda e LGBTI+. Acrescido ao distanciamento e à dupla "culpabilidade" que sobrecarrega na pessoa surda LGBTI+ – especialmente em

famílias ouvintes – pois ela, além de gerar um impasse na comunicação devido à falta de audição e a consequente interdição de uma língua compartilhada, demanda para alguns familiares – em que, na maioria das vezes, a responsabilidade de estabelecer a comunicação entre a família, recaiu sobre as “mulheres-mães” e “mulheres-irmãs” – o esforço em aprender outra língua. Isso desacomoda a estrutura hegemônica familiar, tanto organizacional quanto psíquica. Diante disso, a escassez de informação gerada devido aos entraves entre duas línguas de modalidades diferentes – oral e gestual-visual – negligencia, de certa forma, às pessoas surdas LGBTI+, a apropriação de conhecimento universal sobre a temática e, inclusive, ao desenvolvimento de experiências visuais próprias da sua sexualidade. Além disso, se intensifica o estreitamento da acessibilidade a órgãos públicos básicos como: escolas, atendimentos específicos destinados à saúde de pessoas LGBTI+, entre outros, em virtude de não existirem profissionais com fluência na Libras ou pela falta de acesso aos TILS.

Outro ponto crucial na trajetória das “experiências-com” com a Comunidade Surda, especificamente, nos relatados através das conversas com as pessoas surdas LGBTI+ coautoras da Tese, está na relevância que a instituição escola tem nas suas vidas – considerada a segunda “casa” para muitas pessoas surdas da Comunidade, pois é o local onde elas têm acesso a sua língua e ao convívio com outras pessoas com quem compartilham de experiências e reconhecimento. A pesquisa reforça o papel da Escola de Surdos na aquisição e compartilhamento da Língua de Sinais, mas explicita que precisa avançar para calcar degraus pedagógicos e curriculares que atendam a demanda de múltiplas marcas identitárias interseccionadas que constituem o corpo escolar. Para isso fortalecem, em seus relatos, a necessidade de a escola ofertar e discutir conteúdos que não se restrinjam apenas às grades curriculares comuns (Língua Portuguesa, História, Matemática, Geografia etc.), mas que se desafiem a adentrar a outras propostas que movimentem a rigidez da base curricular e propiciem produções de conhecimentos que atendam e garantam as reivindicações de representações e sobreposições pluriversais na diferença, afora a marca identitária de ser surdo(a) e a Libras. Nas conversas, algumas pessoas surdas LGBTI+ reforçam a necessidade de a escola de surdos investir no acesso a informações sobre sexualidade, cuidado de si, sobre ISTs, uso de preservativos etc. Todas as pessoas surdas LGBTI+ que fazem parte desta Tese são unânimes em afirmar a necessidade

de não somente a escola contemplar a Educação Sexual como disciplina na grade curricular escolar, mas investir em ações pedagógicas afirmativas que discutam, juntamente com os(as) discentes da escola, temáticas que combatam todo tipo de discriminação. A realização do *1º Seminário: Sou Surdx, sou LGBTI+ e agora?* e a criação do *Laboratório de Estudos Surdos em Matemática – LESMA*, demonstram que ações pedagógicas como essas fazem a diferença tanto na vida escolar quanto na formação de pessoas que não têm tanto acesso à informação e ao conhecimento na sua língua materna.

Contudo, a escola é um lugar que guarda muitos testemunhos de subversão, entre eles, o banheiro, um antigo local conhecido na história da Educação de Surdos, pois era praticamente o único lugar de socialização que as pessoas surdas utilizavam para sinalizar e subverter o colonialismo ouvintista, em vista da proibição da utilização da Língua de Sinais nas salas de aula, nos corredores etc. Surge, agora, o banheiro da escola como gueto de contravenção da sexualidade, do corpo com deficiência que deseja, que transgride a norma heteronormativa e que toma novamente para si as atribuições para dar conta sobre questões de ordem do domínio privado/família e do domínio público/o mundo (MORAES, 2021). O banheiro se materializa quase como um "personagem" na vida das pessoas LGBTI+, local registrado por diversas literaturas que abordam a temática e a vida das pessoas consideradas "entendidas[119]" na gíria LGBTI+, da época. Para as pessoas surdas – cishétero e LGBTI+ –, o banheiro, era o único local que restava para as experiências e desejos sexuais em função da constante vigilância para com os(as) filhos(as) por parte das "mulheres-mães". O banheiro torna-se um local de referência para fazer coisas "feias"! Desde então, a escola passa a ter que dar conta da *discapacidad* e da perversão.

Através das "escrevivências" das pessoas surdas coautoras da Tese, fica evidente para a comunidade – a qual tem uma luta histórica em prol de garantir o respeito e os direitos as suas diferenças – perceber os vícios e as contrariedades das armadilhas do cistema-heterossexista/capacitista que os capturou, a ponto de não perceberem que reproduzem os mesmos atos discriminatórios, os quais, por muito tempo assolaram a própria comunidade: abandono, isolamento, agressões, desprezo, humilhação, racismo, diversos tipos de preconceitos estéticos e de fobias (gordofobia, LGBTIfobia etc.); junto a isso, inclusive, submetidos(as) a diagnósticos e tratamentos

[119] Gíria muito utilizada no universo LGBTI+ para identificar gays e lésbicas.

clínicos: físicos e psicológicos, entre outros. O coletivo das pessoas surdas LGBTI+ demonstra, durante todo o transcorrer das conversas, a necessidade de outras posturas, ou melhor, outros empoderamentos – individuais e coletivos – e reivindicações que assegurem a representação de múltiplas categorias identitárias que interseccionam e constituem a Comunidade Surda, como: raça, classe, gênero e orientação sexual, entre outras.

O trânsito do corpo surdo LGBTI+, além das dificuldades de comunicação e informação, principalmente, no âmbito familiar e escolar, enfrenta dificuldades de interação entre seus pares. Segundo os relatos evidenciados nas conversas, além das discriminações e microagressões sofridas no ambiente escolar – *bullying* –, a associação acaba sendo outro lugar em que as pessoas surdas LGBTI+ não são bem acolhidas. Das oito pessoas surdas, as quais narraram suas trajetórias e "experiências-com" na Comunidade Surda, apenas um homem-trans surdo participa efetivamente da associação ou, de certo modo, é uma busca pela sobrevida em prol do protagonismo surdo LGBTI+, pela militância e pela RExistência. As consequências desse impedimento encontram-se no mesmo patamar cisheterossexista/capacitista das experiências do universo de pessoas ouvintes evidenciadas durante as conversas, as quais contrariariam a luta incisiva e histórica da Comunidade Surda pelo respeito às diferenças. A relação opressor e oprimido, ou melhor, o colonial/moderno no interior de uma comunidade já subalterna, torna-se uma questão cara e que desprenderá, futuramente, por mais discussões e empoderamentos pelo próprio povo surdo através de ações e atitudes de origem transfeministas, anti-patriarcais, antirracistas e anticapacitistas e pelas contribuições dos Estudos Surdos a partir do alargamento necessário de suas discussões. Porém, talvez, não pare por aí, pois a falta de visibilidade, de representatividade, de acessibilidade e também o capacitismo compulsório emperram tantas outras teorias, inclusive, decoloniais – de perspectiva ao Sul – que propõem romper fronteiras e abismos coloniais, mas que ainda desassociam a interseccionalidade de "experiências-na-luta" (SANTOS, 2019), de desprender-se e desacomodar-se do conveniente sectarismo capitalista cisheterossexista que a cercam.

Sendo assim, considero que as análises e discussões realizadas, em parceria com o coletivo de pessoas surdas LGBTI+, possam contribuir, significativamente, para a expansão teórica, não apenas, na área dos Estudos Surdos, mas nas discussões

que pautam possibilidades de epistemes outras, decoloniais, na busca de um Bem Viver (ACOSTA, 2016) inclusivo, na qual todes sejam protagonistas. Por isso, a relevância desta pesquisa para a Comunidade Surda, principalmente para as pessoas surdas LGBTI+, pois em decorrência da comunidade abarcar questões de experiências a partir da escola de surdos, do bilinguismo, da Língua de Sinais – aliás, muito pertinentes – fez com que ocorresse um certo apagamento das outras marcas identitárias que a interseccionam e que poderiam, muito bem, somar-se concomitantemente às lutas pela quais a Comunidade Surda tanto almeja e que tem conquistado espaço: o respeito às diferenças. Dessa forma, eis o desafio de abraçar o ato de exercitar na práxis e na teoria, ações que oportunizem nos descolonizar e reconhecermos outros tantos “conhecimentos-na-luta” importantes e potentes para desacomodar os possíveis enrijecimentos epistemológicos na guinada ao *Sur*.

Referências

ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária: Elefante, 2016.

AIRES, Rubia D. I. **A constituição da educação bilíngue em uma prática na bidocência e o desenvolvimento profissional docente**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALMEIDA, Sílvio L. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

AMORIM, Antonio C. R. Invisível e não enunciável: cinema brasileiro e amnésia de identidades. **Revista Educação & Sociedade**. Campinas. v. 27, n. 97, p. 1367-1372. Disponível em: https://www.cedes.unicamp.br/publicacoes/edicao/117. Acesso em: 03 de jan. 2021.

ANZALDÚA. Gloria. **Borderlands/La Frontera**: la nueva mestiza. Tradução: Carmen Valle. Madrid: Capitán Swing Libros, S.L., 2016. Disponível em: https://static1.squarespace.com/static/58ed4773d482e9c96b524401/t/5d39ec797ac21a00014b9458/1564077196480/Anzaldu%CC%81a%2C+G.+-+Borderlands%2C+la+frontera.+La+nueva+mestiza%281%29.pdf. Acesso em: 27 de jan. 2021.

BALAGUER, Asun P. **Por una corporeidad postmoderna**: nuevos tránsitos sociales y educativos para la interdependencia. Barcelona: UOC, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BENTO, Berenice. É o *queer* tem pra hoje? Conversando sobre as potencialidade e apropriações da Teoria Queer ao Sul do Equador. Entrevista. **Áskesis**. v. 4, n. 1, janeiro/junho – 2015, p. 143 - 155. Disponível em: https://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/61. Acesso em: 25 de jan. 2021.

BISOL, Cláudia. **Tibi e Joca – uma história de dois mundos**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BOTELHO, Jota. **A história da canção Duerme Negrito**. GGN. 18/06/2015. Disponível em: https://jornalggn.com.br/cultura/a-historia-da-cancao-duerme-negrito/. Acesso em: 20 set. 2021.

BOURCIER, Marie-Hélène/Sam. Entrevista realizada por Pedro Paulo Gomes Pereira. **Revista CULT**. n. 225, 2015, p. 11-15.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. **STF enquadra homofobia e transfobia como crimes de racismo ao reconhecer omissão legislativa**. 13/06/2019. Disponível em: https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=414010. Acesso em: 11 abr. 2023.

BRITO, Fábio B. **Movimento Social Surdo e luta pelo reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais**. Curitiba: CRV, 2021.

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira L. (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

BULO, Valentina. **Piel Inmunda**: la construcción racial de los cuerpos. Matatis Mutandis: Revista Internacional de Filosofia, n. 05, p. 7-14. 2015. Disponível em: https://revistamutatismutandis.com/index.php/mutatismutandis/article/view/133. Acesso em: 23 nov. 2022.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**. São Paulo: n-1: Crocodilo, 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CAETANO, Marcio. **Performatividades reguladas**: heteronormatividade, narrativas biográficas e educação. Curitiba: Appris, 2016.

CAETANO, Marcio; NASCIMENTO, Claudio; RODRIGUES, Alexsandro. Do caos re-emerge a força: AIDS e mobilização LGBT. In: GREEN, James N; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa. (orgs.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018.

CAMINHA, Pero Vaz. **Carta a El Rei D. Manuel**. Dominus: São Paulo, 1963. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/literatura/obras_completas_literatura_brasileira_e_portuguesa/PERO_VAZ_CAMINHA/CARTA/CARTA.PDF. Acesso em: 16 de jul. 2020.

CANCLINI, Néstor G. **Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

COHEN, Jeffrey J. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, Tomaz T. **Pedagogia dos monstros** – os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

COLLING, Leandro. **Que os outros sejam o normal**: tensões entre movimento LGBT e ativismo queer. Salvador: EDUFBA, 2015.

COLLINS, Patrícia H. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Estudos Feministas, ano 10, 1º semestre 2002, p. 171-188. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 03 jan. 2023.

DAVIS, Lennard J. Constructing Normalcy: The Bell Curve, the Novel, and the Invention of the Disabled Body in the Nineteenth Century. In: DAVIS, Lennard J. **The disability studies reader**. 2nd ed. New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2006. Disponível em: http://orbankat.web.elte.hu/repr_pol/davis_normalcy.pdf. Acesso em: 18 de jun. 2020.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

DOEL, Marcus. Corpos sem órgãos: esquizoanálise e descontrução. In: SILVA, Tomaz T. (org.). **Nunca fomos humanos** – nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DOMÍNGUEZ-RUVALCABA, Héctor. **Latinoamérica Queer**: cuerpo y política queer en América Latina. Ciudad de México: Ariel, 2019.

DRAKE, Nadia. **O que é o multiverso – e há alguma evidência de sua existência?** Online. 6 de mai. 2022. Disponível em: https://www.nationalgeographicbrasil.com/ciencia/2022/05/o-que-e-o-multiverso-e-ha-alguma-evidencia-de-sua-existencia. Acesso em: 14 mar. 2023.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: companhia de Freud, 2008.

ESTADO DE MINAS. Negros no Uruguai, marginalizados no país da inclusão. 2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/12/07/interna_internacional,1218068/negros-no-uruguai-marginalizados-no-pais-da-inclusao.shtml . Acesso em: 15 jan. 2021.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: UFJF, 2015.

FELBERG, Edgard. **O sexo nu**: bareback e outras reflexões. Curitiba: Appris, 2015.

FORMAGIO, Carolina Lima Silva; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa. Práticas pedagógicas do ensino de português como segunda língua para alunos surdos no ensino fundamental. In: LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos; MARTINS, Vanessa Regina de Oliveira. (Orgs.) **Escola e diferença – caminhos para a educação bilíngue de surdos**. São Carlos: EDUFSCAR, 2016.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I**: A vontade de saber. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 67. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FURLANI, Jimena. Educação sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, Guacira L; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana V. (orgs). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GAGO, Verónica. **A potência feminista, ou o desejo de transformar tudo**. São Paulo: Elefante, 2020.

GAVÉRIO, Marco A. "**Que corpo deficiente é esse?**": notas sobre corpo e deficiência nos Disability Studies. Trabalho apresentado para a obtenção da Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos/SP, 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/20702320/_Que_Corpo_Deficiente_%C3%A9_Esse_Notas_Sobre_Corpo_e_Defici%C3%AAncia_nos_Disability_Studies. Acesso em: 17 de mar. 2020.

GAVÉRIO, Marco A. Medo de um planeta aleijado? – Notas para possíveis aleijamentos da sexualidade. **Áskesis**. v. 4, n. 1, janeiro/junho, 2015, p. 103-117. Disponível em: https://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/issue/view/%C3%81skesis. Acesso em: 05 de out. 2019.

GAVÉRIO, Marco A. Nada sobre nós, sem nossos corpos! O local do corpo deficiente nos Disability Studies. **Revista Argumentos**. Montes Claros. v. 14, n. 1, p. 95-117, Jan/jun, 2017. Disponível em: https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/argumentos/article/view/1158. Acesso em: 10 de ago. 2019.

GESSER, Marivete; ZIRBEL, Ilze; LUIZ, Karla G. **Cuidado na dependência complexa de pessoas com deficiência**: uma questão de justiça social. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 30, n. 2, e86995, 2022. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/ref/a/qH3pqSSmfdYZyYzmcBw58hv/?lang=pt. Acesso em: 05 de mar de 2023.

GIL, Antonio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

GIL, José. **Metamorfoses do corpo**. Relógio D' Água: Lisboa, 1997.

GREEN, James N. **Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: UNESP, 2000.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 11. ed. Campinas, SP: Papirus, 1990.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HARAWAY, Donna J. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz. **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HIJA DE PERRA. Interpretaciones inmundas de cómo la Teoría *queer* coloniza nuestro contexto sudaca, pobre, aspiracional y tercermundista, perturbando con nuevas construcciones genéricas a los humanos encantados con la heteronorma. **Revista Punto Género**. n. 4, p. 9-16. diciembre de 2015. Universidad de Chile. Disponível em: https://revistapuntogenero.uchile.cl/index.php/RPG/article/view/36405. Acesso em: 12 de abr. 2021.

HOCQUENGHEM, Guy. **O desejo homossexual**. Rio de Janeiro: A Bolha, 2020.

JOKINEN, Markku. Alguns pontos de vista sobre a educação dos surdos nos países nórdicos. In: SKLIAR, Carlos. (org.). **Atualidade da educação bilíngue para surdos**. v. 1. Porto Alegre: Mediação, 1999.

KARNOPP Lodenir. **Literatura Surda**. Centro de Comunicação e Expressão. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifica/literaturaVisual/assets/369/Literatura_Surda_Texto-Base.pdf. Acesso em: 16 de mar. 2021.

KARNOPP, Lodenir B. Aspectos éticos em pesquisas envolvendo surdos: protagonismo ou vulnerabilidade? In: SANTOS, Luís H. S.; KARNOPP, Lodenir B. (orgs.). **Ética e pesquisa em Educação**: questões e proposições às Ciências Humanas e Sociais. Porto Alegre: UFRGS, 2017.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação** – Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KLEIN, Madalena. Os discursos sobre surdez, trabalho e educação e a formação do surdo trabalhador. In: SKLIAR, Carlos. (org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LACERDA, Patrícia M. **O olho invisível que nos vê**: a narração da sociedade a partir da experiência da deficiência. In: 1º SBECE – Anais do 1º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação. Canoas: Ulbra, 2004. CDRoom.

LARROSA, Jorge. A arte da conversa. Epílogo. In: SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença**: e se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LAURETIS, Teresa. Teoria queer, 20 anos depois: identidade, sexualidade e política. In: HOLLANDA, Heloisa B. (org). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

LEBEDEFF, Tatiana B; ROSA, Fabiano S. Quando eu era criança sinalizava assim: memórias e registros de um sistema de sinais caseiros convencionado na infância de um casal de irmãos surdos. In: COELHO, Orquídea; KLEIN, Madalena. (orgs.). **Cartografias da surdez. Comunidades, Línguas, Práticas e Pedagogia**. Porto: Livpsic, 2013.

LEOPOLDO, Rafael. **Cartografia do pensamento *queer***. 1. ed. Salvador – BA: Devires, 2020.

LOBO, Lilia Ferreira. **Os infames da história**: pobres, escravos e deficientes no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

LOPES, Maura C. O direito de aprender na escola de surdos. In: THOMA, Adriana S; LOPES, Maura C. **A Invenção da surdez II**: espaços e tempos de aprendizagem na educação de surdos. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

LOPES, Maura C. Relações de poderes no espaço multicultural da escola para surdos. In: SKLIAR, Carlos. (org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LORDE, Audre. Não existe hierarquia de opressão. In: HOLLANDA, Heloisa B. (org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira L. **Um corpo estranho** – ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLANDA, Heloisa B. (org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LUNARDI, Márcia L. Família e Escola: uma dobradiça no processo de normalização da criança surda. In: THOMA, Adriana S; LOPES, Maura C. **A Invenção da surdez II**: espaços e tempos de aprendizagem na educação de surdos. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

MALDONADO-TORRES, Nelson. "Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto". In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago & GROSFOGUEL, Ramon. (coords.) **El giro decolonial: reflexiones para uma diversidad epistêmica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. Disponível em: http://www.ceapedi.com.ar/imagenes/biblioteca/libreria/147.pdf. Acesso em: 25 de jan. 2021.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramón. (orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MARIAH, Morena. **A passabilidade e a política de embranqucimento**. Quintas pretas. 2021. Disponível em: https://www.intrinseca.com.br/blog/2021/06/a-passabilidade-e-a-politica-de-embranquecimento/. Acesso em: 08 maio 2023.

MARQUES, Carlos A. A construção do anormal: uma estratégia de poder. In: **ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**, 24, 2001. Caxambu. Anais Eletrônicos. Caxambu: ANPED, 2001. Disponível em: http://www.profala.com/artpsico32.htm. Acesso em: 04 de set. 2020.

MARTINS, Francielle C.; KLEIN, Madalena. Ouvintismo/Audismo: emergência e efeitos na história dos surdos. In: COELHO, Orquídea; KLEIN, Madalena. (orgs.). **Cartografias da Surdez. Comunidades, Línguas, Práticas e Pedagogia**. Porto: Livpsic, 2013.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1, 2018.

McRUER, Robert. **Crip Theory**: cultural signs of queerness and disability. New York and London: New York University Press, 2006.

MCRUER, Robert. **Teoría Crip**: signos culturales de la queer y de la discapacidad. Madrid: Kaótica Libros, 2021.

MELLO, Anahi G. **Por uma abordagem antropológica da deficiência**: pessoa, corpo e subjetividade. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Ciências Sociais). Curso de Ciências Sociais. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/126443. Acesso em 10 de jan. 2021.

MELLO, Anahi G; NUEMBERG, Adriano H. Gênero e deficiência: interseções e perspectivas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 20(3): 384, setembro-dezembro/2012. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/issue/view/1948. Acesso em: 20 set. 2021.

MESQUITA, Giuliana. **Gordofobia ou pressão estética?** UOL. TPM. 26/12/2019. Disponível em: https://revistatrip.uol.com.br/tpm/gordofobia-pressao-estetica-body-

shaming-entenda-a-diferenca-e-o-peso-deles-na-vida-das-mulheres. Acesso em: 20 abr. 2023.

MESSEDER, Suely. A. A pesquisadora encarnada: uma trajetória decolonial na construção do saber científico blasfêmico. In: HOLLANDA, Heloisa B. (org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Caderno de Letras da UFF** – Dossiê: literatura, língua e identidade. n. 34, p. 287-324, 2008. Disponível em: http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf. Acesso em: 15 de fev. 2021.

MIGNOLO, Walter; WALSH, Catherine; LINEA, Álvaro G. **Interculturalidad, descolonización del estado y del conocimiento**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014.

MIÑOSO, Yuderkys E. El futuro ya fue. Una crítica a la idea del progreso en las narrativas de liberación sexo-genéricas y queer indentitarias en Abya Yala. Desde el Margen. **Políticas migratorias y fronteras múltiples**: análisis, críticas y luchas. [2017?]. Disponível em: http://desde-elmargen.net/el-futuro-ya-fue-una-critica-a-la-idea-del-progreso-en-las-narrativas-de-liberacion-sexo-genericas-y-queer-identitarias-en-abya-yala/. Acesso em: 01 de fev. 2021.

MISKOLCI, Richard. Frankenstein e o espectro do desejo. In: HOLLANDA, Heloisa B. (org.). **Pensamento feminista hoje**: sexualidades no sul global. Perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2016.

MITCHELL, David T.; SNYDER, Sharon L. Introduction – Disability Studies and the Double Bind of Representation. In: MITCHELL, David T.; SNYDER, Sharon L. (Eds.). **The body and physical difference**. University of Michigan Press, 1997, p. 1-31.

MOGROVEJO, Norma. O queer, as mulheres e as Lésbicas na academia e no ativismo em Abya Yala. In: HOLLANDA, Heloisa B. (org.). **Pensamento feminista hoje**: sexualidades no sul global. Perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MORAES, Violeta P. **Possibilidades da Escola de Surdos**: a defesa da escola como encontro com o mundo. 2021. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

MOREIRA, Sandra Z. A mulher surda e suas relações de gênero e sexualidade. In: SKLIAR, Carlos. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 1998.

MOTTEZ, Bernard. **¿Existen los Sordos?** 1. ed. Ciudad Autónoma de Bueno Aires: Estudios Sociológicos, 2019.

NOGUEIRA, Leonardo. As determinações patriarcais-heterossexistas da sociedade capitalista. In: NOGUEIRA, Leonardo; HILÁRIO, Erivan; PAZ, Thaís T; MARRO, Kátia (orgs). **Hasteemos a bandeira colorida**: diversidade sexual e de gênero no Brasil. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

O HOMEM ELEFANTE. Direção: David Lynch. Produção: Jonathan Sanger. Roteiro: Christopher De Vore; Eric Bergren; David Lynch. EUA: Brooksfilms, 1980. (124min).

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. “Gracias, negrito”: após Uruguai rechaçar punição por racismo a Cavani, o que pensam os negros do país. **Conscientização**. 11/01/2021. Disponível em: https://observatorioracialfutebol.com.br/gracias-negrito-apos-uruguai-rechacar-punicao-por-racismo-a-cavani-o-que-pensam-os-negros-do-pais/. Acesso em: 18 abr. 2022.

OLIVEIRA, Rosana M; DINIZ, Debora. Materiais Didáticos Escolares e Injustiça Epistêmica: sobre o marco heteronormativo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 39, n. 1, p. 241-256, jan./mar. 2014. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/29665. Acesso em: 10 abr. 2023.

OLIVEIRA. Megg R. G. **O diabo em forma de gente**: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. Salvador/BA: Devires, 2020.

ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto**: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. In: HOLLANDA, Heloisa B. (org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

PADDEN, Carol**. Sharing a Culture**. WFD News, p. 5-8, mar., 1993.

PELÚCIO, Larissa. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil? **Revista Periódicus**. v. 1, n. 1, 2014. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/10150. Acesso em: 25 de jan. 2021.

PELUSO, Leonardo. Diversidad, discapacidad, minoridad y disidencia: entre la ideología de la normalidad y las luchas por el reconocimiento. In: JANOARIO, Ricardo; PELUSO, Leonardo. (orgs). **Diferencia y reconocimiento. Apuntes para deconstruir la idelogía de la normalidade**. Área de Estudios Sordos. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Universidad de la República. Montevideo, Uruguay, 2020.

PELUSO, Leonardo. SERIE IDENTIDADES: consideraciones conceptuales y metodológicas. In: PELUSO, Leonardo. (org.). **TUILSU-imagen. PRODUCCIONES 2014**: consideraciones teóricas, metodológicas, políticas y estéticas. Montevideo: TUILSU, 2014. Disponível em: http://www.tuilsu.edu.uy/biblioteca/espanol/librillo2014.pdf. Acesso em: 23 abr. 2023.

PERLIN, Gládis T. T. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

PERLIN, Gládis; MIRANDA, Wilson. **Surdos**: o narrar e a política. Revista Ponto de Vista, Florianópolis, n. 05. p. 217-226. 2003. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1282. Acesso em: 10 maio 2023.

PRECIADO, Beatriz. **Basura y género**. Mear/Cagar. Masculino/Femenino. 2013. Disponível em: http://paroledequeer.blogspot.com/2013/09/beatrizpreciado.html. Acesso em: 20 de ago. 2020.

PRECIADO, Paul B. Multidões *queer*: notas para uma política dos “anormais”. In: HOLLANDA, Heloisa B. (org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

QUADROS, Ronice M.; KARNOPP, Lodenir B. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice M. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUINN, Marc. **Alison Lapper Pregnant**. Disponível em: http://marcquinn.com/artworks/alison-lapper. Acesso em: 20 de fev. 2021.

REA, Catarina A.; AMANCIO, Izzie M. S. Decolonizar a sexualidade: Teoria *Queer of Colour* e trânsitos para o Sul. **Cadernos Pagu**. n. 53, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332018000200507&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 04 de jan. 2021.

REIS, Toni. **Homofobia no ambiente educacional**: o silêncio está gritando. Curitiba: Appris, 2015.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael. Conversa como metodologia de pesquisa: uma metodologia menor? In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael; SAMPAIO, Carmen. (orgs). **Conversa como metodologia de pesquisa**: por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael; SAMPAIO, Carmen S. É possível a conversa como metodologia de pesquisa? In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael; SAMPAIO, Carmen. (orgs). **Conversa como metodologia de pesquisa**: por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SÁ, Nídia R. L. O discurso surdo: a escuta dos sinais. In: SKLIAR, Carlos. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SAKAMOTO, Leonardo. **Após xingar educação sexual, governo quer propor que jovens não façam sexo**. Site UOL. 04/01/2020. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/01/04/governo-quer-politica-publica-para-convencer-jovens-a-nao-fazerem-sexo.htm. Acesso em: 22 abr. 2023.

SANTOS, Boaventura S. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SCHEFFEL, Noah. **Você já ouviu falar sobre passabilidade?** Site. ECOA UOL: por um mundo melhor. 2021. Disponível em: https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/noah-scheffel/2021/09/13/voce-ja-ouviu-falar-sobre-passabilidade.htm. Acesso em: 20 maio 2023.

SEGATO, Rita. **Crítica da colonialidade em oito ensaios**: e uma antropologia por demanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SEGATO, Rita. **Rita Segato en la Usam**: “Estamos por dar vuelta la página de la prehistoria patriarcal”. 2019. Disponível em: https://noticias.unsam.edu.ar/2019/03/06/rita-segato-en-la-unsam-estamos-por-dar-vuelta-la-pagina-de-la-prehistoria-patriarcal/. Acesso em: 11 de abr. 2021.

SEGATO, Rita. **La Lengua Subalterna II – Rita Segato**. YouTube, 29 out. 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SdYN0yx5Q2Y. Acesso em: 20 set. 2022.

SEGATO, Rita. **Gênero e colonialidade**: em busca de chaves de leitura e de um vocabulario estratégico descolonial, e-cadernos CES [Online], 2012. Disponível em: https://journals.openedition.org/eces/1533. Acesso em: 05 de mar. 2023.

SERPA, Andréa. Conversas: possibilidades de pesquisa com o cotidiano. In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael; SAMPAIO, Carmen Sanches. (orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SIEBERS, Tobin. A Sexual Culture for Disabled People. In: McRUER, Robert; MOLLOW, Anna. (editors). **Sex and disability**. Duke University Press: Durham and London, 2012.

SILVA, Tomaz T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz T; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SILVA, Tomaz T. **O currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SKLIAR, Carlos. **Mientras respiramos**: em la incertidumbre. Ciudad Autónoma de Bueno Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2020.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença**: e se o outro não estiver ai? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SKLIAR, Carlos. Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e das diferenças. In: SKLIAR, Carlos. (org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SOARES, Lissandra V; MACHADO, Paula S. **"Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimentos em Psicologia Social**. Psicologia Política. v. 17. nº 39 – p. 203-219, mai.-ago. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v17n39/v17n39a02.pdf. Acesso em: 16 abr. 2023.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOUZA, Regina M. **Que palavra que te falta?** Linguística, educação e surdez. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SPARGO, Tamsin. **Foucault e a teoria queer**: seguido de Ágape e êxtase: orientações pós-seculares. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 3. ed. Florianópolis: UFSC, 2015.

THOMA, Adriana S. **O cinema e a flutuação das representações surdas** – "Que drama se desenrola neste filme? Depende da perspectiva...". Tese. Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2002. Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/37838. Acesso em: 20 de set. 2020.

THOMA, Adriana S. Surdo: esse "outro" de que fala a mídia. In: SKLIAR, Carlos. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 1998.

TREVISAN, João S. **Devassos no paraíso**: (a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade). Rio de Janeiro: Record, 2007.

TUCHERMAN, Ieda. **Breve História do Corpo e de suas Monstros**. 3. ed. Lisboa: Nova Veja – Passagens, 2012.

UNESCO. Esclavitud y afrodescendientes en Uruguay: una mirada desde la antropología. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad de la República. **UDELAR**: Proyeto: Arquelogía y Esclavitud. Construyendo patrimonio, "lugares de memoria", con escolares, desde la escuela y a través de la investigación. 2012. Disponível em: https://www.gub.uy/ministerio-educacion-cultura/sites/ministerio-educacion-cultura/files/2019-12/Esclavitud%20y%20afrodecendientes%20en%20Uruguay.pdf. Acesso em: 03 jan. 2022.

VASCONCELOS, Norma A. L. M. L; LACERDA, Cristina B. F. **Liderança surda**: uma história contada por várias mãos. Curitiba: Appris, 2020.

VAZ, Paulo. **O corpo-propriedade**. In: Mídia e Cultura. 1. ed. Rio de Janeiro: Diadorim, Compós, 1997. Disponível em: https://scholar.google.com.br/citations?user=sa-TtD8AAAAJ&hl=pt-BR. Acesso em: 04 de set. 2020.

VERONNA, Brianda. **Atahualpa Yupanqui – Duerme negrito**. YouTube, 2012. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ROJzhe-zw98. Acesso em: 03 jan. 2022.

VIDARTE, Paco. **Ética bixa**: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ. São Paulo: n-1, 2019.

VIEIRA, Helena; FRACCAROLI, Yuri. Violência e dissidências: um breve olhar às experiências de repressão e resistência das travestis durante a ditadura militar e os primeiros anos da democracia. In: GREEN, James N; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa. (orgs.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018.

VILELA, Eugénia. Corpos inabitáveis. Errância, Filosofia e memória. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. (orgs.). **Habitantes de Babel**: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira L. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

WITTIG, Monique. **El pensamento heterossexual y otros ensayos**. 3. ed. Madrid: Egales, 2016.

Yahoo! Notícias. **Academia de Letras do Uruguai classifica como 'grave injustiça' a punição de Cavani por racism**o. Lance! 2/01/2021. Disponível em: https://br.noticias.yahoo.com/academia-letras-uruguai-classifica-como-163525064.html. Acesso em: 10 de fev. 2021.

YUNG, Stella. **Inspiration porn and the objectification of disability**. TED^{x} Talks. Vídeo Legendado. 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SxrS7-I_sMQ. Acesso em: 09 de set. 2020.

ZIESMANN, Cleusa I.; PERLIN, Gladis; VILHALVA, Shirley; LEPKE, Sonize. (org). **Famílias sem libras**: até quando? Editora e Gráfica Curso Caxias, 2018.

Apêndices

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Libre e Esclarecido - TCLE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Proponente: Prof. Ms. José Francisco Duran Vieira

Título: Sou Surdo(a), Sou LGBTI+ e agora? relações de poder e as interseccionalidades na Comunidade Surda

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Madalena Klein

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

NATUREZA DA PESQUISA:

Esta é uma pesquisa que tem por finalidade analisar como as pessoas surdas LGBTI+ e suas representações, transitam na Comunidade Surda e como se articulam as interseccionalidades no âmbito da hegemonia cisheteronormativa patriarcal ouvintista nessa relação, a fim de entender quais são as estratégias e representações estabelecidas através do fluxo desses corpos surdos que divergem à norma do cis-tema-heteronormativo no interior da própria diferença que a Comunidade Surda já representa. Para isso, pretende-se compreender de que formaa interseccionalidade se manifesta por dentro desse dispositivo de biopoder e problematizar os conflitos gerados nessa relação – colonizado e colonizador – em uma mesma comunidade subalterna.

PARTICIPANTES DA PESQUISA:

Pretende-se entrevistar, no mínimo, cinco pessoas surdas (adultas), não ultrapassando o número máximo de oito entrevistados. Este limite será melhor definido no decorrer do andamento da própria pesquisa. Sendo que esses entrevistados são domiciliados no município de Pelotas ou que em determinado momento de suas vidas residiram na cidade. Inicialmente, os entrevistados selecionados para a pesquisa, tiveram uma participação ativa no *1º Seminário: Sou Surdx, Sou LGBTI+ e agora?* promovido pela Escola Especial Alfredo Dub. Se porventura, houver a necessidade de selecionar mais pessoas para participarem da pesquisa, serão escolhidas pessoas surdas LGBTI+ que atendam aos critérios dos objetivos do projeto de Tese.

ENVOLVIMENTO NA PESQUISA:

Ao participar deste estudo você será convidado pelo pesquisador a participar de uma conversa (entrevista semiestruturada), com utilização de pautas como mecanismos disparadores para fomentar um bate-papo sobre temáticas envolvendo questões de gênero, sexualidade, identidade de gênero, suas vivências como pessoa surda LGBTI+ no seu trânsito dentro da Comunidade Surda desta cidade. Você tem a liberdade de se recusar a colaborar e livre-arbítrio para desistir a qualquer momento de participar sem nenhum prejuízo. No entanto, solicito sua colaboração para que possamos obter melhores resultados na pesquisa. Sempre que você queira maiores informações sobre este estudo pode entrar em contato com o pesquisador através do Telefone/WhatsApp (53) 99153-8866 (por mensagens de texto ou vídeo em Libras).

SOBRE A ENTREVISTA:

O bate-papo proposto para a entrevista será fomentada pela amostra de alguns trechos de vídeos retirados de *Lives* em que pessoas surdas participam debatendo temáticas vinculadas às questões LGBTI+ que, não apenas atravessam a Comunidade Surda, mas dão visibilidade a militância de pessoas surdas que são subalternizadas pela própria comunidade. A entrevista será no formato semiestruturada e elencadas perguntas, seguindo um roteiro, a partir dos trechos escolhidos das *Lives*. Por ser fluente na Língua Brasileira de Sinais – Libras, essas entrevistas serão realizadas pelo pesquisador responsável, sem a necessidade do profissional Tradutor/Intérprete de Libras. Os registros dessas entrevistas se efetivarão através de vídeo devido a modalidade da língua. O espaço onde acontecerá a entrevista será estruturado para que seja captada toda a expressão visual-gestual que a língua imprime no momento da fala. Como o entrevistador estará participando do bate-papo, será solicitado a presença de outra pessoa que ficará responsável pelos equipamentos de gravação. Para isso, será solicitada a permissão por parte do entrevistado para que essa pessoa permaneça no ambiente durante a execução da entrevista. Também será oficializado através deste documento a aceitação ou não dos entrevistados para que revelem suas identidades, como: nome, idade, identidade de gênero etc., perante a importância dos relatos históricos vivenciados, principalmente, pela Comunidade Surda LGBTI+. Todavia, a confidenciabilidade será totalmente garantida quando as pessoas entrevistadas a solicitarem, sendo que os riscos para elas/eles serão mínimos perante a postura e ética do pesquisador, salvo que os participantes a liberarem por questões de militância.

RISCOS E DESCONFORTO:

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais de nenhuma ordem e os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com seres humanos conforme a Resolução nº 196/1996 e Resolução nº 510/2006 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade.

CONFIDENCIALIDADE:

Todas as informações coletadas nesta investigação são estreitamente confidenciais. O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Essas entrevistas serão arquivadas numa conta elaborada especificamente para a pesquisa no *YouTube* juntamente com um glossário que será organizado informando o sinal em Libras do pesquisador, sinais dos entrevistados, resumo da Tese, sinais específicos da comunidade LGBTI+. Essas informações estarão selecionadas como "Não Listados" no canal, nos quais, segundo o canal, os vídeos estarão disponíveis somente para quem tiver o *link*. No entanto, porventura, se alguns dos participantes não concordar em disponibilizar as suas entrevistas gravadas nessa modalidade, será oferecido também a opção de postagem dos vídeos no formato "Privados" do canal, os quais ninguém terá acesso a não ser o pesquisador responsável. Os resultados da pesquisa serão divulgados em revistas da área, em livros e eventos, sempre resguardando o sigilo dos/das informantes. A utilização das imagens será restrita aos ambientes acadêmicos, no momento de análise dos dados produzidos para a apresentação de resultados da pesquisa. Para as publicações de divulgação ampla, as informações serão transcritas e as imagens serão divulgadas a partir de procedimentos de edição para resguardar o sigilo da identidade dos entrevistados. O material ficará guardado sob responsabilidade do pesquisador.

BENEFÍCIOS:

Ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outras pessoas surdas LGBTI+ e para a própria Comunidade Surda.

PAGAMENTO:

Você não terá nenhum tipo de despesa por participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para queparticipe desta pesquisa. Para tanto, preencha os itens que se seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO: Tendo em vista os itens acima apresentados, eu,_(nome do/a participante)_de forma livre e esclarecida, aceito participar desta pesquisa.

Sobre o as informações e esclarecimentos deste Termo Livre e Esclarecido:

( ) As informações e esclarecimentos deste Termo Livre e Esclarecido de Consentimento foram disponibilizadas através da Língua Brasileira de Sinais - Libras, através de tradução pelo pesquisador ou intérprete.

Sobre o uso dos nomes na pesquisa:

( ) Quero usar meu nome verdadeiro;

( ) Quero que seja usado um nome fictício.

Sugestão de nome fictício: .....

Sobre as postagens do material coletado nas entrevistas:

( ) Autorizo a serem postadas no canal do YouTube no modo “Não Listado”;

( ) Autorizo a serem postadas no canal do YouTube no modo “Privado”.

_____ _____

_____,_____/_____/_____

Assinatura do participante (entrevistado/a) Local e Data

_____

Assinatura do doutorando

José Francisco Duran Vieira

_____

Assinatura da Orientadora

Prof.ª Dr.ª Madalena Klein

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. O pesquisador responsável por esta pesquisa é o Prof. Ms. José Francisco Duran Vieira, Doutorando em Educação na Universidade Federal de Pelotas e professor de Matemática da Escola Especial Alfredo Dub e Tradutor/Intérprete do IFSul/Campus Pelotas. Caso queiram contatar a equipe, isso poderá ser feito pelo telefone/WhatsApp (53) 991538866 (por mensagens ou chamadas de vídeo em

Libras). Maiores informações Comitê de Ética em Pesquisa [informação a ser complementada apósconfirmação do Comitê de Ética ao qual foi submetido o Projeto.

APÊNDICE B – Autorização de uso de imagem, voz e respectiva cessão de Direitos (Lei nº 9.610/98)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – FACULDADE DE EDUCAÇÃO –
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
– DOUTORADO EM EDUCAÇÃO –

Proponente: Prof. Ms. José Francisco Duran Vieira
Título: Sou Surdo(a), Sou LGBTI+ e agora? relações de poder e as interseccionalidades na Comunidade Surda
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Madalena Klein

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E RESPECTIVA CESSÃO DE DIREITOS (LEI N.º 9.610/98)

Pelo presente instrumento particular, eu,_____, RG n.º _____e do CPF/MF n.º_____residente e domiciliado na _____por este e na melhor forma de direito, AUTORIZO, de forma gratuita e sem qualquer ônus, ao pesquisador José Francisco Duran Vieira, a utilização de imagens e vídeos, produzidos por meio da gravação das entrevistasrealizadas para a pesquisa de sua Tese de Doutorado:

[ ] Em todos os meios necessários para a divulgação dos dados da pesquisa: quer sejam na mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornais, entre outros), televisiva (propagandas para televisão aberta e/ou fechada, vídeos, filmes, entre outros), radiofônica (programas de rádio/podcasts), escrita e falada, internet, banco de dados informatizados, multimídia, “home vídeo”, DVD, entre outros, e nos meios de comunicação das instituições vinculadas à pesquisa, como jornais e periódicos em geral, na forma de impresso, voz e imagem.

[ ] Restrita aos procedimentos de análise da pesquisa.

Através desta, também faço a CESSÃO a título gratuito e sem qualquer ônus de todos osdireitos relacionados à minha imagem. A presente autorização e cessão são outorgadas livres e espontaneamente, em caráter gratuito, não incorrendo a

autorizada em qualquer custo ou ônus, seja a que título for sendo que estas são firmadas em caráter irrevogável, irretratável e por prazo indeterminado, obrigando, inclusive, eventuais herdeiros e sucessores outorgantes. E por ser de minha livre e espontânea vontade esta AUTORIZAÇÃO/CESSÃO, assino em 02 (duas) vias de igual teor.

_____, ____ de _____ de 2022.

_____

Assinatura do participante (entrevistado/a)

Endereço: _____

Cidade: _____

RG N.º: _____

CPF N.º: _____

Telefone/WhatsApp para contato: _____

APÊNDICE C – Tabela roteiro para as Conversas

EIXOS	TEMAS DISPARADORES PARA O BATE-PAPO	PALAVRAS-CHAVE
INTRODUÇÃO/ APRESENTAÇÃO	• Primeiramente, gostaria de agradecer por ter aceitado participar da entrevista da minha tese. Também gostaria de saber se posso usar seu próprio nome na tese ou se você gostaria que eu trocasse? Se quer trocar você gostaria de escolher um nome? • Gostaria agora que você se apresentasse. Falasse seu nome, sinal, como você se identifica (surdo/a, deficiente auditivo, identidade de gênero, gay, trans, lésbica). Onde você nasceu? Como você vinha estudar em Pelotas? Você estuda agora? Estudou até que ano? (Ens. Fund, Ensino Médio, Uni?)	• Agradecer participar entrevista; • Uso próprio nome; • Apresentar: nome; sinal, identidade; Nascer; Estudar;
SOBRE SER SURDO E LGBTI+	• Como foi sua descoberta quanto sujeito surdes? Como foi estabelecida a comunicação com sua família? E as informações do cotidiano como acontecia, como chegava a você (assunto, temáticas, etc. do dia a dia)? Tinha algum lugar específico em que essas informações chegavam com mais facilidade? De onde recebia essas informações sobre o que é ser um sujeito surdo? Que tinha uma cultura própria, uma língua, identidade? • Em que momento da sua vida vc teve contato com a Libras? Inicialmente era sinais combinados, caseiros? Sua família aprendeu a língua de sinais? Hoje, sua família se comunica em língua de sinais como vc? • Você se sentia diferente por ser surdes? Você sentiu que era diferente do resto da sua família? Em que momento, fase? Poderia descrever esse momento de sentimento de se reconhecer surdo? O quanto isso afetou na sua vida? Mudou algo? Você sentia que além de surdo/a, você tinha alguma coisa a mais de sentimento diferente? Percebeu que não era apenas a questão da surdez? Em que momento, fase? Como foi ficar	• Descoberto sujeito surdes; • Comunicação família; • Informações; • Contato Libras; • Sentimento ser surdo; • Sentimento a mais que surdo; • Identidade LGBTI+; • Informações sobre LGBTI+;

	pensando nesse sentimento diferente? Sozinho? Sentia alguma coisa? Depressão? Angústia? Em não poder dividir isso com alguém que também? falasse sua língua (Libras)? • Quando você se identificou como um sujeito LGBTI+? Foi ainda na infância? Seus Trejeitos? Como você percebia seu corpo, sua mente. Você sentia algo diferente além da surdez? Vc se vigiava? Vigiava seu corpo? O que você sentia só em pensar que você era LGBTI+? Tipo, tinha medo, receito, tinha informação? Que tipo de informação? A de ouvinte? Como chegava essa informação? Por que meios? Vc refletia sobre isso? Fazia conexão entre ser surdo e esses sentimentos e conceitos vindos dos héteros? Lutava por ser reconhecido surdes, mas não percebia essas outras lutas? E as informações sobre esse tema como chegavam? Pela família, pela TV, pela Escola, com os Amigos, pela internet? Algumas temáticas chamavam mais sua atenção. Como as opiniões sobre esses assuntos chegavam até você? Como vc processava essas informações? Comparava com as falas da família? Da Escola? Dos Amigos? O que te levava a refletir sobre o assunto?	
	• Em algum momento você também contrapôs com o que também falavam sobre os sujeitos surdos? Falam que eles são deficientes, etc. E eles tem preconceitos sobre os LGBTI+. • O que você costumava pensar sobre esses assuntos a seu respeito? Qual relação desse assunto com as informações que você tinha? • No movimento de luta e de militância surda você pensava que também estava fazendo a diferença? Faltava algo? • O que você pensava sobre o momento de contar para sua família que você era LGBTI+? Você pensava tipo “Eles já tiverem	

O SABER SER SURDO E O RECONHECIMENTO DE UMA OUTRA IDENTIDADE	a notícia que era surdo, pessoa com deificiência. Agora vou dizer que sou LGBTI+!"? Passava alguma coisa parecida assim? • O que você pensa hoje sobre esse momento da sua vida? • Que imagens, informações, conceitos, marcas, ideias, você tinha sobre pessoas LGBTI+? O que você pensava sobre isso? Fazia alguma relação entre as temáticas "surdo" e "LGBTI+"? Pensava em algo? • Tipo: lutar por uma causa..... por respeito, por reconhecimento, etc. E a causa LGBTI+, por que não lutar? Não reconhecer? O que impedia? Qual barreira? Você acredita que existia? Não? Existia alguma influência que você queira descrever? • Sendo você surdes (com toda a influência histórica do conceito de deficiência que a sociedade tem) como você acredita que as falas sobre temas como LGBTI+, deficiência, sexualidade, chegavam até você? • Você sentia alguma preocupação sobre isso, mesmo antes da adolescência, sentiu alguma coisa? Assunto de abuso, fragilidade, por ser pessoa com deficiência (pela perspectiva da sociedade) - surdo? Evitar falar sobre sexualidade? • Como e de onde chegavam as informações sobre as questões de LGBTI+, sexualidade, etc? • O que você acredita que te influenciou a respeito do conhecimento sobre a temática LGBTI+ naquela época?	• Ser surdo e ter preconceitos LGBTI+; • Reflexão Surdo e LGBTI+; • Movimento de luta surda e militância – e a causa LGBTI+; • Ser Surdo e LGBTI+; • Ideias sobre LGBTI+; • Informações LGBTI+ versus Comunidade;
	• Como você se sentia transitando na Comunidade Surda? Sentia alguma diferença por ser surdes LGBTI+? Descreve, fala, sobre os lugares que você transitava mais. Os que mais gostava, por quê? Tinha algum lugar que você não gostava de ir? Por quê? Na família, na escola, na ASP, outros.... Fala, explica por quê? • Como você se sentia na Escola com esse "segredo" esse desejo "não revelado"? Você contou para alguém na escola? Na	

TRÂNSITO FAMÍLIA/ESCOLA/ ASSOCIAÇÃO	família? Chegou a pensar? Você se sentia melhor na tua família ou na Escola? (Por causa da comunicação.... por conversar sobre temas que não conversava em casa, etc? Como era seu trânsito na escola? Com seu jeito de ser? Seus trejeitos.... alguém falava alguma coisa? (Passabilidade) Professoras, colegas, direção, tens alguma coisa marcantes para contar? Você acredita que a escola, apesar do bullying é um lugar em as pessoas LGBTI+ e surdos podem ser acolhidas? Surdo tb faz bullying? Como você percebe esse sentimento na Comunidade Surda, sabendo que ela mesma luta pelo direito a sua cultura, língua, identidade, respeito, reconhecimento, na educação – pelo bilinguismo....Vc sofria algum tipo de bullying? Como vc percebe hoje um surdo fazer bullying diante da luta por reconhecimento das diferenças? • O que você pensa sobre a escola abordar esses temas? A sua escola alguma vez abordou esse tema? Isso ajudou? Como foi? Se falar do seminário (Se não falar – perguntar sobre o seminário): Sabe que aconteceu um seminário LGBTI+ na Escola? Você acredita que foi importante esse seminário acontecer? Acredita que o seminário tenha ajudado a Comunidade Surda? Soube de algum comentário sobre o seminário de alguma pessoa conhecida? <u>Para quem participou</u> • Foi importante o seminário para você? O que você achou do seminário acontecer em parceria com a ASP e a Escola? E acontecer na própria escola onde você estudou? Seus amigos e conhecidos participaram do seminário? Sua família participou do seminário? Como? Você lembra que foi pedido para ASP criar um estatuto e acrescentar um coletivo (departamento) LGBTI+ dentro da ASP? Isso já aconteceu? (SOMENTE PARA QUEM ESTEVE NO SEMINÁRIO).	• Trânsito na Comunidade Surda: família, ASP, etc; • Segredos e Escola; • Passabilidade; • Tema na Escola; • Participação na ASP; • Posicionamento da ASP; • Heteronormatividade como regra: na ASP, na Comunidade Surda; • Causas de lutas pelas diferenças; • Colonialismo/Comunidade Surda/Diferenças; • É militante LGBTI+? Como?; • Universo Queer – inclusão das diferenças; • Sistema normativo, como romper;

	• Você participada da ASP? Sempre foi desde pequeno/a? Como era seu trânsito na ASP? Fala um pouco como na intimidade você se sentia convivendo na ASP? As pessoas amigas e colegas suas não sabiam sobre você LGBTI+. O que você pensava sobre isso e sobre eles ficarem sabendo? Você acredita que se usava no fundo da "passabilidade"? Usava algum tipo de estratégia para ter aceitação na ASP? Tinha algum medo? O que vc acha de sentir algum medo dentro de uma associação que luta pelas diferenças? • Por que você pensava isso deles? Hoje, como você percebe esse "receio"? Qual tua opinião das atitudes dos participantes das ASP sobre esse conhecimento? Hoje, como você analisa uma comunidade que luta pelo respeito, reconhecimento cultural, linguístico, identitário, mas ao mesmo tempo, você tinha medo das atitudes dos seus colegas por ser LGBTI+? • Acredita que a heteronormatividade (atitudes héteros – regras de héteros – sociedade patriarcal - capitalista, influenciaram a sua concepção a respeito do conhecimento sobre a temática LGBTI+? E influenciaram os seus colegas? A ASP? Como era ou é demonstrar o orgulho surdo e o orgulho surdo lgbt na ASP antes e agora? Como se demonstrar isso agora? Na ASP, na Escola, etc? Como acontece a militância surdes? (Pergunta deve ser reformulada para cada trajetória de pessoa surda) • Qual sua opinião por lutar por "causas" próprias? Você acha que não estão interseccionadas (vivências conectadas, preconceitos, formas de viver, de viver sua sexualidade, de ser cidadão, de ter dignidade, respeito etc.?) Tipo: Pode lutar separado? Luta dos Movimentos Antirracismo, LGBTIfobia, Gordofobia; outros? • A Comunidade Surda falava antes e agora continua.... que a Comunidade passou por um período de colonialismo ouvintista. O que você pensa sobre esse colonialismo	

	hétero/patriarcal/capacitista/capitalista (reformular a pergunta – dependendo da pessoa surda)? • Como você entende essas lutas antes e agora? • Hoje, você se incluiu como um militante LGBTI+ na Comunidade Surda? Como? Fazendo o quê? Participa de Paradas, de movimentos lgbt? Você participa de outra INSTITUIÇÃO? Já te convidaram para participar em algum movimento ou organização LGBTI+? De que forma? De que maneira? Por que não participa? Como faz essa militância? Pode ser separada dos ouvintes (brancos, negros, surdos, deficientes, mulheres, gordos etc.?) • Qual sua opinião sobre esse sistema cishetero/capacitista em que vivemos? Ou esse sistema heterocisnormativo? Você entende que está tudo ligado. Chamamos de interseccionalidade. Você entende que essa luta é bem maior do que uma luta apenas da Comunidade Surda? (reformular a pergunta dependendo da pessoa surda) • Você já pensou que um colega surdes que pode ser uma pessoa com deficiência pode estar precisando de sua ajuda, enfrentando mais dificuldades que você? Como você percebe a sexualidade das pessoas com deficiência surdas? Sobre informações, direito ao prazer, sua libido etc.? Isso você acredita que está ligado (interseccionado) também na luta? • O que você acha do movimento queer? O que é o universo queer para você? Você se inclui nesse universo queer? Você acredita que o queer inclui você? • Acredita que o movimento queer pode estar num estado “homonacionalista” branco – dentro de padrões héteros? Acredita que a Comunidade Surda e os Surdes também possam estar assim? (Surdes não se importam pelos seus colegas surdes que são mais minorizados)?	

	• O que você acredita de deve acontecer para romper com esse sistema? Qual sua participação? Da Comunidade Surda?	

APÊNDICE D – RESUMO DAS TEMÁTICAS PARA AS CONVERSAS

RESUMO QUE SERÁ APRESENTADO ÀS PESSOAS QUE PARTICIPARÃO DAS CONVERSAS, COM O PROPÓSITO DE INFORMÁ-LAS SOBRE OS TEMAS QUE SERÃO ABORDADOS NO ENCONTRO:

- **APRESENTAÇÃO**: Aceita nome oficial, sinal, onde nasceu, sua identidade de gênero, se estuda;
- **SOBRE SER SURDO E LGBTI+**: Contar como soube que era diferente: surdo; Como recebia as informações sendo surdo/a? Quando teve contato com a LIBRAS: na família? na Escola; na Comunidade Surda? Como foi se perceber LGBTI+? Como recebia as informações sobre a temática LGBTI+? Como comparava as temáticas LGBTI+ com o movimento da Comunidade Surda que lutava e luta pelo reconhecimento de sua cultura, identidade, língua etc.?
- **O SABER SER SURDO E O RECONHECIMENTO DE UMA OUTRA IDENTIDADE**: Contar sobre a Comunidade Surda e pessoas com deficiência; A Comunidade Surda e os Movimentos LGBTI+; Nascer Surdo e LGBTI+; Contar sobre ser pessoa com deficiência e sua sexualidade; Qual era seu conhecimento sobre a temática LGBTI+ na época; O que pensava sobre isso?
- **TRÂNSITO FAMÍLIA/ESCOLA/ASP**: Como era seu trânsito como pessoa surda LGBTI+ na Comunidade Surda? O que você pensa sobre as Normas Sociais em relação: ao comportamento, a sexualidade, a deficiência, a preconceitos etc.? Como você percebe tudo isso dentro da Comunidade Surda com pessoa surda LGBTI+? Como percebe esse colonialismo social que perpassa para além do ouvintismo? Qual sua postura como militante das lutas e movimentos surdos? O que você pensa sobre o Universo Queer?

APÊNDICE E – Tabela de conversas parciais agrupadas por temáticas

TEMÁTICA/ ASSUNTO	PESSOA SURDA PARTICIPANTE /DATA (Quem disse)	LOCALIZAÇÃO NO VÍDEO FALAS RELEVANTES DO BATE-PAPO (o que disse – excerto)	COMENTÁRIO DO PESQUISADOR
Apresentação da pessoa surda	Daniel Farias 21/12/2022	**00:07:00 - 00:07:59** - Meu nome é Daniel, o meu sinal é realizado desta forma (Configuração em D tocando as duas bochechas na altura do nariz). Eu nasci em Pelotas/RS. Eu sou surdo. Identifico-me como homem. Sou formado em Pedagogia desde o ano de 2013, pela Anhanguera Educacional. Homem gay. **00:08:00 - 00:08:59** - Estou fazendo um curso de pós-graduação / especialização. Sim, em Libras. Isso, no IFSC.	Gay, Surdo, formado em Pedagogia, Cursa Especialização em Libras, pela IFSC. Mora em Florianópolis/SC
	Rodrigo Lima 21/12/2022	**00:00:00 - 00:00:59** - Então, atualmente estou trabalhando na FENEIS. **00:13:00 - 00:13:59** - Ok. Meu nome é Rodrigo, meu sinal é este (configuração em R com o polegar aberto, movimento de sorriso perto dos lábios). Moro em Porto Alegre. Na verdade, eu nasci em Porto Alegre, mas me mudei para Pelotas e cresci lá. **00:14:00 - 00:14:59** - Não voltamos, na época era o melhor para a minha família. Atualmente eu estudo na UFSC, no curso de Letras Libras, no Pólo de Florianópolis. Estou trabalhando como professor de Libras. Sou surdo e gay. Tinha mais alguma coisa?	Gay, Surdo. Trabalha FENEIS/POA como professor de Libras. Estuda Letras-Livras na UFSC, Florianópolis. Mora em Porto Alegre.
	Simone Moura 26/12/2022	**00:00:00 - 00:00:59 - JF - Estás morando em Sergipe?** - Aracajú. Está tudo bem? **00:03:00 - 00:03:59** - Está bem, eu vou lembrar de todas essas perguntas. Meu nome é Simone, meu sinal é este (Configuração em S passando em cima da cabeça). Eu nasci	Bissexual, Surda, Mora em Aracajú/Sergipe.

		em Pelotas, no Rio Grande do Sul, no dia 27 de dezembro. É isso pode ter outras perguntas - Sim, eu sou surda, eu nasci surda. identifico-me como surda. **00:05:00 - 00:05:59** - Então eu identifico-me como bissexual, estou sempre comparando os relacionamentos, depende da pessoa. Mas eu sou bissexual.	
	Jéssica Barbosa 08/01/2023	**00:01:00 - 00:01:59** - Meu nome é Jéssica, eu nasci em Pelotas, nasci surda, DA (deficiente auditiva). Eu me formei na oitava série na Escola Alfredo Dub e no Ensino Médio, eu me formei no Assis Brasil, estudei a noite lá. - Sou lésbica. - Na verdade, eu nasci ouvinte, mas com quatro anos eu comecei a perder a audição dos dois ouvidos. - Até agora não descobri qual foi a causa. **00:04:00 - 00:04:59** - Sim, na Farmácia São João.	Surda, Lésbica, Ensino Médio. Trabalha na Farmácia São João. Mora em Pelotas/RS.
	Daniel Oreques 13/01/2023	**00:00:00 - 00:00:59** - Meu nome é Daniel, (...) **00:01:00 - 00:01:59** - (...) meu sinal é este (configuração em D com movimento de toques de uma bochecha a outra). Eu nasci e ainda moro em Pelotas, ainda ouvinte, tive uma infecção (otite) e fiquei surdo. - Aos seis ou sete meses. Eu já estudei aqui na Escola Alfredo Dub, depois terminei o ensino médio no Instituto Assis Brasil… - Sim. Atualmente eu estou fazendo curso técnico em Química no IFSUL. **00:07:00 - 00:07:59** - (...) e eu sinalizei assim (configuração em B com dedos afastados com o movimento parecido com o sinal de “não sei”, expressão “revirando os olhos”). Ela achou estranho aquilo e contou para a minha irmã. Esta conversou comigo, disse que eu não precisava preocupar-me e tal… Eu comecei a chorar, feliz. Ela disse que eu precisava contar para nossos pais. Eu tinha medo de ser expulso de casa, mas fui. Ela aceitou interpretar a nossa conversa, ela não era muito	Gay, Surdo. Estuda no IFSUL – Campos Pelotas – Curso de Química. Mora em Pelotas/RS.

		fluente em Libras, mas conseguia usar algumas estratégias. Fomos conversar com eles para eu contar. Eu falei: “Oi mãe e pai. Desculpa por eu sempre ficar postando que estou triste - porque entre nove ou dez anos, eles falavam que eu seria namoradinho da minha vizinha e outras coisas, (...) **00:08:00 - 00:08:59** - (...) desculpa, mas eu gosto mais de homens, eu sou gay. Minha mãe começou a chorar muito”. Meu pai ficou feliz, porque percebia que era isso que me deixava sempre “pra baixo”. Eu disse ainda que eles poderiam me expulsar de casa, que eu iria morar em outro lugar. Minha mãe disse que não precisava fazer isso, que era para eu ficar em casa, mas eu percebi que ela não tinha aceitado 100% ainda. Passou uma semana chorando por eu ser gay. Ela estava em 40% de aceitação. O meu pai disse que eu tinha o direito de ser feliz, que eu era livre. Depois de uns dias, meus pais me chamaram para irmos visitar uns tios meus, para passear, tomar chimarrão.	
	Guilherme Domingues 16/01/2023	**00:01:00 - 00:01:59** - Está bem. Começando, então, meu nome é Guilherme, meu sinal é este, eu estou com 22 anos, (...) **00:02:00 - 00:02:59** - Nasci em Pelotas, eu faço faculdade de Letras Libras-Português. - Na Estácio. - Sim, EAD, eu estudo pelo computador, vejo as aulas e respondo as atividades. Preciso me esforçar bastante. **00:03:00 - 00:03:59** - Eu sou gay. - Sim, eu nasci surdo.	Gay, surdo. Estuda Letras Libras-Português na Estácio/EAD; Mora em Piratini.
	Nícolas Brahm 25/01/2023	**00:01:00 - 00:01:59** - Meu nome é Nicolas, meu sinal é este (configuração em V “raspando” entre as sobrancelhas), nasci em Pelotas, já com surdez profunda, acreditamos que seja de origem genética, tenho outros familiares surdos. Minha mãe tem um primo surdo e meu pai também.	Homem-Trans, Surdo. Estudo na Uniasselvi/Pelotas/RS o Curso Letras-Libras. Mora em Pelotas/RS.

		- Sim, acreditamos que nasci surdo por isso. Eu comecei a frequentar a escola Alfredo Dub com um ano e meio, onde aprendi a me comunicar em Libras. Em casa eu usava da oralidade. Dessa forma, eu cresci bilíngue. Com seis meses de idade, eu comecei a usar aparelho auditivo, na verdade. - Sim, antigamente, até os meus 14 ou 15 anos, não lembro ao certo. Depois eu resolvi parar de usar porque me incomodava muito. Nunca mais usei, mas sigo oralizando e sinalizando. **00:02:00 - 00:02:59** - Estudei aqui na escola até a oitava série, depois da formatura, com 14 anos, eu fui estudar no instituto Assis Brasil. Lá eu cursei o meu ensino médio, foi onde te conheci, eras meu professor de matemática. - Estou na Faculdade Uniasselvi, ainda. Falta bem pouco para eu me formar. - Letras Libras. **00:12:00 - 00:12:59** - Sabe que sou um homem trans, que sou surdo, o que estou estudando, isso ele sabe, mas ele não sabe as minhas opiniões sobre as coisas, como eu sou, o que eu penso, entendes? **00:12:00 - 00:12:59** - Eu não sei se ele é mas “durão” ou não tem interesse mesmo. Eu espero que um dia meu pai comece a perceber a falta que a Libras faz e se esforce para aprender e poder conversar comigo. às vezes eu fico triste quando percebo ele conversando com todos, menos comigo. Eu queria saber como é ter essa relação com ele. Mas assim como eu não o conheço, ele não me conhece internamente, apenas o meu exterior. Sabe que sou um homem trans, que sou surdo, o que estou estudando, isso ele sabe, mas ele não sabe as minhas opiniões sobre as coisas, como eu sou, o que eu penso, entendes?	

	Lauren Farias 02/02/2023	**00:01:00 - 00:01:59** - Meu nome é Lauren, meu sinal é este (imitando sardas no nariz)… - Sim, no passado o meu sinal era esse (L na bochecha), porque uma amiga surda me deu este sinal. Há uns três ou quatro anos eu mudei meu sinal para este, porque eu tenho sardas no nariz e eu penso que combina melhor. Tenho 28 anos. Nasci em Pedras Altas… - Perto de Candiota, Bagé, naquela região. **00:02:00 - 00:02:59** - Eu nasci ouvinte, quando eu tinha dois anos meus pais mudaram-se para Pelotas. Eu estava bem, cresci, estudava na pré-escola regular, de ouvintes, perto da minha casa porque era de fácil acesso. Uma noite eu fui ao banheiro e caí, desmaiei (...) **00:03:00 - 00:03:59** - (...) porque meu corpo estava fraco, mas no dia anterior eu estava bem. Meus pais ficaram muito preocupados, levaram-me para o hospital, acho que era a Santa Casa, para entender o motivo do acontecido. O médico examinou-me, e informou meus pais dos riscos decorrentes daquilo: eu poderia perder a audição, ficar cega ou ainda morrer. **00:22:00 - 00:22:59** - Eu não sabia se eu era bissexual, o que significava der pessoa trans, mas logo eu me descobri lésbica.	Lésbica, Surda. Estuda Pedagogia na UFPel. Mora em Pelotas.
	Daniel Farias 21/12/2022	**<u>SER SURDO</u>**: **00:12:00 - 00:12:59** - Entendi! Isso aconteceu aos seis anos, em 1989, foi quando eu comecei a estudar na Escola Alfredo Dub, com outras crianças surdas. Eu tive um susto, porque, até então, eu pensava ser a única pessoa que não ouvia e fiquei surpreso ao ver várias outras crianças surdas iguais a mim. Elas usavam a Língua de Sinais, pela qual eu me interessei já naquele instante e comecei a aprender. Esse foi	Contato e descoberta da LIBRAS na escola somente aos 6 anos. Identidade Surda e conhecimento/apropriação da língua. Casa a comunicação por GESTOS. Pais: tentativas da comunicação pela

Sobre ser Surdo e LGBTI+		um momento muito marcante para mim, em que eu pude me enxergar. **00:13:00 - 00:13:59** - **JF - Como tu interagias com teus pais, para avisar que tinhas fome, por exemplo? Usavas gestos?** - Sim, sim. Gestos. - Entendi claramente a tua pergunta. Quando nasci, eu ainda conseguia escutar. Eu perdi a audição ao um ano de idade, em razão de uma febre em decorrência de uma doença. - Sim, nasci ouvinte. Depois dessa doença, viajamos para Porto Alegre para analisar o que havia acontecido e descobrimos a surdez profunda. Meus pais ficaram muito assustados, pensavam que eu ainda escutava, mas eu já estava surdo. Eles ficaram bastante tristes. **00:14:00 - 00:14:59** - Eles não sabiam como iriam se comunicar comigo. Usavam muitos gestos, para alimentação, por exemplo, este era utilizado para leite. Eu entendi que quando eles faziam este sinal era para eu beber leite na mamadeira. Era a nossa linguagem, tinham outros sinais sobre alimentação, brincadeiras, entre outros. Íamos utilizando diferentes estratégias, comunicação gestual e mímicas. Meus pais não conheciam a escola de surdos. (SOCIAL PEDIR RUA?). Depois de um tempo, quando entraram em contato com a fonoaudióloga Eliane Diniz, que informou o endereço da escola, meus pais puderam ir até lá. Eles a agradeceram muito, ficaram muito felizes. Foram até a escola, conversaram, explicaram que tinham um filho surdo e me apresentaram. Eu lembro do momento em que apertaram as mãos. **00:15:00 - 00:15:59** - Foi naquele momento que eu entrei para o mundo dos surdos e comecei a aprender a me comunicar pelas mãos. Só isso.	mãe. Pai até hoje utiliza português escrito para se comunicar. O seu contato com o PAI é somente assim. Interação e encontro com outros surdos na escola. Em casa só via TV (na época talvez sem o recurso closed caption – (nem todos os programas tinham ofereciam essa acessibilidade)

		00:16:00 - 00:16:59 - A minha mãe não conhecia a escola de surdos, não tínhamos nenhuma informação sobre a existência dela. Foi a fonoaudióloga quem falou sobre isso com ela, que disse que lá teriam muitas crianças surdas e que sabiam língua de sinais. Minha mãe ficou surpresa e resolveu ir lá, onde pode ter acesso a um material com ensinamentos básicos sobre a língua de sinais. Aos poucos ela foi aprendendo e conseguindo estabelecer uma comunicação por sinais. Somente minha mãe usa sinais comigo, o meu pai ainda usa o português escrito. - Sim, escreve tudo para podermos conversar. Eu já estou acostumado com isso, que o nosso contato é assim só. **00:17:00 - 00:17:59 - JF - O teu contato com Libras aconteceu primeiramente na escola…** - Sim. **JF - O teu contato com a Libras aconteceu na escola e não em ambiente familiar?** - Isso, na família não. - Sim, eu me vi como surdo e aceitei, decidi aprender língua de sinais, o que foi muito importante. **00:18:00 - 00:18:59** - Importante também foi o contato e a interação com outros surdos. - Não. Todos na minha família são ouvintes. Apenas eu sou surdo. Eu me sentia sozinho, isso sim, mas… - Sim, sim…. enquanto eles conversavam oralmente e eu não ouvia nada… - Sim, isso sim. Sentia-se triste, incomodado… **00:19:00 - 00:19:59** - Faltava a língua de sinais e precisava ter para eu me comunicar em família… - Eu só assistia televisão… **- JF - Te perguntas por que Deus teria feito isso contigo? Esse castigo, ou outros tipos de pensamentos…**	

		- Não, não tinha esses pensamentos… Eu só sentia que precisava fazer com que minha família entendesse que se comunicar comigo em língua de sinais era importante. Porque somente minha mãe fazia isso. Eu me sentia triste por isso. **SER LGBTI+**: **00:10:00 - 00:10:59** - Sim, normal… Então, nesse período entre dez e 15 anos, não lembro com certeza, eu comecei a ficar muito emocionado ao me perceber diferente dos outros surdos, perceber a minha homossexualidade, minha diferença. **00:11:00 - 00:11:59** - Eu me sentia diferente dos outros surdos e pensava que estava sozinho. Não me sentia bem, mas tudo bem. **00:21:00 - 00:21:59 - JF - Eu gostaria que me dissesse se, também aos seis anos, já percebias outras características tuas, outras diferenças** - Éramos todos surdos, éramos iguais… J**F - Diferenças sobre as quais não podias falar nada... Entendes?** - Sim, sim. **00:23:00 - 00:23:59** - Isso começou aos dez anos. Eu via alguns homens surdos… - Sim, isso. Além disso, eu fui à fonoaudióloga com essa idade e peguei uma revista com figuras de corpos masculinos. - Sim, senti algo diferente, me senti atraído pelo corpo deles. Minha mãe estava sentada ao lado e não percebeu, eu escondi o meu sentimento. Continuei a folhear a revista, vi outros homens e me senti bem. Vi mulheres também, com biquínis e não me senti da mesma forma. Simplesmente as ignorei e voltei meu olhar para os homens das fotos.	Sentiu que tinha algo diferente aos 15 anos de idade. Sua homossexualidade. Ela achava que era o único. No entanto, aos 10 anos, viu um revista com figuras de corpos masculinos, somente com calção NUM CONSULTÓRIO da FONOAUDIÓLOGA. As informações vinham através das imagens. Assuntos diversos. Com certeza, não lia o texto da revista. Sua primeira experiência de uma relação com homens (ouvinte) foi por volta dos 25 anos. Quando teve certeza que era gay. Ficou com duas mulheres não sentiu bem com a experiência; Falta de informação sobre temática LGBTI+ em Libras para a Comunidade Surda.

		00:25:00 - 00:25:59 - Isso, com o peito à mostra. - Não contei, eles não sabiam de nada. **00:26:00 - 00:26:59** - Bem, na verdade eu não tenho bem certeza da idade que eu tinha na época, entre 25 e 30 anos, foi quando eu tive minha primeira experiência com homens. até então eu nunca tinha "ficado"/beijado com um homem. Tinham algumas mulheres que se interessavam por mim, mas eu não dava muita atenção. **00:27:00 - 00:27:59** - Eu "fiquei" com duas mulheres, mas não me senti bem em nenhuma das experiências. Já no primeiro homem que eu beijei, era um homem ouvinte, eu senti algo diferente, foi gostoso, eu gostei. Foi quando eu tive certeza de que eu sou gay. Eu senti aquilo no momento em que fiquei com este homem, pois senti algo que não tinha sentido com as mulheres. Foi então que chamei uma amiga, chamei tu e uma mulher surda para que eu pudesse me abrir com meus pais. Foi um susto para eles, eu lembro que o sentimento foi esse. Depois, com o tempo, eles acabaram aceitando e me respeitando. Desde então há muita felicidade quanto a isso. Na minha família, temos quatro homens gays e uma mulher lésbica.	Descobertas e Impactos na família. Isolado pela família. Família com a religião muito presente. Eu e a Ana fomos no dia em que se assumiu perante os pais e o irmão.
	Rodrigo Lima 21/12/2022	**<u>SER SURDO</u>**: **00:15:00 - 00:15:59** - Na verdade, eu nasci ouvinte, mas tive aquela doença, como era o nome… rubéola. Não havia sido vacinado, peguei o vírus e tudo mais… Perdi a audição de um dos ouvidos, do outro ainda conseguia escutar um pouco. Minha mãe ficou sem saber direito o que fazer no momento, (...) **00:16:00 - 00:16:59** - (...) me levou ao fonoaudiólogo, comecei um tratamento para o desenvolvimento da fala… Para a minha	Ouvinte que ficou surdo devido a Rubéola. Também foi FONOAUDIÓLOGA. Mãe muito preocupada pelo futuro do filho a respeito da comunicação. 2 anos de idade entra para o

		mãe, eu era obrigado a desenvolver a fala oralmente, para que eu pudesse me comunicar no futuro. Isso a preocupava muito: ela pensava muito sobre as oportunidades para uma pessoa surda. Com dois anos eu consegui uma vaga na escola Alfredo Dub e comecei a me desenvolver na língua de sinais e até hoje me comunico por ela. Mas eu ainda tenho a oralidade como um apoio para a comunicação, com minha mãe. Com outras pessoas da família eu conseguia me comunicar por Libras ou gestos ou textos escritos. Mas com minha mãe, era o jeito dela, eu já estava acostumado, usávamos de bimodalismo na nossa interação. (Rodrigo deu alguns exemplos do uso de sinais e oralidade ao mesmo tempo) Por exemplo: casa, comer. Eu estava acostumado a me comunicar assim com minha mãe. Já com outras pessoas da família eu impunha limites e não usava de oralidade. Mas com minha mãe eu me sentia mais seguro assim. **00:17:00 - 00:17:59** - Até hoje eu uso a Libras, eu a tenho como minha L1. A L2 é o português escrito. - Na verdade, com minha mãe não tinha muita estratégia. Com meu pai usávamos mais gestos, por exemplo: beber, avião (ênfase para a CM diferente) - esse é um sinal caseiro que utilizávamos -, esse sinal para consertar, (...) **00:18:00 - 00:18:59** - (...) o bigode e o cabelo até os ombros para homem e mulher, como sinais caseiros. A mãe se atrapalhava toda com isso, ela até fez o curso de Libras, mas não conseguia memorizar os sinais. Ela precisava de maior contato para memorizar, mas eu resolvi entender que seria o bimodalismo com ela e me acostumei. Às vezes ela entendia, dependia muito. **JF - Então o contato melhor com a Libras foi na escola Alfredo Dub. Foi lá que tu adquirisses fluência na língua.**	Dub. Contato com a LIBRAS. Usava o Bimodalismo na interação familiar (principalmente com a mãe). Pai – gestos caseiros; Aparece aqui a mãe mais estabelecendo preocupação na comunicação com o filho. Nas conversas o pai pouco se interessa na comunicação e aprendizagem da Libras.

		- Sim, ela é a L1 lá. Depois, na minha família, duas primas minhas se formaram como intérpretes de Libras (TILS). Aprenderam Libras e viraram TILS. **SER LGBTI+**: **00:26:00 - 00:26:59** - Tá bem, então… A minha história é um pouco complicada, um pouco "pesada". Eu nasci surdo (...) **00:27:00 - 00:27:59** - (...) e sempre fui muito curioso, sobre todos os assuntos, amava saber de tudo. Por exemplo, quando eu convivia com as pessoas ouvintes, passava perguntado "o que é isso?", "e isso, o que é?". Eu sou muito grato aos ouvintes com quem convivi em Pelotas, porque me ajudavam muito, com o jeito deles. Por exemplo, falavam que amor é diferente de paixão. Eu não sabia, pedia para que explicassem e tudo mais. Minha mãe era muito rígida, e eu não sabia de algumas coisas. Pensava que as minhas angústias eram causadas pela questão da surdez. Mas, naturalmente eu ia descobrindo as coisas porque eu era muito curioso mesmo. Também, a minha irmã, ouvinte, me ensinava muito. Ela me explicou sobre autoestima, posicionamento, e eu continuava sempre buscando mais e mais. **00:28:00 - 00:28:59** - Mas quando eu comecei a estudar na escola de surdos, eu estava muito feliz, mesmo assim sempre me sentia diferente dos demais, pensava que era porque eu chorava muito, isso acontecia porque os surdos de Pelotas eram muito fechados. Toda vez que eu tentava mostrar algo diferente eles diziam que estava errado. Eu me sentia muito mal, mas não compreendia bem o motivo, visto que éramos "iguais", somos todos surdos. Eu tinha a mesma inteligência que eles. Eu não entendia que era algo além da surdez. Com	Curioso, corria atrás de informação, perguntava, não ficava isolado, tanto na Comunidade Surda quanto com ouvintes. Agradece aos ouvintes pelas informações. Mãe rígida, mas explicava e dava informação necessária, era Enfermeira. Preocupada com o filho em receber informações. Irmã também dava informação. Tentava mostrar aos outros surdos coisas diferentes, mas não aceitavam. O contato com ouvintes compreendeu sua orientação sexual e seu autoconhecimento. Como o desprendimento e

		o passar do tempo e no contato com pessoas ouvintes que me ensinaram muito, sobre autoestima, conhecimento, **00:29:00 - 00:29:59** - autoconhecimento, dentre outros assuntos que sempre me deixavam muito eufóricos. Eu adorava aprender, eu ia quebrando vários tabus. Mas, mesmo assim, eu tinha um sentimento triste, de incômodo com a Comunidade Surda. Eu sempre era apagado, colocado “pra baixo” quando estava com eles. Eu me sentia ignorado tanto na comunidade ouvinte como na surda. Isso me angustiava. Eu sempre tentei ensinar e/ou chamar a atenção dos surdos para alguns assuntos, mas bem… Sobre eu ser gay, também é um pouco confuso. Eu tinha dez anos quando dei meu primeiro beijo em outro menino, ele era uma criança como eu. **00:30:00 - 00:30:59** - Mas antes eu já tinha beijado meninas, uma de 13 anos e eu tinha oito! vê só! E foi um “beijão”. Mas eu não senti emoção nenhuma. Depois beijei outra menina e ainda assim não senti nada. Eu entrei em conflito. E foi quando demos um “selinho”, esse outro menino e eu. E eu senti um certo afeto. Resolvi beijá-lo novamente, agora sim um “beijão”. Minha cabeça quase “explodiu” com tudo o que eu estava sentindo. Eu me sentia errado porque a maioria dos casais que eu via eram heterossexuais. Eu nunca tinha visto dois homens ou duas mulheres como um casal. Também porque antigamente não tinha uma legislação. Mas depois, quando o movimento LGBTQIA+ começou a aparecer mais (...) **00:31:00 - 00:31:59** - (...) quando deixamos de ter tanta vergonha, quando as pessoas começaram a aparecer mais, o movimento teve maior representação, o casamento LGBTQIA+ foi reconhecido, a adoção foi legalizada, enfim… todas essas conquistas que antigamente não existiam, não tínhamos essas informações. A minha mãe, eu a amo, ela é a minha rainha, mas eu me assumi gay com 11 anos, foi muito cedo.	independência e interação social proporcionou informação.

		- Sim, só para minha mãe, não falei para toda minha família, não. Isso foi depois. A minha mãe sempre foi a minha melhor amiga. Éramos muito unidos. Eu disse: “Olha mãe, eu percebi algo diferente em mim, acho que eu gosto de homens”. Sabe o que ela me disse? “Isso eu já sabia faz tempo!” **00:34:00 - 00:34:59** - Sim, sim. Na verdade, quanto à questão da surdez eu me sinto muito triste, porque eu tenho um pensamento bem diferente da comunidade surda sobre vários assuntos. Eu não sei por quê. Eu aprendo as coisas muito rápido, sou muito interessado em quebrar tabus, enquanto eu vejo que vários surdos não têm essa militância. É um movimento estagnado e eu não sou assim. **00:35:00 - 00:35:59** - E tanto foi que quando eu resolvi me assumir eu não tive medo que alguém ficasse triste, eu simplesmente disse: “eu sou gay”. mas é diferente. Porque parece que, para mim, ser gay já era parte da minha identidade. Eu me percebi surdo, gay, negro, são três questões que me diferenciam. - Isso preocupava a minha mãe, porque ela percebia a força que essas questões faziam parte da minha identidade. - Eu disse pra ela que não tinha medo da sociedade, que eu iria me expôr como eu sou. Mas com o passar do tempo eu sofri, sim. Não muito por ser surdo, um pouco por ser LGBTQIA+, e muito preconceito por ser negro, sofri muito racismo. **00:37:00 - 00:37:59** - Por isso eu me posiciono como um líder negro e gay dentro da Comunidade Surda. Eu represento os surdos, ao mesmo tempo que sou negro e gay. Eu sou modelo. Aqui no Rio Grande do Sul a comunidade é muito fechada para isso ainda.	

	Simone Moura 26/12/2022	**<u>SER SURDA</u>:** **00:06:00 - 00:06:59** - A questão da surdez foi descoberta no meu nascimento, já, pelo histórico médico. Mas eu fui entrar na escola Alfredo Dub apenas com 17 anos, quando eu comecei a aprender língua de sinais. Antes disso eu tive contato apenas com pessoas ouvintes, em escolas inclusivas. - Sim, nas escolas inclusivas eu precisava fazer a leitura labial, era um sistema oralista. Somente aos 17 anos que eu fui para a escola Alfredo Dub e comecei a usar a língua de sinais. **00:07:00 - 00:07:59** - Sim, isso. Com 17 anos eu entrei para a escola e comecei a usar a língua de sinais. Daí em diante eu consegui me desenvolver. - Sim, antes dessa época, eu não conseguia organizar as palavras em português. Na escola Alfredo Dub eu aprendi a fazer redação, a escrever textos e por aí foi. Concluí a oitava série e passei a estudar o CMP (Colégio Municipal Pelotense). Lá eu fiz o Ensino Médio, mas voltado para o Magistério - Educação Infantil. 00:08:00 - 00:08:59 - E parei de estudar depois disso. - Porque eu casei com meu marido e mudamos para cá. **<u>SER LGBTI+</u>:** **00:08:00 - 00:08:59** - Eu tinha muita dificuldade nos relacionamentos com homens, não havia muito diálogo e compreensão. Já com mulheres eu tinha essa abertura maior, essa comunicação. **00:09:00 - 00:09:59** - Eu me sentia melhor com mulheres, conseguíamos interagir mais, era mais calmo. Já com os homens eu sempre tinha algum problema. Por isso eu	A surdez descoberta no nascimento. Dificuldade de comunicação com a família. Somente aos 17 anos foi para o Dub na qual conheceu a LIBRAS e aprendeu a língua de sinais. O tempo de aprendizagem, interação social, informações.... Antes dos 17 anos não entendia as informações em português. Informações sociais, de mundo.

		acabava nesse movimento de experimento, tentava com homens e mulheres. E percebi que eu combinava mais com mulheres. Com homens, ainda tenho dificuldades, mas são coisas normais do ser humano. Por isso eu meu identifico como Bissexual. - Sim, sabe. Ele entende e respeita. Já conversamos sobre isso. - Sim, é surdo. Ele sabe. - Foi horrível falar com a minha mãe. Ela não aceitou, porque ela era muito tradicional. **00:10:00 - 00:10:59** - A minha irmã interpretou quando eu conversei com ela e expliquei que estava cansada de tentar relacionamentos com homens e queria tentar com mulheres. Não sabia dizer se eu era lésbica. Durante o tempo em que eu fui casada com uma mulher, minha mãe nunca aceitou. Ela tinha uma visão muito tradicional, mas respeitou minha escolha. Eu nunca falei nada com ela sobre esse assunto mais, sempre mantive meus relacionamentos discretos, escondidos. Minha mãe sabia que eu era bissexual, que eu me relacionava com homens e mulheres. Ela ficava triste, chorava, porque pensava que o certo seria eu namorar homens, porém não entendia que eram relacionamentos ruins, já tive problemas em casamentos, brigas, que foram um erro. Mesmo assim, ela insistia que ficar com mulheres, ser lésbica, era feio que não era o certo. Mas isso é porque ela era mais tradicional. Agora ela já é falecida, mas ela era muito tradicional, era complicado, ela fazia maldades, não visitava quando eu era casada com uma mulher, essas coisas. Eu respeitava, não brigava por causa disso, tinha paciência com ela. **00:11:00 - 00:11:59** - A minha mãe era muito tradicional, ela não iria aceitar nunca. Quando eu disse que iria casar com	Se sentia melhor em contato com mulheres, dificuldade de se relacionar com homens, dificuldade de diálogo e compreensão. Não tinha informação. Muita dificuldade de falar com a MÃE. O pai não menciona. A mãe não aceitou por ela ser bissexual. Irmã interpreta para conversar com a MÃE Relacionamento mantido em segredo, discretos, escondidos MÃE chorava por ela ser bissexual falava que era FEIO A Simone tinha paciência com a mãe. Simone sai de casa para ter um relacionamento.

		uma mulher, ela ficou me aconselhando sobre ter relações com homens, nós brigávamos por causa disso. E dizia que estava cansada de tentar namorar homens, que era ruim para mim, mas ela não mudava de opinião. Até quando eu resolvi sair de casa para ficar com a minha esposa da época e ela precisou respeitar essa escolha. Hoje estou em um casamento porque estou grávida, paciência, gravidez não é brincadeira. Agora minha mãe já se foi. Mas isso é muito desgastante para mim… normal. Meu marido já sabe que no momento em que nascer nós iremos nos separar, será nosso fim. Eu estou cansada de ser casada com homem, é muito difícil para mim, não me sinto bem. A comunicação entre mulheres e homens é muito truncada. Chega.	
	Jéssica Barbosa 08/01/2023	**<u>SER SURDA</u>:** **00:02:00 - 00:02:59** - E eu nasci “de sete meses”. Eu estava com quatro anos quando começou a diminuir a minha audição. Na escola, na creche, as professoras começaram a suspeitar por que eu comecei a individualizar o uso dos brinquedos, (...) **00:03:00 - 00:03:59** - (...) não escutava direito. Eu gostava de ouvir música e, principalmente as caixinhas de som e a televisão, eu colocava muito perto - Sim, a professora começou a perceber, chamou a minha mãe em particular e conversou. Perguntou se eu tinha algum problema de audição, nesse momento a minha mãe começou a correr atrás de informações. O meu pai nunca acreditou… - Sim… E aqui em Pelotas, como é uma cidade pequena, sem muita tecnologia, a gente foi para Porto Alegre. - Foi lá em Porto Alegre que eles começaram a investigar, fazer muitos exames. Lembro de tomar muitos remédios para	Mãe foi alertada pela professora, correu atrás de informações e médicos. PAI NÃO ACREDITOU Foram para POA – descoloram-se Ela agitada – SEM SABER DIREITO DO QUE ESTAVA ACONTECENDO – EXEMES ELETRÔNICOS NA CABEÇA – SEM COMUNICAÇÃO SEM INFORMAÇÃO

		dormir, para que eles pudessem fazer os exames com eletrodos na minha cabeça, porque eu era muito agitada. **00:04:00 - 00:04:59** - E foi aí que descobriram que eu tinha surdez profunda. Deficiência Auditiva, no caso. Não sei falar o nome certo. Agora que estou com 25 anos, vou fazer 26 anos em março e percebo que minha audição está cada vez pior. - Uso um, mas precisaria de dois. Que aí eu conseguiria escutar e me ajudaria a me comunicar. **00:15:00 - 00:15:59** - Não, lembro, eu era muito criança. Eu sei, porque a minha mãe me contou essa história, que eu sofri muito, quando era criança. Eu não falava direito, não conseguia aprender a ler. **SER LGBTI+:** **00:06:00 - 00:06:59** - Na verdade, precisa melhorar na sociedade, nas lojas, nos bancos, nas farmácias… em qualquer local precisa. Principalmente para quem é surdo, não vejo o mesmo para a minha identidade LGBTQIA+, por ser lésbica não precisa, porque ninguém consegue perceber. Mas por eu ser surda, sim. Às vezes, eu tenho dificuldade de ir em alguns lugares sozinha, as pessoas perdem a paciência para falar comigo, tentar me entender. Já aconteceram momentos de as pessoas serem egoístas, escrotas comigo. Eu não gosto. Eu peço para as pessoas se acalmarem, prestarem atenção, para eu poder fazer a leitura labial. **00:10:00 - 00:10:59** - Na verdade, eu falo bem, mas às vezes eu falo errado. Tem momentos que eu só oralizado, momentos que oralizado e sinalizo junto, isso depende. Quando eu encontro algum surdo, as pessoas ficam chocadas, sem entender, ficam em dúvida sobre o que estamos falando. Elas querem saber o assunto, se estamos falando delas	9 anos de idade começou ter atração por meninas. Isso tudo escondida, MEDO DOS PAIS BATESSEM OU EXPULSASSE DE CASA – SE FECHOU IDENTIDADE? LIBRAS? IDENTIDADE DE GÊNERO? Tudo acontecendo – SEM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

		00:25:00 - 00:25:59 - Com nove anos eu comecei a sentir atração por meninas. - Sim, mas eu escondia porque eu tinha medo que meus pais me batessem, ou expulsasse de casa, eu me fechei. **JF - Tu pensavas sobre como seria para ela, se ficaria triste? Por exemplo, ela iria pensar sobre ter uma filha surda, deficiente e agora lésbica. Tu pensavas sobre isso ou não?** - Às vezes, pensava. **JF - E como falasse para ela que tu eras lésbica?** - Demorou. **00:26:00 - 00:26:59** - Tinha medo da minha família. - A minha família paterna é muito tradicional. - Às vezes eu pensava em fugir de casa… - Eu ficava sozinha pensando, porque antes eu não tinha com quem falar, com quem conversar. Eu ficava refletindo sozinha. **00:27:00 - 00:27:59** - Eu era uma criança, com nove, dez anos. Depois, aos 14, 15 anos eu já sabia que eu não tinha atração por homens e não adiantava mais fingir. Eu falava para os meninos que eu não gostava deles, não ficava fingindo. Aos 17, 18 anos eu me conscientizei que fingir não me traria felicidade. Minha mãe começou a perceber por um tempo. Ela olhou meu celular e viu que eu tinha muito mais contatos femininos do que masculinos. Então eu comecei a ir para esse lado.	MEDO DA FANÍLIA PENSA EM FUGIR DE CASA
	Daniel Oreques 13/01/2023	**<u>SER SURDO</u>:** **00:02:00 - 00:02:59** - Era bastante difícil, eu tinha essas barreiras, não conseguia conversar com ninguém. Eu não tive uma família fluente em Libras, não interagia. Quando a minha mãe descobriu a escola Alfredo Dub e eu comecei a ter aulas	DESDE CRIANÇA MUITAS BARREIRAS, SEM CONVERSAR COM NINGUÉM.

		aqui, eu fiquei muito feliz com o que vi aqui, porque eu comecei a aprender a Libras. A minha mãe não conseguia vir fazer os cursos de Libras, (...) **00:03:00 - 00:03:59** - porque eu tinha um irmão PCD (Pessoa com Deficiência). Ela não tinha tempo para conversar com o filho surdo. Ela pediu para a minha irmã vir fazer o curso de Libras. Então eu pude começar a interagir com a minha família. - Alguém falou para ela que existia uma escola especial para pessoas surdas, a escola Alfredo Dub, e ela veio fazer a minha inscrição, simples. - Com cinco ou seis anos, eu estava na pré-escola. **JF - A partir daí a comunicação entre vocês melhorou?** - Sim. claro. **<u>SER LGBTI+</u>:** **00:05:00 - 00:05:59** - Eu ainda estudava na escola Alfredo Dub, tinha entre oito ou dez anos, e percebi que estava me sentindo atraído por homens e não tinha interesse em mulheres. Eu guardei este segredo, eu não conseguia contar para a minha família. Eu colocava sempre no meu Facebook que eu estava triste. **00:06:00 - 00:06:59** - Até que um dia, a minha irmã veio me perguntar por que eu estava muito triste, que ela via o meu Facebook, aqui eu já estava com 15 ou 16 anos. Foi um golpe no meu coração, eu não consegui falar para ela, mas ela disse: “a mana já sabe que tu gostas de meninos”. Eu me assustei. - Ela me disse isso porque uma prima falou que achava que eu gostava de homens. A minha irmã foi me perguntar, para ter certeza. A minha prima percebeu por que um dia ela me pediu para apontar qual mulher eu achava mais bonita (...)	NÃO TEVE FAMILIA FLUENTE EM LIBRAS, NÃO INTERAGIA. PORÉM TEVE A IRMÃ FAZENDO CURSO DE LIBRAS MÃE TINHA FILHO DEFICIENTE NÃO PODIA FAZER CURSO NÃO CITA MUITO O PAI JÁ NA ESCOLA SENTE ATRAÇÃO POR HOMENS – 8 OU 10 ANOS DE IDADE. NÃO CONTOU PARA FAMILIA USAVA O FACEBOOK PARA DEMONSTRAR SEUS SENTIMENTOS A IRMÃ PERCEBER ESSA TRISTEZA

		00:07:00 - 00:07:59 - (...) e eu sinalizei assim (configuração em B com dedos afastados com o movimento parecido com o sinal de “não sei”, expressão “revirando os olhos”). Ela achou estranho aquilo e contou para a minha irmã. Esta conversou comigo, disse que eu não precisava preocupar-me e tal… Eu comecei a chorar, feliz. Ela disse que eu precisava contar para nossos pais. Eu tinha medo de ser expulso de casa, mas fui. Ela aceitou interpretar a nossa conversa, ela não era muito fluente em Libras, mas conseguia usar algumas estratégias. Fomos conversar com eles para eu contar. Eu falei: “Oi mãe e pai. Desculpa por eu sempre ficar postando que estou triste - porque entre nove ou dez anos, eles falavam que eu seria namoradinho da minha vizinha e outras coisas, (...) **00:08:00 - 00:08:59** - (...) desculpa, mas eu gosto mais de homens, eu sou gay. Minha mãe começou a chorar muito”. Meu pai ficou feliz, porque percebia que era isso que me deixava sempre “pra baixo”. Eu disse ainda que eles poderiam me expulsar de casa, que eu iria morar em outro lugar. Minha mãe disse que não precisava fazer isso, que era para eu ficar em casa, mas eu percebi que ela não tinha aceitado 100% ainda. Passou uma semana chorando por eu ser gay. Ela estava em 40% de aceitação. O meu pai disse que eu tinha o direito de ser feliz, que eu era livre. Depois de uns dias, meus pais me chamaram para irmos visitar uns tios meus, para passear, tomar chimarrão. **00:09:00 - 00:09:59** - Nesse encontro a minha mãe contou para a família que eu tinha me assumido. Meus tios disseram que não era para nos preocuparmos, porque eles me amavam, sabiam que eu era uma boa pessoa, é carinhoso. A aceitação da minha mãe foi melhorando conforme ela interagia com meus tios, eles influenciaram muito nisso. Hoje ela entende	MEDO DE SER EXPULSO DE CASA PAI APARECE POUCO NA FALA PAI FICA FELIZ DIZ QUE ELE TEM DIREITO DE SER FELIZ – LIVRE ATÉ 16, 17 ANOS FOI SOFRIMENTO TINHA A RELIGIÃO TAMBÉM

		que sou gay. Mesmo assim, ela me pede netos, mas eu não quero isso, entendes? Eu só quero ser feliz. **00:10:00 - 00:10:59** - Pois é, mas não é fácil. Eu guardei esse segredo dos nove até os 16 ou 17 anos. Foi um sofrimento. - Antes as pessoas eram muito fechadas, tinha a questão da religião também.	
	Guilherme Domingues 16/01/2023	**<u>SER SURDO</u>:** **00:03:00 - 00:03:59** - Sim, eu nasci surdo. - Na verdade, assim que eu nasci, a minha mãe percebeu que quando usava da oralidade para falar comigo eu não esboçava reação nenhuma. Isso acontecia porque eu não entendia. **00:04:00 - 00:04:59** - Nada. É um silêncio. E quando eu era um bebê eu só olhava, mas não entendia nada. Depois de algum tempo, eu comecei a perceber que meus pais, minha irmã e a minha tia conversavam mexendo a boca, oralizando, e eu estranhava aquele costume. - Com uns seis anos eu comecei a perceber. - Seis anos. Foi então que descobrimos que haveria um grupo de surdos aqui na Escola Alfredo Dub. - Sim, a minha mãe começou a perguntar e fomos trazidos aqui na escola. - os indicaram o professor Luís. Minha mãe perguntou para algumas pessoas ouvintes sobre algum lugar em que pudéssemos receber orientações sobre o assunto da surdez, que pudessem nos ajudar. **00:05:00 - 00:05:59** - Uma amiga nos trouxe aqui, somos agradecidos a ela. Quando chegamos, não sabíamos com quem falar, como fazer, foi difícil. Procuramos um professor para conversarmos, alguém da comunidade surda, encontramos o professor Luís, um professor surdo. Ele disse	MÃE PERCEBE FILHO SURDO QUANDO BEBÊ SÓ OLHAVA SEM REAÇÃO PERCEBEU PAIS E IRMÃ MEXER BOCA AOS 6 ANOS COMEÇOU ENTENDER QUE ERA SURDO FOI INDICADO PARA CONVERSAR COM UM PROFESSOR SURDO NA ESCOLA ESCOLA COMO IDENTIDADE SURDA, CONHECIMENTO E APROPRIAÇÃO DA COMUNICAÇÃO – LIBRAS MÃE ACOMPANHA FILHO NA ESCOLA –

		para nos acalmarmos, a minha mãe estava muito nervosa, por descobrir que eu era surdo. Depois nós entramos na escola e eu vi alguns surdos conversando em Língua de Sinais. Eu fiquei muito admirado, era algo muito diferente para mim. Eu ainda não sabia nada de Sinais, mas eu tentava aprender. O professor Luís ensinava para a minha mãe e para mim. Com o passar do tempo eu pude começar a me comunicar com os outros surdos e aprender mais e mais. **00:06:00 - 00:06:59** - Eu então aprendi Libras e me adaptei à escola. - A minha família não sabia Libras. Precisava que a minha mãe aprendesse aqui na escola e levasse os ensinamentos para casa. - Sim, ela começou a aprender Libras. Tu lembras que ela era muito nervosa por ter um filho surdo e não saber sinalizar? - Primeiro foi a minha mãe, depois a minha irmã aprendeu um pouco também. - Sim, é mais velha, ela tem 29 anos. - Eu estou com 22 (...) **00:07:00 - 00:07:59** - Sim, eu estava na pré-escola. No início era difícil para mim, para pegar os sinais. Começaram com sinais básicos de cumprimentos, o alfabeto para dizermos o nome, os números para a idade, e assim em diante. Eu fui aprendendo e aguçando a minha percepção visual, perguntando o significado das palavras, por exemplo, B-O-L-A, e me faziam o sinal. Percebi também que tinham as palavras parecidas e perguntava, por exemplo, se era o mesmo sinal para B-O-L-O, e me passavam o sinal correto, que era diferente. **00:08:00 - 00:08:59** - Sim, eu entendia essa diferença e podia escrever frases em português, claro que também fazia pesquisas no google para me ajudar a escrever. E assim eu	OS DOIS APRENDEM SINAIS JUNTOS ELE COMEÇA A SE COMUNICAR E SER FLUENTE EM LIBRAS MÃE LEVA LIBRAS PARA CASA – ENSINA E INCENTIVA FILHA APRENDER PAI NÃO É MUITO CITADO NA APRENDIZAGEM DA LIBRAS CITA A TECNOLOGIA – GOOGLE ONDE PESQUISA COMO ESCREVER AS PALAVRAS EM PORTUGUÊS MÃE É O ELO ENTRE ESCOLA E FAMILIA – POIS ELA FICA NA ESCOLA O DIA TODO DESCOBRE A SURDEZ E O SIGNIFICADO – TENTA EXPLICAR ISSO EM CASA, PRINCIPALMENTE, PARA A FILHA.

		fui aprendendo e me desenvolvendo. Continuo aprendendo sempre a Libras, porque sempre tem sinais novos. - Sim a minha mãe chegava em casa e explicava muitas coisas para a minha irmã. Até mesmo sobre a certeza de eu ser surdo, que ela ainda não acreditava. **00:09:00 - 00:09:59** - Minha mãe confirmava para ela que eu era surdo, sem sombra de dúvidas. Ela começou, então, a entender. Ela percebeu que precisava aprender Libras também e minha mãe começou a ensiná-la. Elas conversavam muito e treinavam. Elas vinham até mim para perguntar alguns sinais, às vezes, eu mostrava como eram. Nós três trocávamos muito. A minha irmã tinha o costume de escrever as palavras que ela não sabia os sinais e eu ajudava. Por exemplo, o sinal de “menina” e “menino”. Marcamos bem o gênero para aprender a Libras, no caso dela, e o português, no meu caso. **00:12:00 - 00:12:59** - Eu vinha para a escola e, no contato com os outros surdos, eu ia percebendo que eu também era surdo. Eu refletia bastante, ficava pensando que eu deveria aceitar a minha identidade surda, (...) **00:13:00 - 00:13:59** - (...) que eu precisava aprender Libras. - Eu era bem pequeno, entre seis e oito anos. Eu via os ouvintes mexendo as bocas e não entendia o que eles estavam falando e via os surdos usando Libras. - Sim, eu comparava as pessoas e comecei a entender que quando os ouvintes mexiam as bocas, saía a voz deles e que os surdos usavam a Língua de Sinais, que para conseguirem oralizar precisariam praticar, com médicos e tudo mais. - Eu achava legal entender essa diferença.	MÃE E FILHA PRATICAM LIBRAS EM CASA PERGUNTAM DÚVIDAS DE SINAIS PARA O FILHO APRENDIAM OS TRÊS JUNTOS LIBRAS/PORTUGUÊS AOS POUCOS VAI CONSTRUINDO SUA IDENTIDADE SURDA E RECONHECER LIBRAS COMO SUA LÍNGUA

		<u>SER LGBTI+</u>: **00:17:00 - 00:17:59** - Na verdade, desde pequeno eu sentia algo diferente em mim. Eu experimentei ficar com meninas, mas não gostei. Vi um menino diferente, achei ele bonito. Quando cheguei em casa, eu estava nervoso, fiquei pensando naquele sentimento. Algumas pessoas já me ofendiam, me colocavam apelidos, me provocavam. - Falavam que eu "quebrava a mão", que eu parecia uma menina. **JF - Te chamavam de "veado" também?** - Sim, chamavam. **JF - Tu sabias o que isso significava "veado"?** - Ah, é gay, afeminado. **00:19:00 - 00:19:59** - Isso. Então, eu comecei a perceber que, sim, eu achava os meninos mais bonitos, e eu gostava disso. - Eu percebi que eu era gay, mas eu ainda me escondia. **JF - Ah, mantivesse escondido. Nem para a tua amiga tu falaste?** - Ela sabia, mas combinamos de não contar para ninguém, porque eu tinha medo. - Sim, estávamos sempre juntos. Eu confiava nela. Mas eu me sentia sempre mal quando chegava em casa. **00:20:00 - 00:20:59** - Sim, eu tinha alguns amigos e eles me provocavam, sim. - Sim, era chato, me incomodava. - Não, a minha família não sabia de nada. Um dia a minha mãe viu um menino surdo me provocando. Ela foi até ele e perguntou sobre o sinal que ele estava usando para me provocar ("quebrando a mão").	DESDE PEQUENO SENTE ALGO DIFERENTE VIU MENINO ACHO BONITO FICOU NERVOSO COM ESSE SENTIMENTO – ERA SURDO, NÃO TINHA INFORMAÇÃO NENHUMA ERA OFENDIDO – "QUEBRAVA A MÃO" – EM SINAIS A ESCOLA ENTRA COMO APOIO/SALVAÇÃO DAS AFLIÇÕES, MESMO SENDO UM LUGAR DE BULLYING ENCONTRA UMA AMIGA QUE CONSEGUEM DIVIDIR SUAS ANGÚSTIAS, SEGREDOS – COMBINAM NÃO CONTAR PARA NINGUEM – ESCOLA

		- Sim, ela viu acontecer aqui dentro da escola, quando um amigo surdo estava me provocando. **00:21:00 - 00:21:59** - Ele falava que eu “quebrava a mão”, que a minha roupa era feia, que era simples, que ele era mais bonito, essas coisas. Quando a minha mãe viu, foi até ele e perguntou o que ele estava dizendo para mim, que ele tinha que ter respeito pelas pessoas, que o que ele estava fazendo era falta de respeito, falta de educação. - Minha mãe estava muito brava com aquele colega. Ela perguntou para ele se ele sabia que significava aquele sinal que ele estava usando para me provocar. - Chamou, vieram as duas conversar com o grupo de surdos que estavam me provocando. A diretora disse que uma mãe disse para ela que estaria acontecendo alguma coisa com o filho dela. Na verdade, a diretora foi falar com este grupo de colegas por causa do bullying que eu estaria sofrendo, (...) **00:22:00 - 00:22:59** – (...) mas a minha mãe a procurou para perguntar o significado do sinal que eles usaram (“quebrando a mão”). A diretora explicou pra ela que significava ser gay, afeminado. A minha mãe ficou surpresa. - Sim, a minha mãe descobriu conversando com a diretora. Ela ficou muito nervosa, agitada, preocupada, amedrontada…. Ela pensou, inclusive, que os surdos poderiam querer me matar, que eles matariam o filho dela. A diretora a acalmou. - Não lembro exatamente. Mais ou menos uns dez, onze anos. - Isso foi bem no início, quando eu comecei a me sentir diferente e a sofrer bullying na escola, mas eu tentei esconder por muito tempo. **00:23:00 - 00:23:59** - A minha mãe descobriu sozinha, ela sabia que eu era gay, mas eu ainda mantinha esse assunto em segredo. Eu tinha até medo quando a minha mãe vinha fazer perguntas.	LUGAR IMPORTANTE NÃO APENAS PARA A LÍNGUA – MESMO TENDO BULLYING MÃE VE MEXEREM COM O FILHOS E FAZENDO SINAL QUABRANDO A MÃO NÃO SABE O QUE SIGNIFICA SINAL FICA PREOCUPADA E TENSA DIRETORA É CHAMADA MÃE PROCURA DIRETORA PEDE REUNIÃO DIREÇÃO FALA O SIGNIFICADO DO SINAL MÃE SURPRESA MÃE DESCOBRE CONVERSANDO COM DIRETORA MÃE JÁ DESCONFIAVA MÃE PERGUNTA PARA FILHAO SE GOSTAVA DE HOMENS FILHO SE ASSUME NA REUNIÃO –

		JF - Tu tinhas medo também? Quando a tua mãe viu toda aquela cena? - Sim, senti medo, porque quando ela enfrentou ele, ela iria descobrir. Ela me perguntou se eu já tinha certeza sobre gostar de homens. - Sim, ela me perguntou, quando estávamos com a diretora, em reunião. - Eu disse: eu gosto de meninos. Ela ficou muito assustada. Eu tive coragem de responder para ela que gostava de homens. E que estava certo disso. Eu me assumi naquele momento. Ela ainda perguntou se era verdade, se eu estava certo disso. Eu disse que sim, que preferiria ficar com homens e que gostava de um. Disse que não gostava de meninas (...) **00:24:00 - 00:24:59** - (...) que eu preferia homens. Ela ainda perguntava como ela não tinha percebido, no meu jeito. Minha mãe pediu ajuda da diretora para conversar comigo. A diretora ainda perguntou para ela se ela aceitava o filho gay. A minha mãe estava muito nervosa pensando no marido dela, meu pai, que ele ficaria muito bravo. Ela pensou um pouco e disse que seria melhor manter isso em segredo por um tempo. Ela sabia que eu era gay, mas ficaria quieta.	ESCOLA SEMPRE PRESENTE MÃE PREOCUPADA COM O ESPOSO O QUE IRIA PENSAR, RESOLVOU MANTER EM SEGREDO POR ALGUM TEMPO
	Nícolas Brahm 25/01/2023	**<u>SER SURDO</u>:** **00:01:00 - 00:01:59: JF - Tem outros surdos na família? legal.** - Sim, acreditamos que nasci surdo por isso. Eu comecei a frequentar a escola Alfredo Dub com um ano e meio, onde aprendi a me comunicar em Libras. Em casa eu usava da oralidade. Dessa forma, eu cresci bilíngue. Com seis meses de idade, eu comecei a usar aparelho auditivo, na verdade.	

		00:03:00 - 00:03:59 - JF - Quando tu percebeste que eras surdo? Com que idade mais ou menos? - Na verdade, eu nunca tive este momento de percepção, para mim sempre foi natural a minha surdez. Eu nunca pensei sobre isso. - Eu via, sim, mas não achava estranho, até porque eu usava o aparelho auditivo e conseguia ouvir o que eles estavam dizendo. - Com o aparelho, sim. Desde os seis meses eu usava, mas eu percebi que eu precisava estar frente a frente com a pessoa para compreendê-la, (...) **00:04:00 - 00:04:59** - (...) outros diálogos que não estivessem na minha frente eu não entendia. Eu só percebi que eu era diferente porque as pessoas precisavam estar nesta posição para eu conversar com elas. Eu usava Libras, mas eu não tive esse marco de perceber “Ah, eu sou surdo”. Entendo que, para mim, foi natural. Não ficava pensando o motivo de eu ser diferente, já que eu estava aqui na escola desde tão cedo, conhecia tantos outros surdos. Se eu tivesse vindo para cá com uma idade mais avançada talvez eu passasse por essa fase de me sentir sozinho, isolado e depois encontrar outros surdos, mas eu já estava aqui desde um ano e meio, isso me fez entender naturalmente a minha surdez. Eu nunca pensei que seria o único diferente, eu convivia com outros surdos, minha família convivia com os demais surdos. Dessa forma eu nunca me senti sozinho, eu só construí essa separação entre mundo ouvinte e mundo surdo. Claro que eu já me senti excluído em algumas situações, por exemplo, na minha primeira casa, onde tinham algumas crianças na vizinhança que não queriam brincar comigo porque eu era surdo. Tudo bem, eu brincava com a minha irmã e minha prima.	

		00:06:00 - 00:06:59 - JF - A escola, então, foi importante na tua vida, porque te ajudou a perceber outros surdos, construir a tua identidade surda? - Sou grato ao fato de que quando eu cheguei aqui já usavam a Libras, diferente de antes da época em que eu entrei. Eu já podia ser livre para sinalizar, graças aos surdos que me antecederam na escola, que sofreram com a oralização, que conquistaram o direito de nós usarmos a língua de sinais. J**F - A tua família queria aprender Libras, ou não? Existia alguma dificuldade na comunicação? Com teus pais ou com a tua irmã, não sei. Na escola Alfredo Dub tu tinhas encontrado a tua identidade surda, e na tua família existia alguma barreira na comunicação? Ou tua mãe queria fazer curso de Libras? Qual a tua percepção sobre isso?** - Na verdade, quando eu (...) **00:07:00 - 00:07:59** - (...) vim estudar aqui, com um ano e meio, a minha mãe vinha aprender Libras junto comigo. - Em casa, ela ensinava a minha irmã, um ano mais velha que eu. Elas aprenderam junto comigo. Quando eu fui para a pré-escola, essa irmã estava sempre aqui, junto comigo, porque não tinha com quem ficar em casa, o meu pai estava trabalhando pela manhã. A professora a deixava participar da nossa aula, ela fazia o pré com os surdos, conseguia conversar comigo e com meus colegas, porque ela aprendia Libras junto. Quando ela entrou na primeira série, apesar de ela querer ficar aqui onde tinha amigos, passou a frequentar a escola de ouvinte porque ela é ouvinte, (...) **00:08:00 - 00:08:59** - (...) foi o que minha mãe teve que explicar. Ela ficou triste, mas foi para outra escola. - Sim, ela ficou muito triste porque fez melhores amigos aqui, na escola de surdos, ela queria continuar aqui. Mas aos sete anos ela teve que sair, as amizades se desfizeram, ela fez	

		amigos ouvintes. Depois outra irmã minha começou a vir e aprender Libras, às vezes com a professora, às vezes com a minha mãe. Elas sempre aproveitavam para adquirir mais conhecimento. Minha irmã mais nova aprendia fácil porque na minha casa já usávamos um pouco de Libras, ela até gostava de auxiliar a professora na aula, a ensinar Libras no curso de mães. Ela fica observando (...) **00:09:00 - 00:09:59** - (...) e intervinha quando achava que algum sinal estava errado. A professora deixava ela ajudar. Essa minha irmã mais nova não entrava muito na sala de aula, ficava mais na sala das mães e tinham algumas crianças surdas que iam lá. Não tinham crianças da idade dela lá, então as professoras deixavam ela entrar nos cursos para não ficar sozinha esperando. Diferente da minha primeira irmã que regulava de idade com mais umas cinco crianças, então ficavam brincando no pátio. Essa irmã mais nova também participou aqui da escola até precisar ir para a primeira série, na escola de ouvintes. Elas aprenderam Libras naturalmente, para a comunicação. Apenas o meu pai não aprendeu. - Na verdade, meu pai diz que eu nunca chamo ele para ensinar Libras. Mas ele precisa ter interesse em aprender. **JF - Ele conversa contigo usando a oralidade?** - Sim, oralmente. **00:10:00 - 00:10:59** - Meu pai sabe poucos sinais, mãe, avó, não conseguimos ter uma conversa em Libras. **JF - Tu ficas triste com isso?** - Eu estou acostumado com ele, mas eu gostaria que ele soubesse Libras, porque ele também não tem paciência para olhar para mim quando está falando. Se eu não entendo e peço para repetir ele se irrita e pede para chamar alguém da família para me explicar. Se o meu pai não tem paciência, ele precisa aprender Libras.	

		JF - mas tu ficas triste com essa situação? - Eu queria muito… **JF - Tu achas que falta interesse dele de se aproximar do filho?** - Sim, porque eu sei quem é o meu pai, mas não conheço ele de verdade, o que ele pensa sobre diversas coisas, saber sobre as experiências de vida dele, sobre quem ele é. **00:11:00 - 00:11:59** - Eu não quero saber por outras pessoas ou com interpretação. Quero ter esse contato direto com ele, sentar para conversar com ele. Nunca tivemos esse momento, apenas informações simples do dia a dia. Nunca conversamos sobre a vida, eu não sei exatamente quem é o meu pai, mas, infelizmente, eu não posso obrigá-lo a aprender Libras, ele precisa ter esse interesse. Se eu obrigá-lo, ele não vai aprender, é necessário ter vontade de aprender. A minha mãe e minhas duas irmãs aprenderam, a minha terceira irmã está aprendendo. Mas o meu pai ainda não. Eu provoco ele, mostrando que todas elas sabem e ele não, ele diz que elas aceitaram quando eu chamei, porém eu enfatizo que elas se esforçaram e foram atrás. E pergunto novamente quando ele vai fazer isso, ele alega que precisa trabalhar, que não tem tempo, eu argumento que a mãe também trabalha. **00:12:00 - 00:12:59** - Eu não sei se ele é mas “durão” ou não tem interesse mesmo. Eu espero que um dia meu pai comece a perceber a falta que a Libras faz e se esforce para aprender e poder conversar comigo. às vezes eu fico triste quando percebo ele conversando com todos, menos comigo. Eu queria saber como é ter essa relação com ele. Mas assim como eu não o conheço, ele não me conhece internamente, apenas o meu exterior. Sabe que sou um homem trans, que sou surdo, o que estou estudando, isso ele sabe, mas ele não	

		sabe as minhas opiniões sobre as coisas, como eu sou, o que eu penso, entendes? **00:13:00 - 00:13:59** - Acredito que para a maioria dos pais é mais difícil manter uma relação próxima com os filhos. Percebo que apenas alguns pais conseguem. Agora imagina quando o filho é surdo, isso piora. Agora eu que vou te fazer uma pergunta, quantos pais de surdos tu já viste que sabem Libras? - Quantas vezes tu viste um pai querer participar do Curso de Libras? **00:14:00 - 00:14:59** - Não só a família mais próxima, mãe, pai e irmãos, mas algumas outras pessoas saberem Libras como avós e alguns tios, é importante. Às vezes eu ia em festas da família e precisava ficar perguntando o que estavam falando. Minha mãe e irmãs estavam sempre interpretando para mim. Se outros familiares soubessem Libras, eles poderiam me incluir nas conversas também. Eles utilizam apenas frases simples comigo na oralidade. Se eu preciso esforçar-me para compreendê-los, porque eles não se esforçam para conversar em Libras comigo também? Parece que eu sempre tenho que estar me dedicando, mas eles não. Quando eu era criança, eu ia para os eventos da família e pensava apenas em brincar com meus primos enquanto eles faziam churrascos e tudo mais. Mas depois eu cresci, fiquei adolescente e percebi (...) **00:15:00 - 00:15:59** - (...) que diminuíram as brincadeiras, era uma outra etapa da vida. Eles começaram a conversar mais entre si e eu fui ficando de fora. O que era legal estava ficando chato de estar junto. Os tios, também, perguntavam da escola, de namoro, e era isso, não tinham outros assuntos comigo. - Só perguntavam se eu estava bem, se estava namorando, trabalhando e só.	

		- Isso, ou tinham momentos em que todos estavam rindo e eu queria saber o motivo. Minha irmã pedia licença e me contava o que tinha acontecido. Mas eu era sempre o último a saber, se fosse uma piada, eu não conseguia acompanhar, porque ficava sabendo depois. E a minha irmã até pedia desculpas, porque ela não conseguia interpretar tudo o que acontecia. **00:16:00 - 00:16:59** - Porque eram vários falando ao mesmo tempo. - Exatamente, eu me sentia excluído por causa da falta de comunicação. Às vezes eu chegava nos lugares e já me perguntavam se eu queria ver alguma coisa na televisão. Eu pensava: “Se eu quisesse ver TV, eu tinha ficado em casa!” **JF - Então, estás me falando que nesse período da adolescência tu tinhas outros interesses e assuntos que se falava na tua família, entre os ouvintes. Tinhas questionamentos para teus pais, de foro íntimo, principalmente. Mas a tua comunicação, muitas vezes era só o trivial, cumprimentos e perguntas simples. Mas, naquela fase, tu já tinhas interesse em outros assuntos, (...)** **00:17:00 - 00:17:59** - A única pessoa da família que eu conseguia conversar era a minha irmã. Com a minha mãe também, mesmo que não com profundidade, mas conseguia conversar. Mesmo assim, eu nunca fiquei falando sobre quem eu namorava ou transava para a minha mãe. Outros assuntos mais simples, eu conversava. Com as minhas irmãs eu conseguia falar sobre mais assuntos. - Na verdade, a minha mãe me explicou muitas coisas, (...) **00:18:00 - 00:18:59** - (...) me orientava sobre o uso de preservativos, caso eu resolvesse fazer sexo, sobre proteção e tudo mais. O meu pai não, o que me deixava um pouco triste. Assuntos mais gerais.	

		- A verdade é que a maioria das mães e pais têm vergonha de tocar nesse assunto com seus filhos, não é um privilégio surdo, isso é geral. - Verdade, mas a maioria dos pais têm vergonha e alguns acham que a escola que precisa ensinar esse tipo de coisa. Por isso as escolas promovem tantas palestras. **SER LGBTI+:** **00:26:00 - 00:26:59** - Primeiro começou dentro de casa. Aos dois ou três anos eu já usava roupas masculinas. **00:27:00 - 00:27:59** - Eu não gostava das roupas femininas que eu ganhava, recusava-me a usá-las. Quando íamos às lojas para comprar roupas, eu pedia roupas para meninos. A minha mãe dizia que eu tinha que escolher as do outro lado, que tinham roupas para meninas. Discutíamos, ela dizendo que tinham que ser femininas e eu querendo as masculinas. Ela tentava, mas eu começava a chorar, gritar, até a minha mãe aceitar e comprar as roupas masculinas para mim. Ela não gostava que as pessoas ficassem olhando para nós e comprava. Então eu sempre usava esse tipo de roupa. Eu era pequeno e minha mãe pensava que era apenas uma fase, achava estranho, mas se eu estivesse me sentindo confortável, estava bom. Eu fui crescendo e não mudei de pensamento, mas o meu pai quis obrigar-me a vestir roupas femininas. Eu não aceitava, chorava, meu pai me forçava dizendo que eu era menina e tinha que usar aquelas roupas. Eu não sabia (...) **00:28:00 - 00:28:59** - (...) porque todos diziam que eu era menina, eu já não me via assim. Parecia que todos estavam me forçando a virar mulher, sabes? Mas, para mim, eu não era. Eu não entendia essa imposição. Eu era menina? Mas eu	

		não me via como menina, eu não percebia o que isso significava, só sentia. Não entendia por que as pessoas não deixavam ser quem eu tinha escolhido ser. Não me respeitavam. Era assim que eu me sentia e aquilo me angustiava, eu percebia essa imposição. A minha sorte era que o meu avô sempre me defendia. Quando meu pai tentava me obrigar na questão das roupas, ele dizia para me deixar livre, que eu era feliz do meu jeito. Poxa, o meu avô, um homem mais velho! Ele podia ser mais fechado, mas não, era o contrário. Ele já sabia, ele dizia para me deixarem ser feliz, que aquilo estava me deixando triste. **00:29:00 - 00:29:59** - Aí o meu pai ficava quieto. Esse avô era sogro dele, mas ocupava uma posição de chefe da família, meu pai o respeitava muito. Se o meu avô não interviesse, meu pai teria continuado tentando me forçar. Por isso, quando meu avô estava perto eu ia para junto dele. Com o tempo, meu pai percebeu que não adiantava tentar “me consertar” e aceitou. A minha mãe não tentava tanto, só quando meu pai mandava ela tentar. Ela dizia que não adiantava e ele tinha que aceitar. Eles resolveram esperar eu crescer para ver se mudava. Sou grato ao meu avô que sempre me defendeu. Eu amava minhas festas de aniversário, (...) **00:30:00 - 00:30:59** - (....) só pelas festas mesmo, porque as pessoas sempre erravam a maioria dos presentes. Eu odiava isso. Parecia que eles não sabiam… - Isso. Eu gostava de receber os presentes, mas era difícil alguém acertar. Eu pensava: “eles não estão vendo como eu sou, como eu me visto?”. Aquilo me dava ódio! Quando eu recebia os presentes, agradecia, mas já sabia o que vinha… ainda perguntavam se eu tinha gostado e eu dizia que não, largava em um canto e ia encontrar meus amigos. A pessoa ficava sem entender o motivo de eu ter dito não daquele jeito.	

		Eu tentava usar do cinismo a maioria das vezes, mas eu queria olhar para algumas pessoas e dizer o não para que da próxima vez a pessoa aprendesse. Tinha uns que eu chamava a minha irmã mais velha e dava aquele presente para ela na frente do convidado, ele ficava sem reação. **00:31:00 - 00:31:59** - Quando a minha mãe ficava sabendo, ela brigava comigo, dizia que aquele comportamento era feio. Eu respondia dizendo que “feio era eles não pensarem em mim, no que eu gosto, quando comprassem um presente”. Ela entendia, mas me aconselhava que se isso acontecesse novamente no próximo aniversário era para eu aceitar, agradecer, guardar que em outro dia iríamos na loja e trocaremos aquele presente por algo que eu gostasse. Eu tinha que ficar fingindo, segundo minha mãe, porque se não fizesse isso ela não iria trocar e iria me obrigar a usar. No ano seguinte eu não ficava esperando a pergunta “gostasse?”, só aceitava, agradecia, guardava e saía. Eu não queria ser cínico. Eu fugia mesmo. E no outro dia íamos trocar os presentes. O meu avô foi o primeiro que “me” percebeu, ele já sabia sobre mim. **00:32:00 - 00:32:59** - Nos meus aniversários, dava o dinheiro para minha tia e pedia para comprar o meu presente. Uma vez ela chegou e entregou para ele, quando viu aquilo perguntou se ela tinha certeza que eu usaria. Falou para ela ir na loja e trocar por algo que gostasse. Ela foi, trocou e ele disse: “agora, sim!”. Ele me entregou o presente, eu fiz uma festa, fiquei muito feliz. Desde então as outras pessoas começaram a perceber e imitá-lo. Foi um alívio, eles tinham aprendido que tipo de presente eu gostava. Claro que não foram todos de uma vez só, mas a maioria acertava, alguns eu ainda tinha que trocar, mas eram poucos. Alguns me davam dinheiro para eu	

		comprar o que eu quisesse. Atualmente, todos já sabem do que eu gosto, já se adaptaram a isso. **00:34:00 - 00:34:59** - Na verdade eu não “me” achava estranho. Eu estranhava essa obrigatoriedade que vinha das outras pessoas. Quando me diziam: “Tu és uma menina”. Eu não entendi porque eu era obrigada a ser uma menina como eles queriam. Eu sentia que não era aquela menina, mas não sabia nada sobre LGBTQIA+. Só ficava observando. isso era há muito tempo. **00:35:00 - 00:35:59** - As minhas irmãs, assim como eu, não tinham informações sobre isso também. Não sei quanto aos meus pais, mas nós, acho que nunca tínhamos visto uma pessoa LGBTQIA+. Nós éramos pobres, não tínhamos internet e não tinha legenda na televisão. Nunca tocamos no assunto LGBTQIA+ em casa. Minha irmã e eu tínhamos quase um ano de diferença, só, então não falávamos sobre isso também. **00:40:00 - 00:40:59** - (...) mais tarde que eu comecei a perceber mulheres que namoram mulheres, homens que namoravam homens. Eu ainda não conhecia os termos, só tinha visto essas pessoas. O significado das palavras, da bandeira LGBTQIA+ e que ela representa uma diversidade de pessoas eu não sabia.	
	Lauren Farias 02/02/2023	**<u>SER SURDA</u>:** **00:04:00 - 00:04:59** - Eu já frequentava escolas quando nos mudamos, mas o corpo de uma criança sente a mudança. Eu estava com Meningite, mas o que agravou o caso foi que uma enfermeira errou na administração dos remédios, e por isso eu perdi a audição, mas só isso.	

		- Sim, me comunicava oralmente, não sabia Libras,.. Nessa época em que perdi a audição, eu não sabia quem eu era, não sabia o que significava ser surda. **00:05:00 - 00:05:59** - A minha mãe veio falar comigo e eu fiquei assustada, porque estava acostumada a ouvir. Ela falou e eu não ouvi nada. Eu fiquei angustiada, com medo, porque eu não sabia como iria me comunicar. Uma criança de cinco anos não sabe sobre Libras, sobre outras formas de comunicação. - Chorei… Eu senti uma falta, sabe… Chorava, porque eu sou muito sensível. Eu acredito que, a partir desse momento, foi muito difícil para a minha mãe. Eu não sei como foi, para ela, lidar com uma notícia dessas sobre a própria filha, seria diferente, em relação à sociedade também. **00:06:00 - 00:06:59** - Eu demorei para me aceitar, construir a minha identidade surda, me ver como pessoa surda, tenho uma língua que é Libras. Isso demorou um tempo. Depois que perdi a audição, eu voltei para a escola regular que eu frequentava, no pré, estava quase no final do ano. Nessa escola, na formatura do pré, tinha uma apresentação de teatro, mas foi bem difícil, porque a escola não conseguiu um microfone. Para eu entender, precisaram a minha tia e minha mãe, nenhuma sabia língua de sinais, ficarem fazendo gestos durante a execução da peça teatral. Eu consegui, mas não foi legal. - Sim, eu já oralizava e comecei um tratamento com uma pediatra, (...) **00:07:00 - 00:07:59** - (...) ela fazia um treinamento fonoaudiológico, mas ela não era fonoaudióloga tradicional. Era um processo de capacitação para acompanhar as letras… - Eu usei aparelho auditivo, mas não me adaptei, não me senti bem.	

		- Com este treinamento eu consegui desenvolver a escrita e a leitura. Demorou três anos, mas eu consegui melhorar. - Isso, consegui melhorar dentro do processo de oralização. Tinham alguns sons difíceis para mim, por exemplo, a palavra “cha”, “lha”. Eu precisava treinar estes sons. Para os ouvintes é natural, eles acostumam-se com estes sons, mas para os surdos é bem diferente. Eu consegui superar isso, a minha mãe ficou muito feliz. **00:08:00 - 00:08:59** - Os meus pais não sabiam Libras, né. - Da primeira à quarta série eu estudei em uma escola inclusiva, com sala de recursos para surdos. Fiquei três anos no pré, me formei. Depois eu fui para uma escola com sala de recursos para surdos. Posso falar o nome da escola. - Isso. Tinham muito surdos. O nome da escola era Ondina Cunha. - Tinha uma professora que sabia Libras. - Essa professora foi uma referência para mim. **00:09:00 - 00:09:59** - Tinham vários surdos, diferentes entre si. Era uma turma grande. Tinham comunicação em língua de sinais. Eu não entendia nada, eu ainda não sabia a língua. - Eu não tinha noção, pensava que eles ficavam fazendo mímica. Não entendia que era uma língua, que tinha significado ali. A professora começou a explicar o que significava a palavra “surdo”, mas sem a obrigação de eu ter identidade surda, não era isso. Ela usava estratégias para que eu percebesse isso. **00:10:00 - 00:10:59** - Essa professora foi uma referência para mim, porque me ajudou muito, principalmente na área da língua portuguesa. Ela incentivava a leitura, eu lia muito para conseguir responder às questões, escrevia bem e era aprovada por nota. Mas não acontecia o mesmo com os outros surdos. Alguns tinham dificuldades diferentes das minhas.	

		Mas essa professora foi uma referência para mim. Com o tempo eu comecei a perceber a naturalidade com que os surdos conversavam em língua de sinais. Eu sempre usei da oralidade, e isso fazia com que eles não me entendessem. A professora até tentou me ensinar o alfabeto manual, mas eu demorei para entender a lógica da Libras, mais ou menos uns seis meses, entender que era a língua dos surdos, era como eles se comunicavam. Mas foi só isso, eu não me aprofundei nessa questão. **00:11:00 - 00:11:59** - Eu estava tentando entender a minha identidade surda. - Era como se eu desse um passo atrás para entender melhor o que estava acontecendo. Tinha um surdo que me falava, sempre: “Tu és surda!”. Eu negava, eu não tinha nem sinal-nome, não tinha identidade nessa época. - Nada. Eles tinham sinais-nome e eu não. Eu passei quatro anos assim. Quando eu estava no quarto ano, os surdos foram embora para a escola Alfredo Dub, a qual eu ainda não conhecia. - Alguns foram transferidos para cá, porque descobriram que tinham muitos surdos aqui. Eu não vim, eu fiquei até me formar. **00:12:00 - 00:12:59** - Eu mais dois surdos. - Sim, na escola Alfredo Dub eu me formei na oitava série. **JF - Então até que série tu ficaste lá?** - Até a quarta série só. - Pois é, somente eu de surda consegui me formar na quarta série, os outros foram reprovados. Era eu e os alunos ouvintes. A minha mãe começou a procurar uma outra escola para eu ir, não sabia da existência da escola Alfredo Dub. - Não. Lá no Laranjal tem uma escola chamada Barreto, foi construída nesta mesma época.	

		- A minha mãe matriculou-me lá. **00:13:00 - 00:13:59** - Não tinha ninguém que conhecesse língua de sinais, nada. Eu comecei a reprovar muito nessa escola, sofri bullying por ser surda também. Era mais fácil para os ouvintes jogarem a culpa de tudo em mim. Eles perguntavam se eu era a culpada por algo que tinha acontecido, eu respondia que sim, porque não sabia. - Uma pessoa que me dava apoio pedagógico lá na escola trabalhava aqui na escola Alfredo Dub. - Sim ela também trabalhava lá e sugeriu a minha transferência para cá, explicou como era a escola de surdos para a minha mãe. Em junho de 2005, eu tinha dez, quase 11 anos, eu vim para cá conhecer e fazer a matrícula. **00:14:00 - 00:14:59** - Mas eu quase não gostei, sabes por quê? Quando eu cheguei, o corredor estava lotado de surdos usando língua de sinais… - Quando eu cheguei, pensei que não estava preparada para aquele mundo, foi uma mistura de sentimentos, medo, emoção, barreiras. Eu vi que eu não era a única que tinha perdido a audição, que existiam pessoas iguais a mim. Foi emocionante perceber que eu não estava sozinha, porque eu pensava que era. Eu ficava triste, na primeira escola encontrei alguns, mas ali eram muitos. No dia em que eu fui estudar, de fato, eu já tinha 11 anos. No início, não sabia Libras… - Quinta série. **00:15:00 - 00:15:59** - Eu já sabia ler tinha sido muito incentivada pela minha família, lia, escrevia. Mas eu aprendi Libras na troca com os colegas, no compartilhamento de conhecimentos. Isso eu nunca esqueci, foi maravilhoso. Eu tinha um combinado com essas pessoas surdas, que hoje são minhas amigas: eles me ensinavam Libras e eu ensinava português pra eles.	

		- Sim, eu ajudava com as palavras. Foi então que eu recebi o meu sinal-nome “L na bochecha”. Foi no meu primeiro dia, quando eu me apresentei, essa pessoa já me deu um sinal. Eu senti que eu tinha uma identidade agora, eu era a Lauren, eu tinha um sinal meu e eu tinha esse sinal porque eu era surda. Nesse instante eu aceitei essa identidade surda, com 11 anos. Eu aceitei a língua, a cultura surda. Eu tinha encontrado um mundo ao qual eu pertencia. Antes disso, eu não me sentia da mesma forma, era mais complicado. **00:16:00 - 00:16:59** - Estar aqui era um desafio para mim, mas eu conseguia aprender muito rápido. Claro que tinham pontos positivos e negativos, mas eu aprendi coisas para a vida. Eu sou muito grata à escola e aos professores surdos, porque eles são modelos para mim. O fato de ter professores surdos, foi muito importante. Convivemos da quinta até a oitava série e, na formatura, eles me escolheram para ser a sinalizante, representando a turma. - Quando me convidaram, eu fiquei nervosa, mas aceitei. No dia da formatura, eu fiquei muito feliz, porque aquilo significava que eles confiavam em mim, que eu era importante para eles. Depois que me formei na oitava série, (...) **00:17:00 - 00:17:59** - (...) fui para o Ensino Médio no Instituto Assis Brasil. Na verdade, eu fiquei entre o CMP - Colégio Municipal Pelotense, e o Assis Brasil. Mas como a minha mãe matriculou-se no EJA, à noite no Assis Brasil, eu pensei que poderíamos ir juntas estudar lá. E o grupo de surdos que estava entrando lá era o mesmo que eu havia estudado até a oitava série. Nós poderíamos nos manter juntos. Isso me deixou feliz. Então eu fui estudar lá e era um ambiente muito bom também, porque tinham professores que sabiam Libras. Alguns ouvintes, inclusive, não precisavam de TILS, outros precisavam. Mas todos conheciam a comunidade surda, como	

		era dar aulas para pessoas surdas, que estratégias usar. Ao mesmo tempo que foi muito empolgante estar com a mesma turma de surdos, tive muitos desafios. O mais difícil era que falávamos muito do futuro, (...) **00:18:00 - 00:18:59** - (...) a gente se imaginava fazendo faculdade juntos, seguir os mesmos caminhos, muitas loucuras. Mas não foi assim, a realidade foi diferente. Concluí o Ensino Médio, tentei o ENEM, em 2011, não consegui aprovação, porque era muito difícil os surdos passarem. - Era um desafio, mas tentamos o ENEM para conhecer a prova. Nenhum de nós passou. Eu fui tentar uma faculdade particular, a Universidade Católica de Pelotas. Eu fiz a prova, fui aprovada, não porque essa prova era fácil, (...) **00:19:00 - 00:19:59** - (...) era difícil, mas eu consegui entender melhor como responder. Era uma prova diferente do ENEM. Eu passei para o Curso de Bacharel em Biologia, não era Pedagogia. Mas não abriu turma. Eu esperei um ano, tentei o vestibular de inverno para o mesmo curso e não abriu turma, novamente. Eu poderia escolher outro curso, como uma segunda opção: Letras Português ou Pedagogia. Quando eu vi o curso de Português eu lembrei de oralidade, fonoaudiologia, aquilo não era para mim. Eu escolhi Pedagogia, mesmo não gostando da ideia de ser professora. Na época eu não entendia o que era o curso de Pedagogia. Demorou para eu perceber o que significa ser pedagoga. **SER LGBTI+:** **00:20:00 - 00:20:59** - Eu estudei na UCPEL, mas não me formei. Talvez tenha faltado mais acolhimento com a pessoa surda lá. Foi no mesmo momento que eu estava me descobrindo em termos de sexualidade. 2017/2018 foi quando	

		eu entrei para a faculdade e foi nesta mesma época em que comecei a pensar sobre a minha sexualidade. Comecei a sair com amigos diferentes, pessoas ouvintes LGBTQIA+. Mas eu nem tinha percebido, eu não sabia que eram LGBTQIA+, fui conhecer no mundo ouvinte, não no mundo surdo. Deste mundo eu pude construir a minha identidade surda, cultura e língua, que é relativo a quem eu sou. Sobre a minha sexualidade não foi no mundo surdo que eu pude me descobrir, mas no mundo ouvinte. E aquela universidade, eu não quero falar mal, mas é uma instituição mais fechada, (...) **00:21:00 - 00:21:59** - (...) não sentia uma abertura para ser quem eu era. Tinha um padrão social a ser seguido, do qual eu não gostava. Eu precisava ter uma sexualidade tendendo para o feminino e eu não sou assim. Desde a roupa que eu vestia, o fato de eu usar bonés faziam com que eu percebesse o preconceito, homofobia. As pessoas olhavam de um jeito diferente. Eu não me sentia confortável em continuar estudando em uma universidade tão fechada. Eu sinto que não fui bem acolhida. Teve uma TILS que me falou da UFPEL, para a qual eu poderia tentar fazer uma transferência, para o mesmo curso. Ela não disse aquilo para eu sair dali, simplesmente, mas ela estava preocupada com a minha saúde mental. **00:22:00 - 00:22:59** - Mas eu já era adulta, tinha responsabilidade pelos meus atos. Resolvi e fui atrás. Consegui a vaga na UFPEL sozinha. Depois a minha família apoiou a minha decisão. Quando eu entrei na UFPEL, minha visão de mundo mudou. Até hoje eu me transformo, porque estou em contato com muitas pessoas LGBTQIA+, feministas e outros tantos movimentos. Eu cheguei sabendo que eu era surda, mas em termos de sexualidade eu ainda estava com	

		dúvidas. Eu não sabia se eu era bissexual, o que significava der pessoa trans, mas logo eu me descobri lésbica. **00:28:00 - 00:28:59** - Comecei a perceber questões da minha sexualidade quando já era grande, falando a verdade. Em casa, eu usava roupas que não seguiam um padrão feminino para a sociedade: bermuda e camiseta. Eu uso até hoje, mas agora é diferente. **JF - Aqui na escola?** **00:29:00 - 00:29:59** - Em casa, antes de eu entrar para a escola Alfredo Dub. **JF - Mas tu vias na televisão?** - A televisão teve certa influência, sim, porque era onde eu via relacionamentos homoafetivos, mesmo que a minha mãe tivesse o cuidado de desligar a televisão para eu não ver. Porque, às vezes, as novelas mostram pessoas nuas, sensualizando. As novelas de antigamente não mostravam tanto quanto as de hoje, mas eu era uma criança esperta, se a minha mãe desligava, eu já tinha entendido. Mesmo assim eu não conhecia o significado profundamente. Porém, nós tínhamos vizinhos e uma delas vestia-se como eu, usava boné e passava na frente da minha casa de moto com a namorada. Beijavam-se em público. Eu jogava futebol e via. **00:30:00 - 00:30:59** - Eu jogava sempre com os meninos, não gostava de brincar com as meninas. Enquanto eu jogava futebol, eu via essa vizinha e relacionava com o que aparecia nas novelas. - Não, isso. Não sabia nada sobre identidade LGBTQIA+. - Desconhecia. Desde pequena, fui crescendo e desenvolvendo uma atração por mulheres, isso eu já tinha. **JF - Com que idade, mais ou menos? Antes de entrar aqui na escola?**	

		- Já na pré-escola eu tinha duas professoras muito bonitas. Eu ficava hipnotizada. Não era o mesmo sentimento quando chegavam os professores. **00:31:00 - 00:31:59**- Ficava desmotivada. Mas se chegavam as professoras eu me empolgava, perguntava se eu poderia ganhar um abraço, um beijo. - Eu queria carinho, mas eu não sabia o que significava. Eu olhava para elas, gostava muito delas, falava sempre que elas eram bonitas. Depois eu fui para a escola estadual, tive outra professora, a que sabia Libras. Ficava olhando para ela também, era muito bonita, babava por ela, ao mesmo tempo, sempre tive respeito por elas, sempre com educação.	
		<u>FAMÍLIA</u>: **00:13:00 - 00:13:59 - JF - Como tu interagias com teus pais, para avisar que tinhas fome, por exemplo? Usavas gestos?** - Sim, sim. Gestos. **JF - Como se comunicavam antes de entrar na Escola Alfredo Dub? Antes dos seis anos?** - Entendi claramente a tua pergunta. Quando nasci, eu ainda conseguia escutar. Eu perdi a audição ao um ano de idade, em razão de uma febre em decorrência de uma doença. - Sim, nasci ouvinte. Depois dessa doença, viajamos para Porto Alegre para analisar o que havia acontecido e descobrimos a surdez profunda. Meus pais ficaram muito assustados, pensavam que eu ainda escutava, mas eu já estava surdo. Eles ficaram bastante tristes. **00:16:00 - 00:16:59** - A minha mãe não conhecia a escola de surdos, não tínhamos nenhuma informação sobre a existência dela. Foi a fonoaudióloga quem falou sobre isso com ela, que	

O saber ser Surdo e o Reconhecimento de uma outra Identidade Trânsito Família/Escola / ASP	Daniel Farias 21/12/2022	disse que lá teriam muitas crianças surdas e que sabiam língua de sinais. Minha mãe ficou surpresa e resolveu ir lá, onde pode ter acesso a um material com ensinamentos básicos sobre a língua de sinais. Aos poucos ela foi aprendendo e conseguindo estabelecer uma comunicação por sinais. Somente minha mãe usa sinais comigo, o meu pai ainda usa o português escrito. - Sim, escreve tudo para podermos conversar. Eu já estou acostumado com isso, que o nosso contato é assim só. **00:17:00 - 00:17:59 - JF - O teu contato com Libras aconteceu primeiramente na escola…** - Sim. **JF - O teu contato com a Libras aconteceu na escola e não em ambiente familiar?** - Isso, na família não. **JF - Então, na verdade, ele aconteceu na escola, de fato.** - Sim, exato. **JF - O primeiro contato com a Libras foi na escola, onde conheceste a língua…** - Sim. **JF - Foi neste momento em que percebeste a cultura e identidade surda? Em que te percebeste com estas características e as aceitaste?** - Sim, eu me vi como surdo e aceitei, decidi aprender língua de sinais, o que foi muito importante. **00:18:00 - 00:18:59** - Importante também foi o contato e a interação com outros surdos. **JF - Tu te sentias diferente por ser surdo ou não?** - Não… - Não. Todos na minha família são ouvintes. Apenas eu sou surdo. Eu me sentia sozinho, isso sim, mas… **JF - Te sentias triste por ser diferente?**	

		- Sim, sim…. enquanto eles conversavam oralmente e eu não ouvia nada… **JF - Isso, eles conversando oralmente e eu (Daniel) não ouvia nada…** **00:19:00 - 00:19:59** - Sim, isso sim. Sentia-se triste, incomodado… - Faltava a língua de sinais e precisava ter para eu me comunicar em família… - Sim, sentia-me sozinho… - Sim… antigamente eu me perguntava muito sobre isso… - Eu só assistia televisão… **JF - Te perguntas por que Deus teria feito isso contigo? Esse castigo, ou outros tipos de pensamentos…** - Não, não tinha esses pensamentos… Eu só sentia que precisava fazer com que minha família entendesse que se comunicar comigo em língua de sinais era importante. Porque somente minha mãe fazia isso. Eu me sentia triste por isso. **00:28:00 - 00:28:59 - JF:- O teu pensamento antes de contar para os teus pais sobre a tua homosexualidade, levando em conta que eles já lidam com a diferença surda, foi de viver um novo momento de tristeza, de depressão, de voltar para o quarto e te sentir sozinho? Foi difícil…** - Sim, foi bastante difícil, sim. **<u>ESCOLA</u>**: **00:29:00 - 00:29:59 – JF: - Na escola, houve algum momento na tua vida escolar em que falaste para os teus amigos mais próximos sobre a tua sexualidade, que sentias atração por homens? Tinhas melhores amigos ou amigas na escola com quem tu conversavas sobre isso? Pois não falavas em casa ainda, mas na escola tu tinhas**	

		com quem falar sobre esse assunto? Ou não, não falavas sobre ser gay com ninguém das tuas relações? - Sim… **00:30:00 - 00:30:59 - JF: - Tu tinhas amigos com quem tu conversavas na escola?** - Sim.. já aos oito ou nove anos, quando comecei a conhecer mais pessoas surdas, não tinha ninguém que se assumisse gay ou lésbica. Eu me sentia sozinho, por isso, calei-me. Eu pensava que eles poderiam ter preconceito comigo. Uma menina surda tornou-se minha melhor amiga, nós estávamos sempre juntos. Eu me sentia a vontade de falar com ela, sobre meninos, que eu os achava bonitos e tudo mais. Ela sempre me respeitou e aceitou. Falava sobre a minha liberdade para achar isso, que continuaríamos amigos. Outros surdos faziam piada comigo, me provocavam, chamavam de “viado”, de gay. Eu sofri muito bullying na escola. **00:31:00 - 00:31:59** - Eu me sentia muito mal sobre isso. - Sim, os colegas surdos me ofendiam muito. - Sim, dentro da escola, as crianças me ofendiam, eu sofria bastante. Eu falava para minha mãe das ofensas, ela me perguntava o que estava acontecendo, qual era o problema. Mas eu não dizia para a minha mãe “eu sou gay”. Não, isso era segredo. Eu falava das ofensas, de usarem os sinais de “viado” e outros sinais negativos que usavam. Minha mãe dizia para eu me acalmar, conversava, me dava carinho, me abraçava, beijava. Era para eu me esforçar e focar nos estudos, ignorando os outros surdos, eu nem conhecia eles direito. Só isso que eu lembro. **00:34:00 - 00:34:59 – JF: - A escola abordava em aula assuntos inerentes à sexo, ao movimento LGBTQIA+, à sexualidade….** - que sinal é esse? (sexualidade)	

		JF - S-E-X-U-A-L-I-D-A-D-E. Esse outro é S-E-X-O. - Ok. **00:35:00 - 00:35:59** - Falta falar sobre isso na escola, com os surdos. Essas informações não chegam em nós. os ouvintes recebem essas informações de várias formas, enquanto nós surdos não temos esse acesso.Isso falta. Precisamos saber sobre tudo isso e com detalhes, para entendermos com clareza sobre sexo, o uso de preservativos, - o perigo do HIV, remédios, tratamentos para a saúde e cuidados com a saúde para evitarmos problemas. **00:36:00 - 00:36:59** – Na minha opinião, a escola Alfredo Dub precisa ter uma pessoa encarregada para ensinar sobre sexo, principalmente sobre o uso de preservativos, objetivando o cuidado por parte dos alunos surdos, para que eles, vendo as explicações, aprendam e evitem problemas. Só isso. **00:38:00 - 00:38:59** - Eu acho que as escolas de surdos em geral precisam promover visitas associações LGBTQIA+ a fim de ter contato com esses assuntos e os alunos terem acesso a informações sobre sexo, cuidado de si, uso de preservativos, entre outros. É importante ir nesses locais para conhecer e informar-se. **SEMINÁRIO LGBTI+ ESCOLA/ASP - 2018**: NÃO COMENTOU NADA **<u>ASSOCIAÇÃO</u>**: **00:39:00 - 00:39:59 - JF - Aproveitando o assunto "associações", tu participas da Associação de Surdos de Pelotas (ASP)?** - Antigamente, sim. Mas agora eu parei. **JF - Era legal participar da ASP?** - Sim…	

		00:39:00 - 00:39:59 - Sim eu já passei por isso na ASP. Antigamente, quando eu frequentava a associação, eu já sabia que eu era gay (...) **00:40:00 - 00:40:59** - (...) mas ainda não tinha me assumido para a minha família, eu analisava algumas pessoas surdas heterosexuais e sentia medo de me abrir com elas, principalmente porque eu acreditava que se eu me assumisse para elas, elas poderiam falar para a minha família. - Eu cuidava para evitar isso, usava estratégias para analisar bem com quem eu conversava. Isso era normal para mim. **00:41:00 - 00:41:59** - Sim, entendi. Tinha um surdo, o Rodrigo, ele demonstrava trejeitos afeminados, mas os héteros não o ofendiam, eu observava a relação deles e ficava admirado como interagiam normalmente. Eu achei um pouco estranho, mas tudo bem. Mesmo assim, eu não me sentia à vontade para me abrir com aquelas pessoas. Eu continuava guardando esse segredo só para mim, porque eu pensava que eles poderiam contar para a minha família, eu tinha medo. Também tinha o Nicolas (hoje) que antes era mulher lésbica, muito bonita inclusive, mas que identificava-se como homem no seu interior. Nicolas tinha amigos surdos e a convivência era normal. Eu estranhava um pouco essa relação também. **00:42:00 - 00:42:59** - Eu tinha pouco contato com o Nicolas e com o Rodrigo, apenas observava as relações deles. - Não sei, naquele momento não tínhamos muito contato mesmo. Eu ficava mais sozinho… - Não. Medo eu tinha dos héteros, do Nicolas e do Rodrigo eu não tinha medo, não. **00:43:00 - 00:43:59** - Eles eram meus amigos, mas tínhamos pouco contato. Teve uma viagem de ônibus que fizemos, em que sentei ao lado do Rodrigo. Conversamos muito. Eu o questionei se poderia fazer uma pergunta, ele assentiu. Contei	

		para ele que eu era gay, me assumi para ele. Ele ficou surpreso e feliz, disse que era muito legal. Conversamos mais sobre isso, eu expliquei que não havia dito nada aos meus pais ainda, ele compreendeu e, por ética, concordou em manter meu segredo. Depois de um tempo eu chamei o Nicolas em particular para conversar e falei para ele também. Ele disse que tinha percebido e ficou muito feliz por eu ter me assumido gay, me abraçou e tudo mais. **00:44:00 - 00:44:59** - Na ASP, antigamente, os héteros não recebiam nenhum tipo de informação. Depois teve aquele encontro sobre LGBTQIA+, com palestras e divulgações que começaram a perceber melhor essas questões. Desde então os héteros têm aceitado e respeitado essa comunidade, sendo amigos, interagindo normalmente. Eu me senti tranquilo (...) **00:45:00 - 00:45:59** - (...) e muito feliz. Graças a Deus ficou tudo bem. Antes o pessoal não tinha noção, mas depois que conheceu o movimento ficou melhor. É isso. **00:49:00 - 00:49:59** - Entendi. Tratava-mo-nos todos como iguais, eu não percebia nenhum preconceito. Não sei… Nunca pensei sobre isso. **00:51:00 - 00:51:59 – JF: Desculpa, então, tu achas que a ASP e a comunidade surda sofreram alguma influência da cultura ouvinte heterossexual? Percebias algum tipo de preconceito nessa linha? Porque a associação se propunha a lutar por respeito às diferenças da comunidade surda, (...)** **00:52:00 - 00:52:59** - Essa é uma pergunta difícil. Precisaria pensar… **00:53:00 - 00:53:59** - Preconceito contra os deficientes também: cegos, cadeirantes, pessoas com síndrome de down…	

		- Sim, também existia preconceito contra os surdos usuários de implante coclear. Era uma falta de respeito. - Na minha opinião, sim, porque não tem uma resposta correta para isso, Há toda uma diversidade como há em outros locais, com todos nós, mas o preconceito deve ser evitado e… denunciado quando preciso. **00:54:00 - 00:54:59** - Se há ofensas, os ofensores podem ser multados, então precisamos evitar o preconceito. É isso.	
	Rodrigo Lima 21/12/2022	**FAMÍLIA**: **00:58:00 - 00:58:59** - Na verdade, quando eu me assumi gay, a minha mãe pegou uma camisinha… é engraçado isso, ela mostrou… - Sim, a minha mãe! Porque ela era enfermeira. - Ela pegou uma banana e mostrou como usar um preservativo. Eu perguntei: “o que é isso?” e ela me disse que eu iria usar em mim ou no homem que estivesse comigo, porque se não usasse - ela tentou explicar com a Libras básica que ela tinha - se tu ficar sem preservativo, tu podes… ela não sabia como (…) **00:59:00 - 00:59:59** - (...) dizer AIDS ou outras doenças - eu ficava apreensivo com as nossas barreiras na comunicação -, mas ela fazia assim: “olha! se não usar o preservativo, tu podes ficar com o pênis inchado, doente, com febre…” ela usava muitas expressões e eu ficava impressionado com aquelas informações. Isto foi a minha mãe que me ensinou. Também aprendi bastante com meu primeiro namorado que era ouvinte, várias coisas que eu não sabia, ele me explicava sobre AIDS, HIV, hoje temos PREP que antes ainda não era conhecida.	

		01:00:00 - 01:00:59 - Muitas coisas que eu não sabia foram eles que me ensinaram. - Exatamente! Eu lembro de a minha mãe falar sobre tudo isso quando eu tinha 11 anos, muito cedo, porque havia uma necessidade de se falar sobre o assunto. Com esse ouvinte também foi cedo, com 13 ou 14 anos. Sempre que eu falava com outros surdos gays, quando me diziam que gostavam de tranzar e tal, eu reforçava o uso da camisinha, falava dos perigos, mas eles “davam de ombros”. Depois descobriram que poderiam estar com AIDS e se apavoraram. Nessa época eu percebi que minha mãe tinha razão, dizia pra ela que algum surdo havia contraído o HIV e ela questionava se a família sabia Libras para conversar com ele. Como poderiam ensinar ele? Eu não sabia como responder a ela. **01:01:00 - 01:01:59** - Porque, às vezes, a família até sabia Libras, mas não tinha a mesma consciência. Dependia muito da família, da responsabilidade dos pais… Aqui eu concluo minha resposta. **<u>ESCOLA</u>**: **00:38:00 - 00:38:59 - Como tu percebes estas questões dentro da Escola Alfredo Dub? Te sentias ignorado mais porque eras negro, gay ou afeminado? Porque tu sempre tinhas jeito afeminado, tu achas que isso era um motivo para terem preconceito contigo?** - Boa pergunta. Todos sabiam que eu era gay. Alguns me chamavam de “Bicha”, “viado”. Entre os surdos, a maior questão era essa e não por eu ser negro, (...) **00:39:00 - 00:39:59** - (...) porque tinham outros surdos negros na escola. Já fora da escola, na sociedade ouvinte, o preconceito era por eu ser negro. Estranho isso, né?	

		- Eu percebo também que não ensinavam nada sobre o movimento LGBTQIA+ na Escola Alfredo Dub. - Nada! Agora fiquei sabendo que têm mais surdos LGBTQIA+ no Alfredo Dub. Eu achei estranho! - Então! Agora aumentou bastante, antigamente não tinha nada sobre isso, a escola era muito fechada! Parece que estavam sempre prontos para julgar os outros, prontos para rotular e ficavam apavorados quando percebiam que alguém seria gay ou bissexual. **00:40:00 - 00:40:59** - Eram muito fechados! Hoje já estão mais abertos! **JF - Mas tinha algum programa na escola Alfredo Dub que falasse sobre sexualidade com os alunos ou não?** - Na verdade, na escola Alfredo Dub não tinha. - Na minha opinião, pelo o que podia perceber, tinha preconceito. - Sim. Esse tema poderia desagradar os pais dos alunos. Eles teriam que ser questionados para a realização de uma palestra sobre sexualidade, por exemplo. Talvez vissem isso como um perigo (...) **00:41:00 - 00:41:59** - Porque antigamente não tínhamos tanta informação e movimentação sobre esses assuntos. Hoje já se tem uma maior visibilidade. - capitalismo? **00:42:00 - 00:42:59** - Antigamente, pode ser sim. **00:45:00 - 00:45:59** - Mas homens e mulheres precisam conhecer melhor o pênis, por exemplo. **00:47:00 - 00:47:59** - Eu tenho uma preocupação com a comunidade surda LGBTQIA+ porque não se tem muita informação sobre sexualidade acessível. Homens gays, por exemplo, podem se relacionar com várias pessoas sem proteção (...)	

		00:48:00 - 00:48:59 - (...) podem ser infectados com HIV e como explicamos para eles? **SEMINÁRIO LGBTI+ ESCOLA/ASP - 2018**: **01:05:00 - 01:05:59 - JF - Qual a tua opinião sobre o Seminário LGTBQIA+ que aconteceu dentro da Escola Alfredo Dub? Qual a importância deste evento pra ti?** - Bem, eu… **JF - Tu não participaste, lembro que vieram o Sandro e o Vinicius, mas tu estavas em Porto Alegre, não participaste. Mas tu acreditas que tenha sido importante para a escola ampliar seus horizontes sobre o tema? E a comunidade surda também, surdos gays, lésbicas e transexuais.** - Sim LGBTQIA+ em geral. - Bom, eu (...) **01:06:00 - 01:06:59** - (...) sou a favor da educação sexual, é muito importante para todos os públicos. Mas eu me preocupo com a comunidade surda por ser uma minoria em relação aos ouvintes. Nessa situação é muito importante ter explicação, por exemplo, sobre identidade de gênero, este sinal, conheces? - Também sobre orientação sexual, **01:07:00 - 01:07:59** - sobre o ato sexual, que pode ser de três tipos, tu sabes né? - Também sobre a história do movimento. Eu sou a favor de serem realizados Seminários, Congressos, e penso que não pode ser apenas um, mas ter mais edições, ter eventos nacionais para surdos LGBTQIA+. Isso é importante, por exemplo, trazer representações de surdos com doutorado, surdas, surdos negros, surdos queer, reunir todo esse público para dar visibilidade e ser um ambiente de trocas entre eles. Fazer eventos localizados, no Rio Grande do Sul, ok, mas	

		trazer pessoas de todo o Brasil ou de fora, por exemplo, da Argentina. **01:08:00 - 01:08:59** - Isso para que seja um evento maior, que haja uma integração maior. Eu penso isso. **<u>ASSOCIAÇÃO</u>**: **00:48:00 - 00:48:59** - Na verdade, a ASP é muito importante e ela sempre esteve de portas abertas. Mas, nem todos, nem a maioria, mas sempre que eu ia na ASP eu sentia… não sei se porque eu sou LGBTQIA+... **00:49:00 - 00:49:59** - eu percebia muitas ofensas em tom de brincadeira, me chamavam de “viado”, “macaco”, “puta”, aquilo não me fazia bem. Fui uma ou duas vezes e parei. Comecei a participar do movimento LGBTQIA+ em Pelotas e a maioria era ouvinte e eu acabei me acostumando. Depois que eu me mudei para Porto Alegre, fui na Sociedade de Surdos e foi muito diferente, até me assustei porque todos eram bem vindos. Eu tenho vontade de promover palestras sobre sexualidade em Pelotas, mas temo que algumas pessoas surdas não participariam. Acredito que eles pensam que iriam rotulá-los, mas será que é só isso? Eles não pensam que isso é sobre ser humano, sobre como vão ensinar no futuro se tiverem um filho LGBTQIA+? Como essa geração vai aprender sobre esses assuntos? Mas eu tenho uma limitação forte em relação à ASP. Acredito que ela seja muito importante, claro. **00:50:00 - 00:50:59** - Eu não participava muito porque alguns surdos ficavam me julgando. Eu sou uma pessoa boa, eu queria colaborar com a ASP, mas não me sentia à vontade. Eu não sei explicar. - Eu percebia preconceito apenas com a questão LGBTQIA+... - Por ser negro não, nada, nunca.	

		00:51:00 - 00:51:59 - Nunca aconteceu comigo… Com os surdos só sofri preconceito por ser gay. por ser negro, nunca. **00:52:00 - 00:52:59** - O Nicolas estava começando a sua transição. Eu fiquei feliz em ter mais pessoas LGBTQIA+. Mas eu ainda via pessoas julgando quem era LGBTQIA+, não via fazendo nada em relação aos negros, nunca. Isso, por ser negro, eu sofria preconceito na sociedade ouvinte, fora da comunidade surda. - Era diferente. Eu acho que é porque a comunidade surda é pequena.	
	Simone Moura 26/12/2022	**<u>FAMÍLIA</u>**: **00:05:00 - 00:05:59** - Eu nasci prematura, minha mãe tinha problema de pressão alta e, com seis meses de gestação, eu nasci. Eu era muito pequena e fraca. Ali minha mãe descobriu que eu era surda, já no nascimento. 00:06:00 - 00:06:59 - A questão da surdez foi descoberta no meu nascimento, já, pelo histórico médico. Mas eu fui entrar na escola Alfredo Dub apenas com 17 anos, quando eu comecei a aprender língua de sinais. Antes disso eu tive contato apenas com pessoas ouvintes, em escolas inclusivas. **JF - Então lá na escola…** - Sim, nas escolas inclusivas eu precisava fazer a leitura labial, era um sistema oralista. Somente aos 17 anos que eu fui para a escola Alfredo Dub e comecei a usar a língua de sinais. **JF - Foi lá na escola que descobriste que eras surda, quando tua mãe te levou para a escola Alfredo Dub?** - Sim… **00:07:00 - 00:07:59 - JF - Como foi o teu primeiro contato com a Libras? Foi na Escola que aprendeste?**	

		- Sim, isso. Com 17 anos eu entrei para a escola e comecei a usar a língua de sinais. Daí em diante eu consegui me desenvolver. **JF - Foi nesse momento em que começasse a conhecer os sinais, as palavras em português e relacioná-las? Com esse aprendizado, tu poderias te desenvolver, é isso?** - Sim, antes dessa época, eu não conseguia organizar as palavras em português. Na escola Alfredo Dub eu aprendi a fazer redação, a escrever textos e por aí foi. Concluí a oitava série e passei a estudar o CMP (Colégio Municipal Pelotense). Lá eu fiz o Ensino Médio, mas voltado para o Magistério - Educação Infantil. **00:08:00 - 00:08:59** - E parei de estudar depois disso. **00:09:00 - 00:09:59 - JF - Quando tu descobriste que eras bissexual, tu contaste para a tua mãe ou não?** - Foi horrível falar com a minha mãe. Ela não aceitou, porque ela era muito tradicional. **<u>ESCOLA</u>**: **00:12:00 - 00:12:59 - JF - E na escola daqui tu percebeste algum preconceito?** - Sim… **JF - Por seres uma mulher negra?** - Não, não… por ser negra, não, nunca. Sempre convivi com todas as pessoas da minha turma, interagia com outros colegas da escola. Fiz muitas amizades, era muito bom. Exato, tinha contato com todos, por ser negra nunca sofri preconceito na escola. Era ótimo. **00:15:00 - 00:15:59 - JF - S-E-X-U-A-L-I-D-A-D-E. Na escola Alfredo Dub era trabalhado este tema com os alunos, ou não?**	

		- Sim, falava-se sobre sexualidade, sexo e suas características. **00:16:00 - 00:16:59** - Sobre LGBTQIA+ não era trabalhado, só no seminário. Sobre sexualidade nesse sentido, não. - A escola Alfredo Dub tinha professores muito tradicionais,qualquer instrução sobre LGBTQIA+ não era feita. Isso antes, né. Agora, já tem mais pessoas falando sobre isso. **00:19:00 - 00:19:59** - Antigamente, não tinha muita informação sobre LGBTQIA+, eu não tinha como ler em revistas, informar-me, nem pela televisão. - A primeira vez em que vi falarem sobre isso foi no Magistério - Educação Infantil. Foi a primeira vez lá no CMP e tinha interpretação para Libras. Era um curso de formação pedagógica e tinha um grupo focado na questão LGBTQIA+. Depois disso, eu busquei por mais informações. **00:20:00 - 00:20:59** - O outro evento que fui foi o seminário na escola Alfredo Dub. Só esses. - Isso, pude aprender… O primeiro evento, no CMP, foi muito bom. **00:21:00 - 00:21:59** - Antigamente havia muito preconceito contra LGBTQIA+ por falta de informação na escola. Com o passar dos tempos, a escola pôde dar informações sobre a língua dos surdos, sobre ser surdo, ensinar a língua portuguesa, a ASP pôde organizar o seu movimento também, com as lutas surdas, por respeito a sua identidade e LGBTQIA+ está começando, é o primeiro contato… só isso… **SEMINÁRIO LGBTI+ ESCOLA/ASP - 2018**: **00:12:00 - 00:12:59 Tu chegaste a participar do Seminário LGBTQIA+ que aconteceu na escola, certo?** **00:13:00 - 00:13:59** - Porque antigamente tinham essas palestras no CMP, para os alunos do Magistério - Educação Infantil. Lembra que eu participava junto com a colega L***. E	

		nas tuas aulas tu falavas sobre LGBTQIA+ e sobre bullying, o que não podemos fazer, o que era preconceito. Eram muitas informações importantes. Depois quando eu fiquei sabendo do seminário e que teriam palestras e histórias de vida relacionadas ao tema LGBTQIA+ eu resolvi participar. Eu gosto muito do tema e de participar destes eventos. O Seminário foi muito prazeroso. - Sim! Tu foste junto comigo para conversar e eles aceitaram. - Sim, eu lembro. Eles liberaram e eu consegui assistir todas as palestras lá na escola Alfredo Dub. Foi muito legal. Foi algo que antes não tinha no CMP, lá tinha apenas o movimento, a caminhada, lembro que fomos no centro uma vez em um evento, (...) **00:14:00 - 00:14:59** - (...) aí depois aconteceu esse seminário na escola Alfredo Dub. Lembras que (sinal de alguém "A raspando ao lado da cabeça"), que também é do movimento LGBTQIA+ participou do seminário na escola. Eu lembro desses dias com saudade. - Seria ótimo que isso fosse trabalhado nas escolas, através de palestras com pessoas específicas do Movimentos LGBTQIA+ convidadas para apresentar e conversar com os alunos sobre isso. É importante, sim. **00:15:00 - 00:15:59** - Porque no Movimento LGBTQIA+ estão inclusos diversos tipos de pessoas: mulheres e homens bissexuais, transexuais, lésbicas, entre outras que é muito importante apresentar para os alunos. Antigamente não se falava disso, porque essas pessoas não eram "mostradas". Agora, com a tecnologia, essas informações ficaram mais próximas e este tipo de seminário LGBTQIA+ é interessante para este contato. É importante participar, eu amei. Foi bom ver essas pessoas e participar.	

		<u>ASSOCIAÇÃO</u>: **00:17:00 - 00:17:59** - Na ASP, eu não lembro de ter palestras sobre sexualidade. Apenas falas sobre saúde, câncer de mama, essas coisas. O mais próximo da sexualidade foi quando falavam sobre DST/AIDS, sexo… **JF - Não, espera… Minha pergunta é se tu já sofreste preconceito, se te olharam diferente na ASP.** - Sim, algumas vezes. O grupo me afastava às vezes, diziam que não gostavam de mim. Eu respeitava e "ficava na minha". JF - Mas porque tu és mulher negra ou pela questão LGBTQIA+, por ser bissexual? - É… por ser negra, algumas vezes. Por ser bissexual não, nada. **00:18:00 - 00:18:59** - Os surdos tinham preconceito por eu ser negra, sim, por isso. Eu ignorava e me esforçava para tentar interagir porque eu sabia que era importante. **00:30:00 - 00:30:59** - Mas, infelizmente, isso acontece. Eu vejo e não me meto, respeito, mas tem opressão sim. Eu mesma já sentei e conversei sobre isso, precisei me empoderar, me impor algumas vezes. - Muitos homens pensam que as mulheres são fracas e tentam se utilizar disso para controlar e serem machistas. Precisamos nos apoiar e mostrar que eles não vão conseguir, nos sentir seguras quanto a isso, para podermos ser felizes. Muitas mulheres ficam quietas em relação ao comportamento dos maridos. Falta muita informação para as mulheres de Pelotas, muitas são minhas amigas e eu aconselho. Algumas são casadas, mas querem ter outros relacionamentos e ficam quietas. Eu digo para eles conversarem e serem felizes, resolverem, porque depois acontece algo e eles brigam até	

		fisicamente. Talvez seja melhor separar e ela ter o seu relacionamento homoafetivo, cada um para o seu lado. Mas algumas têm vergonha de falar, escondem. **00:34:00 - 00:34:59** - Todos os que participavam da ASP eram meus amigos. Tinham gays… - Tinha uma mulher que depois virou trans, o Nícolas. Eu mantinha contato com ele na ASP. Interagia com todos. Mas em Pelotas essa questão era mais encoberta, ficávamos escondidos… Os surdos não se assumiam, mantinham casamentos… **00:35:00 - 00:35:59** - Tem surdos que não falam sobre isso. - Não, muitos nem querem falar sobre isso. Eu falo para fazermos palestras, momentos de fala, entre nós, mulheres, mas não querem participar. Eu digo que podemos fazer isso, conversar, mas elas dizem que os maridos não vão gostar e tudo mais. Eu respeito, porque o problema não está comigo, então eu fico quieta. **00:36:00 - 00:36:59** - Eu não sei… Na verdade falam bastante sobre ser gay dentro da ASP, homens gays. Mas as temáticas para as mulheres são poucas. Alguns assuntos que propusemos não foram acolhidos, então ficamos quietas. Poucas mulheres lésbicas são chamadas para falar na ASP e quando temos esses momentos, os maridos não aceitam que suas esposas participem. Elas acabam sem essas informações. Eu convidei várias vezes, mas não tinha resposta. Mostrei também que mulheres lésbicas podem ser felizes, mas muitas não têm opinião dentro de seus casamentos héteros. falo para elas se assumirem, mas elas não querem. Eu me assumi publicamente e exigi que me respeitassem, eu estou no meu direito de ser feliz do meu jeito. Mas eu sei que tem algumas mulheres ainda escondidas em casamentos infelizes. Sei de mulheres que já tiveram	

		relacionamentos lésbicos e pararam, agora são casadas com homens. Não sei se gostam ou vivem um casamento de mentira por não querer se assumirem. Eu não sei, fico quieta, respeito as escolhas delas. **00:37:00 - 00:37:59** - Porque na ASP eles falavam mal, eles fofocavam que tem uma panelinha na ASP, que temos que respeitar. Não podemos participar. Tem uns que se encontram para bater papo uns na casa dos outros, se visitam para churrascos, passeiam no centro, (...) **00:38:00 - 00:38:59** - (...) viajam, mas não querem participar da ASP, porque lá tem muita fofoca, muita mentira e ofensas. Que já é algo cultural. - Sim, tem as panelinhas, já é um costume na ASP. Esse sinal de "panela" usamos já para falar sobre essa mania de fofocar que tem na ASP. Eu respeito o jeito deles, ignoro, participo dos encontros, busco o que for de informação para mim, cumprimento todos, mas ignoro. Faço tudo de coração, vou por causa dos surdos, da cultura surda, o que é bom para o meu desenvolvimento. Absorvo o que for positivo para mim. Mas eu já vi muito disso lá. - O Nícolas até se expõe mais, (...) **00:39:00 - 00:39:59** - Tem o Instituto Ladd, conheces? - Teve uma palestra lá, na qual o Nícolas também estava presente com a ASP. Eles têm feito umas divulgações, informado o pessoal. Foi bem legal, até parabenizo. Eu participei. - Tenho contato, mas não vejo ter uma militância, não… **00:40:00 - 00:40:59** - Sim, já fui uma ou duas vezes. É em novembro ou outubro, né? Eu fui, assisti e pude me informar no evento. - Eu sinto falta de falar sobre a identidade LGBTQIA+. Eu amei uma palestra que assisti e fiquei pensando nela. Espero que,	

		no futuro, crianças surdas possam ter esse contato, para que possam desenvolver um entendimento melhor sobre LGBTQIA+. **00:41:00 - 00:41:59** - É difícil, porque aqui eu moro no centro, encontro poucas pessoas, participo pouco de atividades com LGBTQIA+, como seminários e outros. Quero voltar a estudar, estou me informando sobre isso. Talvez uma faculdade, mas ainda não sei. É bem difícil.	
	Jéssica Barbosa 08/01/2023	**FAMÍLIA**: **00:15:00 - 00:15:59** - Não, lembro, eu era muito criança. Eu sei, porque a minha mãe me contou essa história, que eu sofri muito, quando era criança. Eu não falava direito, não conseguia aprender a ler. **00:16:00 - 00:16:59** - Na verdade, eu comecei a frequentar o CIAE aqui da escola, à tarde. - Sim, eu era criança e vinha na psicóloga, algumas aulas. Mas não estava aprendendo Libras ainda. Não conhecia a comunidade surda. **00:22:00 - 00:22:59** - A minha mãe não sabia Libras. **00:23:00 - 00:23:59** - Eu oralizava e sinalizava junto. Depois que a minha mãe percebeu que precisava se esforçar para se comunicar melhor comigo, ela fez aulas de Libras com a professora Aline. - Sim. Ela tinha aula com a Aline e começou a aprender Libras. Até hoje, ela conversa comigo utilizando a Libras e a língua oral junto. Meu pai nunca acreditou na minha surdez, ele pensa que é mentira minha. Meu pai nunca aceitou. - Que eu era surda. - Ele acha que eu estava doente, muitas coisas nesse sentido.	

		- Ele pode ser um pai ruim, mas… Não é até hoje, mas ele demorou muito para aceitar **00:24:00 - 00:24:59** - Ele aceitou a surdez, mas depois piorou a situação quando ele descobriu que eu era lésbica. Aí foi difícil de ele se adaptar. **00:25:00 - 00:25:59** - Sim, mas eu escondia porque eu tinha medo que meus pais me batessem, ou expulsasse de casa, eu me fechei. - Eu achei muito cedo. **00:26:00 - 00:26:59** - Tinha medo da minha família. - A minha família paterna é muito tradicional. - Às vezes eu pensava em fugir de casa… **ESCOLA**: **00:27:00 - 00:27:59** - Eu percebi o Guilherme, que era gay. **00:28:00 - 00:28:59** - Ele me falou. - Sim, ele era meu colega. Ele falou para mim que era gay, que gostava de homens. Eu comecei a fazer umas perguntas íntimas para ele. - Sim, a gente conversou muito. - Sim, mas depois que ele me disse que era gay, eu queria ficar com ele, mas ele não quis. (risadas) - Sim, mas ele não quis. Eu queria experimentar. (risadas) **00:29:00 - 00:29:59** - Eu queria, mas ele não quis. Eu pedi por favor, só uma vez, mas ele não quis. Só aceitou dar um beijinho. - Eu falei para ele que eu estava confusa. - Falavam que eu era bissexual. - Bullying? Não… **00:30:00 - 00:30:59** - Eu não lembro de isso acontecer.	

		- Não, eu só percebia bastante preconceito por eu ser gordinha, só. - Eu sofri muito bullying aqui na escola por ser gordinha. Mas eu acabei sendo muito amiga do Guilherme porque ele me falava que gostava de mim do jeito que eu era. Não se mostrou preconceituoso, sempre ficava comigo, era um homem muito mente aberta. Inclusive, teve uma conversa em que eu disse que estava muito confusa, que eu já tinha "pegado" meninas, com nove anos, e ele me disse que em algum momento eu iria me descobrir. E foi aí que eu descobri. **00:31:00 - 00:31:59** - Eu fiquei com uma menina em um baile. - Não! No baile foi com 18, 19, por aí… - Isso, o baile foi mais adiante, mas antes eu já comecei a ter contato com meninas lésbicas, bissexuais… Mas quando eu comecei a descobrir foi em um baile. **00:32:00 - 00:32:59** - A mãe dele sempre o defendia. Às vezes o Guilherme chorava, mas a mãe dele sempre estava ali para defender ele. - Sim, ele sofria bullying. - Não lembro, eu era criança né, não lembro. Com o passar do tempo, quando eu me assumi lésbica, muitas pessoas se afastaram de mim. - Não, foi depois de formada, foi fora da escola. **00:33:00 - 00:33:59 - JF - E tu achas que a escola precisaria debater esses assuntos sobre sexualidade, LGBTQIA+** - Tinha. **JF - Aqui na escola Alfredo Dub ou em qualquer escola. Tu achas que seria importante falar desses temas?** - Sim, porque se a gente pensar que eu estava aqui na escola com nove, dez anos e já estava me sentindo atraída por gurias, mas não tinha com quem conversar.	

		00:34:00 - 00:34:59 - Falavam sobre proteção, quando eu estava na 7ª ou 8ª série explicavam sobre proteção. **JF - Mas sobre LGBTQIA+?** - Não, muito pouco. Tinha um professor que veio aqui uma vez e ele era bissexual. Mas ele foi retirado da escola porque pensavam que ele estaria influenciando as crianças. - Mas isso não era verdade. Eu ia até ele conversar e ele me tratava normalmente, conversava comigo. Ele se abria comigo, dizia que eu era uma menina muito maravilhosa. Tinha uma mente aberta. Eu perguntei várias coisas e ele me respondeu. Ele não é gay nem bissexual, ele era casado com uma mulher. - Sim, mas não… Ele dizia que era casado com uma mulher, mas que nunca tinha transado com a esposa dele. **00:35:00 - 00:35:59** - Ele disse que não gosta de ser tocado, mas é casado com uma mulher. Eu não consegui entender a identidade dele. - Mas a escola retirou ele, diziam que ele influenciava as crianças. - Mas eu falei que não era verdade. Mas mesmo assim tiraram ele. - Sim, somente ele, ele foi o primeiro professor que falou sobre isso. - Não lembro, ele era um professor estagiário. - Sim, isso. Tinham outras coisas que ele falava em particular comigo. - Não, somente eu e o Guilherme. **00:37:00 - 00:37:59** - Não. Éramos somente Guilherme e eu. Foi por isso que começaram a achar que ele estaria nos influenciando, mas não era verdade, nós perguntávamos por curiosidade.	

		00:38:00 - 00:38:59 - Não… (risada) Desculpa, mas, aqui dentro desta escola, muitos surdos já fizeram sexo escondido no banheiro e a diretora não sabia de nada. - Tinham surdos cúmplices, cuidavam da câmera, os movimentos para esperar o momento certo. - Sim, muitos surdos faziam. Não somos inocentes! Faziam, era normal. Eram adolescentes. O Guilherme também fazia as privacidades no banheiro daqui porque em casa ele não tinha essa privacidade. A mãe dele fazia muita pressão cuidando dele. - Sim, muitos, no banheiro, no auditório… - Sim, atrás das cortinas, daquelas cadeirinhas que tinham ali atrás… **00:39:00 - 00:39:59** - Muitas vezes. Quando começaram a falar sobre proteção, os surdos ficaram mais interessados. Mas o engraçado é que os surdos que ficaram mais interessados era porque queriam experimentar. Entendo, ok. Mas, por outro lado, tínhamos Guilherme e eu, e porque perguntamos muitas coisas mais profundas que tínhamos curiosidade para este professor que foi demitido, aí diziam que ele era má influência. - Havia relações entre homens e mulheres e entre homens. **JF - E esses homens que tinham essas relações hoje se assumem gays ou heterossexuais?** - Um é gay outro é hétero. **JF - Mas este hétero fazia sexo com outro homem?** - Sim. No banheiro da escola. **00:40:00 - 00:40:59** - Na rua tinha preconceito, sim. - Sim. Com o Rodrigo, sim. Mas o Rodrigo respeitava muito as regras. Ele nunca fez nada aqui dentro. **00:41:00 - 00:41:59** - O Rodrigo sofria mais preconceito porque ele era negro além de gay.	

		JF - Ah, sobre isso eu queria falar contigo também. O Rodrigo era negro e mais afeminado que o Guilherme, porque o Rodrigo era bem afeminado, tinha uma expressão corporal que mostrava muito a identidade de gênero dele. E tu percebias isso? Esse preconceito? - Sim, percebia. **JF - Quantos negros tinham aqui na escola?** - Eram muitos. **JF - E com os outros também tinha esse preconceito pela cor da pele?** - Tinham outros que sofriam por causa do racismo, mas o Rodrigo sofria mais (...) **00:42:00 - 00:42:59** - (...) porque ele era negro e gay. - Ele não se escondia. - O Guilherme sofria preconceito, bullying, porque ele era magro. - Sim, ele era muito magro e gay. Eu sofri bullying na escola por ser gordinha. - Mais o Rodrigo, sim. Mas ele sabia se defender mais, o Guilherme, não. Ele se fechava, chegava em casa e chorava, não queria ir para a escola. **SEMINÁRIO LGBTI+ ESCOLA/ASP - 2018**: **01:03:00 - 01:03:59 - JF - Tu soubeste que eu fiz o primeiro Seminário LGBTQIA+?** - Sim. - Sim, participei. - Achei maravilhoso. Era importante continuar anualmente. - Porque, como eu expliquei, tem surdos que começam a se descobrir bem cedo, mas não tem com quem conversar, se abrir. Com a família, muitas vezes não consegue, mas poderia contar com um professor ou um colega. Eu podia contar com o Guilherme antes mesmo de falar com a minha família.	

		01:09:00 - 01:09:59 - Às vezes, minha mãe e eu brigávamos um pouco porque quando eu já tinha me assumido ela falava que não tinha me entendido ainda. Ela estava tentando “abrir a mente” dela. Ela se sentiu incomodada porque as gurias que eu ficava vestiam-se com roupas mais masculinas, usavam cabelo curto, tinham jeito de homem. Ela me perguntou: o que tem de diferente? **01:10:00 - 01:10:59** - Falava também que, às vezes, eu me sentia muito atraída, “tarada”, quando via gurias usando cuecas. E é verdade, eu acho linda, gostosa. Por isso, a minha mãe não conseguia acreditar em mim, não conseguia me entender. - Não entendia. A gente brigava bastante por causa disto, ela achava que não fazia diferença ficar com homem, porque as mulheres que eu ficava vestiam-se iguais a homens. A única diferença seria o corpo, mulheres têm vagina, têm seio, mas ela via que eu preferia as mulheres de cabelo curto. Ela dizia: “eu não vejo tu pegares meninas iguais a ti”. Ela se referia a usar roupas femininas, maquiagem, unhas pintadas. - Eu explicava que eu gostava de mulheres, sim, sentia-me atraída por mulheres, sim. Quando eu vejo mulheres nuas me sinto daquele jeito, sabes? Mas a gente brigava muito por isso. Eu falei para ela, algumas vezes, que a roupa não importa, eu fico com mulheres que usam roupas mais masculinas quanto mais femininas como eu. Isso não é importante para mim. **01:11:00 - 01:11:59** - Simplesmente, mulheres me atraem mais. Nunca me senti atraída por homens. - Com o tempo, a minha mãe percebeu, na verdade ela cansou de conversar, e disse que a decisão era minha, se era assim que eu me sentia bem, se fazia bem para mim, ela não falaria mais nada. Hoje em dia eu estou casada e a minha esposa tem características masculinas, cabelo curto…	

		- A gente é casada. A gente mora junto. **01:12:00 - 01:12:59** - A gente está namorando, morando junto. Mas a gente pretende casar de verdade, oficialmente, um dia, de papel assinado. - Isso. A minha mãe é “de boa” com isso. A minha mulher usa roupas masculinas, cabelo curto, gosta de usar cueca e para mim está tudo bem. Eu adoro vê-la assim, para mim está ótimo. A minha mãe parou de implicar com isso, chegou uma hora que ela desistiu e me respeitou. **ASSOCIAÇÃO**: **00:43:00 - 00:43:59 - JF - E da ASP (Associação de Surdos de Pelotas), tu participavas?** - Participei, mas depois que eu me assumi lésbica eu parei de ir na ASP, porque teve uma época que eu tentei ir e disseram que eu não poderia entrar por eu ser lésbica. - Sim. Tinham várias crianças na ASP e pensavam que eu influenciaria as crianças. Hoje em dia as pessoas estão com a mente mais aberta. - Eu não lembro quem foi, eu entrei na ASP e uma pessoa falou para mim isso, então eu fui embora e não voltei mais. Não fiz reclamação nenhuma, só fui embora e não voltei mais. - 19 ou 20, mais ou menos. Eu pensei que reclamar não iria mudar nada. **00:44:00 - 00:44:59** - Para que impor a minha presença? Não iria mudar nada. - Eu achei que isso foi muito cruel comigo, imagina o que eles fariam com os outros? **00:46:00 - 00:46:59** - Aqui em Pelotas faltou o desenvolvimento de um movimento LGBTQIA+, naquela época, não tinha.	

		00:47:00 - 00:47:59 - Não, só percebia que tinham muitas regras tradicionais. - Por exemplo, homens casam com mulheres, (...) **00:48:00 - 00:48:59** - (...) que eles precisavam ser da mesma cor, ou seja, brancos com brancos, negros com negros… **JF - Tu vias as pessoas falarem isso?** - Sim, algumas pessoas. - Sim, foi antes de eu me assumir, quando eu ainda participava. **JF - Mas quando tu te assumiste, deste momento em diante, não podias mais participar?** - Sim, foi isso que aconteceu. - Isso, branco com branco, negro com negro. E também falavam que o homem é o que manda e a mulher precisa aceitar. **00:49:00 - 00:49:59** - Às vezes, algumas mulheres se juntavam em grupos e conversavam. Algumas falavam que eram responsáveis por limpar a casa, outras por cuidar dos filhos, e que os homens eram superiores. - Também falavam que surdos só poderiam se casar com surdos, que não poderiam casar surdos com ouvintes. - Eu já discordava do que eles falavam, enquanto pessoa. **JF - E o que que acontecia?** - Começava uma briga, um debate. - Isso. Alguns ficavam ao meu lado, mas outros não. **00:50:00 - 00:50:59** - Às vezes ficavam separados e às vezes ficavam misturados. Tinha o grupo de mulheres sentadas nas cadeiras, conversando e tomando mate, tinha um outro grupo de homens falando besteira e jogando, separados. - Naquela época eu não lembro, acho que não. Eu já sabia que o Nicolas era lésbica.	

		00:51:00 - 00:51:59 - O Nicolas andava mais com os homens do que com as mulheres. Eu não tinha muito contato com ele. - Eu já sabia. Eu percebia no corpo. - Sim, eu vi. Eu tentava participar das conversas, mas eles me expulsam porque era um grupo só de homens. Eu disse que se o Nicolas estava eu também poderia… - Ele podia, eu não. Mas eles deixavam o Nicolas lá para ser alvo das provocações deles. **JF - E tu achas que era só brincadeira ou eles poderiam fazer aquilo?** - Para alguns (…) **00:52:00 - 00:52:59** - (...) eu acredito que não era brincadeira. Às vezes eu pensava que era verdade, porque eu percebia medo do Nicolas. - Tem um surdo que fez uma "cagada" e até hoje ele não fala a verdade. Eu sempre falei para ele que ele era gay e não se assume, não tem capacidade de mostrar quem ele é e tinha coragem de participar dessas provocações. **00:53:00 - 00:53:59 - JF - Pensando o que acontecia naquela época, tu acreditas que isso tudo não era influenciado pela sociedade heterossexual? Eu digo quando eles trazem essas regras de que mulheres precisam ser educadas e ter um comportamento específico, ficar em casa, na cozinha, cuidando dos filhos…** **00:54:00 - 00:54:59 - Isso não é uma influência heterossexual na comunidade surda?** - Não, eu acredito que é a criação familiar. - Acredito que sempre que um tio, um pai ou um irmão molesta alguém, esse alguém torna-se agressivo. E eu sei que esse surdo foi estuprado quando era criança. **00:55:00 - 00:55:59** - De homens machistas, sim, isso.	

		00:57:00 - 00:57:59 - Esse tipo de sociedade influencia tanto ouvintes quanto surdos, isso não faz diferença. - Mas eu não sei de onde viria isso. **00:58:00 - 00:58:59- JF - Conheces este sinal: passabilidade?** - Não conheço esta palavra. **01:01:00 - 01:01:59** - Sim, exatamente, era jeito de homem. **01:02:00 - 01:02:59** - Sim, sim. O Nicolas tinha mais liberdade. Já eu não. - Hoje em dia a ASP já tem pessoas com a "mente mais aberta". **01:03:00 - 01:03:59** - Sobre a Escola Alfredo Dub eu não sei dizer por que eu não venho mais aqui.	
	Daniel Oreques 13/01/2023	**<u>FAMÍLIA</u>**: **00:02:00 - 00:02:59** - Era bastante difícil, eu tinha essas barreiras, não conseguia conversar com ninguém. Eu não tive uma família fluente em Libras, não interagia. Quando a minha mãe descobriu a escola Alfredo Dub e eu comecei a ter aulas aqui, eu fiquei muito feliz com o que vi aqui, porque eu comecei a aprender a Libras. A minha mãe não conseguia vir fazer os cursos de Libras, (...) **00:03:00 - 00:03:59** - porque eu tinha um irmão PCD (Pessoa com Deficiência). Ela não tinha tempo para conversar com o filho surdo. Ela pediu para a minha irmã vir fazer o curso de Libras. Então eu pude começar a interagir com a minha família. **00:04:00 - 00:04:59** - Eu me sentia bem, por causa da importância de estar com outros surdos, o mais importante para mim era estar com os surdos. A quantidade de alunos foi	

		aumentando, a Libras se desenvolvendo também. E eu conseguia interagir com minha família. **00:05:00 - 00:05:59** - Eu ainda estudava na escola Alfredo Dub, tinha entre oito ou dez anos, e percebi que estava me sentindo atraído por homens e não tinha interesse em mulheres. Eu guardei este segredo, eu não conseguia contar para a minha família. Eu colocava sempre no meu Facebook que eu estava triste. **00:06:00 - 00:06:59** - Até que um dia, a minha irmã veio me perguntar por que eu estava muito triste, que ela via o meu Facebook, aqui eu já estava com 15 ou 16 anos. Foi um golpe no meu coração, eu não consegui falar para ela, mas ela disse: "a mana já sabe que tu gostas de meninos". Eu me assustei. **00:09:00 - 00:09:59** - Nesse encontro a minha mãe contou para a família que eu tinha me assumido. Meus tios disseram que não era para nos preocuparmos, porque eles me amavam, sabiam que eu era uma boa pessoa, é carinhoso. A aceitação da minha mãe foi melhorando conforme ela interagia com meus tios, eles influenciaram muito nisso. Hoje ela entende que sou gay. Mesmo assim, ela me pede netos, mas eu não quero isso, entendes? Eu só quero ser feliz. **00:15:00 - 00:15:59** - É bom, importante. Acredito que seja importante os familiares participarem, os pais, para que no futuro saibam sobre LGBTQIA+ se precisarem lidar com os filhos. **<u>ESCOLA</u>**: **00:11:00 - 00:11:59 – JF: Mas já falamos sobre a tua família, agora sobre a escola Alfredo Dub, sobre o que acontecia aqui. Quando tu ainda tinhas uns dez anos, que ainda estudavas aqui, tu tinhas algum amigo(a) com quem**	

		tu pudesses compartilhar assuntos particulares? Tinhas outros amigos LGBTQIA+ com quem tu pudesses conversar sobre assuntos íntimos? Ou não? **00:12:00 - 00:12:59** - Não tinha. - Aqui na escola, antigamente, eu tinha alguns amigos, colegas. Mas quando eu perguntava alguma coisa para alguns deles, a resposta era que não gostavam de gays, LGTBQIA+, odeio, que nojo! Eu me sentia mal porque já sentia em mim que era gay. Diante destas respostas, eu não consegui falar com ninguém nem com meus melhores amigos. - Sim, muito bullying. Horrível! - Tinha. porque eu sou obeso, várias características. - Tinha, também. Quando eu concluí o ensino fundamental aqui eu fui para o Assis Brasil com a mesma turma. **00:13:00 - 00:13:59** - Lá eu contei que eu sou gay, que eles precisavam respeitar os LGBTQIA+. Eles compreenderam e continuamos amigos. **JF - Existia bullying contra pessoas obesas, LGBTQIA+, negros…?** - Várias coisas.. **JF - E a escola discutia sobre esses assuntos?** - Aqui no Alfredo Dub, muito pouco, pelo o que eu lembro. Eu via essa discussão mais frequentemente lá no Assis Brasil. **00:14:00 - 00:14:59** – JF: - Não tinha nenhum professor que falasse, ensinasse, que não se poderia fazer bullying, ou que explicasse sobre isso para vocês? - Aqui eu não lembro de nenhum. **JF - Sobre sexualidade?** - Não lembro. - Sim, eu gostaria que algum professor fizesse com que o Alfredo Dub fosse mais aberto a essas discussões. É importante recebermos informações sobre o mundo	

		LGBTQIA+ nessa idade para podermos saber sobre isso no futuro. Por isso eu acredito que precisaria ser trabalhado aqui na escola Alfredo Dub. **SEMINÁRIO LGBTI+ ESCOLA/ASP - 2018**: **00:15:00 - 00:15:59** - Ah, eu não vim. - É bom, importante. Acredito que seja importante os familiares participarem, os pais, para que no futuro saibam sobre LGBTQIA+ se precisarem lidar com os filhos. **ASSOCIAÇÃO**: **00:20:00 - 00:20:59: JF: - Mas, Daniel, tu participas da ASP - Associação de Surdos de Pelotas?** - Antes eu participava, agora eu parei. - Sentia-me bem, mas… - A ASP não tem informações sobre LGBTQIA+, palestras com novidades, não tem nada disso. É só a mesma panela batendo papo. Eu gostaria que criassem atividades novas na ASP, que falasse sobre LGBTQAI+, (...) **00:21:00 - 00:21:59** - (...) tivesse mais diversão, interação, informação, palestras, entre outros. Mas troca a presidência e nada muda. - Não tem debates importantes, sobre estudos, vida, família, não promovem nada importante. Lá é só papo e chimarrão. Por isso eu desisti de participar da ASP. - Não. É difícil eu frequentar porque eles não têm atividades importantes. Eu gostaria que tivesse algo novo, que trouxesse informação, palestras, e tudo mais, aí eu participaria. **00:22:00 - 00:22:59** - Eu tinha os meus amigos e quando eu percebia que alguém me ofendia eu só não me aproximava, não queria que fosse meu amigo.	

		- Tinham, mas eu não gosto disso, gosto de estar em lugares que somos um grande grupo, que podemos interagir com todas as pessoas, como uma família. Isso é o mais importante. **JF - Não tinha união?** - Não. Era difícil. **00:23:00 - 00:23:59** - Muito mal, tirou meu interesse pela ASP e eu saí. **JF - Eu percebo que os heterossexuais…** - Sim, são maioria na ASP. J**F - … eles têm uma influência, uma influência hétero na ASP. Não achas?** - Pode ter. **JF - Eu percebo que tem um grupo de homens heterossexuais que são responsáveis pelo churrasco e só falam de mulher e futebol. Outro grupo de mulheres surdas, que ficam separadas. Tu percebes isso?** - Vejo isso nas fotos. **00:30:00 - 00:30:59** - Precisamos lutar por respeito. O meu sonho, o que eu queria fazer era proporcionar um local em que se tenha esse respeito, em que o preconceito fosse proibido, que as pessoas todas interagissem e pudéssemos lutar por melhorias para os LGBTQIA+. Só isso. **00:31:00 - 00:31:59 - JF - O mundo fora da comunidade, esse o comportamento hétero pode influenciar a comunidade surda?** - É diferente. **00:32:00 - 00:32:59** - Não sei como responder. **00:37:00 - 00:37:59** - (...) para dar um basta a esse preconceito. Nós também precisamos ter respeito, nos unir, é isso?	

	Guilherme Domingues 16/01/2023	**<u>FAMÍLIA</u>**: **00:24:00 - 00:24:59** - **JF - A tua mãe resolveu que seria melhor esconder isso.** - Sim, depois de um tempo, eu tinha 15 anos e comecei (...) **JF - O teu pai ainda não sabia de nada?** - Não sabia de nada. **00:25:00 - 00:25:59** - Minha irmã já sabia. - Eu estava usando o notebook e ela viu que eu gostava de homens. Ela percebeu por que eu desliguei rapidamente quando ela chegou. - Sim, ela viu e descobriu. Porque eu estava olhando uns homens bonitos e conversando com eles por câmera. Quando ela percebeu, ela me perguntou se eu não gostava de mulheres. Ela já tinha percebido no meu jeito, no meu corpo, mas ela precisava confirmar e me perguntou. Eu disse que sim, que gostava de homens. Ela disse para eu me acalmar, não ficar nervoso e, (...) - (...) então, chamou minha mãe e fomos os três conversar no meu quarto, escondidos, aproveitando que meu pai tinha saído para trabalhar. A minha irmã falou para a minha mãe sobre eu ser gay, esta explicou que sabia e estava nervosa, com medo que alguém pudesse me matar por eu ser gay. A minha irmã me apoiou bastante. - A minha irmã ajudou muito na conversa com a minha mãe. Ela nos deu muitas dicas, aprendi muito com ela, ela me dá muitos conselhos. - A minha irmã tem muitos amigos ouvintes LGBTQIA+. Foi algo que minha mãe perguntou para ela e ela respondeu que sim, que já tinha experiência, que via como era a vida deles, (...)	

		00:27:00 - 00:27:59 - (...) que tinha amigos gays, lésbicas, transexuais, entre outros. - Sim, em Piratini. E também aqui em Pelotas, porque ela vinha para fazer faculdade aqui na cidade, na UFPEL (Universidade Federal de Pelotas). - Sim, ela tinha vários colegas gays e ela também conhecia lésbicas. Ela interagia muito com eles e quando ela desconfiou de mim foi porque ela percebeu várias destas características no irmão surdo dela. Ela, já pensava sobre isso antes de descobrir, ela fez algumas pesquisas no Google, na internet. **00:33:00 - 00:33:59** - Meu pai descobriu depois, ele percebeu que eu estava com um jeito diferente. - Sim, meu pai ainda pensava que eu gostava de mulheres. Ele percebeu que meu jeito era diferente e um dia ele veio conversar de uma forma séria, eu não sabia se ele estava bravo ou não. **00:34:00 - 00:34:59** - Ele pediu para eu esperar e chamou minha mãe. Ela assustou-se e não sabia o que dizer. **JF - Tudo isso na tua frente?** - Sim, eu fiquei assustado também. - Eu percebi que ele estava sério, mas eu não tinha contado nada, mas pelo jeito dele eu desconfiava que ele havia descoberto. Eu tinha 15 anos na época. Em seguida, meu pai chamou minha mãe e minha irmã para conversar. - Sim, minha mãe também interpretou um pouco. **00:35:00 - 00:35:59** - “Por que o teu filho quer ser gay? Eu percebi que ele mudou o jeito na hora que viu um homem”. Isso aconteceu quando eu fui ao centro com meu pai e ele percebeu que eu estava olhando para os homens na rua, enquanto passeávamos. Ele percebeu que aqueles homens que eu olhava eram gays. Ele percebeu naquela hora e quando chegamos em casa ele perguntou para a minha mãe	

		se a percepção dele estava correta: “É verdade que o teu filho quer ser gay?”. A minha mãe contou tudo, explicou, disse que não queria brigas, pediu para ele ficar calmo, que era uma escolha do filho dele. O meu pai ficou reflexivo por um tempo. Minha mãe aproveitou para ensinar algumas coisas sobre LGBTQIA+ para o meu pai. **00:36:00 - 00:36:59** - Minha irmã ajudou ela nesse momento, também. Demorou um pouco essa reflexão do meu pai. **JF - Anos?** - Não, uns dois ou três meses. Eu entendi que meu pai estava preocupado comigo, um homem gostando de homens. Um filho gay. O meu pai ficou bem preocupado. A minha mãe conversava bastante com ele, dizia que ele precisa aceitar, que o filho deles era gay e pronto. Meu pai ficava muito pensativo até que um dia ele optou pela minha felicidade e me aceitou. Ele veio me dizer que eu podia ser livre. Eu fiquei muito feliz. **00:37:00 - 00:37:59** - Sim, muito feliz. Ele apenas disse para eu me cuidar, que eu precisava aprender sobre LGBTQIA+, conhecer pessoas que pudessem me explicar sobre esse mundo, ir em palestras, estar em contato com a comunidade surda. Ele também frisou que eu precisava me cuidar, conhecer bem os homens, se são pessoas boas ou não. Que eu precisava tomar cuidado. Meu pai usa muito este sinal “abrir o olho”. Eu concordava. **<u>ESCOLA</u>**: **00:31:00 - 00:31:59** - **JF - As informações que tu recebeste, enquanto pessoa surda, não foram aqui na escola Alfredo**	

		Dub, mas pela tua irmã, certo? Ela que buscava as informações e te passava, te explicava, te ensinava? - Sim, isso. **JF - Na escola não te ensinaram nada sobre LGBTQIA+?** - Não, nunca. **JF - Não tinha um professor que trabalhasse aqui para quem tu pudesses perguntar sobre as questões LGBTQIA+?** - Na verdade, a minha irmã ouvinte perguntava para os colegas e amigos da faculdade dela. Eles sabiam muito sobre isso, tinham palestras. **00:32:00 - 00:32:59** - Desde o básico, o significado das letras na sigla, ela aprendeu muito com eles. Depois ela percebeu que precisava entender sobre eu ser surdo. A minha mãe também estava cada vez mais nervosa por não conhecer sobre LGBTQIA+. Um dia, elas e eu fomos passear no centro e vimos uma passeata LGBTQIA+. - Sim, eram pessoas gays, lésbicas andando de mãos dadas, se beijando na rua. Foi um divisor de águas para a minha mãe, ela começou a buscar na internet, fazer perguntas para as pessoas (...) **00:33:00 - 00:33:59** - (...) sobre LGBTQIA+, sobre como apoiar a luta e o movimento. A minha mãe finalmente aceitou. Quando chegamos em casa eu vi que minha mãe tinha aceitado eu ser gay. **00:39:00 - 00:39:59 – JF - Alguém te explicou sobre o uso de preservativos? Tua irmã ou a tua mãe? Como tu começaste a receber informações sobre sexo e esses assuntos? Em casa ou aqui na escola Alfredo Dub?** - Na verdade, eu comecei a aprender sobre isso aqui na escola.	

		JF - Aqui? Com algum professor de biologia ou outro? Ou ciências? - Biologia, Ciências também. Eu prestava atenção nas aulas sobre cuidados com o corpo, as doenças que poderiam aparecer na vagina, entre outros. Em seguida, foram iniciados alguns conteúdos sobre sexo, sobre o uso de preservativos - neste assunto eu prestei muita atenção. Depois foi explicado como colocar a camisinha. - Sim, eram cuidados com a saúde. **00:40:00 - 00:40:59** - A professora de ciências, a Clea, ela nos ensinava, mas tinha outro também, não lembro o nome agora, outros professores que falavam sobre isso. Eu não conhecia preservativos, então eu perguntava bastante sobre isso. Os professores me explicaram para que servia, como usava, que se colocava no pênis. - Não mostraram, só tinham imagens e fotos. **00:41:00 - 00:41:59** - achei que as imagens não eram suficientes, eu tinha dúvidas ainda. Eu queria saber como faria. Quando eu cheguei em casa, fiquei pensando naquilo, como seria quando eu estivesse com um homem. Depois de um tempo eu encontrei um homem aqui na escola que me interessou. - Não, um aluno novo aqui da escola. - Sim. Nesse dia eu percebi que ele se aproximou de mim. Eu senti algo por ele, mas não o conhecia. Nós nos cumprimentamos, começamos a conversar (...) **00:42:00 - 00:42:59** - Ele estava aqui na escola Alfredo Dub, eu perguntei se ele era gay, o Gil disse que sim. Aí começamos a conversar. Fui junto com o Gil perto dele, mas não tive coragem de chegar… Eu tinha confirmado que ele era gay e que gostava de homens, mas eu estava muito envergonhado. Fui educado, fiquei quieto. O Gil me perguntou	

		se eu gostaria de saber mais sobre o mundo gay, sobre sexo, essas coisas. Eu queria, mas me sentia ainda com algumas barreiras, mesmo assim o Gil me ensinou muito. **00:43:00 - 00:43:59** - Ele me mostrou como colocar o preservativo, tudo… Eu agradeço muito a ele por me ensinar tanto. Noutro dia, encontrei outro homem, conversamos e ele me perguntou se eu queria fazer sexo com ele. Eu fiquei em dúvida, mas lembrava do que o Gil tinha me ensinado e eu fui e fiz sexo. - Tinha alguns guardados porque distribuíram aqui na escola e eu peguei e guardei. No banheiro da minha casa, escondido, eu abri um para saber como era, coloquei. **00:44:00 - 00:44:59** - Isso. Eu treinei no banheiro da minha casa, sozinho. - Eu coloquei, prestei atenção para a ponta do preservativo, em como deveria ficar. Eu treinei bastante no banheiro. **JF - Tu ficaste triste porque tu não tinhas alguém para compartilhar essas experiências? Não pensavas como isso era chato, ser surdo e, por isso, não ter informações, por exemplo, de como colocar um preservativo? Não saber essas coisas, não ser incentivado a treinar.** - Não recebemos essas informações. **JF - Tu não choravas por causa disso?** - Chorar? Não. Eu ficava preocupado, ansioso porque eu queria saber essas coisas para o meu futuro. J**F - Porque a tua família não sabe Libras.** - Não tinha Libras… **00:45:00 - 00:45:59 - JF - E aqui na escola não poderia conversar sobre esses assuntos. Como irias mostrar para a Clea?** - Ou para qualquer professor.	

		JF - Não tinha um professor LGBTQIA+ para conversar. Como falar destas coisas para o Luís? - Eu perguntava, mas… **JF - Não tinhas como ter essas informações. Isso é chato na comunidade surda.** - É chato, é difícil. É uma luta achar alguém que fale sobre preservativos, sobre sexo. Eu queria aprender mais, mas … **00:46:00 - 00:46:59 - JF - É importante pegar para experimentar, treinar a colocação, porque na televisão não tem esse tipo de informação. As revistas estão em língua portuguesa, o que dificulta a leitura.** - É difícil, eu não sei ler em português. **00:47:00 - 00:47:59 - JF - Só resta às mães explicarem?** - Mas a minha mãe não explicou nada para mim, nem a minha irmã. **JF - Mas quando uma mulher explica esse tipo de coisa, vai ser de uma forma resumida.** - Elas não sabem, não conhecem. **JF - Mas a tua irmã te ajudou bastante.** - Sim e também a minha mãe me ajudou. Quando eu tinha uns 16 ou 17 anos ela me levou em uma palestra sobre sexualidade. Ela me passou os conhecimentos adquiridos lá sobre preservativos, Eu perguntei como ela sabia aquelas coisas e ela me disse que aprendeu e me ensinou os detalhes sobre enrolar a ponta e sobre o lado certo de colocar. Ela ainda disse que eu deveria aprender junto com algum homem que eu conhecesse e quisesse. Também alertava-me sobre as doenças no pênis, disse que eu precisava ir ao médico. **00:48:00 - 00:48:59** - No médico, eu perguntei sobre os cuidados que eu deveria ter e sobre as DSTs.	

		00:49:00 - 00:49:59 - JF - Quando foi a primeira vez que tu fizeste sexo foi com algum colega aqui da escola ou foi de outro lugar? Sobre a tua primeira experiência. - A primeira vez foi aqui na escola. Eu fiquei com um homem… - Sim, aqui no banheiro, escondido. **JF - Escondido no banheiro aqui da escola?** - Sim, escondido. **JF - Adoro essas histórias!! Vocês usaram preservativo?** - Eu não tinha. - Então, estávamos no banheiro masculino, eu perguntei para o colega se ele tinha camisinha e ele disse que tinha. Fiquei aliviado. Fomos para o banheiro, porque eu queria aprender como era e ele me ensinou lá. Fizemos sexo, sexo oral também, e eu aprendi como era. **00:50:00 - 00:50:59** - E gostei. Ele me ensinou como beijar, abraçar e tudo mais. - Nós conversamos, nos ajudamos. - Essa foi minha primeira vez e eu senti prazer em estar junto de um homem. Eu até espantei-me porque não tive vergonha. Eu queria aprender o que era ser um homem gay, como seria fazer sexo com outro homem. Eu nunca tinha tido esta experiência. - Exatamente. Eu cresci sem informações deste tipo, fui descobrindo-me, mas aos 13 ou 14 anos eu comecei a buscar estas informações. Este colega ensinou-me estes assuntos sobre sexo, (...) **00:51:00 - 00:51:59** - (...) quando transamos no banheiro. Deste momento em diante, eu fiquei bem mais tranquilo sobre este assunto. - Tinha bullying, sim. Eu percebia… - Eu percebia que os surdos provocavam… - Chamavam de gay.	

		JF - E os negros não eram provocados? - Sim, também. Falavam que não gostavam de negros, que não queria ser amigos nem ficar juntos de pessoas negras. **JF - E os obesos?** **00:52:00 - 00:52:59** - Diziam que pessoas gordas eram feias, mas que as pessoas magras também eram horríveis. **JF - Tu tinhas amigos gays aqui na escola?** - Tinha, sim. **JF - Começaram a entrar depois na escola?** - Sim, alunos novos.. **JF - E aí tu percebias que existia esse preconceito?** - Eles ficavam rindo, provocando, falando do corpo magro, fofocando entre os surdos. **JF - Havia uma separação entre homens e gays nos intervalos? Não se divertiam juntos?** - Existia um preconceito, tinham grupos que não queriam ficar próximos uns dos outros. Eu percebi que, a partir do momento que estava evidente que eu era gay, alguns colegas pareciam não gostar mais de mim, não ficavam perto. Senti-me mal com aquilo. **00:53:00 - 00:53:59** - Pareciam não gostar mais de mim, afastaram-se de foram para outros grupos. Depois de um tempo, alguns colegas perceberam, uma colega descobriu que outro colega era gay e nos chamou para fazer parte do grupo deles. Perguntaram-me se eu estava me sentindo sozinho por causa do preconceito dos outros surdos, eu concordei, disse como estava me sentindo. Nesse grupo a gente se ajudava, trocava conselhos, eles diziam para eu ignorar as provocações, que era inveja e tudo mais. - Isso. Nesse grupo, se falava como os “papos” dos outros surdos não eram legais, que era melhor ignorar, porque na cabeça deles eu só era gay.	

		00:54:00 - 00:54:59 - Isso me deixava muito mal. Um dia eu perguntei a um colega por que os outros faziam isso comigo. Ele explicou que eles não teriam conhecimento sobre o mundo LGBTQIA+ e preferem tratar dessa forma. Um tempo depois eu reencontrei essas pessoas e alguns entenderam que o que eles faziam era errado, que aquilo era bullying e se arrependiam. Mas por que eles nunca me pediram desculpas? Nunca vieram até mim se desculpar por me ofender, me chamar de “veado”, por falarem do meu corpo, por eu ser magro, por criticarem as minhas roupas dizendo que eram velhas e simples, por falarem dos meus bonés e do meu cabelo. **00:55:00 - 00:55:59** - Eu chegava triste em casa, não me sentia bem, mas depois de um tempo eu consegui começar a ignorar e ficar feliz e em paz. Encontrei amigos legais, que aconselharam-me, com os quais pude compartilhar momentos bons. Dos outros eu me afastei. **00:56:00 - 00:56:59** - Na verdade, tinham pessoas que não sabiam nem o que era bullying. Tinham professores que explicavam e complementavam que não era permitido fazer bullying, que era feio. **00:57:00 - 00:57:59** - Não sei de quem ela estava falando. Eu lembro que teve um professor ouvinte que começou participando da comunidade surda para aprender a língua de sinais e explicar sobre LGBTQIA+ e também sobre bullying, mas eu não lembro o nome dele. **SEMINÁRIO LGBTI+ ESCOLA/ASP - 2018**: **00:58:00 - 00:58:59** - Eu penso que foi muito importante para aprendermos sobre LGBTQIA+ na comunidade surda e na sociedade. - Sim, as mães puderam participar pela primeira vez e observar o que estava acontecendo. As que tinham interesse	

		no assunto LGBTQIA+ puderam conhecer melhor. Foram passadas informações importantes para os amigos e os familiares de LGBTQIA+. Puderam entender que há diferenças entre ser gay, ser lésbica e ser transexual. Este remetendo ao futuro, sobre poder trocar de gênero e que é diferente de ser drag queen. Muitas coisas importantes. **01:00:00 - 01:00:59** - Sim, eu lembro. Eu estava com medo de a minha mãe ficar brava comigo porque eu subi para uma entrevista lá né? **01:01:00 - 01:01:59** - Eu subi lá e falei como a minha mãe me ajudou, como foi a aceitação por ela. Eu lembro que minha mãe se emocionou muito e não ficou brava por eu ter ido. Eu vi que ela estava feliz em me ver naquela posição. Eu queria ir, eu queria ter coragem, lutar junto, militar junto com eles. Eu falei um resumo, fui breve, mas gostei muito de poder estar lá. - Foi bonito, né? Foi a primeira vez que falava em público assim. Depois disso, minha mãe me deu de presente uma mão que dizia em Libras: Eu Te Amo (ILY). Foi muito legal, eu me emocionei muito, fiquei muito feliz. Minha mãe disse que ficou muito feliz também por ver o filho surdo assumir a sua identidade de gênero assim, no palco. **01:02:00 - 01:02:59** - Eu percebi que ela não estava brava como eu imaginei que ficaria. Ela pensava que tu poderias estar bravo por eu ter ido para o palco, mas foi explicado que esse momento era para isso mesmo, que era livre. Eu lembro que ela aprendeu um pouco mais sobre o mundo LGBTQIA+ contigo também, te fez perguntas, tu aconselhaste a gente. Ela estava apreensiva no início, mas ela conversou contigo depois, viu que tinhas experiência no movimento LGBTQIA+, que estavas inserido no movimento e que conhecias outras pessoas. Ela entendeu, ficou feliz e não teve mais as mesmas preocupações.	

		<u>ASSOCIAÇÃO</u>: **01:10:00 - 01:10:59 - JF: Tu participas da ASP?** - Nunca fui. - Eu nunca participei da ASP porque eu não conheço o pessoal, os surdos que frequentam a associação. Eu até queria ir, queria conhecer, mas nunca fui. - Meus amigos não vão, eu não quis ir. **01:11:00 - 01:11:59** - Nenhum amigo meu me convida para ir na ASP. Se eu for sozinho, eu quero conhecer o pessoal, mas eu não tenho amizade com ninguém de lá… - Eu quero aprender mais com a comunidade surda, quero conhecer as pessoas, mas não consigo ir. - Sim, algo está me impedindo… - Isso eu penso, sim, que alguém pode rir de mim ou me ofender. **01:12:00 - 01:12:59** - Porque eu gosto de usar umas roupas mais femininas, cropped, shorts, e penso que posso ser motivo de risadas quando eu entrar na ASP. - Podem falar que estou feio, fazerem bullying comigo e depois eu me sentir mal. **01:13:00 - 01:13:59** - Uma família? A ASP? Eu não sei, teria que ver como é… **01:14:00 - 01:14:59 – JF: Tu estás dizendo que te sentes barrado, que não participas, então não é uma segunda família, não achas?** - Então, não. É verdade, eu me sinto limitado… - Para mim, não é assim. Eu sinto que não consigo transpor essas barreiras, tenho medo que riam de mim, que me ignorem, que não conversem comigo, não consigo me sentir bem em relação à ASP.	

		01:15:00 - 01:15:59 - A sociedade e a ASP precisam se voltar mais para o Movimento LGBTQIA+ e conhecê-lo. Precisam entender que um homem pode usar qualquer tipo de roupa, que não existe roupa de mulher, isso também é respeito ao jeito de cada um, com naturalidade. Não podem aceitar a homofobia, a violência, o assassinato destas pessoas. Eu não vou me sentir bem em um ambiente em que estão me provocando, rindo de mim, eu ainda tenho medo de sofrer bullying novamente. Esses são uns dos motivos pelos quais não vou à ASP, é triste. **01:18:00 - 01:18:59** - Precisam recepcionar bem os LGBTQIA+, entender o quão legal é ter todas as pessoas lá dentro. Muitos LGBTQIA+ querem participar da comunidade surda, das lutas, mas eles têm medo e acabam travados. Pode ser porque vão rir da sua roupa, por exemplo, visto que a comunidade surda não tem conhecimento sobre LGBTQIA+. Sabemos que outros surdos poderão rir de nós, nos provocar e até agredir por preconceito. Não existe carinho, uma vontade de conversar, de conhecer melhor, ajudar, compartilhar experiências. Eu acredito que os surdos precisam conhecer mais, aprender sobre as questões LGBTQIA+, ter amigos LGBTQIA+, tentar uma união entre todos para construir esse respeito, ter mais carinho, mais amor entre todas as pessoas. **01:21:00 - 01:21:59** - A pessoa pode ficar doente… **01:22:00 - 01:22:59** - Onde as pessoas possam ir para ter essas informações sobre silicone, sobre seus sonhos, mas tendo cuidado com a saúde. - Os ouvintes têm mais acesso a informações que os surdos. **01:37:00 - 01:37:59 - JF - Já entraste em alguma loja de artigos eróticos aqui no centro, em Pelotas?** **01:38:00 - 01:38:59** - Quero sim, para aprender, para conhecer.	

		- Eu quero aprender, ver como são os dildos. Porque eu nunca fui, gostaria de conhecer. - A ASP? Ah… Sim, a ASP precisa conhecer esses lugares. - Mas a ASP não consegue pensar sobre isso. - A ASP não tem interesse em aprender sobre essa temática LGBTQIA+. Poderia levar as pessoas para conhecer lugares como esse. **01:40:00 - 01:40:59** - Sim, é importante aprender sobre a disponibilidade destes vários produtos. Eu nunca fui, não sei como é. A ASP precisa saber também sobre essas lojas no centro, sobre os produtos, combinar com os surdos para irem lá.	
	Nícolas Brahm 25/01/2023	**FAMÍLIA**: **00:13:00 - 00:13:59** - Acredito que para a maioria dos pais é mais difícil manter uma relação próxima com os filhos. Percebo que apenas alguns pais conseguem. Agora imagina quando o filho é surdo, isso piora. Agora eu que vou te fazer uma pergunta, quantos pais de surdos tu já viste que sabem Libras? - Aqui na escola, a maioria são mães que trazem seus filhos surdos. Já viste pais aqui? É difícil. Na escola de ouvintes acontece isso também, mas com filhos surdos, como é? - Quantas vezes tu viste um pai querer participar do Curso de Libras? **00:14:00 - 00:14:59** - Não só a família mais próxima, mãe, pai e irmãos, mas algumas outras pessoas saberem Libras como avós e alguns tios, é importante. Às vezes eu ia em festas da família e precisava ficar perguntando o que estavam falando. Minha mãe e irmãs estavam sempre interpretando para mim. Se outros familiares soubessem Libras, eles poderiam me	

		incluir nas conversas também. Eles utilizam apenas frases simples comigo na oralidade. Se eu preciso esforçar-me para compreendê-los, por que eles não se esforçam para conversar em Libras comigo também? Parece que eu sempre tenho que estar me dedicando, mas eles não. Quando eu era criança, eu ia para os eventos da família e pensava apenas em brincar com meus primos enquanto eles faziam churrascos e tudo mais. Mas depois eu cresci, fiquei adolescente e percebi (...) **00:15:00 - 00:15:59** - (...) que diminuíram as brincadeiras, era uma outra etapa da vida. Eles começaram a conversar mais entre si e eu fui ficando de fora. O que era legal estava ficando chato de estar junto. Os tios, também, perguntavam da escola, de namoro, e era isso, não tinham outros assuntos comigo. - Só perguntavam se eu estava bem, se estava namorando, trabalhando e só. - Isso, ou tinham momentos em que todos estavam rindo e eu queria saber o motivo. Minha irmã pedia licença e me contava o que tinha acontecido. Mas eu era sempre o último a saber, se fosse uma piada, eu não conseguia acompanhar, porque ficava sabendo depois. E a minha irmã até pedia desculpas, porque ela não conseguia interpretar tudo o que acontecia. **00:16:00 - 00:16:59** - Porque eram vários falando ao mesmo tempo. - Exatamente, eu me sentia excluído por causa da falta de comunicação. Às vezes eu chegava nos lugares e já me perguntavam se eu queria ver alguma coisa na televisão. Eu pensava: “Se eu quisesse ver TV, eu tinha ficado em casa!” **00:17:00 - 00:17:59** - A única pessoa da família que eu conseguia conversar era a minha irmã. Com a minha mãe também, mesmo que não com profundidade, mas conseguia conversar. Mesmo assim, eu nunca fiquei falando sobre quem eu namorava ou transava para a minha mãe. Outros assuntos	

		mais simples, eu conversava. Com as minhas irmãs eu conseguia falar sobre mais assuntos. - Na verdade, a minha mãe me explicou muito coisa, (...) **00:18:00 - 00:18:59** - (...) me orientava sobre o uso de preservativos, caso eu resolvesse fazer sexo, sobre proteção e tudo mais. O meu pai não, o que me deixava um pouco triste. Assuntos mais gerais. - A verdade é que a maioria das mães e pais têm vergonha de tocar nesse assunto com seus filhos, não é um privilégio surdo, isso é geral. - Verdade, mas a maioria dos pais têm vergonha e alguns acha que a escola que precisa ensinar esse tipo de coisa. Por isso as escolas promovem tantas palestras. **00:19:00 - 00:19:59** - Eu aprendi sobre HIV e outras doenças aqui na escola ou informações que busquei fora da família. É difícil encontrar mães e pais com a mente mais aberta para conversar sobre sexo com seus filhos, a maioria tem vergonha de tocar nesse assunto. Não apenas pais de surdos, isso também acontece com os de ouvintes. O que mais nos prejudica é se os pais querem falar sobre isso, ainda tem a barreira linguística. Se eles não forem fluentes, sentarem para conversar, os surdos não vão entender de forma clara o assunto. Eu ainda acho que a escola deve abordar esses assuntos porque a maioria dos pais não conversam, seja por vergonha ou por não saber como abordar o tema. - Infelizmente, muitas vezes os pais - homens - não querem que a criança tenha informações sobre sexo porque se aproveitam sexualmente destas crianças, então não querem que elas saibam sobre isso e continuarem o abuso. **00:20:00 - 00:20:59** - Por isso que tem acontecido tantas descobertas nas escolas. Muitas pessoas dizem que esse tipo de assunto deve ser conversado em casa, mas eu entendo	

		que se complementam, família e escola. Algumas famílias que não querem ensinar, porque querem abusar daquela pessoa, então é importante. É um assunto delicado, mas a escola precisa falar sobre isso além da família. - Comigo nunca aconteceu, graças a Deus. mas pode acontecer, principalmente se a pessoa não tem informações. Mas nunca aconteceu comigo. **00:26:00 - 00:26:59** - Primeiro começou dentro de casa. Aos dois ou três anos eu já usava roupas masculinas. **00:27:00 - 00:27:59** - Eu não gostava das roupas femininas que eu ganhava, recusava-me a usá-las. Quando íamos às lojas para comprar roupas, eu pedia roupas para meninos. A minha mãe dizia que eu tinha que escolher as do outro lado, que tinham roupas para meninas. Discutíamos, ela dizendo que tinham que ser femininas e eu querendo as masculinas. Ela tentava, mas eu começava a chorar, gritar, até a minha mãe aceitar e comprar as roupas masculinas para mim. Ela não gostava que as pessoas ficassem olhando para nós e comprava. Então eu sempre usava esse tipo de roupa. Eu era pequeno e minha mãe pensava que era apenas uma fase, achava estranho, mas se eu estivesse me sentindo confortável, estava bom. Eu fui crescendo e não mudei de pensamento, mas o meu pai quis obrigar-me a vestir roupas femininas. Eu não aceitava, chorava, meu pai me forçava dizendo que eu era menina e tinha que usar aquelas roupas. Eu não sabia (...) **00:28:00 - 00:28:59** - (...) porque todos diziam que eu era menina, eu já não me via assim. Parecia que todos estavam me forçando a virar mulher, sabes? Mas, para mim, eu não era. Eu não entendia essa imposição. Eu era menina? Mas eu não me via como menina, eu não percebia o que isso significava, só sentia. Não entendia por que as pessoas não	

		deixavam ser quem eu tinha escolhido ser. Não me respeitavam. Era assim que eu me sentia e aquilo me angustiava, eu percebia essa imposição. A minha sorte era que o meu avô sempre me defendia. Quando meu pai tentava me obrigar na questão das roupas, ele dizia para me deixar livre, que eu era feliz do meu jeito. Poxa, o meu avô, um homem mais velho! Ele podia ser mais fechado, mas não, era o contrário. Ele já sabia, ele dizia para me deixarem ser feliz, que aquilo estava me deixando triste. **00:29:00 - 00:29:59** - Aí o meu pai ficava quieto. Esse avô era sogro dele, mas ocupava uma posição de chefe da família, meu pai o respeitava muito. Se o meu avô não interviesse, meu pai teria continuado tentando me forçar. Por isso, quando meu avô estava perto eu ia para junto dele. Com o tempo, meu pai percebeu que não adiantava tentar “me consertar” e aceitou. A minha mãe não tentava tanto, só quando meu pai mandava ela tentar. Ela dizia que não adiantava e ele tinha que aceitar. Eles resolveram esperar eu crescer para ver se mudava. Sou grato ao meu avô que sempre me defendeu. Eu amava minhas festas de aniversário, (...) **00:30:00 - 00:30:59** - (....) só pelas festas mesmo, porque as pessoas sempre erravam a maioria dos presentes. Eu odiava isso. Parecia que eles não sabiam… - Isso. Eu gostava de receber os presentes, mas era difícil alguém acertar. Eu pensava: “eles não estão vendo como eu sou, como eu me visto?”. Aquilo me dava ódio! Quando eu recebia os presentes, agradecia, mas já sabia o que vinha… ainda perguntavam se eu tinha gostado e eu dizia que não, largava em um canto e ia encontrar meus amigos. A pessoa ficava sem entender o motivo de eu ter dito não daquele jeito. Eu tentava usar do cinismo a maioria das vezes, mas eu queria olhar para algumas pessoas e dizer o não para que da próxima	

		vez a pessoa aprendesse. Tinha uns que eu chamava a minha irmã mais velha e dava aquele presente para ela na frente do convidado, ele ficava sem reação. **00:31:00 - 00:31:59** - Quando a minha mãe ficava sabendo, ela brigava comigo, dizia que aquele comportamento era feio. Eu respondia dizendo que “feio era eles não pensarem em mim, no que eu gosto, quando comprassem um presente”. Ela entendia, mas me aconselhava que se isso acontecesse novamente no próximo aniversário era para eu aceitar, agradecer, guardar que em outro dia iríamos na loja e trocaremos aquele presente por algo que eu gostasse. Eu tinha que ficar fingindo, segundo minha mãe, porque se não fizesse isso ela não iria trocar e iria me obrigar a usar. No ano seguinte eu não ficava esperando a pergunta “gostasse?”, só aceitava, agradecia, guardava e saía. Eu não queria ser cínico. Eu fugia mesmo. E no outro dia íamos trocar os presentes. O meu avô foi o primeiro que “me” percebeu, ele já sabia sobre mim. **00:32:00 - 00:32:59** - Nos meus aniversários, dava o dinheiro para minha tia e pedia para comprar o meu presente. Uma vez ela chegou e entregou para ele, quando viu aquilo perguntou se ela tinha certeza que eu usaria. Falou para ela ir na loja e trocar por algo que gostasse. Ela foi, trocou e ele disse: “agora, sim!”. Ele me entregou o presente, eu fiz uma festa, fiquei muito feliz. Desde então as outras pessoas começaram a perceber e imitá-lo. Foi um alívio, eles tinham aprendido que tipo de presente eu gostava. Claro que não foram todos de uma vez só, mas a maioria acertava, alguns eu ainda tinha que trocar, mas eram poucos. Alguns me davam dinheiro para eu comprar o que eu quisesse. Atualmente, todos já sabem do que eu gosto, já se adaptaram a isso.	

		00:34:00 - 00:34:59 - Na verdade eu não “me” achava estranho. Eu estranhava essa obrigatoriedade que vinha das outras pessoas. Quando me diziam: “Tu és uma menina”. Eu não entendi por que eu era obrigada a ser uma menina como eles queriam. Eu sentia que não era aquela menina, mas não sabia nada sobre LGBTQIA+. Só ficava observando. isso era há muito tempo. - Nada! Antigamente não tinha internet, nada. A televisão também não divulgava muita coisa naquele tempo. **00:35:00 - 00:35:59** - As minhas irmãs, assim como eu, não tinham informações sobre isso também. Não sei quanto aos meus pais, mas nós, acho que nunca tínhamos visto uma pessoa LGBTQIA+. Nós éramos pobres, não tínhamos internet e não tinha legenda na televisão. Nunca tocamos no assunto LGBTQIA+ em casa. Minha irmã e eu tínhamos quase um ano de diferença, só, então não falávamos sobre isso também. **00:36:00 - 00:36:59** - Isso, porque naquela época era mais fechado. - mas não era tão divulgado. **ESCOLA**: **00:21:00 - 00:21:59** - Na minha época, nenhum professor ensinou sobre sexo. O primeiro contato com o assunto foi em uma palestra que a direção organizou. - Sobre tudo, sexo, importância do preservativo, como evitar as DSTs, como evitar gravidez, anticoncepcionais, explicavam várias coisas. - Na primeira vez, eu achei estranho. Eu tinha 11 ou 12 anos e nunca tinha pensado sobre aquelas coisas. **00:22:00 - 00:22:59** - Isso, sexta série. Acho que as palestras começaram na sexta série. Tinha um ponto de corte para estas	

		palestras, quem estivesse antes, não assistia. Eu tinha 11 quase 12 anos. No começo ou ria das explicações, como colocar o preservativo, achava engraçado e achava estranho. - Sim, agora eu olho para isso e penso assim, mas em seguida eu comecei a prestar mais atenção. Eu não iria tocar naquele assunto com a minha mãe, parecia muito pesado, não era algo natural para mim. Eu pensava que minha mãe poderia não gostar de falar sobre aquilo ou ter vergonha. Eu fui aprendendo aqui na escola, nas palestras, depois conversava com os colegas sobre o que tinha sido dito lá. mostravam as figuras nos livros, dessa forma que íamos aprendendo antes. **00:23:00 - 00:23:59** - Sim, conversávamos sobre isso. - Na minha turma… Aqui no Alfredo Dub? Na verdade, nessa época, não pensávamos muito sobre sexo, era mais sobre ouros assuntos, mais infantilizados. Ficávamos dizendo de quem a gente gostava, ou quem gostava de quem, era assim. Mas temas como sexo a gente nem falava porque nós ainda não estávamos pensando sobre fazer sexo, sabes? Éramos namoradinhos, tinham alguns beijos, mas só. Já no Assis Brasil começamos a falar mais sobre sexo. **00:39:00 - 00:39:59** - O Guilherme era criança ainda. Mas antes de sermos interrompidos eu estava falando sobre a minha casa. Lembras que eu falei sobre entender a forma como me obrigavam a ser menina? A minha irmã não tinha muito conhecimento também. Havia o Movimento LGBTQIA+, mas as pessoas eram mais discretas, não “se mostravam” muito. Eu ainda não conhecia pessoas LGBTQIA+, (...) **00:40:00 - 00:40:59** - (...) mais tarde que eu comecei a perceber mulheres que namoram mulheres, homens que namoravam homens. Eu ainda não conhecia os termos, só tinha visto essas pessoas. O significado das palavras, da	

		bandeira LGBTQIA+ e que ela representa uma diversidade de pessoas eu não sabia. Eu cresci aqui na escola Alfredo Dub, eu percebia que o Rodrigo era diferente, que ele era gay por causa do jeito de andar afeminado. Eu olhava para ele e comparava com os outros homens. Ele era delicado como as meninas, reagia a sustos como as meninas, eu via que ele era diferente - era homem, porém com comportamento de mulher. Percebia, também, que os outros colegas faziam bullying contra ele. Uma diferença que eu constatei era a nossa reação ao bullying: (...) **00:41:00 - 00:41:59** - (...) enquanto ele tentava negar quando os colegas o chamavam de gay, veado, já quando me falavam que eu gostava de mulheres eu respondia “sim, qual o problema?" e eles ficavam quietos. - Eu não lembro bem, mas acho que ele tinha medo de se assumir na época, talvez de apanhar dos colegas, sabes? Mas, no meu caso, eu sempre usei roupas masculinas, de modo que algumas pessoas pensam que sou homem cis, outros sabem que sou trans, que me conhecem. De qualquer forma, nunca me provocaram. - Na minha frente, nunca. talvez falassem de mim pelas costas, não sei. Mas diretamente para mim, não, porque sabiam que eu não aceitaria, que eu iria discutir, “qual o teu problema?”. Eu sempre tive a minha opinião, sabes? Os surdos percebem aqueles que são mais frágeis e se aproveitam para praticar o bullying. Se é alguém que os enfrenta, eles não provocam. Eu era esse surdo que enfrentava. **00:42:00 - 00:42:59** - Eu respondia: "Qual o teu problema? Não gostou? vai cuidar da tua vida!”. Eu não me colocava como frágil, eu os enfrentava . Eu percebo isso, alguns surdos procuram os mais frágeis para provocar. Um exemplo é o que acontecia com o Rodrigo. Havia outros surdos que não tinham	

		se assumido ainda, que sofriam bullying até terem a coragem de se assumir, depois disso parece que os surdos paravam de provocar. Antigamente também tinha a questão de que a maioria dos surdos tinham medo da minha mãe porque ela era muito brava. Ela era muito carinhosa, mas quando via uma briga ou uma situação problema, ela intervinha, separava e xingava. Os outros surdos tinham medo dela e talvez eles pensassem que se debochassem de mim eu iria contar para ela. Podem ser esses os motivos de eles não me provocarem. **00:43:00 - 00:43:59** - O pior problema aqui da escola é o banheiro. Lidar com as pessoas era tranquilo, mas o banheiro… - Eu não queria entrar no banheiro feminino. Eu não me sentia confortável, mas se eu fosse no banheiro masculino, os meninos poderiam entrar no banheiro feminino e abusar das meninas. - Eu ia, mas os funcionários começaram a reclamar dizendo que iria mexer nas coisas lá… - Hoje eu penso como a direção não percebeu na época, não me chamou para conversar? Porque não me perguntaram nada, não investigou a situação, apenas me disse que eu não poderia ir ao banheiro dos funcionários. Mas por que eu fazia isso? Ninguém buscou saber. Antigamente, tinha psicóloga aqui na escola e ninguém me levou para tentar entender. **00:44:00 - 00:44:59** - A direção me dizia que eu não poderia usar aquele banheiro porque era específico para os funcionários e me mostrava onde era o banheiro dos alunos. Mas eu não queria aquela separação entre meninos e meninas. Eu poderia usar o masculino, mas preferiria ir em outro. Foi então que eu comecei a usar o banheiro da sala das mães. Eu pulava o portãozinho que tinha no bar e ia.	

		- Isso. Tinha uma ligação com o bar da escola separado por um portãozinho que eu pulava e ia ao banheiro. As mães perguntaram para a mulher que ficava no bar porque eu fazia aquilo, ela falou com a direção, as mães disseram que eu era o único que ia lá. A direção veio conversar comigo novamente, enfatizou que eu teria de usar o banheiro disponível dentro da escola. **00:45:00 - 00:45:59** - Eu percebi que fecharam a porta inteira no bar que dava acesso à sala das mães, só para eu não passar. Tentei usar o banheiro do CIAE, porque era dentro da escola e era individual. Fui proibido, também, porque era destinado ao pessoal que vinha para as aulas de apoio. Mas eu ignorei e continuei indo. Nessa época, começaram a trancar a porta que dava acesso ao CIAE. A partir daí eu não usava mais o banheiro da escola, segurava até chegar em casa, ou, ou… **JF - Algum professor te perguntou por que tu querias usar outros banheiros?** - Nunca! Só mandavam: “tu vais usar este e não aqueles!” **00:46:00 - 00:46:59** - Às vezes me perguntavam e eu dizia que não queria, que não gostava. - Eu dizia que não queria. Mas também não me perguntavam detalhes, apenas definiam que eu tinha que usar um determinado banheiro. - Primeiro eu tentei essa questão do banheiro, depois eu comecei a frequentar a psicóloga aqui da escola. Na verdade, eu nem sabia porque estava indo, mas ia. Nunca conversamos lá, eram só brincadeiras. Depois eu cresci, me formei, fui embora aqui da escola, estudei no Assis Brasil e concluí meus estudos. **00:47:00 - 00:47:59** - Somente após isso tudo que eu entendi que eu era um homem trans. Quando aconteceu, a minha mãe	

		veio me pedir desculpas por não ter percebido antes, eu deixei ela tranquila quanto a isso porque nem eu sabia. Mas eu a questionei: “quando tu percebeste que eu era diferente, por que tu nunca me levaste em um psicólogo para conversar?” Ela disse que tinha feito isso, no Alfredo Dub, mas a verdade é que a psicologia lá era uma porcaria. **00:48:00 - 00:48:59** - Tem isso também, mas eu acho que o profissional da psicologia não é a pessoa correta para conversar sobre sexo, sexualidade. Não sou só eu que penso isso, meus amigos que iam na psicóloga também pensam isso. Eles iam para resolver problemas na família ou quando brigavam na escola. Sempre que estávamos no consultório, ela não dizia: “olha, tu precisas mudar o teu comportamento”, essas coisas. Conversávamos entre nós e todos iam lá apenas para brincar. Não tinha uma conversa sobre o que havia acontecido, ou como deveríamos nos comportar. Ou ainda, no meu caso, uma conversa sobre o tipo de roupa que eu gostava de usar. Ela não conversava conosco, não apenas sobre LGBTQIA+, mas qualquer assunto sobre respeito ou algum aconselhamento. A gente ia apenas para ficar brincando. **00:49:00 - 00:49:59** - Não era apenas sexualidade, não tínhamos como tocar em outros assuntos, como por exemplo as brigas, se estivessem acontecendo com frequência, ninguém nos ajudava a entender que não podia, que era feio. Sobre comportamento, sabes? Nada. Só diziam para nós irmos brincar. Por isso, quando a minha mãe me disse que, sim, tinha me levado na psicóloga, eu respondi que não adiantava aquela profissional, porque ela só “me colocava para brincar”. Foi um susto para a minha mãe. Ela disse que aquilo era estranho porque a psicóloga falava outra coisa para ela, quando a chamava para dar um retorno sobre mim. Ela dizia para a minha mãe que eu usava roupas masculinas	

		porque meu pai queria ter um filho homem e por isso eu queria usar. mas eu nunca toquei nesse assunto com ela, ela nunca me perguntou nada. Mas minha mãe repetia que eu usava roupas masculinas porque (...) **00:50:00 - 00:50:59** - (...) tu querias ter uma ligação com o teu pai e tu sentias que ele queria ter um filho homem. - Mas isso foi uma invenção da psicóloga, porque eu nunca conversei sobre nada disso com ela. Eu disse isso para a minha mãe e ela ficou bem impressionada. - A minha mãe tinha conversado com a direção e ela que pediu que eu fosse na psicóloga para me entender melhor (o que o Nícolas tem). Mas, na verdade, a psicóloga nunca perguntou nada sobre a minha vida. Quando eu contei tudo isso para a minha mãe, ela ficou impressionada. Ela disse que se soubesse disso ela tinha procurado outra psicóloga. Ela pensou que estava agindo corretamente, acreditou na profissional da escola e atribuiu o meu jeito à influência do meu pai. Mas não tinha nada a ver, era pessoal. **00:51:00 - 00:51:59** - Eu não me sentia bem, eu não tinha informação sobre o que estava acontecendo. Eu pensava que eu era uma pessoa estranha, sentia-me o único a sentir aquelas coisas. Só no futuro que eu fui conhecer outro como eu, com o tempo eu percebi que eu não tinha um problema, eu nasci assim. O problema está na influência da sociedade. Percebi que existem homens e mulheres trans, já na adolescência, mais ou menos, eu tinha visto em uma revista - acho, não lembro - uma mulher trans e me espantei. Naquela época, eu pensei que tinha sido uma questão de escolha daquela pessoa. Somente com o tempo eu entendi que não era uma questão de escolha, é algo natural. A escolha está em querer se assumir ou não, aí é de cada um. Eu não escolhi ser homem, eu sou assim. Comecei a perceber outras pessoas	

		trans, mais mulheres trans do que homens, é verdade, mas eu via. Agora eu já vi muitos homens trans. **00:52:00 - 00:52:59** - Fiquei admirado da quantidade, são tantos! Isso me ajudou a “sair do armário”, saber que eu não era o único. Eu não pensava mais que eu era uma pessoa estranha, não me perguntava “por que eu sou assim?”, eu estava entendendo. - Parece que quando eu me descobri começou a surgir muita informação sobre esse assunto. - Sim. Eu descobri muitas mulheres trans surdas, mas não vi nenhum homem surdo trans. Eu queria ter alguém para conversar. **00:53:00 - 00:53:59** - Sim, tinha muito bullying. Eu via muito contra pessoas obesas e outros. **JF - Tinha sexo aqui na escola?** - Sexo como? **JF - Ah, no banheiro?** - Sim. **JF - No auditório?** - Sim, na verdade acontecia no banheiro masculino. **00:54:00 - 00:54:59** - É triste porque muitas vezes os meninos obrigavam… **00:59:00 - 00:59:59** - Em vários locais, mas principalmente no banheiro, na hora do intervalo. No banheiro masculino, alguns caras obrigavam outros caras. Eles diziam: “tu vais dar para mim”. Mesmo que respondessem que não queriam, eram obrigados. - Eram grandes, eles diziam que só “comiam”, os outros que davam o “cu”. - Muitos eram héteros, sim.	

		- Abusavam dos gays e dos héteros e se estes não aceitassem, eles ameaçavam que iriam bater neles. Por medo, eles se obrigavam a tirar a roupa e deixar. **JF - E o papel da escola nisso?** - Eles tinham medo de contar, eram ameaçados de violência e até de morte se contassem. Eles ficavam calados. - Eu não sabia, na época. **01:00:00 - 01:00:59** - Depois que eu fui entender por que os meninos iam tanto ao banheiro no intervalo. Meus amigos vinham me dizer que tinham transado, eu pensei que era combinado e não forçado. Eu perguntava se eram gays e eles diziam que não, que eles só “comiam”, que eram “machos” e que os outros deixavam. Eu dizia que parecia que eles sentiam tesão em transar com homens, mas eles se defendiam dizendo que só “comiam” os outros. Eu não entendia, não tinha informação. Depois de um tempo eu comecei a entender, não como estupro, mas que era forçado. Mas eu só soube disso porque a direção desconfiou e colocou um monitor em cada banheiro, uma mulher no feminino e um homem no masculino. **01:01:00 - 01:01:59** - E só podiam ir um de cada vez no banheiro. - Quando a minha mãe descobriu, ela me pediu que não fosse junto com os meninos no banheiro, mesmo se me convidassem. Eu concordei. - A minha mãe soube e veio conversar comigo. Acredito que as mães todas foram reclamar na escola preocupadas com seus filhos. - Eu não vou usar o sinal, mas acho que um aluno disse que foi obrigado a “dar”, que não queria, mas que tinha ficado com medo pelas ameaças. Depois disso acontecer algumas vezes, não aguentou mais e contou para a mãe dele. Quando ela	

		soube, foi na direção e relatou tudo. A direção resolveu o problema colocando monitores nos banheiros. **01:02:00 - 01:02:59** - Quando os surdos descobriram que ele havia contado, ficaram muito bravos, disseram que iam esperar ele fora da escola e bater nele que tinha uns 12 ou 13 anos, era uma criança. Os outros surdos eram grandes e o ameaçaram. Ele ficou com muito medo. A mãe dele contou para a minha mãe porque ela não tinha como vir buscá-lo, estava trabalhando. Então a minha mãe começou a cuidar dele. Antigamente, eu precisava ir até a Fernando Osório para o ponto de ônibus, quando morava na outra casa. Acho que eu tinha 11 anos, na época, estava na sexta série. Nós estudávamos na mesma sala e, quando acabavam as aulas, esse menino ia conosco até o ponto de ônibus. Dessa forma os outros surdos não poderiam bater nele, estávamos minha mãe e eu junto. **01:03:00 - 01:03:59** - Minha mãe desafiava os surdos, dizia que se iam bater nele, primeiro tinham que bater nela: “E se eu souber que vocês bateram nele eu vou ligar para a polícia! Eu não tenho pena de vocês, não duvidem de mim!”, ela dizia. os surdos tinham medo da minha mãe, então nem chegavam perto. Estávamos sempre juntos, os três. Quando eu me mudei e tínhamos que ir para outro ponto de ônibus, os surdos maiores já tinham se formado, foi um alívio. Mas a minha mãe cuidou e defendeu esse colega. Todos os surdos sabiam que minha mãe é forte e corajosa, que não poderiam “mexer” com ela e por isso não me provocavam também. **01:04:00 - 01:04:59** - Sim, tinham alguns que queriam, mas não da forma forçada que acontecia. Tinham alguns gays, mas eles não queriam transar com todos! Eles falavam para os gays que eles não tinham escolha, não tinham “querer”. Ser gay não significa que tu vais querer transar com todo mundo!	

		- Alguns surdos pensavam que porque um colega era gay precisava aceitar transar com eles, “e deu!”. **01:05:00 - 01:05:59** - Se os dois quiseram ir, combinaram de ir, ok. - Se foi algo combinado, tudo bem, mas como uma obrigação, não. - Para ele teve um lado positivo. Eu já provoquei, perguntei para alguns surdos que iam participar disso no banheiro: “ se tu diz que gostas de mulher, por que tu vais para o banheiro transar com homens?”. Eles respondiam que as meninas não queriam, então aproveitavam com os meninos que aceitavam. - Eu ficava achando tudo muito estranho, porque as meninas tinham 11, 12 ou 13 anos e já começavam a pensar em transar? Eu achava muito cedo, mas… **01:06:00 - 01:06:59** - Eu tentava nem pensar sobre. Depois que eu fui descobrir que aquilo se tratava de um estupro. - Se a pessoa é gay, ok, se quer tudo isso. Mas se não for? Se foi sexo forçado? Pode bagunçar os sentimentos desta pessoa, criar uma angústia… - Eu percebo que antes (...) **01:07:00 - 01:07:59** - (...) os professores daqui eram mais fracos, não se atentavam às coisas que aconteciam. Tinha uma professora que sempre aconselhava as meninas, avisava que se algum menino passasse a mão na bunda delas e elas não gostassem, poderia bater neles. Se isso acontecesse era para as meninas chutarem no lugar que mais doía, o pênis, porque ele tinha faltado com respeito. Se a diretora te chamar, pode dizer que fui eu quem falou para tu fazeres isso. Nós aprendemos com ela. Mas apenas essa professora e ela sempre dizia para nós batermos neles porque eles estavam fazendo algo proibido. Se eles tentarem algo e vocês não quiserem, digam não!” ela complementava. Ela já falava	

		porque sabia que os outros professores não prestavam atenção, ou sabiam e não faziam nada, não sei. **01:08:00 - 01:08:59** - Nas escolas em geral, eu acredito que todas precisam ensinar sobre sexo, preservativos, remédios, DSTs, … - Também acho importante falar sobre LGBTQIA+, até para a pessoa que está se descobrindo LGBTQIA+ ter certeza e as heterossexuais também aprenderem para respeitar os demais e não haver discriminação. Eu acho importante tocar nesse assunto. Como eu falei antes, é complicado falar sobre sexo com os pais, porque alguns têm vergonha, outros não sabem como falar, ou ainda delegam para a escola essa função mesmo, entendes? Acho importante este tópico ser trabalhado sim. Também pensando que a maioria dos estupros acontecem dentro de casa e descobertos quando a criança olha para a sua situação munida de informações (...) **01:09:00 - 01:09:59** - (...) e assim poderá denunciar o abusador. Infelizmente, muitas pessoas descobriram que estavam sendo abusadas quando tiveram informações dentro da escola. Precisamos ter atenção, por exemplo, quando as crianças fazem desenhos sobre sexo. Ela pode estar querendo dizer alguma coisa. Precisa chamar essa criança para conversar. - Por isso eu acho que a família precisa estar atenta, mas também a escola cuidar, os professores podem perceber esses relatos em trabalhos, sem ignorar. Eu acho que o problema aqui na escola é a falta de estrutura para se falar nesses assuntos. Agora está muito melhor, porque antigamente, não se falava quase nada sobre essas coisas, hoje já têm algumas problematizações. Ainda falta (...) **01:10:00 - 01:10:59** - Têm algumas mães que são contra, também.	

		- Os professores precisam buscar mais informações. - Sim, os professores precisam buscar mais informações, mas sinto que alguns têm medo dos pais dos alunos não aceitarem falar sobre isso na escola e preferem não tocar no assunto. Mas os professores precisam iniciar estes debates pensando o quanto estão apoiando o desenvolvimento dos alunos, porque a gente não sabe o que acontece dentro das casas deles. **01:27:00 - 01:27:59** - Eu lembro quando chegamos no Assis Brasil que tu ficavas dizendo “como vocês não sabem isso?”. A gente dizia que a professora não tinha explicado, tu não acreditavas na gente. Nós tivemos que nos esforçar e recuperar. Agora tu vieste para cá e visse como é a realidade! Os professores não explicam as coisas, só apontam e dão as respostas. A gente aprendeu a responder, mas não sabe como funcionam, como raciocinar para encontrar as respostas. Eu comecei a aprender, de verdade, contigo, no Assis Brasil. Eu sabia das quatro operações, mas quando chegava na raiz quadrada, e tudo, mas eu não sabia. **01:28:00 - 01:28:59** - Eu comecei a aprender as coisas, de verdade, quando comecei a estudar no Assis Brasil, no ensino médio. na oitava e sétima série eu não aprendi nada, antes até aprendi algo, até a quinta série, porque eram outros professores, eram bons. Da sexta série em diante, nada. É até engraçado, porque a mesma professora que lecionava matemática aqui na escola, ensinava física no Assis Brasil. Não aprendi nada em física, porque era a mesma professora e ela não explicava nada. Até hoje eu não entendo como funciona a física. O que eu posso ter aprendido foi porque eu perguntei para a minha mãe, que estudava lá, mas com outro professor, bom! Minha mãe me ensinava muita coisa, mas nas disciplinas que fiz com essa professora, eu não aprendi nada!	

		01:30:00 - 01:30:59 - Apenas complementando, naquela época, alunos gays sofriam bullying e nenhum professor tocava nesse assunto sobre respeito à vida desta pessoa LGBTQIA+. Eu fico refletindo agora… - mas na minha época não, acho que era muito tradicional. **01:31:00 - 01:31:59** - Agora tem vários tabus sendo quebrados e eu acho isso muito importante. - Aqui, eu falo daqui. - Por isso eu disse, aqui, na época em que eu estudei, a maioria dos professores eram tradicionais. Por exemplo, a professora da disciplina de Educação Física, quando eu estudava aqui - era pequeno, se recusava a responder as perguntas que fazíamos para todas as professoras: "estás casada? tens filhos?". Todas respondiam tranquilamente, já ela, quando eu perguntei se era casada, ficou irritada, não respondeu. Perguntei se tinha filhos, ela se irritou novamente e pediu que eu não tocasse em assuntos pessoais. Eu disse que tinha visto que ela usava aliança, mas ela alegou que não falava sobre o casamento. 01:32:00 - 01:32:59 - Eu achei estranho. **JF - Ela é lésbica.** - É! Eu não sabia. Eu só achava estranho ela sempre ficar nervosa quando eu tocava neste assunto. - E era verdade. Por isso eu achava estranho, ela não gostava de tocar neste assunto, mas eu não entendia o porquê. Eu já tinha falado sobre isso com várias professoras, mas ela não queria me responder. Mas eu ficava em dúvida porque o jeito e as roupas dela eram diferentes. Depois que eu me formei e fui embora, fiquei sabendo pela minha mãe, que descobriu numa provocação das outras mães que viam ela andando com a professora. Disseram para ela ter cuidado porque a	

		professora queria “pegar” ela. Ela ignorava, mas elas provocavam. **01:33:00 - 01:33:59** - A minha mãe me disse que ela era casada com uma mulher. Aí eu entendi o nervosismo dela quando eu perguntava. Agora eu penso, se ela que era professora escondia isso, será que era porque ela não queria que as pessoas soubessem ou a direção tinha mandado ela não falar? Qual seria o motivo? Eu penso que poderia não se assumir por uma destas razões. **01:34:00 - 01:34:59** - Isso é triste. Eu imagino se a escola fosse mais aberta, se os professores se expusessem, se tu tivesses conseguido entrar para a equipe da escola, já teríamos outra perspectiva das coisas, teríamos informações, talvez menos preconceito. **SEMINÁRIO LGBTI+ ESCOLA/ASP - 2018**: **01:12:00 - 01:12:59** - Foi uma marca! Foi o primeiro Seminário sobre LGBTQIA+ realizado aqui na escola! E teve a parceria da ASP (Associação de Surdos de Pelotas), foi muito importante! Nunca tinham tocado nesse assunto aqui na escola! **JF - Acho que no Brasil todo não se tem registro de um seminário que uniu uma escola de surdos e uma associação de surdos para falar sobre esse assunto.** - Eu acredito também que não tenha. **JF - Aconteceu um seminário na Universidade Federal da Bahia, não sei o sinal da UFBA, mas era voltado apenas para surdos adultos, (...)** **01:13:00 - 01:13:59 - JF - (...) que estavam cursando a faculdade, já. Mas a união de uma associação de surdos e uma escola de surdos para esse fim: nunca.** - A maioria das pessoas acham que não existem surdos que tenham mais uma diferença: a questão LGTBQIA+. Acham	

		estranho, mas nós somos como as outras pessoas, apenas não ouvimos, o resto é igual. Mas tá, vamos falar sobre o seminário. Quando tu me convidaste para participar, foi marcante para mim, um desafio também. Eu achava esse seminário um momento tão importante, a temática era “surdos LGBTQIA+", nós tínhamos que mostrar que existíamos, sim! Que a comunidade surda não era tradicional, temos diferenças. Eu fiquei admirado quando vi que até a Fernanda Miranda participou! (...) **01:14:00 - 01:14:59** - (...) poxa! Ela é vereadora! Naquele momento eu vi como era importante! Foi muito legal. A Libras, muitas pessoas ouvintes e surdas participando, pessoas da câmara de vereadores, algumas mães vieram também para ter mais informações. Foi marcante também o dia do filme, esqueci o nome… - Isso, esse filme. Foi importante porque falava da não aceitação pela mãe. **01:15:00 - 01:15:59** - Ela ficava muito preocupada com a religião, mas esquecia do filho, a mãe sentiu-se muito mal quando o filho morreu e começou a lutar pela causa LGBTQIA+. **JF - A família era muito religiosa.** - Sim, quando eu vi aquilo e achei muito forte, porque a minha família também tem a questão religiosa, mas não são tão praticantes, fervorosos. Eles participam por uma questão de tradição. Eles acreditam, mas é isso. Nunca falaram “Ah, mas Deus disse que não pode”, essas coisas. - Eu fiquei pensativo, porque tem o lado positivo da religião, que é amar a Deus, amar ao próximo, ter respeito por todas as pessoas. Mas também tem o negativo, que, muitas vezes, parte da invenção de algumas pessoas, porque não diz aquilo na Bíblia, (...)	

		01:16:00 - 01:16:59 - (...) por exemplo, ser LGBTQIA+ é pecado. As pessoas têm preconceito e colocam a culpa em Deus, que estaria na Bíblia aquilo que elas inventaram. Ali fala no casamento homem e mulher pensando na questão dos filhos, não fala que não poderiam ter relacionamentos entre homens ou entre mulheres. A bíblia fala sobre ter filhos, para reprodução, não explicam o contexto. Na verdade, todos somos pecadores, não só os LGBTQIA+! Na bíblia fala que não podemos usar tantos tecidos e olha para como nos vestimos. As outras coisas que a bíblia fala eles não comentam, os culpados são apenas os LGBTQIA+. Trair é pecado, (...) **01:17:00 - 01:17:59** - (...) agredir os outros é pecado, matar é pecado, mas com isso não se preocupam, apenas com os LGBTQIA+? Eu percebo que, aqui no Brasil, no mundo todo, mas vamos falar de Brasil, o homem branco cis é privilegiado! Se ele pratica estupro contra mlheres, a culpa é delas por causa da roupa que usavam, elas que provocam. - Poderíamos falar muitas coisas nesse sentido. Se a mulher quer abortar, os homens se colocam contra, mas quantas crianças existem sem a presença dos pais? Qual o nome disso? Por que a mulher não pode usar o mesmo argumento, que a culpa seria do homem que abandona o filho? Ah, mas nesse caso temos homens que ainda não estão prontos para serem pais. Mas a mulher também não estava pronta e ela foi obrigada a ser mãe! A mesma coisa acontece se a mulher não quer ter filhos. Tu precisas ter filhos, (...) **01:18:00 - 01:18:59** - (...) porque tu és mulher. Estão sempre julgando a mulher e o homem está tranquilo. A mesma relação existe entre os LGBTQIA+ e os heterossexuais. Se dois homossexuais se beijam - um selinho!, outras pessoas dizem que eles não estão sendo respeitosos. Mas se uma mulher e um homem estão se agarrando, só desviam o olhar e está tudo	

		bem. LGBTQIA+ não pode nem andar de mãos dadas na rua ou dar um “selinho” que já são julgados, dizem que aquilo é feio. Mas um casal hétero pode estar transando na rua que até acham engraçado. Se for um casal homossexual, é falta de respeito. - A sociedade é muito hipócrita. Eu acho que fazer sexo na rua é errado para qualquer um, seja hétero ou homossexual. Vão para um quarto! **01:19:00 - 01:19:59** - Não se pode diferenciar esse tipo de coisa. A mesma coisa para beijos de língua mais acalorados em público, pensando que as crianças podem ficar olhando. Que vão para um local mais reservado. Isso serve para casais homossexuais e heterossexuais. É uma questão de respeito ao espaço em que está. Se estão em uma balada ou um motel, ok, mas na rua? **01:35:00 - 01:35:59** - Está na hora de fazer o segundo seminário… - Nós teríamos que fazer ainda este ano. **ASSOCIAÇÃO**: **01:40:00 - 01:40:59** - Eu percebo essa influência social. Aí eu fico pensando como essa mesma comunidade surda que luta pelos seus direitos tem atitudes iguais as da sociedade ouvinte? Sim, isso é um problema porque temos a influência social e familiar. Isso vem, muitas vezes de casa, eu vejo muito, na minha família, essa prática de os homens ficarem na churrasqueira e as mulheres nas panelas. Muitos aprenderam assim e agora só reproduzem. A maioria acha que mulheres não têm capacidade de fazer um churrasco. - Mas já é um costume tradicional.	

		01:41:00 - 01:41:59 - Como se isso já fosse uma regra social, mulheres na cozinha, homens na churrasqueira. **JF - Tu vês outros surdos LGBTQIA+ participando da ASP?** - É difícil. - Por causa da opressão que sofrem ali. Tem desaforos, ofensas… **JF - Surdos, comunidade surda que quer muitos direitos, mas fica só na língua, cultura e identidade.** - Sim, sim , sim, mas o problema é que os próprios surdos não têm empatia. - Falta empatia e também tem mais. Surdos vêm com uma influência familiar,(...) **01:42:00 - 01:42:59** - (...) cometem bullying, são machistas, têm preconceitos, uma série de coisas. Além disso, faltam informações, já aconteceu de surdos mudarem o seu comportamento ao receberem as informações e avaliarem as suas atitudes. Alguns melhoraram, ótimo. Mas são alguns. Ainda tem uma parcela da comunidade que é intransigente e não quer aprender. Eles dizem que eles estão corretos na forma de pensar, não querem olhar para si. - O problema é que eles acham que têm o direito de continuar assim… - Eles entendem que é a opinião deles e eles tem direito de mantê-la. Por exemplo, eu já expliquei e teve surdo que ficou só me olhando… sobre o seminário, muitos surdos nem vieram, por exemplo.. - Eu penso que não é uma questão de direito de ter uma opinião, (...) **01:43:00 - 01:43:59** - (...) mas é ter respeito pela opinião do outro. Se tu não concordas, guarda para ti. Não precisa ficar falando o que tu pensas deste ou daquele, guarda para ti. Só	

		poderia tocar nos assuntos quando percebêssemos que é errado, por exemplo o caso de estupro, eu defendo que se deva discutir. Mas parece que ser LGBTQIA+ é pior do que os casos de estupro. Sobre política, na outra eleição, já existiam as leis que defendiam os LGBTQIA+, mas quando mudou o governo para o outro presidente, quando as pessoas precisavam pensar nas políticas para ajudar os mais pobres, (...) **01:44:00 - 01:44:59** - (...) se voltaram para tirar os direitos dos LGBTQIA+. Eu fiquei sem entender, aquilo era o mais importante? Por que essas pessoas se sentem incomodadas com isso? Parece que não existe o respeito com o direito das outras pessoas. Eles precisavam focar na saúde, na educação, nas crianças pobres, isso tinha urgência de ser resolvido, mas esqueceram de tudo isso para se preocupar com a vida dos LGBTQIA+, tirar os direitos destas pessoas. Era importante manter o que já estava encaminhado e resolver o que tinha urgência. os casos de estupro não estavam preocupados em resolver, porque existem as denúncias, porém, na verdade, passaram colocando a culpa na roupa que a mulher estava vestindo. Aí a mulher já se sujeita a ir na delegacia denunciar um estupro e ainda precisa ser acusada de estar provocando por causa da roupa que estava usando. **01:51:00 - 01:51:59** - Na verdade eu quero preparar uma oficina, um projeto na ASP que fale sobre LGBTQIA+. Eu quero fazer isso, acho muito importante. O objetivo é que todos os surdos participem, LGBTQIA+ ou não, para que alguns sintam-se mais à vontade para se assumirem e outros que aprendam sobre o preconceito e avaliem suas atitudes e mudem. Esse é o meu objetivo, eu quero fazer isso. **JF - Que bom. Tu participas tranquilamente da ASP?** - Sim, para mim é ok.	

		JF - Por que tu achas que tu consegues e outros não? - Na verdade, eu não sei. **JF - Passabilidade?** - Pode ser também. - A passabilidade pode ser um dos motivos. **01:52:00 - 01:52:59** - Eu tenho muita passabilidade, isso é certo. Mas também tenho uma opinião forte. Eu não aceito que me oprimam. Eu consigo resistir. Se eu perceber que vão falar algo, eu já… - Sim, essa é a diferença. - Isso é verdade, um exemplo, se um surdo vem conversar comigo e fala algo que eu não gosto, eu já chamo ele e digo que não pode falar daquele jeito e explico os motivos. **01:53:00 - 01:53:59** - Eu não fico quieto, eu falo que ele está errado. Se ele quiser me dizer para ir para outro grupo, eu já digo que não vou, que sou homem. Um exemplo, só. Ele pede desculpa e conserta a fala. Eu sempre estou corrigindo a forma que eles falam. Os surdos me respeitam porque tenho uma opinião forte. - Acredito que seja empoderamento, apenas. **JF - Tu te enxergas como um militante?** - Acho que sim. **JF - Militante LGBTQIA+?** - Acredito que um militante da questão de ser um homem trans, sim. Nas redes sociais, sim. **01:54:00 - 01:54:59 - JF - Tu postaste uma foto na ASP, eu quero te mostrar para te fazer uma provocação, pode ser?** - Pode, sim. **01:56:00 - 01:56:59** - Não, esta já é da festa junina. **01:58:00 - 01:58:59** - Era em apoio à educação bilíngue. **02:00:00 - 02:00:59** - isso é porque eu estou vestido de gaúcho?	

		- Aqui eu estava mostrando que sou gaúcho, só isso. Não sei. **02:02:00 - 02:02:59** - Na verdade, eu nunca tinha pensado sobre isso! **02:06:00 - 02:06:59** - Foi bom tu falares sobre isso, é uma forma de eu perceber que preciso mostrar mais. Preciso dar mais visibilidade. - Sim, mas eu achei bom tu tocares neste assunto porque eu nunca tinha pensado nisso. Eu acho importante, preciso dar mais visibilidade, percebi que me falta isso. Por isso, também, eu tenho o projeto LGBTQIA+ como meu objetivo na ASP e agora percebi que precisamos mostrar mais sobre isso nas redes sociais. Eu estou neutro, as pessoas me veem como outro homem qualquer, porque eu tenho passabilidade. Quem me conhece, sabe. **JF - Tu és uma liderança surda LGBTQIA+. Eu acredito que isto vai fazer parte da tua vida, provocar.** - Isso é importante. **02:07:00 - 02:07:59** - Mostrar em todos os momentos, que estamos em todos os lugares. - Muito boa essa provocação. **02:08:00 - 02:08:59** - Boa. Eu gostei, vou comprar. Tem umas roupas na internet, também. Vou procurar e comprar. Mas foi bom tocarmos neste assunto, é importante! - Sim, achei importante, porque, por exemplo, no dia do gaúcho eu posso usar alguma estratégia. - Sim, faltou. Eu passei discretamente. - É verdade, parece que eu me escondi. **02:09:00 - 02:09:59** - Verdade, eu preciso dar mais visibilidade para isso. Tens razão. **02:10:00 - 02:10:59** - Eu te tenho muito como meu modelo, tu me explicas e eu posso começar a militar, de fato. Porque eu não sabia como começar. Eu não frequento a comunidade	

		LGBTQIA+, tu já tens essas informações. Munido dessas informações, agora é trabalhar com a militância. - É verdade. Eu sei de alguns surdos que são hipócritas nesse sentido. Mas eu nem me preocupo com eles, porque a ASP não é só deles, a ASP também é minha. Eu vou participar, se algum surdo se incomodar, pode ir embora. **02:11:00 - 02:11:59** - Eu não vou ficar espirrando por eles, eu vou continuar participando da ASP, eu amo a associação, é a minha segunda família, a minha segunda casa. Se os surdos fizerem algum comentário preconceituoso eu vou intervir e vou pedir respeito. Alguns ainda não entenderam que isso é crime. Também uma coisa que eu percebi e quero fazer uma provocação para ti, é a minha vingança. Tu já viste alguém falando mal de gays, LGBTQIA+ e outro dizendo para essa pessoa: "cuidado que no futuro tu podes ter um filho LGBTQIA+? Já viste né? Mas tu achas que ser LGBTQIA+ é um castigo? - Não, por exemplo, existem diversos tipos de opressão com pessoas LGBTQIA+, certo? **02:12:00 - 02:12:59** - Aí vem outra pessoa e diz para quem está oprimindo: "cuidado, porque no futuro tu podes ter um filho assim e vais pagar com a língua!" As pessoas falam isso, né? - Sim, verdade. Mas eu vejo muitas pessoas falarem que quem comete qualquer tipo de bullying com "diferentes" pode, no futuro, ter um filho com o alvo do bullying que os pais cometeram, Deus castiga. **02:13:00 - 02:13:59** - Mas eu penso que essas diferenças não são castigo, mas pelo jeito que as pessoas falam, parece. - Quando nasce ou depois de grande descobre uma deficiência, ou que é LGBTQIA+, sempre tem aquela pessoa	

		que diz que os pais estão “pagando a língua” o bullying que cometeram, Deus castiga... **02:14:00 - 02:14:59** - Exatamente, mas há muitas pessoas que pensam isso. Esse comportamento também precisa mudar. A gente precisa conversar sobre isso, explicar que não é um castigo, mas algo que acontece. - Eu também não, mas a consciência das pessoas precisa mudar. Assim como acontece relacionado ao mundo LGBTQIA+. Algumas pessoas dizem que ser LGBTQIA+ é moda, que antes não tinham tantas pessoas assim. Mas, na verdade, sempre existiram, só não se mostravam por medo do preconceito. Atualmente que estão “saindo do armário”. tem pessoas que dizem que se pode influenciar alguém a ser LGBTQIA+, mas eu acredito (...) **02:15:00 - 02:15:59** - (...) que as pessoas héteros exercem maior influência, pois determinam um comportamento desde o nascimento para ser menino ou menina, para ter relacionamentos heteroafetivos. A influência começa desde cedo. Não existe uma influência para ser LGBTQIA+ nessa mesma idade. Mas há regras para as roupas de menino e menina, o rosa e o azul, isso é um tipo de influência. - Mas acusam os LGBTQIA+ influenciarem as crianças. Eu fico pensando também nos filmes e programas de televisão. Sempre mostram casais heterossexuais em momentos românticos e ninguém vê problema algum, mas se tiver um “selinho” entre dois homens ou duas mulheres já dizem que isso é uma influência. Mas porque a pessoa se sentiu influenciada ao ver aquela cena? **02:16:00 - 02:16:59** - Quando a cena envolve um casal hétero, a pessoa LGBTQIA+ não sente nada, porque a hétero vai sentir quando envolve um casal homossexual? Parece que as pessoas não querem se abrir para refletir melhor sobre isso.	

		02:17:00 - 02:17:59 - Se fôssemos todos iguais, não teria graça. - Verdade. Acho que algumas coisas poderiam ser eliminadas, como machismo, abusos etc. **02:18:00 - 02:18:59** - Outra coisa que falam muito é que os casamentos duravam muitos anos, antigamente, e agora se dissolvem com mais rapidez. A verdade é que os casamentos nunca foram perfeitos, havia muita violência doméstica… - Sim. E se acontecesse uma separação, a mulher era considerada uma “puta”. por isso, as mulheres se calavam. Agora, graças a Deus, as mulheres têm direito a se separar. - Mas muitas pessoas não veem assim, pensam que no passado que era bom, que agora está tudo diferente. Mas agora existe maior liberdade, antes as mulheres eram caladas. Eu curto muito as postagens da página Quebrando o Tabu, gosto do conteúdo que eles publicam. Eu vi uma postagem sobre os casamentos de antigamente. **02:19:00 - 02:19:59** - Eles explicaram o sofrimento pelo qual passavam as pessoas e que agora somos livres. Se perceber que não está legal, que pode acontecer algum tipo de violência, já separa. Isso não acontecia no passado. Nos comentários, muitos jovens relataram que não viam união, amor nos relacionamentos dos avós e, quando o avô faleceu, a avó sentia-se livre, aliviada, porque vivia com medo da violência que sofria em casa. Tinham vários comentários no mesmo sentido. Na minha perspectiva, os meus avós têm uma relação ótima, ele sempre a respeitou. Eu ficava observando eles (...) **02:20:00 - 02:20:59** - (...) e quando o meu avô faleceu, a minha avó sofreu muito. Isso significava que ele era um homem bom.	

		- mas existem outras famílias que não são assim. Quando as pessoas falam que o passado era melhor, eu não concordo. Tem pontos positivos e negativos também. - Verdade. Além de homens que eram casados, mas mantinham várias amantes. - E as mulheres eram obrigadas a aceitar porque era a natureza do homem e não da mulher. São muitas histórias. Agora as coisas mudaram, mas existem homens que ficam extremamente abalados quando são traídos por uma mulher. **02:21:00 - 02:21:59** - Ainda bem. Os homens precisam entender que não é não. Aceitar um não e não forçar nada. Não é não! E ponto final. A roupa que ela está usando não pede nada, se ela estiver nua, também não está pedindo nada. Se a mulher estiver envolvida e quiser, ok. mas só porque ela está sem roupa, os homens podem abusar dela? Não! Quando um homem está sem camisa, isso dá o direito de as mulheres abusarem dele? Não. A mulher parece ter uma consciência que o homem não tem.	
	Lauren Farias 02/02/2023	**<u>FAMÍLIA</u>**: **01:18:00 - 01:18:59** - Minha mãe já sabia. Dentro dela isso já estava claro,(...) **01:19:00 - 01:19:59** - (...) mas ela estava esperando eu falar. - Não tinha medo. Meus pais não praticam a religião, não são Testemunhas de Jeová. - Chocados, sim. **01:20:00 - 01:20:59** - Nesse sentido, eu tinha um medo, mas era um momento em que eu estava em depressão, por causa do acúmulo de coisas. Primeiro eu perdi minha audição, agora eu descobri minha sexualidade. Eu não queria decepcionar meus pais, ser um estrago na vida deles. Foi difícil.	

		- Eu ficava mais preocupada de os meus pais me expulsarem de casa. **01:21:00 - 01:21:59** - Nicolas e eu conversávamos sobre isso. Ele pensava que seria expulso pelo pai dele de casa. Eu comecei a pensar que poderia acontecer comigo também. Mas isso não aconteceu. A primeira vez que eu tentei falar, não foi dizendo “sou lésbica”, foi assim: “Mãe, eu acho que me sinto atraída por mulheres”. Eu estava confusa, achava que era bissexual, porque eu ficava com meninos também. Ela disse “Ai filha, isso é uma fase, vai passar”. Ela não conseguiu me entender. Depois de um tempo eu tive que me assumir para a minha mãe: “Eu estou cansada de me esconder! Ficar com mulheres e precisar namorar homens para mostrar para ti que eu sou hétero, eu não sou! Desculpa, mas eu não consigo mais viver assim”. **01:22:00 - 01:22:59** - Nisso eu deixei bem claro que eu gostava de mulheres e que não era uma fase. A resposta da minha mãe foi “Nossa! Que triste. Eu nunca vou aceitar, nunca vou aceitar.” Para mim, é muito doloroso falar sobre isso, mas ela, hoje, conseguiu mudar a visão dela. Ela conseguiu aceitar. - O meu pai aceitou mais rápido. Meus tios e tias aceitaram. Meu pai não falava na frente da minha mãe que me aceitava, mas nunca reclamou de mim. - Nunca brigávamos. Com a minha mãe, sim. Durante um tempo eu tinha esperança de conseguir mostrar para ela que eu ter me assumido não era ruim, era bom. Mas depende da perspectiva, cada lésbica tem um jeito diferente, tem pessoas ruins também que poderiam me influenciar, mas (...) **01:23:00 - 01:23:59** - (...) a vida é assim. Eu queria mostrar para ela que eu não sou desse tipo de lésbica que sai ficando com todo mundo, que não se preocupa com o futuro.	

		- Eu mostrei para ela que eu queria estudar, fazer a minha faculdade, meu mestrado, doutorado. - Não preciso provar, mas eu queria mostrar para ela que eu não sou qualquer pessoa. Se outras lésbicas agem daquele jeito, eu não sou assim. “Com os azares da vida vamos aprendendo a viver a vida - a vida é isso, mãe”, eu disse para ela. Foi um choque para ela, mas, com o tempo, ela começou a perceber que eu estava amadurecendo. Hoje em dia conseguimos conversar melhor e falo algumas coisas para ela, sabes? **01:24:00 - 01:24:59** - Agora minha mãe está mais curiosa, também. Ela me pergunta as dúvidas dela, como o que significa “trans”, o que é o Nicolas, aí eu explico para ela. isso é resultado da minha construção junto com ela. - Não… O homem tem um machismo interior. Às vezes até nas brincadeiras, em falas irônicas, sem intenção de ofender, mas começa a rir de pessoas gays na televisão. Eu digo para ele que aquilo não é um comportamento legal. Eu cuido para ser um modelo para que eles possam mudar. Ele parou de rir dessas piadas. Nestes pequenos detalhes, podemos construir um mundo diferente, porque eu estou em um mundo diferente do deles. Passamos muito tempo juntos. **01:25:00 - 01:25:59** - É isso, é um modelo. - A comunidade surda precisa saber diferenciar brincadeira ou “zoação” de ofensa. Não precisa “brincar” de chamar a pessoa de gay, de lésbica, “brinca de outra coisa. **01:26:00 - 01:26:59** - Rir da pessoa que é gay por causa do jeito dela é mostrar preconceito, homofobia. Dentro da família é uma construção, não dá para ser 100% perfeito. Eu acho que meus pais já estão lidando melhor do que antes porque estão vendo que eu estou bem, estou estudando. A minha mãe ainda tem medo da homofobia que mata, porque a	

		homofobia não está apenas na ofensa, é violenta, pode me matar também. Eu corro perigo na rua, assim como as mulheres, imagina as trans. quantas pessoas são mortas por homofobia? A minha mãe assiste na televisão e começa a ter medo. Eu sei que ela se preocupa, mas a vida é pra lutar. Eu estou viva, mas sei que muitas outras não estão porque a homofobia mata. Não se trata apenas de ofensas verbais. Percebo que meus pais (...) **01:27:00 - 01:27:59** - (...) estão vendo o mundo de outra forma agora. Já não são tão fechados. Estão aprendendo, me enchem de perguntas e isso é bom. Eu espero que continue assim porque eu não pretendo mudar por causa deles. - Meus primos não conversam mais comigo. Aí é mais complicado. - Nunca apresentei namoradas antes. Tive outra namorada, mas era uma mulher trans. Ela é minha primeira namorada - mulher - e eu a apresentei para a minha família, exceto os "TJ", porque já não somos mais próximos, não temos mais contato porque eles veem minhas fotos nas redes sociais. Não interagimos mais como antes, com carinho e intimidade. **01:28:00 - 01:28:59** - Eles conversam com minha mãe, mas comigo não. Perguntam como estou, ligam pela videochamada para ver como estou, junto com minha mãe. Apenas comigo, não. Acho que eles têm medo que eu os influencie. Isso é triste, mas não posso fazer nada. - É uma construção. Eu respeito os TJ da família da minha mãe, porque eles me viram crescer. Eles sabem como foi a minha vida. - Não. O meu medo de me assumir para a minha mãe foi mais pela reação dela ao saber que eu era lésbica além de ser surda. Precisei fazer terapia para isso, o que me ajudou muito e eu consegui falar. Eu consegui sentir-me mais solta, sabes?	

		01:29:00 - 01:29:59 - JF - Fazer terapia te ajudou? - Muito! - A minha psicóloga me ajudou muito, eu consegui… - Eu precisei fazer terapia para poder me perceber, me ver no espelho, quem eu era. Não adiantava qualquer pessoa me dizer que eu era isso ou aquilo. Não. Eu precisava me conhecer. Com a psicóloga eu decidi falar com meus pais, porque eu não aguentava mais. Eu ficava com as mulheres escondidas, queria namorar, mas elas eram assumidas e eu não. - Não, ela sabia Libras. Uma ouvinte, mas que sabia Libras. **01:30:00 - 01:30:59** - Eu tive contato com alguns terapeutas. Algumas sabiam o básico de Libras e outras eram fluentes. Graças a terapia eu consegui mudar muito. Agora eu posso falar, depois de anos fazendo terapia, que foi um processo muito complicado na minha vida. Hoje, graças a terapia, eu não tenho a consciência pesada como antes. Eu posso me sentir à vontade com as roupas que eu uso, posso ser eu. Minha mãe não fala mais das minhas roupas. Mas isso foi um processo difícil de aceitar para ela, foi aos poucos. **01:31:00 - 01:31:59** - hoje eu estou feliz porque minha mãe gostou da minha namorada, consigo pensar em um futuro para mim, quero me formar esse ano. Estou muito feliz, mas demorou muito para eu chegar aqui. Eu ainda faço terapia e vou continuar porque eu entendo que a terapia nos ajuda a reconhecer o que precisamos mudar. Não se trata apenas de maturidade, mas de comportamento e tudo mais. Eu me reconheço no espelho. Muitos surdos vieram me dizer quem eu era, deram várias opções que me deixaram mais confusa em relação à minha sexualidade.	

		<u>ESCOLA</u>: **00:31:00 - 00:31:59** - Eu ainda estava me descobrindo, estava confusa. Quando eu vim para a escola Alfredo Dub… (suspiro) **JF - Aqui tu tinhas colegas gays?** - Tinha o Rodrigo. Nessa época, ele já era bem afeminado. Eu achava o jeito dele bonito. Naquele tempo, eu percebia alguns sinais e palavras pela oralização dele. **00:32:00 - 00:32:59** - Eu sou mais nova que ele, então ficava observando. Tinha outro surdo gay que visitava a escola, também, era um baixinho. Não morava aqui, só visitava. Eles eram diferentes. Com eles, quando eu via o Rodrigo sinalizando, eu descobri o significado da palavra "gay". Eu olhava a conversa dele com outras pessoas. - Tinha. Sempre que ofendiam o Rodrigo, chamando de "veado", ofendiam a mim, porque andávamos juntos. - Sim. Principalmente os homens surdos, alunos da sétima e oitava série, sempre provocavam o Rodrigo. E quando eu estava junto, apoiando ele, eles diziam que eu também era "veada". **00:33:00 - 00:33:59** - Eu sempre defendia o Rodrigo. Eu percebia que aquelas provocações não eram legais. - Bullying contra pessoas obesas, pessoas altas, isso existia. - Sim, eu sou alta, não muito alta, mas o meu corpo era diferente do deles. Eu usava blusas mais curtas e apertadas. Chamavam-me de "puta", por causa das minhas roupas e meu peito era maior que o das outras surdas. Quando eu passava, os surdos falavam "gostosa" para mim. Diziam: "ela é puta porque ela anda com essa roupa". Eu ficava constrangida e aceitava aquilo, eu não sabia o que era machismo e o que isso	

		significava. Não conhecia o feminismo, não sabia defender-me. Eu não sabia de nada. **00:34:00 - 00:34:59** - Toda essa violência, a questão da sexualidade… - Até hoje eu penso que eu tive oportunidade de aprender, mas não percebia. Tinha um surdo que também estava tentando descobrir-se, nós fomos colegas, o Nícolas, né. Eu vi que ele estava começando a perceber a identidade de gênero dele, eu também estava. Acho que ali que comecei… - Eu namorei um homem surdo, amigo do Nícolas, (...) **00:35:00 - 00:35:59** - (...) e talvez com ele eu percebi que eu não gostava de homens. Mesmo não usando roupas larga, eu tinha um "jeito de lésbica". Eu não gostava nem de olhar direito para ele, foi então que eu percebi. Eu tentava sentar para conversar, mas a gente não conhecia nada sobre LGBTQIA+. - Falávamos sobre sexualidade, mas a gente queria explorar o mundo LGBTQIA+, queríamos entender o que isso significava. - Não, mas conversávamos de forma muito aberta. Claro que tínhamos mais intimidade com alguns colegas. Comecei a entender, claramente, começamos a andar mais juntos. Eu não era apaixonada por ele, pode até parecer isso, mas não era o caso. Achava bonita, muitos pensavam isso. **00:36:00 - 00:36:59** - Sim, gosto. Ela dizia que gostava de mulheres, mas eu não dizia que também gostava, mesmo que eu já sentisse isso dentro de mim. Eu não conseguia falar, externalizar isso, por medo da reação da minha família, não sabia o que era se assumir. Nós andávamos sempre juntas, começamos a combinar de sairmos juntas para perceber e explorar o mundo. Eu só consegui descobrir-me no Ensino Médio.	

		00:37:00 - 00:37:59 - JF - A escola promovia alguma discussão sobre sexualidade ou sexo? Já me falaram de algumas coisas que aconteciam nos banheiros… - Boa pergunta! Hoje eu entendo que falar sobre sexualidade dentro da escola é muito importante. Mas nessa época em que estive aqui, isso era difícil. Vamos pensar juntos. A escola deu oportunidade de uma pessoa falar sobre sexualidade em uma palestra aqui na escola. Nícolas e eu fomos nessa atividade. **00:38:00 - 00:38:59** - Falaram sobre preservativos, masculinos e femininos, explicaram sobre esse assunto. Mas em nenhum momento citaram relações homoafetivas, esses poderiam infectar-se com AIDS, por exemplo? Eles falaram sobre relações entre héteros, enfatizaram na sociedade cisgênero, apenas. Eu comentei com o Nícolas, na época, que não tinham falado nada sobre relações entre mulheres ou entre homens. - Era importante saber sobre os procedimentos corretos para o uso da camisinha, mas, para mim, faltaram algumas coisas dentro do discurso do palestrante. Embora não tenha perguntado nada, eu fiquei intrigada. No ano seguinte, tivemos a mesma palestra, eu tive a oportunidade de perguntar isso em particular. **JF - Não perguntaste em frente ao público?** **00:39:00 - 00:39:59** - Não, fiquei constrangida, eu acho. mas eu questionei sobre o motivo de terem falado muito em termos gerais e nada sobre relações homoafetivas. - Não, eu fui sozinha. O palestrante não sabia explicar, foi o que pareceu. - Pois é, acho que ele percebeu que eu era uma pessoa LGBTQIA+, mas não falou nada. Eu expliquei que a minha pergunta foi porque ele tinha falado somente de mulheres com homens, mas fiquei pensando que o Nícolas gosta de	

		mulheres, e se eu também gosto de mulheres, como faremos para usar o preservativo, fazer sexo? Não temos pênis, como seria? A minha imaginação foi longe enquanto eu refletia. Eu acredito que tenha faltado muito conteúdo sobre sexualidade. **00:40:00 - 00:40:59** - **JF - Porque fazem mais palestras sobre doenças, sobre AIDS, já percebeste isso? As palestras aqui na escola focam muito nas doenças…** - Acredito que poderiam complementar os conteúdos, explicando o Movimento LGBTQIA+ como representante de uma diversidade, os conceitos… Porque a sexualidade não é só doenças, tem outros tantos tópicos… - Mas tem muito mais.. Hoje eu tenho consciência, eu entendo que a educação, na escola de surdos, pode conter momentos de palestras, mas é importante ter um surdo de referência. **00:41:00 - 00:41:59** - Ficamos pensando que, antes, não tinha. Mas e agora? - A gente fica pensando em um tempo passado, porém se refletirmos sobre o presente e o futuro, ainda não tem. - Precisamos ter mais abertura para falar sobre sexo, não é feio falar sobre isso. Não é ficar mostrando pênis e vaginas, não é isso… **SEMINÁRIO LGBTI+ ESCOLA/ASP - 2018**: **00:40:00 - 00:40:59 - JF - Tu achas que foi importante o primeiro Seminário LGBTQIA+ que aconteceu aqui na escola?** - Muito importante. Foi uma oportunidade… **<u>ASSOCIAÇÃO</u>**: **00:59:00 - 00:59:59 - JF - Buscam uma normalidade também na comunidade surda. Tu participas da Associação de Surdos de Pelotas - ASP?**	

		- Não. - É complicado.. - Eu posso falar, mas é complicado. Teve um momento, quando eu ainda estudava aqui, [ocorreu um incidente bem grave][120] [...], eu não sabia o que era isso. [...] - Não foi só comigo, mas também com outros colegas. Então tem momentos em que eu não me sinto bem em estar próxima… **01:00:00 - 01:00:59 - JF - Mas, sobre a ASP, há uma interação com as pessoas LGBTQIA+, participam livremente na associação, por exemplo, o Rodrigo, o Daniel Farias, o Daniel Orestes?** - Sim, normalmente. **JF - Tu vias estes surdos participando da ASP?** - Apenas o Nícolas. Eu não participo. - Eu venho muito pouco. - O Daniel Orestes está bastante excluído da comunidade porque ele é obeso e gay. - No passado, a comunidade surda era muito diferente de agora. Atualmente, parece que está muito seletiva, reduziu muito o número de participantes. **JF - Essa minha provocação serve para nós pensarmos porque a ASP é tão fechada. Porém o Nicolas tem passabilidade na associação.** - Eu não tenho essa passabilidade. **01:01:00 - 01:01:59** - **JF - O que eu gostaria de entender é porque ele é o único LGBTQIA+ que tem esta passabilidade na associação. Se, por exemplo, o Rodrigo quisesse estar na associação de surdos com o jeito afeminado que ele tem…**	

[120] Trecho da conversa suprimida. Mais detalhes no corpo da Tese.

		- Ele não teria passabilidade. **JF - Sim, todos olhariam para ele quando entrasse. Iriam rir dele porque as pessoas LGBTQIA+ não participam da ASP.** - Sabe do que eu acho? **JF - Acho que precisa estar mais aberta, não somente nas palestras, só para as pessoas acharem bonito e, nos outros comportamentos, copiar a sociedade ouvinte. Ao invés de discutir sobre outros temas, a comunidade já assimilou esse comportamento e está arraigado nas pessoas. Eles só expressam isso.** - Precisam entender que o se planta, colhe. - Entender que há culpados para as coisas. **JF - Isso explica por que outras pessoas LGBTQIA+ não tem passabilidade na ASP, apenas o Nícolas.** - Porque o Nícolas é um homem trans. **01:02:00 - 01:02:59** - A passabilidade dele se dá em razão de ser homem, mesmo que trans. Eles não provocam ele. **01:03:00 - 01:03:59** - Se fosse eu, seria diferente… **01:04:00 - 01:04:59** - Sapatão (soletrou algo incompreensível). - Não teríamos passabilidade, então… **01:05:00 - 01:05:59 - JF - Nas fotos publicadas o Nícolas é só mais um homem.** - É verdade, eu vi uma foto deles alinhados, lado a lado. Como saber que ele é diferente? - Mas ele é trans e na foto ele está posando como homem cis. **JF - Como ele dá visibilidade para a causa? Eu o provoquei: "tu achas que a ASP aceitaria colocar uma foto no Facebook contigo mostrando a bandeira LGBTQIA+?"** - Não vão…	

		01:06:00 - 01:06:59 - Se fosse uma foto minha com os homens, ficaria clara a minha presença ali, por isso não publicam. A minha presença é uma marca de mulher lésbica. No caso do Nicolas, são apenas homens. Eu sei que não sou bem-vinda, mas por quê? Porque sou lésbica, sou LGBTQIA+, mas eu também tenho direito. Não preciso ficar junto dos homens, mas a diversidade dentro da ASP não é mostrada. **01:07:00 - 01:07:59** - Acho que agora o Nícolas tem maior passabilidade, diferentemente do passado. Antes ele não era incluído assim na ASP, não colocariam ele na foto com os homens. Mas tem o lado bom disso, de ele ter essa passabilidade agora, ele pode fazer uma militância dentro da associação. **JF - Tu levarias a tua namorada numa festa da ASP? Terias coragem?** - Não. - Porque eu sei que eu não vou ser bem recebida. **01:08:00 - 01:08:59** - Porque as pessoas vão ficar nos olhando. **01:09:00 - 01:09:59** - Isso é uma sociedade hegemônica. **01:10:00 - 01:10:59** - A ASP sempre foi fragmentada assim. Eu percebo isso há muitos anos. - Faz algum tempo que não participo mais. Dei um tempo. - Da ASSP? Não, ainda não. - Isso, mas eu nunca fui lá. Talvez no futuro, mas eu não consigo gostar de associação. - É, já participei da associação daqui e agora vou para outro estado ver outra associação. **01:11:00 - 01:11:59** - Não sei, eu nunca fui na de SP. Acredito que seja maior que a de Porto Alegre, que tenham mais surdos. Mas eu tenho esperança de que a ASP mude um pouco, sabes? Porque sempre foi dividido: mulheres para um	

		lado e homens para o outro. Sempre assim! A pessoa LGBTQIA+ fica sem grupo para participar.	
	Daniel Farias 21/12/2022	**00:54:00 - 00:54:59 - JF - OK. Conheces o movimento Q-U-E-E-R? (apresenta o sinal)** - Drag Queen? Não, esse é outro. **JF - D-R-A-G-Q-U-E-E-N.** - Isso, outro, desculpa. **JF - Esse sinal é de Queer, movimento Queer.** - Entendi, obrigado. **JF - Qual o conceito de Queer, na tua opinião?** - Espera (mexe em umas folhas) (...) **00:55:00 - 00:55:59** - Na minha opinião, eu penso que tanto faz, isso não é importante, somos todos iguais. **00:57:00 - 00:57:59** - cegos também, cegos também… - DAs, implantados, é uma diversidade grande. - Sim, todos tempos de compartilhar esses momentos, porque o mais importante é o amor, conhecer pessoas, informar-se, é isso. **00:58:00 - 00:58:59** - JF - (...) tu vês PCD participando? - Sim. **JF - Já viste na tua cidade?** - Já vi, sim. Já vi cadeirantes, cegos, pessoas sem um braço, muitas pessoas que querem participar, lutam e conseguem participar como qualquer outro ser humano, igual a nós. **JF - Na tua opinião a sociedade é capacitista?** - O sinal é este? (capacitista) **00:59:00 - 00:59:59** - Sim, tem a questão do espelho, de ver-se na sua subjetividade, internamente… - Porque, por exemplo, eu vejo um homem no espelho, mas internamente, eu gostaria de ser uma mulher. **01:00:00 - 01:00:59** - Ou ao contrário, uma mulher que gostaria de ser homem. Entendes? Uma perspectiva de si	

Sociedade Heteronorma Capacitismo Mov./Queer		diferente da que vê no espelho. É isso. Desculpa, eu fico nervoso. **01:03:00 - 01:03:59 – JF: Tu acreditas que a Comunidade Surda e aos PCDs em geral estão incluídas nessa teoria, nas lutas do Movimento Queer?** - Sim - Sobre estar juntos? Nos movimentos? com intérpretes? Têm encontros que têm intérpretes bem na frente - Sim, em Florianópolis. mas eu assisti pela internet, eu não fui presencialmente. - Eu não sabia onde era e não conheço bem aqui e como ir para certos lugares. **01:04:00 - 01:04:59 – JF: - Tu não te percebes como militante?** - De se posicionar? **01:07:00 - 01:07:59** - Eu acho que precisamos separar os surdos do restante das pessoas (ouvintes e outros tipos de PCDs) para podermos dar atenção especial aos surdos. Na inclusão é mais complicado. **JF - Tu achas melhor que haja uma separação dos surdos?** - Sim, acho. - Não acho. Porque, quando separamos os surdos, podemos ter um foco nos surdos, com intérpretes. **01:08:00 - 01:08:59** - No futuro sim, juntar todos para interação e troca de conhecimentos e informações.	
		00:37:00 - 00:37:59 - Por isso eu me posiciono como um líder negro e gay dentro da Comunidade Surda. Eu represento os surdos, ao mesmo tempo que sou negro e gay. Eu sou modelo. Aqui no Rio Grande do Sul a comunidade é muito fechada para isso ainda. Muitas pessoas desistem de trabalhar, de estudar. Bem, é isso.	

	Rodrigo Lima 21/12/2022	**00:53:00 - 00:53:59** - Para mim, é natural termos surdos DA assim como surdos oralizados na comunidade surda. Para mim, não vejo problemas, (...) **00:54:00 - 00:54:59** - (...) mas via alguns surdos julgando os outros, por exemplo, dizendo que os DAs escreviam bem em português, enquanto os surdos eram “ruins”. Para mim, isso não tem nada a ver, têm surdos sinalizantes que escrevem bem assim como têm surdos oralizados que desconhecem a estrutura da língua. nada disso é uma regra, tudo depende. E sobre a comunidade LGBTQIA+ surda, tu sabes como é difícil. Muito difícil! Movimento surdo LGBTQIA+? Não tem! Agora eu fiquei feliz em saber do Nicolas, militando pela causa. Até que enfim! Ele quebrou um tabu! Mas foi bem difícil! mas é típico da comunidade surda ter esses conflitos! Por exemplo, há enfrentamentos entre ouvintes DAs e os surdos sinalizantes, (...) **00:55:00 - 00:55:59** - (...) entre professores de Libras ouvintes e professores de Libras surdos, entre intérpretes surdos e intérpretes ouvintes, isso é a vida! **01:04:00 - 01:04:59** - Eu soube agora que em São Paulo tem um representante LGBTQIA+ com Síndrome de Down. - Impressionou-me! Um homem com essa síndrome casado com um homem autista leve. Em São Paulo. Admirei-me bastante. - É importante ter essa diversidade. Existem pessoas assumidamente heterossexuais que têm Síndrome de Down, Autismo, entre outros… E assumidamente LGBTQIA+ não podemos ter essa diversidade, podemos sim, porque somos todos humanos. **01:05:00 - 01:05:59** - No futuro pode acontecer de termos mais pessoas com Síndrome de Down, ou surdas, ou	

		mulheres, ou negros no movimento LGBTQIA+, tomara! Mas acredito que isso ainda esteja longe de acontecer. **01:06:00 - 01:06:59** - (...) sou a favor da educação sexual, é muito importante para todos os públicos. Mas eu me preocupo com a comunidade surda por ser uma minoria em relação aos ouvintes. Nessa situação é muito importante ter explicação, por exemplo, sobre identidade de gênero, este sinal, conheces? - Também sobre orientação sexual, **01:07:00 - 01:07:59** - sobre o ato sexual, que pode ser de três tipos, tu sabes né? - Também sobre a história do movimento. Eu sou a favor de serem realizados Seminários, Congressos, e penso que não pode ser apenas um, mas ter mais edições, ter eventos nacionais para surdos LGBTQIA+. Isso é importante, por exemplo, trazer representações de surdos com doutorado, surdas, surdos negros, surdos queer, reunir todo esse público para dar visibilidade e ser um ambiente de trocas entre eles. Fazer eventos localizados, no Rio Grande do Sul, ok, mas trazer pessoas de todo o Brasil ou de fora, por exemplo, da Argentina. **01:15:00 - 01:15:59** - Precisa ter um esforço para entender o funcionamento do corpo dessas pessoas, da saúde. A participação no movimento já é uma conquista, mas falta organização para que a vida destas pessoas e de quaisquer outras melhore, de fato. Por exemplo essa questão do dildo. **01:16:00 - 01:16:59** - Então pronto, essa é a resposta. PCDs, por exemplo, sentem tesão, mas as pessoas pensam que esse sentimento não existe nos corpos de PCDs. - Outro exemplo, como pessoas gays cadeirantes têm acesso às lojas de sexshop? Precisamos refletir.	

		01:20:00 - 01:20:59 - Como eu percebo a luta da comunidade surda por reconhecimento dos direitos das pessoas quando elas são heterossexuais, de identidade surda, inseridas na cultura do povo surdo e outras características nessa linha? Na verdade eu entendo que na escola tem muita importância a postura dos professores surdos, os quais lecionam Língua de Sinais. Percebo que há um trabalho intenso nas questões sobre língua e cultura surda. Sinto que com essas aulas nos motivamos a lutar por nossos direitos enquanto surdos. Mas sobre a temática Surdos e LGBTQIA+ não há o mesmo trabalho. Estou refletindo aqui… **01:21:00 - 01:21:59** - Porque, por exemplo, se fosse trabalhada a sexualidade com os surdos, em língua de sinais, se houvesse essa discussão, os héteros perceberiam a importância destas questões. Outro exemplo, o movimento feminista. Eu me considero pró-feminismo. Significa que eu apoio o movimento, a luta feminista, mas não me coloco no centro das discussões, porque ali não o meu local de fala, mas eu defendo o direito de elas lutarem. Eu tento ter empatia. Outro exemplo, existe o movimento em defesa dos surdos indígenas, que é muito importante e eu apoio. Mesmo assim, eu vejo o movimento LGBTQIA+ Surdo sem apoio dos surdos héteros. O problema está no sistema educacional. **01:24:00 - 01:24:59** - O que eu consigo entender dessas relações sociais é uma analogia com o que é ensinado no meio familiar. Se neste ambiente há um modelo de postura preconceituosa, as pessoas crescem com um pensamento machista. - Eles têm uma tendência à padronização. Quando os pais mostram que ser gay não está certo, por exemplo, os filhos são preconceituosos porque aprenderam isso em casa.	

		- Sim, mas quando a família, eu digo mães e pais surdos ou ouvintes, se depara com seus filhos tendo amizades LGTBQIA+, ela expressa um comportamento preconceituoso. - Até mesmo com as amizades LGBTQIA+ dos filhos. Vai depender do modelo que essa pessoa está em contato. **01:25:00 - 01:25:59** - Sim, tem. Porque as pessoas surdas carecem de informações e os pais dizem que isso não lhes fará bem, elas não estabelecem contato, nunca. **01:26:00 - 01:26:59** - Concordo. Parece que a comunidade está fechada para o novo, não aceita outras diferenças. Precisamos incorporar essas outras características das pessoas surdas. Entendes? Eu vejo como um egoísmo. Não é assim. - É uma questão de movimento social, precisamos agregar todas as bandeiras. Percebo que a luta só é válida ser for uma questão sobre ser surdo. Não há um empoderamento feminista, indígena, LGBTQIA+ ou negro surdo. **01:27:00 - 01:27:59** - Esse é um problema, não estipulamos uma relação entre as lutas. “Ah mas eu luto pela identidade surda…”. Vou dar um outro exemplo interessante para a nossa reflexão. Algo que tenho percebido e acho estranho é que existem programas de Mestrado e Doutorado voltados para a Linguística e muitas pessoas estudando a Língua de Sinais. - E por que não há trabalhos voltados para o Movimento LGBTQIA+ Surdo? **01:30:00 - 01:30:59 - JF - Conheces a palavra I-N-T-E-R-S-E-C-C-I-O-N-A-L-I-D-A-D-E?** - É um tipo de infecção? É unir as lutas. Inclusão de diferentes temas em uma mesma luta, entendi.	

		01:31:00 - 01:31:59 - Eu não sei o porquê, mas os surdos estão acostumados a lutar apenas com foco na língua. Estão mal-acostumados **01:33:00 - 01:33:59** - Mas precisamos atentar para o contexto, não é um sinal com um significado único. No momento que uso a mão espalmada, estou pontuando, implicitamente, os diversos movimentos: das mulheres, dos homens, dos LGBTQIA+, e todos eles se entrelaçam (continuação do sinal) e lutam juntos.	
	Simone Moura 26/12/2022	**00:23:00 - 00:23:59 - JF - (...) do Movimento LGBTQIA+? Tu defendes as questões do movimento? Tu te sentes inserida na luta com outros surdos LGBTQIA+? Ou não?** - Não, eu não tenho uma militância. Não… nada. - Porque eu percebo que alguns surdos têm postura preconceituosa e isso é inconsciente. Eles não têm informação e só reproduzem comportamentos. Eu apoio a militância, o movimento LGBTQIA+, mas as informações não chegam na gente. Se tivesse um grupo de surdos LGBTQIA+ com objetivo de instruir melhor as pessoas, eu poderia apoiar sim, mas ele não existe. Eu fico esperando. Respeito cada um, como cada um pensa, vejo como normal. Mas não sou militante ainda, não. **00:24:00 - 00:24:59** - Eu vejo na televisão muitas informações sobre movimentos LGBTQIA+, mobilizações no centro de Pelotas. Presenciei alguns momentos informativos também, já. Mas contato com algum grupo, para apoiar, não. Somente divulgação de questões na televisão. Só isso. - Meu(minha) filho(a) vai ser livre para fazer as escolhas dele(a), (...) **00:25:00 - 00:25:59** - (...) namorar quem ele(a) quiser. - Sim, vou contar. Eu quero que seja feliz, livre para seguir o caminho que quiser.	

		- Vou esperar crescer primeiro né… - Sim, é meu(minha) filho(a), eu quero que seja feliz e que tenha a mente aberta para essas questões. Isso é amor, é sangue… - Sim, sim. Isso. Não vou proibir de nada, deixar a pessoa triste sem poder se abrir. Quero que seja livre, case com homens ou mulheres, vou respeitar. Que seja feliz. **00:26:00 - 00:26:59** - Sim, vou contar antes de ele(a) aprender sobre isso na escola, em particular. Precisa receber essas informações, para que depois, no futuro, na vida profissional também, ele(a) não sinta dificuldades com isso, que se case com homens ou mulheres, que seja feliz. Sei que pode ter dificuldades nos estudos, em qualquer área, mas precisa escolher um caminho e ser livre. Se for gay, bissexual, precisa ter a mente aberta, se livre e feliz. Não quero obrigar nada, fazer algo que leve à tristeza, ao suicídio, imagina? Precisamos deixar esses tabus para trás. Fazer tudo para que se sinta bem e seja feliz. **00:27:00 - 00:27:59 - JF - Tu acreditas que a sociedade ainda oprime os LGBTQIA+? Que há uma opressão contra os surdos, os negros, enfim tu acreditas que exista essa opressão? Ou não?** - Contra LGBTQIA+? Acho que não. Nada. Porque antigamente tudo era muito escondido, não havia informação sobre LGBTQIA+. Não se falava em opressão. E agora temos a tecnologia levando essas informações, sobre o bullying, a violência, o preconceito. Agora está bem divulgado, em multa e processos sobre isso, o que não tinha antes. **JF - As mulheres, o feminismo, a militância…** - Sim, tem isso, feministas… **00:28:00 - 00:28:59** - Tem uma opressão masculina com as mulheres, né, muitos homens fazem isso.	

		- Isso, eu tento ficar longe de gente assim. Tem muito machismo…Existe, também, um preconceito dos homens com mulheres lésbicas. Eles não gostam, não nos respeitam. Então, quando se relacionam com mulheres bissexuais, ficam questionando e falando algumas coisas. Temos que nos posicionar, exigir respeito, nos empoderarmos para que isso não aconteça. Eles precisam aceitar e respeitar. É a nossa vida. Precisam compreender isso. Mas isso é muito chato. Esse machismo é opressor, principalmente com mulheres casadas que se submetem ao marido por depender deles. E muitos deles traem essas mulheres, mantêm mais de uma casa, ameaçam essas mulheres. E elas se submetem. É necessário empoderá-las. **00:29:00 - 00:29:59** - Verdade, lembro. Nunca esqueci, é algo que tenho lembrança, sim. - Eu já vi algumas vezes isso acontecer, existir essa opressão. Muitas mulheres surdas não se impõem, elas precisam sentir-se empoderadas, não aceitar algumas coisas. **00:30:00 - 00:30:59** - Mas, infelizmente, isso acontece. Eu vejo e não me meto, respeito, mas tem opressão sim. Eu mesma já sentei e conversei sobre isso, precisei me empoderar, me impor algumas vezes. - Muitos homens pensam que as mulheres são fracas e tentam se utilizar disso para controlar e serem machistas. Precisamos nos apoiar e mostrar que eles não vão conseguir, nos sentir seguras quanto a isso, para podermos ser felizes. Muitas mulheres ficam quietas em relação ao comportamento dos maridos. Falta muita informação para as mulheres de Pelotas, muitas são minhas amigas e eu aconselho. Algumas são casadas, mas querem ter outros relacionamentos e ficam quietas. Eu digo para eles conversarem e serem felizes, resolverem, porque depois acontece algo e eles brigam até	

		fisicamente. Talvez seja melhor separar e ela ter o seu relacionamento homoafetivo, cada um para o seu lado. Mas algumas têm vergonha de falar, escondem. **00:31:00 - 00:31:59** - Eu já me assumi e sempre repito: sou bissexual! Eu mostro isso para quem quiser saber. Mas eu me preocupo com isso em relação ao meu grupo de amigas. **JF - Tu conheces a palavra Q-U-E-E-R? Este é o sinal.** - Sim, se tiver um movimento, se tiver informações no centro da cidade, seria ótimo. **00:32:00 - 00:32:59** - Se os ouvintes estão presentes nesses movimentos, acredito que os surdos e os PCDs também podem participar, com a devida acessibilidade. Seria ótimo poder estar nessas posições. Mas não tem TILS (Tradutores Intérpretes de Libras) nesses eventos. Antigamente, eu lembro que tinha uma intérprete que trabalhou no evento sobre LGBTQIA+, não sei o sinal (com D). Eu gostei muito de ir, foi no mês de outubro, eu lembro. **00:33:00 - 00:33:59** - Sim, em um momento separado eu falei para a chefia que eu era bissexual. Eles aceitaram bem, respeitaram. Tinham outras pessoas lá, mulheres e homens gays, a gente se respeitava, interagia bem. O nome de um deles era Rubens, conheces? Era um colega ouvinte gay, com o qual eu conversava bastante. - Eu ensinava Libras para ele e conversávamos bastante. - Sim, nós mantivemos um contato frequente. Foi muito bom, ele aprendeu bastante Libras. Depois fomos nos distanciando.	
	Jéssica Barbosa 08/01/2023	**01:12:00 - 01:12:59- JF - Tu sabes que existe o Movimento Queer, né? Q-U-E-E-R.** - Não. **JF - E quando falam sobre LGBTQIA+, tu vês a participação de PCDs nesses momentos?** - Não percebo	

		01:15:00 - 01:15:59 - Alguns cadeirantes.. Mas surdos? - Só mostram a comunidade LGBTQIA+ ouvinte, a dos surdos, eu não vejo. **01:16:00 - 01:16:59** - Eu, falando a verdade, não percebi a participação de PCDs nessa área. Já vi alguns filmes e informativos sobre LGBTQIA+, mas nunca percebi a presença de PCDs nessa área. Te dizendo a verdade. - Não, eu fui aqui em Pelotas. **01:17:00 - 01:17:59** - Quando eu participei pela primeira vez da Parada LGBTQIA+ aqui de Pelotas, vi apenas pessoas normais - Foi depois do Seminário. - Eu não prestava atenção a isso… **01:18:00 - 01:18:59** - Eu assistia, mas esse tipo de pessoas, não tinha, não. - Eu fui essa primeira vez, mas depois não fui mais. **01:19:00 - 01:19:59** - Eu acho que a Lauren é uma liderança. - Já é de muito tempo que ela tem uma visibilidade no instagram, no facebook, porque hoje as redes sociais são muito importantes. Ela é uma surda feminista e lésbica. **01:20:00 - 01:20:59** - Acho que sim. - Ela já me convidou… - Não, ela já me convidou para participar, porque ela dizia que vai ficar velha e não vai ter mais idade “para isso”, que ela precisava de uma pessoa jovem, no caso eu. - Eu falei que queria participar, mas é uma longa história, mas depois eu me perdi e não participei mais.	
	Daniel Oreques 13/01/2023	**00:37:00 - 00:37:59 - JF - Sim… Tu conheces o movimento Queer?** - Não. **JF - Q-U-E-E-R.** - Não conheço.	

		JF - Não conheces.. É um movimento que busca incluir todas as pessoas LGBTQIA+, todas as letras da sigla. Como as PCDs estão incluídas nesta sigla? **00:38:00 - 00:38:59 - JF: - tu já viste na televisão PCDs que são LGBTQIA+?** - Não. **JF - Tu percebes as PCDs incluídas no movimento LGBTQIA+?** - Nunca vi nada… **JF - Na televisão, as paradas LGBTQIA+, nunca viste nada?** - Nunca vi. **00:39:00 - 00:39:59** - Nunca fui convidado para as paradas LGBTQIA+, é muito difícil. Nem para seminários, essas coisas, é muito difícil. Eu tenho pouco conhecimento sobre o movimento.	
	Guilherme Domingues 16/01/2023	**01:26:00 - 01:26:59 - JF - Não achas estranho como a comunidade surda luta pelo reconhecimento da diferença do seu modo de vida, mas, ao mesmo tempo, copia outros hábitos comportamentais dos ouvintes, exceto a oralidade? Tu entendeste?** - Entendi, sim. - Eu acho estranho, sabes por quê? **01:27:00 - 01:27:59** - A comunidade surda quer controlar as roupas das pessoas, mulheres e homens devem vestir-se do jeito “certo”, mas não aceitam que a proíbam de usar a Libras. Ela luta pela liberdade de usar a própria língua, a língua de sinais, de não sermos obrigados a oralizar, mas não dá liberdade para mulheres usarem a roupa que quiserem, que gostam. Querem estipular algumas coisas obrigatórias, mas não podem fazer proibições. Isso vem de uma sociedade ouvinte que não aceita.	

		JF - Então tu pensas que esse comportamento é um tipo de influência da sociedade ouvinte machista? E hétero? - Sim machista, principalmente. **JF - H-É-T-E-R-O.** - Hétero? Não. **JF - Não sofrem essa influência?** - A comunidade surda pode ser influenciada, assim, não? **JF - Não tem influência?** - Acho que obrigar, ter essa influência, acho que não. **01:29:00 - 01:29:59** - A mulher pode fazer o que ela quiser, ela é livre. Ela pode cozinhar… - Eles aprenderam assim, eles veem esse comportamento e copiam. **01:30:00 - 01:30:59 - JF - É uma teoria chamada Q-U-E-E-R.** **01:31:00 - 01:31:59** - Não vi. - Cadeirantes já vi. - Na televisão, mas também na internet, em lives, também (...) **01:32:00 - 01:32:59** - (...) em alguns vídeos. Eu vejo cadeirantes. - Vários tipos, bem diverso, jeitos diferentes de pessoas, PCDs, vários. **01:33:00 - 01:33:59 - JF - Então, tu já viste PCDs discutindo sexualidade? Sobre sexo?** - Nunca vi. - Os cadeirantes não sabem como fazer sexo. - Falta informações sobre sexo, não tem nada… - Acho que não. Só vejo entre pessoas normais, naturais. De cadeirante, por exemplo, não tem. **01:34:00 - 01:34:59** - É estranho que não tenha nada sobre sexo destinado a pessoas cadeirantes, PCDs físicos. Tudo o	

		que eu vejo é para pessoas normais. De fato, é estranho, é diferente.	
	Nícolas Brahm 25/01/2023	**01:11:00 - 01:11:59** - Acham que PCDs não fazem sexo. **01:12:00 - 01:12:59** - Até hoje, existem pessoas que pensam que os surdos não têm capacidade para fazer sexo. Em 2023, ainda há algumas pessoas que pensam assim. **01:39:00 - 01:39:59** - Falo da H-E-T-E-R-O-N-O-R-M-A-T-I-V-I-D-A-D-E social influenciando a comunidade surda. Qual a tua opinião sobre isso? Eu tenho participado da comunidade também como um observador para levar questões para trabalhar nos projetos da escola. Eu ia na ASP, ainda quando era lá no centro, perto da Catedral. Eu sentava e ficava só observando: tinham os homens que faziam o churrasco e um outro grupo de mulheres que ficava na cozinha, era tudo muito separado. Eu percebo que aqui também é assim: tem o grupo de homens que fica na churrasqueira e o de mulheres que faz outra coisa, seja na cozinha ou onde for. **01:45:00 - 01:45:59**- Isso eu acho que precisa mudar. O correto atendimento das pessoas por policiais e juízes, todos. Procurar provas do crime, exames, os detalhes do fato e não ficar questionando como estava vestida, se estava sozinha na rua à noite. As mulheres têm direito de andar sozinhas na rua à noite, com qualquer roupa, isso não significa que está pedindo para ser estuprada. Porque o argumento é de que se ela estava ali e assim, ela estava aceitando, ela sabia e poderia ter evitado. É mais fácil jogar a culpa na mulher, mas bebês são estuprados, que culpa têm esse bebê? Isso precisa ser resolvido, mas as pessoas parecem que se preocupam apenas com a questão LGBTQIA+. **01:46:00 - 01:46:59** - Mas e todo o resto? por isso eu digo que a sociedade é hipócrita, e dá privilégios ao homem cis branco. Eu entendo que isso precisa mudar. Agora imagina uma	

		pessoa surda, uma mulher que sofre um estupro ou violência doméstica, como vai ligar para fazer uma denúncia? A sociedade esquece que existem pessoas surdas que precisam se comunicar por língua de sinais. Onde essa mulher vai? Vai denunciar essa agressão como? Ah, mas vai até a delegacia… vai ter TILS (Tradutor Intérprete de Libras)? - A surda precisa chamar um TILS, pagar, e se ela não tiver dinheiro para pagar? - Ainda não está em funcionamento. E se quando tiver a central e ainda não tiver horário? **01:47:00 - 01:47:59** - Agora imagina uma pessoa surda LGBTQIA+ precisando de atendimento psicológico. Há profissionais bilíngues? - Por exemplo, aqui em Pelotas existe uma comunidade LGBTQIA+, mas não tem surdos participando porque não tem TILS, nem as pessoas sabem Libras, eu não participo por isso. - Se os ouvintes sinalizassem, mas não. Por isso eu não participo, porque não tem Libras. Se eu fosse, eu iria só perder… - E não existe uma comunidade LGBTQIA+ surda porque somos poucos. Eu vou criar algo? Que surdos vão participar? Apenas eu? Quem mais? **01:48:00 - 01:48:59** - Eu gostaria de participar da comunidade ouvinte LGBTQIA+, quero muito, mas como eu vou me comunicar? - Todos os anos em outubro, tem a Parada LGBTQIA+, certo? Nunca vi um surdo em destaque. Por quê? - Precisa também convidar uma pessoa surda para o palco, para fazer sua fala também. **01:49:00 - 01:49:59** - São só ouvintes lá. Os transexuais que sobem ao palco, na sua maioria são mulheres trans. Quantos homens trans tu já visses nessa posição?	

		- Eu acho que deveria ser tudo dividido: convidar homens e mulheres trans e travestis. - Mas seria interessante ter espaço para todos: Drag Queens, mulheres trans, homens trans, PCDs…Precisa ter uma diversidade. - Eu fiquei admirado que na Parada de SP um surdo conseguiu subir no palco, sinalizou, isso foi muito importante. **02:21:00 - 02:21:59 - JF - Mas então, para finalizar eu gostaria de te perguntar se conheces a Teoria Queer.** - Na verdade, eu acho um pouco complicado de compreender. **JF - Mas tu conheces?** - Já vi algo sobre… **02:22:00 - 02:22:59** - Já pesquisei, mas achei um pouco complicado. Se quiseres tentar explicar para mim (sorriso). **02:24:00 - 02:24:59** - Não. - Foi a primeira vez. - mas é o que eu falei antes, falta diversidade. **02:27:00 - 02:27:59** - Acho que não - Eu vejo apenas divulgação no Instagram e nas redes sociais, mas livros, não. - Não. - Privilégio ouvinte. - Precisam ser publicados mais livros sobre surdos LGBTQIA+. **JF - Mas é só língua! Só Libras! Linguística!** - Falta maior diversidade de assuntos. **02:28:00 - 02:28:59** - Verdade. Eu percebo que não há uma variedade de livros escritos por pessoas surdas. A maioria fala sobre língua, linguística, linguagem… Tem alguns livros que falam como o surdo se sente em relação à família, que acho importantes se falar em comunicação. mas, realmente, faltam livros sobre outras temáticas: surdos LGBTQIA+, negritude	

		surda, vários assuntos relacionados. Esses tópicos eu só vejo nas redes sociais, em livros, não. **02:29:00 - 02:29:59** - Muitas coisas ainda faltam ser melhoradas. - Com a conversa de hoje, eu também vou ficar mais reflexivo. A partir da tua provocação eu comecei a ter ideias, já, de como movimentar mais a comunidade surda, ser mais militante.	
	Lauren Farias 02/02/2023	**00:41:00 - 00:41:59 - JF - Tu achas que não falam sobre sexo na escola por acreditarem que PCDs (Pessoas Com Deficiência) não poderiam fazer sexo? Talvez a família dos alunos possa pensar assim, que não seria importante falar sobre sexualidade e sexo? Ou ainda que se for falado sobre isso na escola, os PCDs poderiam queres fazer sexo e resultar em filhos PCDs também, e eles não quererem isso?** - Também pode ser… **JF - Falaram para o Nícolas que na escola Cerenepe (...)** **00:42:00 - 00:42:59 - (...) os alunos não podem fazer sexo porque os alunos são pessoas doentes, deficientes, precisaria evitar que isso acontecesse. E um questionamento para ti, tu acreditas que a sociedade proíbe essas relações para evitar que nasçam filhos PCDs?** - É fato que a sociedade não está pronta para isto: acolher as PCDs, não só os surdos, todos. Eles querem evitar que a população de PCDs aumente. Pode ser que exista uma influência familiar, uma preocupação, muitas vezes, porque eles não têm as informações corretas, são regidas pelo senso comum. Ou ainda, a escola também não está preparada porque há uma relação íntima entre escola, sociedade e família. Eles não acreditam na capacidade da PCD, que esta pode ter filhos, sim…	

		00:43:00 - 00:43:59 - JF - Por que não teria capacidade? - Por ser PCD. - Porque acreditam que por ter uma deficiência já não são capazes. - Porque não são capazes, não têm conhecimento, não estão preparados. Parece que, para a sociedade, os PCDs são anormais, é o que eu acho. - Até hoje, há muita discussão sobre isso. Eu entendo que é preciso mudar essa visão dentro da educação, parar de superproteger os PCDs. **00:44:00 - 00:44:59** - Autistas, cegos e pessoas com síndrome de Down são privadas de muitas coisas. Precisamos mudar de perspectiva, mulheres cegas podem engravidar, pode acontecer de o filho nascer cego, ok. - Penso que todas as PCDs são capazes de ter seus filhos e sentir prazer assim como qualquer outra pessoa. **JF - Tu achas a sociedade capacitista?** - Muito. Até nas frases que falam quando digo que sou surda: “Ah, você não parece surda”. Essas frases falam não só para surdos. **00:45:00 - 00:45:59 - JF - Tu conheces a teoria Queer?** - Sim. **00:47:00 - 00:47:59** - Meus olhos já estão cansados, e não é por mal, de ver os surdos apenas pela perspectiva linguística. Sei que é a nossa língua… - Mas essa temática já tem programas de mestrado e doutorado. Outras pesquisas precisam desenvolver-se, nas áreas da saúde, LGBTQIA+, feminismo, educação, política na educação, enfim, outras áreas também. **00:48:00 - 00:48:59** - Parece que não é o objetivo ampliar a visão dos pesquisadores.	

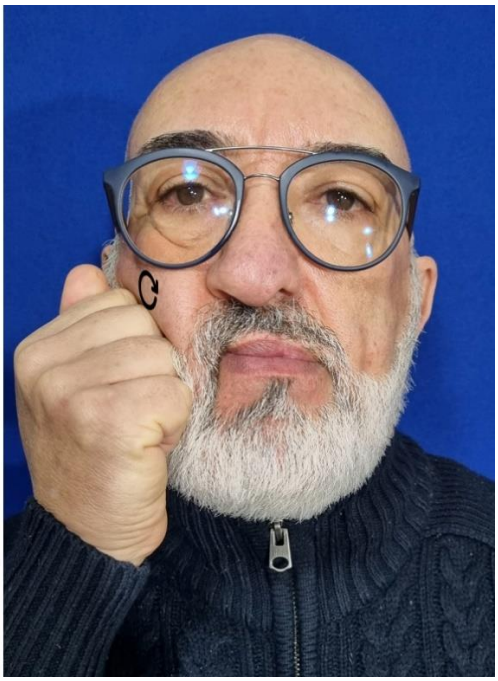
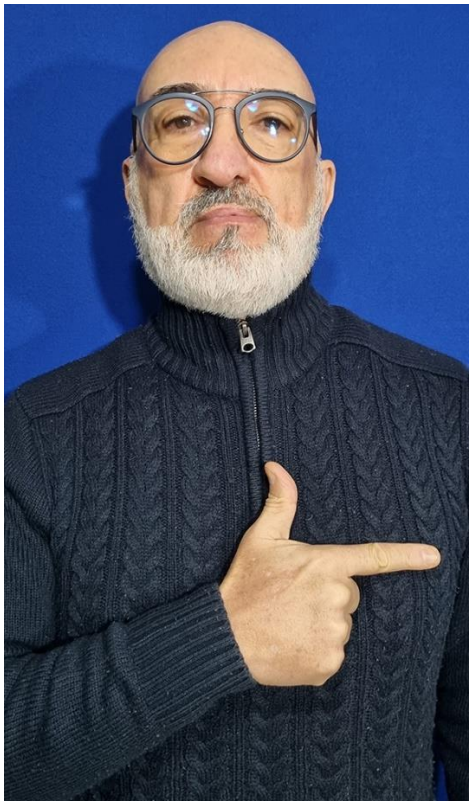
		- Na comunidade surda, é importante o protagonismo surdo e pesquisar sobre a Libras seria valorizar a pessoa surda. Mas eu acho que poder-se-ia abrir as portas das pesquisas para a política, educação, inclusão, sexualidade, enfim… Porque eu, Lauren, não vou pesquisar sobre a Libras, infelizmente. **00:49:00 - 00:49:59** - O meu foco vai ser a sexualidade, porque eu tenho conhecimento sobre isso. Eu fiz um curso virtual da FURG. Eu já aprendi muito, eu conheço as teorias. Quando eu fizer Mestrado e Doutorado, minha pesquisa vai ser nesta área da sexualidade aliada ao feminismo. Precisamos apresentar isso para a comunidade surda. Além da linguística seria bom discutir outros assuntos. **00:50:00 - 00:50:59 JF - Mas, pensando no que tu falaste antes, sobre a escola Alfredo Dub, existia o bullying com pessoas negras, obesas e LGBTQIA+. Como é admissível que uma comunidade que luta pelo reconhecimento e respeito da sua diferença surda, seja ela linguística, identitária e cultural, não saiba respeitar as outras diferenças? Tu sabes que eu nasci com uma deficiência, aqui (mostra a boca e dentes), e eu também sou gay. Eu cresci sofrendo bullying. Eu comecei a perceber que precisava respeitar as outras pessoas (...)** **00:51:00 - 00:51:59 JF - (...) visto que eu era uma pessoa que sofria esse tipo de violência. Como eu iria falar mal de outras pessoas se eu sabia como era sofrer por alguém estar falando a mesma coisa de mim? Como eu vou rir da pessoa obesa se a sociedade também ri de mim? Eu volto, então, para a questão inicial: como a comunidade surda ri das outras diferenças, se ela luta por respeito à diferença? É uma provocação.** - A comunidade surda luta por tudo isso, sim, mas, para mim, é só um discurso bonito sobre inclusão. A prática é diferente.	

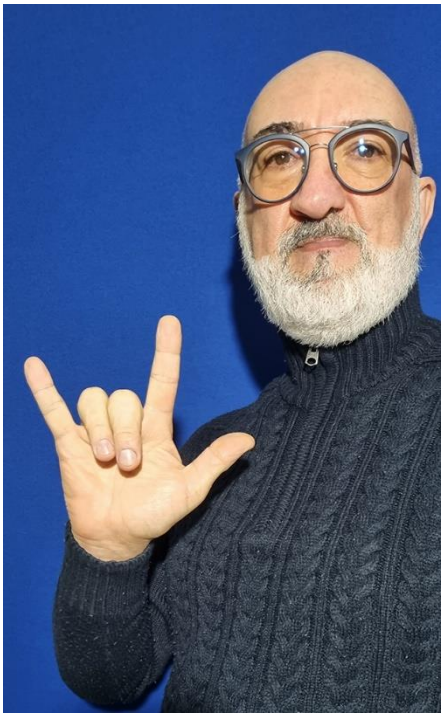
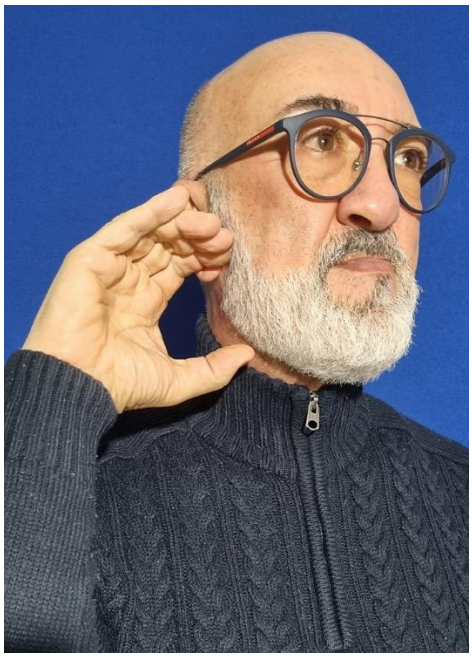
		- Não posso mentir, é bonito lutar por tudo isso. **00:52:00 - 00:52:59** - Na teoria. Não na prática. Às vezes eu tenho vontade de questionar sobre isso, dizer que em um dia tem surdos defendendo tudo isso, mas no outro está rindo, apontando, provocando. “Você falou isso, mas você não está fazendo”. - São privilégios sociais que influenciam a comunidade surda, existe isso. **00:53:00 - 00:53:59** - A comunidade surda mostra para a sociedade as suas lutas, mas na prática, não luta pelo respeito à diferença. - Sim há uma influência social, pode ter familiar também. Não é por maldade, mas pode acontecer. - Até hoje eu não entendo. **00:56:00 - 00:56:59** - Acho que discutir, conversar é importante, mas precisa também pensar antes de falar que na comunidade surda não acontecem essas coisas. Passar por um autoconhecimento da sua prática é essencial, ter esse momento pessoal, particular. Falar é bonito para mostrar para os outros. As pessoas pensam que a comunidade é bonita porque o que mostram é isso, mas, na verdade, não é assim. Eles precisam saber o que significa respeitar, isso não é brincadeira. **00:57:00 - 00:57:59** - Homofobia. - Eu queria, na verdade todas as pessoas querem, mas principalmente quem está no movimento LGBTQIA+, é ser reconhecida, que me respeitassem. Infelizmente não acontece isso, nos afastam em alguns momentos. **00:58:00 - 00:58:59** - É. A sociedade é capacitista, é hegemônica e muito machista. Por mais que tenha tido certa evolução, as coisas não mudaram muito.	

		- Para mim é uma forma de ter o privilégio ouvinte que eles, surdos héteros, não têm. Se existe algum privilégio que pode ser alcançado, mesmo não sendo ouvintes, eles imitam o comportamento. Mas sabemos que os surdos não são pessoas privilegiadas socialmente. Essa pode ser uma forma de tentar alcançar privilégio ouvinte. Mas, na verdade, é necessário aceitar que somos uma minoria e não temos privilégios. **00:59:00 - 00:59:59** - É fácil aceitar a identidade surda, mas colocar na prática o respeito às diferenças não é fácil. **01:32:00 - 01:32:59** - Não há nenhuma referência. **01:33:00 - 01:33:59** - O respeito, a empatia, o empoderamento, a militância. - Eu consegui receber informações no mundo ouvinte. Eu sempre fui uma pessoa muito aberta para interagir com o mundo ouvinte e com o mundo surdo. **01:34:00 - 01:34:59** - Eu não ficava só com os surdos, era bom por causa da Libras. Mas eu sou uma pessoa muito curiosa, sabes? Eu gostava de explorar o mundo e, por isso, eu tinha amigos ouvintes. - Sim. Alguns amigos eram adultos militantes LGBTQIA+ que estudavam na universidade, alguns no mestrado. Eu enchia eles de perguntas. Alguns sabiam Libras - não eram TILS, outros oralizavam. Tudo o que eu aprendi com eles, eu tentei levar para a comunidade surda. mas eu percebi que eles não queria discutir esse tema. Todas as informações que eu levava, parecia que eles não queriam continuar o assunto. Eu começava, mas eles não entravam na conversa. **01:35:00 - 01:35:59** - Eles começavam outros assuntos. - Eu tentava explicar as coisas que eu tinha me informado por que eu sabia que eles não saberiam sobre isso. Tinham professores surdos que não sabiam explicar, com mestrado e	

		tudo mais, e não sabiam explicar. Mas sempre que eu começava a falar sobre LGBTQIA+ eles mudaram o assunto, falavam sobre linguística, sobre educação. Falar de sexo e sexualidade é feio? Usa r a palavras SEXO parece um tabu e não é! **JF - Tu achas que a ASP poderia abrir (...)** **01:36:00 - 01:36:59 - JF - (...) esse debate?** - Eu já cansei da ASP. **JF - Mas a militância precisa seguir lutando, não pode cansar.** - Eu me sinto militante, mas não só para a comunidade surda. Sei da importância de disponibilizar informações, mas eu me limito a convidá-los, apenas. Eu não posso forçar ninguém a aprender. - Eu convido, acho que é um papel importante que eu exerço. Eu sempre reforço que não participem por minha causa ou por causa do Nicolas, mas para eles aprenderem. Faço como o pessoal da linguística que me convida para os eventos, eu vou. Convido eles também para os eventos LGBTQIA+, tento essa interação, essas trocas. Porém, sempre têm surdos que não aceitam essas trocas. **01:38:00 - 01:38:59** - Eu acho que a comunidade surda está parando de lutar em alguns espaços.	

Apêndice F: Glossário Visual de Sinais utilizados pelo pesquisador na Tese

 Imagem 1	Sinal do termo “negro(a)” utilizado por algumas pessoas surdas ou ouvintes fluentes na Libras no Rio Grande do Sul – RS: configuração da mão em “A” com a palma da mão voltada para o corpo do sinalizante, articulado na área da bochecha raspando duas vezes de forma circular (Imagem 1).
 Imagem 2	Sinal do termo “feio(a)”: configuração da mão em “L” com a palma da mão voltada para o corpo do sinalizante, articulado na altura do tórax batendo levemente duas vezes no peito (Imagem 2).

 Imagem 3	Sinal/Configurações de mãos em “ILY” - Sinal *I Love You*/Eu Amo Você (Imagem 3).
 Imagem 4	Meu Sinal dado pela Comunidade Surda: configuração de mão em “C” encostada na base da orelha direita com a palma da mão voltada para frente do corpo.